This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY

The Gift of
Dr. J. C. Branner

I 59 r

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLIV

PARTE I

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

1881

222840

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

POR ORDEM DE ANTIGUIDADE E DECLARAÇÃO DA CLASSE A QUE PERTENCEM, ORGANIZADA EM VISTA DOS ASSENTAMENTOS CONSTANTES DO LIVRO DE MATRICULA E DAS ACTAS DAS SESSÕES PUBLICADAS NA «REVISTA TRIMENSAL.»

Protector immediato

S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

Presidentes honorarios

S. M. o rei de Portugal D. Fernando.
S. A. o principe de Joinville.
S. A. o conde d'Aquilla.
S. A. o principe real da Dinamarca.
S. A. o principe conde d'Eu.
S. A. o principe duque de Saxe.

Nacionaes

- 1838

1	Visconde de Araguaya	Effectivo.
2	Dr. Felizardo Pinheiro de Campos	»
3	Conselheiro João Manoel Pereira da Silva	»
4	Dr. José Bernardo de Loyola	Correspondente.
5	Manoel da Conceição Neves	»
6	Antonio José Rodrigues	»

1839

7	Conselheiro João Antonio Pereira da Cunha	»
8	Conselheiro Josino do Nascimento Silva	»
9	Visconde de Itajubá	»
10	Francisco Manoel Martins Ramos	»
11	Conselheiro João Lopes da Silva Couto	»
12	Desembargador Joaquim José Pacheco	»
13	Conselheiro José Maria do Amaral	»
14	Antonio José Falcão da Frota	»
15	Conde de Baependy	»
16	Barão de S. Diogo	»
17	Francisco da Silva Lopes	»
18	Dr. Francisco José Ferreira Baptista	»
19	Barão de Javary	»
20	Pedro da Silva Rego	»
21	Barão de Alhandra	»
22	Conselheiro Antonio Pereira Barreto Pedroso	»
23	Francisco Ezequiel Meira	»
24	João José Ferreira da Costa	»

1839

25	Joaquim F. Alves Branco Muniz Barreto.....	Correspondente.
26	João Antonio Ferreira da Costa.....	»
27	Conselheiro Thomaz José Pinto de Cerqueira..	Effectivo.
28	Dr. Domiciano da Costa Moreira.....	Correspondente.
29	João Joaquim Ferreira de Aguiar.....	»
30	Joaquim Cesar de Figanière Mourão.....	»
31	Antonio Alvares Pereira Coruja	Effectivo.

1840

32	Antonio da Costa Miranda.....	Correspondente.
33	Barão de Lavradio	»
34	Antonio da Silva Lisbôa.....	»
35	Antonio Ribeiro de Andrade.....	»
36	Candido Thadeo Brandão.....	»
37	João Alves Portella.....	»
38	Conego Benigno José de Carvalho e Cunha....	»
39	Conselheiro João da Silva Carrão.....	»
40	Conselheiro João Lins Vieira Cansanção de Sinimbú.....	»
41	Conselheiro Felippe Lopes Netto.....	Effectivo.
42	Joaquim Antonio Gonçalves Lessa.....	Correspondente.
43	Raymundo Severino de Mattos.....	»
44	Antonio Manoel Sanches de Brito.....	»
45	Barão de Petropolis.....	»

1841

46	Padre José Antonio Lopes da Silveira.....	»
47	Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira.	Effectivo.
48	João Thomaz de Carvalho e Silva.....	Correspondente.
49	Desembargador Francisco Mariani.....	»
50	Barão de Penedo.....	»
51	Joaquim Norberto de Sousa e Silva.....	Honorario.
52	Visconde de Barbacena.....	Correspondente.
53	Dr. Maximiano Antonio de Lemos.....	»
54	João Bernardo de Almeida.....	»
55	Barão de Nogueira da Gama.....	»
56	Barão do Mattoso.....	»

1842

57	João Baptista da Silva Lopes.....	»
58	Joaquim José Gonçalves de Mattos Corrêa.....	»
59	Dr. Antonio Maria de Miranda e Castro.....	»

1843

60	Conselheiro Ricardo José Gomes Jardim.....	Effectivo.
61	Dr. José Jansen do Paço.....	Correspondente.

1845

62	Dr. Joaquim José Teixeira.....	»
63	Dr. Joaquim José da Silva.....	»
64	Dr. Quintiliano José da Silva.....	»
65	José Francisco de Andrade Almeida Monjardim.	»
66	Dr. José Joaquim Rodrigues.....	»

67	Dr. Maximiano Marques de Carvalho.....	Effectivo.
68	Dr. Francisco de Sousa Ramos.....	Correspondente.
69	Senador Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti...	»
70	Visconde de Abaeté.....	»
71	Barão de Sousa Queiroz.....	»
72	Francisco José da Silva.....	»
73	Desembargador João José de Almeida Couto..	»
74	Barão de Cotegipe.....	»
75	Dr. Joaquim José da Cruz Sêcco.....	»
76	Senador Joaquim Antão Fernandes Leão.....	»
77	Dr. Joaquim Vieira da Cunha.....	»
78	Dr. José de Barros Pimentel.....	»
79	Visconde de Jaguary.....	»
80	Brigadeiro José Joaquim de Carvalho	»
81	Conselheiro José Tavares Bastos.....	»
82	José Pedro da Silva.....	»
83	Desembargador Luiz Antonio Barbosa de Almeida.....	»
84	Luiz Antonio Barbosa da Silva.....	»
85	Conselheiro Manoel de Jesus Valdetaro.....	»
86	Manoel Soares da Silva Bezerra.....	»
87	Barão de S. João Nepomuceno.....	»
88	Padre Raymundo José Auzier....	»
89	José Joaquim da Silva Pereira.....	»
90	Dr. Henrique Kopke.....	»
91	João José de Sousa Silva Rio.....	Effectivo.
92	Dr. Joaquim Manoel de Macedo.....	Honorario.

1846

93	Dr. José Mauricio Nunes Garcia.....	Correspondente.
94	Desembargador Luiz Fortunato de Brito Abreu Sousa e Menezes.....	»
95	Barão de S. Felix.....	»

1847

96	Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan..	Effectivo.
97	José Joaquim da Gama e Silva.....	Correspondente.
98	Francisco José Borges.....	Effectivo.
99	Dr. Francisco Xavier Muniz.....	Correspondente.
100	Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho.....	»
101	Barão de Macahúbas.....	»
102	Dr. Ricardo Gumbleton Daunt.....	»

1848

103	Conselheiro Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.	Effectivo.
104	Dr. Antonio Muniz Barreto Côrte Real.....	Correspondente.
105	Padre Jeronymo Emiliano de Andrade.....	»
106	Barão de Capanema.....	Effectivo.

1849

107	Salvador Henrique de Albuquerque.....	Correspondente.

1851

108	Angelo Thomaz do Amaral.....	»

1853

109 Dr. Sebastião Ferreira Soares..... Effectivo.
110 Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja..... »

1855

111 Conego Joaquim Pinto de Campos..... Correspondente.
112 Visconde de Bom-Retiro..... Honorario.
113 Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras..... Correspondente.

1856

114 Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros..... »
115 Visconde de Mauá..... Honorario.
116 Conselheiro Tito Franco de Almeida..... Correspondente.

1859

117 Capitão de fragata Antonio Mariano de Azevedo »
118 Barão Homem de Mello..... Honorario
119 Dr. Rodrigo José Ferreira Bretas..... Correspondente.

1860

120 Dr. Ernesto Ferreira França..... »

1861

121 Conselheiro Antonio Joaquim Ribas..... »

1862

122 Conego João Pedro Gay..... »
123 Professor João Brigido dos Santos..... »
124 Conselheiro José da Costa Azevedo..... Effectivo.
125 Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo..... »
126 Dr. José Vieira Couto de Magalhães..... »

1863

127 Senador Luiz Antonio Vieira da Silva..... Correspondente.
128 Barão de Theresopolis..... »

1865

129 Dr. Cesar Augusto Marques..... Effectivo.
130 Dr. José de Saldanha da Gama..... »

1866

131 Dr. Antonio Henriques Leal..... »
132 Dr. João Ribeiro de Almeida..... »
133 Dr. Domingos Antonio Raiol..... Correspondente.

1867

134 Dr. José Maria da Silva Paranhos..... Effectivo.
135 Conselheiro Epiphanio Candido de Sousa Pitanga..... Correspondente.

1868

136 Dr. Luiz Francisco da Veiga..... »

1869

137 Major Alfredo d'Escragnolle Taunay..... Effectivo.

1870

138 Dr. Joaquim Pires Machado Portella..... »
139 Conselheiro Tristão de Alencar Araripe..... »

1871

140 Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro..... ..... »
141 Dr. Ladisláo de Sousa Mello Netto..... »
142 Conego Dr. Manoel da Costa Honorato... ... »

1872

143 Dr. Eduardo José de Moraes..... Correspondente.
144 Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão..... Effectivo.

1874

145 Dr. Nicoláo Joaquim Moreira..... »
146 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins..... Correspondente

1875

147 Dr. Rozendo Muniz Barreto..... Effectivo.
148 Commendador João Wilkens de Mattos..... »
149 José de Vasconcellos..... Correspondente.

1876

150 Senador Joaquim Floriano de Godoy..... ... »
151 João Barbosa Rodrigues..... »
152 Luiz da França Almeida e Sá..... »
153 Dr. Manoel Jesuino Ferreira..... Effectivo.

1877

154 Domingos Soares Ferreira Penna..... Correspondente.
155 Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira... »
156 Dr. Americo Brasilense de Almeida Mello..... »

1878

157 Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.... »

1880

158 Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo.... »
159 Dr. Augusto Fausto de Sousa..... »
160 Bernardo Saturnino da Veiga..... »
161 Dr. Franklin Tavora..... »
162 Dr. João Severiano da Fonseca..... »
163 Dr. Alfredo Piragibe..... »

Estrangeiros

1839

1	Fernando Denis	Honorario.
2	Principe de Cariati	»
3	Principe de Scilla	»
4	D. Carlos Zuchi	Correspondente.
5	João José da Cunha Bastos Estrella	»
6	D. Agostinho Guilherme Charem	»
7	D. Manoel Salas Corvaland	»
8	Sabino Bertholet	»
9	João Water House	»
10	Arthur Brooke	Honorario.
11	Barão de Maltitz	»
12	Eduardo Alchorne	Correspondente.
13	Barão Gore Ouseley	Honorario.
14	Jared Sparks	»
15	Manoel Estevão Benet	Correspondente.
16	Conselheiro Ouvaroff	Honorario.
17	William Ouseley	»

1840

18	Pedro Victor Larée	Correspondente.
19	William Smith	»
20	Julio Victor Armand Hain	»
21	Guilherme Hunter	»
22	Larenaudière	»
23	Ternaux Campans	»
24	José Barandier	»
25	D. Manoel de Sarratéa	Honorario.

1841

26	Roberto Schomburgh	Correspondente.
27	Woodbine Parish	»
28	W. Burchell	»
29	D. Mariano Eduardo de Rivera	»
30	Dr. Marion de Procé	»
31	Pedro Mesnard	»
32	Hamilton Hamilton	Honorario.
33	D. Ambrosio Campadonico	»
34	Von Andréa	Correspondente.
35	Dr. Clemente Alvares de Oliveira Mendes de Almeida	»

1842

36	D. Filippe Rizzi	»
37	D. Agatino Longo	»
38	Virgilio von Helmereichen	Honorario.
39	Contra-Almirante Lutke	»
40	D. Damazo Antonio Larranaga	»

1843

41	Principe de Committini	Honorario.
42	Nicoláo de Santo Angelo	»
43	Commendador Ferri	Correspondente.
44	R. de Rochelle	»
45	Finn Magnusen	Honorario.
46	Filippe Victor Touchard	Correspondente.
47	S. Dutot	»
48	Conde de Thomar	Honorario.
49	D. Ferdinando de Lucca	»
50	D. Giuseppe Ceva Grimaldi. (marquez)	»
51	D. Francisco Maria Avelino	Correspondente.
52	D. Felix Santo Angelo	»
53	D. Girolano Perozzi	»
54	D. Francisco Cervelleri	»
55	D. Giacomo Castrucci	»
56	D. Paulo Anamia de Lucca	»
57	D. Raphael Zarienga	»
58	D. Giovani Semmola	»
59	Duque di Serra di Falco	»
60	D. Luigi Rizzi	»
61	D. Vicenzo Stellati	»
62	D. Luiz Sementini	»
63	D. Isaak G. Strain	»
64	D. Pascuali Pacini	»
65	D. Pascuali Stanisláo Mancini	»

1844

66	Mage	»
67	José Ewbank	»
68	Thomaz Ewbank	»
69	D. Vicente Bocafuerte	»
70	D. Thomaz C. de Mosquera	Honorario.
71	José Antonio Pardo	Correspondente.

1845

72	Alfredo Demersay	»
73	Francis Markoe Junior	»
74	D. José Vargas	Honorario.
75	Marquez de Penafiel	Correspondente.

1846

76	João Russell Bartlett	»
77	Alberto Gallatin	Honorario.
78	Roberto Greenham	Correspondente.
79	C. Wiet	»
80	B. M. Norman	»
81	Alexandre W. Bradford	»
82	Samuel Jorge Morton	»
83	W. B. Hodgson	»
84	L. L. Wauthier	»
85	D. Vicenzo Martillaro (marquez de Villarena).	»

1847

86	Cicarelli	»
87	D. Ulrico Valia	»
88	D. Antonio Ramon de Vargas	»
89	Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida	»

1848

90 Bernardino José de Lessa Freitas..... Correspondente.
91 D. André Lamas..... »

1850

92 D. Valentim Alsina..... »

1853

93 D. Domingo Sarmiento..... »

1859

94 Ceroni... ..... »

1860

95 Conselheiro Jorge Cesar de Figanière..... »

1862

96 James C. Fletcher..... »

1863

97 Frederico Francisco, Visconde de Figanière.. »

1864

98 Jorge Martinho Thomaz..... »
99 Jorge Bancrofft..... Honorario.

1866

100 Manoel Liais..... Correspondente.

1868

101 Vivien de St. Martin..... »
102 Henrique Ambauer Schutel..... »

1869

103 D. José Rozendo Gutterres..... »

1870

104 Dr. D. Domingo Santa Maria..... »
105 Cesar Cantu..... »

1871

106 D. Bartholomeu Mitre..... Honorario.
107 Augusto Carlos Teixeira de Aragão..... Correspondente.
108 José Victorino Lastarria..... »
109 Miguel Luiz Amunategui..... »
110 Diogo Barros Arana..... »
111 Benjamim Vicuña Makena..... »

1876

112 Barão G. Schreiner..... Honorario.

1877

113 José Maria Latino Coelho..... Correspondente.

1880

114 Barão de Wildick..... »
115 Francisco Gomes de Amorim..... »

RELAÇÃO NOMINAL

Dos socios fallecidos, segundo as notas constantes do livro de matricula e communicações feitas ao Instituto

---

Presidentes honorarios

S. A. I. o principe D. Affonso.
S. A. o principe D. Sebastião de Bragança Bourbon.
S. M. Leopoldo I. rei dos Belgas.

Nacionaes

1 Agostinho da Silva Neves.
2 Cons. A. M. Perdigão Malheiro.
3 Dr. A. M. Perdigão Malheiro.
4 Dr. A. A. da Silveira Pinto.
5 Cons. A. M. de Mariz Sarmento.
6 Alexandre José do Rosario.
7 A. J. Pereira de Andrade.
8 A. A. Pereira Ribeiro Cirne.
9 Antonio Affonso Ferreira.
10 D. Antonio Joaquim de Mello.
11 Antonio Alves da Silva Pinto.
12 A. Augusto Monteiro de Barros.
13 Sen. A. C. R. de A. M. e Silva.
14 Cons. A. J. de P. G. de Andrade.
15 Dr. Antonio Corrêa de Lacerda.
16 Cons. A. de M. V. Drummond.
17 A. Ladisláo Monteiro Baena.
18 Gen. A. E. de M. e Brito.
19 Padre Dr. A. B. da E. e Silva.
20 Dr. Antonio Joaquim de Souza.
21 Cons. Antonio Manoel de Mello.
22 Dr. A. Navarro de Abreu.
23 A. J. Alvares do Amaral.
24 Dr. A. J. Ferreira da Costa.
25 A. Pereira de Araujo Pinto.
26 A. J. F. Bustamante Sá.
27 Antonio Vaz da Silva.
28 Con. A. Marques de Sampaio.
29 Cons. Antonio José da Veiga.
30 Dr. Antonio da Costa.
31 A. da Costa Rego Monteiro.
32 Antonio Joaquim de Mello.
33 Dr. Antonio Thomaz de Godoy.
34 A. Francisco Dutra e Mello.
35 Dr. A. Rodrigues da Cunha.
36 Dr. Antonio Gonçalves Dias.
37 Cons. Antonio da Costa Pinto.
38 Gen. Antonio Nunes de Aguiar.
39 Comm. A. de Padua Fleury.
40 A. Rangel Torres Bandeira.
41 Antonio Diodoro de Pascual.
42 Cons. A. Pereira Rebouças.
43 Padre A. Pinto de Mendonça.
44 Cons. A. M. de Campos Mello.
45 Cons. Antonio Pereira Pinto.
46 Dr. A. de V. M. de Drummond.
47 Fr. A. da Natividade Moura.
48 Dr. Balthasar da Silva Lisbôa.
49 Barão de Japurá
50 Barão de Itamaracá.
51 Barão de Caçapava.
52 Barão de Quarahim.
53 Barão de Catas-Altas.
54 Barão de Antonina.
55 Barão de Uruguayana.
56 Barão de Cocaes.
57 Barão de Jaguarary.
58 Barão de Cayrú.
59 Barão da Ponte Ribeiro.
60 Barão de Lorena.
61 Barão de Santo Angelo.
62 Barão de Melgaço.
63 B. M. da Silva Acauan.
64 Dr. Bento José Martins.
65 Sen. B. P. de Vasconcellos.
66 Bernardo Jacintho da Veiga.
67 Brig. B. J. P Gavião Peixoto.
68 Braz da Costa Rubim.
69 Dr. Caetano Alberto Soares.
70 Dr. Caetano Lopes de Moura.

71 Sen. C. Baptista de Oliveira.
72 Dr. C. de Azeredo Coutinho.
73 Dr. C. A. de Balhões Ribeiro.
74 Padre C. A. P. de Alencar.
75 Carlos Honorio de Figueiredo.
76 Sen. C. Mendes de Almeida.
77 Carlos Emilio Adét.
78 Sen. C. E. de M. e Mattos.
79 Dr. Claudio Luiz da Costa.
80 Conde da Boa-Vista
81 Conde de Irajá
82 Conde de S. Salvador.
83 Conde da Conceição
84 Conrado Jacob de Niemeyer.
85 Fr. Custodio Alves Serrão.
86 General Daniel Pedro Muller.
87 Diogo Duarte Silva.
88 Diogo S. da Silva de Rivar
89 Dionysio de Oliveira Silveira.
90 Dr. D. M. de A. Americano.
91 Duque de Caxias.
92 E. de Sá Pereira de Castro.
93 Emilio Faustino Lins
94 Dr. E. J. da Silva Maia.
95 Cons. Ernesto Ferreira França
96 Estevão Raphael de Carvalho.
97 Sen. E. Q. C. M. da C.
98 Comm. F. P. C. de M. e Castro
99 Cons. F. José Pereira Leal.
100 Dr. F. P. de Brito e Mello.
101 Dr. F. Tiberio de Brito.
102 Dr. F. S. Dias da Mota.
103 Gen. F. H. de Moraes Antora.
104 Sen. F. Rodrigues Silva.
105 F. V. da C. Delgado Perdigão.
106 Cons. F. Freire Allemão.
107 Francisco Antonio Gomes.
108 Dr. F. de Souza Martins.
109 Cons. F. B. de Assis Coelho.
110 F. X. Monteiro da França.
111 Sen. F. de P. Souza e Mello.
112 F. Freire de Carvalho.
113 Dr. F. de Paula Candido.
114 Fr. F. de N. S. dos P. M.
115 Dr. F. de Paula Menezes.
116 Dr. F. Antonio Ribeiro.
117 Sen. F. D. F. de Vasconcellos.
118 Sen. F. de P. A. e Albuquerque.
119 F. A. M. de Vasconcellos.
120 Ten. F. M. A. de Araujo.
121 Desemb. F. de Q. C. M. C.
122 Maj. F. Mello Tavares.
123 Fr. F. de Mello Aveiro.
124 Francisco Antonio de Oliveira.
125 Sen. Franc. de Lima e Silva
126 Francisco Augusto Pamplona.
127 F. Carneiro de Campos.
128 Francisco Luiz da Mota.
129 G. G. Monteiro de Mendonça.
130 Dr. G. J. Rodrigues dos Santos.
131 Brigad. G. J. da S. Pimentel.
132 Gaspar José Lisbôa.
133 G. B. Emtirasú Camacan.
134 Dr. Giacomo Raja Gabaglia.
135 Dr. Gonçalo da Silva Porto.
136 Cons. G. A. de A. Pantoja.
137 H. L. de N. Bellegarde.
138 Sen. H. Ferreira Penna.
139 Gen. H. M. de O. Lisbôa.
140 I. A. de Cerqueira e Silva.
141 Cor. I. A. P. de Almeida.
142 Dr. I. de B. V. Cajueiro.
143 Dr. I. M. A. de Azevedo.
144 Padre I. Rodrigues Bernarde.
145 Innocencio da Rocha Galvão.
146 Cons. J. P. Dias de Carvalho.
147 Jacintho Pinto Teixeira.
148 Cons. J. R. de S. Pereira.
149 Con. J. da Cunha Barbosa.
150 Cons. J. Francisco Coelho.
151 Dr. J. V. de Castro Tavares.
152 Dr. João Antonio de Azevedo.
153 J. A. Sampaio Vianna.
154 Sen. João Antonio de Miranda.
155 J. B. Gaspar de Oliveira.
156 General João Carlos Pardal.
157 João Coelho Bastos.
158 Desemb. J. C. de D. e Silva.
159 J. Caetano da Costa e Oliveira.
160 João Carlos Pereira Pinto.
161 Dr. João Duarte Lisbôa Serra.
162 Dr. João E. Garner e Gralha.
163 J. F. de Souza Coutinho.
164 Dr. J. Fernandes de Barros.
165 João Francisco Lisbôa.
166 J. Gomes Machado Guimarães.
167 J. H. de B. Pinto Guedes.
168 João Henrique de Matos.
169 Dr. J. J. Fontoura de Oliveira.
170 Dr. João José de Carvalho.
171 Cons. J. J. de Oliveira Junqueira.
172 Dr. J. J. de M. Magalhães.
173 Gen. J. F. dos S. Barroso.
174 João de Siqueira Teixeira.
175 João de Espinosa Sarto Cabral.
176 João Baptista Campos.
177 João Carneiro de Souza.
178 Dr. J. A. Pereira Junior.
179 Cons. J. C. Pires Ferreira.
180 Joaquim Candido Guillobel.
181 Dr. Joaquim Caetano da Silva.
182 Dr. J. C. S. de Macedo.
183 Sen. Joaquim Franco de Sá.
184 Cons. J. Firmiano de Tavares.
185 Sen. J. Francisco Vieira.
186 Joaquim Gonçalves Ledo.

187 Joaquim José Luiz de Souza.
188 Cons. J. Marcellino de Brito.
189 Desemb. J. Nunes Machado.
190 Padre J. de S. E. Mavignier.
191 Sen. J. V. da Silva e Souza.
192 Dr. J. V Torres Homem.
193 Joaquim Baptista Avondano.
194 Dr. José Alves da Cruz Rios.
195 Dr. J. A. Vieira de Mattos.
196 Mons J Antonio Marinho.
197 D. J. A. de Moraes Torres.
198 J. Antonio da Silva Chaves.
199 Dr. J. A. Gomes de Menezes.
200 Dr. J. de Araujo Coutinho.
201 Sen. J. A. da Silva Maia.
202 José Antonio Lisbôa.
203 D. José de Assis Mascarenhas.
204 Dr. J. de A. A. B. M. Barreto.
205 D. José Antonio dos Reis.
206 J. B. Fernandes Gama.
207 Dr. J. C Garção Stockler.
208 J. Christino da Costa Cabral.
209 Sen. José Clemente Pereira.
210 Con. J. C. Gomes de Castro.
211 J. D. de Athayde Moncorvo
212 Dr. José Eloy Ottoni.
213 José Eloy Pessoa.
214 J. Francisco da Silva Cardoso.
215 J. F. de Andrade Parreiras.
216 J. F. de Paula Cavalcanti.
217 Dr. J. F. de F Rocha.
218 Desemb. José Ferreira Souto.
219 Dr. J. F. Massena e Silva.
220 Gen. J. I. de Abreu e Lima.
221 J. Jacques da Costa Ourique
222 Dr. José Bento da Rosa.
223 Sen. J. J. Fernandes Torres.
224 Dr. José Jorge da Silva.
225 Cons. José Joaquim da Rocha.
226 Brig. J. J. Mach. de Oliveira.
227 Conego José Luiz de Freitas.
228 José Lino de Moura.
229 Dr. J. Marc. da Rocha Cabral.
230 José Marques Lisbôa.
231 José Manoel do Rosario.
232 Conselheiro José Mariani.
233 Comm. J. M. Pinto Peixoto.
234 José Maria Velho da Silva.
235 J. M. P. de Alencastre.
236 Dr. J. de P. Magalhães Calvet.
237 Cons J. P. de F. N. de A.
238 José Procopio de Castro.
239 José de Rezende Costa.
240 J. R. da C. A. de Andrada.
241 Comm. José Ribeiro da Silva.
242 Con. J. da Silva Guimarães.
243 J. de Sá Bittencurt e Camara.
244 Fr. J. de S. Bento Damasio.
245 Fr. José de S. Alb. Cardoso.
246 Fr. J. de S. Euphrasia Peres.
247 Senador José da Silva Mafra.
248 José Silvestre Rebello.
249 J. T. Carneiro de Campos.
250 Dr. J. T. Nabuco de Araujo.
251 Dr. J. T. dos S. e Almeida.
252 José Ventura Boscoli.
253 Dr. J. V. R. L. de C. e Silva.
254 Dr. J. José da Rocha.
255 Ladisláo dos Santos Titára.
256 Desemb. Leocadio Ferreira de Gouvêa Pimentel Belleza.
257 Cons. L. A. da Cunha Mattos.
258 Lino Antonio Rabello.
259 Padre L. do M. Carm. Luna.
260 L. da S. Araujo Amazonas.
261 Luiz Aleixo Boulanger.
262 Luiz Antonio de Castro.
263 Desembarg. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.
264 Luiz Augusto May.
265 L. A. P. da Silva Manso.
266 Con. L. A. da Silva e Souza.
267 Dr. L. da R. Ferreira Lapa.
268 Con. L. Gonçalves dos Santos
269 Padre L. G. de C. Fleury.
270 Luiz Gomes Ferreira.
271 L. H. Ferreira de Aguiar.
272 L. M. de L. Alvares e Silva.
273 Luiz Maria da Silva Pinto.
274 Fr. Luiz de Santa Theodora.
275 Sen. Manoel Alves Branco.
276 Sen. Manoel Antonio Galvão.
277 Capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira.
278 D. M. de Assis Mascarenhas.
279 Manoel da Cunha de Azeredo Coutinho Souza Chichorro.
280 Manoel de Cerqueira Lima.
281 Sen. M. F. de Souza e Mello.
282 Manoel Ferreira Lagos.
283 M. I. de Carvalho Mendonça.
284 M. J Pires da Silva Pontes.
285 Manoel José de Albuquerque.
286 Cons. M J. do Amaral Gurgel.
287 D. M. J. Gonç de Andrade.
288 Cons. M. J. de Sousa França.
289 Dr. Manoel Maria do Amaral.
290 Dr. M. M. da Cunha Azevedo.
291 Dr. Manoel de Mello Franco.
292 M. M. L. da Silva Carneiro.
293 Manoel Mauricio Rebouças.
294 Sen. M. do N. Castro e Silva.
295 Manoel Odorico Mendes.
296 Dr. M. P. da Silva Ubatuba.
297 Manoel Rodrigues da Costa.
298 Fr. M. do Coração de Jesus.

299 Conego Marcellino José da Ribeira S. Bueno.
300 Dr. M. L. Aranha Dantas.
301 D. Marcos Antonio de Sousa.
302 Marquez de Abrantes.
303 Marquez de Baependy.
304 Marquez de Itanhaen.
305 Marq. de S. João da Palma.
306 Marquez de Lages.
307 Marquez de Mont Alegre.
308 Marquez de Maricá.
309 Marquez de Olinda.
310 Marquez de Paranaguá.
311 Marquez de Paraná.
312 Marquez de Sapucahy.
313 Marquez de Santa Cruz.
314 Marquez de Valença.
315 Marquez de S. Vicente.
316 Conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada
317 Maximiano Augusto Pinto.
318 Max. Antonio da Silva Leite.
319 Cons. Mig. Antonio da Silva.
320 Miguel Ferreira Tavares.
321 Mig. de Frias Vasconcellos.
322 Dr. M. J. A. do Nascimento.
323 Padre M. do S. Lopes Gama.
324 Conselheiro Miguel de Sousa Mello e Alvim.
325 Mons. N. da S. Nepomuceno.
326 Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.
327 Dr. Nicoláo Rodrigues dos Santos França Leite.
328 Nicoláo da Silva Lisboa.
329 Cons. Paulo Barbosa da Silva.
330 Fr. P. da Conceição Moura.
331 Cons. P. de A. Bellegarde.
332 Pedro Affonso de Carvalho.
333 Pedro Carvalho de Moraes.
334 Brig. P. M. Xavier de Castro.
335 Coronel P. T. Xavier de Brito.
336 Cons. Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral.
337 Brig. R. Tobias de Aguiar.
338 Gen. R. J. da Cunha Mattos.
339 Rodrigo Soares Cid de Bivar.
340 Fr. Rodrigo de S. José.
341 Dr. R. de S. da Silva Pontes.
342 Santiago Nunes Ribeiro.
343 Sen. S. de Sousa e Oliveira.
344 Cons. S. do Rego Barros.
345 Cons. S. Teixeira de Macedo.
346 Sen. Th. Benedicto Ottoni.
347 Dr. T. Gomes dos Santos.
348 Dr. T. J. Soares de Avellar.
349 T. Maria da Fonseca e Silva.
350 Conselheiro Thomaz Xavier Garcia de Almeida.
351 Sen. T. P. de Sousa Brasil.
352 Tiburcio Antonio Craveiro.
353 Desemb. T. A. de Alvarenga.
354 Dr. U. S. Pessoa de Mello.
355 Cons. Venancio José Lisboa.
356 Dr. V. J. da Costa Cabral.
357 Visconde de Caravellas.
358 Visconde de Inhomirim.
359 Visconde de Itabayana.
360 Visconde de Itaúna.
361 Visconde de Inhaúma.
362 Visconde de Itaborahy.
363 Visconde de Jerumirim.
364 Visconde de Jequitinhonha.
365 Visconde de Maranguape.
366 Visconde de Macahé.
367 Visconde da Parnahyba.
368 Visconde da Pedra Branca.
369 Visconde de Porto-Seguro.
370 Visconde do Rio-Grande.
371 Visconde do Rio-Branco.
372 Visconde do Rio Vermelho.
373 Visconde de Santo Amaro.
374 Visconde de Santa Isabel.
375 Visconde de Sousa Franco.
376 Visconde de S. Leopoldo.
377 Visconde de S. Lourenço.
378 Visconde de Sepetiba.
379 Visconde de Uberaba.
380 Visconde de Uruguay.
381 Wenceslão Antonio Ribeiro.

Estrangeiros

1 A. A. Frederico de Schewelok.
2 A. Thiers.
3 A. Albano da Silveira Pinto.
4 A. Demidoff. C. de S. Donato.
5 Adriano Balbi.
6 A. Ern. de Castilho Barreto.
7 D. Agost. Guilherme Charem.
8 Almirante Krusenstern.
9 Affonso de Lamartine.
10 Alcide de Orbigny.
11 Alexandre Herculano.
12 Alexandre de Humboldt.
13 Alexandre Magno de Castilho.
14 Anatole Saulmier.
15 D. André Bello.
16 Cardeal Angelo May.
17 Padre Angelo Secchi.
18 A. Lopes da Costa Almeida.
19 Antonio José de Lima Leitão.
20 Augusto de Saint-Hilaire.
21 Almirante Louis Duperrey.
22 Barão de Olfers.

23 Barão de Reiffemberg.
24 Barão de Taunay.
25 Barão W. Gore Ouseley.
26 Barão de Planitz.
27 Barão Leopoldo de Daizer.
28 Barão Walcknaer.
29 Barão de Langsdorff.
30 Barão Rouen.
31 Bispo de Angra. (D. Fr. E. de J. M).
32 Bouillet.
33 Cardeal Bartholomeu Pacca.
34 Cardeal Mezofante.
35 Conde de Cancrine.
36 C. Allou.
37 Carlos C. Rafn.
38 Carlos Ritter.
39 C. C. Etienne Hernoux.
40 Carlos Van Lede.
41 D. Carlos Antonio Lopes.
42 Carlos Frederico Hartt.
43 C. F. Phillipe de Martius.
44 Conde Armando d'Allouville.
45 Conde Amédée de Pastoret.
46 Conde de Camaldoli.
47 Conde J. de Mottellettes.
48 Conde J. Graberg de Hemsó.
49 Conde de Molé.
50 Conde Ney.
51 Conde de Stackelberg.
52 Conde D. Bloudouff.
53 Conde do Lavradio.
54 Conde Le Peletier d'Aunay.
55 Conde de Linhares.
56 Conde de Castelnau.
57 Conde de Dietrichstein.
58 Dr. Cuissart.
59 Desiré Raul Rochette.
60 Duque de Poix, J. de Novilly.
61 Dureau de Lamalle.
62 Diogo Kopke.
63 Duque de Doudeauville.
64 Duque de Palmella.
65 Duque de Saldanha.
66 Duque de Montmorency.
67 Duque d'Elchingen.
68 Eduardo de Jaegher.
69 Ezequiel Uricoechéa.
70 Eduardo von Laemmert.
71 Eugenio Garay de Monglave.
72 D. Filippe Pardo.
73 D. Florencio Varella.
74 D. F. de B. M. de Cerrato.
75 Filippe Vandermachen.
76 Fernando Berthier.
77 F. Luiz Jorge de Raumer.
78 Coronel F. Evaristo Leone.
79 D. Fr. Francisco de S. Luiz.
80 F. L. Guilh. de Warnhagen.
81 Fernando Petrich.
82 Fernando Halfeld.
83 Dr. D. Frederico Errazury.
84 Francisco Guizot.
85 D. Genaro Merolla.
86 Horacio Emilio Say.
87 Herman E. Ludwig.
88 Hercules Florence
89 Ildefonso Leopoldo Bayard.
90 Innocencio Francisco da Silva.
91 J. da C. N. de C. Portugal.
92 Julio Parigot.
93 J. José da Costa de Macedo.
94 Jacob Van Erven.
95 J. B. Eyriés.
96 J. C. Milliet de St. Adolphe.
97 João Baptista Debret.
98 João Diogo Sturz.
99 Gen. João Jacques Germain, Barão Pelet.
100 J. H. da Cunha Rivara.
101 Dr. J. P. Hoebeke.
102 Conselh. José Joaquim Lopes de Lima.
103 D. J. M. C. de Lacerda.
104 João Henrique Freese.
105 João Quincy Adams.
106 D. João Maria Gutierrez.
107 J. P. C. Casado Giraldes.
108 Jomard.
109 D. José Delavat y Rincon.
110 Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto.
111 Dr. José Francisco Sigaud.
112 Cavalleiro José de Lucca.
113 J. Manoel Valdez y Palacios.
114 José da Silva Carvalho.
115 D. José de Urcullu.
116 Julio Frank.
117 Julio Frederico Koeller.
118 Julio de Wallestein.
119 Dr. L. F. Bonjean.
120 Letronne.
121 Levy Maria Jordão.
122 L. Agassis.
123 L. A. J. Quetelet.
124 L. Augusto Rebello da Silva.
125 Luiz Riedel.
126 Dr. Lund.
127 Luiz Paulo Balthazar Caffe.
128 Leo Theremin.
129 M. José Maria da Costa e Sá.
130 D. M. de Portugal e Castro.
131 Manoel y Paz Soldan.
132 Marquez de Sá da Bandeira.
133 D. Martin F. de Navarrete.
134 Mauricio Rugendas.

135 Maximo Raybaud.
136 Dr. Mure.
137 Abbade Mathieu Orsini.
138 Dr. Meisser
139 Dr. Martin de Moussy.
140 D. Miguel Tenore.
141 Orfila.
142 Padre Brasseur de Bourbourg.
143 Dr. Pie Namur.
144 Pedro Clausen
145 Pedro de Angelis.
146 Principe de la Moscowa.
147 P. E. de Saboia Carignan.
148 P. M. Wied Neuwied.
149 Reybaud.
150 Roberto Southey.
151 Rod. da Fonseca Magalhães.
152 Roque Schüch.
153 Sergio de Lomonosoff.
154 Scipião Domingos Fabrini.
155 Cavalleiro de St. Georges.
156 Silvestre Pinheiro Ferreira.
157 Tastu.
158 Theodoro Miguel Villardebo.
159 Theodoro Monticelli.
160 Theodoro Taunay.
161 D. Thomaz Guido.
162 Visconde de Castilho.
163 Visconde de Chateaubriand.
164 Visconde de Almeida Garret.
165 Visconde de Osery.
166 Visconde de Santarem.
167 Washington Irving.
168 Wenceslão Paunero.
169 William Prescott.

Resumo

Actuaes

Socios nacionaes	163
Estrangeiros.	115

Fallecidos

Nacionaes	381
Estrangeiros.	169
	828

MESA ADMINISTRATIVA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

1881

PRESIDENTE

Visconde de Bom-Retiro.

1º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Souza e Silva.

3º VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

1º SECRETARIO (para servir dois annos na fórma dos estatutos)

Conselheiro Dr. José Ribeiro de Souza Fontes.

2º SECRETARIO

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Antonio Henriques Leal.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente-coronel Francisco José Borges.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E DE REDACÇÃO

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Barão Homem de Mello.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Joaquim Norberto de Souza e Silva.
Dr. Luiz Francisco da Veiga.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
Dr. Rozendo Muniz Barreto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Conselheiro Guilherme Schüch de Capanema.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Dr. José de Saldanha da Gama.
Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Augusto Fausto de Souza.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.
Dr. Ladisláo de Souza Mello Netto.
João Barbosa Rodrigues.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Franklin Tavora.
Dr. Alfredo Piragibe.
Dr. Nicoláo Joaquim Moreira.

A GRAMMAR AND VOCABULARY

OF THE

TUPI LANGUAGE

Partly collected and partly translated from the works of Anchietta and Figueira noted brazilian missionarys by John Luccock

N. B.—This Grammar is not sufficiently digested and is arranged badly

RIO DE JANEIRO—1818

(Continuação da pag. 344 do tomo XLIII, parte primeira)

Livro primeiro

LIST OF ANIMALS

(1) *Ahyrara.* (*Gallictis*, sp.)

(2) *Aig.* (*Bradypus*, sp.) The sloth, from *yg* water; this animal descharges a considerable quantity of water from its eyes, nose and mouth; but I suspect its arises from its note in coying which nearly resembles the word *yg*. It is very delicate in its eating and will climb many trees successively in order to find its proper food. It always suspends itself from a branch or staff by its claws, and never walks upon it as is generally represented in engravings. It never devours all the leaves

from a tree unless of that kind which produces its favourite food. It is also extreamly afraid of falling and can with great difficulty be beaten from its hold even when only one or two feet from the ground. The female has two pectoral teats and in general resembles the class of apes more nearly than is usually supposed. The young ones cling to the hair of its mother and when she passes a very narrow place, it moves round her body to avoid any impediment it may meet with. The *sloth* may be easely irritated but its mode of defense is very impotent. It looks steadely at the eye of the person who teases it and then makes a sudden stroke at them with one of its fore paws. The muscular force of its claws is astonishingly great.

(3) *Anta* or *Tapikra*. (*Tapirus americanus*) Usually called the *Tapir* in Europe : both these names are used in Brasil. The first is from *Antam* and describes its thick solid appearance; the other is taken from the position it assumes in fighting, i. e, seated erect upon its haunches, from *apykr*. It is by no means an inoffensive animal, as has sometimes been said. Those who frequent the woods at a distance from water fear meeting with it more than the Ounce because it is more subtle. The *Ounce* sometimes attacks it, but is generally killed by it. So soon as the *ounce* springs upon the *anta* he is hurried away to the nearest tree, and there crushed to death against it by his antegonist. Near to deep water the *tapikr* flys from a dog, but the instant he gains it, he defies even a whole pack and, seating himself with his head and shoulders out

of water, fights desperately with his fore paws and generally destroys two or three of his assailants; himself generally falls by a bullet.

(4) *Apereya* (*Cavia obscura*, Lichst).

(5) *Areranha* (*Lutra*, sp.).

Buriqui. (*Ateles*, sp.)

(6) *Cangamba* (*mephitis*, sp.) wil *Jaraticaca*.

(7) *Cangusu* (*Felis pardalis*, Lin.) The *Ounce*....., the very great beast of the woods; from *caa guasu*.

(8) *Capibara*. The *capivary* (*Hydrochoerus capybara*, Erxl).

(9) *Carigue* (*Didelphis aurita*, Neuwied).

(10) *Caxinglé* (*Sciurus*, sp. var.). The stunk of Brazil, from *caa* the forest, *xingle* a wood of *Paragua*, literally—the stink of the woods. In Buenos-Ayres it is called *Chinchilla*.

(11) *Caytatu* (*Dicotyles*, sp.). From *caa* and *tatu*, the *Tatu* of the woods, to distinguish it from the *Tatu* of the open country. It is the *Peccary* of Brasil. It may be tamed and become attached to those who feed it. It is like the hog, is very fond of being scratched and then makes a noise with its teeth. There are said to be two other species of this animal which bear differents names, but I have never seen them.

(12) *Coati* or *Quaty* (*Nasua*, sp.). There are two species of this animal, differents from each other, chiefly in size. The smaller is called *Coati* or *Cuatymonde*, i. e, the trap—*coati*.

(13) *Cotia* or *Cutia* or *Cotya* (*Dasyprocta*, sp. var.). The *agouti* of authors. The hair of this animal, when not instated, lies smooth and has a yellowish brown appearance. It is short about the neck and

increases in length toward the tail, where it is two inches long. When alarmed it erects its hair and runs from the object of its fear; it then appears of a most beauteful gold colour and yellowish orange.

(14) *Cuica* (*Didelphis*, sp. var.). Is described as a species of amphibious rat, marked with black and white, having an hairy tail. It eats fish and birds when it can catch them.

(15) *Cuim*. Is the brazilian Porcupine, *Histrix prehensilis* of Lin. On one occasion I found this animal (had) its quill with force enough to penetrate a hat, several were found in it. These two last names are probably from..... little teeth.

(16) *Guará* (*Canis*, sp. var.). Is described as a species of wolf. It is found only in the interior provinces. Its name is formed from *zo* and seems to indicate its swiftness.

(17) *Guaraxaim* or *Guaraxain* (*Canis*, sp. var.). A species of small dog found in the woods. From *zo* as above and *xaim* the same as *merim*.

(18) *Guaxinim* or *Guachinim* (*Procyon cancrivorus*, Linn.). A sort of fox with a short thick nose, shortish open toes and a wide breast; they frequent the sea-shore to hunt crabs. But I never saw one.

(19) *Hyrara*. This animal is fond of honey, whence its name *Hykra*. It is more than two feet long, has a long tail, sharp nose and short legs. The colour is very dark brown. It moves very quickly among the underwood of the forest.

(20) *Jacaré* (*Alligator*, sp. var.). The alligator.

(21) *Jaguane*. A species of small dog about the size of a terrier. They inhabit the woods and are very

destructive to sheep, some of them are said to be striped. Those I have seen, were of that colour which distinguishes the legs and throat of a true bred terrier. The name is from *ya, zo*.

(22) *Jaguaratirica* (*Felis*, sp.).

Jaguarete or *Yaguarete* (*Felis*, sp.). More than *Jaguar* the leopard south. Very beauteful in its form, the colour is white spotted with black. Its tail is bushy. They are accounted good eating, when the offensive part is properly extracted.

(23) *Jaraticáca* or *Cangambá*. The *Gambá* of the woods. A species of shunk. The offensive smell proceeds from a discharge of water contained in a small vessel near the bladder; some say that, when discharged, it evaporates in a kind of visible stream; hence the name from *yara* and *tik*, the matter of urine, and *caca*.

(24) *Mocó* (*Kerodon mocó*, Cuv.). Koster says it like a rat; this is the weasel of Brasil. It is larger than that of Europe, and has neither ears nor tail. It is easily domesticated and soon becomes very troublesome by its impertinence. It even attacks and drives dogs from the house. Is very destructive to rats; but is faithless and unquiet.

(25) *Maracaya* (*Felis*, sp.). The ocelot, commonly called the cat of the woods: of which there are three species.

(26) *Ourizo*. A sort of hedgehog.

(27) *Paca* (*Coelogenus fulvus*, Cuv.). Is the spotted cavy; its name expresses one of its greatest peculiarities. Like the hare of Europe, it is watchful. *Pac* in the tupi is—to awaken.

(28) *Pecary*, *Picaree* Koster. the *Pecary* (*Dicotyles*, sp.).

(29) *Prehá* (Vide nota 6). It is a species of *mocó* or weasel of a brown colour and without a tail. Its nose is round and ears very small.

(30) *Quandu*. The same as *Ourizo*.

(31) *Quariba* (*Mycetes*, sp.). A sort of monkey.

Saguiz (*Midas*, sp.). (Vide nota 30). The lion or orange monkey.

Sahuin (*Midas*, sp.). (Vide nota 30). A sort of monkey.

(32) *Sarôhê* or *Gamba*. This animal is about the size of a smallish cat. Its snout and head resembles those of the *Coati*, it has also the same teeth, the tongue is formed like that of the aunt eater, the hair of its back and legs is dark brown, of its belly yellowish. The tail is long, naked, scaly and dark coloured. It carries its young in a sack like the *Kangaroo* and has two teats. It has also the offensive smell of the cangamba, from which the name distinguishes its habits, that being an inhabitant of the woods, this of places, where long grass abounds. It is good eating when properly treated.

(33) *Saviá* (*Cavia*, sp.).

(34) *Susuapara* (*Cervus*, sp.). A species of deer.

(35) *Susuaranna* (*Felis*, sp.). Is the cougouar.

(36) *Tamanduá* (*Myrmecophaga*, sp.). The ant eater.

(37) *Tatu* (*Dasypus*, sp.). The armadillo. There are several kinds, one only retain a specific Indian name *tatu peba*.

(38) *Tapikra*. Vide *Anta*.

Timbu, Koster. A species of *Gamba*.

(39) *Tijuasu* } (*Achrantus*, sp.). The class of large lizards. L.
Tijuaxi } Small lizards. L.

(40) *Yguana*, the *Iguana*.

LIST OF BIRDS

(41) *Anhupóca.* Probably from *anhu* and *poca*, the wakeful *anhuma.* There appear to be several species of them, some very large, others not much bigger than pidgeon, but with a more slender body and a longer neck. Their plumage in general is very beauteful.

(42) *Anhuma* or *Inhuma* (*Palamedea cornuta*). This is the cepawary of Brazil, having an horn upon its head and hard bonny substances of a triangular shape on its wings. The colour of its back is black, of its belly and under the wings grey. There are however several species.

(43) *Anú* or *Anum* (*Crotophaga*, sp.). Probably the eater or glutton, from *u* to eat; it is a voracious bird and lives upon insects, which it rolls upon in its maw very curiously. Is about the size of a Jackdaw, which it resembles also in colour. The bill is forked and thick but rises on the upper part to a sharp edge; the tail is long and has eight feathers. It lives upon insects and abounds near open and cultivated ground. There is a yellowish bird called the white *anu* in the open downs about Villa Rica, but it belongs to a very different class.

(44) *Aracuan* (*Ortalida canicollis*, Natt.). *Ara* or *guara* denotes a bird in general, probably taken from the sound of its wings in rising from the ground; *cuan* is from *jacu* to which species this bird belongs. The *aracuan* is about the size of a Pidgeon but with a longer neck and tail. The colour is a dark olive.

(45) *Araponga* (*Casmarhynchus nudicollis*, Temm.) This

is a white bird about the size of a Pidgeon: it is very common in the woods, and has a very loud note, which resembles the noise of a blacksmiths hummer striking the anvil. Some tell us that this noise is made by a monster not a bird, the name however is evidently taken from the note.

(46) *Arapaco* (*Picus*, sp. var.). From *ara* and *pak* the wakeful bird.

(47) *Arara* (*Ara*, sp. var.). The *macao*, of which there are three species: the *arara*, which is the common red *macaw*, the *araruna* and the *caninde*. The name is taken from the note.

(48) *Ararúna*. A species of *macao*, which is entirely blue from *arara* and *sug* blue, *una* black.

(49) *Arassary* (*Pteroglossus*, sp. var.). One of the numerous species of *tucans*, taken from its note.

(50) *Aréré* (*Anas viduata*, L.). A large species of water fowl.

(51) *Bicudo* (*Pitylus niger*).

Bracajo.

(52) *Caboré* (*Strix*, ap.). The small owl, probably from *Caboca* to speak.

Cagado.

Caissu. Which Cazal says, means great head; is about the size of a lark. Its form is ugly, its neck is thick and bill long, from which I think it takes its name from *cai* a teeth, and *su* great.

(53) *Camindé* or *Canindé* (*Macrocercus ?*) The blue and yellow *macao*, is blue on the back with a yellow breast and belly.

(54) *Caraúna* (*Icterus violaceus*). Probably the black *cara*, or white and black bird.

(55) *Caroen*, *Cauhan* or *Macauhan* (*Falco cachinans*, L.).

A species of small hawk. The cry is short and harsh, like that of a person suddenly alarmed.

(56) *Carua* (*Ampelis cincta*, Gray). The eater of milho.

(57) *Coliangú* (*Caprimulgus Nacunda*, Wieill). A general name for birds which fly by night.

(58) *Colibri*. The general name for the humming bird (among some tribes).

(59) *Coaracyba* or *Coaraciyba* (*Trochilus*, sp. var.). The user of the hole from *coarey* and *ba*; I think it is the swallow, which builds in hole in dry banks.

(60) *Corocuturú* (*Buteo pterocles*, Temm.). A species of large grey hawk or rather owl.

Crijohá (*Ampelis cotinga?*) It is a beautiful shaped bird, rather larger than a blackbird.

(61) *Emu* (*Rhea americana*), (*Ema*, Koster). From *u* to eat; the ostrich of Brazil.

(62) *Enhapupe* (*Crypturus*, sp.). A kind partridge from *nhatorun*.

Goará or *Guará* or *Goaraya* (*Ibis rubra*). The flamengo, perhaps from its colour, or connected with *coaracy* the sun.

(63) *Goanambyk* or *Guanambik* or *Guamumbik* (*Trochilus*, sp. var.). The tupi name for the humming bird, from *nambik* the ears.

(64) *Grunhatá* (Falco? aliás Emberiza ?) Is a singing bird, about the size of a robin.

(65) *Guiraponga*. Vide *Araponga*.

(66) *Guara*. Vide *Goara*.

Guaraputepoka.

(67) *Inhuma*. Vide *Anhuma*.

(68) *Jaburu* (*Mycteria americana*). The heron or crane. It is larger than a turkey, has no tail and is white; probably from *ya* and *ú*.

(69) *Jacú* (*Penelope*, sp. var.). Is the turkey of Brazil There are several species; the name is taken from the note *ia kuú*, so it is said.

(70) *Jacupemba* (*Penelope*, sp.). The small jacu, from *jacu* and *penga*, the nephew of the *jacu*.

Jacurutú (*Strix*, sp. ?); from *jacu* and *curutem* running, the fast running *jacu*.

(71) *Jacutinga* (*Penelope*, sp.) often pronounced *jacatinga*, the white *jacu*, because the middle wing feathers are white, from *jacu* and *tinga* white.

(72) *Japu* (*Cassicus cristatus*). The oriole of Brazil, said to be from *aba* and *pua*. The crafty creature, taken probably from the method of building its nest.

(73) *Japué* (*Cassicus*, sp. var.). Is another species of oriole, the one independent or an connected.

(74) *Jasana* (*Parra jaçana*, L.). Is a bird about the size of a ostrush, green on its breast, dark brown above, a very short tail, long wings, thin beak and greenish forehead, from *jasanha*, the violent creature.

(75) *Juriti* (*Columba jamaicensis*). A small dove; they are very common and are of many species, some extremely beauteful; they are generally brown, marked with black, or a blue grey marked with white; the name is derived from their tameness, *juruce* is affable.

(76) *Juru* (*Psittacus*, sp. var.). The parrot; I suspect this is the Parroquette, from *juru*, literally a mouth.

(77) *Macauhan*. Vide *Cauham* e *Caroen*.

(78) *Macuco* (*Tinamus braziliensis*). A sort of partridge.

(79) *Massarico* (*Numenius*, sp.). A sort of water fowl. *Minguá*.

(80) *Mutum* or *Mutim* (*Crax.*, sp. var.). About the size of

a turkey, all black, except the bill and legs, whence its name from *mutum* blackness.

(81) *Nambú* or *Naimbu*, *Nhambu* (*Crypturus*, sp.). A sort of partridge from *nhambik* a ring. They are caught by means of cries.

Pahó. A black bird with a red breast, about the size of a dove.

Papa.

Parary (*Columba montana*, L.). The ring dove, a beauteful bird.

(82) *Sabiá* (*Turdus*, sp. var.). A very large class of singing birds, larger than a sparrow, generally black or very dark blue.

(83) *Sapy* (*Tanagra*, sp. var.). The sparrow, of which there are many varieties. It includes also any thing resembling the sparrow, even the red breast.

(84) *Sanhaso* (*Tanagra sayaca*, Neuw.). A class of greenish; some are small, others are as large as a blackbird.

(85) *Sereima* (*Dicholophus cristatus*). A class of brown birds, some of them as large as turkeys; they belong to the order of gallinee.

(86) *Socú* (*Ardea*, sp. var.). From *soca*, those who eat with a dart or dash. A large class which includes both this and divers; they are mostly white.

(87) *Tabuyayá.* Vide *Tiiu*, *Tayuyá.* Eater of the *tayuyá.* Vide *Plants.*

Tacoara (*Prionitis ruficapillus*, Natt.). Is greenish, about the size of a small magpie. It has a long tail, and is found where the *taquary* grows, whence its name.

Tapéra (*Hirundo tapera*, L.). A large bird; a sort of stork, all white except the head, tail and wings

which are black. It inhabits rocks and ruins, whence its name.

Ticotico / *Tingatinga* (*Zonotrichia matutina*, Gray). A class of birds with a brown back and yellow belly, with white dusk over its eye, whence its name. It includes a small kind of spar and the class of *bentevi*.

(88) *Tingará* (*Tanagra gularis*). Is the king of the birds of Paradise, it is white marked delicately with grey. It has also the peculiar feathers of the tail. From *tinga ara* the white bird. I saw one near the Peryibuna; this is another class of sea birds about Cape Frio. It was called the Cape Pidgeon.

(89) *Tuyuy* or *Tuyuyu* (*Mycteria*). A very large kind of heron, which abound in extensive marshes. The bird is white except the head and wings; it has no tail, from *tuy* to shiver, with an allusion also to its appetite, *ú* to eat.

(90) *Tucano* (*Ramphastus*, sp. var.). The *tucan* from *tuca* to buffet, alluding to the defence it makes. There is of these birds a very great variety, when sitting on its eggs. Probably the light bird, from *bubui*.

(91) *Tyhé* or *Tapiranga* (*Ramphocelus brasiliens*). This i a beautiful scarlet bird, about the size of a lark; *Piranga* is red, but there are other *tyhé*, which are not red but brown. Indeed the bird seems to lose its colour at the moulting season.

(92) *Urubú* (*Catharthes*, sp. var.). Is the vulture of Brazil. It is very fond of putrid flesh and voracious, whence its name from *ú* to eat. There are two or three species.

Zabelé (*Crypturus noctivagus*). One of the species of partridge.

LIST OF TREES

(93) *Abacati* (*Persia gratissima*, Gum.) A species of laurel.

(94) *Acajú* (*Anacardium*, sp. var.). Fruit-tree, from *caju* the name of the fruit which also produces the *caju* nut ; *acaju* is also timber, the cedar.

(95) *Ambu* (*Spondias venulosa*, Arruda, Linn.). A small fruit-tree very common in the open country. Its roots contain a large bulb, which when pressed yield a quantity of water ; thirsty travellers drink it, hence the name from *uu* to drink ; or it may be from *ambae u* the thing which may be eaten.

(96) *Angica* (*Piptadenia colubrina*, Benth.). Timber : it produces also gum ; its name is from *cyca* gum, the gum tree.

(97) *Anhehyba* (*Nectandra*, sp. var.). From *anhe* and *yg*, that which produces only water ; it yields timber.

(98) *Arasá* (*Psidium*, sp. var.). Timber and fruit, there are two kinds, the great *arazazu*, and small *arasamerim*. The fruit is a berry something like a currant, but the colour is a deep yellow. Koster says a species of goiabe.

(99) *Arapiraca*. Timber.

(100) *Arariba* (*Centrolobium*, sp. var., et *Pinckneia*, sp. var.). Timber, the bark gives a red colour and I believe is used also in tanning.

(101) *Araroba*. (Koster).

(102) *Araticú* or *Araticum* / *Araticugoazu* / *Araticupe* (*Anona*, sp. var.). A small fruit-tree from *arara* and *tyk* juice ; of which there are several kinds.

(103) *Aricurana* (*Hieronymia alchornioïdes*, All.).

(104) *Atta* (*Anona muricata*, L.). The Brazilian pine, the fruit of which is eaten and bears the same name. The wood burns very readely, whence the name from *tata* fire.

(105) *Assacu* (*Hura crepitans*, L.). This tree affords one of the most deadly poisons, probably from *sacu* heat.

(106) *Anda* (*Johannesia princeps*, Vell.). A wild fruit.

Ba is sometimes from *aba*, the head or branches from a tree.

(107) *Bachoripari*. Vide *Baxoripari*.

(108) *Barabú*. Timber.

Baxoripan (*Platonia*, sp.). A fruit tree; the name seems to be half portuguese.

(109) *Batinga* (*Eugenia? Astronium.*). Timber-trees; there are two kinds, the white and red, *tinga* is white.

(110) *Biriba* (*Anona*, sp.). Probably from *berab*; *ba* from *aba*.

(111) *Bocaba* (*Œnocarpus*, sp. var.). A species of palm-tree.

(112) *Bocayuvas*. } Vide *Guacuri* (*Acrocomia sclerocarpa*,
Bocayuvas. } Mart.).

(113) *Brahuna* (*Melanoxylum braunia*, Schot.). Timber, from *una* black.

(114) *Brutiz* (*Mauritia vinifera*, Mart.). A kind of palm-tree. *Buriti* a kind of palm-tree.

(115) *Bycuhyba* (*Myristica*, sp. var.).

(116) *Buranhé* (*Lucuma glycyphloca*, Mart. et Endl.). Wood for cabinet work.

(117) *Cabiúna* (*Machaerium incorruptibile*, Fr. All.). A species of the oil trees, from *u* rank, unfit for eating.

Caborahy from *caabora* the oil bearing wood.

(118) *Cabureyba* (*Myrocarpus*, sp. var.). A tree yielding balsam from *caa yk* or *caa bu yg ba.*

(119) *Cacau* (*Theobroma cacáo*, L.). The tree from the fruit of which chocolate is procured ; the technical name Theobroma ; perhaps the Indian one is as wood *caa*, *coaú* the cider and wood of the forest.

(120) *Caia*, *Caja*, *Cajaty*. Fruit-tree. (*Spondias lutea*, Lin.). Fruit-bearing shrubs.

(121) *Calumby* (*Mimosa*, sp.). Appears to be the Mimosa.

(122) *Camará* (*Lantana*, *Verbena*, sp. var.). The friend ; also name of *Plants.*

(123) *Camasary*. The juice of camara.

(124) *Cangonha* (*Ilex*, sp. var.). The mattè of Paraguay or tea of Brazil probably from *caa* a leaf and *goana* to vomit. It is a plant.

Caragosana.

(125) *Caranday* (*Mauritia*, sp. var.). Timber, of which shingles are made.

(126) *Carapinima* (*Centrolobium Paraense*, Tul.).

(127) *Carapato* (*Ricinus communis*, L.). Palma Christi, castor-oil (Koster).

(128) *Carnahuba* (*Copernicia cerifera*, Mart.). A species of palm-tree, the cabbage of which is eaten ; the stem serves for food, the leaves produce wax (Koster).

(129) *Catuley* or *Catulez* (*Attalea*, sp. var.). A large species of palm-tree. *Catoleo* (Koster). Vide *Catuley.*

(130) *Cicopira* (*Bowdichia*, sp. var.). Timber.

(131) *Chiriuba* or *Xiriuba* (*Avicennia*, sp. var.).

Cibipyra. Vide *Cicopira.*

Cocoa. Vide a nota 27.

Coipuna a tree which yields a red dyeing ingredient (Koster).

(132) *Condurú*. Timber.

(133) *Copaigba* (*Copaifera*, sp. var.). From *ygba* water yields.

(134) *Cuité* or *Cuyté* (*Crescentia cujete*, L.). The Calabash; cups are made of the shell; the name is derived from *cuya* a cup.

(135) *Cumarú* (*Dipterix*, sp. var.). A tree yielding balsam or juice.

Cupahyba or *Cupahuba*. (Vide nota 41). A tree yielding gum or oil from *cuapa* wisdom and *yg* water.

(136) *Embiriba* (*Couratari*, sp.). Timber.

(137) *Enga* (*Inga*, sp. var.). A wild fruit tree.

(138) *Egitahy* (*Hymenaea*, sp. var.). From *egyta yg* the root which sometimes gives water.

Geremusa a species of mimmoso.

Getaigba. (Vide nota 138). From *gyta* and *ygba*, water bearer.

(139) *Ginja*. A fruit tree.

(140) *Goiava* or *Goyaba* (*Psidium guayava*, Rad.). A fruit tree very common.

(141) *Grapiapunha* (*Apuleia praecox*, Mart.).

(142) *Grapicik* (*Lucuma*, sp. ?). Wood for cabinet-makers, evidently a species of resinous tree, from *ycyk*.

(143) *Guabiraba* or *Guaibiraba* (*Eugenia*, *myrtus*, *Abbevillea*, *Campomanesia*, sp. var.). A fruit-tree, also timber.

(144) *Guacuman* (*Astrocarium tucumá*, Mart.), A kind of palm-tree.

Guacuri. (Vide a nota 20). A species of palm-tree.

(145) *Guanandirana*.

(146) *Guarabú* (*Peltogyne*, sp. var.). A wood for cabinet-work, food for birds.

Guarapiapunha. Vide *Grapiapunha.* (Vide nota 49).
Guaratimbó. Yielding poison, from *guara* and *timbo* the poison of birds.
(147) *Guraema.* Timber from *gura* and *eyma.*
Gurahuna. (Vide nota 56). From *una* black.
(148) *Guarauno* (*Melanoxilon brauni*, Schot.).
(149) *Guramarim* or *Gurumerim*, from *gura* and *merim.*
(150) *Guratan* (*Caesalpinea ferrea*, Mart.). Greater thicker from *antan.*
(151) *Guti* (*Soaresia nitida*, Fr. All.). Wild fruit.
(152) *Hoyticika* or *Ojetikcika* (*Moquilea tomentosa*, Benth.). From which gum is made from *oie tyk cyka.*
Huity (Vide a nota supra). Timber probably from *vu i tyk.*
(153) *Hybicuhyba* (*Myristica*, sp. var.). Vide fruit *Ibicuhyba.*
(154) *Iapinaba* a fruit tree.
Iaxuma a wild fruit.
(155) *Ibabiraba* (*Butoa triflora*, Berg.). A wild fruit, the tall vibrating tree.
(156) *Ibacamuzi.* A wild fruit, probably the tall *cambuca.*
(157) *Ibapurunga.* Wild fruit.
Ibarae. Wild fruit.
(158) *Ibaruba* (*Stenocalyx ligustrinus*, Bg.). Wild fruit.
(159) *Ibarába* (*Lecithys ovata*, Camb.). Wild fruit.
Igbanimixama a fruit-tree.

LIST OF TREES CONTINUED

(160) *Inhabiba* (*Caesalpinia bonducilla*, Roxb.).
(161) *Inhayhbatan* (*Caesalpinia ?*).
(162) *Ipe* or *aipe* (*Tecoma*, sp. var.). Timber, the *pau santo* of the Portuguese; two kinds: 'tis a large

tree and a small, lihe garlic, when the leaves are wet with dew ; one in my ground.

Iriarane probably only wax.

(163) *Issicariba* (*Protium*, sp. var.).

Itapicurú. Timber probably a species of iron-tree.

(164) *Jabotapitaba* (*Gomphia parviflora*, D. C.). A wild fruit-tree.

Jaboticaba (*Myrciaria jaboticaba*, Bg.). A fruit-tree very common and very singular.

(165) *Jacaranda* (*Machaerium*, sp. var.). The rose-wood, timber; there are several sorts.

(166) *Jacarandatan* (*Machaerium scleroxylon*, Fr. All.). The thick *jacaranda*, from *antan* thick ; this is a large timber-tree.

Jacaranduba (Koster). Vide a nota 165.

Jacua. Fruit-tree from *jacu*.

Jacuyba. The water yielding *jacua*.

(167) *Jamba* (*Jambosa vulgaris*, D. C.). Fruit-tree probably from *jami* gripes, and *ba*.

(168) *Jangada* (*Apeiba tibourbu*, Aubl.). From which the *catamatans* are made ; it is a very light wood.

(169) *Japorandiba* (*Arthantes*, sp. var.). Vide *Jaborandi* plants.

(170) *Jaracatia* (*Carica spinosa*, Willd.). A fruit tree wild one.

Jatahy. (Vide a nota 136).

Jatubá. (Vide a nota 136). The tree from which the gum *copab* exudes.

(172) *Jenipaba*, *Jemipapo* (*Genipa brasiliensis*, Mart.). A fruit-tree. Vide *Plants*.

Jequitiba (Vide a nota 171). Timber several sorts.

Jetahy or *Jetayba* (Vide a nota 136). Timber.

(172) *Jicatiba* or *Jacatiba* or *Jiquitiba* (*Couratari*, sp. var.).

(173) *Joa, Joaza* (*Solanum Balbisii*, Dun.). A wild fruit-tree.

(174) *Jukirana* or *Jukitana* (*Caesalpinia bonducella*, Rox.).

(175) *Jundiahyba* (*Platystoma spathula*). Vide rivers, vide fishes.

(176) *Marava* (*Bactris marajá*, Mart.). A sort of palm-tree, which produces *tucum*.

Macaiba (Vide a nota). A species of palm-tree, (Koster) the edible Palm.

Mandupussa. A fruit-tree. Vide rivers, vide plants.

Mangaba (*Hancornia speciosa*, Gom.). The mango-tree, from *mang aba*.

(176 bis) *Masaranduba* or *Mosaranduba* (*Mimusops*, sp. var.). Timber, the tree from which the *musama* was made.

Masaranza.

Matanza.

(177) *Massatuyhyba* (*Zollernia falcata*, Neis.).

Merapinima (Vide a nota). A cabinet wood.

(178) *Merendiba* or *Mirindiba* (*Terminalia*, sp. var.). Timber, probably the same as the above.

(179) *Miry* (*Bumelia sartorum*, Mart.). Vide what *mi* in construction is.

Muibaumiri wild fruit.

Mocetayba (*Zollernia falcata*, Neis.). Timber, the timber which prevents the getting of children.

Mocuhyba (Vide a nota). Timber, the giver of water mills.

(180) *Mocuje* (*Couma rigida*). Fruit, from *mocui* to grind. Vide *Plants*.

Moze. Timber, the tree which is torn down.

(181) *Mucory*. Timber, from *mucu* young.

(182) *Mundy guasu* medicinal.

(183) *Muney* (*Byrsonima*, sp. var.). Fruit-tree.

(184) *Mutamba* (*Guazuma ulmifolia*, L.). Medicinal (Koster).

(185) *Naga* or *Nayha* (*Maximiliana regia*, Mart.). The iron-wood, a species of palm-tree.

(186) *Oanandy*, *goanandy* (*Moronobea coccinea*, Aubl.).

Ohyticica or *Oyticyca* (Vide a nota 152). Timber, the gum yielding *oyty*.

Oyty. (Ibidem) Timber.

(187) *Omiry* (*Humiria balsamifera*, Aubl.). It yields balsam, from *oid miry* and *yh*.

(188) *Paroba* or *Peroba* (*Aspidosperma*, sp. var.) Timber, very soft, common and light.

(190) *Pequia* or *Pequihá* (*Aspidosperma*, sp. var. *Caryocar*, sp. var.). A fruit-tree, also timber.

Piqui (Koster).

(191) *Piassaba* (*Leopoldinia piassaba*, Wal.). Timber, from *piasa* a guard.

(192) *Pindahyba* (*Guatteria villosissima*, St. Hil.). The pine-tree, the rosin bearing pine.

(193) *Pitamba* (*Sapindus edulis*, L.). Vide *Pitomba*.

(194) *Pitanga* (*Stenocalix*, sp. var.). The myrthe.

Pooba. Probably canes.

(195) *Putumuyu* (*Lecythis*, var.). Timber.

(196) *Quiry* or *Quiri* (*Cordia frondosa*, Schot.).

Randuba.

(197) *Sapucay* (*Lycytis*, sp. var.). Timber. It produces also a pleasant fruit, something like an almond. The monkeys are very fond of it.

Sipipira (Vide nota 38). Probably from *sipo pyra*.

(198) *Sobro* (108). (*Quercus*).

Sucupira, *Sucupira acang*, *Sucupirasu*. (Vide nota 38). Probably a species of water snakes.

(199) *Sumauma* (*Eriodendrum samauma*, Mart.).

(200) *Tababuya*. A very light wood. Vide *Birds*.

(201) *Tamara* (*Phœnix dactylifera*, Linn.). A sort of palm-tree.

(202) *Tapapinhoa*, *Tapapinhuan* or *Tapinhuan*, *Tapinhoan* (*Silvia navalium*, F. All.). Timber, probably dark coloured and hard.

(203) *Taruman* (*Vitex*, sp. var.). Medicinal a sort of bush.

(204) *Tatagiba* (*Maclura xanthoxylon*, Endl.) Fustic, arm of fire.

(205) *Timbuhyba* (*Enterolobium timbouva*, Mart.). The wood which produces water from the nose or mouth.

(206) *Tinguacyba* (*Xanthoxylon spinosum*). White gum.

(207) *Tinguy* (*Tephrosia*, sp. var.). Used for inebriating fishes, a sort of bush.

(208) *Ticum*, *Ticun*, etc., etc., *Tucum*, Koster (*Astrocaryum vulgare*, Mart.). A sort of palm-tree. It grows in shady places.

(209) *Urucuriaba* (*Attalea excelsa*, Mart.). A fruit-tree yielding a red colour.
Urucuri A species of palm-tree.
Urusuca the tree of bees.

(210) *Vinihatico* (*Enterolobium*, sp. var.). Timber.

LIST OF PLANTS

(211) *Abacaxi* (*Ananassa sativa*, Lindl.). A sort of pine apple.

(212) *Abúta* or *Abutúa* (*Coculus*, sp. var.). Medicinal, probably from *vu* the drinkable.

(213) *Acroata* (*Bromelia*, sp. var.).

(214) *Aminga*, Arum Liniferum.

(215) *Andiroba*. A plant resembling the cucumber.

(216) *Arapabaca* (*Spigelia*). Medicinal.

Butua (Vide nota 212), Vide *Abutua*.

(217) *Banana* (*Musa*, sp. var.). The plantain.

(218) *Caa*. Used for the matte of Paraguay (South).

(219) *Caapeba* or *Capeba* (*Cissampelos Parreira*, L.). From *caa* a leaf medicinal, *peba* all.

(220) *Caataya* (*Polygonum anti-hemorrhoidale*, Mart.). Medicinal, from *caa* and *taya* a hog.

Caatia (Koster). Medicinal.

Coatimay. Medicinal.

(221) *Cahinanna* or *Cahinana* (*Chioccoca*, sp. var.).

Camara (Vide nota 122). Medicinal. Vide lakes, vide trees.

(222) *Carú*. The yam, probably any similar root which cuts white. Vide roots.

Caragoata (Vide nota 213). The *Aloe*.

Caraha. A kind of cane or *Bamboo*.

(223) *Caraoba* (*Jacaranda*, sp. var.). The clothed root, from *cara oba* cloath.

Caroa or *Caroatá* (Vide nota 212). (*Bromelia variegata*). A sort of thistle.

Caroba. Vide *Caraoba*.

Cayapia (*Dorstenia*, sp. var.). Medicinal. The remedy for the swelled testicles.

Cipo. The whole class of climbing plants; they are very numerous, some medicinal.

(225) *Coipuna*. The bark, is used to dye and preserve fishing nets.

Croatá (Vide nota 213). Vide *Acoroatá*.

Curuatá (Koster). (Vide nota 213). It produces

fibres, of which thread is made for cloth and fishing nets (*Bromelia sagenaria*).

(226) *Cuchiri.*

(227) *Curagirú* (*Bignonia chica*).

(228) *Curcuma.* Medicinal.

(229) *Cururu* (*Phytolacacea*). Medicinal, from *cururu* a toad.

(230) *Embira* probably dried twigs, from *em bira.* It is the wood whence *jangados* are made; the bark is made into ropes in common use.

(231) *Guacuma.* Vide trees.

(232) *Guaricanga* (*Geonoma*, sp.).

(233) *Guaxuma* (Koster).

(234) *Inimboya* (*Guilandina bonduc*, Linn.). From *inimbo* to spin.

(235) *Ipecacuanha* (*Cephaelis ipecacuanha*, L.). A well known medicinal plant from *aipe caa koene.*

Jaborandi (Vide nota 169). Vide *Japorandi* trees.

(236) *Jarrinha* (*Cristolochia*, sp. var.).

Jenipapo (Vide nota 172). Vide trees, also fruits.

Jesape. Medicinal.

(237) *Jetica* (*Convolvulus*, sp.). Medicinal.

(238) *Jumpeba* or *Jumbeba* (Koster). (*Solanum paniculatum*, L.). Medicinal.

Mamaon (*Carica papaya*). The mammoe or Indian apple.

(239) *Mandubi* or *Mindubi* (*Arachis hypogaea*, Linn.). A small plant which produces its seed under ground, they are pleasant eating and yield a fine oil. Vide roots.

(240) *Manisoba* used in catching birds.

Maracuja or *Maracaya* (*Passiflora*, sp. var.). The passion flower and its fruit, from *maraca* the

household God, which was made from the shell of this fruit.

Marangaba a species of gown (or *gowan?*)

Mocuje (Vide nota 180). Vide trees, from *mocui* to grind.

Nhambi. Vide *birds.*

(241) *Papuan* or *Pappuan* (*Panicum*, sp.).

(242) *Pechunin*, *Pichurim*, *Puchurim*, *Pixuri*, Koster (*Nectandra puchiry*, Nees. et Mart.). A species of tree.

Perurúca.

Pitomba (Vide nota 193).

Puchuri. Vide *Pechurim.* (Vide nota 242).

(243) *Sapé* (*Anatherum bicorne*, Willd.). A kind of coarse grass or flug with which huts are covered from *sapee*, taken from the appearance of the country when the herb takes fire.

(244) *Sipo*, L. *Cipo*, Koster, *Cipocurini*, Koster (*Anisolobus cururu*, Muell.).

Surucucú, probably from *sururú.* Vide reptiles.

(245) *Taboca* (*Arundo*, sp.). A sort of cane.

(246) *Tajoba* (*Colocasia antiquorum*, Schott.). From *tai* and *oba*, the garment of fire, or *Taju oba.* Lizard skin.

Tatagiba, *Tatajuba* (Koster). (Vide nota 204). Fustic.

(247) *Tayuya* (*Wilbrandia*, sp. var.). A running plant, literally food of hogs, from *taya.*

Theú. A small kind of *sippo* very common, an excellent counter-poison; it signifies — let him eat.

Thiguy (Vide nota 207). A species of *sippo.*

(248) *Timbo* or *Tingui* (*Paullinia pinnata*, Linn.). A poisonous species of *sippo*, used also for fishing.

Timbo putyana. Probably the flowering *sipo.*

Timicury. Another species of *sipo*.

(249) *Ubusu* (*Manicaria saccifera*, Mart.). The great food, from *ú*.

Uruca. The red plant, from *urú*.

(250) *Urucatu*. The good red plant from *uru* and *catu*.

(251) *Urucu* (*Bixa orellana*, Linn.). The great red plant from *uru* and *zu*.

LIST OF FRUITS.

(252) *Abiu* (*Lucuma caimito*, D. C.). From *abi* and *u* the food of thims.

(253) *Ajuru* (*Chrysobalanea ?*) The parrot-fruit.

(254) *Anana* (*Bromelia ananas*, L.). The pine apple.

Aracasa (Vide nota 98). Probably the same with *arasa*.

Arassanhuna. The black *arasa*.

Araticum (Vide nota 102). Vide trees, vide *ticum*.

(255) *Assiahy* (*Euterpe edulis*, Mart.).

Bacába (*Œnocarpus baccaba*, Mart.). Vide nota 111.

Canjuiva, L.

(256) *Cambucú* or *Cambucá* (*Myrciaria cambucá*, Cap.). A sort of plum of the wood, it colour is yellow, very acid.

(257) *Cambuim* (*Myrthus*, sp. var.).

(258) *Cotiririba* (*Lucuma*, sp.).

(259) *Cupuassu* (*Deltonea lutea*).

Coyty (Vide nota 152).

(260) *Grunixama* (*Stenocalyx brasiliensis*, Berg.). The cherry of Brazil.

Gaiava (Vide nota 140). Probably the same with *goiava*. Vide trees.

Ibicuiba (Vide nota 115). Vide trees, *hybicuhyba*.

Imbagay.

Imaja (Vide nota 185).

Ingá (Vide nota 137).

Imbuz (Vide nota 95). A yellow fruit about the size of a small egg, of excellent taste.

Jaboticaba or *Jabuticaba.* This fruit grows out of the trunk and large branches of the tree, proceeding from the bark and not from among the leaves; several trees produces their fruit thus.

(261) *Jaca* (*Artocarpus integrifolia,* Linn.). The jack.

Janipabo (Vide nota 172). This fruit resembles in shape the pomegranate, probably from *papao*; there are several of this kind in the public gardens.

(262) *Japicay* a sort of leaf.

Jagua.

Jatahy. Vide trees (Vide nota 136).

(263) *Japurá.*

Mangaba (Vide a nota). A small round fruit, which grows on a sandy soil; is very refreshing though fibrous; its stone resembles in taste the almond (Koster).

Nhandepapo (Vide nota 172).

(264) *Pacóba* (*Musa,* sp. var.).

Piquia (Vide nota 190).

Pitoma (Vide nota 193).

(265) *Sipota* (*Sapota achiras,* Mill.).

(266) *Urucu.* Probably the pomegranate.

(267) *Uvacupary* (*Gardena suaveolens,* Vell.).

LIST OF ROOTS.

In the class of trees which are of considerable size the trunks appear swelled, they are smaller near the root and near the head than in the middle. Some of the Bombax class are of the same shape.

Aipy. A class of roots, of which there are several kinds, viz.

— *guasu*, the great *aipy.*

— *arende.*

— *caba*, the fat *aipy.*

— *goapamba.*

— *jaborandi.*

— *orumu,* the swelling.

— *iurumumiri*, little swelling *aipy.*

— *iurucuya*, swelling of the hips.

— *maxaxera*, bad smelling. Portuguese.

— *maniacaui*, the wine of which kills.

— *pitanga,* the myrtlee or rede *aipy.*

— *poca*, the cracking *aipy.*

— *tayapoya*, probably that which makes hogs sick.

Aipiytiriba, a mandiog, the edible *aipy.*

Batata.

Cará (Vide nota 222). The yam, probably also the potatoe or any root of a similar kind. Vide *Plants.*

(268) *Inheme.* The stinking root, from *mano* and *yk.*

Mandiy. The cassava root. There are several kinds viz. The termination *iy* or *ij* denotes the root of a plant and *ba* the plant itself.

— *buzu,* the great *mandiy.*

Mandiy bimana, the deadly *mandiy*; the root which kills, from *mano*.

— *bibiyana*, leg maker; the root stands as such in the ground.

— *biyruazu*. D° great.

Mandioca. The *mandiy* ground to flour.

Mandubi (Vide nota 239). A kind of earth nuts. Vide *Plants*.

(269) *Mangara*. Ginger.

Manipeba a sort of *mandioca*.

(270) *Poya* or *Poaya*. The *ipecacuanha* root, from *voi* slender.

LIST OF FISHES.

(271) *Acará*. Probably the white fish or the Don João. Vide *Rivers*.

Camurin, *Camurupin*. Probably Portuguese, from *camaroem* shrimps.

Carapeba. Fish of salt water. (Vide nota 271).

(272) *Crumatan* (*Anodus Amazonum*). From *curu* and *antan* thick.

Gorujuba. It is a poisonous fish from *goara u juba*.

Jaca, Jahu. The seasons fish.

(273) *India* (*Platystoma spatula*). Query if this is the crab.

(274) *Manahy* (*Manatus americanus*, Desm.). From *mano* to die, and *hy* water.

(275) *Mandoris* (*Pimelodus maculatus*).

(276) *Martinchans*.

Miragaya.

(277) *Pacu* (*Prochilodus*, sp.). Fresh water, from *pac* to awake, and *u*.

(278) *Paraque (Gymnotus electricus).* The eletric eel.
Paratinga. The white fish, from *pyra* and *tinga.*
(289) *Perahyba (Bagrus recticulatus,* Kner.). The water yielding fis, from *pyra hy ba.*
Piabanha. Fish of fresh water.
Piampara.
(280) *Pihau.*
Piquira. Fish of fresh water.
Piracambucú from *pyra* and *cambucu.*
(281) *Piracanjuva.*
Pirapemba.
Piraputanga probably *pyra pitanga.*
Piraquaxiava.
(282) *Robalo.*
(283) *Saupe.*
(284) *Sorubin* or *Surubi n* (*Pimelodus tigrinus*).
(285) *Tainha, Talinha,* Southey, *Taynha.* (*Mugil cephalus*). A sort of mullet.
(286) *Trahiras* (*Er ythrinus,* sp.).

LIST OF REPTILES.

(287) *Boya* or *Giboia* (*Boa const rictor*). The Boa con strictor.
(288) *Caninana* (*Trigono-cephalus flavescens*). A black and yellow snake from *cainia* teeth, *sipo* a thin, long snake.
Jacaré (Vide nota 20). The alligator, or any large lizard from *jaca* to season.
(289) *Jararáca* (*Trigonocephalus Neuwied*). A dangerous snake, generally black or dark coloured, from *yara* master.

(290) *Jararacuzú* (*Trigonocephalus atrox*). A greenish black snake, the great *jararaca*.

Sucuriuba or *Sucuryu*. A very large water snake. (*Boa anacondo*). (Vide nota 287).

(291) *Surucucú* (*Trigonocephalus lanceolatus*). A spring of a snake. Vide *Plants*.

LIST OF INSECTS.

(292) *Caranja* or *Caranguea*, probably from *caranha* to scratch.

(293) *Carapata* (*Ixodes*, sp.). A small insect of the tick kind.

(294) *Caruára*. A species of bee.

Cigarra. A species of fly between the beetle and grasshopper; the name is taken from its note, which is a long continued sound. They are very common, and in dry weather very noisy.

Chica, Giga, Chigua, Koster *(Pulex penetrans)*. A small insect which bites the feet, and breeds under the skin, and produces sores.

(295) *Copim*, Koster (*Termes flavicollum et lucifugum*) *Kupin* is the whole order of ants, now it is generally confined to the white ant.

(296) *Getahy*. A species of bee, which produces very liquid honey. Vide *Gitahy*.

(296 *a*) *Inxú*. A species of wasp or hornet.

Inxuy. The little *inxú*.

Mandassaya A black bee.

Matúca. A fly with a dark round spot in each wing, it bites most tremendously, and is very troublesome in marshy places.

(297) *Meruim* or *Maroim*, Koster. A small black fly.

(298) *Moribonda*, Koster, *Moruinbonda*. *Murimbonda*, Southey. The wasp ; there are various classes.

Morisoca. The mosquito.

Mombucá. A species of bee.

Murazoca. A sort of fly, probably from *soca* to prick.

Saranhô. A kind of bee, which slings.

Tatahyra. A bee which slings, from *tata* and *yhra*, the honey of fire.

Teuba. A species of bee.

Tubim. Another species of bee.

(299) *Tunga* (*Pulex penetrans*). The *chica* or *chiga*.

Urusu. The most common bee of Brazil. It is a large black one, with a red belly. L.

ADVERTENCIA

Estava já no prelo o trabalho do Sr. Luccok quando tive a honra de ser convidado para annotar, pelo lado das sciencias naturaes, as differentes listas de nomes indigenas que elle traz, pelo que me vi obrigado, ao correr da penna e quasi de memoria, a fazer pequenas annotações, que vão pouco desenvolvidas, não só porque o espaço escasseia, como tambem porque em uma simples nota não se permitte dar largas ao pensamento e ao que o assumpto requer.

Nos animaes, nas plantas e na parte geographica, não só dei os nomes scientificos que nemhum só possuia, como firmei a localidade dos rios, serras, villas e aldeias, completando a série de nomes que havião sem um só esclarecimento; tudo quanto pôde dar o meu pouco saber, quer em botanica e zoologia, quer em geographia patria, o dei. Se tempo tivesse, e o quadro do trabalho do viajante inglez o permittisse, poderia desenvolver melhor as notas e ordenar o desalinho em que vão ellas escriptas. Tanto quanto a minha observação entre os tapuyos e o estudo linguistico que entre elles fiz o consentio, dei a interpretação de alguns nomes indigenas, mas pouco cabedal disso fiz, porque o meu companheiro nesse trabalho, o sabio americanista Dr. Baptista Caetano, disso está encarregado, e elle ás minhas obscuras notas ajuntará as suas doutas observações linguisticas.

As minhas notas, filhas da observação propria, vão numeradas, e reunidas todas em uma só ordem alphabetica, servindo a numeração só para facilitar a procura da nota a que se refere o nome procurado alphabeticamente.

As minhas explicações á parte geographica vão intercaladas no texto em typo differente, para serem conhecidas.

J. Barbosa Rodrigues.

LISTA DE ARVORES, ANIMAES, ETC.

Abacate. (93)— (Persea gratissima, Gaertner.) Fam. Laurineas. Planta exotica acclimada no Brazil. Dá uma grande arvore cujos fructos são grandes, pyriformes, cujo expicarpo é parenchymatoso, fino, luzente e o mezocarpo de uma massa pulposa dôce. Come-se esta simples ou misturada com limão ou vinho e assucar. O albumen é empregado contra dysenterias e de infusão em vinho branco toma-se como aphrodisiaco.

Ha uma variedade no Pará, denominada *Abacate de Cayenna,* (var. oblonga, Meissn.), cujo epicarpo é roxo e a massa em vez de ser esverdeada é côr de gemma de ovo. A sua fórma é oblonga.

Abacaxi uaçachy. (211)— (Ananassa sativa Lindl.) Fam. das Bromeliaceas. É uma variedade do ananaz, que cresce nas provincias do norte, principalmente em Pernambuco onde são mais saborosos, que se differença do commum pela falta de corôa e tornando-se por isso mais alongado ou coniforme. Em tamanho e em doçura não excede comtudo aos ananazes de Santarem e principalmente aos de Obidos, no Pará. Ha ahi duas especies, uma de folhas lisas e outra de folhas espinhosas.

Abiu. (252)— (Lucuma caimito D. C.) Bonita arvore do Amazonas, da familia das Sapotaceas, que cresce nos logares humidos. Conheço duas variedades, que se distinguem pelo tamanho e fórma dos fructos, que, quando bem maduros são saborosos, principalmente os pequenos que fórma uma das variedades. A epiderme é amarella, assetinada.

Abúta, abutua, butua, Parreira brava, Orelha de Onça. (212)— Com este nome crescem em diversas provincias varias plantas todas da familia das *Menispermiaceas* como o *Cocculus filipendula* Mart. *Abuta rufescens* Aubl., *Botryopsis platyphylla* Miers. empregadas como sudoriferas, e anti-asthmaticas. Além destes Cocculus ha alguns *cissampelos* como o *ovalifolia* D. C. o *ebracteata* St. Hitl. mais conhecidas pelo ultimo nome vulgar.

As propriedades acima e as que têm tambem como emmenagogas e diureticas, são conhecidas na Europa desde 1688.

Acaju, acajuyba, vulgarmente *cajú, cujueiro.* (34) É o *anacardium occidentale* L.; Fam. *Anacardiaceas.*—Arvore dos terrenos silicosos principalmente das restingas. Ha tres variedades, distinctas pela côr e tamanho, o *cajú banana*, o *cajú piranga* ou *vermelho* e o *cajú assú*, o cajú banana é comprido e amarello, o piranga, vermelho, e o assú tambem vermelho, mas tendo o dobro do tamanho dos outros. É da provincia do Pará.

O fructo, isto é, que vulgarmente se chama *castanha*, tem um oleo caustico e a amendoa que se come assada ou coberta de assucar, tem, segundo algumas versões, propriedades aphrodisiacas.

O pedunculo que desenvolve e torna-se carnudo, a que o vulgo chama fructo, tem um succo aquoso refrigerante e anti-syphilitico, do qual preparam limonadas, vinho e vinagre.

Esse mesmo pedunculo antes de amadurecer, é conhecido no norte pelo nome de *maturi*, e empregado em guizados.

A casca produz gomma, conhecida por *acajucica* e empregada como a gomma arabica. Os pescadores passam as suas linhas de pescar pela casca, para untal-as com a gomma que as fortalece e lhes dá maior duração. A mesma casca contém muito tannino, assim como os fructos.

Mais tres especies existem: o *cajú-assú*, o *cajú-y* e o *cajú do campo.*

O cajú-assú (Anacardium giganteum, Hance) tem os fructos vermelhos, menores do que as castanhas, e muito doces. Cresce nas florestas, em logares elevados e fórma uma arvore gigante, que logo após os fructos cobre-se de folhas novas de uma bella côr de rosa, o que a distingue de todas as outras arvores. É dos rios Negro e Urubú.

O *cajú-y* (A pumilum St. Hil.) tem duas variedades. Em ambas os fructos são pequenos, porém uma, a de Minas, os fructos são vermelhos e doces, e outra, a do Pará, os fructos se bem que vermelhos, são avermelhados dentro e muito azedos, só servem para cajuadas, que ficam côr de grosseille, porque o succo não é côr de leite como o das outras especies e variedades.

O *cajú do campo* (A. humile, St. Hil.), que cresce nos campos de Minas, tem os fructos vermelhos, porém em geral são rançosos.

É preciso não confundir o nome indigena *acajú*, adulterado em

cajú com o mesmo nome *cajú*, dado na Malasia ás arvores em geral, assim como não confundi-lo com o *acajou* francez, dado a especies de familias differentes como á *Cedrela odorata* L., á *Swietenia mahogoni*, L., e á *Curatella Americana*, L. que pertencem á familias das Meliaceas e Dilleniaceas e não á das Anacardiaceas.

Acará. (271)—Peixes de rio, quasi todos do genero *mezonauta*. Conhecem-se no Amazonas as seguintes especies: *Acará-assú*, tem um circulo vermelho na raiz da cauda; *A. tinga*, tem os olhos pretos orlados de ouro, com o corpo prateado pintado de amarello dourado; *A. mereré* é chato, prateado com duas linhas pretas verticaes; *A. bandeira* (mezonauta insignis) é prateado azulado, com uma linha preta quasi horizontal; *A. bararuá* tem os olhos pretos orlados de amarello e encarnado e o corpo bronzeado com uma linha preta horizontal no meio. Além destes, ha outras especies como o *A. pocu*, o *A. una*, o *A. cascudo*, o *A. pebu*, etc., todos muito carnudos, saborosos e saudaveis. O maior é o *A. bandeira* que attinge palmo e meio de comprimento, e o mais saboroso o *Bararuá*. Vivem nas aguas pouco correntes e alguns procuram o lodo.

Acroata, croatá, curauatá, gravatá, caroá, caroatá, curauá, curuá, cruá. (213) São estes os nomes com que vulgarmente denominam todas as *bromeliaceas*; entretanto em algumas provincias alguns desses nomes são empregados tambem a plantas muito diversas. Em geral no Rio de Janeiro chamam gravatá a uma Amaryllidacea a *Agave Americana* L., conhecida tambem pelo nome portuguez de *piteira* por dar a haste floral excellente *pita*, que se emprega não só para guardar fogo, como para espetar insectos. As folhas dão muita fibra, porém de pouca duração.

O *coroá* de Pernambuco, de que extrahem fibras, é a *Bromelia variegata* Arr. Cam., o *craoatá*, a *Br. lagenaria* Arr. Cam. e o *curauá* do Pará é uma especie cuja classificação não achei, não sendo ella a *B. sagenaria* porque se afasta nas folhas que não são armadas de espinhos.

Como é uma planta que geralmente della todos aproveitam o seu producto, mais ou menos é cultivada pelos sitios e pelos indios. Tem a aparencia do ananaz (Ananassa sativa), porém suas folhas são mais longas e não ornadas de dentes ou espinhos foliarios. Das folhas tiram-se fibras tão delicadas e tão fortes, que se empregam

não só nos misteres mais delicados, como nos que precisam offerecer grande resistencia.

Com essas fibras fabricam os indios redes finissimas, e maqueiras, que chegam a alto preço, assim como fazem-se cordas para redes, que são as mais procuradas pela sua resistencia e duração, que é ainda maior sendo tintas com a tinta do muruchi. Póde uma corda durar quatro annos.

A maneira por que extrahem as fibras é simples. Amarram as folhas uma por uma, pela parte inferior, a uma travessa horizontal, depois passam pela folha um laço de corda da mesma fibra junto á travessa, e apertando, puxam-o pela mesma abaixo, fazendo assim com que saia toda a parte parenchimatosa e fique sómente o tecido fibroso, que depois é lavado e secco ao sol, ficando assim longas linhas alvas e finissimas. Extrahem tambem as fibras passando do lado que está presa a outro, dous pedaços do pecciolo da folha da palmeira inajá (maximiliana regia) que servem de fieira.

O *curuá* no Pará são palmeiras do genero *Attalea* e *Orbignya* e o *cruá* é uma *Cucurbitacea*, a *Sicana odorifera* Naud., cujo fructo é grande, oblongo, aromatico, com a casca semi-cornea, contendo dentro uma massa amarella muito cheirosa, doce e enjoativa. Ha duas variedades, uma de casca vermelha luzente e outra preta. As sementes amarellas são emmenagogas.

O fructo dos curauatás ou gravatás não se comem.

Ahyrara, (antes *yrauara*) *irára*, *hyrara*, *yrara*, (1) taes são as diversas maneiras de pronunciar e escrever dos diversos naturalistas que têm tratado d'este carniceiro, pertencente ao genero *Gallictis*, Bell.

Ha duas especies, a *Yrauara cinzenta* (G. vittata, Bell. ou Gulo vittato, Desm.) e a *pixuna* ou *preta*. (G. barbara, Bell.)

Sendo um animal carniceiro e que grandes estragos faz á criação domestica, comtudo é avido de mel donde lhe veio o nome indigena de Yrauara, de *yra* mel e *uara* senhor, corrompido em *yrara* ou *Irara* e traduzido pelo de *papamel* pelo que tambem é conhecido.

A dentadura d'este animal compõe-se de $\frac{6}{6}\,\frac{2}{2}\,\frac{8}{8}$ os dois primeiros mollares da maxilla superior são falsos e o ultimo é o carniceiro. A sua roupagem consta de duas especies de pellos, uns lanosos cinzentos, e outros cerdosos, maiores, e annelados de branco. A cabeça e o

pescoço são cinzento escuro e os lados do mesmo cinzento. Da parte inferior do queixo parte uma mancha branca, que vem aos hombros. O resto do corpo é preto. Chega a ter de comprimento 0,m35. Podendo-se domesticar, nunca, embora mansas, perdem o instincto sanguinario que têm, pois qualquer gallinha ou outro pequeno animal que lhe passe ao alcance é victima de seus dentes.

Andam geralmente pelos logares alagadiços e onde crescem cyperaceas. A *Irara preta* (G. barbara de Bell.), é o *furão grande* de Azara. Tem os mesmos habitos e differe da primeira não só no tamanho, que chega a ter 40 centimetros de comprimento, e na côr que é preta, tendo a mesma mancha na garganta, porém, não tão grande.

Em alguns logares dão tambem o nome de *yrara*, ao *Felis yaguarundi*, mais conhecido por *Gato mourisco*.

Aig, *ay*, *ai*, *unaú* (2) denominações dadas por diversos naturalistas, segundo a maneira de ouvir de cada um, á *preguiça*, como vulgarmente são conhecidas as especies de tardigrados pertencentes ao genero *Bradipus* de Cuvier, habitantes de quasi todo o Brazil.

O nome *ayg* é uma onomatopeia á especie de assovio que solta o animal parecendo pronuncia-lo moderadamente *a*.... *y*..... *g*... As especies que conheço são as seguintes :

Unau, como chamam no Pará á *preguiça-real*, (Bradipus tridactylus, L.), é a maior, chegando a ter 0,m8 de comprimento. Tem a cabeça arredondada, approximando-se ás feições do macaco. Os membros alongados, com as mãos munidas de dous dedos unidos armados de longas unhas curvas e aguçadas e os pés de tres igualmente armados de unhas. O seu systema dentario compõe-se só de molares, tendo $\frac{0}{0} \frac{0}{0} \frac{10}{8}$ sendo os dous primeiros de cada maxilla um pouco maiores, que alguns consideram como caninos. Os dentes são cylindricos, uma só raiz, sem corôa distincta, quando novos agudos gastando-se depois de ficarem como que truncados e ôcos. As femeas têm as mamas no peito.

Uma particularidade que n'ella se nota, como em todo o genero, que a distingue de todos os mamiferos d'esta ordem é o numero de vertebras dorsaes e pares de costellas, que é o de vinte e quatro.

A côr é pardacenta grizalha, com os pellos longos e seccos, sendo os da cabeça e nuca maiores e mais escuros. Os da anca dirigem-se

em sentido inverso, isto é, de baixo para cima. As plantas dos membros são semicallosa e sem pellos.

Depois da preguiça-real a mais vulgar é a preguiça *Ay-ay* ou de *bemtinho ;* (B. didactylus de Linneo). Esta é muito menos cinzenta, tendo nas costas entre os braços uma malha de pellos curtos e lustrosos alaranjada rodeada de preto, o que valeu-lhe o nome que tem.

E semelhante á primeira, tem, porém, a cabeça mais arredondada, a face ás vezes amarellenta, e um rudimento de cauda.

Esta especie afasta-se dos outros mamiferos pela particularidade de ter mais duas vertebras cervicaes, isto é, tem nove em vez de sete.

Uma outra especie ainda menor se encontra, é a B. *torquatus* de Illiger, Pr. *collaris* de Desmarest, ou *Achocus torquatus*, do Principe de Neuwied. E tambem cinzenta, tendo em roda do pescoço, pela parte superior uma especie de meia colleira de pellos compridos e pretos, d'onde lhe veio o nome de *preguiça de colleira.*

Todas estas especies têm os mesmos usos e costumes. A lentidão de seus movimentos fez com que fôsse vulgarmente appellidada *preguiça.* Faz quasi que exclusivamente o seu alimento dos grêlos da embauva (Cecropia), pelo que abundam ellas pelas margens dos rios, encontrando-se todavia nos mattos centraes e rarissimas vezes nas arvores dos campos.

Pouco andam no solo, passam geralmente de galho em galho de uma para outra arvore.

Quando junto a em que está não ha outra arvore, desce para procurar alimento em outra. Como sabe nadar perfeita e ligeiramente, sempre anda pelas margens dos rios, que atravessam. Seus movimentos muito lentos, principalmente durante o dia, que passam quasi que dormindo abraçadas aos troncos, tornam-se rapidos quando nadam ou quando enraivecidas.

Subia eu um furo que costeava a ilha das Onças, na provincia do Pará, quando deparei com um casal de preguiças de bentinho, que estava em uma alta *seringueira.* Mandei trepar um pequeno tapuyo que me a companhavae que atirasse uma n'agua. Chegando ao galho em que estavam agarradas, com custo tirou uma que lançou ao rio perto da canôa. Como choque foi ao fundo, porém momentos depois boiou e nadou rapidamente para a outra margem. Vendo que a perdia mandei remar com força. A canôa partiu ligeiramente, mas apezar da força

de oito braços marinheiros, não a pude alcançar. Chegando ella a um pé de aninga (Montrichardia) segurou-se a elle e começou então a subir,porém,tão lentamente que não parecia o mesmo animal que com tanta facilidade cortára a corrente minutos antes.

Para experiencia mandei lançar a segunda e vi que com a mesma rapidez nadou.

Outra vez herborizando eu na ilha do Espirito-Santo fronteira á Villa-Bella, na provincia do Amazonas, encontrei uma preguiça real, trepada em uma embaubeira.

Tendo-lhe dado cinco tiros e não cahindo, mandei um tapuyo velho meu guia, que trepasse e a arrancasse do tronco onde a julgava morta e segura pelas unhas.

Ahi chegando encontrou-a o tapuyo viva e tão feroz que apenas o viu começou a soprar, assoviando, e a procurar com um braço agarra-lo. Era tão rapido o movimento do braço, que me admirou; lançada ao chão e conduzida á minha canôa reparei que estava bastante ferida na anca; apezar, porém,disso subiu ao mastro e dahi com o braço aberto procurava agarrar quem por ella passasse. Estava gravida esta preguiça no dia seguinte deu á luz a um fecto, envolto em uma pellicula, que a mãi abandonou, morrendo pouco tempo depois.

Criam os filhos agarrados na barriga, como diversas vezes vi.

Quando agarram uma preza difficilmente largam, sendo quasi sempre preciso mata-las para livrar-se das suas unhas.

Ajuru, *guajuru*, *vajuru*, *gajeru*, *guajuri*. (253)— É uma *Rosacea* o *Chryso balanus icaco*, L. , arbustro pequeno dos logares silicosos. Seu fructo um pouco adstringente não é procurado. *Ajuru* é o nome indigena tambem do papagaio.

Anana, *nanâ*, *ananaz*. (251)— Bem cultivada é a fruta mais saborosa do Brazil. O succo é diuretico e emmenagogo. Cresce bem nos logares silicosos.

Assiahy, *assahy*. (255)— (Euterpe edulis, Mart.) Fam. das palmeiras. Cresce esta util e elegante palmeira á margem dos rios e em logares muito humidos, da provincia do Pará, formando grandes soqueiras, mas nunca attingindo á altura da sua congenere do sul, a *yussara* ou *palmito* (Euterpe oleracea Mart.) Dos seus fructos fazem os naturaes uma saborosa e nutriente bebida, chamada *vinho de assahy*, feita do epicarpo e mezocarpo desfeitos em agua morna que toma uma côr arroxeada. É a bebida mais vulgar no Pará, e

o sustento da pobreza. Bebe-se puro, com assucar ou farinha d'agua.

Ambu, *umbu* ou *imbu*. (96) — Com este nome conhece-se no Norte uma Anacardiacea, dos sertões, arvore cujo fructo tem o epicarpo amarello quando maduro e o mezocarpo composto de uma massa semi-esverdeada e aquosa. Com diversos nomes figura ella na sciencia, como *spondias tuberosa* (?) (porque as raizes são tuberosas), como *spondias venulosa* de Arruda, e como *spondias purpurea* de Lineo. O professor Engler liga o nome vulgar á *spondias purpurea*, na sua monographia das Anacardiaceas, mas o verdadeiro *imbu* pertence á sua variedade *venulosa*, dado por Arruda Camara, e não por Martius.

O fructo é acido-doce, e prepara-se com elle a *imbuzada*, que é o seu succo misturado com assucar e leite, usado no Norte nas sobremesas. As raizes tuberosas são aproveitadas pelos sertanejos em tempo de carestia, e são refrigerantes.

A confusão especifica que reina é devida a varias especies que tem o mesmo nome.

Anda, *andá*, ou *andá uassú*. (106) (Johannesia Princeps, Vell.) Fam. das Euphorbiaceas. No Rio de Janeiro e S. Paulo dão-lhe tambem o nome de *Purga de gentio*, e em Minas os de *Coco de purga*, *Purga dos Paulistas* e *fruta de arara*.

É uma arvore alta, copada e cultivada. As sementes são muito purgativas e perigosas, pelo que são muito pouco empregadas.

Andiroba, *andirova*, *nandiroba*, antes *nandyroba*. (215) (Fam. das meliaceas).

Das vargens humidas do Amazonas é a arvore de que mais proveito tiram os indigenas, aproveitando os seus fructos. Ha pés que attingem 80 pés de altura, cujo lenho é empregado para mastros de embarcações. Por um processo rustico ainda, extrahem os naturaes, das sementes dos fructos um oleo que é hoje objecto de commercio, muito procurado e preferido a outro qualquer para illuminação, por ter a propriedade de ser muito amargoso, e não ser por isso perseguido pelos insectos.

O seu nome vulgar, pela lingua geral exprime essa propriedade. *Andiroba* é uma corruptela de *nandy*, oleo, e *yroba* muito amargo. Aproveitando-se disso, algumas tribus de indios usam-o para com elle cobrirem o corpo, simples ou misturado com urucu, afim de

preserva-los das ferroadas dos insectos e mosquitos. E um bom preservativo da ferrugem, porque dado sobre qualquer objecto de ferro, torna-se duro e fórma uma camada que se conserva por muito tempo e impede a influencia do ar. Além do consumo que tem na provincia, é tambem exportado para Europa, onde em Marselha com elle se fabríca sabão.

Nas cascas que passam por febrifugas e anthelminticas, encontraram Petron e Robinet um principio immediato alcalino *carapina*, que é o amargo, uma materia vermelha insoluvel (vermelho chinchonico), materia vermelha soluvel, e gordurosa verde, um sal calcareo, e acido kinico. Contém, além disso, segundo Cadet, muita estearina, acido oleico, oleina e magnesia. O Dr. Martius é de opinião que a carapina é toxica.

A medicina emprega o oleo em feridas, principalmente as produzidas pelos piuns e borrachudos, e mucuins. Para evitar que as moscas toquem nas feridas dos animaes, leva vantagem ao azeite de peixe.

Para dar nos canos das espingardas é excellente, porque, depois de secco, fica como verniz e impede a ferrugem. Os fructos, apezar de amargos servem de alimento aos porcos.

Angico (96)—(Piptadenia colubrina, Benth). Fam. das Leguminosas.

Uma das mais bellas arvores das nossas florestas, cuja madeira é empregada em construcções civis, quer exposta ao ar, quer á sombra. A casca, que é muito adstringente, é empregada não só para curtir couro, como tambem para banhos de ulceras, etc.

Della exhuda uma gomma que é excessivamente peitoral e empregada com muita vantagem nas tosses.

Anhehyba antes *Anuyba*, arvore de anus (97)—(*Nectandra* sp. var.) Fam. das Laurineas.

Com este nome são conhecidas, algumas *Canellas*, que dão madeira de construcção e principalmente excellente taboado.

Anhuma, *anhima*, *inhuma*, *kamichi* ou *cauintahu*. (42)—Este ultimo nome é onomatopaico, imita o seu canto. É um macrodactylo maior do que um perú, que anda aos casaes nos aningaes do Amazonas. A sua pelle é cheia de ar. A carne não se come. Aninha-se nos mesmos aningaes, e é de facil domesticação. Alimenta-se de peixes, insectos e camarões.

A crença indigena quer que quando esta ave está a beber agua

em um lago, emquanto ella não sacia a sêde nenhuma outra atreve-se a beber no mesmo logar. A superstição dá muitas virtudes á crista cornea que tem, entre ellas a de preservar do estupor quem a traz comsigo.

Anhu-póca, (41)—com este nome é conhecida tambem uma *palamedea*.

Aninga. (214)— (Montri chardia arborescens, Schot.) Fam. das *Aroideas*. Cresce por toda a margem do Amazonas e pelos lagos esta especie, formando os *aningaes*, isto é, logares impenetraveis, tal é a quantidade de individuos que crescem juntos. O fructo assemelha-se ao de um ananaz pequeno, com corôa, porém acre e caustico. As cinzas d'esta planta são applicadas contra as ferroadas das arraias.

Ha outra especie a *aninga apara*, que tem o mesmo facies, mas é pequena, emquanto que da aninga vi pés de quatro metros de altura. O caule posto na agua a apodrecer e depois por maceração, dá muita fibra forte e duravel.

A substancia acre que contém o mesmo caule ataca a oxidação de alguns metaes, pelo que é empregada para limpa-los. Com pedaços do caule amarrados em cordas, caçam os indios os jacarés quando esfomeados, por que atiram-se a essa isca e ficam com ella presa nos dentes, e por ella são puxados para terra.

Anu, *anum*, ou *ani*. (43)—Com este nome conhecem-se tres especies duas do mesmo genero e outra de outro. São o *anu* propriamente dito, (*Crothophaga ani*), o *anu coroca*, *gallego* ou da *serra*, segundo as localidades, (*C. major*), e o *anu tinga* ou *branco*, (*Cocyzus vetulus*). Todos andam em bando, e depõe os seus ovos em um só ninho, por camadas. Os ovos são azues cobertos de um pigmento branco.

O anu coroca no Pará, e o branco em Minas, passam por agoureiros.

Anta ou Tapikra, antes *tapyreté*, (3) é o maior pachiderme do Brazil.

Approxima-se pelas formas ao cavallo, porém com as extremidades mais curtas e differentes, a cauda menor e sem cabellos, assim como pela cabeça, cujo focinho termina em uma tromba pequena.

Além d'isso, as fórmas são pesadas e sem aquella elegancia do mais nobre companheiro das fadigas e do trabalho do homem.

Parece-se no aspecto geral ser um intermediario entre o cavallo e o porco. A cabeça é comprida, tem uma pequena tromba movel, mas que não serve para apanhar os fructos, na extremidade da qual ficam as narinas; os olhos são pequenos e as orelhas moveis é semelhantes á do cavallo. O systema dentario compõe-se de $\frac{6}{6}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{14}{12}$. Os quatro incisivos centraes da maxilla superior são muito pequenos, os dous lateraes iguaes em tamanho aos caninos da mesma maxilla superior. O pescoço é ornado por pellos grandes e duros, recurvos, que assemelham-se a uma crina. O corpo, quando o animal adulto, tem os pellos curtos, são castanhos e muito espaçados, de maneira que parece pellado, razão pela qual andam geralmente cobertos de carrapatos (Ixodes)

Tornam-se maiores para o pescoço onde tambem são um pouco mais claros. Na base das orelhas ha alguns pellos brancos.

Olhado o animal é preto porque só predomina a côr da pelle. Quando pequeno, o pello é compacto, castanho, com cinco linhas de pintas, ou listras, quasi unidas, brancas, tendo as extremidades pintadas da mesma côr.

A sua altura regula um metro a $1^m,6$ e o comprimento comprehendendo-se a cabeça $1^m,8$ a $2^m,0$.

Tem quatro dedos nas mãos e só tres nos pés, mettidos em cascos curtos, arredondados e corneos. A pelle é muito expessa e forte.

O nome indigena que tem este animal não é *tapiyra*, mas sim *tapiy*, que vem de *taba* aldeia e *piy* o que frequenta, isto é: o que facilmente se domestica e mora na aldeia. Póde ter outra etymologia que não deixa de ter algum fundamento, póde derivar-se de *tapy* grosso, e *pira* corpo, que por euphonia fazem synalepha no *p*, accentuam fortemente o *i* e pronunciam *tapiyra*. Este nome, depois da introducção do gado no Brazil, estendeu-se tambem ao boi, e para differençar um animal do outro, ajuntam a palavra *eté*, verdadeiro e assim denominam á anta *tapiyreté* e ao boi *tapiyra*.

Mais commummente, porém, a anta é denominada *tapiyra-cauara*, que significa, o boi mateiro ou natural do matto, de *caá*, matto e *uara* que é uma dicção que denota naturalidade, habitação, etc. Ainda distinguem mais, quando querem mostrar propriedade, dizendo

ixé rimbabo tapyira, meu boi, isto é, criado por mim, emquanto que tratando da anta dizem—*ixé cauara tapyira.*

Não convem, querendo dar-se ao animal o seu nome indigena, mesmo por abreviatura, chama-lo tapyira e sim tapyira-eté ou cauara tapyira, para não dar uma significação diversa, originada entre a gentilidade.

Além da especie em questão, existe uma outra, chamada *Icuré* ou *caapora* (1), bem distincta. Além do tamanho que nunca excede de 1ᵐ de altura e 1ᵐ,50 de comprimento tem a côr differente.

O nome *Icuré* é um d'esses que não têm traducção, ou se a têm não foi conservada e só serve de qualificativo; o de *caapora* sim, significa : o habitante do matto, de *caá,* matto, e *póra* habitante.

A tapyre-eté é um animal inoffensivo e muito procurado pelos caçadores por causa de sua carne, que, se bem que um pouco nociva, é comtudo muito saborosa.

Nas provincias do sul dão-lhes caça por causa da pelle que é excessivamente forte e duradoura depois de curtida, pelo que é muito empregada em arreios. Depois de curtida toma uma côr branca.

Vive pelas florestas centraes que crescem nas vargens, pela margem dos rios, que com facilidade atravessa só com a cabeça de fóra mergulhando logo que é perseguida e boiando longe do alcance do caçador.

Dá-se caça, geralmente, esperando-se ella nos bebedouros, em *mutás* preparados de antemão ou tambem com cães. Quando perseguida por estes ás vezes faz frente a elles, porém geralmente dispara pela floresta, levando ante si tudo quanto encontra, até cahir na agua onde ás vezes se salva. Além da caça do homem, soffre tambem a de um inimigo poderoso que é a onça. Matreira e astuciosa, trepada em uma arvore, esta, como o homem, espera a anta no trilho em que costuma passar para ir beber agua, e quando esta está ao seu alcance, salta-lhe sobre o dorso. Atacada inexperadamente dispara pela floresta, furiosa procurando roçar-se pelos páos para livrar-se da assaltante; porém, esta passando para o ventre

---

(1) O nome de sapateira ou *çaba-tyra* que tem nos sertões do sul refere-se á especie de crina que tem o animal e deriva-se de *çaba*, pelludo e *tyra* canal, isto é, linha de cabellos, crina, Aportuguezaram a palavra e ficou com significado diverso.

evita assim os choques e com as garras cravadas no queixo da victima vai dobrando-lhe o pescoço até quebra-lo e ella cahir, para saciar-se no seu sangue. Como ordinariamente a anta é assaltada proximo da agua, em vez de fugir pela floresta atira-se no rio ou no lago e mergulha para assim livrar-se ; porém, a onça podendo demorar-se muito tempo no fundo sem respirar, prende a victima, que morre asphixiada, sendo então arrebatada para terra para ser devorada.

Quando novas, andam as antas ás vezes em bandos pequenos, principalmente á noite, porém, quando mais idosas, geralmente andam sós ou acompanhadas de seus filhos, que caminham assoviando adiante e um pouco ao lado.

Fazem o seu passeio desde o cahir da tarde até ás nove ou dez horas da manhã, passando as horas de maior calôr deitadas pelos charcos. Soltam ás vezes assovios fortes que se ouvem longe, que quasi sempre as trahe, fazendo com que se entreguem ao caçador.

Os tapuyos que as arremedam bem, fazem com que ellas, attrahidas pelo assovio, se approximem e sejam mortas. O seu alimento consiste de hervas, grêlos e frutas, quando no estado selvagem, mas quando domesticadas, comem até carne cozida, farinha, etc.

É notavel como se amansam estes animaes quando apanhados pequenos. Apenas fóra das mãis, póde-se dizer que são apanhados mansos. Com o trato domestico tornam-se mais mansos que os cães, acompanhando em todos os passos o senhor, dormindo junto d'elle e indo banhar-se tambem juntos. Não obedecem comtudo á voz de mando do senhor, isto é, para evitar-se a sua companhia é preciso ser agarrado e levado para outro logar, não se repelle como o cão.

Dotado de uma força prodigiosa, relativamente ao seu corpo, se não fôsse o seu natural inoffensivo e se fôsse dotado de garras ou dentes, seria o mais perigoso. É dotado de muita força de vida ; mal ferido, foge e não morre, e mortalmente mesmo raro é cahir no logar em que recebeu o tiro.

Subia eu o rio Urubú, na provincia do Amazonas, quando, pelas sete horas da manhã atirou-se uma ao, rio procurando ganhar a margem opposta. Mandei remar com mais força para chega-la ao alcance de minha arma, porém ella presentio e mergulhou. Quando appareceu, estava na margem opposta, e, procurando subir a ribanceira recebeu, o meu tiro.

Apezar da distancia, notei que tinha sido ferida, porque cahiu sobre os joelhos, porém, levantando-se logo subiu a ribanceira que era ingreme e desappareceu pela matta. Saltando em terra, vi rastos de sangue, e seguindo-o, depois de caminhar um quarto de legoa, encontrei-a morta no meio de uma restinga. A bala tinha entrado obliquamente pelo pescoço do lado esquerdo, indo plantar-se no occipital.

Ahi neste rio e no Jamundá, tive occasião de vêr algumas com filhos. Domesticadas vi algumas.

A Icuré ou caapóra tem os mesmos habitos e ás vezes encontra-se reunida á tapyire-eté, no mesmo bando, porém é mais rara, e só nos grandes sertões é encontrada. Tive occasião de vêr uma que acompanhava um filho já de anno, e por mais que a perseguisse não a pude matar.

Pela facilidade que ha em domesticar-se, e pelo seu genio docil, pacifico e soffredor, e pela força de que é dotada, a anta poderia associar-se ao trabalho do homem e substituir perfeitamente o boi nos trabalhos agricolas e ruraes.

Apereya antes *apereá* ou *preá* (6)— é a *Cavia obscura*, Lichst, ou *sauyá* do Amazonas. Roedor muito conhecido, que vive nos capinzaes. Ha mais de uma especie, porém a mais commum é a supracitada de Margraœf e Azara.

Aracuan, *ara* ou *guara*. (44) *Arancuan* no valle do Amazonas é a *Ortalida canicollis*, Natt. Anda pelo chão aos bandos de cinco, seis casaes; tem uma carne saborosa, e aninha-se em arvores altas. O seu nome vulgar exprime o canto que repete as syllabas a-ra-cuan.

Arapabaca, *Lombrigueira*, *Herva de Santa Maria*. (216)
(Spigelia sp.)

Fam. das Spigeliaceas.—Herva empregada como anthelmintico e que alguns querem que seja venenosa, pelo que é preciso cuidado no emprego. Não confundir com a *Herva de Santa Maria*, do Rio de Janeiro, ou *mastruço*, do Pará, que é o *chenopodium ambrozioïdes* L.

Arapaco (46)— é corruptela de *uirá passu*, conhecido tambem por *pica-páo* (1). É um zygodactilo espalhado por todo o Imperio, do

(1) *Uirá*, passaro, *pan*, bater e *assu*, muito.

genero *Picus*, contendo numerosas especies, entre ellas o *P. rubricollis, lineatus, fulvus*, etc. Vive pelos páos seccos furando-os com o bico para comer insectos. No ôco dos mesmos páos deposita dous ovos.

Araponga, antes *uirapô*, (45)— conhecido tambem por *ferreiro* e *ferrador*, nomes tirados das notas que solta imitando perfeitamente o bater de um ferro na bigorna ou o seu limar.

A uiraponga quando nova é preta, e quando adulta branca com o pescoço azul-esverdeado. É ave dos sertões de Minas e S. Paulo, e vive pelos cimos das arvores altas, alegrando as florestas com as suas notas agudas e metallicas, o nome *uirapô* quer dizer *ave branca*. Não se deve confundir com a *Cotinga araponga* (Procnia carunculata L.)

Arapiráca. (99)—Será *muirapiroca ?* de *muira*, páo, e *piroca*, calvo ou liso.

Com o nome de *arapiraca* ha uma arvore na provincia das Alagôas.

Arara. (47)—Nome onomatopaico. Zygodactilo de todo o Imperio representado por diversas especies, todas do genero *Ara*. Conhecem-se a *arara-piranga* ou *aracanga* (A. macaw.) azul e vermelha; a *canindé* (A. *arauna*) azul e amarello ; a *arauna* (A. *hyacinthinus*) azul-claro ; a *arauna-assú* (?) toda azul-ferrete, e a *arara* propriamente dita (A. *Araucania*) verde e encarnado. Todas andam em bandos, alimentam-se de fructos, procuram as arvores altas e voam muito e muito alto.

Arassary. (49)—Nome dado a diversas especies de Zygodactilos, semelhantes aos tucanos, porém menores, do genero *Pteroglossus*.

As principaes especies no Amazonas são o *P. maculirostris, bytorquatis, viridis, Beauharnaisii, flavirostris*, etc., mas encontram-se outras especies em quasi todo o Imperio.

Andam aos bandos, alimentam-se de fructos e não se domesticam. Os arassarys como os tucanos têm um longo bico, formado internamente de um tecido esponjoso, que os entrega nas mãos dos caçadores apenas penetre nelle um bago de chumbo, porque entra o ar e faz com que, se desequilibrando no vôo, caiam por terra.

Areré ou *ereré*. (50)— É uma marrequinha pequena, cujo nome provém do seu canto, que é um assovio parecendo dar ás syllabas

é-ré-ré. Tem a cabeça preta toucada de branco, o peito pardo-avermelhado e as costas pardas pintadas. Domesticam-se facilmente.

Araribа, iriribá, (100)— mais conhecida por *Araribá,* corruptela de *araryba,* de *arara,* passaro desse nome, e *yba,* madeira. É o *centrolobium tomentosum* Benth, da familiada s Leguminosas.

É uma arvore alta, cuja madeira é empregada não só em construcções civis como na marcenaria; tem o cerne amarello listrado de mais escuro. Com o mesmo nome são conhecidos outros *centrolobiuns,* que crescem não só no Rio de Janeiro como na Bahia. O mesmo nome *arariba* é dado tambem á duas rubiaceas a *Pinckneia rubescens* de Fr. Allemão, e a *P. viridiflora* do mesmo botanico brazileiro. Estas são empregadas na marcenaria e construcções civis, mas reputam-as os carpinteiros madeira de segunda qualidade Empregam o *araribá vermelho* na tinturaria.

Araroba. (101) Este nome emprega-se tambem aos *centrolobiuns,* porém mais commummente á uma especie da Bahia.

Araruna. (48) Vide a nota 7.

Arasá, (98) vulgarmente *araçá.* Com este nome conhecem-se varias plantas, cujos fructos se comem quasi todas do genero *psidium* familia das Myrtaceas.

A casca de todas contém muito tannino.

Conhecem-se as seguintes especies, com nomes vulgares:

Araçá mirim, (Psidium araçá, Radd).

Araçá assú. goiaba (P. Guayava, Radd.) *A. da praia,* (P. variabile Bg.), *A. cagão,* (P. rufum, Mart.), *A. felpudo,* (P. incanescens, Mart.), *A. do campo,* (Campomanesia mediterranea, Berg.), *A. de Minas* (P. cuneatum, Berg.), *A. de S. Paulo* (P. multiflorum, Berg.)

Além destas especies ha muitas outras do genero *psidium* e *campomanesia* com o nome vulgar de *araçá.*

São arvores pequenas, em geral, que crescem pelos campos e raras vezes nas mattas.

Araicu, (102) —(*de ara,* arara, *ticu,* liquido, massa, comida de arara), *araticum, araticuguazu, araticupe.*

Nomes dados a diversas *Anonas,* familia das *Anonaceas,* arvores cujos fructos são comestiveis e cuja madeira é pouco empregada e considerada madeira branca. As cascas de algumas especies dão

uma embira muito forte e branca, e o lenho serve de cortiça e para boias de redes de pescar. Como planta medicinal tem pouco emprego. Conhecem-se diversas especies, taes como o *Araticum do Brejo*, ou *panan* ou *corticeira* (A. palustris, L.) *Araticum cagão*, *Araticum apê*, *Araticum do matto*. (A. Pisonis, Mart.), *Araticum do campo* (A. coriacea, Mart.), *Araticum do rio* (Anona spinescens, Mart.), *Araticum ponhé*. (A maregravii, Mart.)

Areranha, *ariranha* ou *iriranha* (7)— é uma especie de lontra do grandes rios em geral confundida pelos naturalistas com a verdadeira lontra, que é a *yandu* dos indios, a *Lutra braziliensis* da sciencia.

Com razão os indios a separão com diversos nomes.

A *ariranha* . chega a attingir 1m,5 de comprimento menos a cauda. A sua dentadura compõe-se de $\frac{6}{6}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{8}{10}$. A cabeça é chata e larga, as orelhas pequenas, o corpo longo, os membros fortes, fórmas pesadas; as mãos com cinco dedos longos, unidos por uma membrana, e armados de unhas curvas e agudas. A cauda é menor que o corpo, e achatado horizontalmente. O pello é compacto, liso, macio e curto de um pardo cinzento escuro, com uma malha do queixo á garganta, amarella-esbranquiçada, ou côr de ganga. Vive esta especie nas cabeceiras dos rios, nos lagos e igapós, andando sempre aos pares isolados. Alimentam-se de peixes, nadam com muita rapidez e conservam-se mergulhadas por muito tempo. Andam só com a cabeça fóra d'agua e quando avistam alguem mergulham para apparecer mais longe, sempre encarando para a pessoa que navega. Ás vezes erguem meio corpo fóra d'agua e gritam; assim fazem quando estão bravas.

Fazem suas casas em buracos nas ribanceiras dos rios, sempre á beira d'agua, e ha uma crença entre os indios que conforme é a altura em que fazem os ninhos assim será a enchente, que nunca vai além, nem áquem.

Contou-me o meu amigo o finado padre Manoel Cupertino Salgado, vigario de Taupessassu no Rio-Negro, que subindo uma occasião o mesmo rio, teve de fazer uma choupana na margem, por ter de demorar-se. Começava então a enchente. Marcando elle o logar, um indio que o acompanhava lhe fez vêr que a choupana iria ao fundo, se bem que estivesse muito acima do nivel do rio

porque as ariranhas tinham feito ninho ahi acima do logar escolhido. Não acreditou elle n'isso, e mandou construir a choupana; tempo depois teve de construir outra, porque a primeira com a enchente ficára inundada.

A segunda especie e mais commum é a *lontra, luttra brasiliensis* dos naturalistas. Esta, além do tamanho que só attinge 0m,6 fóra a cauda, tem os membros proporcionalmente menos desenvolvidos, a mancha da garganta mais amarella e o pello geral mais cinzento e anda sempre em bandos de 6 a 10.

Com os mesmos costumes da ariranha, tornam-se mais atrevidas, animadas pelo numero. Geralmente quando marcham por terra e são atacadas pelos cães, seguem seu caminho roncando e mostrando os afiados dentes, sem se importarem com o latido dos mesmos; mas ai daquelle que chegar a ataca-las de perto. É logo despedaçado. É o unico animal que a onça respeita e não se atreve a atacar quando o bando está reunido, porque é victima sempre delle, como geralmente tambem o é nas lutas com o tamanduá bandeira.

A presença da onça irrita de tal fórma ás lontras, que, quando ella atravessa os rios, sendo presentida pelas lontras, é logo por ellas assaltada e morta dentro d'agua.

Domesticam-se com facilidade e tornam-se muito mansas.

O nome *yandu* quer dizer—o que corre muito na agua, de *y*, agua e *nhan* correr e *u* contracção de *assu* muito. No Amazonas e principalmente entre os indios menos civilisados, como os Tembés, nunca se ouve pronunciar *assu* e sim *u* ou *uú*.

Aricurana ou *urucurana*. (163) — (Hieronymia alchornioides, Alle.) Fam. das Euphorbiaceas. E a arvore das mattas virgens, e floresce de Novembro a Janeiro. Dous mezes depois tem fructos maduros. A madeira é empregada em construcções civis, e tem o cerne roxo. Com o nome de *urucurana* conhecem-se algumas *alchorneas*, assim como uma malvacea a *Urena sinuata* de Linneo, e em Minas o *Croton tilliaefolium*, Mans.

Assacu ou *uassacu*. (105)—*Ua*, fructa, *assy*, doença, *uu*, comer, fructa que produz doença. (Hura crepitans, L.) Fam. das Euphorbiaceas. Cresce esta arvore de tamanho mediano, porém muito

esgalhada, ás margens dos rios e logares humidos, até onde chega as grandes marés, na provincia do Pará. Seus fructos caducos enchem as praias na vasante das marés. Seu leite, folhas, flôres e fructos são muito venenosos. O chão cobre-se das suas folhas, e estas, com os fructos em maceração na agua, faz com que esta produza intermittentes em quem a beba ou nella se banhe. Em algum tempo passou no Pará como sendo o seu leite remedio para a elephantiasis dos gregos, assim como as folhas, trituradas, contra o rheumatismo. Em dóse pequenissima é empregado como vermifugo. Os pescadores empregam tambem o leite nas aguas stagnadas para matar peixe. É planta vulgar nas proximidades de Belém; e os matteiros, para derruba-la, lançam antes fogo ao tronco para queimar a casca, para assim evitar que no corte o leite salte aos olhos, o que produz cegueira.

Atta, fruta de Conde, Pinha. (104)— No Rio de Janeiro é conhecida pelo segundo nome, no Ceará pelo primeiro, e em Pernambuco pelo ultimo, é a *Anona muricata.* L.

Dão tambem o nome de *atta* e *fruta de Conde* á Anona *obtusiflora*, Tuss. que é das Antilhas e acclimada no Brazil; assim como tambem á *A. squamosa*, L., que é da mesma procedencia.

A Anona muricata é da Jamaica. Foi introduzida na provincia do Pará em 1750, por Manoel da Motta de Siqueira, que depois edificou o forte de Santarem, sendo seu primeiro commandante.

O fructo de todas as especies são comestiveis, muito saborosas, mas querem alguns que a sua semente seja venenosa.

São arvores de mediana grandeza e que no norte crescem e fructificam muito.

Banana. (210) — Com este nome conhecem-se varias especies e variedades de *musaceas.* Ha a *Banana de S. Thomé*, (musa Paradisiaca L.) a *banana da terra* (musa sapientum L.), e as *B. anã, prata, ouro S. Domingos* e *figo*, todas mais ou menos saborosas que se preparam tambem como figos seccos, a que se dá o nome de *bananas passadas*, sendo assim muito saborosas, duram muito tempo, podendo servir de genero de exportação.

Vide *Pacova.*

Bachoripari, bacôripari, ou *bacury pary.* (107) É uma *Clusiasea* do genero *Platonia*, confundida com o *Bacury* (Platonia insignis

Mart.) Ambas são frutas do Pará muito semelhantes, porém a de que se trata é muito menor do que o bacury, que tem o tamanho de uma laranja. E oboval, attenuada, com a cicatriz dos stigmas muito visiveis, amarella, com o mezocarpo grosso, cheio de leite resinoso côr de enxofre. A semente é envolvida em uma massa, (o que se come), semelhante á do Bacury.

Penso ser o *bacopari* de Minas. *Bacury*, o que cahe quando amadurece, de *ba* cahir, e *cury*, logo.

Barabu. (108)— É uma arvore das provincias das Alagôas e Pernambuco.

Batinga. (109)—Penso ser uma *Eugenia* da provincia das Alagôas. O nome é corruptela de *yb*, madeira e *tinga*, branca. Com o nome de *Batinga* ha differentes especies conhecidas por *B. branca B. preta B. amarella, B. vermelha*, nomes tirados da côr do lenho depois de secco. Não vi a planta, mas querem alguns que seja tambem um *Astronium*, da familia das Terebinthaceas.

Bicudo. (51)—É nome portuguez applicado a um *conirostro* o *Pitylus niger*, ave pequena e de canto muito agradavel, e que se cria em gaiolas.

Bicuhyba ou *bicuiba*, ou *becuiba*, antes *bicuyba* (115)— (myristica bicuhyba, Schott.). Fam. das Myristicaceas. E uma bella arvore de quasi todo o Brazil, e com emprego não só nas constracções civis como na marcenaria, além de que as sementes de seus fructos. em algumas especies fornece uma especie de cêra, utilisada no Pará, Conhece-se a *bicuyba-vermelha* (M. officinalis), cujos fructos aromaticos são os maiores, e que dá um oleo empregado nos rheumatismos, sendo as sementes semelhantes ás da noz-moscada, porém toxicas, quando em quantidade, e a *Bicuyba-preta* (*myristica sebifera*, Swarts) cujas sementes dão muita cêra.

Além destas especies, ha no Pará a *ucuuba* (M. Surinamensis), cuja madeira é leve e só serve para jangadas, mas de cuja casca sahe um liquido côr de vinho, que combate as erysipelas, e pela sua adstringencia, misturado com alvaiade, é empregado nas hemorrhoides.

A semente dá cera que é empregada em diversos mysteres.

Biriba, (110)— antes *biribá*, de *bir* crescer e *uá* fruta, que cresce depressa.

É uma *Anona* da provincia do Pará. O epicarpo é amarello, muricado, e o mezocarpo formado de uma massa branca, doce-insipido. As sementes são chatas, pequenas e pretas. Em Pernambuco conhece-se por *Biribá* a *Duguetia Marcgraviana*, Mart., da mesma familia das Anonaceas.

Boya, giboia. (287)—Pela etymologia desta palavra, razão têm os sertanejos de, sob o mesmo nome, confundir especies distinctas, porque, como sabemos, a palavra hoje corrupta, quer dizer *cobra d'agua*; de *y*, agua e *mboia* cobra. Comtudo nos sertões de Minas-Geraes e no valle do Amazonas, os naturaes distinguem duas especies a *giboia* e a *sucury* (em Minas), ou *sucuryú* (no Amazonas).

Este nome, modificado por euphonia, ou corrupto, bem exprime um dos caracteres que separa esta especie da giboia, e o indio sempre observador não podia deixar passar desapercebido; assim a *cobra d'agua* é differente da que tem *espinhos na ilharga*, porque *sucurijú*, ou, como com mais propriedade dizem os indios do Amazonas, *sucuryú*, vem de *suakara*, ilharga e *iú*, espinho. Distingue-se a giboia da sucuryú, não só pelo seu tamanho, suas malhas, como principalmente por este caracter.

A giboia vulgar tem quasi os mesmos habitos da *sucuryú*; se esta procura de preferencia as margens dos rios, dos lagos e mesmo dos paúes ou igapós, aquella tambem vive á sombra das florestas, nos logares baixos e humidos, e mesmo junto d'agua. Nas minhas explorações pelo sertão do Amazonas, tive occasião de observar bem o costume de ambos estes ophydios, principalmente no rio Yatapú, onde enormes sucuryús apparecem em toda a margem. Estas vivem dentro d'gua, só sahem á noite para fazer suas prezas e durante o dia para se aquecerem ao sol. Diariamente voltam ao logar escolhido para esse fim a primeira vez, pelo que os indios denominam suas camas *sucuryú-kiçáua*.

Como disse, os indios distinguem a giboia da sucuryú pela particularidade da presença de espinhos que esta tem e aquella não. Com effeito, na parte inferior do terço da cauda, occultam-se, transversalmente sob as escamas, duas unhas corneas de um a dous centimetros distantes uma da outra, um decimetro pouco mais ou menos. Servem estas unhas para, quando enroscada ao tronco das arvores, salta sobre a presa, sustentar o impulso que soffre esticada pela anta, por exemplo.

A giboia, que não se atreve a atirar-se a animaes superiores, não possue estas especies de garras. Os indios não matam as sucuryús, que dizem ser a *mãi d'agua*, porém apreciam muito as unhas, que para elles é um talisman.

Duas especies distinctas tive occasião de estudar: a sucuryú (Eunectes murinus) e a sucuryú pitanga (vermelha). Afasta-se esta da primeira, não só na côr como nas dimensões e na fórma das unhas. O fundo é vermelho sujo, com as malhas negras, differentes na fórma das da primeira, não são tão alongadas, pelo contrario, a grossura é quasi dupla, e as unhas, que na primeira são conicas e muito curvas, nas segundas são maiores e menos longas. Não comportando este local maior desenvolvimento, não a descrevo, deixando para o fazer em um trabalho especial que tenho entre mãos. Como sua congenere esta especie é *ovovivipara*, como tive occasião de observar, já em individuos dissecados, já assistindo mesmo ao acto da reproducção. Não estando esta especie descripta, dei-lhe o nome de *Eunectes rubrus*.

Entre as giboias, ha tambem duas especies conhecidas por *giboia da vargem* e da *terra firme*. Aquella é a vulgar e esta é extremamente rara.

Para o Museu Nacional enviei um specimen. A primeira vive pelas margens humidas dos rios e lagos, e a segunda no centro das florestas. No districto de Villa-Bella da Imperatriz, na provincia do Amazonas, apanhei um exemplar vivo. Pela côr é semelhante ao *Eunectes rubrus*, porém tendo as malhas differentes e não attingindo a tão grande comprimento como a primeira. Julgo que Gardner levou um specimen para a Europa, porém não a vendo classificada, propuz para ella o nome de *Boa piranga*, conservando o nome indigena para especifico na sciencia. Se bem, corra a opinião de que estes ophydios não sejam venenosos, é crença entre os indios, que em certa época do anno elles o são. (1)

Bocaba, antes *bacaba*. (111) (*Œnocarpus distichus*, Mart.), da familia das Palmeiras.

É indigena do Pará, e uma das mais bellas da familia. Suas folhas são dispostas em leque, e com os pequenos fructos rôxo-negros,

---

(1) Este artigo foi publicado no *Globo* de Janeiro de 1876.

prepara-se uma beberagem conhecida por *vinho de bacaba*, que tem côr de café com leite, e é muito saborosa.

Ha outra especie com esse nome, (Œ. bacaba, Mart.) que é da provincia do Amazonas e mais conhecida por *Bacaba de azeite*, porque dos fructos extrahem um bonito oleo amarellado empregado em diversos misteres.

Bocayuvas ou *guacuri*. (112) Julgo que *Bocayuva* é uma corruptela de *Mbocayba*, que passou a *mocaiuba*, *mocajuba*, *macauba*, *macaiba*, *mocajá* e *mucajá*, nomes todos dados em differentes provincias, ao *côco de catharro*, a Acrocomia scleroc arpa, e lasiospatha Mart. da familia das Palmeiras.

Guacuri é nome generico dado a muitas palmeiras de generos diversos.

Brahuna, (113)— corruptela de *muira-una*, páo ou madeira preta, conhecida tambem por *Barauna*, e *Guarauna*, *Garauna*, (*melanoxylum braunia*, Schot.), da familia das Leguminosas.

O cerne é pardo-escuro quasi preto e empregado para construcção civil e dormentes. D'ella extrahe-se uma tinta pardo-escura com que tingem algodão. Ha differentes madeiras todas do mesmo genero com denominações vulgares tiradas do seu lenho, assim temos a *Guarauna-parda*, *G. ruiva*, *G. amarella*.

São todas do sul do Imperio. É arvore que não attinge a mais de 25 metros de altura.

Buranhe, ou *Buranhem*, *guaranhem*, (116)— antes *muriahem*, sito é páo-doce, (Lucuma glycyphlœa, Mart. et. Endl.) da familia das *Sapotaceas*, conhecido tambem por *Casca doce*. É a *Pometia lactescens* de Velloso. Arvore excelsa já conhecida de Thevet que a denominou *Hivurahé*.

O cerne é amarello sujo com manchas pretas e empregado muito para remos.

A sua casca, que fresca é semi-leitosa e doce, é empregada contra a leucorrhea, as hemoptises, diarrheas, catharros chronicos, ulceras, ophtalmias purulentas e em outras molestias.

Cresce no Rio de Janeiro.

Brutiz, ou *Burity* (114)— (Mauritia vinifera, Mart.) Familia das palmeiras.

É uma das mais bellas e elevadas palmeiras dos nossos sertões, e

que vive em grande sociedade pelos logares humidos dos centros de Minas, Matto-Grosso e Goyaz. O seu espique furado ou excavado distilla um liquido saboroso, e em quantidade que serve de fonte para os sertanejos. Anda esta palmeira confundida com uma congenere do Pará, a *Murity* ou *Mirity*, (Mauritia flexuosa, Mart.) Especie differente posto que no facies muito semelhante. Esta não tem liquido algum e vive nas margens dos rios, ou em logares alagadiços. O seu fructo come-se desfazendo-se o mezocarpo na agua e dos seus grellos extrahe-se bôa fibra. A madeira é rija e muito empregada.

Caa. (218)— Significa tambem folha, arvore, matto.

Caapeba, capeba, Parreira brava, pariparoba. (219)
(Cissampelos pareira Lim. fam. das Menispermeaceas.)
Herva empregada como anti-leucorrheica. Dá-se tambem em Minas o nome Caapeba á Pariparoba do Rio de Janeiro a *Artanthe Micaniana*, Miq. Caa peba, significa, *folha chata*.

Caataya (folha que queima), *Herva de bicho, João Gomes*. (220)

Tres plantas conheço com o nome *caataya*, o *Polygonum antihemorhoidale* Mart. chamado tambem *herva de bicho*, a *Vandellia diffusa* L. ou *mata-cana*, e um *Plumbago* conhecido no Amazonas tambem por *João Gomes* e *Carrapicho*,cuja especie não vem descripta na *Flora Brazilensis*.

Cacau. (119)—(Theobroma cacáo,L. da familia das *Bythneriaceas* Arvore da provincia do Pará, que pouco cresce mas esgalha muito, cuja cultura é uma das fontes de riqueza da mesma provincia. Em quasi toda a margem do Amazonas, encontram-se *cacoaes*, de milhares de pés, principalmente na costa chamada dos cacoaes' proximo á Obidos.

O fructo, além da semente, que depois de secca é exportada para o fabrico do cacáo, come-se e da polpa adocicada que envolve as mesmas sementes, por expressão, prepara-se o *vinho de cacáo*, muito saboroso e nutriente. No preparo do chocolate, apura-se um oleo fixo e solido, conhecido por *manteiga* ou *banha de cacáo* empregada com bons rezultados na racha dos beiços e dos seios, assim como nos accessos homorrhoidarios. È substancia muito barata no Pará, mas que preferimos importa-la da Europa, pagando mais caro

e assim roubando á provincia, lucros com que presenteamos ao estrangeiro em prejuizo dos consumidores da côrte. Além desta especie, ha outras sylvestres como o *Cacaurana*, *Cacaú*, etc.

Caboré (52)— é uma pequena coruja do genero *strix*. —Apparece commummente em noites de luar. Dão tambem este nome a um *caprimulgus*.

Cabtuna, *Jacarandá-preto*, *Tambayba*, na Bahia, (117)— é o *machaerium incorruptibile*, que Freire Allemão, descreveu nos trabalhos da Sociedade Vellosiana, e pertence á familia das Leguminosas.

É uma das arvores mais altas cujo lenho é pardo e negro, rijo, e empregado não só nas construcções civis, como na marcenaria. É do Rio de Janeiro.

Caburéyba, (118)— conhecida pelas corruptelas *caboré-uva*, *caburéiba*, *cabreuva*, ou *cabiruba*. Dá-se-lhe tambem o nome de *oleo pardo*. É o *Myrocarpus frondosus* e o *M. fastigiatus* de Freire Allemão, pertencentes á Familia das Leguminosas. Crescem as florestas do Rio de Janeiro e Minas-Geras, e tornam-se um dos gigantes dellas.

Em Minas é muito empregado nas construcções civis e marcenaria O cerne é vermelho claro. Do seu tecido fibroso exhuda um oleo resinoso e aromatico donde lhe veio o nome portuguez. É conhecida essa rezina por *caburucica*. É mui raro vê-los com flôr.

Cahinanna, *cahinana*, *cainana*, *raiz de frade*, *cainca*, *raiz preta*, *cruzeirinha*, *poaya*, (221)— nomes dados em diversas localidades de Minas e S. Paulo a tres Rubiaceas, a *Chioccoca anguifuga* Mart. *racemosa*, Humb. e *demifolia*, Mart. Todas têm as raizes amargas e acre-nauseabundas, empregadas como diureticas e purgativas, nas hydropisias, na syphilis e nas molestias dos rins. Caventou extrahiu dellas o *acido cahinico*, que se apresenta em crystaes brancos em fórma de estrellas.

Caia, *cajá* e *cajaty*, (120)— é o *Acajá*, conhecido no Pará por *Taperebá*. (*Spondius lutea*, Lin.) da familia das Anacardiaceas. Arvore alta, elegante e cujos fructos oblongos e amarellos são saborosos, posto que muito acidos. Ha duas variedades, uma de fructos grandes, outra de fructos pequenos e muito doces.

Do succo do fructo preparam-se xaropes e geléas.

A semente é diuretica.

É arvore de muita vitalidade, desenraizada, quebrada pelo vento,

cortada e fincada em moirões continúa a crescer, pelo que nas lendas do Jaboty, contadas no valle Amazonico, é dessa arvore que mais se teme esse chelonio, porque cahindo ella sobre o seu casco, está irremediavelmente perdido, porque não apodrecerá, e de sob ella elle não poderá sahir.

Calumby ou *calumi* (121)-- é uma *mimosa* da provincia das Alagôas, conhecida tambem em Pernambuco por *malicia de homem*. É um arbusto que cresce pelas varzeas, espinhoso como todas as mimosas.

Camará ou *cambará*. (122)— Com este nome conhecem-se varias plantas no Brazil. Temos a *Moquinia polymorpha*, que fórma as nossas capoeiras do Rio de Janeiro; arvore de lenho branco, muito empregada em poliame, cabos de ferramenta, etc., e diversas *Lantanas*, e *Verbenas*, assim como um *Erigeron* de flôres brancas muito aromaticas que floresce em Março.

Camassary, *camaçary*. (123)— Arvore de que dá tambem noticia Marcgrave. (*Carapa piramidata ?*) Pela incisão no tronco, obtem-se um succo glutinoso, branco, e depois torna-se rôxo, que serve para apanhar passarinhos.

Cambucu, *cambucá*. (256)— Fructo de uma bella arvore da familia das myrtaceas, descripta por Berg, com o nome de *Rubachia glomerata*, quando pertence elle ao genero *myrciaria*. Com o nome de Cambucá, apresenta o mesmo autor a *myrciaria plicato-costata*, mas que não é a mesma planta.

O conselheiro Schuch de Capanema, no estudo que tem feito sobre a familia das *myrtaceas*, descreveu o cambucá ainda não descripto, e denominou-o *Myrciaria cambucá*.

Cambuim, *cambuy*, *cambuhy*. (257)— Arvore das restingas dando um pequenino fructo saboroso.

Conhe em-se tres especies todas do mesmo genero entre as myrtaceas, que são o *Myrtus silvestris*, Piso, cujo fructo é rôxo-negro, o *M. rubra*, Piso, de fructos amarellos avermelhados, e o *M. alba*, Piso, de fructos amarellos.

Cangamba ou *Jaraticaca*, antes *Cagambá* ou *Jeritacaca*, (4)— é o digitigrado dos campos pedregosos dos sertões, chamado *Zorrilho* no Rio-Grande do Sul e no Chile por *Chingue*, conhecido scientificamente por *Mephitis suffocans*, Illig., ou *M. chincha*. É pequeno,

evita o homem, mas quando perseguido ataca-o, lançando sobre elle a sua ourina, cujo cheiro forte e nauseabundo não desapparece senão muitos dias depois.

Os animaes que recebem o jacto da sua ourina, definham e morrem.

São mui communs em Minas-Geraes e no Rio-Grande.

Encontrei no alto da serra do Agua pé muitos. Tem pouco mais ou menos o comprimento de um quaty, com o pello cinzento-escuro, quasi preto no lombo, e esbranquiçado no ventre. A cauda é longa, coberta de longos pellos, em pennacho, e anda com ella cahida erguendo-a só quando se assusta. Na cabeça tem uma malha branca na fronte e outra no nariz, assim como duas listras lateralmente, que atravessam o corpo até proximo á cauda.

Cangusú é o *Cangussú*, (5)— cuja traducção é *akang*, cabeça e *assú*, grande, nome dado á *Felis pardalis*, L. (Vide a nota sobre a palavra *maracayá*.)

Caninana (288)— (Trigonocephalus flavescens.) Cobra longa, de escamas aguçadas amarellas e pretas. É muito venenosa.

Capíbara, antes *capyuara* que por corruptela fizeram *capivara*, (8) é o maior roedor do Brazil, o *Hydrochocrus capybara* de Erxleben, ou o *Cabiaia* de Buffon.

Decompondo-se o nome indigena, vê-se que significa o *campineiro*, o que vive e sustenta-se de capim; *capy*, quer dizer *capim*, e a dicção *uára* indica frequencia, naturalidade, tanto que para mostrar o logar donde alguem é natural, accrescentam sempre essa dicção, v. g., Saracáuara, natural da ilha de Saracá.

Com effeito a Capyuara é não só herbivora, como habita os capins das margens dos rios e dos lagos.

Não encova, faz um leito das mesmas gramineas. É arisca como os outros roedores, não tem habitos nocturnos e foge ao menor ruido, roncando. Nada e mergulha perfeitamente, e até caminha pelo leito do rio, onde demora-se muito tempo. Quando presente os cães dos caçadores, atiram-se rapidamente n'agua mergulhando, indo reapparecer muito longe. Andam geralmente aos casaes e ás vezes em pequenos bandos. É um animal muito forçoso. Quando apanhada em pequena, domestica-se com muita facilidade, e torna-se tão mansa que nunca abandona seu dono, seguindo-o

omo um cão. Tive uma, apanhada no rio Ereré, que de tão mansa, vinha diariamente procurar dormir commigo na mesma rede.

Esta tinha sido amamentada aos peitos de uma tapuya. A carne, que alguns comem, é gordurosa, e tem o cheiro nauseante, que os indios chamam *pixé*.

Como disse, é o maior roedor, assemelha-se a um porco regular, porém suas fórmas são mais elegantes, é mais alongada e comprimida lateralmente; attinge 0m,9 de comprimento. O systema dentario approxima-se do das pacas e cutias, porém afasta-se pelo ultimo molar superior que attinge o comprimento dos tres primeiros reunidos, e é formado de laminas parallelas, unidas verticalmente.

A secção horizontal das laminas tem a fórma pouco mais ou menos de dous longos arcos cortados proximamente. Os incisivos são fortes e geralmente esmaltados de amarello. A cabeça é comprida, um pouco comprimida lateralmente com o focinho arredondado; os olhos negros e grandes; as orelhas pequenas relativamente ao corpo, arredondadas e pretas, quasi sem pellos. Os membros dianteiros têm quatro dedos e os trazeiros tres, armados de unhas pretas, fortes e um pouco curvas.

Os dedos são ligados por membranas. Seu pello duro e pouco aspero, é pardo amarellado pelas costas e esbranquiçado pela barriga. Não tem cauda e apenas um pequeno tuberculo indica o seu logar. Uma outra especie menos vulgar que apparece nos bandos, é a *capyuara-tinga* ou branca.

Inteiramente semelhante nos habitos a *H. capyuara*, afasta-se comtudo pelo tamanho, que é menor, e pela côr, que é inteiramente branca. A principio tomei-a por um caso de albinismo, mas tão vulgar torna-se pela reproducção, que hoje tenho-a como especie. Além disso, o albinismo sempre nota-se nos olhos, que tornam-se azues ou esverdeados, o que se não dá na especie em questão que sempre os têm pretos.

Cará, (222) — nome vulgar dado a diversas *Dioscoreas*, cujos tuberculos se comem cozidos ou assados, como o *cará-assu*, *cará-barbado*, *cará-mimoso*, e *cará-roxo*, conhecidos entre os tupys por *cará-uassu*, *cará-hembó*, *cará-tinga* e *cará-piranga*.

Caraoba, *caroba*, (223)— com estes nomes e com o de *carobinha*, conhecem-se varias bignoniaceas do genero *jacaranda*, como a *procera*, Spreng., *subrhombea*, *braziliana*, Piers, etc., todos com propriedades purgativas e anti-syphiliticas.

O nome indigena significa *caa*, folha, e *ob*, amargosa.

Caragiru, *carajuru*. (227) (Bignonia chica). Em diversos logares se encontra esta liana, em mais ou menos abundancia, pelos logares silicosos, e cobertos de capoeiras, onde ella vegeta. Na provincia do Pará encontrei em abundancia nos districtos de Monte-Alegre. Das suas luzentas folhas, depois de seccas, extrahem os indios, principalmente os dos rios Uapés e Içana, no Rio-Negro, de que fazem umaindustria, uma linda tinta vermelha-arroxeada, que apparece no mercado em pó, dentro de embrulhos de estopa de turury. Quando querem tingir fios, ou algum objecto, fervem as folhas, e mettem o mesmo objecto de infusão nesse cozimento; que dá uma bella côr encarnada.

Para exportarem, porém, extrahem a fecula pondo-as de infusão em agua quente e batendo-as.

Grande extracção tem esta fecula para a Europa, para tinturaria, emquanto que aqui só tem procura para o curativo das molestias da garganta, em que é empregada desfeita em vinagre. Pintam a parte affectada com esta mistura. Outro emprego, porém cabalistico, lhe dão os pagés, entrando sempre nas suas composições e nos seus philtros.

Os indios tambem usam a tinta para com ella se pintarem, como os Arauquis nas suas ceremonias funebres.

Tres especies conheço que dão fecula, a de que trato e uma outra que cresce em Santarem. Afasta-se muito não só no habito como nas fórmas e consistencia das folhas.

A fecula desta, depois de secca, toma uma bella côr rôxa, em quanto que outra fica pardacenta.

Algumas pessoas confundem o carajuru com a *caa-piranga*, planta inteiramente differente, cuja tinta é roxo-rei.

Ainda uma outra especie ha, que cresce no districto de Mauhés, cujas folhas são maiores e differentes.

É tão difficil o fabrico, que, diz Humboldt, um homem trabalhando todo o dia, ás vezes não faz que chegue para pintar-se.

Dizem os indios, para mostrar o grão de pobreza entre elles : « E tão pobre que não tem com que pintar o corpo. »

Caranday, carandahy, caraná-y (125) Com este nome conhece-se tres especies de palmeiras. No Amazonas *caraná-y* é a *mauritia Martiana*, Spr. antiga Mauritia aculeata, Mart., no Maranhão é a *copernicia cerifera*, Mart., e em Matto-Grosso e Goyaz, uma outra *mauritia* que não posso determinar por não ter visto a planta, não sendo comtudo a *Martiana*, porque esta só cresce nas vertentes das serras que nos separa das Guyanas.

Carapinima, antes *muirapinima* (126) (Centrolobium Paraense Tul.) da Fam. das *Leguminosas* e não *Brossimum Aubletii*, Poëp que é hoje o *B. discolor*, Schot, que se refere a uma Urticinea muito proxima ao celebre *Palo de Vacca* ou *Vacca vegetal* do Perú.

A muira pinima (*muira*, páo, *pinima*, pintado miudamente) é uma pequena arvore do Amazonas, cujo cerne muito fino é vermelho-escuro pintado de preto. A madeira é empregada em arcos pelos indios, e em objectos de marcenaria de luxo. Encontra-se ainda na serra dos Parintins, acima de Villa-Bella.

Caranja, caranguea. (296) Será *carangueijo* ou *carangueijeira ?* Ha algum insecto desse nome ? É planta ? (53) Vide a nota 7.

Carauna corruptela de *uirauna*, (54)— passaro preto, chamado tambem *virabosta*, é o *Icterus violaceus*. Anda em grandes bandos, attaca as roças de milho, em Minas, e geralmente procura a companhia dos chechéos ou japys, dos quaes rouba os ninhos para a sua prole.

No Pará não formam bandos, encontram-se sempre como parasitas entre os japys. Ave cantora.

Carnahuba, ou *carandahy*, (128)— (Copernicia cerifera, Mart.) da familia das palmeiras.

O primeiro botanico que descreveu a *Carnaubeira* foi o Dr. Arruda Camara, posto que Marcgrave della tivesse tratado com o nome de *Carandahy*. O botanico brazileiro a denominou *Coripha cerifera*, genero a que não pertence, por isso Martius a passou para o seu verdadeiro genero. Como fôsse o Dr. Arruda o primeiro que della tratou scientificamente, em geral dão-lhe o nome de *Arrudaria*

cerifera, genero que não existe entre as palmeiras, não autorizado e sem razão de ser por pertencer ella ao genero *Copernicia de Martius*.

É uma das palmeiras mais uteis, e seria ocioso tratar della aqui pois é por demais conhecida em todo o mundo. Póde-se dizer que a Carnaubeira é a *vacca vegetal*, della tudo se aproveita, raizes, tronco, folhas, fructos, etc., que se transforma pela industria em esteios, ripas, bengalas, chapéos, esteiras, vassouras, capachos, cordas, oleo, cêra, papel, e outros objectos de marcenaria, além do emprego das raizes em cozimento nas affecções cutaneas e syphiliticas.

Carrapato, *mamona*, *Palma Christi* (127)— taes são os nomes dados ao *Ricinus communis* de Linneo. Euphorbiacea muito conhecida e empregada na medicina.

Dá o oleo de ricino, assim como as folhas do chamado *mamona branca*, em cozimento é empregada em banhos contra as leucorrheas e escandecencias.

Carigue é a *Sarohé*, *sarigué*, ou *saruê* da Bahia, conhecida no Rio de Janeiro por *Gambá*, no Valle Amazonico, por *mucura*, e *micuré*, no Estado Oriental. (2)

Este marsupio carniceiro, o *Didelphis aurita* ou *D. Azarae* é mui commum e muito conhecido, pelo que é inutil mais explicações.

Caxinglé, ou *cachinguelê* antes *cachinguelê* é o *acuty-puru*, ou *quaty-puru* do Amazonas, o *Sciurus pusillus*, St., Hil., (10)— comprehendendo o genero diversas especies.

Duas etymologias póde ter o seu nome vulgar, ambas tiradas da crença que têm os indios, de que esse animal não é mais do que um ser, que querendo ser invisivel anda com uma fórma emprestada ou que sendo uma pequena cutia, tem a cauda emprestada. Póde ser *Quaty* o plantigrado desse nome, ou *Aguty*, cutia e *purú* emprestado, isto é, o Quaty ou cutia que não o é, mas procura ter as suas fórmas.

O seu systema dentario compõe-se de $\frac{2}{2}\ \frac{0}{0}\ \frac{8}{8}$ e o seu alimento é todo frugivoro, gostando muito dos fructos das palmeiras.

Não medem mais de 0m,15 de comprimento, fóra a cauda, que tem outro tanto. São esguios, têm um pello curto e avelludado, sendo pardo-escuro quasi preto da cabeça até á raiz da cauda pelo

dorso, esbranquiçado na parte inferior do pescoço, amarellado na barriga.

Caroen, *Cauhan* ou *macauhan*, corruptela do nome *uacauan*, que é onomatopaico. (55) Esta rapace é o *Falco cachinans* de Linneo. É ave tida por agoureira, e o seu canto, que só se faz ouvir nas noites de luar, produz nas jovens tapuyas supersticiosas tal abalo, que causa-lhes ataques hystericos, conhecido pelo nome do passaro. É muito commum no rio Jamundá.

Carrapata, *carrapato*. (293) (Ixodes, ap.) Conheço tres especie só vulgar do boi, uma especie mycroscopica, e outra de 0,002 de diametro.

São mais ou menos venenosos. Separados do corpo do animal, principalmente quando largam o ferrão, produzem uma ferida. As lavagens com aguardente e fumo, faz com que abandonem o corpo.

Carua ou *caruá*, conhecido tambem por *cotinga*. (56) É um dentirostro o *Ampelis cincta* de Gray.

Caruara. (294) É uma formiga que dá nas arvores, cuja mordedura faz tal coceira como se fôsse sarna, donde o nome *caruara*, que significa tambem sarna. *Caruara* aqui significa a *habitante do matto* ou das arvores, de *caa*, matto, e *uara*, que significa logar donde é natural. Além desta formiga, conhecem-se no Amazonas a *tatá*, (*myrmica saevissima*) que é a *vermelha* ou de *fogo* do sul, a *douda* de tres variedades, a *una*, que anda em casa, a *tinga*, que dá nas ruas, e a *parda*, que é dos campos. Estas andam muito ligeiras, são pequenas e não mordem. A *Giquitaia* é uma formiguinha branca, muito molle, chamada tambem de *defunto*, que dá em casa; a *tachy* (duas especies), é a que dá nas embaubeiras, cuja dentada queima; e a *macaca-tachy*, é semelhante ás tachys, porém, por qualquer parte do corpo que passe queima; a *morupeteca*, é a chamada de correição, corta a carne quando morde; a *carrieira* (*Eciton draepanophora*), formiga preta, que corta e carrega as plantas como a *sauba* e com ella confundida: (1) a *tarapema*, que anda só nos páos, distingue-se pelos

---

(1) No Amazonas conhecem-se outras especies do mesmo genero como: a *Eciton rapax*, que são as maiores; a *E. legionis*, que são vermelhas; a *E. hamata*, a *E. praedator*, a menor, pardo-avermelhada e a *E. erratica*, etc.

espinhos que tem nas costas; a *tracuá*, (duas especies) aninham-se nas raizes das orchideas, nas bromelias e nos páos e cipós, preparando uma materia para sua vivenda, semelhante ao *amadou* (Polyporu iguiarius, Fries), e que serve para *isca* de fogo, pelo que é conhecida por *isca de tracuá*, de que muito usam os indios; a *tocandyra* (cryptocerus atratus) formiga do tamanho de uma *caba* ou *marimbondo*, mordendo pelo aguilhão que tem no abdomen, são pretas, andam aos pares e aninham-se no chão; a *tapiahy*, semelhante a tocandyra, porém, menor; a *oncinha*, que anda tambem aos pares, é pelluda, tem duas pintas amarellas luzentes no abdomen, e mordem com o ferrão que este tem; a *sauba* (1) (Œcodoma cephalotes), especie muito conhecida em todo o Imperio, e que tanto mal faz á lavoura, pela disseminação das femeas, chamadas *tanajuras*; a *quenquem* formiga grande e preta, que carrega os ovos e se aninha na superficie da terra, e cuja dentada é dolorosa pelo córte que dá, e muitas outras que seria longo enumerar.

Caruru. (229) Este nome é dado não só a algumas *Phytolacacea*, como a algumas *Amaranthaceas*. Com esse nome ou *Cururé*, conhecem-se no Amazonas algumas *Podostemeas* que crescem sobre as rochas nas cachoeiras dos seus affluentes e que se comem em salada e dão sal.

Catolé, catolez. (129) Com este nome conhecem-se duas palmeiras do genero *Attalea*, a *A. humilis*, de Martius e a *A. oleifera*, especie nova que descrevi, da provincia de Pernambuco e Alagôas. A primeira é acaule e a segunda excelsa, inteiramente differentes nos caracteres especificos.

Cayapiá, caapiá, carapiá. (224)—Nome dado em varios logares de Minas e S. Paulo a differentes especies de Dorstenias, conhecidas no valle do Amazonas tambem por *Apehy*. As raizes contém muito amido, e dão um extracto amargo. São diureticas, diaphoreticas e corroborantes.

O *Caopiá* de Pison é o *páo de lacre*, a Vismia Guianensiss Pers. porém com este ultimo nome ha differentes especies de Vismias todas exhudando um leite gommo-resinoso vermelho ou alaranjado, donde lhe veio o nome, porque depois de secco toma a apparencia do lacre.

---

(1) Corruptela de *iça*, formiga e *yba*, páo.

Caytátu, é o *Caitetu* ou *Catetu* de Minas-Geraes, ou *tayassu* do Amazonas, cujas especies são conhecidas tambem por *Pecarys*, pertencentes todas ao genero *Dicotyles* de Cuvier. (11)

O nome *tayassu*, póde ter duas interpretações, ambas caracterisando o animal; uma deriva-se de *tanha*, dente, e *assu*, grande, e outra de *tayá*, raiz, e *suú*, morder.

Tres especies conheço, o *tayassu-eté* do Amazonas, que é o *canella-ruiva* do Sul, o *tayassu-tinga* que é a *queixada* do Sul e o *tayassu-miry* ou *porco do matto* do Sul, o primeiro é o *D. torquatus*, o segundo o *D. labiatus*, Cuv., e o terceiro cujo nome especifico não conheço. Estes pachidermes andam em bandos e infestam as mattas, principalmente quando raivosos, com a catinga que expellem por um orificio que têm sobre as costas. No sul são atrevidos, atacam o homem, devoram os cães e tornam a sua caçada perigosa; porém no Norte o bando faz frente ao caçador, mas não o ataca. Ao primeiro tiro fogem, porém adiante voltam-se, fazem frente e tornam a fugir, podendo assim um só homem matar o bando, como tive occasião de observar matando-os quasi que diariamente no sertão do Amazonas para meu sustento. O ruido que fazem com os grandes caninos, batendo uns de encontro aos outros é aterrador. Ha uma crença entre os indios, que o tayassu lavado dentro de um rio faz com que as aguas produzam intermittentes.

Os seus dentes são aproveitados pelos mesmos como instrumento cortante, com que preparam todas as suas obras de madeira. Alimentam-se estes animaes de fructos e raizes e a sua carne é saborosa.

Chiriuba, *xiriuba*, (131) corrupetela de *seri-yba*, isto é, arvore dos *seris*. (1) Com effeito, esta arvore cresce nos mangues e alagadiços onde abundam os brachiuris, desse nome e os *carangueijos*, que por ellas sobem, pelo que tem tambem o nome de *mangue*. Ha duas especies, o *mangue branco* (Avicennia nitida, Jacq.) e *mangue amarello*. (Avicennia tomentosa Jacq.) da familia das Verbeneaceas. No Pará aproveitam as cinzas da casca para saboaria, para o que é excellente e dá em grande quantidade.

Com o nome de *mangue* conhecem-se tambem outras plantas de familias diversas.

Conduru. (132)— Arvore de construcção civil e naval do Pará mas que não conheço. Com este nome só conheço apenas um pequeno

peixe o *Cetopsis candiru*, Spix., que existe nas aguas amazonicas e que entra pela urethra daquelles que quando no banho, urinam na agua. Conheço 3 especies.

Cicopira. (130) — Segundo as localidades e os autores que sobre ella têm escripto, diversos são os nomes que tem tido. Assim são synonimos *Cebipyra, sucopira, sicupyra. sipupira, sucupi, sucupira, sapupira* (Pará), *sepipira, sebi-pira, sepepéra*, nomes que dão a conhecer segundo o adjectivo que se lhe pospõe, diversas variedades de uma *leguminosa* que em geral cresce pelos campos, fornecendo bôa madeira de construcção, a *Bowdichia virgilioides* H. B. K. e assim a *sapopira assu*, é a variedade *glabrata*, cujo lenho é de côr parda com os feixes fibrosos mais escuros e luzentes; a *sapopira-preta*, é a especie typica, cujo lenho é muito escuro com fibras quasi pretas; a *sapopira-vermelha, sapopira-roxa*, são as variedades *ferruginea, pubescens*, etc. *A sapopira-aquosa* é a *B. nitida*, Mart., que cresce no Rio-Negro e a sapopira amarella a *Ferreiria opectabilis*, Fr. All. chamada tambem *sapopira*.— falsa.

A casca das raizes das differentes variedades é adstringente, amarga e empregadas em banhos contra feridas darthrosas, rheumatismos e internamente como diaphoretico e anti-siphiliticos. A etymologia da palavra indigena é *hapo* ou *sapo*, raiz e *pi* ou *pira* crua, pela semelhança que tem a casca da raiz com a côr de carne crua. Com effeito as raizes são roxo-escuro ou côr de carne, donde tambem vem os nomes de sapopira-vermelha. Entre os productos da sapopira ha o que vulgarmente se chama *cerveja de sapopira*, que é um liquido que corre do alburno das arvores velhas quando cortadas, que, não só tem o gosto da cerveja como cobre-se de uma espuma expessa. Bebem essa cerveja contra os males do estomago.

O Dr. Pecholt achou na casca duas rezinas e um alcaloide, a que deu-lhe o nome de *sicopirina* cuja formula, segundo um professor de Yena, é C. 16. H. 120. 5.

Coaracyba ou *coaracyaba* (59)— é um dos nomes com que os indigenas appellidam o beija-flôr, significando *raios* ou *cabellos do sol*, de *coaracy*, sol, e *aba*, cabellos.

Coaty ou *cuaty* antes *quaty*, (12)— é um plantigrado commum em todo o Brazil.

São conhecidas tres especies, das quaes de duas conheço a classificação. São as seguintes : *quaty de bando*, *quaty-mondé* e *quaty-miry*.

Separadas pelo vulgo, o foi tambem com razão pelo principe Maximiliano Neuwied, se bem que Azara, sem fundamento, não aceitasse a separação.

O nome indigena *Quaty* é derivado de *quá* molle e *ty*, focinho, que os indigenas, sempre observadores, lhe deram, alludindo á consistencia e ao movimento que tem o focinho.

O *quaty-mondé* (nasua narica), *coaty-solitaris* de Neuwied, é das duas especies a maior. O nome indigena e especifico que tem, refere-se á facilidade com que se apanha este animal, em laços ou armadilhas *(mondé)*.

Como o Procyon cancrivorus, tem elle $\frac{6}{6}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{12}{12}$ dentes. E um animal que varia muito a côr do pello, não só segundo a idade, como as estações, tendo ambas as especies quasi que a mesma côr, sendo, porém, a de que trato um pouco mais clara, tendo, além do tamanho, que é maior, os caninos grandes que sahem fóra do queixo. Tem o corpo alongado, o focinho comprido, movel, truncado obliquamente e arrebitado. Os pés têm cinco dedos, não completamente livres na base, armados de unhas grandes, curvas e pretas. A cauda é longa, pelluda e trazem-a constantemente levantada. A femea tem seis maminhas. A côr é a seguinte : pardo-amarellado, mais escuro nas costas, o queixo inferiormente branco; tem ao lado do focinho uma listra branca, assim como tres malhas da mesma côr em torno dos olhos.

Andam geralmente aos casaes.

O *quaty de bando*, (*N. communis*, ou *socialis*, do Neuwieed) tem as mesmas côres, é menor, não tem os caninos salientes, é mais claro, e anda aos bandos.

Se bem que digam que são estas duas especies nocturnas, sempre as encontrei de dia. São animaes de um olfacto muito apurado, muito brincalhões, andam geralmente pelos logares humidos, nadam bem, assim como com muita facilidade trepam nos páos. O quaty-mondé é atrevido, chega a atacar os cães, investindo contra elles, porém o do bando é mais manso e foge, quer do homem quer dos cães; quando perseguido é que investem contra os cães. Domesticam-se com facilidade e tornam-se depois muito mansos.

Alimentam-se de carnes, ovos, fructos, hervas e mesmo peixe. Encontrei na fazenda da *Capella*, propriedade de meu amigo o Dr. Assis, na cidade de Obydos, uma vez um bando em uma copoeira alagada, onde só crescia o *Sapindus esculentus*, que uns trepados, outros no chão, entregavam-se a uma especie de dansa, tão distrahidos, que delles me approximei, chegando quasi a toca-los, apenas, porém, me ouviram, correram e desappareceram pelo matto, ficando um morto para meus estudos.

O *quaty-mirim* assemelha-se nas côres a *N. communis*, porém afasta-se no tamanho; que nunca o corpo excede a vinte centimetros, fóra a cauda. Anda tambem em bandos, porém são vagarosos no andar, tristonhos e não tão brincalhões. Na região do rio Jámundá são vulgares.

Coipuna. (225)— Será a *Cayaponia*, ou caponga? Cucurbitaceas, descriptas por Silva Manso, entre ellas havendo uma com o nome de *Purga de Cayapó*.

Çoliangu, coriango, (57)— é um *fisstrosiro*, o *Caprimulgus Nacunda*, Vieill., habitante de quasi todas as provincias onde é conhecido pelo mesmo nome, porque é o que elle pronuncia quando, durante as noites de luar, no seu pascigo segue ás vezes o viajante nas estradas. Alguns o tomam por agoureiro.

Çolibri, (58)— este nome não é indigena, e sim francez introduzido no Brazil.

Congonha, (121)—nome dado em Minas-Geraes e S. Paulo, a diversas especies do genero *Ilex*, familia das *Illicineas*.

Ha a *Congonha-grande*, o *matte* ou *yerba*, (*Ilex Paraguayensis*, St. Hill.), a *congonha-miuda*, (Iex chamædrifolia) e outras como os *I. diuretica*, *pseudothea*, *medica*, *domestica*, *sorbilis*, etc. Empregam-se as folhas ou estas e os ramos pilados em infusão, que se toma como chá, sendo muito diuretico e diaphoretico. No Rio-Grande do Sul, Paraná e Minas-Geraes é muito usado, assim como no Paraguay, onde a sua exportação fórma a maior renda da Republica, e é quasi a base da alimentação, em vez do chá ou do café. Com o nome de *congonha* ha tambem em Minas-Geraes e S. Paulo a *Villaresia congonha* Miers.

Copaigba, copaiba, copauva, copiuva, copahiba, copahyba,

cupahy, *cupay*, *cupiuba*. (133) Segundo as localidades assim é a corruptela que apparece no nome indigena *copiyba*, isto é, arvore de cupim, pela semelhança que tem o desenvolvimento do tronco, onde se accumula o oleo com os ninhos que os cupins edificam nos troncos.

Com esse nome conhecem-se varias especies em diversas provincias dando oleo mais ou menos claro, porém todo com o mesmo cheiro e as mesmas propriedades. Assim no Pará e Amazonas a Copahyba é a *Copaifera Guyan ensis*, Desf. e a *C. multijuga*, *Hay.* no Piauhy a *C. conferiiflora*, Benth. ; na Bahia, a *C. cortacea*, Mart. ; no Riode Janeiro a *C. Langsdorfii*, Desf. ; em Minas, a *C. oblongifolia*, Mart. ; em Goyaz, Matto-Grosso e Paraná a *C. rigida* Benth. , e a *C. oblongifolia*, Mart.

O oleo, ou o balsamo que extrahem, e que constitue uma industria no Pará e Amazonas, onde se vende aos potes, é empregado como anti-syphilitico, e nos catarrhos chronicos, assim como externamente nas dôres uterinas e nos ferimentos dos pés para previnir inflammação e tetano. É uma arvore elegante que fornece bôa madeira de lei, cujo cerne é vermelho-escuro. O oleo não é fornecido annualmente pela mesma arvore, em geral só dá uma vez na vida, posto que continue a viver depois do tronco furado. Extrahem o oleo daquellas que apresentam uma grande protuberancia ou barriga, onde se accumula o oleo, e esta furada, lança de si ás vezes dous a quatro potes de oleo, de quatro medidas.

Corocuturu. (60) Será a murucututu ? A jucurutu ? Ambas são rapaces nocturnas do genero *Strix*.

Cotia ou *cutia* antes *acuty*. (13) Diriva-se este nome, cuja traducção é *rigilante*, do verbo *acuty*, espreitar. Em todo o Brazil, e principalmente no Amazonas, abunda este roedor, se bem que soffra uma guerra de exterminio, não só dos civilisados como dos indios que as caçam, por causa da sua carne saborosa, se bem que um pouco dura.

Vivem pelos buracos que encontram, nos ôcos dos troncos cahidos, e debaixo das raizes das arvores, etc. Não tem habitos nocturnos, a qualquer hora do dia andam no pascigo, sempre aos casaes, e ás vezes em pequenos bandos.

Têm muita vivacidade, seus olhos estão em constante movimento e seu andar é sempre rapido e assustado. Comem raizes tuberosas,

são gulosas de curuá (Attala), inajá (Maximiliana regia), cajús (Anacardium) e outros fructos. Diariamente procuram essas arvores, que pelos fructos roidos os caçadores sabem que é *comedia*, e esperam-as então trepados nos *mutás*, para fazer-lhes fogo ou flecha-las. Seu porte é gracioso, e se bem que sua estructura anatomica differa dos claviculados, como estes sentadas levam os fructos á boca segurando-os com as mãos. Seus dentes incisivos são tão fortes, que roem o endocarpo osseo dos fructos das palmeiras, para comerem o albumem. Destes dentes aproveitam-se os indios Ticunas para fazerem miras para as suas zarabatanas, assim como os *Uasahys* do rio Iatapu para fazerem facas, com que preparam suas flechas. Seus movimentos rapidos, tornam-se extremamente velozes, quando entimidadas ou perseguidas, sendo sua carreira sempre em saltos pela disposição e comprimento dos membros posteriores. O couro curtido para calçado é melhor do que o do veado.

Diversas especies abundam no Amazonas. A *Aguty-assu* ou cutia-grande, (*Chloromys Acuti* de Cuvier, *Cavia aguti* d'Erol. *Dasyprocta acuti* de Desmarett, *D. Caudata* de Lund.), que é a vulgar em todo o Brazil e a maior. Tem de comprimento 60 centimetros, e a cauda, que é rudimentar 0m,02, occulta pelos pellos da anca.

A côr é pardo-ferruginea na cabeça, pardo pintada de escuro na costas, confundindo com amarello dos lados. A barriga é amarello-sujo e as extremidades preta.

Os pellos na anca são muito maiores. Tem a cabeça alongada, focinho grosso, olhos vivos e salientes. O systema dentario compõe-se de $\frac{2}{2}$ $\frac{0}{0}$ $\frac{8}{8}$, tendo os incisivos as raizes por baixo dos primeiros molares, cujas corôas são chanfradas externamente nos superiores e internamente nos inferiores.

As extremidades, têm os dedos livres, em numero de quatro nas mãos e tres nos pés. O systema dentario e a disposição das plantas é commum ás outras especies.

Outra especie é o *Akouchy* de Buffon, *Dasyprocta Acuschy*, cuja cauda é menor. A côr é parda pintada de escuro, com a anca quasi preta e a barriga russa.

Uma outra especio existe no rio Jatapu e mesmo em outros logares, onde depois encontrei é a *Acutirvaia* ou Cutiuáia, (D. nigricans, Natt.)

Crumatan ou *curimatá*. (272)— (Anodus Amazonum). Tem palmo

e meio de comprimento, procura as correntes d'agua e cachoeiras. É um dos peixes mais apreciados do Amazonas, e de escama prateada.

Cucheri, *cuchery* ou *cujumary*. (226) — Arvore do Rio Amazonas, a *Ocotea cujumary*, Mart., da familia das Laurineas, cujas sementes são empregadas nas molestias do estomago. Contém grande quantidade de oleo.

Cuica, chamada tambem no valle Amazonico *mucura*, (11)— corruptela de *mbycure*, é um marsupio do mesmo genero *didelphus* a que pertence a Gambá, porém menor, e com a bolsa incompleta. Tem habitos nocturnos, aninham-se nas cipoadas, ás vezes dentro de ninhos de passaros, dos quaes comem os ovos.

Tem o pello macio e os olhos esbugalhados e brilhantes. Ha diversas especies, algumas quasi do tamanho de um camondongo. A mais linda é a *mucura-chichi* do Amazonas. Algumas têm a cauda lisa, e outras pelludas.

Cuim, *couy*, *couym*, antes *cuyi*, conhecido tambem por *Cuandu*, *porco-espinho*, *ouriço-cacheiro*, e *carregador de goiabas* (15)— é um roedor o *Hystrix prehensilis*, Lin.

O nome *cuandu* diriva-se de *cua*, cintura, e da particula *ndu*, que serve para mostrar o uso de alguma cousa, assim refere-se á cauda deste animal, que é agarradora, isto é, fórma uma *cintura*, em torno ao objecto que segura.

É um animal que, durante o dia, passa dormindo no oco dos troncos das arvores, nas camadas de folhas que se ajuntam nas cipoadas, e á hora do crepusculo sahe em procura dos fructos de que se alimenta. Quando atacado, torna-se furioso sacudindo com violencia o corpo, e despede os espinhos que, mal seguros, tem entre os pellos. Quando os cães o pegam ficam com a boca, lingua e cara cobertos dos mesmos, como mais de uma vez tive occasião de vêr. Annualmente mudam de pello, perdendo então todos os espinhos.

É o maior ouriço do Brazil e mede de comprimento 36 a 37 centimetros, menos a cauda, que tem 25. Tem os quatros pés da mesma altura, com quatro dedos, armados de unhas curvas e agudas. Desde o focinho até o meio da cauda, assim como lateralmente, é irriçado de espinhos que sahem dentre o pello onde estão occultos

emquanto o animal não se encoleriza, e então, levantados, formando como que um ouriço. Os espinhos são amarellos com as pontas negras e muito aguçadas. O povo emprega estes espinhos torrados e reduzidos a pó para as molestias uterinas. Os espinhos medem de 0m,05 a 0m,03 de comprimento.

E um animal timido, e pouco se afasta do logar em que habita; tendo os movimentos muito lentos, comparados com o dos outro, roedores. A cauda, que quasi não tem pello, na ponta, auxilia todos os movimentos, isto é, anda sempre agarrada para equilibrar o corpo. Geralmente dorme assentado em um galho com a cauda enroscada nelle. Actualmente tenho um, domesticado, em uma gaiola.

Cuité ou *cuyté, coité*, antes *cuy-eté*. (134) (Crescentia cujete, L.) Fam. das Bignoniaceas. Planta muito conhecida, tambem pelo nome de *cabaceiro*, cujo fructo mais ou menos espherico tem um epicarpo lenhoso, fino e corneo. Partido ao meio, e tirada a massa pulposa que envolve as sementes, dá dous vasos concavos que se denomina em portuguez *cuia* tirado do nome indigena cuy. Esse mesmo fructo, aberto só junto ao pedunculo e limpo por dentro fórma a *cuyambuca*, vaso para carregar agua ou guardar liquidos, geralmente envolvido em uma rede de fibras como usam os indios.

No Pará o fabrico de cuias fórma uma industria, que já vai decahindo, em que Monte-Alegre primava pela perfeição do trabalho a que sujeitam o fructo. Em geral são tintas depois de polidas com *cumaté*, o que lhes dá uma côr negra e luzente, semelhante ao xarão da India. Sobre essa tinta empregam diversas pinturas de côres, ou desenhos feitos por gravura. As tintas empregadas são preparadas de tabatinga e *tauás*, isto é, argillas de diversas côres que se encontram nas margens do Amazonas.

São objectos estimados e muito procurados, pelas varias fórmas que lhes dão.

O lenho da arvore, que é de tamanho mediano, não se emprega, mas a massa dos fructos, crua ou assada, verde ou madura, é empregada em diversas molestias, como anti-tetanico e spasmodico, nas hernias e nas elephantiasis dos arabes.

Cumaru, cumbaru, cumbary. (135) A que tem sementes compridas, de *curu*, comprido, *ua* fructo, semente, e *aru*, do verbo *rub*, eu tenho. (Dipterix odorata, D. C.).

Fam. das Leguminosas. Arvore alta, cuja madeira é empregada em construcções navaes e que produz a semente conhecida por *fava de cumaru* ou de *Tonca*, empregada não só para aromatizar o rapé e roupa, mas tambem como emmenagogas, cardiacas e diaphoreticas. Das sementes se extrahe um oleo essencialmente aromatico para o cabello. O fructo, que é uma drupa alongada, com o endocarpo osseo contendo uma só semente, é muito procurado pelos morcegos e corujas, que o carregam para muito longe ás vezes do logar em que está a fruteira.

Convém aqui expôr um facto que muitas vezes observei em differentes logares do Pará e do Amazonas. O cumaru cresce nas florestas virgens, longe um dos outros, e ha muitos logares onde elle não existe; porém, apezar disso, ás vezes vê-se debaixo de uma arvore qualquer, montes conicos, de fructos que parecem ser feitos pela mão do homem e que foram ahi amontoados pelos morcegos. Estes arrancam o fructo e levam-o para longe, e vão roer o epicarpo e o mezocarpo não só na mesma arvore, como no mesmo galho e ponto em que se penduraram á primeira noite. Á medida que os vão roendo, vão deixando cahir o caroço; de maneira que, acabado o tempo da fruta, encontram-se montes, que os collectores estimam, por poupar-lhes o trabalho do apanho.

Mais de uma especie dá a semente aromatica; a menor, que é a mais aromatica, é fornecida pela *Dipterix odorata*. Willd; e as outras maiores pelas *D. tetraphylla*, Spr., *D. rosea*, Spr., e *D. alata*, Nog., todas oriundas do Pará e Amazonas.

É conhecida na freguezia do Andirá e em outros logares do Amazonas, outra especie com o nome de *Cumarurana*, ou *cumaru silvestre* (Dipterix oppositifolia), cuja semente é toxica e empregada na matança dos ratos, baratas, etc.

No Ceará conhece-se tambem uma especie com o nome de *Cumaru*, mas que constitue um novo genero, a *Torresia Cearensis*, de Fr. Allemão, que floresce no tempo das chuvas e é uma arvore mediocre dos sertões.

Cupim, cupy (295)— (Termes flavicottum e lucifagum). Ha duas especies, a de casa, que devora e se aninha na madeira, e a do chão, que fórma grandes piramides nos campos de Minas, onde se aninha.

Cousa notavel, a mandioca plantada em um ninho de cupim, ou

se sobre ella o cupim se aninha, torna-se phosphorescente e muito venenosa.

Cupuassu, (Deltonea lutea). (269)—Fructo de uma grande arvore do Pará, pertencente ás *Malvaceas*. É grande, tem o epicarpo duro, quebradiço, amarellento, e as sementes envolvidas em uma massa filamentosa, branca, agridoce, que se come picada e posta em maceração na agua, o que dá uma bebida refrigerante e muito agradavel. Tem um cheiro um pouco semelhante ao da rosa.

Cutirtriba, *Cutitiribá*, no Pará, e *Tatarubá* no Maranhão (Lucuma Revicoa, Gartn). (258) É uma sapotacea cujo fructo, quando maduro, tem a epiderme verde-assetinada e o mezocarpo côr de gemma de ovo, farinaceo e semi-pegajosa. É de uma arvore altaneira e elegante. A semente pulverisada e addicionada a qualquer chá sudorifero é applicada com vantagem nas febres intermittentes. Ha duas especies, uma, cujo fructo é globuloso, com 25 milimetros de diametro e outra que o tem quatro vezes maior. É a *Guytí-toroba* de Piso, conhecida em Cayena por *jaune d'oeuf*.

Embira, *envira*. (230)—Dá-se este nome não só ás fibras longas e fortes da casca de alguns arbustos e arvores, como tambem ás plantas que as produz. Geralmente pertencem ás familias das *Malvaceas*, *Anonaceas* e *Bombaceas*.

Embiriva, antes *emviryva* (136) *Eimbir*, rasgar, lascar, e *yb*, madeira. (Couratari, sp.). Familia das Myrtaceas. E uma arvore de Pernambuco e Alagôas, alta, esgalhada e cujo cerne é de uma côr parda. O alburno lasca com facilidade, e aproveitam essa circumstancia para fazerem ripas para casas, assim como para archotes, que não só expande bôa luz como não se apaga. Em esteios é de grande duração. A casca é adstringente e empregada para curar golpes e feridas.

Emu ou *ema* (*Rhea Americana*), (61)— é o abestruz da America, que se encontra nos campos dos sertões de Minas e Rio-Grande. Aninha-se nos mesmos campos, e quando lançam fogo a estes, estas aves correm ao proximo rio ou lago, molham-se e sacodem-se junto ao ninho até molhar o capim em torno, para que o fogo não offenda os ovos, que são mui grandes. Correm muito e domesticam-se

com facilidade, mas são destruidoras, porque engolem todos os pequenos objectos de metal que encontram.

Engá, ingá (137)— (mimosa, sp. var.) Fam. das Leguminosas. Com este nome vulgar se conhece em todo o Imperio diversas arvores, que em geral crescem nos logares humidos e margens de rios, e dão vagens, cujas sementes são cobertas de uma pôlpa adocicada, que se come. A sua madeira é pouco aproveitada, porém as cascas de algumas especies são tonicas e adstringentes, e usadas pelo povo. Quasi 80 especies estão scientificamente classificadas e muitas têm nomes vulgares que as distinguem uma das outras entre as naturaes.

No Pará conhece-se o *Ingá chichi* (Inga alba, Willd.) que cresce nas mattas, e o fructo é pequeno e amarello; o *Ingá peua*, de um palmo de comprimento e duas pollegadas de largura; o *Ingá uassu* ou de *cacete* (S. cinnamomea sp.), cujos fructos attingem a um metro de comprimento, e o *ingá macacaruaia* ou rabo de macaco (I. edulis Mart.), além de outros, como o *mimoso*, o *cabelludo*, etc.

Enhapupe, nhambu, nhambu, nambu. (62) E um gallinaceo commum nas nossas florestas. Ha diversas especies como o *Inhambu-assu, inhambu-coá* ou *sujo, I. toró, I. quiá, Inhambuhy*, todos do genero *Crypturus*. Procuram os logares sujos das mattas para se aninharem, ou nos sapesaes, e seus ovos são arroxeados, pouco menores do que os de uma gallinha.

Ginja, (139)— nome portuguez dada a uma fruta exotica o *Prunus cerasus*.

Ginipapaba, genipapo, jenipapa. (172) (Genipa brasiliensis, Mart.) Fam. das Rubiaceas.

Arvore cuja madeira branca é empregada em fôrmas para sapatos, cujo fructo come-se e produz tinta azul-negro.

Com o mesmo nome conhecem-se varias especies com que os indios preparam as suas tintas para a *tatouage*.

Gitahy, getaigba, jetahy, jutahy, jetay, jatay, jataiba, jatobá, (138)

Nomes mais ou menos corrompidos dado em differentes provincias a differentes *Hymenaeas*, da familia das Leguminosas. No norte denominam jutahy, no Pará *yutahy* e no sul jatobá, sendo o yutahy o

mesmo jatobá,(Hymenaea courbaril, Lin.) Na citada provincia ha ainda o *yutahy-porococa* (H. stigno carpa,Mart.) e o yutahy-miry (H. stilbocarpa, Mart.)e no sul o *catinga*, o *peba* e o *assu* é o mesmo *jatobá*.

E madeira excellente para construcções civis e hydraulicas, e o seu cerne é vermelho mais ou menos escuro, com veios e manchas escuras. Da casca e das raizes exhuda grande quantidade de resina aromatica, branco-amarellada, transparente, conhecida por *jutahy-icica*, com que não só vidram a louça de barro como dá excellente verniz.

Cavando-se o solo onde existiu algum jutahy que por velhice morresse, encontra-se grande quantidade de rezina em grandes blocs, alguma já secular.

A resina tem o aspecto do ambar, porém mais transparente. É das cascas do yutahy que os indios fazem as suas ubás.

Goanambik, *guamumby*, *guaimumby*, *guiamumby*, (63)— taes são as differentes maneiras com que se tem escripto um dos nomes dados pelos indios ao beija-flôr. Creio que verdadeiro será *Guanamby*, de *guá* pintura, e *namby* orelha, referencia ás pennas brilhantes formando mesmo em algumas especies como que orelhas na avezinha.

Será?

Goiava, *goyaba*, *guaiaba*. (140,—(Psidium guayava, Radd.) Fam. das Myrtaceas.

Planta muito vulgar, em todo paiz, que apresenta tres variedades na côr do fructo.

Ha a G. *branca*, a *amarella* e a *côr de rosa*.

A branca do Pará é a mais saborosa. Do seu fructo faz-se excellente doce, que constitue uma industria do paiz e as suas cascas e grelos. pela quantidade de tannino que contém, são empregados nas diarrhéas e leucorrhéas.

Grapeapunha, *guarapeapunha*, antes *muirapeapunha*. (144)— (A pilaea praecox, Mart.) Fam. das Leguminosas.

Arvore alta cuja madeira é empregada em construcções civis e naval. O seu cerne é amarello de ouro rajado. O nome indigena significa arvore de casca grossa. de *muirá*, páo, *pe*, casca, *apon* grossa.

Grapicik, guarapicica, (143)— isto é, arvore de casca rezinosa, de *muira,* arvore, *pe,* casca e *icica,* rezina. (*Lucuma* ?) Fam. das Sapotaceas. É arvore da provincia de Santa Catharina empregada na marcenaria.

Grumixama. (260)— Uma das Myrtaceas, cujos fructos são mais apreciaveis. São pequenos, com o epicarpo roxo-negro, luzentes, formados de uma massa doce.

Grunhatá, grunható (64)— é um gavião da provincia de S. Paulo (*Falco* ? *Polyborus* ?) (65) *Vide* a nota 5.

Guabiroba, guadiroba, guaviraba, guaviroba. (143)-- Com este nome conhecem-se varias especies em diversas provincias. São arbustos e arvores geralmente dos campos, cujo fructo amarello é saboroso quando bem maduro. Pertencem á familia das *myrtaceas* e aos generos *myrtus, Abbevillia* e *Campomanesia.* No Sul e no Rio da Prata é o *myrtus mucronata,* Camb., no Rio de Janeiro é a *Abbevillea maschalantha,* Berg., em Minas-Geraes é a *Campomanysia,* observa Berg., a *C. multiflora,* Berg., a *C. corymbosa,* Berg.; em S. Paulo a *C. reticulata,* Berg., a *Abbevillia guaviroba,* Berg., e outras conhecidas por *guabiroba do campo, de cachorro felpuda,* etc. Em geral o lenho não é aproveitado, por ser madeira branca e mesmo não a fornecer muito, mas empregam-a no fabrico de caixas, principalmente as do *Abbevillia maschalantha.*

O nome *Guabiroba* deriva-se de *Guam,* cheiro, *bi,* pelle, *ob,* folha, isto é, folha cheirosa. Dessa propriedade se aproveitam os fabricantes de *matte,* para addicionar á congonha as suas folhas, com o fim de aromatiza-las.

Guacuman, tucuman, tucumá, antes *yucumá.* (144)—Astrocaryum tucumá, Mart.Fam. das Palmeiras.Esta especie é do Pará e Amazonas. É uma palmeira alta, espinhosa, cujos fructos não só se comem, como com o endocarpo dissolvido n'agua preparam uma beberagem côr de gemma de ovo, côr do fructo, que é substancial e bôa, a que denominam *vinho de tucumá.* Cumpre observar aqui que não é esta especie a que fornece as fibras conhecidas por tucum, estas são tiradas dos grellos do *Astrocaryum vulgare,* Mart., e que cresce no Solimões. Palmeira de pouco prestimo. *Yucumá,* significa *espinho comprido*

Guacuma (231).—*Vide* a nota 144 e *Guacuman.*

Guanandirana, Calophyllum Brasiliense (115). Guanandi não verdadeiro. Madeira de lei.

Guará, Goará (66).—Com este nome conhece-se tambem um longirostro da provincia do Pará e outras, o *Ibis rubra*, que povôa as margens dos lagos, destacando a sua côr vermelha do verde das campinas. Na primeira idade é todo branco, com a quéda das primeiras pennas nascem outras negras, e mais tarde cahem para serem substituidas por outras côr de rosa. Por muito tempo é essa a côr que conserva, mas que afinal perde para cobrir-se de um vivo encarnado, cuja côr é tambem a do bico e das pernas. Domestica-se com facilidade.

Guara, aguara (16).— Não é mais do que uma corruptela do *yauara*, cão. É conhecido tambem por *lobo*. Vive nos campos, foge do homem, ataca os rebanhos até nos curraes, para chupar o sangue, porém é um animal tímido. Assemelha-se a um cão ou lobo, e tem o pello cinzento ou pardo, mais claro no ventre. Alimenta-se de carne, de fructos e de insectos. Ha diversas especies, como o *Canis vetulus* Lund., *C. jubatus* Desm.

Guarabu, guarubu (316), conhecido tambem por *Gonçalo Alves*, no Rio de Janeiro. Arvores cujos cernes são roxos ou amarellos, pertencentes ás familias das Urticineas e das Leguminosas, fornecendo bôa madeira para segeiros e marcenaria. Conhecem-se o *Guarabu* de cerne roxo (*Peltogyne guarabú* F. All.), o *guarabu amarello* (*P. confertiflora* Benth.), o *guarabu batata* ou *Gonçalves Alves*, (*Myracroduon graveolens* Jacq) e outros como o *guarabu preto, rajado*, que não são mais do que variedades da *Peltogyne.*

Guarauno, guarauna, guarauna, braun a, (118) antes *muira una* páo preto. (*Melanoxylon-braunia* Schot.) Fam. das Leguminosas. Arvore de 20 a 25 metros, cujo cerne é pardo escuro, quasi preto que se emprega nas construcções civis, e que se encontra em quasi todo o sul do Brazil. Preparam com ella tinta parda. Ha tambem a *muirá-una* parda que tem as mesmas propriedades.

Guaraxaim, (17) nome dado no Rio-Grande do Sul, tambem aos *Guarás.* É o *agourachay* de Azara, o *Canis Azarae* Cuv. É cinzento-amarellado ou branco-sujo acinzentado. Encontra-se em quasi todo o Brazil onde é conhecido tambem por *Cachorro do matto,*

dando-se-lhe impropriamente tambem em, Minas o nome de *Rapoza*. *Guaraxaim* é corruptela de *iauara chay*—cão aspero, referencia feita á consistencia dos pellos.

Guaricanga, *aricanga*, *aricana*. (232) Em S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro, dão este nome a diversas palmeiras do genero *Geonoma*, cujos espiques são empregados em arcos de peneiras e de bater algodão, e as folhas em coberturas de casas. Tres especies novas, de Minas-Geraes, eu descrevi e que ahi são conhecidas pelo nome vulgar supra : A *Geonoma erythrospadice*, a *brevispatha*, e a *aricanga*.

Guaxinim, *guachinim*, (18) nome dado pelos indios ao Plantigrado conhecido na sciencia por *Procyon cancrivorus* Lin., e no Amazonas por *Igauara*, isto é, *y*-agua, *iauara*-cão. E semelhante ao *quaty*, porém mais atrevido e voraz. Vive pelas margens dos rios, igapós e mangues ; sóbe com facilidade ás arvores e alimenta-se de carne, ovos, hervas, carangueijos, etc. Quando ataca um animal, não o deixa senão em ossos. Os indios por essa circumstancia temem-o muito. E muito vivo, ligeiro no andra, e nada com muita facilidade. É pequeno, tem o pello lanoso, cinzento-pardo nos lados, esbranquiçado no ventre, com uma listra preta entre as orelhas e a ponta do nariz preta. O nome guaxenim é uma corruptela de *iauara-xaim*, de *iauara*—cão, *xaim*—rasteiro. Vindo eu de Itaituba, no Rio Tapajós, fui portador de um jupará para o meu amigo o Exm. Sr. Barão de Santarem, que mo offereceu. Durante o tempo que esteve em meu poder, estava em um caixão com grades de ferro, porque as primitivas de páo se roia em um momento. Trepando um dia uma arara sobre as grades, o animal agarrou-a por uma perna e a devorou, puxando-a á medida que a comia. Solto, acenando-lhe com carne, subia-me pelas pernas e vinha-meá mão arrancar a carne com avidez. Seus dentes são $\frac{6}{6}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{12}{12}$ Os caninos grandes, aguçados e cortantes. Os pés têm cinco unhas fortes e agudas.

Guaxuma, *guaxima* e *uatsyma* (233). — Differentes plantas, todas da familia das Malvaceas, tem o nome supra, sendo o ultimo só conhecido no Pará. Fornecem a embira, que se emprega em cordoalha. Pertencem ao genero *Urena* e *Hibiscus*. *Guaxima* é corruptela de *caa*-folha, e *syma*-cotonosa. No Pará tiram os naturaes

muito proveito deste arbusto, que chega a ter de altura ás vezes 12 palmos. E proprio dos terrenos que foram outr'ora cultivados, onde nascem em abundancia. Para tirarem as fibras claras, com que preparam cordas, punhos de rêdes, etc., cortam o arbusto, collocam-o debaixo d'agua por alguns dias até amollecer a casca, e depois com muita facilidade tiram as fibras.

Guraema, guararema, ibirarema, (147) antes *mutranema*—páo fedorento, pelo que é conhecido tambem por *Páo d'alho*. (*Seguiera floribunda* Benth.) Fam. das Phytolacaceas. As raizes e a casca exhalam um cheiro forte, semelhante ao do alho, e a infusão do lenho é applicada nas molestias cutaneas e nos rheumatismos. Ha outras especies, como a Caparideacea de Pison, chamada *Tapiá* (*Crateva tapiá* L.), que tem o nome de Páo d'alho.

Guramarin, gurumerim, grumarim, grumari (149).

Guratan, guarantam (150), antes *muira-antan*—páo duro, ou *muira-itá*—páo-ferro, nome pelo qual é conhecido tambem (*Caesalpinea ferrea* Mart). Fam. das Leguminosas. Cumpre advertir que o nome de *Páo-ferro* é dado tambem a outras arvores.

Guti, Guiti, Guiti-iba (151), antes *cutiyba*,—arvore de cutia. (*Soaresia nitida* Fr. All.) Arvore mediocre. Cerne vermelho, que se emprega em gamellas.

Hoiticika, Ojetickika, Oiticica (152) (*Moquilia tomentosa* Benth.) Fam. das Rosaceas. Com o nome de *oiti*, ou *oity, uity*, se conhecem diversas especies que o vulgo distingue pelos adjectivos que lhe juntam, assim temos o *Oity-cabacinho, O. mirim, O. catinga de burro, O. preto*, todas do genero *Moquilea*, á excepção de uma que é a *Conepia uity* de Bentham. É madeira quasi que exclusivamente empregada em construcções navaes, e que cresce em quasi todas as provincias.

Hybicuhyba, bicuiba, bicuhyba, bocuuba, vicuhyba (153), (*Myristica sebifera*) Fam. das Myristicaceas. São conhecidas por esses nomes a *Myristica sebifera* Swartz., a *M. officinalis* Mart., a *M. bicuhyba* Schott. e a *M. surinamensis* Roland., todas fornecendo das sementes um oleo, que é aproveitado pelos naturaes para diversos misteres. A *M. officinalis*, cujo fructo é maior, tem emprego na medicina contra dôres rheumaticas, é efficaz nas colicas, substituindo

ás vezes a *M. moschata*, ou *noz moscada*. A madeira é empregada em vigamentos e assoalhos. Do tronco, quando ferido, corre um liquido arroxeado. A semente da *sebifera* espetada em um páo e accesa substitue uma vela.

Hyrara (19), vide a nota 1 e *Ahyrara*.

Ibabiraba (155) (*Britoa tri-flora* Berg.) Fam. das Myrtaceas. Arvore do Pará cujas folhas são aromaticas e empregadas contra dôres de cabeça.

Ibacamuri (156) Desta arvore trata Marcgrave, mas por esse nome não a conheço.

Iba-purunga ou *Iba-poronga* (157).— Segundo o Dr. Martius é uma *vitex*. da familia das Verbenaceas.

Ibaraba (158) (*Lecythis ovata* Camb.) Fam. das Myrtaceas. Arvore que apresenta muitas variedades e que cresce em muitos logares do Imperio.

Ibaruba, *ibaraba*, *ibiruba*, ou *pitangueira do mato* (159) (*Stenocalix ligustrinus* Bg.) Fam. das Myrtaceas. É uma especie de grumixama, cujo fructo é doce e se come.

Iguana ou *yguana* (40), lagarto verde de crista dentada ao longo do dorso e cauda, com grande papada e que vive sobre os galhos das arvores, nas margens dos rios. Tem um andar vagaroso e, quando presente perigo, atira-se na agua e mergulha. Desova em covas nas praias. Sua carne é saborosa.

Indii, *jundiá* ou *jandii* (273). *Platystoma spatula*. Peixe de escama semi-ossea, que vive no lodo dos rios e lagos; é dos chamados *do matto*, porque quando ha os primeiros repiquetes da enchente, elles sobem com as aguas que inundam os mattos, e quando estas descem, elles ficam sobre as folhas seccas do chão a desovarem ahi, onde esperam o segundo repiquete para voltarem ao rio. É semelhante ao Acary.

Inhahiba, *ininhoy* ou *inhuhyba* (160), arvore do campo, de *inhu*—campo, e *yba*—arvore. É conhecida tambem por *Canelia inhuhyba* (*Caesalpinia bonducella* Roxb.) Fam. das Leguminosas. Arvore dos campos e mattas do littoral do Rio de Janeiro e Bahia, de grande duração nas construcções civis e navaes.

Inheme, *inhame* (285). Ha diversas Aroideas e Dioscoreaceas com

esse nome em diversas provincias. Os tuberculos das Aroïdeas são mais ou menos acres e mucilaginosos, mas cozidos são agradaveis e substanciaes. Ha uma especie, conhecida por Inhame-bravo, que, posto que cozido, só para alimento do gado suino serve.

Inhahybatan ou *Inhuhybatan*, (161) arvore dura do campo, de *inhu*-campo, *yba*-arvore, *antan*-dura. É uma Leguminosa empregada na mastreação de navios, por ser madeira muito resistente.

Inhuma (67) *Vide* a nota 42 e *Anhuma*.

Inimboya, *inimboy*, (234) *Guil andina bonduc* L., fam. das Leguminosas. A casca é amarga.

Inxu, *inxuy* (296 a). É um marimbondo que faz ninhos cylindricos, grandes, de uma substancia cinzenta. É pequeno, pardacento e se aninha em arvores altas, descendo para atacar quem passa por baixo. É do Rio de Janeiro.

Ipe ou *aipe*, antes *ipé*. (162) Diversas especies são conhecidas, todas da familia das Bignoniaceas; taes como o *ipé* ou *páo d'arco*, que cresce no Norte (*Tecoma chrysantha*); o *ipé-amarello* ou *páo-d'arco-amarello*, tambem do Norte (*Tecoma*, sp.); o *ipé-assu* ou *ipé-grande* (*Tecoma-insignis*), e o *ipé-batata* (*Tecoma-leucantha* F. All.) Todas têm o cerne mais ou menos pardo e são consideradas madeira de lei para todas as construcções. As cascas são adstringentes e empregadas em banhos ou gargarejos nas empigens e nas feridas da garganta. Em S. Paulo o *ipé* é conhecido por *ipeuva* ou *piuva*, que é uma corruptela de *ipé*, e *yb*-arvore.

Ipecacuanha. (235) Este nome é derivado de *ipeca*-pato, e *conha*-membro viril, allusão feita á disposição das raizes que são em espiral, como são os penis dos palmipedes do genero *Anas*. Pertence á familia das Rubiaceas, é a *Cephælis ipecacuanha* Rich., que é empregada como vomitivo, e conhecida tambem por *poaya*. Pelletier extrahio della a *emetina*, que é um pó branco amarellado, inalteravel ao ar, pouco soluvel na agua fria e muito no alcool e no ether. Sabor amargo. A raiz da ipecacuanha contem: emetina, 16; cera, 1,2; materia resinosa, 1,2; gomma, 2,4; amido, 53; materia animal, 2,4; linhoso, 12,5; e vestigios de acido gallico, ao todo 100 partes.

Issicariba, *icicariba*, *almecega*, *almecegueira*, *elemi*, *myraicica*. (163) No sul do Brazil são conhecidos por estes nomes o *Protium*

icicariba D. C. do Rio de Janeiro, o *P. almecega* March. de Minas-Geraes, e o *P. heptaphyllum* Aubl, que produzem todos uma resina branca e aromatica, donde lhe vem o nome vulgar. No Amazonas, entre outras especies, como o *P. martianum* Engl., o *P. pubescens* Benth., e o *P. laxiflorum* Engl., ha o conhecido por *Breu-branco* o *Issicantan*, de *issica*-resina, *antan*-dura, o *P. aracouchini* Aubl., que é uma das arvores que mais abundam nas florestas. Chega a attingir cem pés de elevação. Da sua casca sahe naturalmente em lagrimas uma resina, a principio branca, viscosa e semi-transparente, que depois endurece em contacto com o ar, e que fórma, pela superposição das lagrimas, uma massa que se encontra adherente ao tronco, ou com o tempo cahida no chão, tornando-se opaca e muito quebradiça. Obtem-se tambem por incisões. Fórma um dos ramos de commercio dos indigenas que pelas mattas a apanhão e vendem-a no seu estado natural. Com os annos a parte exterior toma uma côr preta. O principal emprego desta resina é, dissolvida ao fogo com alguma materia gordurosa, nos calafetos de embarcações. Tem um cheiro agradavel approximando-se do da terebinthina, quando fresca, diminuindo um pouco esse cheiro quando velha, reapparecendo, porém, depois quando queimada. É soluvel no alcool e no ether crystallisando. Pouca acção tem sobre ella a essencia de terebinthina. Esta resina substitue perfeitamente a almecega, *amyris elemifera* L., produzindo os mesmos effeitos e tendo a propriedade de ser com mais vantagem manipulada. Substitue bem o balsamo de tolú, desfeita em alcool e reduzida a xarope. A almecega verdadeira é muito rara hoje na Europa e a que dahi importamos não é mais do que a especie em questão e as das especies *P. guyanensis* e *P. heptaphyllum*. Quando a medicina tanto a emprega, nós nos utilisamos della para brear canôas. O indio, porém, sabe tirar mais algum proveito della; emprega-a reduzida a pó e batida com gemmas de ovos nas hemoptises ou outras molestias peitoraes. Curam tambem suas dôres de dentes fumando em *tauary* o mesmo pó, e, misturando-o com azeite de *andyroba* fazem emplastros suppurativos.

Um pequeno batracio, o *cunauaru* do Amazonas aproveita tambem a resina desse *Protium* e fórma com ella a famosa resina *Cunauara* ou *cunauaruicica*. Crença é em todo o Amazonas que esta resina, que se encontra no ôco dos páos podres, nos igapós, é a

agglomeração de um gluten que sahe do corpo do sapo quando elle fabrica a casa em que habita; mas não ha tal. A resina do *Cunauarú* não é mais do que o breu branco, que esse batracio carrega emquanto está novo, e superpondo camadas que alisa e afunda com o peito, deixando sempre no centro um orificio, fabrica uma especie de panella sobre a qual se aninha no tempo de desovar. Como no igapó os fios dos ovos serião levados pela corrente no tempo da vasante, ou seriam comidos pelos peixes, depositam seus ovos na panella, que fica cheia d'agua com os bordos de fóra, e quando as *cocomas* sahem, descem pelo orificio do fundo. Este ninho tem ás vezes 0m,3 de altura e conserva geralmente o diametro de 0m,14, tendo o orificio que atravessa todas as camadas 0m,02 de diametro. Geralmente encontram-se esses ninhos abandonados, quebrados e já velhos. Quando novos, distinguem-se as camadas do breu, onde apparecem particulas vegetaes adherentes, porém depois de velhos tomão uma côr pardo-escura. Pelo calor proprio do animal o breu amollece e mistura-se com o gluten ou liquido que lança de seus póros, chegando mesmo a formar camadas extremamente finas entre as do breu. Vi no rio Jatapu, confluente do Uatumã, provincia do Amazonas, dous destes ninhos, um principiado e outro com ovos, não podendo comtudo vêr o animal. A resina tem um cheiro semelhante ao do breu branco, porém mais especial, devido talvez ao gluten ou liquido com que foi misturado. É soluvel no alcool como o breu, e insoluvel na terebinthina e pouco no ether. Queimada em fumigações, é empregada contra dôres de cabeça. Dizem que o batracio que fórma estes ninhos é pardo-escuro e pequeno. É conhecido pelo seu coaxar, que parece pronunciar a palavra *cunam*. São difficeis de encontrar-se, não só pelo seu tamanho, como pela côr que se confunde com a das folhas seccas que estão sobre o solo, pelo que os indios têm como prenuncio de felicidade o encontro de algum.

Itapecurú ou *Itapicuru* (163 bis), de *ita*-pedra, *pe*-casca, *curu*-escabrosa, arvore de casca dura e escabrosa. (Familia?) O cerne é amarello com veias côr de chocolate. Empregam tambem as cinzas na saboaria. Encontra-se entre Itapemirim e Itabapoama, no Espirito-Santo.

Japotapitaba ou *jabotapita* (164) *Gomphia parviflora* D. C. Fam. das Ochnaceas. É a *Ochna jabotapita* de Linneo.

Jacarandá. (165) Com este nome ha varias especies que o vulgo distingue com nomes especificos adequados á côr do cerne. Assim temos o *Jacarandá cabiuna* (*Dalbergia nigra* Fr. All), o *J. de espinho* (*Machaerium leucopterum* Vog.), o *J. preto* (*M. incorruptibile* Fr. All. e *M. legale* Benth.), o *J. rôxo* (*M. firmum* Benth.), o *J. antan* (*M. lanatum* Tul.), o *J. rosa* (*Drenccarpus microphyllus* Wawra), e outros, como os *J. branco*, *J. rana*, *J. puitan*, *J. piranga*, *J. grande*, *J. cipó*, *J. banana*, etc., todos pertencentes á fam. das Leguminosas e empregado não só em construcções civis, como principalmente na marcenaria. Cresce em todo o Imperio.

Jacarandá-tan (166) (jacarandá duro), *Machaerium scleroxylon* Fr. All. É conhecido tambem por *Páo-ferro* e *Páo-santo*. Empregam-se como dormentes, em dentes de rodas e na marcenaria.

Jaburu, *jaburu-moleque*, *yaburu*, (168) uma das aves paludaes mais communs nos lagos do interior do Amazonas. É a *Mycteria americana*. O corpo é branco, e os olhos, pernas e bico pretos. Andam aos bandos, alimentam-se de peixes, que apanham mettidos n'agua, mergulhando o pescoço, tão longo como as pernas. Aninham-se em arvores excessivamente altas.

Jaca. (261) *Artocarpus integrifolia* Linn., Fam. das Urticaceas. Ha tres variedades: a *jaca-dura*, *jaca-molle* e *jaca-manteiga*. A primeira é a mais estimada.

Jacaré. (29) nome generico vulgar dado aos Saurios. Conhecem-se tres especies: o *Jacaré-assu* (*Alligator sclerops*), o *Jacaré-tinga* (*A. palpebrosus*) e o *Jacaré-curua* (*A. lucius*). A primeira é a maior; abundante no rio Amazonas, chegando a ter ás vezes 25 palmos de comprimento. No tempo da sêcca, quando os lagos transformam-se em campinas, estes animaes empilham-se aos centos, uns sobre os outros, como uma estancia de madeira, e passam assim o verão como em hybernação, até chegarem as primeiras aguas. Ai daquelle que passa por perto então! A pilha animal começa a mover-se, e em poucos instantes o individuo é devorado. Na passagem do gado de um para outro campo, ao passar por essas pilhas, deixam muitas vezes victimas de seus aguçados dentes. A sua carne é clara e o seu almiscar parte das virilhas. As escamas são osseas e os seus dentes triplos e conoidaes. O *jacaré-tinga* é o menor, e a sua carne, bem preparada, é saborosa. Não attinge mais de 2 metros.

O *jacaré-curua* é especie intermediaria, não só no tamanho, como no atrevimento. O *assu* é preto, pintado de branco no dorso e branco no ventre; o *tinga*, pardo-esverdeado claro, e o *curua* esverdeado-escuro, com as escamas escabrosas, e catinguento. No tempo da salga do *pirarucu* infestam as praias, para comerem os restos do peixe. Poem os seus ovos sobre ninhos de gravetos, nas praias, e constantemente o guardam com a vista, donde veio o dizer-se que chocam com os olhos, quando disso o sol é que se encarrega. Os ovos são duros e asperos, medindo alguns 0m,14 á 0m,15 de comprimento.

Jacu, (69) Grallipede commum no Rio de Janeiro, e em outras provincias, onde contam-se diversas especies, como o *Jacu-assu* (*Penelope cristata* L.), o *Jacu-tinga* ou *Cujubim* no Pará (*P. leucoptera* Natt.), o *Jacupema* (*P. superciliaris.*), o *Jacu-caca* (*P. jacucaca* Spix). Todas estas especies têm a carne saborosa e são avidas de pimenta e frutas, donde lhe veio o nome de *ya*—fruta, e *cu*—comer.

Jacupemba (70) Vide a nota supra.

Jacutinga (71) Ibidem.

Japu, antes *Japi* (72) *Cassicus cristatus*. Este *Conirostro* anda em pequenos bandos e tem um canto interessante, não pela voz, mas pelos movimentos que faz arripiando as pennas quando solta a voz. Encontra-se em diversas provincias, porém não é procurado como caça pelo máo cheiro que tem. O seu nome significa o *palrador*. *Yapi* é corruptela de *nhapy*.

Jaguane (21). Vide *Guará*, nota 16.

Jaguaratirica (21). Vide o termo seguinte.

Jaguarete ou *Yaguarate*, (22) corruptela de *Yauarité*, carniceiros do genero *Felis*. Comprehendem-se debaixo deste nome diversas especies de gatos com o nome vulgar de *onças*, divididas em quatro grupos distinctos pelas côres, tamanho, habito e instinctos. O das onças propriamente dito *Iauarité* dos indios, *jaguar* dos francezes; o das *suassuranas*, ou *suesuaranas*, o *cougouar* dos francezes; o dos *mbaracayás*, ou *ocelots* e o dos *caa-pixunas* ou *gatos do mato*. No grupo dos *yauarités*, ou onças verdadeiras, estão as especies mais ferozes e maiores do Brasil; são os *jaguares* dos francezes.

O Sr. E. Liais, na sua obra *Climats, geologie et faune du Brésil*, dá a seguinte etymologia para a palavra *jaguar* (onça): *Ya* esmagar com os pés de um salto ou de uma vez e *uá*, do verbo *u* comer, com a posposição da letra *a* para indicar energia na acção *devorar*. Assim, é verdade, fizeram os indios a palavra *Ia-u-ara*, ou jaguara, que não é *onça*, e sim *cão*, que é o *que devora o carniceiro*. Conhecendo os indios o instincto carniceiro do cão deram-lhe esse nome, mas como houvesse um carniceiro mais feroz, ajuntaram a palavra *eté* á primeira e fizeram *Iauára-eté*, ou como pronunciam *Iauáreté*, que quer dizer o *carniceiro verdadeiro*. Por euphonia as pessoas civilisadas dizem *jauárité*, que ouvido pelos naturalistas estrangeiros, não sabendo pronunciar, fizeram *jaguar*, como synonymo de onça, porém, admittido o gallicismo, não exprimirá elle mais do que o *cão*.

A maior e a mais linda das onças que tem o valle do Amazonas é a *Jauarité pinima*, ou onça pintada, *a F. onça* de L., que chega a ter de comprimento dous metros. O fundo do pello é amarello-pallido, pintado de preto. A dentadura compõe-se de dentes dispostos a dilacerar as carnes e não a mastiga-las, pelo que a maxilla inferior é mais estreita, passando portanto os dentes unidos uns pelos outros, cortando como tezouras. Compõe-se nesta, como em todas as outras especies, de $\frac{6}{6}$ incisivos pequenos, que contrastam com $\frac{2}{2}$ caninos, consideraveis, conicos, agudos e curvos, seguindo-se $\frac{8}{8}$ mollares, dos quaes os terceiros superiores e inferiores são os carniceiros, tendo os quartos superiores muito pequenos e tuberculosos, emquanto que os carniceiros são grandes e cortantes. Posto que de grande agilidade e força muscular nos membros, torna-se um animal terrivel empregando as feias armas com que Deus o favoreceu.

Além dos afiados dentes, tem a lingua cheia de grandes papillas corneas, que, pelo simples lamber, despedaça as carnes da victima; suas patas dianteiras grandes e musculosas, são armadas de cinco garras agudas, curvas e contracteis, com as quaes segura a presa, ajudando-a a dilacerar, ou a agarrar-se com as quatro das trazeiras que são um pouco menores. Tendo um corpo esguio, e muito flexivel, devido á estreiteza e pequenez do intestino, com facilidade saltão e dobrão-se sobre as presas. Apezar da pequenez do cerebro, cheio de circumvoluções, é um

animal astuto e que mostra certa intelligencia. Terrivel nos seus assaltos, mostra mais paciencia e astucia, do que os seus congeneres, na caça que faz a certos animaes. Geralmente não ataca o homem de frente, senão quando este lhe dá caça. Encarando-o antes de assalta-lo, assenta-se sobre os pés, occasião esta de que o caçador amestrado aproveita-se, e mesmo provoca, para balea-la. Infeliz se errar o tiro, porque, a onça, rapida, salta sobre elle e o despedaça. Aquelles que são animosos, conseguem ás vezes mata-la á faca, na luta que então se trava, sendo mais commum ser sempre o homem a victima. Embora não fraqueando, ás vezes não supporta o halito pestilente que o animal então solta e o embriaga, fazendo-o perder os sentidos e facilmente tornar-se presa. Ha tapuyos animosos e tão dextros, que a caçam sempre á faca e com uma especie de chuço. Provocam-a, e, quando ella se assenta, esperam pelo salto e a recebem na ponta do chuço e sangram. Vendo-se ferida salta para traz, para novamente se atirar sobre elle, sendo recebida como da primeira vez, e assim morre.

Uma outra especie muito semelhante á esta, porém menor, não tão feroz, e cujas pintas são differentes, tinha sido, até hoje, confundida com esta pelos naturalistas e classificada sob a mesma denominação de *F. onça*. Ultimamente o Sr. Liais muito bem a distinguio. É a *Uru-jauara* ou *F. jaguapará* de Liais. O nome vulgar a differença muito bem da primeira e refere-se ás pintas que tem ; quer dizer : o cão ou carniceiro (*jauára*), pintado como o *uru*, que é um passaro (*odontophorus guyanensis*), cuja plumagem é miudamente pintada. Esta não excede em comprimento a 1m,50, é menos feroz e evita o homem, só o aggredindo quando é perseguida.

O cruzamento da *F. jauarité* com esta produz uma hybrida, vulgarmente chamada *jauarité-tauá*, ou onça amarella. Conhece-se esta porque é do tamanho da *F. jagua-pará*, é mais amarella, mais miudamente pintada, sendo as pintas e as malhas sempre irregulares. Geralmente tem esta as mãos brancas e os instinctos da *jauarité pinima*.

Uma outra especie que mais raras vezes apparece, e habita a parte mais remota dos sertões, é a impropriamente chamada *tigre* e pelos naturaes *Iauarité-una*—onça preta, a *F. jaguatyrica* Liais. É das tres especies a mais feroz e atrevida, distinguindo se bem das outras pela sua côr negra. Tem o tamanho da *uru-jauara*, porém distingue-se pela côr do pello. Sendo a mais feroz,

saciando-se quasi só de sangue, fazendo victimas só para suga-lo ou satisfazer seus instinctos, respeita comtudo, ás vezes o homem, como commigo tive um exemplo. Acompanhado de alguns indios Pariquis, tinhamos armado nossas redes na floresta á margem da cachoeira do Arapaçu ou Picapáo, no alto Jatapu, e preparavamo-nos para dormir, alumiados pelo clarão de duas fogueiras, quando (seriam 8 horas da noite) o grito de *jauáritéuna,* proferido por um dos indios, nos fez involuntariamente saltar das redes Com effeito, um tigre, passando por entre nossas redes, chegando a roçar o pello pela do indio que gritára, mansamente se dirigia para a floresta, tendo sahido do rio, que julgo atravessára. Por sua côr e por estarmos com os olhos feridos pela luz, a escuridão da noite fez com que o tigre se perdesse pela floresta, se bem que fosse seguido por um dos indios que não o perdeu de vista quando passou por nós. Tomando logo o arco e duas *taquáras* (flechas), o seguio quasi rastejando, porém as circumstancias acima fizeram com que elle não o enxergasse depois. Perguntando-lhe porque não levára a sua arma, respondeu-me que preferia a flexa porque não negava fogo e era certeira. Passando a noite em claro, esperámos pelo animal, que não voltou.

Casos de hybridismo encontra-se entre esta especie e as duas primeiras, o que logo se reconhece pelo numero e tamanho das malhas, que é maior, pelo fundo do pello, que torna-se amarello-cinzento, quasi preto no dorso, e pelo focinho branco. A *F. nigra* de Exleben, segundo o Sr. Liais, não é mais do que uma hybrida entre esta especie e a *jauára-pinima.*

Jamba (167), antes *jambo, jambeiro, Jambosa vulgaris* D. C.. Fam. das Myrtaceas. As folhas passam por serrem venenosas, mas que encontram antidoto na propria raiz.

Jangada, jangadeira, páo de jangada, páo-jangada (168) (*Apeiba tibourbou* Aubl.) Fam. das Filiaceas. O seu nome explica o seu emprego. É a madeira geralmente usada, no Ceará, para as jangadas, por ser muito leve, mas aproveita-se tambem o liber para cordoalha.

Japicay (262). Será a japecanga? (*Smilax-japecanga* ?)

Japinada ou *Iapinada* (151) ou *janipapo*? (*Genipa Brasiliense*).

Japorandiba, jaborandi, nhaborandi (169). Com este nome conhecem-se diversas especies de Piperaceas, todas com propriedades

sialagogas, sudorificas e odontalgicas, como a *Arthante tuberculata* Miq., a *Ottonia anisum* Spreng., a *Arthante mollicoma* Miq., que crescem á sombra das mattas. A *Monnieria trifolia* L., da fam. das Rutaceas, é conhecida tambem por esse nome. Com as mesmas propriedades sialagogas existem no Amazonas estas especies: *jambu*, *jambu-y*, *jambu-assu* e *jamburana*. A primeira é uma Synantherea, *Spilanthes oleracea* Sacq., que contém desde a raiz até ás flôres o principio estimulante, e é empregada nas ulceras escorbuticas com bons resultados. A segunda é uma *Ottonia*, é applicada nas molestias uterinas. A terceira é tambem uma *Ottonia*, grande arbusto dos logares humidos, cujas raizes, em cozimento, são empregadas nas molestias do figado, na dóse de uma chicara duas vezes ao dia, e a tintura nas dôres de dentes, e a quarta é uma *Arthante*, cujas propriedades são as mesmas.

Japué (73), corruptela de *yapy-y* (japu pequeno), assim denominado no Norte, e synonymo de *Chechéo* no Sul. Ha duas especies, o *Cassicus hemorrhous* e o *C. icteronotus*. Andam em grandes bandos, formando uma grande sociedade, estabelecendo o seu arraial nas grandes arvores da margem dos rios, que se cobrem dos seus longos e bem tecidos ninhos em fórma de saccos. Annualmente estão com ovos e filhos. Alimentam-se de insectos, laranjas, e outras frutas. Ha um facto curioso nos arraiaes desta ave, e é que sempre nas arvores, onde ellas estão assentadas, ha tambem um grande ninho de *cáuas* ou marimbondos. Desde o raiar do dia cantam estas aves, arremedando todas as outras aves, exceptuando uma, o *tamurú-pará*, que tem o canto triste, é toda negra, e o bico vermelho como lacre. Dizem os indios que elles não o arremedam porque o temem, lembrando-se do sangue de seus progenitores que tinge o seu bico ainda de contendas passadas. O facto é que não só não o arremedam, como tambem, como vi, quando passa um bando, cantando por acaso um *tamurú pará*, o bando cala-se e cahe todo no chão ou na matta para se esconder.

Japurá (263). Será o *Pajurá* do Amazonas, que me parece ser o *Oiti-coró* da Bahia? O fructo é irregular, ora espherico, ora oval, com o epicarpo pardo-amarellento e o myocarpo farinaceo, como que arenoso, com um sabor de assucar mascavo. Será a *Pleragina rufa* de Arruda? Tem cheiro agradavel e a semente dá tinta preta, com que tambem pintam cuias, e, pela sua adstringencia, é empregado nas diarrhéas.

Jaracatiá (170) (*Carica spinosa* Willd.) Fam. das Papayaceas. Cresce nas mattas de Minas-Geraes. O tronco é espinhoso e o fructo tem a massa semelhante á do mamão, porém é menor. O leite é applicado nas hydropisias e nas ulceras.

Jaraticáca. (23) Vide a nota 4 aliás, nota 6 e *Cangambá.*

Jararaca (289) (*Trigonocephalus* Neuwied). Cobra muito venenosa, acinzentada, com manchas côr de café. Esta cobra cruza-se não só com o *Urutu*, como com o *Surucucu*, pelo que encontram-se hybridos que difficil tornam a sua classificação. Ha muitas variedades.

Jararacuzu (290) (*Trigonocephalus atrox*). Parda, com manchas côr de café, muito venenosa e maior que a jararaca.

Jarrinha, mil-homens, urubu (236) no Pará. Differentes *Aristolochias* são conhecidas por esses nomes, empregadas contra mordeduras de cobras, antisepticas, diaphoreticas. As suas flôres exhalam sempre máo cheiro.

Jassaná (71) é a *Iassaná*, conhecida tambem por *Piassoca*, a *Parra jaçana*. Habitam os brejos, as margens dos rios, onde vivem entre as gramineas ou sobre as folhas da *Victoria régia*. Andam em casaes, voam pouco, e com as pernas cahidas, e, quando pousam, geralmente occultam uma perna, donde o nome *piassoca*, de *pi*—pé, e *assoq*—escondido.

Jetahy ou *Getahy* (296) é uma formiga; a abelha chama-se *Jaty* (Melipona).

Jetica (237). Nome dado tambem ao *Convolvulus batatas.*

Jicatiba, jacatiba, jiquitiba, gequitibá, jecuiba, juquitibá (171). É a arvore mais magestosa das florestas do Sul e considerada como uma das melhores madeiras de lei. Ha o *Jequitibá* (*Couratari dimesti a* Mart.), o *J. rosa* (*C. legalis* Mart.) e o *J. vermelho* (*C. Estrellensis* Rad.) A casca, conhecida por *embira de jequitibá*, é adstringente e usada nas diarrhéas e nas anginas.

Jua, joaza, joá, a es juá (173), fructo amarello, de *yub*—amarello, e *uá*—fruto (*Solanum Balbisii* Dun. fam. das Solaneas, e *Ziziphus joazeiro* Mart., fam. das Rhamneas). Com este nome conhecem-se varias especies, não sómente entre as Solaneas, como entre outras familias. O *Jua* (Solanum) é um arbusto que cresce em Minas, depois das queimadas e pelas roças de milho. O fructo é

amarello, semelhante a um tomate, e muito saboroso, porém indigesto. O *jua* (Ziziphus) é uma arvore espinhosa do Norte, cujo fructo é pequeno, côr de barro, com a casca rija. A casca é empregada contra a tisica pulmonar, e serve tambem para as lavadeiras.

Jukerana, jukitana, juquerionano, juquiry-rana (174). (*Caesalpinia Bonducella* Rox.) Fam. das Leguminosas. É empregada medicinalmente.

Jundiahyba (*yundia*—peixe, *Platystoma spatula*, e *yba*—arvore) (175). É uma Combretacea do genero *Terminalia*, que se encontra no Rio de Janeiro, cuja madeira é empregada em obras civis. A côr do cerne é vermelha, com veios amarellos.

Juru (76) é corruptela de *ayuru*, que significa o *papagaio* em geral. Ha diversas especies, todas do genero *Psittacus*, como o *papagaio-real*, o *papa-cacáo*, o *curica*, o *P. aestivus* Kull., o *moleiro*, o *matapi*, o *anacan*, etc., com plumagem e tamanho diversos. Assim como *ayuru*, *paraná* significa tambem o *papagaio* em geral.

Jurupeba, jurubeba, jurumbeba, yurumbeba (238). Differentes Solaneas se conhecem por esse nome, porém a verdadeira, a empregada medicinalmente, é o *Solanum puniculatum* Linn., cujas propriedades tonicas muito a recommendam. É muito preconisada contra as molestias do figado.

Juruty (75) é uma pomba muito conhecida, a *Columba Jamaicensis*.

Macauan (77) Vide a nota 15.

Macuco (78) é a *macucaua* do Pará, gallinaceo muito apreciado pela sua saborosa e abundante carne. Na sciencia é conhecido por *Tinamus Brasiliensis*. Andam em casaes, e seus ovos são azues.

Maçarico. (79) É nome portuguez e não indigena, applicado ás especies do genero *Numenius*, aves paludaes, que vivem saltitando pelas praias e pedras das cachoeiras dos rios.

Manahy (274) é o nome indigena do *Peixe-boi* do Amazonas, (*Manatus Americanus* Desm.) Mammifero herbivoro, com excellente carne, e formando um azeite conhecido por *manteiga* de peixe

boi, empregado pela pobreza em vez de toucinho. A sua pesca é interessante e mostra a pericia indigena. Ha duas especies o pequeno e o grande de Faro, conhe ido por *peixe-boi de azeite*, por fornecer muito azeite, e a carne ser inferior á do outro.

Mandiris, ou *mandyhy* (2[75]). É um peixinho de pelle, semelhamente ao bagre. É cinzento e as barbatanas são aguçadas e venenosas. Abunda nas margens do Amazonas.

Martinchans, *matrinchá* (2[76]). Peixe de rio, com os olhos pretos orlados de branco, com as escamas prateadas; chega a ter dous palmos de comprimento.

Mandubi, *mindubi*, *amendoin*, *manobi* (239). *Arachis hypogaea* Linn.) Fam. das Leguminosas. As sementes comem-se cozidas, ou assadas, e são muito oleosas. Com ellas preparam excellente azeite para luz.

Manisoba (240) mandioca-brava. (*Jatropha* fam. das Euphorbiaceas.) Distingue-se da mandioca vulgar em ter as raizes arredondadas em vez de alongadas, e em serem estas muito aquosas e não fornecerem fecula. Com o nome de *manyssoba* prepara-se, no Amazonas, um ensopado feito com os grelos da mandioca, socados e fervidos, aos quaes se ajuntam o focinho, a cauda e as barbatanas, ou pás do peixe-boi. É uma excellente comida. *Manyssoba*, significa—folha de mandioca.

Mangara, ou *mangarataia*, como é conhecida no Pará (269). É o gengibre (*Amomum zingyber*, L.), mas tambem se conhecem varias Aroïdeas com o nome de *mangará* e *mangarito* (*Caladium sagittifolium*, Spl.) É planta exotica, mas aclimada, cujas raizes aromaticas têm um cheiro forte e um sabor picante, donde lhe veio o nome de *mangarataia*, mangará que *queima*, ou *arde*.

Maracaya, antes *mbaracayá*, (25) carniceiro, do genero *Felis*, que é conhecido tambem por *margaiá*, corresponde ao *ocelot* dos francezes. Pouco mal fazem ao homem, apenas atacam a criação, de cujo sangue se saciam, matando só para o beberem, e não para se alimentarem da carne. É tal a variedade que apresentam no colorido do pello, que difficil é assignalar diversas especies por causa do hybridismo. O indio, reconhecendo isto, denomina tudo de *maracayá* sem desinencia alguma para uma distincção. Entretanto os ha maiores e menores, com malhas differentes, assim como a côr, quer do fundo

do pello. quer das pintas. Duas especies, comtudo, facilmente se distinguem. A primeira é a *Felis pardalis*, de Linneo, vulgarmente conhecida em outras provincias por *canguçu* (*acang*-cabeça, e *assu*-grande). Attinge esta de comprimento 1m2., fóra a cauda, e tem o pello em geral amarellado da cabeça, pelas costas, até á raiz da cauda, torna-se cinzento-amarellado para os lados, e quasi branco na barriga. Sobre o fio das costas corre uma linha de malhas alongadas e unidas, tendo de cada lado uma outra de malhas tambem alongadas e soltas, de uma côr parda quasi preta. Dos lados grupam-se, em linhas quasi parallelas, malhas muito alongadas, abertas.

A segunda especie, menor do que esta, attingindo só 1m de comprimento, tem o pello mais denso, lustroso e macio, e a cauda mais cheia. O pello geral é branco-acinzentado, tendo o alto da cabeça e pescoço, pela parte superior, amarello-escuro, prolongando-se pelo fio das costas esta côr, fundindo-se com o branco-cinzento dos lados. Pelo fio das costas corre uma linha negra formada de malhas unidas, tendo de cada lado parallelamente uma linha de malhas soltas, oblongas, da mesma côr. Os lados são cheios de malhas sobre o comprido, negras, cheias de amarello, côr das do fio das costas. A barriga branca é listrada de preto em malhas soltas. Os pés são pintados, as orelhas amarellas internamente, pretas exteriormente com uma pinta branca no centro. A cauda é preta irregularmente marcada de branco. As barbas são brancas. A cabeça e pescoço listrados como a precedente. Se bem que entre esta especie e a precedente haja pontos de contacto na disposição das malhas da cabeça e do pescoço, comtudo a côr geral, logo á primeira vista, se distingue sobresahindo o preto luzente desta sobre o fundo esbranquiçado. Esta tende para o preto, aquella para o amarello. A principio tomando-a por uma hybrida, abandonei-a, porém tantas fôrão as que vi, sempre com as malhas e côres constantes, que não posso deixar de menciona-la. Menor que a precedente, é comtudo mais feroz e mais solitaria.

Uma terceira especie é a *maracayá-y* ou maracajá pequena, a *F.* de Temminck, observada pelo principe M. Neuwied. Esta especie ainda é mais sanguinaria do que as precedentes; as malhas são differentes, e ella é menor, approximando-se pela côr da *F. pardalis* chega a 90 centimetros. Não atacando animaes mais corpulentos do que ellas, como o fazem as jauarités e çuçuaranas, comtudo fazem guerra crua aos outros.

Marava, marajá, côco de tucum (176). (*Bactris marajá*, Mart.) Fam. das Palmeiras. Com este nome conhece-se uma palmeira que cresce nos logares humidos em grandes soqueiras, com espinhos esbranquiçados e fructos rôxo-negros e doces; no Rio de Janeiro é conhecido por côco de tucum, e muitos o confundem com o verdadeiro *tucum* (Astrocarium vulgare, Mart). O marajá não dá fibras, e o porte é inteiramente differente.

Massaranduba, massarandiba, massarandyba, massaranduva (176 bis). Com este nome conhecem-se varias especies da familia das Sapotaceas, tres das quaes descriptas pelo sempre lembrado botanico Freire Allemão, o *Mimusops elata* o *M. triflora* do Ceará, e o *Chrisophyllum tomentosum* tambem do Ceará, onde é conhecido por *Iuquery*. Na Serra do Mar cresce tambem uma especie conhecida no Rio de Janeiro por esse nome, que é a *Lucuma procera* Mart., havendo igualmente as especies *branca* e *rajada*. Em um trabalho que tenho entre mãos sobre a Flora Amazonense, escrevi o seguinte em 1873:

« É uma das mais bellas arvores das mattas amazonenses, e que mais auxilio póde prestar ao homem industrioso. A sua excellente madeira, que é só o que se emprega até aqui, fornece materiaes para todas as construcções da provincia, pelo que della se tem despojado as mesmas mattas. Além da madeira, offerece ella seus fructos saborosos ao homem; porém, o que tem de mais aproveitavel é o que desprezam, é o que se não colhe. Ferido o tronco, immediatamente corre abundante o seu leite, que desafia o appetite. Alguns saciam esse appetite bebendo-o puro, como se fôra de vacca, porém quasi sempre o resultado é máo pela coagulação que se fórma no estomago. Como geralmente é usado, é com café, substituindo assim o leite animal, tornando essa bebida mais nutriente. O seu emprego, porém, mais trivial, é o de substitutivo da colla. A louça, o vidro, o páo, e mesmo os metaes soldam-se com este leite. Tendo-se soltado uma vez no matto a biqueira de metal branco da bainha da minha espada de matto, feri uma massarandubeira, e com o leite grudei-a. Horas depois, estava tão soldada que nunca mais se desprendeu. Apezar, porém, desta utilidade, ainda maior offerece como substitutivo da *gutta-percha* (isonandra gutta). Vende-se de 20$ a 24$ a arroba. Exposto ao ar ou por meio do fogo, se coagula e toma a consistencia desta, tornando-se perfeitamente

malleavel aquecida na agua fervendo, podendo, portanto, ser empregada nos misteres em que o é a gutta-percha. Além deste emprego, os calafates aproveitam-o para os seus calafetos, que dizem ser o melhor. A medicina tira tambem della resultado, como analeptico e peitoral, ou como resolvente, empregado em emplastros externamente. A abundancia desta planta, no valle do Amazonas, promette grandes vantagens, logo que seja empregada como gutta-percha. É soluvel no acido sulphurico.

Massatuhyba, mocetayba, muçutayba, mucitayba, ipê-boia, Maria-preta (177). (*Zollernia falcata*, New.) Fam. das Leguminosas. Cresce em Minas, no Rio de Janeiro e na Bahia. Ha variedades conhecidas por *Mucitayba-parda, preta, cravo, de leite, amarella*, etc. É madeira de lei, empregada em obras civis, hydrauleas,. etc. O cerne é vermelho-escuro, com veios ennegrecidos. A fruta come-se.

Merindiba, mirindiba, merindyba (178). Pertence á familia das Combretaceas e ha diversas especies que o vulgo distingue pelos nomes de *M. bugre, preta*, etc. São as *Terminalia merindiba* de Fr. All., a *T. januariensis* D. C., e a *Ttingens* Mart. Madeira para construcções civis, e que fornece tinta rôxa.

Meruim, meruim, maroim, (297) antes *meruy*, mosquinha. É uma mosquinha microscopica, preta; anda em nuvens e morde, ficando a parte mordida ardente como se fôra queimada. No Amazonas ha uma especie de *meruy*, que encontrei no rio Jatapu, que não morde, mas persegue o homem para penetrar-lhe nos olhos, onde immediatamente morre-lhe, causando ophtalmias.

Miry, merim, rompe-gibão (179). (*Bumelia sartorum*, Mart.) Fam. das Sapotaceas. Arvore de diversas provincias, cuja casca é amarga e febrifuga.

Mocó (24) (*Kerodon mocó* Cuv., ou *Cavia-rupestris* de Neuwied). Entre os roedores apparecem estes, dos campos do interior, que andam quasi sempre aos casaes, donde lhe veio o nome indigena de *mocoi*, dous, abreviado em *mocó*. A carne é saborosa.

Mocuje, mocugé (180). (*Couma rigida* Mull.) Fam. das Apocynaceas. Arvore da Bahia cujos fructos são semelhantes aos da sorva, e muito saborosos. A madeira é empregada em ripas.

Mondy-guassu ou *munduy-guassu* (182), conhecido tambem por

pinhão de *purga* (*Jatropha curcas* L.) E uma Euphorbiacea, cujas sementes são drasticas, e empregadas contra as boubas. O oleo que dellas se extrahe é conhecido na Europa como *Ricino-maior*. Purgante violento e perigoso.

Moribonda, *moruibonda*, *marimbonda*, *marimbondo* (298), conhecidos no Amazonas por *cauas* ou *cabas*. Ahi encontra-se o *beiju-caua*, que faz um ninho chato, em fórma de beiju, suspenso aos troncos, que quando tocado cahe por terra para depois voar; o *tatu-caua*, que faz ninho em fórma de casca de tatu encostado dos troncos, deixando uma só abertura; *urubu caua*, pequeno, preto, que faz longos ninhos brancos de uma substancia como papel, deixando uma pequena abertura na base; *aturá-caua* faz ninho tambem comprido e conico, porém cinzento e de uma substancia quebradiça; *tambá-caua*, cujo ninho é feito de barro, nas arvores e com a semelhança das partes pudendas de uma mulher; *yauára-caua*, cujo ninho tem um palmo de comprimento, de uma substancia cerosa e preta, com a conformação do penis de um cão: ao ninho dão o nome de *iauara-raconha* e outros como o *tapiu-caua*, cujo ninho é em fórma de cuiambuca, a *yaurite-caua*, etc. Além destas vespas, ha outras em diversas provincias como o *caboclo*; o *inxu*, etc.

Mucory ou *Mucury*, antes *mucura-yba* (181), páo de mucura ou gambá Chesiacea.

Muney (erro pag. 20) *Murecy*, *murici*, *mirixy*, *muruchy* (183). Com este nome conhecem-se varias especies de *Byrsonimas* da familia das Malpighiaceas, que crescem nos campos de quasi todo o Imperio. São arvores e arbustos, cujos fructos se comem. Vulgarmente distingue-se o *Murecy-pinima*, (*Byrsonima chyrso phylla*, Kth. a *B. sericea* D. C.), o *M. assu*, ou *cascudo* (*B. verbascifolia* Rich.), o *M. pitanga*, (*B. crassifolia* Kth.) e outros. As especies *B. cuprea*, Gr., *leucophlebia Amazonica* Gr. são muito empregadas no Amazonas em tinturaria. Com as cascas preparam um cozimento que dá uma tinta pardo-arroxeada com que tingem não só as velas das canoas, como a roupa de trabalho, que as torna mais duraveis e impermeaveis. A côr é fixa com cinzas que lançam no cozimento.

Mutamba, *mutambo*, *matombo* (184). (*Guazuma ulmifolia*, L.) Fam. das Bythneriaceas. Encontra se esta arvore em diversas provincias

do Rio de Janeiro para o Norte. A madeira é branca. A casca é considerada como desobstruente.

Mutum, antes *mytu* (80) é um grallipede do genero *Crax*. Conhecem-se tres especies, o *mytu-assu* (Crax globulosa), *mytu-pinima* (C. discors) e *mytu-pery*, de *fava* ou *da vargem* (C. tuberosa). Andam em pequenos bandos pelas florestas, geralmente á beira-rio.

Naga (erro p. 20) *Najá*, *nayha*, *inajá*, *inayá* (185) (*Maximiliana regia*, Mart.) Fam. das Palmeiras. É uma das mais bellas e das maiores desta familia. O seu fructo é comestivel porém insipido, e empregado na defumação da borracha.

Oanandy, *oanani*, *nani*, *uanony*, antes *uanany* (186), que é corrupetela de *ybnany*, arvore de leite (*Moronobea coccinea*, Aubl.) Fam. das Clusiaceas. Arvore dos igapós e terras humidas, cuja madeira é empregada nas construcções nauticas. Ferido o tronco, produz um leite amarello, que envermelhece e depois torna-se preto, que se coagula exposto ao ar e é empregado para cobrir cabos para preserva-los da humidade e da agua. O mesmo leite applicado em fios sobre feridas tem a propriedade de limpa-las, e dissolvido em agua é anti-syphilitico. Applicado tambem sobre lobinhos, não só os faz arrebentar, como depois os cura. Da resina, que tambem dá, preparam os indios cerol, e, misturada com gordura, empregam-a nos calafetos.

Omiry, *humiry*, *umery* (187) (*Humiria balsamifera* Aubl.) Fam. das Humiriaceas. Arvore da provincia do Pará e Amazonas, crescendo geralmente em terrenos silicosos e nos campos, onde fórma bosques denominados Umyrisacs, para onde afflue muita gente a apanhar os seus pequenos fructos, que são saborosos. Tem 20 a 30 pés de altura. Flôres brancas em corymbos, sahindo da axilla das folhas; fructo druposo, ovoide, roxo-negro, com o epicarpo fino e o mesocarpo semi-carnudo e doce. O tronco dá um oleo natural, lagrimando da casca; ou que se obtem tambem fazendo-se incisões na mesma. É amarellado, transparente e aromatico. É de muita procura pela pequena quantidade que dá cada arvore. Emprega-se em fomentações nas molestias da garganta e para o cabello. Segundo o Dr. Martius, póde substituir perfeitamente o balsamo peruviano, sendo a força medica entre

este e o de copayvà. A sua madeira é leve e empregada em obras á sombra. A casca é muito adstringente e empregada em cozimento para gargarejos nas molestias da garganta, em banhos depois dos partos e em cozimento como chá para dores do estomago. Batida com ovo fórma uma gemmada applicada nas molestias pulmonares. A mesma casca depois de secca conserva sempre um aroma muito agradavel, que empregam para perfumar a roupa, preservando-a da traça.

Ourizo é o mesmo ouriço ou Coendu. (26) Vide *Cutim*, nota 15.

Paca (*Cœlogenus fulvus* Cuv.) (27) O nome vulgar indigena vem do verbo *pac*-despertar, acordar, tirado do costume que tem esse roedor de despertar ao anoitecer O indio quando a vê diz: *iguê-pac*, isto é, despertou. É, de todos os roedores, o que mais caça soffre pela sua carne, que é saborosa, e que em breve tempo se extinguiria se não fôsse a sua constante e numerosa prole. Durante o dia passam as pacas nas tocas, em que vivem, para á tardinha sahirem para o seu pascigo nocturno. Não fazem buracos, como alguns querem, aproveitam-se dos que existem feito pelas aguas, pela natureza ou pelos tatús, e com folhas sêccas preparam seus leitos. Vivem sempre em logares humidos e ordinariamente junto d'agua, que é o seu refugio quando perseguidas pelos cães dos caçadores. Quando nas tocas, assaltadas pelos cães, procuram logo fugir, investindo, e, se o não conseguem, occultam-se no fundo. Geralmente as suas tocas são sempre com duas bocas, para por uma fugirem. Dotadas de um ouvido fino, de muito bôa vista e de muita timidez, vivem sempre como que sobresaltadas. Correm e saltam com grande velocidade, assim como andam e mergulham como se fôssem amphybios. Alimentam-se de fructos, canna, milho, etc.

Approximando-se do *porquinho da India* (*Anaema cobaya* Cuvier), que não existe no Amazonas, senão domesticado, afastam-se contudo não só pelo tamanho, como pela estructura anatomica do craneo, approximando-se mais das cutias, pelos costumes. O seu pello, conforme a idade, e mesmo no tempo da criação, muda um pouco de côr. Geralmente é pardo ou pardo-escuro nas costas, com listras longitudinaes de pintas brancas dos lados, com o peito, a parte interna das pernas, e a barriga esbranquiçados. Medem de comprimento $0^m,6$ a $0^m,7$ com 38 a 40 centimetros de altura na anca

e 34 a 36 na frente. O systema dentario compõe-se de $\frac{2}{2}\ \frac{0}{0}\ \frac{8}{8}$ com a corôa distincta das raizes. As quatro extremidades todas têm 5 dedos, armadas de unhas conicas e fortes. A cabeça é grande, o corpo esguio e a cauda inteiramente rudimentar.

Pacoba, pacova (264). Assim se denomina no Valle Amazonico ás bananas (*Musa*, sp. var). São conhecidas ahi as seguintes variedades: *Pacova-assu*, de um a dous palmos de comprimento; *Pacovy*, ou da terra, com tres variedades, sendo uma a *Acary*, que só tem tres angulos; *Pacova mundurucú*, pintada de rôxo; *Pacova de Cayena* é semelhante á banana rôxa, porém com a casca amarella; *Pacova inajá*, é a *banana ouro* do Sul; *Pacova yapurá*, é a *banana anã* do Sul, e outras.

Pacu (277) (*Prochilodus*, sp). Peixe de rio, chato, prateado, muito saboroso e que attinge a 1 1/2 palmo de comprimento. É abundante durante as cheias.

Papuan, pappuan, ou *pacuan* (211), é uma graminea do genero *panicum* que fornece tinta amarella. Em quasi todos os *peris* ou logares alagados cresce esta planta em abundancia. Os indigenas, que de tudo tiram proveito nos seus usos domesticos, aproveitam-se das folhas e sementes para com ellas fabricarem uma tinta amarella, com que tingem fios para o teçume das redes, e outros objectos de seu uso. Em alguns logares cresce em tanta abundancia que fórma como que campos. Prepara-se a tinta cozendo-se a planta, em cujo cozimento mette-se a fazenda que se quer tingir, tomando esta uma côr amarella.

Paroba, peroba (188), (*pe*-casca, *rób*-amarga). Diversas especies do genero *Aspidosperma*, da familia das *Apocyneas*, tem esse nome, que o vulgo distingue por *Peroba-amarella, peroba-rosa, peroba-assu, peroba-mirim, peroba-preta, peroba-parda, peroba-revessa, peroba-branca*. A *P. rosa* é a *Apidosperma-peroba* de Fr. All. É madeira de construcção e marcenaria.

Pecary (28) (Dicotyles, sp.), de *pe*—caminho, *caa*—matto, e *iry*—andar junto, os que andam em bandos. Nome dado tambem ao *porco do matto*, e de que trata Buffon.

Pechunin, pechurim, pichurum, puchurim, pixuri, antes *puchiry* (242). *Nectandra puchury* Nees et Mart. Fam. das Laurineas. Arvore

do Amazonas, cujas sementes são aromaticas, empregadas contra dores do estomago e como especiaria. Ha mais de uma especie.

Pequia, piquihá, pequiá, piqui, piquy (190) (*pé*-pelle, *ki*-espinho, *uá*-fructo, fruta de pelle espinhosa, allusão aos espinhos do endocarpo. Com o nome de *piquiá* ha diversas plantas de diversas familias, assim temos o *Pequiá-marfim* (*Aspidosperma eburneum* F. All.), o *P. de folha larga* (*A. sessiflorum*, Fr. All.), o *Pequiá* propriamente dito (*Caryocar brasilium*, St. Hil.), o *piquia*, ou *pequy*, do Pará (*C. butyrosum* L.) Esta especie conhece-se no Amazonas á primeira vista pelo grande diametro de seu tronco ás vezes de dez palmos. Fructifica no mez de Abril, e seus fructos são monospermos, porém, ás vezes chegam a ser quatro-spermos. O epicarpo é duro e carnudo, destacando bem do mesocarpo que tambem é carnudo e muito oleoso. O endocarpo é eriçado de espinhos finissimos e venenosos. O mesocarpo come-se cozido e mesmo crú, delle extrahe-se oleo, por expressão. É amarello quando liquido e esbranquiçado quando concreto, tomando a apparencia de sebo. Na época dos fructos, familias inteiras deixam suas choupanas e vão para os piquiazaes, não só para comerem os fructos, como para fabricarem o oleo, de que se servem não só em uso culinario como para luz. A casca do tronco é adstringente e emprega-se para tinta de escrever e a sua madeira em reparos de artilharia.

Perahyba ou *pirahyba* (279) (*Bagrus reticulatus* Kner.) É o maior peixe de pelle, do Amazonas. É branco amarellado. A sua carne, de uma apparencia agradavel, é comtudo desprezada pelos naturaes por ser muito carregada e má. Só é aproveitada quando o peixe é pequeno ainda, e conhecido por *filhote*. O nome indigena indica a má qualidade do peixe, de *pirá*-peixe, e *aiba*-máo.

Piau ou *pihau* (280) Peixe dos rios do Sul.

Piassaba, piassaua (191) (*Leopoldinia piassaba* Wal., e *Attalea funifera*, Mart.) Fam. das Palmeiras. Duas especies fornecem a fibra chamada *piassaba*, tirada do tecido fibroso da induvia da vagina das folhas. Uma, a verdadeira, a Leopoldinia, é do Rio-Negro, e a outra, a Attalea da Bahia e outras provincias do Norte.

Pindahyba, pindauba (192) (Páo de anzol, isto é, que dá fibras para linhas de anzol.) *Guatteria* Fam. das Anonaceas. É conhecida tambem por *Embi a de caçador*. Conhecem-se varias especies, uma, a *Guatteria villosissima* de St. Hil., é a *Pindahyba* propria, a *G. flava*

St. Hil. é a *P. preta*, a outra, a *xylopia sericea*, Mart., é a *P. branca*, todas fornecendo do liber bôa cordoalha.

As xylopias dão uns fructos conhecidos por *pimenta do matto* e *bijíricu*, de sabor acre aromatico, que se empregam como carminativos e como especiaria.

Piracanjuva (281). *Pirá* peixe, *acang*-cabeça, *yub* amarella. Peixe de rio.

Pitamba, *pitomba* (193). *Sapindus edulis* L. Fam. das Sapindaceas. Arvore das terras baixas, de pouco crescimento, cujos fructos oblongos e amarellos, em paniculas, são saborosos, acidos e refrigerantes. A semente, adstringente, é empregada nas diarrhéas. No Pará ha logares só de pitombeiras, como na Costa de Obidos. Com o mesmo nome vulgar ha uma Myrtacea, o *Philocalyx Luschnathianus* Bg, que cresce na Bahia e tem os fructos globulosos e tambem amarellos.

Pitanga, *ibipitanga*, *ubipitanga* (191), corruptela de *ibipiranga*-pelle vermelha, allusão ao epicarpo do fructo. *Stenocalyx Michelii*-Bg. Fam. das Myrtaceas. Arvore das restingas e terrenos silicosos. Ha mais especies, como o *Stenocalyx sulcatus*-Bg., o *S. Pitanga* Bg. conhecidas por pitanga miuda, pitanga do matto, ou *ibirobá* (*S. ligustrinus* Bg.) As folhas são empregadas contra dores rheumaticas e os fructos que são calmantes, muito usados para doce.

Poya ou *Poaya* (270). Nome dado em differentes localidades a algumas Rubiaceas, dos generos *Borreria*, *Richardsonia* *Yonidium*, e mesmo a *Polygalas*, quando tem propriedades emeticas, como a verdadeira poaya, a *Cephaelys ipecacuanha*.

Poraqué (*Gymnotus electricus*) (278). Vive nos logares lodacentos, é pardo escuro, tem a pelle muito escorregadia e a sua força electrica reside abaixo da cabeça.

Preha (29). Vide a nota 6.

Putumuyu, ou *Araribá rosa*, *eriribá* (195). Pertence á familia das Myrtaceas e é uma variedade da *Lecythis ovata* Camb. Emprega-se nas construcções navaes e civis.

Quandu (30). Vide not. 14.

Quariba, *guariba* antes *uariuá* (31), quadrumano conhecido tambem por *barbado* e *bugio* nas provincias do Rio de Janeiro e

Minas-Geraes. Os indios amazonenses o denominam *arauató*, e na Goyana é conhecido por *alouate*; é o *sapajou* e o *hurleur* dos francezes. Buffon o denomina *ouariue*, que é a corruptela de *ouariuá* assim como *sapajou* é corruptela de *sauy-assú*, ou macaco grande. *Uariua* deriva-se de *uã*-cauda, e *ib*-levantada.

Conheço as seguintes especies: *Guariba-preta* (*Mycetes* ou *Stentor barbatus*), que habita a margem sul do rio Amazonas; a *Guariba-amarella*, com reflexos dourados (*M. seniculus* ou *ursinus*), que vive na margem norte do mesmo rio; a *Guarijuba* (*M. flavimanus*) que tem as mãos amarellas e habita a ilha de Marajó; a *G. amarella* dos arredores de Belém e que ha tambem na Guyana (*M. Belzebuth*,) e a *M. stramineus* que é do rio Madeira. Algumas destas especies encontram-se tambem no sul do Imperio.

Aproveito a opportunidade para dar aqui uma noticia rapida sobre outros quadrumanos brazileiros. Os *Helopithecus* comprehendem, além do genero supra, mais tres, o *Ateles*, o *Logothrix* e o *Cebus*. São os maiores Primatos do Brazil, bem conhecidos pela sua cauda núa na parte inferior da extremidade, pelo pollegar muito desenvolvido, pela grande cabeça e pelo grande hyoide, ou tambor osseo que tem no pescoço, que se communica com o orgão da voz e dá a esta um som rouco e tão forte que se ouve a grandes distancias, todas as madrugadas, ao cahir da noite, ou quando ameaça máo tempo. Andam aos bandos, são vagarosos no andar, ás quatro para as cinco horas da madrugada gritam em côro; dormem abraçados até quasi ás 10 horas da manhã, o que fez tornar-se popular o dictado — madrugada de guariba —, hora em que sahem para o pasigo; carregam os filhos ás costas; quando perseguidos pelos caçadores, que lhes apreciam a carne, lançam sobre elles seus excrementos; se perdem o filho, levado pelo chumbo do tiro, affrontam a morte para apanha-lo; atravessam largos espaços formando um cordão, que se balouça no ar, até a da extremidade apanhar o galho opposto; emfim, se não têm a sagacidade dos seus congeneres, têm um instincto muito desenvolvido. Do hyoide delles fazem os indios copo para beber agua, quando estão atacados de coqueluche, que denominam tosse de guariba. O genero *Ateles*, Geoff. St. Hilaire, comprehende os macacos vulgarmente chamados Coatás, ou *Spider-monkey*, macacos aranhas dos inglezes, nome que deram pelo comprimento dos braços; no Perú são conhecidos por Chameck. São dos mais intelligentes,

pacificos e aceiados. Domesticam-se facilmente e acostumam-se a dormir em rede, como tive um. São pretos ou cinzentos, pello rarefeito e duro; tem a cauda agarradora como a guariba, da qual se distingue pelo pequeno volume da cabeça, pela falta do tambor osseo, e pela pequenez do pollegar. É menor que a guariba, fino e delgado; anda apegando-se sempre com a cauda, articula um som guttural e quebra os fructos com pedras. Duas especies são conhecidas o *Ateles-paniscus* de Geoff. e o *marginatus*.

O *A. paniscus* é inteiramente preto com a pelle da cara côr de rosa e sem pellos. A cauda que é maior do que o corpo acompanha ou previne todos os movimentos deste, de modo que com ella é que o animal se segura, evita o inimigo, fazendo com que passe nos logares mais perigosos sem se desprender dos galhos. Antes das mãos attingirem qualquer ponto já a cauda tem-se segurado em alguma parte. Os maiores Coatás que vi foi no rio Jamundá. Ahi encontrei uma vez um, tão grande, como uma guariba, que me avistando procurou fugir pelas ramas mais altas das arvores; porém, seguindo-o eu sempre por baixo, emquanto esperava minha arma, que mandara buscar á canôa, elle notou isso e parou. Quebrando então pequenos galhos, pendia-se pela cauda, soltava o corpo, e, balouçando-se no ar, atirava-me com os galhos. Esta macaquice salvou-o. Não tive animo de pagar a sua coragem com uma carga de chumbo. O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que por conta do governo portuguez viajou o Amazonas, em 1784, acompanhado do desenhista Joaquim José Codim e José Joaquim Freire, diz o seguinte ácerca da etymologia do nome deste animal: « Não deixarei de escrever o que os indios fabulisam a respeito deste macaco. Dizem elles que, tendo um desafio com um gavião real, este lhe disse:—Com que me pretendes matar? Por ventura parece-te que com o teu rabo me vencerás?—Então o Cuatá, mostrando-lhe as mãos, lhe disse: *Qua-tahá!* e que, vendo o gavião o seu desembaraço, lhe protestou que dali em diante seriam muito amigos». Esta especie encontra-se em toda a margem do norte do Amazonas; porém, o *A. marginatus* só se encontra no Tapajoz. É semelhante ao primeiro, porém afasta se no signal branco que tem no alto da cabeça e por um bigode da mesma côr branca. Geralmente estes animaes são apanhados quando pequenos, e depois alimentados ao seio pelas tapuyas. Tomam tal amizade a quem os cria, que os acompanham por toda a parte.

Depois dos Coatás temos os vulgarmente chamados *Barrigudos*, por causa do grande desenvolvimento do abdomen. Estes têm a cabeça globulosa, maior dos que a dos Cebus e chega a ter o tamanho dos Mycetes ; a cara é pellada, o pello do corpo é curto, basto, lanoso e azeitonado ou cinzento. Domesticam-se com facilidade, são os que se tornam mais mansos e têm a indole mais pacifica. Seus movimentos não são rapidos ; são tristonhos, têm um gritar rouquenho e pouco gritam. A cauda auxilia-lhes os movimentos. Os indios para os criar flecham-lhes as mãos com a flecha hervada da zarabatana, curam o veneno (urary) com o seu antidoto que é o sal, e apoderam-se dos filhos que trazem agarrados ás costas. Quando mansos, são amigos do homem, a ponto de acompanha-lo, e é o mais interessante pela posição que geralmente tomam. Vivem assentados com as mãos cruzadas sobre a grande barriga, de maneira que parecem um preto velho. Habitam o Rio-Negro onde os indios Uaupés, fazem do seu pello cordões, com que enfeitam seus pentes, e preparam alguns vestuarios de pennas, assim como enfeitam com elles a aljava de seus curabis. Duas especies se conhecem, o Barrigudo pequeno, *Logothrix Humboldtii* Geoff., e o Barrigudo grande, *L. olivaceus*, Spix. O *L. Humboldtii* é pequeno, cinzento, tem os incisivos grandes, chatos, maiores que os caninos, porém fazendo pouco uso delles ; os caninos são pequenos, semelhantes aos molares. O *L. olivaceus* chega a ter o tamanho de um Mycete bem desenvolvido, isto é, tem de comprimento o corpo e a cauda ; tem os incisivos chatos, de que faz uso, os da mandibula superior unidos na frente a deixar um espaço para passar os caninos da inferior, que são grandes, conicos e servem-lhe de arma de defesa. A sua côr é azeitonada tendo a cabeça e extremidades pretas, seu pello lanoso. Ambas as especies são do Rio-Negro, onde os indios lhes fazem grande caça, já para comerem, já para aproveitarem as pelles.

O Cebus de Erxleben, da familia *Cebii* de Goldfuss, é o sub-genero que comprehende os macacos menores, mais lascivos e mais intelligentes do genero Helopithecus. A cabeça é mais arredondada do que a do Coatá, tem os mesmos costumes, porém pouco uso faz da cauda, que não é agarradora e sim toda pelluda, e serve-se dos braços que são mais curtos e musculosos, tendo o pollegar comprido. Os seus guinchos agudos fizeram com que fôssem denominados *micochorão* ; no Amazonas, porém, tem o nome de *macacos de prego*, pela

circumstancia de ter o membro viril muito desenvolvido e sempre erecto. É o mais vivo, e que com mais facilidade aprende o que se lhe ensina. Alguns italianos trazem-o seguido de um realejo, para mostrar as suas habilidades. É tão lascivo, que chega a levantar a roupa das crianças do sexo feminino, e torna-se amoroso com as mulheres, emquanto que com os homens só procura morder quando não são bem mansos. Esta circumstancia faz com que pouco seja procurado este macaco, e não o queiram em casa de familias. Andam sempre em bandos, criam os filhos ás costas, e chegam ás vezes a ter um tamanho consideravel em relação aos dos outros subgeneros. No tempo em que as femeas estão gravidas, dizem os indios, que elles envolvem o membro com resina. O que é exacto é que, matando eu um uma vez na serra do Curumú, no rio Trombetas, encontrei o dito membro coberto com uma resina que me pareceu de Jutahy. Durante a criação dos filhos são muito amorosos, evitam que comam fructos, pelo que ás vezes os castigam ; quando o caçador mata algum que vai seguro ás costas, a mãi precipita-se sobre elle guinchando, como para o salvar, o que muitas vezes é causa de sua morte. Os naturaes gostam muito de sua carne moqueada. Duas especies são conhecidas : o Macaco prego, (*Cebus cirrhifer*), e o Caia rara, (*C. albifrons, C. gracilis* Spix.) A roupagem do Macaco-prego é côr de rapé, e os seus principaes usos são os que descrevi. O Caiarara, como o Prego, anda tambem em bandos ás vezes de 30, é, porém, mais nervoso e dotado de certa irritabilidade, que passa da alegria para a tristeza em um instante. É mais socegado que o Prego e não tão brincalhão. Sua côr é amarellenta, tendo uma mancha esbranquiçada em roda da cara e outra preta no alto da cabeça, tendo a cara pellada e rosada. Preso em casa, geralmente perde essa côr, tornando-se pallida, julgo que por tornar-se doentio. Em seu estado de saude perfeita, essa côr, segundo a disposição em que se acha o animal, passa do rosado para o pallido, como um individuo que cora e descora por qualquer sentimento. Ambos são gulosos por fructos, porém comem tambem os ovos de passaros que encontram. O Caiarara não guincha como o Prego, e o seu guincho é mais rouco, não é lascivo, nem tem o membro tão desenvolvido e sempre erecto. Ha uma outra especie, o Caiarara branco, que não vi. Outras especies ha no Brazil como o *C. fatuellus*, mas que não têm representantes no Amazonas.

Os Geopithecus têm o mesmo numero de molares dos Helopithecus, porém distinguem-se pela roupagem e pela cauda quasi sempre muito pelluda, e não agarradora. A fraqueza de seus membros, que faz com que não vivam muito sobre as arvores, levou St. Hilaire a dar-lhes o nome grego que os caracterisa. São menores que os outros, têm a cabeça pequena e arredondada, o focinho não muito proeminente.

O grande e macio pello que lhes cobre as carnes, os torna muita apreciados, se bem que não sejam tão brincalhões como os do genero antecedente, e não pareçam ter mais intelligencia e vivacidade. A sua mansidão, quando domesticados, faz com que sejam preferidos aos outros congeneres. São, todavia, mais mortaes, resistindo pouco tempo ao trato familiar. Comem frutas e insectos, assim como o alimento do homem, porém as comidas gordurosas e salgadas são geralmente as causadoras de sua morte. O genero Geopithecus divide-se em outros sub-generos que são os seguintes : *Callithrix* Et. Geoffroy de St. Hilaire. Differem as especies deste genero das do anterior pela cabeça mais alta, pelos caninos mais curtos e os incisivos largos e direitos, assim como pela intelligencia que não é tão desenvolvida. O pello é mais macio, como que sedoso, cinzento ou amarello, com reflexos dourados. São menores, brincalhões, gostam de insectos, andam em grandes bandos, carregam os filhos ás costas e são muito amorosos para com elles. Saltam de quatro pés de grandes alturas sobre os galhos, e, logo ao romper da aurora, sahem para o pascigo. Este sub-genero comprehende os macaquinhos denominados *Saguis* e pelos francezes *Saimiris*. *Sagui* é coruptela de *Çayut* ou macaquinho ; e *Saimiri Çay-miry*, isto é, macaco pequeno. Tem o pello cinzento, amarellado e a boca orlada de preto. A especie mais vulgar nas margens do Amazonas é o Jurupixuna ou boca preta (*C. sciureus* Geoff). Uma prova de amor e animo tive de um desses macaquinhos. Subia eu o rio Urubu, na provincia do Amazonas, quando uma manhã encontrei um grande bando de Jurupixunas, que se annunciavam pelos seus finos e agudos assovios e pelo movimento dos galhos das arvores. Apenas a canôa em que eu ia, approximou-se da margem, fugio o bando, podendo ainda atirar a um que levava, fugindo, um filho ás costas. Cahio morta a mãi, e o filho tendo ambas as pernas quebradas pelo chumbo, na quéda, agarrou-se com ambas as mãos a um galho, ao meu alcance. Quando ia apanha-lo, vi

dirigir-se furioso para mim, chamado pelos gritos do ferido, um lindo macaco, que era o pai, como que querendo impedir que eu apanhasse o filho. Quiz experimenta-lo, apontando-lhe a mesma arma, que quasi a boca do cano o encostava. Correu pelo galho acima, escondeu-se atrás do tronco gritando e me espreitando. Apenas tirei a arma da cara, voltou elle e veio até onde estava o filho que então mais gritava. Tornei a apontar a arma, tornou a fugir e a voltar, e assim diversas vezes o amedrontei. Afinal quiz vêr o que fazia, deixei-o approximar-se do filho. Apenas chegou ao pé do filho, quiz este se agarrar, porém, não podendo fazer uso das pernas, não o conseguio. Então o pai, agarrando-o pelo pescoço, puxou-o para si, mas com tanta infelicidade que, apenas ia principiar a conduzi-lo, com o desassocego em que estava, abrindo as mãos, largou-o. Não podendo elle agarrar-se, cahio n'agua. Ainda assim o pai desceu aos ramos mais baixos e parecia querer saltar para ir buscar o filho, quando eu, vendo que este se afogaria, o apanhei. Gritando, fugio então o pai, buscando o bando que ia longe.

Outra especie muito vulgar na margem sul e para o interior é o Uaiapuçá, *C. Moloch* de Hoffmansegg. Tem o pello comprido, pardo, com as mãos brancas e é estupido e negligente. Anda em pequenos bandos de cinco a sete. Os indios Mauhés servem-se dos parietaes do craneo para tapar o buzio em que guardam o seu paricá. Em Juruty e Maraca-assú abundam esses macacos.

Ha ainda outras especies, como *C. brunneus* Natterer, chamado Juruhy ou boca d'agua, e os *C. torquatus*, *C. cupreus*, *C. amictus* Geoff.

Pithecia de Et. Geoff. St. Hilaire e Desmarest. As especies deste sub-genero afastam-se algumas pelo comprimento dos pellos e pela cauda, que é muito cabelluda, em fórma de pennacho. Andam tambem em bandos, que dormem juntos, abraçados aos casaes, que, confundidos os pellos, nelles escondidas as extremidades, e envoltos pelas caudas, parece um só animal. São macacos estupidos e tristonhos, tornando-se procurados pela sua roupagem, docilidade e união ao homem. Presos, pouco duram no captiveiro. Têm os caninos pouco desenvolvidos, conicos, passando os inferiores em um claro deixado pelos incisivos, entre os caninos superiores. Andam nas mattas das terras firmes, e duas especies distinctas se conhecem. Uma da margem norte do Amazonas, *Pithecia irrorata* ou *hirsuta* Spix, e outra a do sul *P. albicans*, descripta pelo

Dr. Gray. Vulgarmente tem estes macacos o nome de *Parauacus*. A *P. hirsuta*, o macho é todo preto, coberto de longos pellos asperos e negros, tendo sómente a cara amarella com barbas da mesma côr dividida em suissas, e a femea é toda parda grisalha, tendo os pellos tambem longos, porém mais finos. Tendo barbas como o macho, não são comtudo amarellas e sim da mesma côr do corpo. A sua carne é saborosa, e da cauda fazem-se espanadores.

A *P. albicans* é semelhante á femea da *P. hirsuta*, porém é menor, não tem barbas e o focinho é um pouco comprido. Os cabellos da cabeça cahem sobre a cara. Quer o macho, quer a femea são da mesma côr.

Uma outra especie ainda existe nas florestas da margem norte, é o Cuchiú, *P. satanas* de Humboldt, ou *Brachyurus Israelita* de Spix. Tem esta especie o pello curto, luzente e negro, a cauda cabelluda como as precedentes e a cabeça maior, com os cabellos divididos ao meio, como penteados, assim como a barba. A boca é vermelha. É maior, tem mais vivacidade, e pouco dura no captiveiro. É o mais bonito deste sub-genero. Vive igualmente aos bandos e pasciga tambem á noite. Encontrei-a no rio Trombetas.

Brachyurus de Spix. Este subgenero comprehende os *Uacarys* ou *Scarlat faced* dos inglezes, macacos de cauda curta, unicos no Brazil que a tem quasi rudimental. Na dentadura ha uma differença entre os d'este genero : os incisivos são obliquos, sendo os da maxilla inferior mais longos, estreitos e quasi da altura dos caninos ; e os da maxilla superior se unem a deixar um espaço vasio para deixar passar os caninos inferiores pela frente dos superiores. Os caninos são conicos, agudos, grandes e semi-obliquos. Habitam os igapós ou florestas alagadas, andam em bandos, alimentam-se de fructos, e, como outros congeneres, tambem carregam os filhos ás costas. São esbranquiçados, têm o pello longo e luzente, a cara vermelha, e os olhos pardo-amarellados. É a cara mais interessante dos Primatos. É difficil de domesticar-se e raras vezes ficam mansos ; mas, quando ficam, gostam de afagos, apezar de serem carrancudos e impertinentes. Pouco duram no captiveiro, perdem um pouco a côr vermelha da cara e pouco depois morrem. Consegue-se ter algum vivo e manso, tirado das mãis quando pequenos e criados em casa ; assim mesmo raro escapa. São muito raros. As especies conhecidas, são : o *Brachyurus Nahary* de Spix,

o *B. albescens* do Dr. Maia, e *rubicundus* Isid. A penultima especie foi classificada em 1845 pelo finado Dr. Maia, porém, tendo sido remettida uma pelle para o museu de Pariz, Isidore Geoffroy denominou-a *B. calvus*, desprezando a classificação do naturalista brazileiro e com esta denominação é hoje conhecida. Reivindico aqui a denominação do Dr. Maia.

Nyctipithecus de Spix, ou *Nothora* de Cuvier. É um subgenero de macacos nocturnos, vulgarmente conhecidos por *Heá* ou *Caraí*, e que os inglezes denominam *Owl-faced*—cara de coruja. Habitam as florestas das terras firmes, e fazem o seu pascigo á noite, que consta de insectos e fructos. Durante o dia dormem. São pequenos, tendo a cauda maior do que o corpo. São pardos ou cinzentos, tendo a cara semelhante á de um gato, de pelle esbranquiçada, o focinho curto, a boca pequena, orelhas curtas quasi encobertas pelos cabellos, os olhos amarellos e vivos. Vivem em bandos, e durante o dia dormem sobre as arvores, despertando-se, porém, ao menor ruido. Não têm a vivacidade dos Cebus, porém facilmente se domesticam, não sendo longo seu viver. Habitam o baixo e o alto Amazonas; encontrei-os uma noite no Alto-Tapajós, no logar denominado Mamboahy, onde, sobre a arvore em que eu dormia, chegou o bando, podendo apenas obter um individuo do *N. trivirgatus* Humb. Tem esta especie a testa esbranquiçada, com tres listras, que vão até ao alto da cabeça. Uma outra especie encontrei na provincia do Amazonas, o *N. felinus* Spix., cujas listras só chegam ao alto da cabeça.

Archopithecus. Dentes $\frac{4}{4}$ $\frac{2}{2}$ $\frac{10}{10}$. Comprehende este genero, os lindos macaquinhos conhecidos por *Sauhins, saguins* ou *micos*, e pelos francezes *Ouistitis*. No sul do Imperio são conhecidos por Tamarindos (*Tamary*) ou Mariquinhas (*marikina*). Afasta-se do genero anterior pelo numero de molares (10), pelas unhas, que são como garras agudas e em todos os dedos, á excepção dos pollegares das extremidades inferiores, pela cauda, que não o auxilia nos movimentos, e pela fórma do pollegar, que não é opposto aos outros dedos nas extremidades superiores. Tem a cabeça redonda, focinho curto, cerebro volumoso, olhos redondos e vivos, pelo que são vivos e intelligentes. Seus pellos são sedosos, escuros, pardacentos e brancos. Domesticam-se facilmente e vivem muito tempo, comendo mesmo as comidas do homem. Preferem as capoeiras e cerrados ás florestas, occultando-se só nos altos galhos quando

temem algum perigo. Os gaviões, principalmente o *cauré* (Falco, sp.), dão-lhes muita caça. Diversas especies ha d'este lindo e esperto animalzinho, comprehendendo os subgeneros do genero *Hapale*, *Jacchus*, *Cayuis* e *Midas*, (*Marikinas* de Et. Geoffroy de Saint Hilaire). São conhecidos no Amazonas por *macacos da notte* O Jacchus tem os incisivos inferiores pontudos, iguaes aos caninos e a cauda muito pelluda, ás vezes em pennacho.

O *Jacchus pygmeus* é a especie mais notavel pela pequenez e pela côr negra, que cobre todo o corpo, á excepção de uma mancha branca em torno á boca. O *Jacchus argenteus*, cuja roupagem é branca argenteada, com o focinho roseo. Vulgarmente é conhecido por—macaquinho de cheiro. É um lindo animal.

Os *Midas* differem dos precedentes em ter os caninos maiores e os incisivos mais largos, assim como a cauda é mais pelluda. As especies que se encontram são o *M. ursulus*, cujo pello macio e espesso é preto, tendo uma listra amarello-parda no meio das costas; o *M. leoninus* Humb., cuja physionomia é toda intelligente e mostra a sua vivacidade. Tem o pello sedoso, muito compacto, preto mesclado de amarello; as extremidades calcadas de amarello; e a cara com uma expressão de um pequeno leão. Trepa em troncos direitos, saltando e agarrando-se com as unhas, é muito amigo de comer insectos, e louco por ovos e carne crua, fazendo-lhe esta mal. Tive um, que, muito manso commigo, não deixava comtudo ninguem encostar-lhe a mão, que não lhe cravasse os afiados dentes. Dando-lhe um dia uma *mamangáva* (Lasia)recuou franzindo a testa e escondendo as mãos, dando mostras de medo, e como eu teimasse procurou morder-me. Tinha logo á primeira vista reconhecido que era um insecto que o ferraria. O *M. rufiniger*, de Gervais, tem os mesmos habitos dos precedentes; parece-se com o *M. ursulus*, porém têm longos cabellos brancos que lhe circumdam a boca; o *M. rufiventer* tem as costas escuras e a barriga preta e avermelhada.

Quiry, *quiri*, *quiruiri*, *quirari*, *quiriry* em Minas, o *Frei Jorge* no norte (196). (*Cordia frondosa* Schot.) Fam. das Cordiaceas. A madeira é quasi sempre empregada em bengalas, e em obras de torno.

Sabiá (82). Com este nome conhecem-se varias especies de tordos, espalhadas por diversas provincias, sendo no Amazonas conhecidas pelo expressivo nome de *uirachué*, isto é, *uirá*—passaro, e *chué*—chorão.

São ellas as seguintes: *Sabiá assu* (*Turdus atricapillus* L.), *Sabiá piranga* ou *de larangeira* (*T. rufiventris* Lichst.), *Sabiá-poca* (*T. albiventris* Spix), *Sabiá-piry*, ou *da praia* (*T. lividus*) e *Sabiá-una* (*T. flavipes*).

Sahy, por erro *Sapy* (83). Com este nome conhecem-se varias especies de avesinhas, todas cobertas de linda plumagem verde e azul, pertencentes ao genero *Tanagra*. São frugivoras, e pouco cantam.

Sanhaso ou *Sahasso* (84), corruptela de *Sahy-assu*, que passou tambem a *Sanhassu* (*Tanagra episcopus*). É de um verde acinzentado e ás vezes o confundem com outra especie do Principe de Neuwied, a *T. palmarum*.

Sapé, *sucapé* e *massapé* (213), no rio Jamundá. Graminea dos terrenos aridos, e que enfraquece as terras. Dizem que entisica os animaes quando empregado em acolchoado de cangalhas. A raiz é sudorifica e substitue a da grama.

Sapucay ou *Sapucaya* (197). Familia das Myrtaceas. Com este nome são conhecidas diversas especies, todas do genero *Lecythis*, taes como a *L. Pisonis* Camb., a *L. lanciolata* Poir, a *L. Pohli* Berg., a *L. urnigera* Mart., a *L. Amazonum* Mart., a *L. ollaria* e outros que não só crescem nas mattas dando arvores collossaes, como pelas margens dos rios. A madeira é branca e pouco empregada. Os seus fructos, que são grandes e osseos, têm dentro as sementes que é o que se come. Crescem em todo o Imperio.

Saupe, *saupé* (283). Peixe dos rios do sul de Minas e S. Paulo.

Sarohé ou gambá (32). Vide a nota 9 e *Carigue*.

Savia, ou *saviá*, antes *sauiá*, genero *Cavia* (33). Vide nota 6 e *Cangambá*.

Sereima, *seriema*, ou *siriema* (a que tem crista) (85). Ave dos campos de Minas-Geraes, de piar triste, e que se alimenta em geral de cobras, pelo que se criam domesticadas em roda das casas. É o *Dicholophus cristatus* de Hoff.

Sipó, *cipó*, *cipó-cururu*, ou *sipó de sapo* (244). *Anisolobus cururu* Muell., fam. das Apocynaceas. Cresce na provincia do Amazonas e é tido como venenoso.

Sipota ou *sapota*. Será o *sapoty* ou a *sapota?* (265). Ambas crescem no Amazonas, são arvores elegantes e pertencem á familia das Sapotaceas. A primeira é a *Lucuma mammosa* Gaert., e a segunda é a *Sapota achras* Mill. Quando os fructos estão bem maduros são muito apreciaveis pelo seu gosto delicado.

Sobro (198). É palavra portugueza dada a uma arvore exotica chamada tambem *sobreiro* (*Quercus suber*), cuja casca dá a cortiça empregada em rolhas e outros misteres.

Socu, socó (86). Longirostro das margens dos rios e lagos, do genero *Ardea*, no qual se comprehendem diversas especies, de côres differentes, desde o branco ao cinzento ou pardo. O *socó-boi* é o mais notavel. Tem um viver triste e um vôo pesado e desengraçado. Alimenta-se de peixes, carangueijos, caramujos, etc.

Sorubim, surubin, soroby (284). É o *Pimelodus tigrinus*, peixe de pelle branca prateada, manchada de preto azulado, cuja carne é saborosa. Ha muito nos rios affluentes do Amazonas. Nos rios de Minas tambem ha um peixe com esse nome, porém não sei se é o mesmo.

Sumauma, sumaumeira (199). (*Eriodendrum sumauma*, Mart.) Fam. das Malvaceas. Esta é a rainha das arvores do Brazil não só pela sua elevação, como pela sua grossura, frondosa ramagem, e lindo aspecto. Elevando-se acima de toda a vegetação da margem do Amazonas e Solimões, e distinguindo-se de longe, torna-se ainda notavel pelas suas enormes sapopemas, onde, entre uma e outra, pódem accommodar-se ás vezes vinte a trinta pessoas, assim como dous mil homens em columna cerrada gozariam de sua sombra. Fornece esta bella arvore uma linda paina alva, que quasi toda é perdida pela grande elevação em que ficam os seus fructos; comtudo, é mais estimada e mais procurada do que a da monguba. Os Tecunas, os Uaupés, os Içanas e outros gentios a empregam nos seus *uamiris*, que trazem em saquinhos de *turury* do *ubussú*. Quando querem colher o fructo que é alongado como um pequeno melão, derrubam duas ou tres arvores, para muitas vezes não colherem nem quatro arrobas. Habita muito nos troncos e galhos della a *mãi do sol*, *Buprestis gigantea*.

Das suas sementes extrahe-se um bonito oleo proprio para luz; cada semente contém uma decima parte pouco mais ou menos de materia oleosa.

Darei aqui uma noticia de outra da mesma familia, extrahida das minhas notas sobre a Flora Amazonense, a *monguba* ou *mungubeira*. É uma das arvores que mais caracteriza os terrenos amazonicos. Em todo o terreno de alluvião, do grande rio, assim como em toda a sua margem, se ostenta esta arvore, já coberta de lindas flôres, já despida de folhagem e coberta de longos fructos vermelhos avelludados. Attinge um grande desenvolvimento quer em altura, quer em grossura, e, apezar de sua madeira ser molle e esponjosa, é empregada em canôas, que, com o correr dos annos, e com o limo que cria por fóra, torna-se de muita duração. O Sr. Robert Hogg refere que, na viagem de Christovão Colombo á America, encontrou este em Cuba uma canôa desta madeira com 90 palmos de comprimento e largura proporcional, que podia accommodar 150 homens. Cresce tambem na Asia, principalmente em Cantão, onde os Chins a denominam *Moc-main*, e utilisam-se da madeira. Não se aproveitando aqui a madeira, tambem despreza-se a linda seda que seus fructos soltam aos caprichos do vento. Raro é aquelle que se utilisa da paina, que todo o Imperio importa, e que só o valle do Amazonas podia para todo elle fornecer, constituindo uma industria e um grande ramo de commercio.

Da mesma côr parda que esta tem outra especie a *piriquiteira*, macia, sedosa como ella; leva porém a palma, não só na abundancia dos fructos, como na qualidade da paina que cada um fructo fornece. Esta paina, que rivalisa com a da *Chorisia speciosa*, que importamos, em outro paiz seria aproveitada, emquanto que aqui raro é o que della se aproveita. A não ser uma ou outra tribu de indios que a emprega nas suas flechas, *uamirts* de zarabatanas, ou uma ou outra pessoa nas suas almofadas, ninguem mais faz caso della. O facto de não usar-se colchões e almofadas, pelo emprego constante de rede por toda a população, é uma das causas do desprezo da monguba. Da casca tiram fibras, com que fazem cordas, por este modo: Arrancam a casca e a deixam amollecer por espaço de algumas semanas dentro d'agua; depois tiram as fibras que ficam soltas, por apodrecer o tecido cellular, lavam-as e deixam seccar ao sol.

Surucucu (291) (*Trigonocephalus lanceolatus*). Cobra curta, grossa, preguiçosa, que não ataca o homem sem ser tocada, tornando-se então feroz, chegando a persegui-lo. É uma das mais venenosas.

Vive nos logares sombrios e sujos das mattas, ás vezes procura os paiões onde se aninha.

Susuapara, antes *suasuapara*, ou *galheiro*, isto é, *suasu*—veado, *apara*—torto, veado de chifre torto. (34) É um ruminante do genero *Cervus*, cuja denominação especifica não conheço. Além do *matteiro* (*C. rufus*), do *campeiro* (*C. campestris*) e do *Suassu-assú* (*C. paludosus*), ha a especie de que se trata, e o *anhanga* do Amazonas.

Susuarana, (35) ou *suasuarana*, ou *tapyra yauara*, de *tapyra*—anta, *yauara* carniceiro, o que come antas; é o *cougouar* dos francezes, o *puma* do Chile. Antes de apresentar as especies que conheço, darei a etymologia do nome que caracterisa este grupo de onças. O Sr. Dr. Liais, na sua obra «*Climats, geologie, faune du Brésil*» quer que *suassurana* seja derivado de *Çuçuacoara*, assim como *cougouar* se deriva tambem de *Soasoarana*, *cougouacouara*, *Çuguacarana*. Poderá ser assim, porém, penso de modo diverso, e comnigo creio que os habitantes do Amazonas. *Çuçuacoara*, segundo a sua orthographia, quer dizer *cova* de veado, de *suasu*—veado, e *coara*—cova, buraco, e não significa *çu*, o sustento, *cuacu*, cobrir e *ara* final, para marcar habito, como o mesmo senhor traduz. Para mim *suassuurana* ou *sussarana* deriva-se de *suassu*—veado, e *rana*—que não é verdadeiro, feita referencia á côr do pello desses carniceiros. A seu turno *suassu* deriva-se de *tessá* ou *sessá*—olho, e *assu*—grande, referencia aos grandes olhos dos veados.

Se *çuaçuacoara*, pela etymologia do mesmo senhor, indica um habito do animal, tambem *çuçuarana* distingue-o das outras especies, mostrando que, se bem tenha o pello da côr da do veado, comtudo não o é. O indio distingue sobretudo os individuos do reino organico, pela terminação *rana*, embora sejam especies e até generos diversos; basta ter uma semelhança para ser ella applicada. Poderiamos citar muitos exemplos para provar isto, quer no reino animal, quer no vegetal, mas basta este: *surucucu-rana*, que é um ophidio differente de outro *surucucú*, mas que tem alguma semelhança, sem ser o verdadeiro. Tres especies distinctas de Çuaçuaranas são conhecidas: a Suassurana-eté ou *piranga*, a de *lombo preto* ou *pixuna*, e a *caiarara*.

A suassurana-eté, ou piranga (*Felis unicolor* Traill., ou *F. sucuacuara*, Liais), é a maior, porém cujos instinctos são menos

sanguinarios. Tem uma côr russo-avermelhada pelas costas, cabeça e barriga, com garganta e queixo brancos. As pontas da cauda e das orelhas são pretas, assim como os bigodes e beiços. O pello não é tão macio como o das jauarités ou onças, e o seu comprimento regula o da *F. jaguapára*. A *Ç.* de lombo preto ou pixuna (*F. Concolor* L.) é menor, mais esguia, e distingue-se pela côr, que é mais russa, tendo o ventre mais escuro e uma linha preta que começa da nuca e termina na ponta da cauda. Esta especie é mais feroz e persegue, não teme o homem. A terceira, a *Ç.* caiarara, é das tres a mais rara, só habita as florestas virgens dos sertões. Geralmente as onças e as sussuranas andam ao cio no mez de outubro e novembro, na época em que as tartarugas e tracajás desovam. Nessa época ficam as praias cheias destas duas especies, assim como das maracajás e gatos do matto, que todos para ahi affluem, não só para comer as tartarugas, como para desenterrar os ovos,de que são gulosos. A promiscuidade de especie e de sexo, a circumstancia de coincidir o cio com essa época, faz com que o hybridismo appareça, assim como as lutas sanguinolentas que, pelo ciume, se travam. O maior numero de hybridos que então se forma é cruzado pela F. jaguatirica com as sussuaranas, e até com os maracajás. Uma hybrida notavel entre a jaurité-pixuna e a sussuarana é a jaurité-piranga, que, castanha-escura, e do mesmo porte da primeira, não tem comtudo signal algum.

Tababuya (200). É uma *Bignoneacea*, cuja madeira é leve e ordinaria.

Taboca (245). É uma graminea que cresce nas mattas, cujo colmo é longo e flexivel, formando grandes soqueiras, e que toma um grande espaço chamado *tabocal*. É empregada, pela sua flexibilidade e duração, em jacazes, peneiras e cestas.

Tabuyayá, *Tuyuyu* (87). Será o *tuyuyú*, uma paludal do Amazonas, do genero Mycteria ? *Ayayá* é a *garça-grande* (*Ardea candidissima*), e *acaré* a pequena.

Tainha, *taynha* (*Mugil cephalus*). (280) Peixe do mar, muito conhecido e abundante no mez de junho, épocha em que desóva e engorda.

Tajeba ou *Tayoba* (246). (*Colocasia antiquorum* Schott.). Fam. das Aroideas. Planta dos logares humidos,cujas folhas se comem, assim

como os tuberculos, que, posto que acres, quando cozidos, tornam-se semelhantes aos do inhame. Ha variedades já conhecidas na sciencia.

Tamanduá (36). (Myrmecophaga). Distinguem-se os animaes deste genero pela ausencia completa de dentes, pela conformação da cabeça, do focinho, dos pés e disposição das unhas. O corpo comprido é coberto de pello, e, em duas especies, a cauda é agarradora, a cabeça alongada; os olhos pequenos, as orelhas curtas, a lingua muito comprida, fina e cylindrica. As mãos e os pés muito carnudos, tendo, duas especies, quatro dedos nas mãos armados de longas, curtas e fortes unhas, e nos pés cinco com unhas menores; a terceira especie tem dous dedos nas mãos e quatro nos pés. As pernas são curtas, seu andar vagaroso, por se firmarem sómente no lado externo dos pés, tendo sempre as unhas dobradas sobre as plantas. Tem um viver quasi nocturno, passando os dias sobre as arvores onde aninham-se em montes de folhas seccas sobre os galhos ou cipoadas, á excepção da maior especie, como veremos. Alimentam-se geralmente só de formigas. As afiadas unhas das mãos dão-lhes uma terrivel arma defensiva, não tendo outro meio de salvar-se dos inimigos. A especie mais notavel e maior é o *Tamanduá-assu* ou bandeira, o *Myrmecophaga-jubata* de Linneo.

O nome indigena *tamanduá*, segundo Martius, é composto das palavras, *taxi* formiga, e *mundé*, armadilha, pelo costume que tem de exporem a lingua dentro de um formigueiro, quando cheia de formigas, recolherem-a. A verdadeira etymologia julgo ser: *taxi*-formiga, e *monduá*—o caçador de formigas. É dos mais lindos animaes, apezar de sua fórma semi-grotesca.

Tem o corpo alongado com 1m.4 de comprimento fóra a cauda, que tem quasi a mesma dimensão; o pescoço curto e a cabeça e focinho comprido. Todo o corpo é coberto de longos pellos, que, divididos, cahem sobre os flancos, de uma côr cinzenta um pouco parda para os lados, tendo uma facha preta de cada lado do peito, que, unindo-se nas costas, prolonga-se um pouco pelo fio do lombo, diminuindo. A cauda é coberta de longos pellos brancos e pretos, que, quando levantada, fluctuam com o vento, donde lhe veio o nome de *bandeira*. Geralmente andam com ella a rasto; porém, quando se irrita ou está ao cio, levanta-a com graça. Para dormir ou quando chove mette o focinho entre o pello do peito, ajunta as unhas das mãos com as dos pés, e

dobra a cauda sobre as costas para resguarda-las. Não tem a cauda agarradora e não o auxilia ella nos movimentos, pelo que não trepa nas arvores, como as outras especies auxiliadas por ella. Não é animal sociavel e tem o andar vagaroso. É inoffensivo, defendendo-se só quando atacado. Como tem um olfacto muito fino, presente ao longe o inimigo, e, em vez de fugir, geralmente o espera, pondo-se de pé sobre os pés. Suas armas defensivas são as grandes unhas moveis das mãos, que se entranham nas carnes dos aggressores. Geralmente só larga a presa quando morta. Atacado pelos cães, espera-os, e, quando ao seu alcance, lança-se de costas no chão e espera-os de bruços e pernas abertas, e ai do que chegar-se! É o maior inimigo da onça e unico do qual ella não se livra e morre nas suas garras. Atacado, abraça-a, e enfiando as unhas, que mais não abre, luta com ella no chao, até expirarem, quasi sempre ambos. Presa uma vez, por mais esforços que faça, a onça não se livra desse amplexo mortal. A sua força muscular é prodigiosa, e depois de morto ainda têm grande irritabilidade os seus musculos. Anda geralmente pelos campos, onde cava os formigueiros e casas de cupim, e mettendo a lingua nelles, vai recolhendo-a logo que se acha cheia de formigas ou cupins, até saciar-se. Náda e atravessa bem rios. Geralmente só têm um filho que conduz agarrado ao pescoço. Da cauda fazem-se lindos espanadores e o couro é bastante forte.

A outra especie é o *tamanuá* ou *tamanduá* propriamente, o *M. tetradactila* de Linneo, *M. tamanduá* de Desmarest, ou *Tamanduá braziliensis* de Liais. A côr desta especie varia consideravelmente segundo a idade, sendo de ordinario amarello-pardacenta, com duas listras pretas, ou muito escuras, que, partindo obliquamente das espaduas, dirige-se pelos flancos e vem unir-se na anca pouco acima da cauda, esbatendo-se a côr lateralmente.

O seu comprimento regula 60 centimetros, fóra a cauda que tem outro tanto, e que é agarradora e pellada na extremidade. Tem quatro dedos nas extremidades dianteiras e cinco nas trazeiras, armados de unhas, das quaes as maiores são as das extremidades dianteiras. Como o tamanduá-assú, vive tambem de formigas, copins e tambem chupa o mel das abelhas que encontra nas arvores, onde sobe com facilidade, se bem que lentamente, e faz o seu ninho no qual passa quasi todo o dia. Quando atacado, tambem defende-se com as unhas, deitado de costas, e, uma vez que agarre a presa,

difficilmente a solta, sendo preciso quasi sempre mata-lo. Se bem que seja variavel a côr d'esta especie, comtudo existe uma outra, cuja côr, sendo tambem variavel, tem constantemente ausencia completa das listras pretas, que bem o caracterisam.

Mede esta de comprimento 60 centimetros da ponta do focinho á raiz da cauda, que tem 50, e é agarra lora. O pello, que é curto e aspero, é amarellento na cabeça, nas extremidades e na cauda, onde na raiz é maior, tornando-se depois raro para a ponta da mesma, que tem um espaço de 20 centimetros quasi pellada e escamosa. Nesta porção a cauda é manchada de preto e branco, quasi annelada. A côr do pello do dorso e dos flancos é pardo-escuro-amarellado devido a tres anneis que tem cada pello, sendo o do meio pardo-escuro quasi preto e os outros amarellos. Os pellos do abdomen são menores e compostos de pretos e amarellos, não annelados. Sobre as espadoas, tem malhas negras subtriangulares, que destacam-se da côr amarellenta do pescoço e cabeça e da parte superior das extremidades. Tem quatro dedos nas extremidades dianteiras, armados de unhas, das quaes a terceira, internamente, é a maior, de 0m,042 de comprimento, curva, plana por baixo, comprimida lateralmente e convexa por cima. (O primeiro dedo interno é quasi rudimentar, e o quarto pouco maior). A segunda tem a metade do comprimento da terceira. As extremidades trazeiras têm cinco dedos, armados de unhas tambem curvas, porém todas iguaes 0m,02 de comprimento. O focinho é comprido, os olhos muito pequenos e as orelhas oblongas, quasi pelladas, com 0m,03 de comprimento. Vulgarmente é chamado *tamanduá-y da vargem*, e por diversas vezes o vi sempre com a mesma disposição de côr. No lago Canaçary, em Silves, matei um que dormia em uma arvore do igapó, e nas costas do Parú, á beira do lago, matei outro, ambos com a mesma côr, sendo, porém, este ultimo femea. Só tinha duas mamas peitoraes.

Mais duas especies são conhecidas pelo nome de *tamanduá-y* (tamanduá pequeno), uma o *M. didactyla*, de Linneo, e outra não classificada ainda, e vista tambem por Henri Bates, quando no Amazonas. Distingue-se o tamanduá-y das outras especies, não só pelo seu pequeno tamanho 0m,30, pelo numero de dedos dos membros, que é de dous nos anteriores e quatro nos posteriores, como pelo seu pello compacto, sedoso e brilhante. Tem focinho comprido, com a extremidade rosada, porém menos que nas outras especies, os olhos

pequenos pouco afastados da boca; as plantas dos membros carnudas e rosadas, e arqueadas obliquamente para fóra; o pello é curto, sedoso, muito lustroso, de um amarello côr de ganga, com uma listra sobre o dorso mais escura. A cauda, que tem 0m,18 de comprimento, é agarradora, porém coberta pela parte superior do mesmo pello e nua pela inferior, sendo a pelle de uma côr rosada.

Seus habitos são nocturnos; durante o dia dorme em ninhos que faz sobre as arvores, onde anda com facilidade ajudado pela cauda. Alimenta-se de formigas que encontra pelos páos. É inoffensivo, porém sempre procura agarrar com as unhas quando apanhado. São muito procurados pelos tapuyos por causa da pelle, que dizem ter certas virtudes (imaginarias), pelo que empregam-a os pagés como pussanga (remedio, mezinha) nos seus feitiços. As mulheres fazem com ella breves que dizem servir para tornar tão macios os homens como o seu pello.

A outra especie, inteiramente semelhante, afasta-se d'esta pela côr e pela macieza do pello, que é pardo-escuro, com as extremidades mais claras, não tão luzentes, e mais aspero.

Tamara (201) (*Phœnix dactilifera*, Linn.) Fam. das Palmeiras. Planta exotica cultivada no paiz, mas cujos fructos aqui não são saborosos, nem se podem comer como na Syria, no Egypto, etc. É uma das plantas da Biblia.

Tapinhoa, tapapinhoa, tapinhuan, tapinhoan (202). (*Silvia navalium*, Fr. All.) Fam. das Laurineas. Esta planta descripta, classificada, desenhada e publicada pelo fallecido conselheiro Freire Allemão como genero e especie nova, foi enviada para a Europa, onde muito mais tarde, contra todas as leis botonicas, foi esse genero reconhecido novo pelo professor Meisner; mas, não querendo dar essa gloria ao botanico brazileiro, a chamou a si, accrescentando um *e* ao Silvia; assim a *Silvia* de Freire Allemão, hoje é *Silviae* de Meisner. Assim sempre tem procedido o estrangeiro com o brazileiro. É uma grande arvore da Bahia e do Rio de Janeiro, que cresce no cume das serras, cujo cerne é amarello-pardo com veios escuros, de tecido muito cruzado, empregado em pipas, barris, construcções naval e civil. A casca é adstringente.

Taruman, tarumá (203). Com este nome conhecem-se varias especies. No rio Tapajós encontrei duas especies na margem, uma a *Vitex montevidensis* Chum., e outra com grandes flôres roxas. A primeira é

uma arvore pequena e que esgalha, a segunda uma grande arvore pouco esgalhada, é a *Vitex cymosa* Berten. A madeira emprega-se em construcções civis, e as folhas em chá contra as molestias do figado.

Tatagiba, *tataiba*, *tapagiba*, *tatayuba*, *tatajuba*, *tatarema* (204) *limão-rana* (no Pará), *nariuva* (no Amazonas). (*Maclura xanthochylon* Endl.) Fam. das Urticineas. A sua madeira é empregada na marcenaria, e d'ella extrahe-se uma linda tinta amarella. Com o mesmo nome e o de *muira-tauá* (páo amarello), ha no Amazonas a *M. Braziliensis* Endl., com o mesmo emprego e as mesmas propriedades. Do tecido cortical extrahem estopa para calafeto.

Tapikra (38), vide a nota 3 e *Anta*.

Tatú (37). A especie mais rara é o *tatú-assu* do Norte, ou *canastra* de Minas (*Dasypus gigas* de Cuvier, ou *Priodonteres giganteus* de Lesson e *Cabassou* de Buffon). Tem esta especie mais de um metro de comprimento e a côr da cabeça é quasi cinzenta, e a da couraça, que envolve-lhe as costas e os flancos é mais escura; a dentadura compõe-se de $\frac{0}{0}\ \frac{0}{0}\ \frac{50}{48}$; não sendo constante este numero, que varia segundo a idade. É desta familia o que tem maior numero de dentes. Como disse, o corpo é revestido de uma couraça ou casco composta de doze cintas embricadas e movediças. Tem em cada uma das quatro extremidades cinco dedos, armados de unhas irregulares, grandes e curvas. A cauda attinge quasi a metade do comprimento do corpo, e é coberta tambem de escamas semelhantes ás que ornam ás cintas do casco, com um ou outro pello esbranquiçado, semelhante aos que ornam a barriga. É esta a especie maior que se encontra.

Uma outra, tambem não muito vulgar, é o *tatú-pena*, ou por corruptela *péba*, o *Dasypus gilvipes* de Kleger, que Wagler separou formando o genero Euphractus. Desmarest o denominou *Dasypus encoubert* e Linneo *Dasypus sexcintus*. Esta especie differe da precedente no systema dentario. A differença consiste no numero dos dentes e nas disposições delles sobre as maxillas, que, sendo todos molares, têm comtudo os dous primeiros de cada lado mais na frente. Segundo Cuvier, tem $\frac{2}{4}\ \frac{0}{0}\ \frac{16}{16}$, quando, pela estructura, não tem mais do que $\frac{0}{0}\ \frac{0}{0}\ \frac{18}{20}$ É coberto por um casco escamoso, como o tatú-assú, composto de sete cintos, tambem moveis, e tem a

cauda tambem escamosa. Sua côr é branco-amarellenta e alguns élos brancos que ornam o fim do casco, assim como a barriga. Tem as orelhas grandes e quasi circulares e moveis, e quasi sempre erectas. Como a outra especie tem cinco dedos em cada membro, armados tambem de unhas. O seu tamanho regula 0m,5 de comprimento, fóra a cauda que tem menos de metade do comprimento do corpo. O focinho é comprido, e os olhos vivos e pequenos. O nome indigena de *tatú-peua* ou *peba*, quer dizer tatú chato, allusão que fazem ao casco que não é bem convexo e sim um pouco achatado na parte superior. Buffon deu-lhe o nome de Encoberto, porque geralmente vive nas tócas que cava, e donde só sahe para o seu pascigo nocturno.

Outra especie do genero Taturia, de Cuvier, que separou-se do Dasypus pela differença que apresenta o systema dentario, porém que alguns naturalistas sempre conservam, é o *tatú-été* ou tatú verdadeiro. Com effeito, o seu systema dentario compõe-se de $\frac{0}{0}\,\frac{0}{0}\,\frac{16}{16}$ Differenças tambem apresenta no numero das mamas, que é de quatro e não de duas, como nas precedentes, e na fórma do casco e mesmo dos dedos, que são de quatro nas mãos e cinco nos pés. O casco é mais comprido, as escamas menores, dispostas regularmente em nove cintas moveis, o pescoço e os pés são tambem cobertos de escamas menos duras e a cauda coberta de anneis escamosos. A barriga não tem a pelle lisa e é meio escamosa, e tem pellos esbranquiçados. É a especie mais procurada pelo sabor de sua carne.

Uma outra especie se encontra, é o *tatu-apára*, ou *t. bola* do Sul, o *Dasypus tricinctus* de Linneo. O nome indigena *apara* quer dizer vergado, do verbo *iapara*-vergar, entortar, allusão que fazem ao costume que tem este animal de vergar-se a formar uma bola, faculdade que lhe dão as cintas do casco. Como as primeiras especies mencionadas, tem elle cinco dedos em todos os membros. Seu comprimento chega a 0m,38 fóra a cauda, que tem 0m,06 a 7. O casco tem as bordas salientes, de maneira que o animal póde esconder a cabeça e os pés quando se dobra; neste estado, um homem, embora empregue toda a sua força, não consegue desdobra-lo. O casco é tambem escamoso, muito forte, formando tres cintas, de uma côr cinzenta, ás vezes amarellenta. A cauda tambem é escamosa, porém a barriga lisa, com alguns pellos. Pela contractibilidade do casco os indios da fronteira de Guyana e os Napixanas aproveitam-a para fazer pequenos baldes ou urús.

Ainda outras especies, como o *tatú-ayba*, o de rabo molle do Sul, o *D. unicinctus* de Linneo, ou *D. gymnurus* d'Illiger, existem, porém sei por informações e não por que o examinasse.

Os tatus, que distinguem-se bem dos outros animaes pelo seu casco formado de tres partes ou de tres couraças, das quaes a que protege as costas é formada de cintas moveis, e as outras duas, uma que protege as espaduas e a outra a anca, unidas e solidas, são animaes pacificos, e cujo viver é solitario e quasi nocturno. Sem armas para defender-se, deu-lhes a Providencia o meio de garantir-se dos ataques dos carniceiros, dotando-os de fortes unhas com que, com rapidez e facilidade cavam tócas onde se abrigam e d'onde difficilmente são tirados, porque nellas se agarram com as unhas movidas por uma força muscular extraordinaria. Os peiores inimigos que tem são: o homem e as onças, todos avidos de sua carne, que em algumas especies é saborosa. O seu alimento compõe-se de raizes, tuberculos, insectos e mesmo de carnes putridas, chegando a cavar os cemiterios para comerem os corpos nelle sepultados. Reproduzem-se com facilidade pelo numero que parem, de 4 a 6, e ás vezes mais. Se bem que os costumes sejam identicos em todas as especies, comtudo algumas os tem especiaes, assim como o uso que dellas fazem é differente. O tatu-assu vive mais nos campos procurando larvas, formigas, e é o que mais se alimenta de carnes putridas, razão pela qual nunca vi comer-se a sua carne. Os indios aproveitam a sua cauda, que com arte descarnam, e depois de secca fazem com ella uma buzina ou toré, usada nas suas danças. Do casco ha quem affirme ter visto tão grandes, que depois de seccos servem para toldas de pequenas montarias. Se bem que possa attingir grande desenvolvimento, não creio que cheguem a ter o tamanho que pede esse accessorio das montarias. Ha uma crença que elle tambem anda no fundo dos rios, e a elle attribuem os desbarrancamentos do Amazonas em alguns logares; é porém uma superstição como tantas outras, derramadas entre os indigenas. Na costa do Parú vi á noite fazer-se pequenas fogueiras para espantar esse animal, que estava cavando, segundo diziam, as margens que diariamente cahiam. O tatu-peua é procurado pela carne, que alguns comem, se bem que não seja bôa, e tambem se alimenta de carnes putridas, assim como de raizes e insectos. Cava com facilidade e corre com bastante velocidade. Encontrei uma vez um atravessando um caminho, e quando dispunha-me a mata-lo a

rewolver, por não levar então outra arma, notei que andava vagarosamente por não poder correr.

Com a maior facilidade agarreio-o pela cauda, e examinando vi que estava maltratado por pancadas, e que debaixo das cintas sahiam uma infinidade de bichos varejeiros, que lhe roiam as carnes.

Se bem que durante o dia pasceigue, comtudo o seu lidar é nocturno.

Tayuya ou *tayuyá* (217). Varias especies de Cucurbitaceas, que crescem em Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Pará têm esse nome. As principaes são : *Wilbrandia verticillata* Cogn., conhecida tambem por *Abobrinha do matto* em Minas, a *W. hibiscoïdes* Mauso, a *Trianosperma tayuya* Mart. e outros. Todas têm propriedades purgativas e o seu cozimento é amargo e nauseabundo. Os naturaes a empregam em differentes molestias com vantagens.

Tucum, *tucum* (208). *Astrocaryum vulgare* Mart. Familia das palmeiras. Arvore que cresce no Solimões, que dos grelos dá excellente fibra, conhecida por *tucum*, empregada em cordoalha e em redes No Rio de Janeiro confundem esta especie com o *Bactris marajá* Mart.

Tijuassu, antes *teyuassu* (39), vulgarmente conhecido por *lagarto*, saurio do genero *Acrantus*.

Timbó (248). Em quasi todas as provincias em que empregam o veneno vegetal na pesca, as plantas que a isso se prestam têm o nome acima, pelo que difficil é especificar a planta, que varia segundo as provincias e mesmo segundo as localidades. O verdadeiro *timbó* é a *Paullinia pinnata* de Linneo, que é um veneno narcotico e acre, geralmente empregado só contra os peixes. As raizes e caules socados e lançados nas aguas pouco correntes de um rio, matam todo o peixe que por ellas passa. Ataca geralmente no homem o cerebro e os rins. O peixe apanhado por esse processo, posto que não offenda a quem o come, comtudo em poucas horas fica deteriorado. Leis especiaes ha no Pará contra o emprego do timbó.

Timbuhyba, *timbahyba*, *timbuiba*, antes *timbóyba* (205). Madeira venenosa (*Enterolobium timbouva* Mart.) Fam. das Leguminosas. Cresce em Minas, Ceará, Bahia e Rio de Janeiro, e tem o cerne

amarello-assetinado, empregado em construcções civis á sombra. A variedade *canescens* é conhecida por *tamboril*. Creio que as folhas são empregadas como timbó, para tinguijar o peixe.

Tingará ou *tangará* (88). Ha diversas especies de aves com este nome, todas do genero *T. nagra*.

Tinguacyba, *tinguassiba*, antes *anguacyba* arvore de pilão (206). (*Xanthoxylon spinosum*). Fam. das Rutaceas. Arvore espinhosa, cuja madeira é empregada na marcenaria e construcções civis. É do sul do Imperio. A casca da raiz consideram como proveitosa nas mordeduras de cobra.

Tinguy, *tinguí* (207). Com este nome ha differentes plantas de diversas familias, todas empregadas na matança dos peixes nos lagos e rios. No Pará e Amazonas são *Tephrosias*, na Bahia *Jacquinias*, e em Minas *Magonias*. Todas são toxicas.

Trahira, *taraira*, *trahyra* (286) (*Erythrinus*. sp.) Peixe das cabeceiras de rios e aguas paradas. É de pelle parda-escura, muito voraz, e cuja carne, posto que saborosa, é muito espinhenta.

Tucano (90). Zygodactilo representado por diversas especies, como o *Tucano de papo branco* ou *assú* (*Ramphastus toco*), T. *de papo amarello* (*R. ariel*). *T. de papo côr de canna* (*R. discolorus*), *T. de bico encarnado* (*R. erythrorhinchus.*)

Tunga. *Tumbyra* (299) é o *bicho do pé*, muito conhecido no Brazil, que dá nos porcos, nos cães e tambem no homem.

Tuyuy ou *Tuyuyu* (80). conhecido no Amazonas tambem por *Passarão*. Pelas vasantes andam em grandes bandos pelas margens dos lagos. São brancos, com os olhos, as azas e as pernas pretos. Edificam seus rudes ninhos no alto das grandes arvores. Só põem dous ovos. Dizem os indios que um ovo sempre gora e o filho que sahe acompanha sempre a mãi até sahir outro que forme casal. No começo das cheias começam tambem os seus amores. É um passaro triste. O nome *tuyuyu* significa—o *palustre*, ou o que *come lama*.

Tyié, *tapiranga* ou *tié*, *tié-sangue*, *tié-berne*, é o *Ramphocelus brasilius* (91). É de quasi todo o Imperio. É vivo, de um natural turbulento, facil porém de cahir em qualquer laço. anda em pequenos bandos e sustenta-se de fructos. principalmente os da *aroeira*. Seu brilhante colorido vermelho o torna notavel. No Amazonas é conhecido por *Pipira*.

Ubussu (249), (*Manicaria saccifera* Mart.) Fam. das Palmeiras. Cresce esta especie na região costeira do Pará. Só empregam as folhas, que são semelhantes ás da bananeira, e cuja duração em uma coberta de casa vai além de vinte annos. *Ubussu* vem de *ob*-folha, e *uassu*-grande.

Urubu (92) Rapace muito conhecida. Ha tres especies, o *Urubu* commum (*Catharthes jota*), o *U. gereua* (C. *aura*), e o *U. de cabeça branca*. Esta especie encontrei proximo ao Erére, no Pará. Não anda em bandos e sim aos casaes. Procura as mattas. Os filhos, quando novos, são cobertos de pennugem branca.

Urucatu (250). Orchidea? Amaryllidacea? Marcgrave dá o nome de *urucatu* a uma orchidea; mas, segundo Martius, ha algumas Amaryllis venenosas que tem esse nome. O nome é derivado de *yuru*-boca, e *catu*-boa, o que parece referir-se antes ao labello de uma orchidea.

Urucu, Bixa orellana Linn. (251). É a planta mais querida dos indios, que empregam a sua tinta, não só na pintura do corpo como para tingir seus enfeites e suas redes. O pigmento que cobre as sementes é empregado na arte culinaria, e alguns medicos o indicam como de utilidade nas molestias cardiacas.

Urucu (266). O autor diz que provavelmente é a *romã* (*Punica granata* Linn.), mas não o creio. Esse nome só é applicado á Bixa Orellana.

Urucuriaba, urucuriyba, urucury (202) *Attalea excelsa* Mart. Fam. das Palmeiras. Cresce no baixo e alto Amazonas. É uma bella planta, cujo fructo é empregado como o melhor na fumeigação da borracha.

Uvacupary, bacopary, bacopari (267). É uma Rubiacea, a *Gardenia suaveolens* Vell., que cresce nas mattas. Com esse nome ha differentes especies de fructos que se comem, mais ou menos agradaveis ao paladar.

Vinhatico (210). Com este nome ha diversas arvores da familia das Leguminosas, que vulgarmente se distinguem pelos nomes que se lhes pospõem. Assim temos o *Vinhatico do campo* (*Enterolobium*

ellipticum Benth., e *Plathimenia reticulata*, Benth.), e outras, todas dos generos citados. Conhecem-se e são empregados na marcenaria, nas construcções civis, as seguintes :

Vinhatico chamalote, amarello, do matto, olho de boi, pardo, falso, ondeado, rôxo, rosa, testa de boi, flôr de algodão, cabelleira, e orelha de macaco.

(*Continúa.*)

O TIRADENTES

PERANTE OS HISTORIADORES OCULARES DE SEU TEMPO

Resposta a um injusto reparo dos criticos da Historia da Conjuração mineira

MEMORIA LIDA NA SESSÃO DE 9 DE DEZEMBRO DE 1881 PELO SOCIO HONORARIO JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA, 2°. VICE-PRESIDENTE.

Fui por muito tempo enthusiasta do Tiradentes. Os martyres attrahem as sympathias como os algozes se tornam dignos das maldições populares. Á medida, porém, que me instruia na historia da mallograda conjuração, senti modificar-se e arrefecer-se o meu enthusiasmo, e achei-me ante o homem, que em 21 de Abril de 1792 já não era o mesmo ardente apostolo da emancipação politica. Os annos, que passou na masmorra, segregado do mundo — o colloquio com os frades franciscanos, que lhe transmudaram as idéas — os conselhos que lhe deram os seus juizes com fementidas promessas — tudo isso transformou o conjurado em um homem eivado de mysticismo.

Prenderam um patriota; executaram um frade!

Para elle não era mais o patibulo um throno de gloria, mas a ara do sacrificio em expiação de convencionados erros. Preferiu antes morrer com o credo santo nos labios do que soltando o brado da mallograda revolta, que era — Viva a liberdade! — como esses martyres das revoluções pernambucanas de 1817 e 1824. Por que não o

fez? O que mais esperava de seus algozes n'este mundo? Não acharia, é certo, um echo, que lhe respondesse senão trinta annos depois, mas faria estremecer pela patria muitos corações sopitados no somno do indifferentismo.

Pobre poeta ou romancista, como mal me considero ás vezes, bem poderia eu descrever o conjurado mineiro segundo as minhas inspirações patrioticas; como historiadôr, porém, e historiador consciencioso, tinha ante mim as deducções logicas dos documentos, que são as testemunhas da historia em que me baseei, ou a bussola da verdade, que me apontou o caminho a seguir por tenebroso mar durante treze annos de aturadas e pacientas pesquizas. Do contrario fôra trahir a historia, e mentir aos contemporaneos.

Pesei-o pois na balança da critica; pintei-o tal qual o o julgaram os seus coevos, e a cada asserção minha antepuz uma autoridade; citei por milhares de vezes mais de cem documentos, e nem desprezei a tradição pró ou contra o martyr da inconfidencia.

Quando se entrega á luz da publicidade uma obra historica baseada em documentos irrecusaveis, e que cada uma de suas asserções, por menor que seja, é confirmada pela authenticidade — já dos mesmos documentos — já dos historiadores, embora de passagem tocassem no assumpto — já finalmente da propria tradição, que é a historia popular, que passa de boca em boca, e que tudo quanto se affirma ou se nega tem a sua razão de ser; a critica, que se alevanta as mais das vezes apaixonada, não tem jus a resposta alguma quando não destróe essas asserções apresentando-se e firmando-se em melhores e mais valiosos documentos.

A Historia da conjuração mineira foi em seu apparecimento saudada por uma dupla bateria de applausos e

reprovações. Como autor entendi, que me devia abster de toda a polemica em quanto não visse o juizo, que formulei relativamente á conjuração e seus autores, ás devassas, sentenças e seus juizes, formalmente destruido e substituido por outro de melhor peso, senso e valia.

As pequenas criticas acharam pequenos senões. Duas mais extensas tornaram-se notaveis, uma pela exageração, outra pela moderação de sua linguagem. Desprezei a primeira, que sahio na *Republica*, não tendo concluido a sua leitura, e tratava de responder á segunda, publicada na *Reforma*, quando uma qualificação dada a minha obra me fez mudar de designio. O seu autor, que se assignava *Um Mineiro*, chamou á minha pobre producção, não sei com que visos de ironia — *livro do litterato do Instituto historico !*

Nunca pude comprehender bem o sentido d'essa qualificação; parece-me, porém, que o seu autor teve em vista ferir não só o individuo como a associação, que conta em seu gremio tantos e tão distinctos membros, embora seja o autor da *Historia da conjuração mineira* o mais obscuro e insignificante d'entre elles.

Depois que Piron, pelo seu genio eminentemente epigrammatico, se lembrou de se mostrar espirituoso para com a Academia franceza, todos os criticos, farcistas de espirito, o buscaram imitar na satyra sem conseguirem o sal attico do poeta francez, envolvendo em seus epigrammas todas as associações scientificas e litterarias, e o Instituto historico não tem escapado a essa imitação de máo gosto.

Não sou litterato, não faço profissão d'isso, pois morreria de fome. Mero amador das letras e das cousas patrias, dou-me por passa-tempo á sua cultura, empregando

melhor as horas que outros desperdiçam, como Parny, que tinha por móto: — *Occoupon-nous en rien faire!* — E quantas vezes não me tenho arrependido d'esse sestro ou mania!

Conheci tambem, que o meu illustrado critico não era tam sincero como parecia se inculcar. Podia embora ter suas convicções diametralmente oppostas ás minhas, mas não devia torcer por vezes o sentido de minhas phrases, e concluir dizendo que o meu gôsto era todo amesquinhar a inconfidencia, esquecido de que antes havia elle mesmo confessado a meu respeito: — « Não é isso negar o merito das pacientes investigações historicas de S. S. e suas apreciações; as que são justas colligem flores, que devem ornar os tumulos das illustres victimas; as injustas acham o correctivo nas suas proprias citações. »

Citou como minhas as seguintes palavras, que griphou para chamar a attenção sobre o pleonasmo ou outra melhor qualificação:—*Os soliloquios que fazia com o crucifixo* — quando estas palavras se acham á pag. 414 da minha obra entre aspas e ahi se lê a nota 2ª., na qual digo pertencerem estas expressões a Frei Raymundo de Pennaforte, que assim as escreveu nos *Ultimos momentos dos inconfidentes de* 1789.

Havia dado o combate; recolhi-me ás minhas tendas. O não responder, porém, a esse tiroteiro se proclamou depois a minha derrota! Disseram, que convicto das accusações me deixei julgar á revelia!

Vamos pois agora ao que serve, que é o ponto principal d'esta *Resposta dada a um injusto reparo dos criticos da historia da conjuração mineira.*

O illustrado *Mineiro,* que occupou quinhentos e vinte

e dous centimetros das columnas da *Reforma* com o seu artigo contra mim, duvidou de uma das minhas asserções, quando escrevi, que o Tiradentes baixára de seu pedestal de gloria para humilhar-se de mais ante o seu algoz e dizer: « *Oh! meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés!* »

« Ingenuamente, dice elle, declaro, que não sei, se é verdadeiro o facto: o escriptor não indicou a fonte das informações, mas demos, que seja authentica. »

Concedida a authenticidade, continuou o autor da critica a tirar d'este acto apreciações a seu sabor em favor da victima da inconfidencia, isto é, contra mim.

Ha comtudo manifesta injustiça da sua parte, quando assegurou, que não indiquei a fonte das informações. Lá está indicada no fim do periodo, á pag. 413, nota 3ª., na qual cito não uma, mas duas obras, a *Memoria do exito que teve a conjuração de Minas e os Ultimos momentos dos inconfidentes de* 1789.

Consentindo o illustrado critico, que passasse por authentica a asserção, me faz crêr, que não deixou de vêr a nota, embora não entendesse, que se referia a ambas as citações do mesmo periodo, isto é, tanto *á osculação dos pés* como *ao vestir da alva*, tal qual vem nos documentos, em que bebi essas informações.

Depois d'este reparo do illustre censor appareceram outros criticos em não pequeno numero, que tambem negaram o facto e me deram a paternidade de sua invenção!

Ainda este anno o Sr. Aristides Maia, em um artigo publicado na *Republica*, orgão do club republicano academico de S. Paulo, escreveu o seguinte:

« O Sr. Norberto diz, que o Tiradentes beijara os pés

do algoz. Sua obra constantemente documentada, não diz aonde S. S. aprendeu isto.

« A mentira tem-se tornado em nossos dias uma virtude theologal, diz Quinet. »

A vista de tantas contrariedades, de tantas negações, pensei com effeito, que me tivesse enganado.

Recorri ao archivo do Instituto historico, examinei de novo a *Memoria do exito que teve a conjuração de Minas e dos factos relativos a ella acontecidos n'esta cidade do Rio de Janeiro desde o dia 17 até 26 de Abril de 1789*, na qual se lê: *Offerecida ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.*

Achei o facto da osculação; mas, não sem grande admiração da minha parte, vi, que as palavras *lhe beijou os pés* estavam inutilisadas sob grossa camada de tinta muito negra e ainda moderna, quando a do manuscripto está amarellada pelo tempo. E deu-se essa fraude, depois que restitui o manuscripto ao Instituto historico, isto é, depois do dia 7 de Novembro de 1873. Chamei a attenção do Sr. Martins, conservador da bibliotheca e do archivo do Instituto, que não me soube explicar semelhante eliminação, e bem assim submetti-o ao exame do nosso collega o Sr. Dr. Moreira de Azevedo. Apezar de riscada a phrase, subsistem as hasteas das letras compostas como *lh. b.j.. .. p..*, que deixam bem vêr o seu sentido *lhe beijou os pés.* A eliminação da phrase torna incompleto o sentido da oração, e foi feita portanto sem reflexão.

Eis aqui a integra do periodo: — « Vendo ao carrasco, que entrára a pôr-lhe as cordas, assim que o conheceu, lhe beijou os pés com tanta humildade, que, sendo elle do numero dos que affectam dureza e crueldade, chegou a commover-se e deixou escapar uma lagrima.

Ao despir-se para receber a alva, despio tambem a camisa e disse assim: *Nosso Senhor morreu nú por meus peccados.* »

Ha porém outro documento, como ja fiz ver e citei, attribuido a Frei Raymundo de Pennaforte, que offereci ao Instituto historico e que é cópia do que existe na secretaria da provincia de Minas-Geraes e me foi obsequiosamente remettido pelo Sr. Dr. Venancio José de Oliveira Lisbôa, então digno presidente da mesma provincia.

Ahi a folhas 7, verso, lê-se: « Amanheceu o dia 21, que lhe abriria a eternidade. Entrou o algoz para lhe vestir a alva e pedindo-lhe de costume o perdão da morte, e que a justiça é, que lhe moveria os braços e não a vontade, placidamente voltou-se a elle e lhe disse: *Oh! meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés!* O que feito com demonstração de humildade, com a mesma despio a camisa e vestio a alva, dizendo que o seu Redemptor morrêra por elle tambem nú. »

Vejamos agora se reproduzi fielmente o facto, tendo em vista as duas testemunhas oculares:

« Ladeado dos officiaes de justiça, entrou na cadêa o algoz negro. Era o famoso Capitania, tão celebre pelos seus crimes. Vinha vestir-lhe a alva e atar-lhe o baraço ao collo. Pedindo-lhe de costume o perdão da morte, pois que a justiça e não a sua vontade lhe movia os braços, desceu o Tiradentes de seu pedestal de gloria para humilhar-se de mais e lhe dizer: *Oh meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés.* O que fez com grande admiração do proprio algoz. Ao despir-se para vestir a alva, tirou tambem a camisa e ungio seus labios

com estas bellas palavras : — *O meu Redemptor morreu por mim tambem assim!*

Eis ahi todas as palavras dos dous escriptores contemporaneos do Tiradentes. Quanto ao nome do algoz e a sua côr recorri á tradicção e declarei-o em uma nota. Não é pois ironicamente uma *virtude theologal*, como asseverou o Sr. Aristides Maiá e tem repetido outros criticos.

É a verdade historica.

Uma obra, que nas suas quatro centas e trinta paginas de texto contêm mil e duzentas e onze notas e não sei quantos milhares de citações, nas quaes se firmam as minhas asserções, póde apresentar apreciações menos sympathicas, mas não falsidades e mentiras, que nem um interesse havia para deprimir um martyr.

Para a canonisação de qualquer heroe da christandade é preciso, que a sua vida tenha sido como um diamante sem jaça. O mais pequeno defeito, a menor falta oppõe-se á sua santidade. Quando alguns jovens exaltados pretenderam erguer um monumento ao Tiradentes, fui eu de opinião, que o seu vulto era bastante secundario para ornar uma praça da capital do Imperio, e sobre tudo da maneira porque projectára o artista, representando o Tiradentes de alva e baraço ao pescoço, como se o govêrno colonial quizesse eternisar a sua lição de terror aos habitantes da capital do vice-reino! (*) Pediram-me as provas, e eu respondi tres mezes depois com a publicação da *Historia da conjuração mineira*. Os promotores do monumento não se deram por satisfeitos ; buscaram

(*) Hoje celebram o martyrio do Tiradentes com festas, tal qual o fez o governo colonial em 26 de Abril de 1792. É uma commemoração, que seria grata ao Conde de Rezende !

amesquinhar a obra e atacaram as minhas apreciações, mas as asserções fundadas em documentos, e que não puderam ser destruidas, foram taxadas de pouco veridicas, de inexactas e até tiveram a qualificação ironica de virtudes theologaes, segundo a bulla de Quinet.

É assim, que se escreve a critica entre nós.

O que convem é, que o Instituto Historico publique quanto antes os dous manuscriptos, de que acabo de me occupar nas mal traçadas linhas d'esta succinta *Resposta*, afim de evitar, que novas fraudes conspurquem essas paginas falsificando a verdade da historia, ou mesmo que a subtracção dos originaes em questão traga depois a difficuldade de destruir novas accusações.

MEMORIA

DO EXITO QUE TEVE A CONJURAÇÃO DE MINAS

E DOS FACTOS RELATIVOS A ELLA

ACONTECIDOS NESTA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

DESDE O DIA 17 TÉ 26 DE ABRIL DE 1792

REFLEXÃO PRÉVIA

Se a culpa do primeiro homem, abominavel por si mesma e pelas outras, que se commettem no mundo, de que foi cauza, arruinando toda a natureza, he comtudo chamada felis, porque o seu remedio foi gloriozo, obra unicamente da mizericordia ; assim tãobem por uma razão semelhante podemos chamar felis o enorme, horrendo, e espantozo cazo de Minas. Não sendo já possivel, inda que muito mais se mitigassem as leis, que esperasse vida um certo numero d'aqueles infelices, appareceo vindo de mais alto o seu remedio, isto é dizer, da mesma soberania offendida. Considerado o crime, o tempo, o lugar, e ainda as pessoas, que o commetterão, vê-se quanto este perdão é gloriozo, que não teve outro algum motivo, senão a clemencia, fazendo perder de vista todos os exemplos, que se encontrão nas historias. Não ha uma só circumstancia, que possa diminuir-lhe a gloria, nem o politico mais mettido a adivinhar será capaz de a descobrir. Frustradamente remexeria

elle os cadernos de toda a antiguidade, ou faria viajar por todo o mundo o seu atropelado intendimento, devendo saber, que só do coração da NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA podia nascer este nunca visto, e nunca ouvido fenomeno da virtude.

Um perdão d'estes não é effeito de cauzas ordinarias, e communs: é um acto livre de summo poder, e de summa piedade, quando felismente se unem na pessoa de um summo imperante: é um triunfo da virtude colocada sobre o trono, que n'estes lances não segue outra lei, senão aquella, que autoriza o mesmo trono sobre todas as leis. Para ser concedido, como foi, sem intervenção de suplicas em uma materia, que não as admitte; sem ter diante dos olhos as mizeraveis victimas da desgraça, que podessem commover pela prezença de seus males, em uma distancia, de onde não podião ser ouvidos os clamores de tantas espozas consternadas, e de tantos filhos gemendo ao redór d'ellas, era necessario, que só a clemencia da NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA fizesse tudo, que suprisse tudo, já incitando-se a si mesma, já levando suas vistas ao ponto de prevenir o ultimo golpe, estendendo-se, dilatando-se de um mar a outro mar, abrangendo finalmente as extremidades da terra.

Não necessito de muitas luzes para conhecer, que este perdão é um d'aqueles milagres humanos, que nunca se fazem, quando muitas vontades se juntão a fazel-os; e que nunca apparecem, senão quando uma só vontade, que tudo póde, se inclina a produzil-os. Elle é como um fructo preciozo, de que só participão os que vivem á sombra das monarchias, e é necessario esperar a mais bella, e a mais florente estação da sua existencia.

Uma e outra felicidade tem sido a d'estes homens. Perdoa-se a um soldado a dezersão de muitos annos em

tempo de paz, não se-lhe-perdoa a de um dia feita do campo da batalha á vista dos perigos da morte. Se um attentado hypotetico é um absurdo do politico; se um attentado especulativo tendente á practico, segundo as leis patrias, é digno de morte em qualquer tempo; que se poderia esperar de um attentado, concebido, delineado, se os tempos fossem perigozos? Ah felices-desgraçados! Levantai as mãos ao Céo, e humilhai os corações aos péz de uma RAINHA, que de tal sorte pos em suas mãos a segurança de seu reino, que lhe foi tão facil o pordoar-vos.

Subio ao trono, e o Brazil, gemendo então debaixo do pezo de armadas, e exercitos inimigos, foi o primeiro de seus Estados, que experimentou as doçuras do seu governo. Virão-se depois arder em guerra as potencias confinantes, más sempre em páz os vassallos portuguezes. Perturbou-se Europa; más aquela cadeia, que a politica do prezente seculo tem lançado sobre todos os gabinettes, ja mais arrastou o nosso. Succederáõ Reis a outros Reis; ella tem sabido accommodal-os ao seu sistema.

Tudo florece debaixo dos seus olhos, armas, letras, e commercio, e a verdadeira liberdade, que só nos podem dar as sabias, e justas leis, nunca se gozou, como em seus dias. Respeitada de todas as Naçoens, que pode ella temer de uns vapores, que o ar movido de uma louca imaginação tem feito levantar dentro de seus dominios? Perdoai-lhes poderoza, e piedoza RAINHA: se-lhes não agrada a liberdade de um bom cidadão, vivão sem honra, más logrem ao menos o innocente prazer da vida; e em quanto a conservais a tantos vassallos benemeritos, não vos-falte a gloria de a ter dado de graça aos infelices.

RELAÇÃO

Como o facto de Minas, novo, e grande por suas pessimas circumstancias, chegou a fazer-se publico, e assignalou finalmente uma época tão aborrecida de sua terrivel existencia, já não é possivel, que fique, como merecia, riscado para sempre da memoria dos homens. São tantos, e tão autenticos os monumentos, que se tem produzido a seu respeito, que a sua noticia hade vencer sem duvida todos os seculos da nossa posteridade. Feito n'estes dias um objecto commun de todas as conversasões, pode igualmente servir de assumpto aos escriptores : com differença porém, que sendo nenhuma a utilidade, que se tira dos que fallão, alguma se deve esperar de quem escreve, se o fizer com decencia, conduzido unicamente de um bom espirito.

A natureza de um facto tão criminozo, provado, e contestado tantas vezes, e de que se formarão não menos que tres processos, attrahio sobre as pessoas comprehendidas n'elle quantos castigos parecerão indispensaveis segundo as leis. Por outra parte tivemos a consolação de ver brilhar por um modo extraordinario, e repentino a excessiva clemencia da NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA quanto á conservação da vida d'estes infelices. É licito conservar para exemplo uma lembrança horrorizante assim das culpas, como das penas, e conforma-se com as obrigações de um bom vassallo perpetuar, publicar, e transmittir aos vindouros a memoria das grandes virtudes dos seus soberanos.

Uma e outra couza importa muito. Os castigos, em que vemos os outros, são exemplos para nós. Elles nos inspirão horror; e como não podemos prescindir de amar a vida, a

honra, e outros bens de innocente qualidade, que se gozão no mundo, somos obrigados a aborrecer a culpa, como cauza, que nos expõe a perder tudo. A clemencia tendo toda a efficacia, que tem as virtudes, attrahe docemente o nosso coração, e faz-nos amar a pessoa, que ella caracteriza. Debaixo d'estes principios nada escreverei, que não seja capás de persuadir o temor da perfidia, e de inspirar amor para com a Nossa Soberana. Estes são os meios naturaes, que nos ajudão a cumprir com aquella sagrada obediencia, que nos impõe a natureza, que Deos clara e expressamente nos intima nas escripturas, e a que nos obrigão todas as leis humanas.

Deixo em silencio todo o encadeamento de fatalidades, de que tem sido cauza esta infelis conspiração, e chego sem mais preambulos a aquelle termo, em que a justiça vai dicidir da sorte d'estes homens.

Terça-feira á noite em 17 de Abril forão tirados de seus segredos para a cadeia publica d'esta cidade onze prezos, e ninguem mais duvidou, que se executaria n'estes o ultimo supplicio.

Foi o dia seguinte occupado todo em Relação, que, apezar das prevenções tomadas para effeito de sua brevidade, durou o espaço de desoito horas desde as oito da manhan té as duas depois da meia noite em quinta-feira, sendo de notar, que nem o Illmo. e Exmo. Snr. Conde Vice-Rei, que aturadamente prezidio, nem o muito sabio, e muito illustre Conselheiro Chanceller, e chefe da Alçada, nem algum dos mais ministros passassem a experimentar maior incommodo.

Lavrada a sentença foi na mesma occazião lida, e intimada aos prezos pelo Dezembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha, escrivão da Alçada, levando hora e

meia n'esta apressada, e nunca interrompida leitura. Confirmou-se o pensamento, em que todos estavão.

A Nossa Augustissima Soberana pela carta regia de 19 de Julho de 1790, em que dava ao seu conselheiro, chefe da Alçada as primeiras instrucções de sua grande clemencia, já se tinha dignado perdoar a ultima pena a aquelles reos, que, não entrando nos perniciozos conventiculos, sabendo com tudo d'elles, não os houvessem delatado. A este mesmo espirito de clemencia se devem attribuir não serem impostas aquellas penas, que recommendão as leis, para atormentar em vida semelhantes delinquentes, e fazer cruel a sua morte.

Condemnados a differentes degredos, conforme a suspeita juridica de seus crimes, todos os outros reos, entre estes onze, que erão os condemnados á morte, distinguio-se dos mais o reo Joaquim Jozo, por alcunha o *Tiradentes*. Este seria decapitado, seus quartos divididos, e semeados pelas estradas de Minas, as cazas, em que morava, demolidas, salgadas, inda que para isso se comprassem á custa do confisco, e em seu lugar se levantaria um padrão, que perpetuasse a infamia de seu nome. De Francisco de Paula se cortaria a cabeça, e excepto o padrão, o mesmo se faria das cazas, sendo suas. Igualmente serião cortadas as cabeças dos reos seguintes: Alvarenga, Maciel, Toledo, Francisco e Antonio, as quaes com a duas primeiras serião conduzidas a Minas, e irião postar-se em madeiros altos, fronteando os sitios de suas habitações. Não incorrião n'esta pena os dous Rezendes pai, e filho, Abreu, Amaral, e Vidal. Estes dous ultimos inda que forão sentenceados á morte, parece, que serião attendidos em virtude do primeiro perdão. Tudo o mais constará da sentença, que não é de minha intenção vulgarizar.

Primeiro que esta lhes fosse intimada forão algemados

todos, e ja então estavão assistidos pelo R. Guardião dos Franciscanos, que, acompanhado da melhor parte da sua communidade, acudio a prevenir para este lance o animo dos prezos. Immediatamente depois se lhes lançarão correntes, e grilhões.

Entre os horrores d'esta scena tão lastimoza virão-se brilhar alguns actos estimaveis de religião. Estes homens estavão confessados desde muito tempo, e com frequencia, pelos mais doutos, e illuminados religiozos desta Ordem, em cuja prezença derão n'esta occazião signaes do seu bom espirito. Sabia-se de muitos, que augmentavão com certas penalidades voluntarias o vigor das prizões, em que se achavão.

Com effeito não foi percebido entre elles um só movimento de impaciencia, nem escapou palavra alguma, que não desse indicios de uma boa conformidade. Com os mesmos religiozos, que dirigião tudo o que era de seu espirito, derão todos juntos graças a Deus, acceitarão humildemente a morte e invocarão os santos em seu soccorro.

Pedirão uns a outros perdão de suas offensas, e cada um começou a tratar seriamente da sua salvação. Dizia um d'elles : Eu sou a cauza da morte d'estes homens, dezejaria têr mais dez vidas, e podel-as dar por todos elles : se Deus me ouvira, eu só morreria, e não elles. Ali se vio um filho ao lado de seu pai, esquecendo-se de si proprio, occupado sempre em o soccorrer, e animar. Meu pai, lhe diz elle uma vez, que he isto? imos para o Céo, não é tempo de desmaiar. Outro se tinha visto prostrado de joelhos por tempo de hora e meia, ouvindo a sentença, como immediatamente de Deos.

Estas e outras acções semelhantes, em que devo ser abreviado, inda que servião de consolação aos assistentes,

nada diminuião do horror d'aquella sala, para onde os conduzira a culpa, e de onde só a morte os havia de tirar. Ali se vião uns homens, que no seu tanto figurarão, debaixo de um cruel destino, tão iguaes na ultima desgraça, que nenhum d'elles tinha que invejar a sorte do outro. Lançados fora do mundo, conservados um pouco mais por caridade, entregues á morte pelas mãos da justiça, vencendo as tristes horas do amargozo resto de seos dias. Qualquer que por acazo fosse ao oratorio podia dizer, que já tinha visto o theatro da desgraça ; e quando se lembrasse, que por sua vontade estavão elles n'aquella mizeria n'isto mesmo conheceria maior desgraça.

O espectaculo era bem tocante a qualquer genero de espectadores, e podia fazer muitas e mui diversas impressões. Ali estavão a altivez, e a perfidia postas em tormento, e via-se bem o fim, que podião ter os loucos dezejos de uma sonhada liberdade. Vião-se tristezas, inuteis arrependimentos, e trocadas em humildes considerações as fogozas ideas em outro tempo concebidas. Toda a consolação, que podia haver, era comprada á custa de forçados esquecimentos, como são os de si proprio, de espozas, de filhos, e de tudo que se estima no mundo.

O oratorio estava sempre povoado de sacerdotes, e em toda a parte se tratava de bem morrer. Ali andavão muitos homens a servir, Irmãos da Mizericordia. Os prezos estavão estendidos por junto das paredes, óra gemendo, ou para melhor dizer agonizando, óra confessando-se, e sempre fazendo tinir ferros. Por toda a parte estavão sentinellas com armas prontas. Abrião-se, e fechavão-se portas á cada instante, e sempre com estrondo. Os ecos da sentença parecia, que inda retumbavão n'aquellas paredes, e tudo finalmente concorria a augmentar o horror d'aquella caza, ou verdadeiramente sala da morte.

Já n'este tempo tinha a sentença produzido entre o povo os seus effeitos. A execução, ainda que não vinha, como já dice, revestida d'aquella crueldade, que recommendão as leis, era com tudo a mais medonha, e a de mais feia ostentação, que n'esta cidade se tinha visto.

O Illm. e Exm. Sr. Conde Vice-Rei do Estado tinha disposto todos os meios, que devião contribuir para a segurança, não menos que para o respeito de uma acção, em que se ião dezagravar os direitos da soberania. Forão chamados para metter guarda em todas as partes, onde é costume, os auxiliares. Reforçou-se a guarda da cadeia, e d'esta unicamente foi encarregada a tropa paga. Dispunhão-se entretanto os regimentos, e o povo, inventando seus arbitrios, com esses mesmos mais se acabava de aterrar. Falava-se sobre a ordem, e numero de ministros, que deverião assistir; quaes as ruas, por onde seria tirada esta nunca vista procissão de tantos, e tão famozos padecentes.

Via-se no largo da Lampadoza, para a parte do Campo, levantar-se uma nova forca de tão grossos madeiros, e de uma altura tão desmarcada, como convinha, para indicar a gravidade do crime.

A nossa cidade, inda que não passava pelo desgosto de ver-se involvida neste facto, nem por um só de seus habitantes, tinha de ser o theatro de tão terrivel, como exemplar execução. Os grandes castigos tem uma certa força: abatem os animos dos mesmos innocentes, e nem toda a segurança, em que estes estão, acaba de rezistir o modo respeitozo, que elles inspirão. O poder, e autoridade publica, quando se arma de magestade, e justiça, parece, que se lança ao mesmo tempo sobre todos. A compaixão, de que só estão izentos, os que não são humanos, fazia por outra parte os seus effeitos. Inda que ella não assemelha o innocente com o réo, nasce da semelhança, que tem entre

si todos os homens, e fás padecer com os que padecem. De tudo isto rezultava um como terror universal, um sentimento, um desprazer desconhecido, que cada um em si experimentaria á proporção de seu temperamento, ou da viveza da sua imaginação.

Posso dizer, que a cidade, sem discrepar de seus deveres politicos, não pôde esconder de todo a oppressão, que sentia. Muita gente se retirou ao campo, muitas familias sentindo-se sem valor fizerão o mesmo, outras tomarão cautelas contra as noticias, que corrião. N'estes dous dias diminuio-se sensivelmente a communicação, as ruas não forão frequentadas da gente mais seria, e a consternação parece, que se pintava em todos os objectos. Vista a sentença, attendida a atrocidade do crime, ninguem mais concebia esperança alguma de remedio. Os infelices estavão já mortos na espectação de todos.

Sexta-feira de manhan se aprezentarão em Relação os inuteis embargos, cujas razões estavão previstas, e não era difficultozo saber-se, que contra a firmeza e solidez da sentença nada podia de novo excogitar-se. Com tudo se algum dos prezos haveria, ou não de melhorar, eis aqui o que ficou desconhecido, e de que só nos restão intelligencias; mas cazo assim acontecesse, serião aquelles dous, e pela mesma razão, que já dice. Finalmente não fôrão recebidos os embargos; mas acrescentava-se n'este acordão, que a seu tempo se declararião aquelles, que houvessem de ser attendidos.

Este acordão podia significar muito. Eu olho para elle não como simples novidade, que vinha derramar esperanças vagas e perturbar os dezenganos ultimos d'aquelles mesmos que deverião morrer. Sem gravissimo motivo era impossivel, que este ponto não só por si, como pela reforma, em que está, não merecesse toda a attenção. Qualquer que

fosse o motivo, é-me licito ignorar ; porém como tudo que succede está subjeito ás conjecturas humanas, a minha é, que n'este cazo já se dava aos prezos um grande annuncio. Bem longe d'este meu pensamento estava um d'elles, que n'esta occazião levantou a voz dizendo : Senhores, não ha, que esperar, dezenganemo-nos, todos morremos. Podia decidir-se d'este modo, o que dahi a pouco se decidiria de outro.

A curiozidade tinha conduzido muita gente d'aquella, que costuma tocar-se d'este affecto, a esperar nas vizinhanças da cadeia a ultima decizão. Os animos inquietos a indagar, depressa recahião no primeiro estado de seu amortecimento ; mas tudo estava, sem ninguem pensar, nas melhores circumstancias de fazer-se apparecer alguma couza nova. A este tempo se encaminhou apressadamente para o oratorio aquele mesmo ministro, que tantas vezes tinha para alli levado rezoluções de morte. A acceleração de seus passos cauzou novidade ; porém elle, intimando primeiramente o segundo acordão, em que não erão recebidos os embargos da Mizericordia, ultimo objecto de algumas esperanças, acabou de pôr as couzas no peior estado, á que podião chegar, e matou d'esta vez a todos.

Um instante não passou, que os não fizesse resujeitar á incomparavel, e sempre poderoza clemencia da Nossa Augustissima Soberana. Este mesmo honrado, e digno ministro leo o decreto, levantarão-se os mortos, tirarão-se os ferros, e rompendo-se esta noticia fes em todos aquella impressão que devia fazer. A cadeia foi, onde a alegria produzio os seus primeiros effeitos, e soube render as acclamações devidas ao nome da Nossa Clementissima Soberana. Ouve ahi um alvoroço indizivel, como se todos os prezos participassem da mesma graça ; e muitos d'elles

desafogarão finalmente seus corações, intoando terços, e outros canticos de louvor á Mãe de Deos.

A cidade sentio-se em um instante aliviada do dezuzado pezo, que a opprimia. Estimava-se a vida do proximo: estimavão-se as vidas d'aquelles infelices, que a CLEMENCIA DA NOSSA SOBERANA fazia viver. Como ressuscitados por sua mão poderoza, elles davão fundamento ás acclamações do seu nome. A plebe, que é sempre mais animoza, não deixou de ter alguns individuos, que fizerão ouvir pelas ruas alegres vivas, que retumbavão com grande gosto nos corações de todos. Encherão-se as ruas, povoarão-se as janellas, dava-se a noticia já sem escolha de pessoa, e dava-se em altas vozes. Muitas familias mais devotas abrirão seus oratorios domesticos, e n'essa hora, que era quazi uma da tarde, cantarão terços em acção de graças. Outros se encontravão transportados, incertos dos destinos, que levavão, outros desfigurados sacudidos de um tremor involuntario; muitos e muitos não sustinhão as lagrimas: e era de notar-se, que entre tantos aspectos differentes conhecia-se logo, que só a alegria dominava em todos. Sem perda de tempo participarão d'estes mesmos effeitos as cazas de campo, e as estradas todas da cidade. Os viajantes tomarão á sua conta fazerem-se por si mesmos mensageiros da boa nova. VIVA A NOSSA RAINHA (eis aqui os termos, com que se explicavão) appareceo um decreto, escaparão os prezos.

Era impossivel, que não se commovessem os animos excessivamente á vista d'este perdão extraordinario, obra unicamente da clemencia, manifestado em circumstancias as mais bem achadas para o fazer valer. Ninguem poderia persuadir-se, que fosse da intenção regia conceder a vida a esses infelices, e prohibir a alegria do seu povo.

Um perdão, que foi acto da sua real complacencia, devia ser tambem objecto da nossa. Offendem-se os bons vassalos sempre, que o throno seja offendido; mas quando o trono perdôa, será bom o vassallo, que não o — estime? Longe dos vassallos portuguezes uma politica deshumana: Seriamos de todo barbaros, se fossemos insensiveis ao acto mais heroico da mais sublime virtude, que póde resplandecer da emminencia do throno. Sendo o delicto sempre o mesmo, e nada mudando da sua abominavel natureza, só ficou sendo digna de aplausos a clemencia. Estime-se o perdão, e essas vidas, que se estão devendo a NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA, sirvão ao menos de fazer conhecer um novo exemplo de piedade nunca visto, e nunca ouvido no mundo, e de fazer crear em todas as nações uma inveja da nossa felicidade.

Passou finalmente aquelle dia, que a tristeza, e o gosto igualmente repartirão entre si, e amanheceo o sabbado, em que se havia de justiçar o infame Tiradentes. A prudencia, sem a qual nenhuma virtude é perfeita, de tal sorte tinha regulado os arbitrios da CLEMENCIA, que sempre em um cazo tão enorme deixasse uma victima sacrificada á justiça.

A carta regia de 15 de Outubro de *1790* dirigida ao mesmo chefe da Alçada, e aberta na ultima Relação determinava, que se executasse logo a sentença, que, segundo as dispozições das leis, fosse proferida contra aquelle, ou aquelles réos, que, alem de concorrerem com os mais cabeças da conspiração nas assembleas, e conventiculos, procurassem com discursos practicos, e declamações sediciozas assim em publico, como em particular em differentes partes, fóra das mesmas assembleas, introduzir no animo, de quem os ouvia, o veneno da sua perfidia, dispondo, e induzindo os povos por estes, e outros criminozos

meios a se apartarem da fidelidade devida a NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA. Como tal notado já na sentença o dito réo, foi facil acordar-se em Relação, que a seu respeito se devia entender esta excepção decretorial.

Este homem indigno é das nossas memorias, mas, se ficar de todo no esquecimento, nenhum fructo tiraremos de seu exemplar castigo. Todo o apparato, com que são punidos os perfidos de Estado, é afim de imprimir altamente na memoria dos povos a atrocidade do delicto, a acerbidade, e grandeza da penna, e por este meio impedir a possibilidade de semelhantes excessos. Falarei d'elle; e primeiro que exponha as circumstancias de sua afrontoza morte, consolarei ao christão, que me houver de lêr, com a certeza das boas dispoziçoens do seu espirito.

Attestão os religiozos franciscanos, e entre elles os de melhor autoridade, testemunhas occulares de todos os factos da cadeia, que este homem se mostrava convencido da gravidade dos seus peccados, e movido de uma dôr assignalada com todas as condiçoens de verdadeira; que recebeo com animo sereno a sentença de sua morte, sentindo a dos outros, a quem muitas vezes pedio perdão; que em todos os actos feitos debaixo da instrucção dos directores de seu espirito se mostrou docil, e fervorozo, rompendo por si mesmo em outros, com que fazia acreditar os bons sentimentos, em que estava.

O tempo mais proprio de o experimentar foi, quando se intimou a todos o real perdão, e só a elle a certeza da morte, sem mais recurso. Não o tocou a inveja, nem o intristeceo n'este lance a sua desgraça. Debaixo de um ar sincero, e moderado fez apparecer a sua alegria, e do seu lugar deu os parabens, que pôde, como se não tivesse de si lembrança alguma. Os religiozos, que de propozito então o procurarão, nada tiverão, que fazer, e muito, que

admirar a sua conformidade. Permaneceo sempre da mesma sorte, humilhado, e contrito, exercitando-se em muitos actos das principaes virtudes.

Vendo ao carrasco, que entrava a pôr-lhe as cordas, assim que o conheceo, lhe beijou os pés com tanta humildade, que, sendo elle do numero dos que affectão dureza, e crueldade, chegou a commover-se, e deixou escapar uma lagrima. Aos despir-se para receber a alva despio tambem a camiza, e dice assim :—Nosso Senhor morreo nú por meus peccados. Marchou a grande distancia da cadeia ao lugar da forca sem apartar os olhos do crucifixo, á excepção de duas vezes, que os pôz no Céo.

Quando se tratava com elle de offerecer a morte como sacrificio a Deos, apressava-se, e era necessario detel-o : quando se lhe dizia, que aquelle era o tempo precioso, e os bons instantes necessarios para amar a Deos, detinha-se, e n'isso se empregava. Confessando o inefavel mysterio da Trindade, transportava-se, e aproximando-se á forca pedio, que só n'elle lhe falassem. Estas noticias são apreciaveis por parte da religião.

Seja-me licito dizer : Luiz XIII consolou-se muito, sabendo que um grande rebelde do Languedoc tinha levado semelhantes dispozições ao cadafalso. Este Rei tève a paciencia de as querer ouvir do mesmo confessor do réo, e depois de satisfazer sua curiozidade piedoza acabou dizendo : Eu quizera, meu Padre, ter contribuido para a sua salvação por um caminho mais doce.

Erão oito para nove horas da manhan, quando se aprezentou o reo em acção de marchar. Em observancia das providentissimas ordens, que o Illm. e Exm. Sr. Conde Vice-Rei do Estado tinha feito distribuir pelo Exm. Sr. D. Luiz Benedito de Castro, Capitão, e Ajudante das ordens do mesmo Senhor, commandou a acção do Campo

o Brigadeiro Pedro Alves de Andrade. Para esta concorrerão no lugar da execução tres regimentos, o de Extremós, o primeiro, e segundo do Rio, municiados com doze tiros de bala. Postou-se no largo de S. Francisco de Paula o regimento de artilheria, commandado pelo sen Coronel Joze da Silva Santos.

D'ali se destacarão differentes corpos debaixo dos seus respectivos officiaes para o centro da cidade, a fim de manter a boa ordem popular, o respeito, e a segurança, que convinha. O regimento de Moura, commandado pelo seu chefe o Coronel Joze Victorino Coimbra, veio postar-se na praça de Palacio, havendo destacado soldados, que fossem bastantes para guarnecer a rua da Cadeia, o largo da Carioca, e a rua do Piolho té o principio do Campo, de onde, depois de feita a passagem do reo, vierão a incorporar-se ao seu regimento, que no mesmo lugar se conservava pronto. O esquadrão da cavallaria, postado tambem antes na praça de Palacio, ahi recebeo as ordens do seu commandante, e dividindo-se de forma que parte precedesse, e parte seguisse ao reo, permaneceo no Campo, té que fosse concluida a acção.

O Brigadeiro, commandando os tres regimentos no lugar, que lhe foi destinado, fazendo destacar differentes partidas, manteve o Campo na maior tranquilidade, que poderia dezejar-se.

Movendo finalmente a tropa, formou um espaçozo triangulo, em cujo centro ficava inserrada a força, tendo os soldados voltada a fronte para o povo.

Achou-se prezente montado á cavallo com a guarda, que lhe convinha, o Exm. Sr. D. Luiz Benedito de Castro. Testemunhou a acção o Dezembargador Francisco Luiz Alves da Rocha, escrivão da Alçada. Acompanharão, e prezidirão, em virtude de seus cargos, o Dezembargador

Juis do crime Joze Felicianno da Rocha Gameiro, o Ouvidor da comarca João Antonio Valente, e o Juiz de fóra o Doutor Balthazar da Silva Lisboa.

Nove religiozos franciscanos acompanharão este padecente. Antes que elle morresse, o R. P. M. Fr. Joze de Jesus Maria Desterro, Guardião do convento d'esta cidade, fez uma fervoroza practica, segundo as idéas repentinas, que lhe offerecia aquelle espectaculo. Fez a segunda, depois de concluida a execução, o R. P. M. Fr. Raimundo de Pennaforte, Custodio actual da meza. Altamente reprehendeu este Padre o louco dezejo da liberdade, e servindo-se do grande exemplo, que tinha o povo diante dos olhos, fez conhecer de uma vez o horror da perfidia.

Merece toda a estimação a compendioza, e energica fala, que se seguio a fazer o Brigadeiro Pedro Alves de Andrade, concluindo-a com tres vivas successivos, a que responderão os regimentos, e todo o immenso povo, que prezente estava, em louvor da NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA.

A concurrencia de tanta gente, assim do povo, como da milicia, a assistencia de tantos homens, que singular e distintamente ficão nomeados, trazidos ali em razão de seus postos, e empregos; a prezença de uma personagem tão respeitavel, como a do Exm. Sr. D. Luiz, eis aqui tudo, a que podião chegar as publicas demonstrações d'esta cidade. Aqui se vê quanto valem as relaçoens das couzas. Estes homens, condecorando esta acção, tanto mais a fazião feia, e horrorosa; prestando publica vassallagem ao trono, aterravão de uma vez o furiozo espirito da revolta; e rendendo uma honra tão exemplar á justiça, augmentavão excessivamente a ignominia do infame réo.

Faltava unicamente gratificar a Deos, nosso Senhor, o

grande beneficio, que nos tinha feito, permittindo que abortasse uma conjuração, que, chegando a sahir á luz, seria sem duvida de funestissimas consequencias. Os ridiculos meios, em que ella se fundava, e a facilidade, com que bem de pressa seria desfeita, não diminuem a grandeza da providencia, que impedio os primeiros estragos, que causaria. Fosse qual fosse o seu estado, fossem quaes fossem as suas rezultancias, Deos se dignou obstar a tudo. A NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA, contra quem nenhuma nação do mundo se tem atrevido, não poderia ver sem magoa atreverem-se os seus mesmos vassallos. A nação portugueza, desfructando uma paz universal, chegaria a inquietar-se dentro de si mesma; esta cidade seria sem duvida uma das mais incommodadas.

Tomou-se por tanto o religiozo arbitrio de celebrar uma festa de acção de graças, da qual se encarregou o nobilissimo Senado. Foi escolhida, e preparada para isso de uma formoza, e magnifica armação a igreja da Ordem Terceira do Carmo. Fizerão-se os avizos competentes para o dia 26 de Abril, no qual pontificou o Exm. e Rev. Sr. Bispo com aquella solemnidade, pompa e devoção, que convinha ao objecto, e ao motivo de uma funcção tão magestoza. De tarde foi repetido na mesma igreja um concurso igualmente numerozo, e estando prezentes o Illm. e Exm. Sr. Conde e a Exma. Sra. Condeça com a sua Exma. familia, repetio a sua oração o R. Doutor Fr. Fernando de Oliveira Pinto, religioso de N. Senhora do Carmo d'esta provincia.

Este sabio orador fez conhecer com toda a evidencia—quanto se devia a Deos, por haver impedido os effeitos da conjuração premeditada—quanto devia esta cidade, por não vêr contamminado um só de seus habitantes—quanto finalmente estamos obrigados a prestar obediencia á NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA. Cada um d'estes pontos é capás

por si mesmo de penetrar os corações, quanto mais a um auditorio, composto pela maior parte de homens illuminados, cheios de um verdadeiro amor patriotico, sensiveis á soberana clemencia, de que tinhão diante de seus olhos o maior exemplo!

Concluio este acto um solemnissimo Te-Deum, onde executou a muzica uma solfa admiravel, e de um gravissimo acompanhamento.

É este o ultimo facto, a que chega esta pequena relação. Ninguem se persuada, que eu a tenho feito sem motivo, ou por affetar odios, que não tenho, aos mizeraveis delinquentes. Eu sei, que os mesmos castigos não se fundão em odio das pessoas, se não é, que se queira perverter a ordem, e natureza das couzas. Estou bem certo no espirito das nossas sabias e providentes leis, que em tudo se conformão aos verdadeiros sentimentos da razão e da religião.

Dos castigos, que acabo de vêr, aprendi certamente a aborrecer a culpa, e em particular a sedição, e a perfidia. Lembrando-me da afrontozi morte do réo justiçado, vendo a dos outros commutada em terriveis degredos, para onde se vão remettendo, encho-me de horror á vista de seus delictos.

Mas nunca podendo constranger-me a dezejar precizamente a morte de tantos infelices, eu estava nas mais excellentes dispozições de avaliar, e de saber estimar toda a grandeza de um perdão, que nem por pisso o esperava nas circumstancias do cazo. Quem diria, que já o tinha prevenido a NOSSA AUGUSTISSIMA SOBERANA? Quem me dera a incomparavel honra de poder ao menos n'esta occasião chamar-lhe—Minha!

Mas seja este o desatogo de um vassalo, que está falando só com seu coração, ou que de repente se considera

levantando a vóz no meio de todas as nações extranhas: — VIVA A MINHA CLEMENTÍSSIMA, VIVA A MINHA PIEDOZISSIMA SOBERANA.

Lista dos cumplices na projectada revolução de Minas-Geraes, e que foram sentenciados na Relação do Rio de Janeiro em maior alçada, conforme as ordens de S. M. F., por ministros graduados nomeados pela mesma Snra.

O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, (o Tiradentes). Enforcado.

O Tenente-coronel Francisco de Paula. Degradado para *Ancocha*.

O Dr. Ignacio José de Alvarenga. Degradado para *Dende*.

O Medico Dr. Domingos Vidal Barbosa. Degradado para *Santiago*.

O Capitão José de Rezende Costa, Pai. Degradado para *Bissau*.

José Rezende da Costa, Filho. Degradado para *Cabo-Verde*.

O Sargento-mór Luiz Vaz de Toledo. Degradado para *Cambambe*.

O Coronel Francisco Antonio. Degradado para o *Bihé*.

O Dr. José Alves Maciel. Degradado para *Mucango*.

O Cirurgião Salvador José de Almeida. Degradado para *Catalo*.

O Tenente-coronel Domingos de Abreu. Degradado para *Muxima*.

Os dez acima tinham igualmente sido sentenciados á morte, porém foram perdoados e degradados para os respectivos presidios, por ordem de S. M. F.

O Dr. Thomaz Antonio Gonzaga. Autor da *Marilia de Dirceu*. Degradado para as *Pedras Negras*.

O Capitão Vicente Vieira da Mota. Degradado para *Angola*.

O Capitão João Dias da Mota. Degradado para *Angola*.

O Ten. Francisco José Ribeiro. Degradado para *Angola*.

O Coronel José Aires. Degradado para *Angola*.

O Vigario Correa de Toledo. Degradado para *Lisbôa*.

O Conego Luiz Vieira da Silva. Degradado para *Lisbôa*.

O Padre José Lopes. Degradado para *Lisbôa*.

O Padre Manoel Rodrigues. Degradado para *Lisbôa*.

Joaquim Faustino Soares de Araujo.—Solto e livre por haver descuberto a conjuração do Deputado Secretario interino da R. Junta do Commercio, etc.

Todos os acima eram os cabeças da revolução, tinham leis já feitas e embaixadores nomeados para irem pedir soccorro a diversas potencias, e a maior parte d'elles homens instruidos, e que estavam ao serviço de S. M. F. etc.

ULTIMOS MOMENTOS

DOS

INCONFIDENTES DE 1789

PELO FRADE

QUE OS ASSISTIO DE CONFISSÃO

O horroroso facto de alta traição concebida na capitania de Minas Geraes (1) causou tanta fermentação nos animos de todos os confederados, quanta foi anciosa a espectação, em que se esteve até a cabal decisão e manifestação de tão temivel, como inesperado movimento, ou effervecencia de paixões fomentadas aos peitos do odio e da raiva (2).

Engrossavão-se os conceitos sobre a infidelidade premeditada á medida que chegavão presas as victimas d'aquelle odio e raiva e das abrasadoras chamas da libertinagem.

---

(1) Minas Geraes, cuja capital é Villa-Rica, assento do Governador Geral e do tribunal da Junta e do Erario. As suas ricas entranhas a denominarão—Rica. Eu disse—facto de alta traição—pelo que direi na 2ª nota.

(2) Como escrevo para o futuro, devo attestar o que narro. Entre os papeis aprehendidos aos réos, acharão-se muitas poesias, verdadeiras satyras, contra os Europeos, e um poema, que mettia a ridiculo todo o governo da soberana. Noticia a mim communicada por um dos ministros, que formarão o tribunal, que os sentenciarão.

A comiseração, primeiro e natural effeito que nos casos adversos sente a plebe fragil, indiscreta, e mal instruida, fallava pela boca do erro em seu abono, tendo pelo mais feroz e abominavel dos homens ao Coronel de auxiliares Joaquim Silverio dos Reis Leiria Guites, declarado (3) denunciante da concebida perfidia.

Alguns, em cujos peitos pulava o amor da patria e corria o mesmo sangue pelas veias, chamavão a este conluio *ajuntamento de poétas*, querendo significar com isto ser fabulosa a projectada revolução, assim como fabulosos erão os mysterios da poesia (4). Aquelles porem que ditavão mais maduramente, attribuião á inconsideração nascida da vaidade, do orgulho e da riqueza, e a uma vida dissipada (5) este tão melindroso assumpto. Divididos os conceitos, augmentava-se a indicisão do juizo, que se devia formar de caso tão implicado ainda mesmo apesar de tantas formalidades observadas por juizes imparciaes e incorruptos, e de tão apparatosa exterioridade, de que se valerão a prudencia,

---

(3) Disse—declarado— porque vem elle na testa da devassa e sabio todas as solemnidades, com que a justiça procede em semelhantes causas. Donde estava tambem incommunicavel e á proporção que crescião as provas de ser verdadeira a sua denuncia, se diminuião as precauções, que a seu respeito se tomárão.

Ferocidade, traição e despique não forão certamente os motivos, que o obrigárão a denunciar. Seria a chama da fidelidade, que o abrasou, como em semelhante ocazião diz Solon (*vide* Stanleg. Hist. Phil. tomo 1º p. 32). Deve abrasar-se o coração de todo o cidadão para não ficar infamado? Quem sabe! seria conveniencia ou desejos de maior fortuna? Assim o disserão.

(4) Quasi todos os cabeças ou erão poetas, que tinhão assento no Parnasso Portuguez, ou aprendizes.

(5) Prohibe a religião especificar os factos.

a vigilancia, e a illuminada politica dos Ex.mos Vice Rei do Estado (6) e General de Minas (7).

Quasi dois annos durou esta indicisão; até que chegou a esta cidade (Rio de Janeiro) vespera de Natal de 1790 uma Alçada composta de tres ministros, revestidos os adjuntos do caracter de Desembargadores da Supplicação, Antonio Diniz da Cruz Silva, aggravante, Antonio Gomes Ribeiro, aggravista, e Sebastião Xavier de Vasconcellos, juiz da Alçada, com carta de Concelho, para exercer o lugar de Chanceller n'esta Relação. Então ficarão todos os recursos em um só juizo: este era condemnatorio, e logo se principiou a olhar para todos como para infames réos.

Depois de escropulosas inquirições feitas pelo respeitavel Chanceller na presença de um novo Escrivão, que era o Desembargador da Relação Francisco Luiz Alves da Rocha, do ministro que formara o primeiro processo em Minas, José Caetano Cezar Monitti (para o que foi mandado positivamente vir (8), seguirão-se as conferencias, nas quaes se qualificarão os crimes, e se arbitrou as penas analogas. Para ellas forão chamados alguns ministros d'esta Relação, para o que vinha autorisada a Alçada e com tanta ampliação, que se lia na carta regia as seguintes

---

(6) Luiz de Vasconcellos e Souza.

(7) Luiz Antonio Furtado de Mendonça.

(8) Este foi o primeiro que abrio a devassa e trabalhou n'esta causa, e em premio d'este serviço foi promovido a Intendente da Villa Rica. Do Rio vierão a Minas o Desembargador José Pedro Torres e o Ouvidor Marcellino Pereira por Escrivão para tirarem 2ª devassa, que ficou conclusa.

expressões: Dispensando em qualquer legalidade offendida, que se encontrar nas devassas.... (9).

Concluirão-se as conferencias no mez de Janeiro do presente anno de 1792.

Procedeu-se a dizerem os réos de sua justiça, vistas as culpas. Encarregou-se de arrazoar esta causa o Bacharel José d'Oliveira Fagundes, como advogado da Santa Caza de Mizericordia, e ajustou Chanceller, e o juiz permittio, que em particular dissessem os demais advogados a favor dos réos, com tanto que as razões produsidas fossem apresentadas debaixo do nome do dito Fagundes.

Então forão lidos com bastante assombro e admiração os clementissimos e piedosissimos sentimentos da nossa augusta soberana sobre os seos vassalos, os quaes muito melhor se manifestarão no fim d'esta causa e nos encherão da mais viva e excessiva alegria, como veremos.

Apparece na testa dos autos, que, depois de autorisar os ministros da Alçada e os demais, manda:

Que sejão setenciados e condemnados com pena ultima os cabeças da compiração e os que começarão e mantiverão os conventiculos;

Que os sacerdotes réos fossem sentenciados segundo a qualidade de seus crimes, porem que a sua sentença não fosse declarada; e que retidos em prizões fortes esperarião a sua ultima e real determinação (10);

---

(9) Não li esta carta, mas pessoa, que tinha estreita amisade com os ministros d'esta causa, referio-me as palavras, que n'este lugar transcrevo.

(10) Erão cinco os réos sacerdotes: Luiz Vieira da Silva, Conego da José de Marianna, Carlos Correia de Toledo Piza, Vigario da freguezia de S. José, Manoel Rodrigues Costa, José Lopes de Oliveira e José da Silva de Oliveira Rolin. Dizem ter sido de morte a sua sentença; porém em virtude da 2ª carta regia forão remettidos para

Que outras penas fossem impostas áquelles que souberão e não denunciarão tamanha perfidia.... (11).

Que arrasoado formaria um Bacharel, provado tamanho crime, uma realisada conspiração !.... Revolveu as entranhas d'esta causa, para vêr se encontrava os principios influxivos e mostral-os mais minuciosos nos seus influxos, do que na verdade apparecião; mas afinal implorou a clemencia da soberana, unico refugio em crime tão atroz e tão bem provado, como pelos mesmos réos com miudesa pueril confessado. Pueril miudesa digo, porque a minima circumstancia e as palavras mais indifferentes, que houve e se disserão nas suas conversações secretas, substanciarão a sua confissão juridica (12).

Esperava-se todos os dias, não feriados, a conclusão da sentença, e já a demora ia servindo de fundamento para se julgar, que este grande facto esperaria da côrte a sua ultima resolução, trazendo-se para fundamento da conjectura a retenção de dois navios promptos a partir para a Europa, a mandamento do juiz da Alçada nos ultimos dias das acariações ; não embargando estes acres juizos á autoridade de uma Alçada, que ficaria sem natureza,

---

Lisbôa logo e lá mandados para varios conventos, incommunicaveis. Vio com effeito o Conego Luiz Vieira da Silva o fim d'esta tragedia, como desejava ; pois ao entrar para a prisão da fortaleza da Ilha das Cobras, suspirou dizendo: Deus não me mate até vei o fim d'esta tragedia.

(11) Não serão estas as formaes palavras da carta regia, porque não escrevi á vista d'ella ; porém a substancia d'ella e as differentes providencias que relato, era a linguagem de todas.

(12) Respeitei muito esta miuda e escrupulosa confissão dos réos, como uma das mais eximias virtudes da religião, qual a fidelidade ao juramento. Servi-me d'ella com felicidade para o convencionamento de alguns.

se dependesse da côrte a resolução de seu objecto, e frustrado o fim para que a soberana a mandara; até que no dia 18 de Abril do presente anno se juntarão os ministros da Alçada e os demais adjuntos da Relação com o seu presidente o Ex.mo Vice-Rei D. José de Castro, Conde de Rezende, em Relação extraordinaria.

Fecharão-se pelas oito horas da manhan e consumidos de certo em esbulhar e qualificar os crimes, em proporcionar e economisar as penas, e em lavrar o acordão, rompeu-se a assembléa. Pelas duas horas da madrugada do dia quinta-feira 19 do dito mez entrou na cadêa o Desembargador Francisco Luiz Alves da Rocha como Escrivão deputado para esta acção, rodeado dos inferiores, ministros da justiça e acompanhado de onze religiosos do convento de Santo Antonio, expressamente mandados chamar para ouvirem a sentença e serem os confortadores dos réos em transe tão arriscado para a humanidade, e não menos por ser este um costume determinado e autorizado (13).

Já na noite antecedente tinhão sido transferidos os réos de differentes segredos para a cadêa. Em uma das salas chamada—Oratorio—apparecêrão algemados onze réos. Bordavão os quatro lados d'esta sala soldados, cujas armas estavão carregadas de polvora e bala.

---

(13) Sim: sem estar presente o religioso, que é deputado para receber os ultimos suspiros do réo condemnado á morte, não se intima, nem se lê a sentença. A piedade e a religião dos primeiros ministros, que creárão n'esta cidade a Relação, darião principio á solemnidade d'este acto, ou fosse tambem introduzido este costume pelos padres da extincta religião da companhia de Jesus, aos quaes privativamente competia esta acção, que recahio nos religiosos de Santo Antonio, assim como tudo o demais de que os ditos padres estavão encarregados. Não é pequeno este trabalho; foi elle pesado na balança da justiça e servio de justo fundamento para que se estabelecessem premios.

Postada, e igualmente guarnecida de bala e polvora, estava a guarda, que defende a cadêa, reforçada com mais de cem homens promptos á primeira voz do commandante. Duas horas consumio a expivitada leitura da sentença, cujas citações, combinações e contextura dão honra a seu autor.

Virão-se então provadas as perfidas deliberações dos execrandos réos; e tanto que só a simples leitura bastaria para todos os condemnarem.

Apparece n'ella como principal autor Joaquim José da Silva Xavier por alcunha—Tiradentes—(14), Alferes, que fôra da cavallaria viva de Minas-Geraes; em segundo logar, Francisco de Paula Freire de Andrade, Tenente-coronel commandante da dita cavallaria (15); em terceiro, Ignacio José de Alvarenga, Coronel da cavallaria auxiliar e ex-Ouvidor do Sabará (16); em quarto, José Alves Maciel (17); em quinto, Luiz Vaz de Toledo, Sargento

---

(14) Este homem foi um d'aquelles individuos da especie humana, que põe em espanto a mesma natureza. Entusiasta com afferro de um Ranquer, emprehendedor com o fogo de um D. Quixote, habilidoso com um desinteresse filosofico, affouto e destimido sem prudencia ás vezes, e outras temeroso ao ruido da decahida de uma folha; mas o seu coração era bem formado, como se deixará ver no decurso d'esta narração. Tirava com effeito dentes com a mais subtil ligeireza e ornava a boca de novos dentes, feitos por elle mesmo, que parecião naturaes.

(15) Dotado de uma candura natural e de uma condescendencia illimitada.

(16) Era todo filosofo, poeta inconsequente, como se verá.

(17) Cunhado do rei Francisco de Paula. Era de uma rara instrucção; depois de ter frequentado a Universidade de Coimbra e de ter recebido o grão de Bacharel nas sciencias naturaes, viajou pela Europa, imitando a Pedro o Grande no incoberto de seus intentos, que erão vizitar todas as fabricas e officinas, o que conseguio; pois alcançou os

mór de auxiliares (18); em sexto, Francisco Antonio de Oliveira Lopes, Coronel d cavallaria auxiliar (19); em setimo, José de Rezende Costa, pai; em oitavo. Rezende, filho (20); em non , Domingos de Abreu Vieira, Tenente coronel auxiliar; em decimo, Domingos Vidal de Barbosa (21); em undecimo, Salvador Carvalho Gurgel do Amaral (22). Todos estes fôrão sentenciados á morte natural da forca para sempre com infamia até seus netos, se os tiverem.

Além d'isto o infame—Tiradentes—teria cortada a cabeça e seria esquartejado o seu cadaver: a cabeça seria afincada em um poste alto no logar de sua habitação; e os quartos se porião, um no logar chamado das Cebôlas, outro na Borda do Campo, outro na Varginha e o outro em....(23)

---

segredos de muitas, e os poria em execução, se esta abrasadora chama da liberdade, que se prendeo em seu coração ao passar pela fornalha da officina da Franc Maçonaria, não lhe devorasse as entranhas: voltou á sua patria e a identidade de opinião e de costumes, e o parentesco o precipitárão. Feliz quéda comtudo! Todas as bellas qualidades de sua alma renderão homenagem ao seu creador: a sua conversão foi sincera; e converteo os horrores da sua prizão em puras satisfações de seus peccados. Era um Paulo persuadindo aos outros e um Agostinho dirigindo a Deus suas verdadeiras confissões.

(18 e 19) Tanto de Rezende como de Abreu fallarei logo, porque dão materia para notas muito extensas.

(20) Era formado em Medicina. Este nos fornecerá uma galante anedota

(21) Cirurgião.

(22) A caza d'este réo era a em que se fazião os conventiculos e se ajuntavão os confederados.

(23) Em todos estes lugares semeou a semente da revolução, por isso fôrão designados, ou já porque estes lugares são os mais frequentados de todos os passageiros, que vão e entrão em Minas-Geraes.

até se consumirem: as suas casas serião arrasadas e salgado o terreno; e não sendo proprias se comprarião a expensas do confisco para o referido fim, em cuja área se levantaria um padrão para perpetua memoria de tamanha perfidia.

Semelhantemente serião truncados os cadaveres de Francisco de Paula, cuja cabeça seria elevada em um poste, arrasadas as casas de sua habitação, sendo propria, e salgado o terreno (24); as de Ignacio José de Alvarenga, de José Alves Maciel e de Luiz Vaz de Toledo e as cabeças serião pregadas em postes nos respectivos logares de suas habitações. Para logar da execução designava a sentença o campo chamado da Lapa, e mandava, que se armasse uma forca mais alta, que a do costume.

Por este mesmo acordão fôrão condemnados a degredo não perpetuo e parte de seus bens confiscados, ou multados (25) Thomaz Antonio Gonzaga (26); Vicente Vieira da Mota, capitão auxiliar; José Aires Gomes, Coronel auxiliar; Antonio de Oliveira Lopes, piloto; João Dias da

---

(24 e 25) É bem de notar, que a sentença determina confiscação de bens de todos os sentenciados á morte e a degredo, contemplando as mulheres dos que fossem casados, ás quaes adjudica a metade dos bens para evitar o total desamparo, em que ficarião estas desgraçadas e innocentes mulheres. Esta tão humana justiça só pode ser effeito de uma senteuça bem regulada, que sabe punir o crime, sobre a pessoa criminosa, em quem unicamente deve cahir a razão da lei, e não a paixão de quem a executa.

(26) Tinha sido Ouvidor em Villa-Rica e havia tres annos, que estava nomeado para Desembargador da Relação da Bahia; demorou-se tanto tempo porque esperava licença para casar. Foi declarado cumplice contra a esperança de ser elle collega na loja; teve degredo perpetuo para Encoge com infamia para filhos e netos, tendo-os. Embargou a sentença, que foi modificada, pois o degredo foi por oito annos e o lugar Encoge foi substituido pelo de Moçambique.

Mota, Capitão auxiliar; Victorino Gonçalves Velloso, mulato forro.

Todos estes réos de segunda ordem embargárão a sentença, e seus embargos fôrão oppostos e decididos alguns dias depois da execução da sentença na pessoa do—Tiradentes— e obtiverão alguma mitigação. Não menos fôrão sentenciados por falsos accusadores Fernando José Ribeiro e José Martins Borges, e sua sentença foi açoutes, e levados a baraço e pregão pelas ruas, e rodear tres vezes a forca, e degredo perpetuo para Angola.

Ficárão purificados e livres de culpa e pena Manoel Joaquim Fortes de Sá Pinto Rego, Capitão de cavallaria dos voluntarios reaes da cidade de S. Paulo, que morreu ainda não purificado, mas as suas exequias fôrão com pompa, Francisco José de Mello, que falleceu na prisão em Minas, Faustino Soares de Araujo, inquiridor, Manoel da Costa Capanema, sapateiro, Manoel José de Miranda, João Francisco das Chagas, e Alexandre, mulato escravo do réo padre José da Silva.

Consta da sentença, que os infames cabeças da revolução querião levantar uma republica livre e independente, cuja capital seria a villa de S. João d'El-Rei, a sua bandeira teria por armas tres angulos, em allusão á Santissima Trindade, cujo mysterio era da maior devoção do Tiradentes, como diremos, se bem que ao réo Alvarenga parecia mais proprio o emblema seguinte— Um Indio quebrando as cadêas com a letra—*Libertas quæ sera tamen* (27). As leis fundamentaes serião traçadas pelo

(27) Quem deixará de entrever nos peitos d'estes homens as abrasadoras chammas da revolução, quando os seus suspiros são tão energicos? Esta epigraphe basta ser ouvida para que fôsse provado o seu delicto; quer dizer: *Ainda que tarde sempre liberdade*.

infame réo e infeliz suicida o Dr. Claudio Manoel da Costa (28). A senha para a revolução seria — Tal dia é o baptisado — ; que seria o em que se lançasse a derrama (29). Pela alta noite se gritaria por toda Villa-Rica—Liberdade—, a cuja voz acordaria Francisco de Paula e á testa do seu regimento, que o adorava, conduzindo-o com artificio, daria tempo ao Tiradentes para

---

(28) Este réo se enforcou a si mesmo poucos dias depois da sua prisão nos carceres de Minas, cuja morte voluntariamente não só foi um terrivel effeito de horrorosa imagem de seu crime, como decisiva prova de sua culpa.

Tal foi a sentença, que a si mesmo deo este réo, pois o confessor, que repetidas vezes o communicava na prisão, pretendeo consolal-o, lembrando-lhe que o seu crime nem seria tão horroroso, nem legalmente bem provado, mas ouvio de sua mesma boca o seguinte : « Que diz, Padre ? Este é um delicto de natureza tal, que basta ser só proferido para me constituir réo de alta traição. »

E' de notar, que n'este mesmo anno se contarão em Inglaterra (Correio de Londres) cem suicidios, e o redactor attribue este furor a causas physicas e moraes: as moraes são a corrupção dos costumes, a libertinagem e o egoismo; as physicas o uso de bebidas fortes, que põem em revolução os nossos negros humores. Ora este réo teve igual sentença com infamia para filhos e netos e confiscação na metade de seus bens.

A escolha para legislador era bem votada, pois de todos era o mais sensato e antigo advogado do paiz.

Era poeta.

(29) Para maior illuminação será preciso explicarmos que cousa seja *derrama* . Pende a sua etymologia do modo com o qual se inteirarão os quintos. Quando o quinto de todo o ouro, que entra nas cazas de fundicão, não chega a completar 100 arrobas, como se estipularão entre si os mineiros ou senhores de lavras, n'este caso pelas cabeças se lança uma finta, segundo o maior ou menor numero de escravatura, que possuem : ao que se dá o nome *derrama*. Este modo de exigirem o tributo do ouro, que verdadeiramente não é tributo, mas sim um essencial direito de senhorio, foi pelos mesmos mineiros proposto aos nossos soberanos entre treze modos

cortar a cabeça ao General (30), e trazendo-a pendurada pelos cabellos e gritando sempre —Liberdade,— o infame Paula se trocaria em patrocinador e defensor d'ella, de applacador que fingia ser, d'esta insurreição. A todos os captivos se daria então liberdade, para mais se engrossar a revolução. Alvarenga, Oliveira e Toledo na frente de seus escravos e outros aventureiros, ou pescadores em aguas turvas, que facilmente trarião ao seu partido, levarião a chamma da liberdade revolucionaria á cidade de Marianna,

---

que elles arbitrarão e representarão aos nossos reis. O Sr. Rei D. José I, foi que por uma lei de economia solemnisou esta *derrama*, depois de mandar examinar em juntas de theologos e de seus ministros os treze modos em diversos tempos offerecidos pelos mesmos mineiros. Qualquer Portuguez, por mais indifferente que elle fôsse, encheo-se de prazer, de gosto e de respeito, vendo os termos pelos quaes commetteo aquella junta a escolha do melhor modo. De sorte, diz, que nem fiquem lesados os direitos de Deus, nem os meus, nem o de meus fieis vassallos. Vejão-se as extravagantes e as ordenanças. Ora baixarão estas 100 arrobas ao numero de 40, e sentindo-se esta falta progressivamente todos os annos, parece, que a *de ama* seria para se preencher o numero de mais de 100 arrobas, que faltavão, além das 100 com que annualmente deviam contribuir os senhores das lavras de Minas-Geraes. Assim mandou a soberana; mas a junta de seu real erario representou as difficuldades, que se encontravão na imposição d'esta *derrama*. Não obstante esta representação tornou a soberana a mandar, que se lançasse a *derrama*. N'estas criticas conjuncturas é, que se descobrirão os pensamentos.

(30) Como é, que cahio em tanto odio este General, quando se sabe que elle não fez extorção alguma nem governou Minas-Geraes como Caligula Roma; e que occupava todos os seus cuidados nos interesses de sua familia...? Por isso mesmo, respondeo-se. O humor melancolico d'este General o fazia de não facil accesso (se é que não era systema politico); que era então das honras, que tanto ambicionavão estes perdidos homens, e de que gosarão nos passados generelatos? Surgem de repente tyranos, governando um genio condescendente e bom? Demais abatida a imagem da autoridade, segue-se o desembaraço da liberdade: sem este golpe não se corta a cadêa da vassallagem.

ás villas de S. João d'El-Rei, de S. José e por este meio se firmaria a republica. (31).

Ouvidos tão nefandos projectos e definidos como realizados por um tribunal tão imparcial e tão illuminado, retirou-se o Desembargador.

Então se vio representada a scena mais tragica e comica, (32) que se póde imaginar. Mutuamente pedirão perdão e

---

(31) Como? outra pergunta. Alvarenga responde a ella, cujas palavras refere a sentença, dizendo: « Que havendo sal, polvora e ferro para dois annos, se formaria a Republica. » São estes os unicos generos de primeira necessidade para todas as Minas. O demais se conseguirá pelo decurso dos dois annos. Empreza grande! mas tudo tem principio.

(32) *Tragica e comica.* Parece incompativel, mas erão differentes os genios, e cada um representava o seu papel sem estar ligado ás leis da arte. Eu vou representar ao vivo algumas acções. que vi e presenciei. Cabe aqui a anecdota galante, que prometti referir. Com effeito Vidal de Barboza, graduado em Medecina, tanto que ouvio a sua sentença, em vez de abater o seu espirito, desparou a rir dizendo: «Ora assim eu sou tólo, que morra enforcado!» Pôs com espanto a todos, este dito; e até os mesmos co-réos suppuserão-no alienado de seu juizo: mas elle, dando provas que estava em seus cinco sentidos, proseguia no seu dito. Corrião as horas para a ratificação da sentença, que ratificada nos primeiros embargos, ainda assim mesmo continuava a dizer o mesmo. Já os mesmos seus companheiros entregues nas mãos de seus confessores e fazendo de sua morte sacrificio de expiação, se escandalisavão do seu desfexo e arguião de impio, que abraça a morte como correio de sua ultima tranquillidade. Ao que respondia: Não sei do que lhes serve serem racionaes: todo o homem que pensa, como eu penso, não morrerá por certo enforcado.» Muito mais entrou a banhar-se de alegria, quando o Dezembargador appareceo com a resposta aos primeiros embargos, o qual exceptuava o direito de vida para alguns, se bem se rectificava a mesma sentença, não admittidos os embargos; pois que vai disse: « Morrerei enforcado,quando me julgo o menos culpado?» Finalmente lido o perdão, manifestou então os principios, em que fundava a sua alegria reluctada, louca, impia ou de theatro. A prizão em que estive (disse) ficava debaixo do vão da escada quando sobe para as salas do palacio do governador da fortaleza da

Ilha das Cobras; pude escavar um pouco a parede, que ficava do lado da escada principal e acertei fazer justamente pegado a um dos degráos um pequenino buraco; por elle via quem subia e applicando o ouvido certo dia, ó que dia! ouvi dizer ao juiz da Alçada ao Governador: Que decisão! A effusão de sangue não será muita, apenas um ou dois, outros morrerão enforcados! Então havia eu querer morrer enforcado, quando era dos menos culpados! Viva! viva a nossa soberana!

Representou Alvarenga, cuja alma era mais pensadora e sua imagem mais viva, inteiramente transportado: rompeo em vozes e raciocinios tão extravagantes, que o religioso, que a sorte lhe deparou dos onze, o acordou repetidas vezes do transporte horroroso, a que se tinha entregado. Já criminava a sua esposa por lhe ter impedido os primeiros vôos (e talvez os ultimos) de sua fidelidade, querendo ir deitar-se já e fazendo pouco apreço da vida, lamentava a orfandade de uma filha, cuja pintura fazia mais delicada do que quantos elle fizera descrevendo a sua Venus; já se suppunha diante do tribunal divino, protestando e asseverando que a mesma fé, que obrigava a acreditar haver em Deus justiça, elle gritava, que, se Deus era justo, não lhe perdoaria seus horrendos crimes; já finalmente imputando a sua desgraça a se não ter seguido o seu conselho. N'estes lances o religioso foi o que verdadeiramente sentio os duros golpes, que taes expressões costumão dar em uma alma despejada de paixões; não elle que agitado violentamente apenas maquinalmente senteria estes estragos. Animado comtudo do santo fogo da caridade, rebateo os impetos do astuto inimigo, que o rodeava para o devorar, em lhe dizer e obrigar acreditar, que Deus é justo para o condemnar, previstas as suas culpas, não menos lhe manda crer, que é misericordioso para o salvar, mediante a sua contricção: elle veio ao mundo, não a destruir, sim a reparar, nem quer a morte do peccador, mas que se converta para lhe dar a vida eterna; de outra sorte, debalde teria morrido Jesus Christo, cuja morte deo a graça e a efficacia aos sacramentos dos mortos. Sua filha tem outro pai mais sabio, mais rico, mais poderoso e mais amante, que Vincê.; e quem teme a Deus não chora nem lamenta orfandade. Sua esposa por fim não lhe agradeceria esta confissão de affecto, que mostrou, se ella fosse feita diante de um homem mais fiel ás leis da justiça que s da caridade, por que esta confissão a condemnaria unicamente. Calou-se, pensou e lançou-se aos pés do religioso, que receba a sua sacramental confissão.

O mais pathetico dos actos d'esta scena representa Rezende, pai e filho. Era o pai sexagenario, em cujo peito tinha esta sentença fatal derramado um frio medo, que enregelando todo o

systema physico o tornara em estatua de pedra: apenas ouvida a sentença, pronunciou estas unicas e seguintes palavras dirigidas ao ministro: Senhor eu tenho credores e muitas dividas» e ficou mudo. Era o filho rapaz de 18 annos com quem a natureza prodigalisava os seus dons e a graça as suas forças. Abraçou-se com o pai e banhando-lhe as frias e e covadas faces nas suas ardentes lagrimas, fallou deste modo: « Meu querido pai, ah! não desanimes, o que é o morrer? Acabão-se as fadigas, os trabalhos, os tormentos, que tanto consternão a todos durante a vida. Nós sempre haviamos de morrer, ou mais tarde ou mais cedo; o genero da morte não deve nos intimidar. Não é injuria para nós morrer d'este ou d'aquelle modo; os homens não formarão a nossa sociedade depois de nós mortos; e a injuria não póde cahir sobre espiritos. A nossa familia receberá a aggravante noticia de morrermos enforcados, já acostumada a pensar na sua infelicidade, e a Providencia, que lhe deo valor para soffrer a nossa estripitosa prisão, a confortará na hora, em que souber da nossa injuriosa morte. Querido pai, ah! sofframos, sofframos estes passageiros infortunios em desconto de nossos occultos crimes; beijemos estas algemas, cinjamos estas cadêas, ellas nos podem aligeirar os passos no alcance de uma felicidade eterna, se as carregarmos em memoria das que carregou o nosso Redemptor. Ah! meu amado pai, o que é a vida? aspiremos a immortalidade.» Empregava o pai os olhos no filho e dois rios de lagrimas respondião a este filial e terno amor. Os soluços derão movimento a toda sua machina, que estava como se não fosse animada e lançando uma auguradora e paternal benção, apezar das grossas algemas, que lhes prendião os pulsos, derão lugar para que os religiosos, que por sorte lhes tocarão, se valessem d'estas disposições para excitar-lhes uma verdadeira contricção.

Não menos Maciel concorreo para esta scena ser toda pathetica. A um canto da sala dita conservava a serenidade de seu rosto, immovel e tendo diante dos olhos o livro de suas devoções, apenas disse para o réo Francisco Antonio, que estava no meio da sala com a cabeça á banda e os olhos espantados, e como quem tinha verdadeira amizade: Adora, amigo, a Providencia e segue com fidelidade as suas ultimas disposições a teu respeito: recorda-te, que principiaste a conhecer as tuas essenciaes obrigações de homem e de christão depois que foste separado do consorcio dos homens. Nem tu sabias persignar; agora já sabes de cór o officio de Nossa Senhora; e se, entregue aos rigores da justiça, principiastes a nascer para a graça, faze de tua morte, comminada pela justiça mesmo, um sacrificio de expiação. Sahio do pasmo o seu amigo, e elle voltou-se

o derão; porém cada um fazia por imputar a sua ultima infelicidade ao excessivo depoimento do outro. Como tinhão estado, ha tres annos, incommunicaveis, era n'elles mais violento o desejo de fallar, do que a paixão que uma tal sentença cravaria em seus corações: parecia-lhes sonho o que ouvirão. N'esta liberdade de fallarem e de se accusarem mutuamente estiverão quatro horas; mas quando, pelas onze horas, lhes lançárão aos pés pesados grilhões, e grossas correntes atadas a colares de ferro, que se ião prender nas grades das janellas d'esta sala, e que para maior commodidade, se deitárão nas camas estendidas por todo o pavimento da sala, que costuma mandar fazer a Santa Casa da Misericordia, unica postura menos incommoda para quem está tão manietado, e grilhoado, abaterão-se lhes os espiritos

---

para o seu director cheio d'aquella inexplicavel paz, que derrama nas almas uma verdadeira contricção.

Acabarei a pintura d'esta scena, narrando um heroismo de amizade, de fidelidade e de uma natureza que sempre se nos representa barbara, traidora e infiel, quando presa ás correntes da escravidão.

Um negro, que não devia a seu senhor os cuidados de sua criação, nem os da sua infancia, mas sim o resgate da infidelidade e gentelismo, em que fôra creado e nascera, e que já em dobro tinha recompensado com o seu trabalho a somma, que gastára seu senhor no seu resgate, deo assumpto a varias ponderações de homens sizudos. Era elle escravo do réo Domingos de Abreu, homem que passava de setenta annos, na cuja cançada e atenuada machina fizera a prisão os mais vivos estragos: elle cederia a tanto estrago, se este fiel e amigo escravo não o acompanhasse, desde que fôra preso. Com effeito não deixou a seu senhor; entrou com elle para a prisão, estave no segredo, soffreo os mesmos incommodos e nunca desistio de animal-o e de persuadil-o, que todos os males d'esta vida tinhão fim; não era preciso que fallasse, pois suas acções erão mais eloquentes e persuasivas que todas as razões produzidas pela arte. Esta tão singular fidelidade moveo a piedade dos ministros; pois tantos e tão differentes, a quem foi este negocio commettido, todos lhe concedêrão exercitar com seu senhor os officios de amizade e de fidelidade. Que raro exemplo!

e principiárão a militar mais apaixonadamente sobre a sua infeliz sorte.

Os religiosos, que lhes assistião, nunca mostrárão tanta caridade, nem tanta commiseração, nem tanta abundancia de sentimentos espirituaes, como n'esta vez.

Houve d'estes alguns, que levárão em pé onze horas, sempre consolando, sempre admoestando, sempre persuadindo e sempre confortando. Parece, que a Providencia pôz na boca de alguns d'estes religiosos, dos quaes muito pouco se esperava, palavras de vida, e tanto que um dos réos, de conhecida litteratura, e o que mais philosophava no meio de seus transportes, disse: « Que nunca pensara encontrar tantos conhecimentos em religiosos, que pela sua reforma não se entregavão aos estudos. » Como se a sciencia, que admirava, não fôsse antes aprendida na escola da oração, do que nas aulas. Deus assim como se apraz em conversar com os singelos de coração, tambem só aos ignorantes communica sua sabedoria. Tudo que é de uma vida contemplativa e espiritual, põe em espanto, admira aquelles, que, deixando a conversação dos homens, começão a articular a linguagem dos anjos. Entre pois amortecidas esperanças de vida e claros indicios de uma inevitavel morte, estiverão estes espiritos de mil phantasmas agitados, preparão-se para receber o Santissimo Viatico, que recebido foi com toda a effusão de suas contrictas almas, ao que parecia; ouvirão na sexta-feira pelas onze horas da manhan a ractificação da sentença de morte, não admittidos os primeiros embargos pela natureza do crime, comtudo reserva-se para alguns a execução da sentença para seu tempo.

Subirão á altura dos mares e a tempestade os submergio. Aqui apagou-se a esperança de muitos, fundada em meros indicios, se bem que alguns réos não se abatêrão totalmente, apezar de tantos apparatos de uma irremediavel morte.

Residem no coração do homem uns certos presentimentos, cujas causas nos são occultas ; p rém se quizermos ser fieis á nossa fé, ella nos ensina, que entre as nossas almas e as secretas disposições da Providencia ha um mutuo commercio, d'onde resultão aquelles presagios,que nós mesmos chamamos *batimentos de coração*. Seja o que fôr comtudo, o mais esperançado foi o mais eloquente persuasor de uma irremediavel morte. Sim Alvarenga levantou a voz e fallando aos principaes culpados, disse : «Meus amigos, aquella excepção não se entende commigo, nem com Vms., apenas Vidal e Salvador escapárão do laço. »

Quando pela meia hora appareceu o mesmo ministro, o seu rosto vinha como transformado e ninguem empregava n'elle os olhos que não respeitasse a terrivel magestade da justiça. Abrio os autos, e leu: Não são admittidos os ultimos embargos pelas razões expendidas nos primeiros....

Um mortal suor os lavou e tragárão a ultima gota do fel.... mas vista a carta da Rainha,nossa Senhora, tornárão á vida.... Commuta-se aos réos, excepto Tiradentes, a pena de morte em degredo perpetuo para os logares da Africa, e se tornarem á America, morreráõ irrevogavelmente morte natural da forca para sempre (33).

A pena não póde pintar os extremos de alegria, que se deixárão vêr tanto nos réos, como nos outros presos da cadêa e na infinita gente que estava esperando pela ultima e fatal decisão! Os gritos, ou louvores e as acções de graças se elevárão ao céo. Uns admirados celebravão tão inaudita

---

(33) Esta carta exceptuava sómente do perdão áquelles réos que, além de terem assistido aos conventiculos, tivessem publicamente intentado com pratica sediciosa apartar os povos da obediencia devida ao throno. Foi apresentada pelo juiz da Alçada no acto de se desprezarem os segundos embargos.

piedade da soberana, outros mil vivas repetião; qual perguntava ao outro: Que é isto que ouço! É verdade?.... Tal exclamava: Quem tal dissera!.... Os presos com toda effusão de seu coração entoavão a Salve Rainha e proseguirão o terço de Nossa Senhora, finalmente todos a uma voz dizião: Que clemencia! Que piedade! Só vós, Senhora, nacestes para governar! Que felicidade a nossa sermos vassallos de uma Rainha tão cheia de commiseração do seu povo! Governai-nos, Senhora, vós nos captivastes... Em verdade este perdão firmou muito mais o direito de vassallagem nos corações do seu povo, do que a justiça, ainda que revestida da clara luz do dia, que castigaria delicto semelhante. Resplandece n'esta clementissima providencia o innato amor, que consagra a soberana aos seus vassallos; qual o terno amor da mãi para com seus filhos, não menos em jogo de politica, tão necessaria aos principes, com o qual pretende attrahir a si os corações do seus colonos, já aterrando os, já confundindo-os e concutindo-lhes os animos, como para lhes mostrar evidentemente a infidelidade de alguns, já com o horror dos ultimos castigos, já finalmente com mitigar estes mesmos castigos até chegar ao excesso de dispensar nas leis ordinarias.

No meio de tão vivos transportes de alegria só o Tiradentes estava ligado de mãos e pés, que justamente foi por ultimo declarado seductor; testemunhou esta não esperada metamorphose, mas tão coraçudo como contricto, respondeu ao director, que o confortava até aqui « Que agora morreria cheio de prazer, pois não levava após si tantos infelizes, a quem contaminára: que isto mesmo intentára elle nas multiplicadas vezes que fôra á presença dos ministros, pois sempre lhes pedira, que fizessem d'elle só victima da lei. »

Com estes sentimentos cada vez mais exercia em sua

alma as luzes de uma graça triumphadora: estas luzes reluzião por entre as palavras, as acções e os gestos do semblante.

Amanheceu o dia 21 de Abril, que lhe abriria a eternidade. Entrou o algôz para lhe vestir a alva e pedindo-lhe de costume o perdão da morte, e que a justiça é, que lhe moveria os braços e não a vontade; placidamente voltou-se a elle e lhe disse: « *O' meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés*; » o que feito com demonstração de humildade com a mesma despio a camisa e vestio a alva dizendo:

«Que o seu Redemptor morrêra por elle tambem nú. »

Então virão aquelles, que talvez tratavão de bagatela este facto, qual foi o peso em que o tomárão os que devem vigiar sobre os sagrados direitos dos reis; fazer temer e respeitar a sua suprema autoridade e conservar o socego publico. Soárão com alegria os instrumentos bellicos; de seus quarteis marchárão os regimentos, que guarnecião esta praça; com os seus respectivos uniformes maiores (34) e forão postar-se nos logares determinados. O regimento de Moura bordava toda a rua da Cadêa de uma e outra banda, continuava o regimento de artilharia até o largo da barreira de Santo Antonio, chamado o campo da Lampadoza; avulsas patrulhas demandavão continuadamente este largo, apartando o indizivel concurso do povo, que cada vez mais se apinhava. Os demais regimentos estavão postados em figura triangular, deixando uma praça vazia, na qual estava

---

(34) A guarnição de cidade consta de seis regimentos e duas companhias de cavallaria. Toda esta tropa pegou em armas, menos o regimento destacado nas fortalezas. N'este dia os auxiliares fizerão a guarda da cidade.

a forca elevadissima, de sorte que a escada, por onde se subiria a ella, tinha mais de vinte degráos, e as columnas dos regimentos reforçarão-se ao depois das outras, que bordavão a dita rua e marchárão na retaguarda de todo o acompanhamento, que seguia o réo. Dava a tropa as costas ao patibulo; as cartucheiras estavão providas de polvora e bala.

Commandava este campo o Brigadeiro Pedro Alves de Andrade, que tinha dado o risco d'esta postura em ordem aos respectivos chefes do regimento. Em soberbo e bem ajaezado cavallo o Brigadeiro percorreo todo o campo, observando o alinhamento da tropa. Ao lado do Brigadeiro ricamente montado ia D. Luiz de Castro Benedito como ajudante das ordens do Exm. Vice-Rei, seu pai; a sua guarda de respeito era de dous soldados de cavallaria, e dous Sargentos-mores, igualmente bem montados, acompanhavão o ajudante de ordens para as expedições, que fossem necessarias.

Defronte da cadêa estava postado o esquadrão, que serve de guarda de corpo aos Exms. Vice-Reis, formado das duas companhias já ditas. Estava sobre as armas a guarda da cadêa reforçada, como dissemos. Chegada que foi a Irmandade da Misericordia com a sua collegiada, procedeu-se á procissão. Sendo este um acto funebre, n'este dia foi elle o mais brilhante e apparatoso.

Abria o caminho por entre o desfilamento dos regimentos, que bordavão a rua, a primeira companhia do esquadrão; seguio-se o clero, a irmandade e os religiosos, que rodeavão o padecente, repetindo os psalmos proprios para estas acções

Causava admiração a constancia do réo, e muito mais a viva devoção, que tinha aos grandes mysterios da Trindade e da Encarnação; de sorte que, fallando-se-lhes n'estes mysterios, se lhe divisavão as faces abrazadas e as expressões erão cheias de uncção: o que fez, que o seu director

não lhe dissesse mais nada se não repetir com elle o symbolo de S. Atanazio. O valor, a intrepidez e a pressa, com que caminhava, *os soliloquios, que fazia com o Crucifixo*, que nas mãos levava, enchêrão de extrema consolação aos que lhe assistião.

Os ministros da justiça formavão um respeitavel e magestoso ajuntamento. Os meirinhos guardavão o réo executor; após estes ia o Juiz de fóra montado em brioso cavallo; era de prata a ferragem dos arreios e as clinas ião trançadas e rematadas com laço de fita côr de rosa. Apostava o Ouvidor da comarca no asseio, riqueza e melindre de sua cavalgadura com o Juiz de fóra. Sobre todos apparecia o desembargador Ouvidor geral do crime; os arreios de seu vistoso cavallo erão de prata dourada, de velludo escarlate e franjas de ouro as gualdrapas e os estribos dos arreios. Fechava este acompanhamento a 2ª companhia do esquadrão: no couce d'esta procissão vinha o carretão, que traria os quartos, depois de feita a execução, puxados por galés.

Pelas 11 horas do dia, que o sol descoberto fazia ardente, entrou na praça vazia por um dos angulos da figura, que fazião os regimentos postados, o réo e o demais acompanhamento dos ministros de justiça, dos irmãos da misericordia, do clero e dos religiosos.

Ligeiramente subio os degráos e sem levantar os olhos, que sempre conservou pregados no Crucifixo sem estremecimento algum, deu logar ao carrasco para preparar o que era necessario e por tres vezes pedio-lhe, que abreviasse a execução. Não desistirão os sacerdotes de dirigir a Deus os auxilios tão necessarios para avivar a fé, a esperança e a caridade em transe tão arriscado.

O guardião do convento de Santo Antonio, que tambem

acompanhava a seus subditos, inflammando-se desmarcadamente em caridade e em justiça, subio a escada e d'ahi admoestou os espectadores, que não se deixassem possuir só da curiosidade e do assombro, mas que implorassem de Deus a ultima graça para quem tão constante ia pagar o seu delicto, e que assim mesmo tinha servido de objecto da clemencia da soberana, que o não punia mais gravemente, e não menos da illuminada justiça de seus ministros, que não lhe aggravárão a pena (35).

Repetido pelo mesmo padre guardião o crédo, vio-se suspenso de uma das traves da forca o corpo do infame réo, cuja alma em paz descance.

Seguio-se a falla do costume (36) feita por um dos religiosos, que toda foi fundada no verso 20 capitulo 10 do *Ecclesiastes: In cogitatione tua regi ne detrahas... quia et aves cœli portabunt vocem tuam, et qui habet pennas dabit sententiam.* Nem por pensamentos detraias do teu rei, por que as mesmas aves levárão a tua voz e manifestárão

---

(35) Este religioso era de uma tal compleição, que facilmente rompia em enthusiasmos não esperados; pensou, que estava annexo ao seu lugar de guardião mostrar os pulos, que no peito lhe dava o coração, sobre que tinhão feito impressão os juizos antecedentes proferidos por uns e por outros; a leitura da sentença, á qual tambem assistio, a gravidade do delicto provado, o caracter dos sujeitos comprehendidos n'elle, a amizade que devia a alguns parentes dos culpados, em uma palavra, pensou, que assim como a publica autoridade nada dispensou do que podia apresentar aos olhos de todos, magestosa, terrivel, forte, invencivel, da mesma sorte a sua autoridade devia apparecer zelosa, activa, e inconsolavel. Tudo cabe na cabeça do homem!

(36) Outro costume introduzido ou pelos creadores da Relação ou pelos ditos padres. Santo costume! Pude haver a mão esta falla e será justo, que aqui a transcreva. Perdeo muito de sua energia reduzida a linhas; porque ella foi feita quasi de repente.

teus juizos. — Acabada a falla, se desfez a figura triangular e destroçando os regimentos se mettêrão em uma só columna, e fazendo alto, mandou o Brigadeiro ler um discurso diante dos soldados sobre a fidelidade devida aos soberanos, engrandecendo a clemencia e piedade e a justiça da soberana. Derão-se tres vivas á Rainha e se recolhêrão aos quarteis. O povo foi innumero e se não fossem as patrulhas avulsas, sem duvida elle mesmo ficaria esmagado debaixo do peso de sua immensa massa. Como se abala o povo para ver o que deve precaver!

As janellas das casas estão vindo abaixo de tanto mulherio; cada uma apostava com a outra o melhor asseio. Não permittio a Providencia, que a curiosidade roubasse a maior parte d'este espectaculo; foi tal a compaixão do povo da infelicidade temporal do réo, que para lhe apressarem a eterna, offerecêrão voluntariamente esmolas para dizerem missas por sua alma; e só n'essa passagem tirou o irmão da bolsa cinco doblas. Era impossivel, que este facto com as suas circumstancias não tocasse vivamente os corações dos bons e fieis vassallos, e que vassallos christãos não descobrissem n'elle uma particular providencia, e que não adorassem! Assim o sentio a camara d'esta cidade, que determinou, que se puzessem luminarias nas tres noites seguintes, e se fizesse uma acção de graças; para o que escolhêrão a igreja dos Terceiros Carmelitas.

Por convite da mesma fez pontifical de manhan o Exm. e Rvm. Bispo diocesano, e de tarde repetio o muito reverendo padre-mestre Sr. Dr. Fernando Pinto, carmelita, uma nervosa oração fundada sobre tres pontos dados pelo Illm.° e illuminado juiz da Alçada e Chanceller, para que não se misturassem com os transportes do povo os verdadeiros, que devião sorprender os animos e corações dos bons e fieis vassallos e fôrão: 1.° Render graças a Deus

pelo beneficio, que fez aos povos de Minas-Geraes em se descobrir a infame conjuração a tempo que foi dissipada e sem que fôsse posta em execução, e se seguissem as perniciosissimas consequencias que d'ella resultarião; 2.° Por não ser contaminada esta cidade do contagio da dita infame conjuração; 3.° Persuadir ao povo fidelidade, amor e lealdade a uma soberana tão pia e tão clemente e rogar a Deus, que lhe conserve a vida e o imperio.

Concluio-se esta acção com o *Te-Deum Laudamos*, no fim do qual disse as orações do ritual o mesmo prelado; assistio a este acto toda a hierarchia, de que se esmalta esta cidade, e não menos o Vice-Rei e sua Exma. esposa e demais familia em tribunas separadas. Ardião duzentos cirios, que trocárão a noite em dia, pois se entrou por ella por ser dilatada a musica e ter se acabado muito tardo o pontifical.

A armação foi a mais rica e a mais bem ordenada que tem havido; para o que concorreu muito a elegante architectura da dita igreja.

Sobre o arco cruzeiro estava o seguinte emblema: a soberana sentada, ornada de manto regio e empunhando o sceptro, a justiça a um lado e uma figura representando a cidade e profundamente inclinada, arrojando aos pés do throno cadêas em signal de vassallagem e lealdade

Finalmente a penna não póde pintar o contentamente, a alegria e o prazer, que se devisava no rosto de todos, e. a voz commum,que por muitos dias se ouvio, dizia—Nunca se vio tanta clemencia.

Esta universal e sincera expressão formará para sempre a fidelidade d'este povo á nossa augusta, pia e fidelissima Rainha, que Deus conserve por dilatados annos.

FINIS.

N. B. As leis da amizade podem tanto em mim, que em seu obsequio escreverei aqui para o futuro um soneto, que um amigo meu fez a este assumpto, deixando para outros fazer a collecção de varias poesias, que n'esta mesma occasião se cantárão :

SONETO

Se o amor, se a justiça, se a piedade,
Sendo attributo de alta Omnipotencia,
Não se unissem, seria incongruencia,
Que nunca póde haver na Divindade

Que um Deus justo, buscando a humanidade,
Unindo por amor a sua essencia,
Ao mundo desce cheio de clemencia
A perdoar dos homens a maldade.

O' do bom Deus feliz imitadora,
Rainha excelsa fidelissima augusta,
Dos vassallos poderosa protectora,

Cada vez mais fieis, nenhum se assusta,
Vendo assim perdoada a acção traidora;
Graças a ti, ó grande, ó sabia, ó justa!

Padre Antonio do Couto.

EXTRACTOS DA VIDA

DE

GOMES FREIRE DE ANDRADA

POR

FR. DOMINGOS TEIXEIRA

(IMPRESSA EM 1797)

NA PARTE RELATIVA AO MOTIM DE MANOEL BEKMAN

2.ª parte, (livro II) de pag. 202 a 311

FEITOS PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

---

62. Chegou o Governador Francisco de Sá de Menezes á cidade de S. Luiz, capital do estado do Maranhão, onde foi recebido com aquellas acclamações, de que se fazia benemerito pela satisfação, com que no reino tinha igualmente servido as letras, e as armas, cursando em beneficio da patria um e outro emprego, umas vezes soldado nas campanhas, outras ministro nos tribunaes, com applausos de Bartolo na penna, de Cesar na espada.

63. Acabados aquelles dias, que taxa a politica aos superiores para ouvir nas lisonjas publicas parabens do logar, nos quaes procurando cada um, commerciada a aceitação, comprar o valimento, e todos encarecião as fortunas, que se promettia o estado em tão feliz governo.

Resolveu dar á execução as ordens, que levava por instrucção, para cujo effeito tinha já dispostos muitos animos, porque a alguns dos que o buscárão foi na pratica pedindo o informassem do que damnava a utilidade dos vassallos, de outros ouvia facil entre as queixas do governo as faltas dos ministros passados, mostrando se compadecia dos males do povo, cujas miserias chorava lastimadas, estranhando se descuidassem das obrigações do cargo os que na piedade se havião de mostrar pais. Raro artificio, com que deu a entender queria dos defeitos alheios tirar ditames para os seus acertos.

64. Bemquistado com este exordio, que a arte fez parecer natureza, mostrando nas palavras, que dava a lêr o coração, com que queria governar sem molestia dos subditos, nem falta de justiça, adquirio as vontades dos maiores, a quem facil se arrima a simplicidade da plebe. Conhecida a sujeição com uns já rendidos, outros que abalados já mostravão os affectos: encarecendo a confiança que fazia de todos, foi com enfeitada lisura perguntando a cada um os meios, que poderia haver proporcionados a remediar os males, que padecião os moradores d'aquelle estado; e como alguns lhe apontassem os que do reino levava por regimento, confirmou a opinião d'aquelles refutada com razões de juristas, e respeito de soldado o parecer de outros que tinhão a contraria, os quaes vendo o superior inclinado se movêrão faceis a seguir como util o mesmo, que pouco antes condemnavão escandalo.

65. Seguio-se logo mandar ao som de caixas divulgar-se uma lei, em que substabelecia o contrato das fazendas por estanco. Como este decreto da Magestade, tinha já muitos affeiçoados, e á primeira face se

representou beneficio de qualidade, que se vinha a interessar no negocio com maiores cambios, foi recebido d'aquelles vassallos com universal applauso, e sem duvida fôra a todos o mais util, se a ambição de poucos não alterasse os preços, adulterados os generos.

66. Pouco tempo passou, que não começasse a ver-se com a experiencia o prejuizo, que resultava da avareza de alguns, que tornando commercio a usura, fazião observar a lei dos preços, faltando ás fazendas o valor intrinseco, e como o peso não respondia a essa intimação, começárão, ainda que ao principio comedidos na dôr, a sentir-se aquelles vassallos do trato, em que, enganado o superior, padecião os subditos.

67. Cresceu com demasia a cobiça dos interessados, passando a apurar a paciencia de alguns mal soffridos, os quaes vendo que o que se inventou para remedio se tinha tornado achaque, recorrêrão ao superior; mas como as vozes da queixa articuladas de longe, ou não chegavão aos ouvidos dos ministros, ou fazião tão confuso o éco, que se não deixavão perceber, ficou opprimida a virtude de uns do vicio de outros, todo o tempo, que ou o respeito, ou o temor lhe creou na esperança o soffrimento, até que, desenganados, rompêrão em absurdos, e como alguns andavão já mal acompleicionados, foi facil, revolvidos os humores, encontrar ruina o que representavão conservação.

68. Começou por uma ligeira murmuração, de que ao principio se não fez caso, e como no desprezo lhes faltasse a reprehensão ou o castigo, foi com o tempo tomando forças maiores, crescendo com tanto excesso o numero dos mal contentes, que resolvêrão alguns, entre os complices de melhor opinião, a mostrar indicios de negar a obediencia, levando comsigo só a gentalha do povo,

que sobre a disposição natural, com que sempre está prompta para approvar inventos novos, agora, do mais de atiçada de sua mesma inclinação, allegava como incentivo, ou fôsse falso, ou verdadeiro, receber violencia dos ministros, da justiça escandalos, côres em que aquelle monstro de muitas cabeças se veste, ou com que se desforção os mal aconselhados nos delirios da rebellião.

69. Achava-se por aquelle tempo na cidade de S. Luiz Manoel de Biquimão, por nascimento natural do reino, por ascendentes estranho, já restituido de um degredo, a que fôra condemnado por aggressor de outras sublevações, que sem chegarem a effeito pela vigilancia do Governador constou fomentava em segredo noticias que Ignacio Coelho da Silva moderava aquelle estado.

70. Como Biquimão era homem de espiritos inquietos, e tinha alguma autoridade com o povo, tomou a voz de procurador da liberdade, e como soube com arte fingir zelo, o que era ambição, com os vicios adornados no trage de virtudes, conseguio levar comsigo a maior parte da plebe, cuja ignorancia, movida da primeira apparencia desenfreada, correu ligeira ao risco, de que despenhada se precipitou cega.

71. Ajudou com muita parte a determinar aquella errada gente, de mais das razões, com que a persuadio a Biquimão, a ausencia do Governador, que se achava no Pará, cento e sessenta leguas distante, onde o detinhão algumas dependencias da occupação. Emquanto se esperou o regresso, viveu aquella cidade, ainda que sempre inquieta, sem alterar de todo o socego, ou fôsse respeito á pessoa, ou temor do castigo; mas vendo que a occurrencia dos negocios o detinha demasidamente divertido, começárão aquelles, a que o estado impedia

a usura, a revolver as aguas, que já de tempos trazia turbadas a prohibição dos escravos, e outras circumstancias leves, que por menos importantes deixamos de referir.

72. Como o povo se achava prompto a seguir qualquer que levantasse a voz da liberdade, e a abundancia d'aquella terra fazia na ociosidade a vida viciosa, envolveu-se com a plebe alguma nobreza, não faltando ecclesiasticos, que, esquecidos do estado, que professavão, autorizassem o motim, parciaes dos levantados, com estes mais estranhos que religiosos soccorros veio a acabar de consummar-se erratica aquella mesma cidade, que algum tempo se tinha conservado tremula.

73. Resultou do tumulto, em que a plebe vagava inconstante sem mais sujeição, que as leis do appetite, enviar-se ao reino Thomaz de Biquimão com a investidura de procurador, desculpada a sublevação com o rigor das leis, dizendo que vinhão a fazer o que não puderão os inimigos, não cessando de encarecer a tyrannia, com que n'aquelle estado mandava o imperio dos capitães generaes. Ao mesmo tempo chegárão á côrte, por differentes vias, outros avisos, em que se lião com relação mais verdadeira os escandalos do Maranhão, cujos males para curar-se necessitavão de remedios promptos.

74. Como a cabeça do estado experimentava o damno, e na dilação crescia com excesso maior o perigo do contagio se communicar aos membros com ruina irreparavel, pela vizinhança dos Francezes em Caya, na ilha que aquella nação domina na America Meridional da outra parte do rio das Amazonas, e como França, ainda que sem mais direito que o da ambição, com que procurava dilatar seu imperio, trazia os olhos no Maranhão, recreiava-se, que ou se aproveitasse do que lhe offerecião nossas discordias, ou que os

mesmos levantados, ingratos á patria, em que nascêrão, lhes pedissem soccorros, ou lhes tributassem obediencia, procurando isentar-se do castigo com segunda culpa maior que a primeira.

75. Considerados com attenção todos os perigos d'aquelle estado, e a necessidade que tinhamos de acudir a socegar as perturbações, em que discorriá aquella ilha, antes que o exemplo levasse trás si outros logares, e tomasse aquella conjuração com outros parciaes forças maiores, representada a pressa com que crescem os insultos creados á sombra do soffrimento, com que se dissimula. Favorecida dos grandes a liberdade da plebe, discorrêrão alguns dias, encarecido o mal, sem se acertar o remedio.

76. Depois de varios conselhos de estado, em que se discorreu com variedade de opiniões sobre os perigos da India, e os cuidados do Maranhão, vierão a conformar-se todos na escolha de Gomes Freire, para ou passar a Gôa a concluir na Asia a guerra do oriente, ou ir ao Brasil restaurar na America a paz do occaso: mas como em muitas occasiões tivesse seu desinteresse mostrado o desprezo, com que tratava o medrar, e se julgasse, que só obrigado da reputação, ainda que violento, aceitaria qualquer dos governos, faltando-lhe pretexto, com que pudesse desviar-se, sem que parecesse intentava poupar-se com receio dos trabalhos, ou temor dos riscos, com que nos ameaçavão em uma parte o valor dos naturaes, em outra a multidão dos estranhos, e em ambas a differença de climas; e como podia com causa justificada allegar por escusa, entre outras de menos porte, o pleito da casa de Bobadella, resolverão se mandasse por decreto, parasse todo aquelle tempo, que podia deter-se occupado no emprego, que elegesse; porque cortado aquelle cabo, a que podia pegar-se, como lhe não ficava outra amarra, em que salvar a opinião da

obediencia com creditos da pessoa, facil cederia do socego em beneficio da honra.

77. El-Rei, que fazia de Gomes Freire conceito ainda maior, que o juizo dos conselheiros, ouvidas com attenção as razões, que deixamos referido, approvando aquelle parecer, em que todos se conformavão, lhe mandou recado para que viesse a palacio, porque tinha que communicar-lhe negocio, cuja importancia pendia da brevidade; como aquelle fidalgo era na obediencia prompto, e dos principes não são necessarios preceitos, sobrão as insinuações a crear azas, não tardou em chegar á presença da Magestade, de quem foi recebido com honras, que excedêrão as vulgares, beneficio facil, com que os soberanos obrigão aos homens sem despeza, e com que, comprando com o agrado a liberdade dos subditos, fazem, que, suavemente tyrannisada a vontade dos vassallos, voluntaria se renda escrava de seu gosto.

78. Introduzido Gomes Freire na presença da Magestade ouvio, entre os encarecimentos do affecto, que lhe revelava a predestinação, que d'elle tinha feito para uma de duas emprezas, que de qualquer d'ellas bastava a grandeza para honra, que a eleição da pessoa fôra do rei, a da parte que havia de ir governar deixava á sua escolha, porque dos vassallos queria os serviços, mas não mortificar-lhes o gosto; que se tinha descommodo na viagem da India, fôsse socegar os tumultos do Maranhão, expedição que só lhe levaria o tempo preciso a deixar quieto aquelle estado, donde voltaria logo ao reino; que para os accrescentamentos lhe não farião falta os perigos da jornada da India, nem os trabalhos da Asia, porque na America tinha a sua corôa iguaes cuidados, com maiores interesses.

79. Ouvida a resolução da Magestade, vendo que, ainda que não podia aceitar com gosto, não podia regeitar sem escandalo, resolveu a beijar-lhe a mão, mais grato á

memoria do que ao beneficio, por se sujeitar forçado a receber aquella honra, que teve de maior, que sua mesma grandeza, o não ser pretendida. Despedio-se logo sem procurar para si outras mercês mais que as que servião á utilidade da corôa, representando só: que ficava melhor accommodado no Maranhão pela esperança de voltar mais cedo, não para vagar no ocio, senão pelo pouco assento que ainda tinhão tomado suas cousas; porque as occupações lhe não derão logar, a pôl-as em ordem, e como se achava adiantado em annos, com mulher, e successão, queria arrimar em seu logar as dependencias da sua casa; porque os achaques, creados nas campanhas, o molestavão já com demasia, e crescião com a idade, e se viessem a cortar-lhe a vida, deixasse em menos trabalhos mais descansos á sua familia.

80. Passou logo a propôr como condição a mercê de se lhe conservar o posto de Tenente-general da cavallaria, e dar-se-lhe infantaria, que se conduzisse em duas náos; que o ministro da alçada, e secretario do estado havião de ser á sua escolha, porque, indo a socegar um povo amotinado, dependia de companheiros, que se não encontrassem nos pareceres; porque o fim se não podia conseguir, se os instrumentos se não conformassem: proposições que El-Rei ouvio não menos attento, que admirado da comprehensão igual á modestia d'aquelle cabo, que sendo buscado para o logar, antevendo os futuros, para preservar todas as occasiões do perigo, sem esquecer-lhe alguma leve conveniencia da corôa, senão lembrasse para fallar uma palavra de seus particulares; isenção rara, que então servio mais ao espanto que ao exemplo, e de que ainda hoje se mostrão os effeitos do desinteresse na posteridade menos utilisada de mercês, que de merecimentos.

81. El-Rei, a quem a experiencia tinha dado melhor a conhecer a capacidade d'aquelle homem, depois de lhe

louvar o zelo, encarecidas as virtudes, que confirmava no sacrificio da obediencia, com que se sujeitava, lhe respondeu, não só fiava do seu juizo a escolha de secretario, e ministro da alçada, mas ainda lhe agradecia ao que lhe poupava de cuidado em andar buscando sugeitos proporcionados ao logar, conformes ao tempo.

82. Entrou logo Gomes Freire no trabalho de aprestarse, sem perdoar a diligencia que pudesse vir a servir-lhe ao bom successo da empreza. Elegeu para secretario a João Rodrigues Villar, prior da igreja de S. Bento, no termo do Redondo, pessoa de não vulgar talento e maduro conselho, em que assentava ainda melhor o logar, por responderem n'elle as virtudes ás letras, não lhe sendo demerito o estado, como com estranho juizo se persuadem alguns, que todo o ecclesiastico é desproporcionado para manejar empregos seculares, como se quem houvesse de encaminhar os negocios fôsse a profissão, e não o entendimento.

83. Como as cousas do Maranhão tinhão já começado pesar sobre os hombros de Gomes Freire, trazia cuidadoso a falta de noticias d'aquelle estado; porque as que havia na côrte, ou erão mandadas por relação de Francisco de Sá, ou trazidas por Thomaz de Biquimão, cujos avisos tornava a emulação para o credito infermos, a opposição os deixava suspeitos, porque as vias, porque se conduzião ao Reino, representavão uns mesmos casos tão differentes, que pelo trage, com que um os vestia, parecião diversos nas côres, que outro lhe dava.

. . . . . .

86. Aqui vagava Gomes Freire a Deus o tempo, que ou lhe sobrava, ou era necessario a fazer horas para os negocios, quando chegou a topar-se com Thomaz de Biquimão, que primeiro se adiantou a fallar-lhe. Dilatado na

pratica, facilitou com as mostras de compaixão nas miserias do povo, a que se declarassem com individuação as causas do motim, as circumstancias que concorrêrão, as forças em que estribavão, e todos os intentos dos aggressores, sabendo-os averiguar com a arte de fingir e tão rara singeleza nas perguntas, que mais pareceu curiosidade de particular, que sentia com dôr maior as desordens, do que ministro que se informava da origem dos delictos.

87. Acabava de inteirar-se com miudeza das qualidades da gente, ares, e clima, quando chegou Jacinto de Moraes Rego, soldado veterano de Vianna de Foz de Lima, com o qual, nas guerras contra Castella, tinha militado nas campanhas da Beira ; como seu valor o tinha dado a conhecer digno da estimação, que não desmerecia pelo nascimento, lhe fallou Gomes Freire, com aquelle agrado, com que seu estilo costumava tratar todos os homens, que prodigos da vida se mostravão só da honra avaros.

88. Passados os primeiros cumprimentos, em que, recordando-se com saudades os perigos, contárão alguns dos successos da guerra, lhe disse Jacinto de Moraes, que tinha de o buscar ; porque no Maranhão trazia um filho, irmãos, e outros parentes, que, supposto lhe affirmavão, não favorecião a parte dos rebelados, o não desacompanhavão cuidados ; porque em um povo alterado sempre havia perigos, que temer, ou que experimentar, maiormente n'aquella republica, em que os peiores erão os que mandavão, sem conhecerem outro superior a que obedecer mais que as leis do seu appetite, e que, desprezado o imperio da razão, nem os justos se isentarião de culpa, nem os innocentes do castigo.

89. Gomes Freire, que cuidava em aproveitar todas as occasiões, que se lhe representavão uteis, a melhorar o partido real, que gemia opprimido debaixo do imperio dos levantados, cuja tyrannia dominava absoluta na cabeça

do estado, lhe respondeu :—folgaria se vissem de vagar, para praticarem n'aquella materia com a madureza, que pedia sua gravidade. Assim se despedirão, um a tratar de seus requerimentos, o outro das negociações, a que já as horas o chamavão.

. . . . . .

91. Gomes Freire, que não sabia perder instante, que não aproveitasse em commerciar instrumentos, com que, enfraquecidas as forças dos contrarios, engrossar seu poder, vendo que n'aquelle homem levava um grande soccorro ao Maranhão, por vir a servir-lhe aos intentos, que logo nos dirá a historia, depois de o consolar na dôr, que mostrava da patria, em cujo beneficio empobrecera, o trazer menos satisfeito, entrou a persuadir-lhe, passasse na sua companhia ao Brazil, onde com novos serviços melhoraria sua sorte, e poderia valer aos seus, quando se achassem culpados na alteração do estado ; porque emendado o erro, a tempo se isentarião do castigo, fazendo-se não só benemeritos do perdão, mas acredores de premio.

92. Jacinto de Moraes, a quem a mesma necessidade, que lhe havia abatido os brios, lhe tinha deixado ainda maior a urbanidade, vendo que a piedade de Gomes Freire o convidava para interesses na America, sem gastos na jornada, se rendeu grato ao beneficio com as não vulgares demonstrações de obrigado, confissão em que agora o deixaremos, fazendo as despezas da viagem á custa dos ordenados do Governador ; liberalidade que alguns taxárão demasia, como se n'esta falta não viessem a attestar, erão n'elle melhores os vicios, que em outros as virtudes, em cujos elogios nos não detemos aqui, por nos chamar a historia a dar relação do trabalho inutil, com que procurava adiantar a expedição dos negocios, que parárão accidentes, entorpecidos os ministros.

. . . . . .

172. O Capitão-mór, a quem sobre a pratica do paiz tinha a experiencia dos annos dado maior conhecimento das cousas do Maranhão, depois de ouvir attento como era nas resoluções prompto, e tinha sondado de perto o animo, e as forças, em que estribava o poder dos rebeldes, respondeu:—que Tapuitapera por falta de fundo não tinha surgidouro capaz de ancorar aquella náo, e que as horas, que se gastassem em demandar aquella villa, se darião a ganhar aos sublevados, cujo temor, persuadida a união, os incitaria a defensa; que se achavão desapercebidos, e Francisco de Sá ainda vagava infermo no Pará, cento e sessenta leguas distante daquello porto; que ainda dando-lhe o achaque lugar a embarcar-se, não seria facil a jornada em poucos dias, por haver de fazer-se por mar em canôas, embarcações de um só tronco cavado, que não podião por leves soffrer mares grossos, nem mais ventos que os galernos, que havião de costear toda aquella marinha, em que com qualquer tempo rijo, não podendo surdir, as obrigava a recolher-se, ou a sossobrar-se, abrigando-se nas bocas dos rios, ou enseadas, onde as detinha o risco de perder-se, ou espalmadas na terra, ou alagadas nas ondas.

173. As razões do Capitão-mór ditas com a calma, que lhe infundia a experiencia, deixárão ao Governador por algum espaço cuidadoso, mas como aquelle grande coração se animava de espiritos tão generosos, que nenhuma difficuldade lhe parecia grande, discorrendo que a honra se não ganhava sem risco, nem a gloria das facções se media senão pela grandeza dos perigos, e que tanto seria maior quanto tivesse menos com quem repartisse os trabalhos.

174. Depois de agradecer ao Capitão-mór a noticia, louvado o parecer, o despedio com ordem para que fizesse promptos os soldados de sua obediencia, porque, se na escala da ilha necessitasse de ajuda pudesse soccorrêl-o a tempo,

mas que se não movesse sem aviso, e que esta expedição tivesse em segredo, prohibindo que não passasse á cidade; porque queria mostrar aos moradores de S. Luiz, ou que os não temia, ou a confiança, que fazia d'elles, em não levar mais poder, que esses poucos homens, que, mal convalescidos das doenças, estavão capazes de tomar as armas, que sustentavão, mais que nos corpos nos espiritos, dando-lhe por este modo a conhecer que não intentava conquistal-os com força descoberta, senão com a razão, vindo a justificar a sua causa não sahindo á terra com mais acompanhamento, ou estrondos marciaes, que aquelle que em uma bôa paz parecesse ou conducente ao estado da pessoa, ou á autoridade do cargo.

175. Despedido o Capitão-mór, não tardou a chegar Francisco da Mota, voltando da cidade com aviso, que os vizinhos assegurados na esperança do procurador, que tinhão mandado á côrte, se achavão quietos; que Jacinto de Moraes, cujo irmão Gabriel de Moraes Rego era juiz aquelle anno, ficava incorporando os Vianezes, que era uma porção grande d'aquelle povo, de que os sediciosos se receiárão sempre, por os principaes, estranhada a loucura da plebe, não approvarem seus barbaros procedimentos; que o ajudante fôra recebido dos seus com affectos differentes, pelo excesso, com que referia as virtudes do novo Governador, cuja fama divulgada entre todos tinha a uns confiados, a outros temerosos; que os cabeças confusos não sabião dar-se a conselho, na consideração de que o Capitão-general era no nascimento illustre, na profissão, e no valor soldado, a que as guerras do reino tinhão dado maior nome; que não havia de ir ao Maranhão perder a honra, que com o sangue tinha adquirido nos perigos, maiormente levando cabos, e soldados veteranos, que, primeiro que cingissem a espada, vestião os brios.

177. Resoluto a ir dar fundo defronte da cidade, mandou o Governador na manhan do outro dia passar ordens aos pilotos, e marinheiros para levantar ferro, o que se obrou com presteza incrivel; indo já a embocar a barra, calmou o vento tão de subito que obrigou a ancorar na ponta de João Dias, meia legua da cidade, por não ir com as aguas, que corrião precipitadas, a descahir nos baixos ali vizinhos. Ao mesmo tempo deu parte o gageiro, que do cáes de S. Luiz tinha desamarrado uma embarcação ligeira, que forçados os remos vinha demandar aquella paragem. Não tardou muito em chegar a bordo da náo uma canôa bem esquipada, que trazia o procurador, e escrivão da camara, que, levados ao Capitão-general, em nome do senado, e moradores, representárão com fingida mensagem vinhão a dar nas bôas vindas a primeira obediencia ao Governador, de quem fôrão recebidos com tantas demonstrações de agrado, que bastava a rendêl-os a cortezia, a não trazerem no animo dobrado coberta a guerra nas apparencias da paz.

178. Depois de cumprimentarem o Governador da parte da cidade, representando com fingidas lisonjas, encarecido o affecto, com que desejavão sua chegada, porque esperavão no seu imperio lograr as felicidades, que se promettia estado, mas que, ainda que se mortificavão na dilação, lhe pedião como primeira mercê, não quizesse desembarcar aquelle dia, porque o repente, com que inesperado tomára aquelle porto, e as alterações da terra, a tinhão sem prevenção para o receber com aquella ostentação devida não menos á pessoa, que ao cargo; que seria injuria dos subditos, não agazalharem com as maiores ostentações de reverencia a tal Capitão-general, que de tão longe lhes trazia a paz, comprada á custa de perigos, de trabalhos, e doenças, a que se expuzera por salval-os da ultima ruina, que por instantes os ameaçava, mas que até as casas, em que

costumavão pousar os Governadores, se achavão desmantelladas; que lhes era necessario tempo para despejarem outras, em que pudesse ficar alojado sem descommodo de sua familia.

179. O Governador, que penetrou na petição a cautela, com que cobrião os intentos de ganhar tempo, vendo que toda a dilação lhe era prejudicial, sem mostrar mudança no rosto, ou alteração nas palavras, respondeu, ferindo pelos mesmos fios, com insinuações de agradecimento, a attenção, com que o tratavão aquelles vassallos, mas que o navio não podia deixar de entrar n'aquella maré, e que logo em dando fundo havia de sahir em terra com a gente, a que a infermidade desse logar de tomar as armas, porque se achava maltratado do mar; e que diria o mundo, se visse, que o Governador do Maranhão se detinha embarcado no porto, só pela vaidade de ser recebido com a magestade de seus antecessores; que na casa da camara se accommodaria, emquanto não houvesse outro aposento; que se creára soldado nas campanhas em paizes mais asperos, que o clima da America, e não estranhava já nem as camas duras, nem os quarteis menos adornados, porque muitas noites passára descançando ao sereno sem mais tapeçaria ou armação, que as plantas e os prados, por leito a terra, por colchões as armas, o ar por cobertura, o céo por telhado.

180. Com esta ultima resolução se despedirão os mensageiros, e como representassem na cidade, que da segurança, com que o Governador lhes fallára, se inferia, que estava avisado, ou lhes penetrava as intenções, porque nem das palavras, nem do semblante deixára perceber a mais leve inquietação, começou a resolver-se a plebe, fazendo tamanho abalo n'aquelles corações o socego do general, que os capitães da sedição, dando-se por perdidos, entrárão na consideração de remir as vidas,

vindo depois de varios discursos a resolver, que não tinha outra salvação, mais que a que segurassem em seus braços, defendendo o desembarque do Governador, de cujos brios iguaes ao esforço se devião receiar não desistisse da empreza, sem ou ganhar a honra de o conseguir, ou a de perder a vida na demanda.

181. Emquanto estas cousas passavão na cidade, mandou o Governador levar a amarra, para ir demandar o surgidouro mais vizinho d'aquella praça: estando já a pique, chegou a bordo da náo uma canôa com aviso do Sargento-mór, e do Provedor da fazenda Francisco Teixeira de Moraes, que, não duvidando arriscar os filhos em beneficio da patria, mandou por um, cujo nome esqueceu a nossas memorias, dar parte, que Manoel de Biquimão, instrumento fatal da rebellião, mais atrevido nas culpas com o receio do castigo, andava com os misteres commovendo o povo, persuadindo a todos, que, guarnecida a marinha, se oppuzessem ao desembarque, impedindo-lhes tomar terra, emquanto se lhes não mostrasse perdão geral dos insultos commettidos em quatorze mezes, que, negada a obediencia, vivêrão sujeitos á discrição de seus appetites. Com tão absoluto imperio reinava a ambição d'aquelles homens, que, não contentes com tyrannisar o dominio, chegárão a intentar, ou pôr preceitos ao Governador, ou dar leis á Magestade.

182. Recebeu o Governador este aviso tão desassombrado como pudera, o de que a cidade se lhe entregava rendida sem alguma resistencia. Como áquelle grande coração nenhum caso parecia novo, porque pervistos antes os sabia remediar a tempo, mandando outra vez dar fundo, como levasse a lancha prompta, embarcados n'ella cincoenta soldados, que fôrão os que se achárão capazes de tomar armas, e ainda alguns se sustentavão mais nos

espiritos, que nas forças prostradas das doenças, comman dados pelo Capitão Manoel do Porto, e o Alferes Nicoláo Nunes, de cujo valor tinha já informado a experiencia com provas não vulgares, os enviou com ordem, que a todo o risco fossem a senhorear uns fortes ou plata-formas, que d'ali se estavão devisando, que não tardaria mais tempo, em os seguir pela mesma esteira, que o que se detivesse em lançar o bote ao mar; respondendo aos que o dissuadião d'aquelle empenho, que não tinha por honra a que ganhava com risco inferior ás de cada um dos filhos de sua disciplina, de quem se mostrou sempre igual nos perigos, nos trabalhos companheiro, nas necessidades pai.

183. Ao mesmo tempo despedio o mensageiro, que tinha vindo da cidade, recommendando-lhe que, forçados os remos, a fosse outra vez demandar, levando aviso ao Sargento-mór, e ao Provedor, seu pai, do poder, que mandára a tomar as obras exteriores, que guardavão aquella praça; que, recolhendo a si todos os homens de armas, que nos apertos do tempo fosse possivel, marchassem a incorporar-se com a gente do reino, d'aquelle logar que parecesse mais conveniente a segurar com um os mesmos soldados o dominio da povoação, e o do porto, porque se ficava fazendo prestes para em pessoa ir a soccorrer os seus, que o não acharião menos senão o preciso a vencer a distancia dos que, deixando-lhe a inveja de partirem primeiro, lhe ião diante.

184. Ainda a lancha não tinha ferrado a terra, quando o Governador se fez na volta da cidade, acompanhado só de alguns poucos passageiros, que ambiciosos da honra desprezárão os perigos. Em tanto que ia surdindo sobre a vaga, vencidas as correntes, e o vento que achou pelo olho, chegou o Capitão a tomar a terra com os soldados de sua obediencia: como a todos animavão os perigos dos

Governador com a mesma fórma, que ião desembarcando, marchárão a demandar os fortes, que escalárão sem resistencia, pelo descuido com que o povo os tinha desapercebidos de defensa; porque Manoel de Biquimão, ainda que lhe não faltava resolução igual ao valor, ou natural ou creado na desesperação, vendo-se assaltado de repente, ou perturbado, ou já menos obedecido, não soube dar-se a conselho, deixando desamparados aquelles postos, que, a tel-os guarnecidos, nos fizera a entrada igualmente perigosa e difficil, havendo de passar a nossa gente descuberta por baixo de seus reparos.

185. Ao mesmo tempo que os nossos ião tomando posse da esplanada, deu o bote fundo no caes, que achou com o mesmo descuido do desamparado. O Governador não sabendo perder tempo, sem esperar aviso do Capitão, que lhe precedia, saltou em terras com esses poucos, que companheiros nos perigos lhe fôrão parciaes na gloria: valor, a que, na opinião dos que todo o risco ajuizão excesso, não póde livrar de culpa nem a occasião, nem a necessidade; mas a isto, que alguns notárão temeridade de fé, deveu o bom successo d'aquelle dia, em que veio a conseguir-se, em uma victoria sem batalha, um triumpho sem sangue.

186. Em tanto que o Governador desembarcava, tratou o Capitão de segurar-se no posto, que já havia ganhado; operação a que deu tempo o silencio igual á presteza, com que tinha obrado n'aquella expedição ignorada dos rebeldes, até que nossos instrumentos marciaes lhe derão o primeiro rebate do perigo, a que os tinha levado seu descuido, ou sua confiança: divulgarão-se as noticias por todos os vizinhos, de quem fôrão ouvidas com sentimentos differentes. Como se achavão divididos em dous bandos oppostos, todos com animo parcial as recebião, uns celebrando-as como primeira fortuna, outros como ultima desgraça.

187. Os rebeldes, que, vestidas as armas, seguião a Manoel de Biquimão, se vinhão ajuntando em um sitio accommodado a impedir o desembarque; mas recebendo pelas vozes das caixas a noticia da segurança, com que os nossos se tinhão já fortificado nos mesmos reparos, que ião a buscar para defensa, e avisados que aos soldados do reino se havia unido a guarnição da terra engrossada de quarenta Vianezes, e outros moradores capitaneados por Gabriel Pereira da Silveira, e Gabriel de Moraes Rego, pessoas de autoridade igual ao valor, accusando-os sua mesma facilidade de leves, começárão a desconfiar da empreza.

188. Pouco foi o tempo que os amotinados vagárão, errando a uma e outra parte, tão certos no perigo como ignorantes no remedio, quando fôrão avisados, que o Governador, tomada terra, que achára desamparada, vinha marchando em demanda da cidade, de que se achava já tão perto, que não tardaria instantes a entral-a. Esta noticia, ouvida com espanto, deixou a todos tão prostrados, que, não sabendo dar-se a conselho, se fôrão recolhendo: alguns ou por mais culpados, ou por mais cortados do temor, não se dando por seguros em suas mesmas casas, em que tinhão já por contrarios até os mesmos que, companheiros nos insultos, lhe fôrão parciaes nos delictos, desamparando tudo, se embarcárão em canôas, que se achavão promptas, ou a caso, ou como quem, receiando o successo, se havia antes prevenido, e se retirárão pelos rios, buscando na agua salvação ás pessoas, nos mattos amparo á vida.

189. Desassombrada aquella cidade de tão pesados vizinhos, a que bastou a vencer o nome, e sobrou a desbaratal-os a fama do Governador, sem desembainhar a espada, correu alguma da plebe confusa com a mais parte da nobreza, que se havia conservado, ou neutral, ou fiel, e que seguindo a voz da Magestade, tinha soffrido constante os

escandalos da sedição, no atrevimento dos rebeldes, sahirão fóra das portas, a que já se achava vizinho: aqui o recebeu o senado em corpo de camara, onde, tomada posse do governo, um dos vereadores lhe fez uma estudada pratica accommodada ao tempo, e ao logar, em que ouvio as lisonjas publicas, com que, encarecidas as virtudes, se promettião na paz, que lhe trazia de tão longe, restituidas as antigas felicidades, de que em outra idade gozára aquelle estado.

190. Daqui levado debaixo de um pallio, encaminhou á sé, onde com religioso culto, prostrado diante dos altares, rendeu ao céo primeiro as graças de uma victoria, que alcançou o respeito sem custo, depois as de acabar uma viagem, que os varios accidentes, que deixamos referido, fizerão umas vezes molesta, outras perigosa.

191. Acabados aquelles actos de christão, em que deu as primeiras mostras de sua piedade, se despedio dos altares com profunda inclinação, com reverencia dos ecclesiasticos, que, sahindo antes a recebel-o fóra das portas do templo, o tornárão a acompanhar em corpo de cabido até o mesmo logar, aonde foi levado como em triumpho, por entre duas alas de infantaria, a cujas espaldas assistia multidão do povo, que, sempre amigo de novidades, facil se persuade, que na mudança se melhora, o qual não sabendo pôr taxa nos louvores do novo Governador, o acclamavão uns restaurador da paz do estado, outros pai da patria, as mulheres, meninos e decrepitos ajudavão das janellas a voz da plebe, não se ouvindo por todo aquelle caminho mais que bençãos de um e outro sexo.

192. Por entre estes applausos populares, molestos aos ouvidos, á vaidade gratos, chegou ás casas da camara, onde foi aquartelado; aqui, obedecidas as ordens reaes, se ouvirão outra vez repetidas as importunas vozes da plebe, cujos vivas se confundião com os instrumentos marciaes, a

que respondião salvas de artilharia, cujo estrondo guerreiro, e alegre se tornava espectaculo aceito aos confidentes, aos rebeldes horroroso.

193. As poucas horas, que restavão do dia, gastou em ordenar a segurança da cidade, com cuidado ainda maior, do que se a houvesse conquistado de alguma nação estranha, ou povo barbaro, mandando guarnecer os postos suspeitosos com guarda dobrada, deixando soltas algumas patrulhas grossas de soldados, que rendidos aos quartos rondassem pelas ruas toda a noite; cautela, com que aquello general procurou estorvar alguma novidade, se no animo dos mal contentes perseverasse ainda alguns intentos de sublevar-se; com a mesma prevenção fez pôr algumas vigias confidentes em partes, que espiassem todas as estradas, que dos matos davão passo aos naturaes, dos rios serventia aos estranhos.

194. Amanheceu o outro dia, em que se achou aquella mesma cidade, que, poucas horas antes errando inquieta, tumultuava rebelde, tão socegada como se na paz de muitos annos não tivesse sentido, nas alterações do passado motim, os escandalos, que pelo espaço de quatorze mezes tolerou, apurada com insultos, que a trazião perturbada, com lastima de muitos dos vizinhos na ruina do estado.

195. Os dous dias seguintes, reservados para descanço, gastou o Governador occupado no importuno trabalho de responder aos molestos cumprimentos, com que a nobreza voluntaria vinha a offerecer-se obediente a seu imperio; cortezia com que adiantados uns procuravão negociar na graça o interesse, outros sanar as quebras, com que, murmurados de suspeitos na fé, tinhão manchado a opinião. A todos recebeu com um mesmo semblante, ouvindo a cada um, sem mostrar o enfadava a repetição das lisonjas

particulares, ou das publicas queixas, com que afeiavão o governo dos sublevados, sem admittir a pratica dos que, intentando melhorar-se, arguião culpas, ou notavão defeitos em seus antecessores, cujas acções louvou sempre, sem estranhar nem ainda aquellas, que ou não imitava com o exemplo, ou de que, desviando-se, fugia com escandalo.

196. Como até das horas que vagava no ocio procurava tirar fructo, observadas todas as palavras dos que vinhão a visital-o, veio a recolher individuas noticias da origem, e primeiros progressos do motim, porque como os aggressores se fizessem odiosos a muitos, que no principio parciaes lhes approvavão as tyrannias, com que começárão a reinar menos absolutos, e ou offendidos de não terem tanta mão no governo, como sua esperança lhe promettia, ou temerosos de não poder subsistir mando com tão máo titulo, se retirárão; querendo agora justificar a sua causa com o delicto alheio, revelavão até os pensamentos mais occultos, que tinhão passado em segredo, pratica a que ajudou o artificio, com que o Governador, doendo-se, com piedade natural, das miserias de todos, se mostrava com estranha urbanidade affavel na conversação, no trato facil.

197. Não se descuidava o Governador de solicitar todos os meios de concluir a paz d'aquelle povo, negocio o mais importante, mas que se fazia dependente da prisão de Manoel de Biquimão, vindo a entender que fiado nas artes, com que, procurando reinar por occasião, soube, alterada a plebe, fazer-se obedecer, ou que estribado na autoridade, que ainda conservava entre muitos, que parciaes nos seus delictos se achavão igualmente culpados, andava com toda a segurança mostrando-se em publico; confiança estranha, que uns interpretavão atrevimento, outros desprezo.

198. O Governador, vendo que não podia ter paz segura com aquelle inimigo domestico, sobre poderoso, conservado

dentro da mesma casa, aproveitando-se do descuido, passou ordem em segredo aos officiaes da terra para que o puzessem a bom recado, fiando-lhes a diligencia, por não ser conhecido dos soldados do reino: mas ou fôsse temor, ou ainda veneração dos naturaes, a cautela, com que poz em cobro a pessoa, deu indicios para que se ajuizasse o successo falta de silencio nos ministros, a que se encarregou a execução, pela pressa com que se ausentou; exemplo que seguirão outros, a que a consciencia culpada accusava réos no mesmo delicto, receiando que, iguaes na sorte, viessem serlhes companheiros, não menos na infamia, que no castigo.

199. Correu logo a noticia, que a cidade se despejava dos vizinhos pela simplicidade da plebe, que vendo com novidade no mundo estranha, maiormente n'aquella terra, justiça executada nos poderosos, ou facil crendo ou ajuizando leve, que o golpe, que ameaçava a cabeça d'aquelles, ou alcançaria parte, ou descarregaria todo sobre suas gargantas, se começou a pôr em salvo, retirando-se furtivos aos matos, onde escolhião antes cahir nos dentes das feras, do que nas mãos dos homens.

200. O Governador, ainda que desejava substabelecer a paz d'aquelle estado sobre bases mais solidas, que as promessas, com que assegurava sua humanidade, guardava para melhor tempo a execução de seus pensamentos; mas vendo agora, que o povo, monstro de muitas cabeças, sem uma que o governasse, não sabendo obedecer a mais leis, que as que na desconfiança lhe creava o temor, receiando que o remedio retardado fôsse ruina, resolveu mandar publicar o perdão geral, que levava da Magestade, para os que se achasse não fôrão cabeças da rebellião. Correu a fama da indulgencia, com que o Governador procurava o socego de todos; do que resultou voltarem a suas casas os innocentes, exemplo que seguirão alguns menos culpados.

201. Mas como para exemplo se fazia preciso o castigo dos principaes aggressores de tamanho delicto, os quaes se tinhão retirado, procurando salvar as vidas, ou em perigo igual entre as feras, ou superior nos gentios, por serem os barbaros, habitadores d'aquelles sertões, tão brutos que, com escandalo da natureza bebido o sangue, se sustentão da carne humana, sem perdoar os pais, vindo a ser os que primeiro acabão pasto dos que lhe sobrevivem ; crueldade estranha que, não podendo ouvir-se sem espanto, se vê, entre as abominações d'aquellas gentes, usada sem horror, ou como vingança tomada de seus inimigos depois da guerra, ou como piedade offerecida depois da morte ás memorias dos defuntos.

202. O Governador, vendo que para dar principio ao assento, que havia de tomar nas cousas do estado, pendia de assegurar-se dos cabeças da rebellião, a que o temor tinha occultos, mas não arrependidos, despedia differentes espias, de cuja diligencia veio a colher, que Eugenio Ribeiro Maranhão se achava em Tapuitapera, onde se julgava distante do perigo; mas, como os preceitos dos superiores chegão mais distantes, que os braços, mandou ao Capitão-mór d'aquella villa o remettesse em custodia áquella cidade, ordem, que recebeu, e executou prompto; ao mesmo tempo se prendêrão em outros logares Manoel Serrão de Castro, Jorge de Sampaio de Carvalho, e outros, que, negada a obediencia, ainda obstinados favorecião a rebellião, que sustentavão como desesperação, ou como remedio.

203. Ainda a prisão de tantos delinquentes trazia occupado o Governador, quando se divulgou a noticia, que o patacho da sua conserva, que ficára surto em Cabo-Verde, demandando aquelle porto, se achava na ponte de Massame sobre os baixios d'aquella costa toda

aparcellada, e que vendo o perigo aos olhos atirava para que fôsse soccorrido; avisado da necessidade, lhe mandou officiaes, e pilotos praticos, que, sem poupar-se a risco ou a trabalho, fôrão abordar aquella embarcação, que se achava a Deus misericordia concertando o leme, que, das muitas vezes que havia topado nas restingas, tinha saltado fóra, deixando a náo atravessada, que por falta de governo, não podendo sordir sobre as ondas, descahindo com a corrente, ia a naufragar nos bancos de arêa, que tornão aquella barra arriscada e defensavel, por não ter fundo mais que um canal tão estreito, que, desapparelhado o primeiro navio, que a entrasse, bastaria a impedir a passagem aos mais, que o seguissem.

204. Recolhido o patacho ao porto, onde, seguras as pessoas, e as fazendas, deu fundo aos vinte e seis de Maio de seiscentos e oitenta e cinco, cuidou o Governacor em acabar de inteirar aquella parte, que faltava para assegurar de todo a paz; negocio o mais importante, mas que se fazia dependente de pôr em ferros Francisco Dias de Eiro, o qual, com antecipada diligencia, se salvou na distancia, comprando a vida a preço do desterro, e Manoel de Biquimão, que como primeiro aggressor mais delinquente se tinha posto em cobro, depois de aggravar as antigas culpas com o novo excesso de intentar a escala da cadêa, em que se achava recluso Thomaz de Biquimão, que, enviado á côrte procurador dos sediciosos, como deixamos referido, se remetteu na náo, que aquelle anno fez viagem na conserva do Governador, e sobre o delicto, de que estava convencido, havia accrescentado o de fugir em Cabo-Verde; buscando na immunidade de um templo amparo á vida, não lhe valeu por então a igreja de sagrado á pessoa.

205. O Governador, a quem trazião sobre maneira cuidadoso as cousas do Maranhão, ainda que por aquelles dias quieto, como necessitava de acudir a muitos abusos, que se havião dissimulado na frouxidão dos governos passados e outros superiores, que tinhão introduzido as desordens de sublevação dos moradores, não deixava de receiar, ainda que não temia as artes de Biquimão, que, supposto se achava retirado, como andava solto, e lograva entre os seus opinião de atrevido, considerando com maduro juizo, que, creando o valor á sombra da desesperação, procuraria outra vez commover aquelle povo, onde conservava muitos, que occultos o seguião parciaes por inclinação adquirida na semelhança dos genios inquietos, outros por beneficios, que ou já tinhão conseguido, ou ainda esperavão, e acharia occasião mais opportuna de engrossar seu partido com os mal contentes, a que havia de lastimar a reforma dos costumes depravados com liberdade maior na falta de obediencia.

206. Não tardou a mostrar a experiencia não serem vãos os receios do Governador. Ainda discorria nos remedios dos males, que futuros ameaçavão o estado, quando chegou um aviso das espias, que trazia secretas entre aquelles de cuja fé desconfiava, que Manoel de Biquimão segunda vez intentava livrar a seu irmão dos ferros ; atrevimento para que achava ajuda em alguns, que, soffrendo mal a sujeição, se tinhão offerecido companheiros no trabalho, nos perigos parciaes.

207. O Governador, que, assim como não temia os riscos, sabia desprezal-os, acautelado com aquella noticia, mandou occultamente cavalgar algumas peças de artilharia, e tanto que foi noite as mandou assestar, carregadas de bala miuda, nas bocas das ruas, que vinhão demandar a cadêa, onde os presos se guardavão com sentinella á

vista, passando ordem ás guardas, que dobrou, estivessem com mecha calada, e vendo juntos mais de cinco homens caminhar aquella parte, dado fogo, as disparassem, porque virião a servir de castigo a uns, a outros de aviso.

208. Bastou esta ligeira demonstração a moderar de sorte o animo dos mal contentes, que tendo tomado corpo maior a parte dos alliados, já mais ousárão intentar cousa, que parecesse novidade, acabando de persuadir-se, que o Governador, ou illustrado penetrava as intenções, ou tinha entre os mesmos conjurados quem o informava até dos pensamentos mais occultos; juizo com que entrárão entre si a desconfiar fogo de discordia, que percebido foi soprando, para que se ateasse incendio como um dos instrumentos, em que n'aquelles principios havia de estribar a paz de todos os que, obedecendo por cortezia, se sujeitavão violentos.

209. Emquanto os alliados de Biquimão litigavão entre si qual era o infiel, mandou o Governador dobrar as espias, ou para que o temor puzesse aquelle réo tão longe do Maranhão, que não deixasse suspeitas de fomentar alguma sublevação, ou para o colher ás mãos; mas como aquelle criminoso era naturalmente astuto, e a consciencia culpada o accusava, ou ajuizando, ou avisado dos designios do Governador, começou a esconder-se, de sorte que não pôde averiguar-se logar certo, onde socegasse, porque, conservando-se vago, mudando estancias cada hora, veio a occultar-se por muitos dias, que se cançárão as vigias na diligencia infructifera com trabalho inutil.

210. Vendo o Governador, que o successo não respondia a seus pensamentos, pelo acautelar os affectos de um e a compaixão de outros, resolveu mandar lançar um bando, comminadas graves penas aos que o amparassem,

sem descuidar-se de sinalar premio a quem o entregasse. Com este artificio veio o Biquimão a perder o favor até das suas mesmas creaturas, que, lastimados menos das miserias alheias que temorosos das suas, se escusárão a refugial-o com o pretexto da indignação do superior, que, perdoando facil as injurias da pessoa, não sabia soffrer as offensas do logar.

211. Despedido de todos, como escandalo das gentes, começou a andar vago, errando pelos matos alguns dias, até que, não se dando por seguro dentro da ilha pela vizinhança da cidade, se retirou sessenta leguas distantes a uma fazenda, que possuia nas margens do rio Miari, onde o deteve sua confiança, ou seu descuido, o tempo que tardou a infidelidade de um que antes contava no numero dos amigos, cujo nome advertidamente calárão nossas memorias, dando-nos só a lêr que sendo creatura sua, a que dera o ser na occasião da prosperidade, agora esquecido, ou ingrato depois de o metter em ferros, o levou preso á cidade de S. Luiz, onde, depositado na cadêa publica, o deixaremos, lamentando na humilde fortuna a desgraça de uma sorte abatida, até que outra vez, espectaculo horroroso aos olhos da compaixão, pendente no patibulo, venha com infame castigo a ser objecto fatal a nossos ouvidos, a nossa pena lastimoso.

212. Cortadas com aquella prisão todas as raizes das sublevações, que receiava rebentassem de novo, entrou o Governador no modesto cuidado de dar execução ás ordens da Magestade: a primeira, que poz em pratica, foi a deposição de alguns cabos e officiaes de guerra e justiça intrusos pelo governo do povo, restituidos a seus postos todos os que sua fidelidade tinha despojado; passou logo a repôr o commercio no antigo estado, em que se achava por contrato, que tinha alterado a sublevação

popular. Seguio-se premiar com a liberdade nos trabalhos a Manoel de Campello de Andrada, juiz dos orphãos d'aquella cidade, que a crueldade dos amotinados tinha em ferros, por resistir a seus insultos: consolando-o nas miserias, incareceu a honra, que alcançára n'aquella que sentia affronta e chorava desgraça.

213. Como o Governador zelava a causa de Deus, primeiro que a da Magestade, e tinha adquirido entre os melhores a opinião de que a igualdade, com que imperava, era mais que artificio, virtude natural, resolveu mandar vir do Pará os religiosos da companhia de Jesus, que o povo de S. Luiz, não menos ingrato que cruel, tinha desterrado d'aquella cidade, sem lhe permittir nem um pobre domicilio em toda ilha, sem mais causa, que o exemplo com que a sua modestia, doutrinando, ensinava a observancia dos divinos e humanos preceitos, reprehendendo os vicios, em cujo logar, depois de arrancados, procuravão plantar as virtudes, encontrando o captiveiro, que os Portuguezes fazião dos Tapuios, como impedimento á conversão d'aquelles gentios, por ser a escravidão procedimento, que os barbaros recebião como escandalo, estranhavão como deshumanidade, tornando-se por este respeitodifficil o descobrimento dos sertões, as missões perigosas, ou impraticaveis.

214. Por este mesmo tempo mandou á camara do Pará, que se achasse no Maranhão, na consideração de que, praticadas as cousas de perto, acabarião mais facilmente os negocios politicos da sua instrucção, do que escriptos de longe, onde a distancia podia ou corromper a obediencia, ou interpretar ordens. O tempo, que tardou aquelle senado, gastou discorrendo com utilidade publica, attento á reformação de muitos costumes estragados, obra que acabou com tanta satisfação dos que ou reprehendia ou castigava, que obrigava com o modo até os que offendia com a pena.

215. Acabado este trabalho entrou no de galardoar o d'aquelles, que nos riscos da viagem voluntarios lhe fôrão companheiros nos perigos, na gloria parciaes, fazendo-se benemeritos de premio superior, não só pelo que servirão incansaveis na entrada d'aquella praça, indo expostos diante, a sondar o animo dos moradores, averiguando as forças, em que estribava o partido dos rebeldes, movendo os parentes, que comsigo levárão os amigos, e outros dependentes, separando a muitos dos amotinados, deixando outros inclinados, artificio raro com que enfraquecida aquella parte perdeu muito do vigor, com que intentava resistir constante, ou desesperada.

. . . . . .

218. Como pela ausencia de D. Fernando Ramires, que aquelle anno passou ao reino, se achava vaga a occupação de Provedor-mór da fazenda, proveu em seu logar a Jacinto de Moraes Rego, no emprego de escrivão accommodou a Bartholomeu Corrêa; ambos mostrárão depois o zelo igual á fidelidade, com que antes os tinha provado a experiencia. A Francisco da Mota Falcão, e outros que concorrêrão para a reducção d'aquelles vassallos, repartio com mão larga terras na marinha e sertão, utilisando nos dizimos a corôa, os donos nos fructos.

. . . . . .

231. Corria ainda no principio o mez de Novembro, quando o Governador acabou de dar expedição aos negocios, e sem tempo para respirar entrou em novos trabalhos. Achava-se Manoel de Biquimão com outros, que, parciaes nos delictos, lhe tinhão sido companheiros nos insultos, preso na cadêa da cidade de S. Luiz, pelas culpas de cabeça de motim; mostrava-se o crime legalmente provado, e como ainda conservava as artes, com que antes se tinha feito obedecer do povo, teve intelligencia para com fios de

algodão molhados passados por arêa miuda, que de fóra se lhe administravão, ir limando os grilhões, que com subtileza gastos se ião consumindo lentamente.

233. Deu-se ao Governador a noticia do caso, que admirou por estranho, acudindo com presteza a segurar aquelle réo com guardas dobradas, e uma sentinella á vista, com ordem que não passasse nada que primeiro se não revistasse. Como d'este accidente se deu a conhecer não estar o Biquimão tão destituido de parciaes, nem a cidade tão socegada, como dava a ler no semblante, receiando o ministro da Alçada que d'aquella hydra, cujas cabeças estavão ainda por cortar, rebentassem outras novas, que perturbassem a paz, de que gozava o Estado, resolveu sentenciar aquelle preso, antes que engrossado de poder creasse na desesperação forças maiores, atrevimento superior, ou na nossa omissão, ou nos auxilios de seu partido.

. . . . . .

237. Trazidos os autos á presença do Governador, se achou serem muitos os que suas culpas condemnavão á pena ordinaria, por serem os delictos de sua natureza capitaes; mas como aquelle animo lastimado nos males alheios sentia os dos estranhos, desprezados os proprios, inclinado á piedade, persuadio na conferencia ao ministro, e ao Provedor-mór da fazenda adjunto, com quem se havião de sentenciar aquellas devassas, fossem só os tres principaes os condemnados á morte; accommodárão-se os dous á opinião do superior, porque a autorisava não o respeito, senão as razões, com que mostrou se devia moderar o rigor com os menos delinquentes.

238. Entrárão a votar na materia, e como as culpas fôrão tão publicas, que até as testimunhas da defeza accusavão aos réos, confiscados os bens para a corôa, se proferio sentença de morte contra Manoel de Biquimão, Jorge de

Sampaio de Carvalho, e Francisco Dias d'Eiró, que padeceu em estatua por ter posto a pessoa em cobro; a outros se perdoou a vida, commutada em degredos, açoutes, ou penas pecuniarias, suspensões de postos, ou officios, baixa de cabos, e officiaes de guerra. Com tanta moderação usou do poder das leis, que no supplicio deixou aos delinquentes só queixosos da culpa, ao executor do castigo obrigados.

239. Chegado ao termo de assignar a sentença, fez n'aquelle grande coração tamanho abalo a lastima, que até o braço lhe tremeu, de sorte que depois pareceu alheia a firma, passando a opprimil-o com tanto excesso a dôr, que se lhe prendeu por largo espaço a respiração; demonstração de piedade tão rara que a damos a ler como estranha entre os iguaes, nos superiores puderamos contar unica.

240. Ao outro dia em que recolhido o Governador, estava sentindo os males dos dous penitenciados, que no oratorio se estavão aprestando para, salvos os riscos da ultima jornada, passarem pelas affrontas de uma morte infame a gozar de uma vida bemaventurada, lhe deu aviso um criado, que a mulher do Biquimão com duas filhas donzellas vinha a buscal-o. Bem quizera o Governador escusar-se áquelle encontro, em que de força lastimado havia de sentir a magoa do fexo, sem a compaixão remediar a pena: mas como á sua piedade se fazia lance, preciso foi consolar na afflicção as que buscavão, ou na sua sombra amparo, ou nas suas razões allivio; sahio com urbanidade, nos superiores rara, a recebêl-as na primeira salla, onde já as achou cobertas de luto, e os cabellos soltos, derramando cópia de lagrimas, que fazia verter a dôr, com que uma lamentava a perda do marido, as outras a falta do pai.

241. Respondêrão as tres á cortezia do Governador prostradas a seus pés, a que todas se abraçárão, sem poderem os rogos acabar, que levantadas o soltassem: esperou um

largo espaço, que, ou o pezar no peito suspendeu a voz, ou na boca os suspiros embargárão as palavras, até que a mãi, em que fallárão ainda mais os olhos que a lingua, rompeu o silencio dizendo :— que a não trazia áquelle logar pedir a vida do marido, porque certa estava, em que, se sem offensa da justiça o pudera salvar da morte, sem rogos o fizera ; que vinha só arrastada da lastima a offerecer-lhe aquellas duas orphãs, para que no navio, que se estava aprestando para partir n'aquella monção, as mandasse para o reino, onde fôssem servir a sua mulher e filhas, e na sua casa, amparadas, pudessem conservar a honra, porque sem bens, com o nome injurioso de filhas de um enforcado, ficavão arriscadas n'aquelle estado, onde os cabedaes têm estimação melhor que o nascimento, valor maior a fortuna que as virtudes.

242. Seguirão-se ás lamentações da mãi, os clamores das filhas, que, sem largarem os pés do Governador, pedião incessantemente, que, pois ministro as deixava orphãs, superior as amparasse pai ; que as mandasse a Portugal, onde recolhidas entre as criadas de sua familia, servindo escravas, segurarião a opinião, que alli arriscada já não tinhão para a esperança outro porto, nem para a salvação outra taboa ; porque a desgraça de quem as gerára progenitor as alcançára, não como herdeiras da culpa, senão como successoras da pena, de que seus delictos o fizerão réo, tirando-lhes com elles na morte o ser, que lhes dera no nascimento ; que, pois com facil despeza podia remir-lhes a infamia, que lhes chegava com porção maior participada no sangue, o movesse a vêr, que erão pelo sexo fragiles pela idade de moças de poucos annos, e que todos, dando-lhes com a injuria no rosto, se lhes atreverião, e virião ellas a ficar entre as naturaes, com affronta tratadas de uns, espectaculo do desprezo de outros, objecto de escandalo.

243. O Governador, que para doer-se nos males alheios não era necessario os proferisse a fraqueza do sexo, sentindo com extremo tão forçoso lance, em que via a seus olhos representado o espectaculo da lastima no theatro da compaixão, se foi necessario todo a conter as lagrimas, que por credito do valor reprimio no publico, como se fôsse culpa da pessoa as entranhas piedosas, ou offensa do logar os affectos da natureza.

244. Depois de algum tempo, que o teve suspenso a magua, procurando consolal-as na dôr, lhes pedio fôssem a recolher-se, emquanto ficava cuidando o modo de favorecer a sua causa. Despedidas da sua presença, mandou por terceira pessoa arrematar na praça todos os bens do Biquimão, os quaes, pagos á custa da sua fazenda, fez entregar inteiramente para dote das duas filhas do padecente, sem de muitas alfaias de preço reservar para si nem um escravo; isenção, que puderamos aqui dizer, sem parecer exageravamos, que para louvar-se cabalmente, empobrecida a rhetorica, mendiga a eloquencia de palavras as hyperboles de encarecimento. Diga agora Grecia, se no animo dos seus Alexandres, ou Persia no coração dos seus Darios, achou piedade, que igualasse, ou generosidade, que excedesse.

245. Chegárão os dezenove de Novembro, em que o Biquimão sahio a receber, pendente no patibulo, como premio proporcionado a seus merecimentos, o castigo de suas maldades. Vendo que era chegado o ultimo termo, em que a vida, pisadas as raias da morte, ia chamal-o a juizo, querendo em tão incerta viagem segurar na taboa do arrependimento o porto, em que só podia salvar-se, pedindo perdão a todos, que ou tinha offendido, ou servido de escandalo, advertio a obrigação, que cada um tinha de obedecer ao Governador, que se achava mandando

aquelle estado; que para mostrar, que era assistido de auxilios superiores, lisamente confessava, que no tempo, que desembarcára desacompanhado na praia, duas vezes intentára disparar-lhe á queima-roupa uma pistola; que a primeira não pegára fogo, na segunda lhe cahira amortecido o braço, que por muitos dias trouxera leso sem movimento; caso para accidente raro, e que deixamos ao concurso dos que de tudo duvidão, ou negal-o, ou crêl-o providencia, com que o céo guardava aquelle cabo em beneficio do estado do Maranhão, em cujo tempo, abraçadas a paz e a justiça, se virão ou tornadas a restituir, ou plantadas de novo.

246. Acabadas de arrancar as ultimas raizes, que ainda se conservavão verdes da passada sedição, entrou o Governador na consideração de alliviar aquella cidade de uma parte dos vizinhos, de que se achava opprimida pela estreiteza do paiz, cuja esterilidade se experimentava alguns annos, faltando com os fructos ordinarios ou por intemperança do clima, ou pela debilidade do terreno cançado ou enfraquecido da demasiada agricultura.

FIM DO TOMO XLIV, PARTE PRIMEIRA.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLIV

PARTE PRIMEIRA

PRIMEIRO TRIMESTRE

Relação nominal dos socios actuaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro I

Relação nominal dos socios fallecidos, segundo as notas do livro de matricula IX

Mesa administrativa do Instituto Historico em 1881 XV

A Grammar and vocabulary of the Tupi language, by John Luccock:

- List of animals 1
- List of birds 7
- List of trees 13
- List of plants 21
- List of fruits 25
- List of roots 27
- List of fishes 28
- List of reptiles 29
- List of insects 30

Advertencia por J. Barbosa Rodrigues 33

Lista de arvores, animaes, etc 35

SEGUNDO TRIMESTRE

O Tiradentes perante os historiadores oculares do seu tempo, por Joaquim Norberto de Souza Silva 131

Memoria do exito que teve a conjuração de Minas, e dos factos relativos a ella 140

Ultimos momentos dos inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistio de confissão 161

Extractos da vida de Gomes Freire de Andrade por Fr. Domingos Teixeira, feitos pelo Dr. Antonio Henriques Leal.. 187

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLIV

PARTE II

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE H. LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71.

1881

A BAHIA

DO

RIO DE JANEIRO

SUA HISTORIA E DESCRIPÇÃO DE SUAS RIQUEZAS

POR

AUGUSTO FAUSTO de SOUZA

Bacharel em Sciencias Mathematicas e Physicas, Major do Corpo de Estado Maior de Artilharia e Memb ro do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

A BAHIA DO RIO DE JANEIRO

I

Guanabara gentil, formosa e bella,
Remanso côr de anil, de alvas espumas,
Lago de fadas, leito perfumado,
Onde o meu patrio Rio se espreguiça.
Os fados lhe abençôa ; abre-lhe a entrada
A' sciencia, ao commercio, á industria, ás artes ;
Seja o meu Rio o emporio do Universo.

(Dr. J. M. Velho da Silva, *Dircéo*, canto 3º)

Ha um ponto no Universo, onde a mão do Creador parece haver-se esmerado em reunir o maior numero de bellezas, accumulando n'elle tudo o que póde encantar os olhos e arrebatar o espirito.

É a bahia do Rio de Janeiro, a magnifica, a portentosa, a esplendida, a sem rival (na phrase de milhares de viajantes), em cujas margens fronteiras se reclinam as cidades de S. Sebastião, côrte do Imperio, e de Nitherohy, capital da provincia do Rio de Janeiro.

Sua posição geographica felicissima aponta-a como forçosa escala e obrigada paragem de descanso e refrigerio a toda navegação e commercio, entre a Europa e o Pacifico, entre o Norte e o Sul do continente americano. E essa mesma posição afortunada ; a vastidão, segurança e fundo de seu ancoradouro ; a formidavel defensiva de que é susceptivel ; o enorme movimento que n'ella se opera, quer por navios de alto porte e longo curso (entre os quaes paquetes para todas as cidades importantes), quer por vasos menores de navegação costeira, quer ainda por pequenos vapores e barcos que circulam a todo o momento para o littoral ; a immensa riqueza dos artigos transportados por esses milhares de navios nacionaes e estrangeiros ; a variedade e belleza dos panoramas que apresentam suas ilhas, enseadas e montanhas que a orlam ; a opulenta vegetação que matiza essas montanhas e varzeas adjacentes ; a inesgotavel abundancia de peixes das especies as mais variadas e saborosas ; são outros tantos motivos para a encherem de orgulho e lhe firmarem a supremacia sobre todas as bahias e portos conhecidos do globo terrestre.

São decorridos quasi quatro seculos, que a bahia do Rio de Janeiro foi desvendada aos olhos do mundo civilisado; desde então tem sido ella visitada por um numero incalculavel de viajantes, exploradores, negociantes, naturalistas e curiosos ; têm sido sulcadas suas aguas pelas caravelas e bergantins dos descobridores, pelos comboios e galeões dos tributos e do commercio, pelas esquadras de todas as nações guerreiras, pelas expedições scientificas dos Solis, Magalhães, Roggewein, Cook, Byron, Bougainville, Roussin, Freycinet, Dumont d'Urville e Mouchez, pelos sabios Saint-Hilaire, Darwin, d'Orbigny, Denis, Neuwied, e Agassiz ; pois bem ! todos

têm prestado a sua homenagem de admiração e entoado hymnos de louvores a tal maravilha.

Entretanto, forçoso é dizel-o, poucos brasileiros conhecem bem o verdadeiro valor d'esse mimo com que a natureza dotou a sua terra! A não serem os pescadores e caieiros das margens e das ilhas, que apenas se importam de explorar com as redes a perenne riqueza de seu fundo; ou os catraieiros que conduzem para o mercado a lenha, os viveres e as frutas do littoral, bem poucos entre nossos patricios podem avaliar o preço da bahia, que todo o mundo admira; pois que, uns têm limitado o seu trajecto á carreira do vapor entre a côrte e Nitherohy; outros, mais amantes de excursões, têm avançado até á estação de Mauá ou á festa de S. Roque de Paquetá; mas a maior parte apenas conhece o panorama, que se desfructa do terraço do Passeio Publico, ou das praias de Santa Luzia e de Botafogo.

Um escriptor portuguez, em um interessante artigo publicado no *Diario do Rio de Janeiro* n. 7536, e transcripto na *Revista Universal Brazileira*, de Julho de 1847, alludindo a esta nossa indifferença, diz: « Tenho notado que n'este paiz (que é o filho morgado da natureza), a abastança de tantos quadros sublimes e de tantas riquezas naturaes, não inspiram aos nacionaes aquella admiração, que sente todo o viajante, todo o estrangeiro; porque aqui ha reu idas todas as galas, que a natureza espalhou com mão profusa por todo o universo e por toda a extensão dos céos e da terra.

Tal indifferença é indesculpavel; e além de revelar atrazo, falta de gosto e insensibilidade pelos formosos quadros e opulencias da natureza, constitue um crime de leso-patriotismo.

Muitos de nossos patricios ha que, ao regressar de dispendiosa viagem, narram enthusiasmados as bellas paizagens, que admiraram nas montanhas da Suissa, nas praias

do Mediterraneo ou nas margens do Rheno, inscientes de que em sua mesma patria, bem perto de sua habitação, existe um magico panorama, que, analysado, reune, excedendo, todas aquellas bellezas, que elles com sacrificio foram procurar em terras estranhas.

É a esses, que desprezam o sublime que é nosso, pelo bom e mesmo pelo mediocre alheio; é a esses, que acham incommodo o passeio de um dia, quando se trata de vêr o que nunca puderão encontrar em mezes de fastidiosas jornadas; é a esses, que eu dedico o presente trabalho, desprovido de geito, mas escripto com amor, no intuito de combater tão feia indifferença.

É tão facil libertar-vos da pecha de máos patriotas, que vos lanço! Procurai sacudir a inercia, que vos domina; tomai a resolução de fazer justiça a aquillo que tambem vos pertence; e se, julgando que exagero, quizerdes appellar para o testemunho insuspeito de vossos olhos, destinai um dia para realizar um dos dois itinerarios, que vos vou traçar (se os não aceitardes ambos), e asseguro-vos, que no fim me sereis reconhecidos por vos ter promovido o gozo de uma excursão deliciosa, da qual sem duvida guardareis por muito tempo fagueiras recordações.

1.° *Itinerario.*

Suppondo que não vos agrade uma viagem sobre as ondas, ou que prefirais de um só golpe de vista abraçar o conjuncto das diversas bellezas: Escolhei uma d'essas manhãs serenas e frescas, communs na nossa terra em os mezes de Abril, Maio, Outubro e Novembro; preveni-vos com um bom oculo de alcance e um modesto farnel de viagem, e tomae, como vos fôr mais favoravel, o caminho do Cosme-Velho ou a rua do Aqueducto, em Santa Thereza, com a intenção de subir o Corcovado,

excursão muito conhecida dos viajantes estrangeiros assim que aportam ao Rio de Janeiro; mas que, para os brasileiros, diz o Dr. Macedo no seu *Passeio*, é mais difficil do que fazer uma viagem á Lisbôa.

Depois que tiverdes passado a parte mais povoada, entrareis em uma estrada pittoresca, em que as habitações vão-se tornando mais raras, até se acabarem de todo, ao passo que a vegetação se torna mais interessante por sua desordem e espontaneidade. No fim de algum tempo chegareis á Caixa d'Agua, construcção vasta e solida, já por si um excellente pretexto para uma jornada matutina; e, ao cabo de pequena demora, continuareis a marcha, sempre debaixo de agradavel sombra, não vos descuidando de ir prestando attenção aos lindos paineis, que, sem interrupção, se vão desdobrando á vossa direita ou esquerda, conforme as differentes voltas, em zig-zag, pelo flanco da montanha; e assim chegareis á chapada das Paineiras. N'este sitio encantador, sob o caramanchão situado no centro de pequena praça ajardinada, encontrareis larga mesa, onde fareis o vosso *pick-nick*, satisfazendo o appetite desafiado pelo trajecto, ao mesmo tempo que extasiareis os olhos com a admiravel paizagem, que d'esse elevado ponto já se desfructa; os ouvidos, com o alegre canto dos passarinhos e o doce murmurio do crystallino Carioca, que corre proximo, no aqueducto; o olfacto, aspirando a perfumada emanação de mil flôres silvestres; e sentireis um bem-estar indefinivel, banhado pela pura e suavissima aragem, que, mesmo com o sol a pino, faz desconhecido o calor em tão aprazivel paragem.

Até então a subida se tem realizado por fraco declive, e póde ser feita a cavallo; das Paineiras em diante ha mais alguma difficuldade; e, por mais commodista que sejais,

tendes de continual-a a pé, e, sem esquecerdes de conduzir algum supprimento de agua, visto que, d'esse ponto em diante, não mais a encontrareis. Console-vos, porém, a idéa de que, além de estar proximo o vosso objectivo, tereis a meia distancia uma optima estação de parada, sob gigantesco gu rda-sol de madeira, mobiliado com uma mesa e rusticas poltronas, que, apezar de duras, vos parecerão confortaveis.

Tendo repousado ahi um pouco, continuai a ascensão durante uns dez minutos, findos os quaes, avistareis um recinto murado, cuja entrada assenta sobre degráos abertos na rocha. Subi esses degráos, penetrai no recinto; e, asseguro-vos, subitamente esquecereis a fadiga, o calor, a sêde e qualquer outra contrariedade da jornada.

Estais no cume do Corcovado! Perante vós desvenda-se agora o mais grandioso espectaculo, que é dado gozar a olhos mortaes!

A um lado, a esplendida bahia, a grande cidade Imperial com seus risonhos contornos; em frente a esta, a formosa Nitherohy, meio occulta entre as montanhas; no centro, a multidão de graciosas ilhas, a floresta de mastros dos navios surtos no porto, os vapores sulcando as ondas em todas as direcções; no fundo, a linha de serras circumdando a colossal bacia; do outro lado, as ilhas situadas fóra da barra e um horizonte immenso, limitado ao longe pela abóbada celeste; e tudo isto coroado pelo céo do mais sereno azul, que fez exclamar o nobre indio Aimbiré da *Confederação dos Tamoyos*:

> Terras em que eu nasci, como sois bellas!
> Como és formoso, ó céo do Guanabara!
> Mais azul do que as pennas da araruna!

Por mais prevenido que esteja o vosso espirito de que ides vêr um quadro arrebatador, por mais enthusiasta que

sejais de qualquer outra paizagem vossa conhecida, ou ainda, por mais indifferente que vos mostreis perante as manifestações do bello, aqui não podereis reter um grito de admiração e por algum tempo ficareis extatico e pasmado, sem saber para que lado vos volteis, porque o phantastico scenario para qualquer d'elles estende novas maravilhas !

Quando, em 1817, esteve entre nós a corveta franceza *L'Uranie*, a commissão scientifica de que faziam parte os sabios Freycinet, Gaudichaud, Guimard e o desenhista Jacques Arago, fez uma excurs o ao alto do Corcovado ; e quando, no fim de seus tres annos de circumnavegação, durante os quaes foram visitados os pontos mais notaveis do globo, o chefe Freycinet teve de relatar os factos mais importantes d'ella, assim se expressou em relação ao panorama visto do Corcovado : *Non, jamais, je l'avoue, un spectacle aussi imposant n'avait frappé mes regards, n'avais rempli mon âme de sensations plus délicieuses*. E o mesmo Arago, quando já cego fez, em 1854, uma terceira visita ao Rio de Janeiro, era movido de saudosas recordações, que escreveu no seu livro *Les deux Oceans* : « Quando se chega a esta cidade, não se póde resistir ao desejo de subir ao alto do Corcovado, d'onde se desenha a mais admiravel paizagem, que existe em todo o universo. »

De La Salle, relator da viagem de circumnavegação da corveta *La Bonite* (1836—1837), conta ter ido ao Corcovado, o passeio favorito do Imperador D. Pedro I, e confessa ser-lhe impossivel exprimir a sensação que d'elle se apossou. « Foi mais que admiração ; foi uma exaltação religiosa, um santo respeito para com o Creador, um profundo sentimento de sua infinita grandeza e do nada da creatura humana. »

Carlos Darwin, o notavel autor da obra *Viagem de um*

naturalista a bordo do Beagle (1831—1836), diz sobre o mesmo objecto: « N'essa elevação a paisagem decora-se com tintas tão brilhantes, as fórmas e as côres excedem tanto, em magnificencia, tudo o que o Europeu viu em seu paiz, que lhe faltam expressões para descrever o que sente. »

O escriptor argentino D. José Maria Cantillo, delineando na *Revista Litteraria de Buenos-Ayres*, de Agosto de 1874, um passeio que ahi fizera quando esteve no Rio de Janeiro, assim se exprime: « Que maravilhoso espectaculo! Que esplendido panorama! Que paizagem indescriptivel! A immensa bahia parecia um prato de agua, sobre o qual passava uma camada de nuvens, que interceptavam o sol. As casas eram series de pontos brancos; as ruas linhas quasi imperceptiveis; os trens e carros tinham fórmas microscopicas. Tomei os rumos: ao oriente o so começava a sua carreira; procurei Botafogo, o Pão de Assucar, a Gávea, e depois o Jardim-Botanico com a sua rua de palmeiras gigantes, que então me pareciam anãs, em uma extensão que semelhava poucos passos humanos. Flócos de nuvens, desdobrando-se pelas fraldas do Corcovado, cobriam pouco a pouco a cidade, a bahia e os contornos. Por cima d'elles o sol, e sobre nossas cabeças o purissimo azul do céo. Examinámos com oculo e vimos, que chovia sobre a cidade. Que delicioso espectaculo!... Se um viajante de nosso paiz passar pelo Rio de Janeiro, detenha-se um dia e visite aquelles sorprendentes monumentos da natureza. Ha alli muito que vêr, muito que admirar, muito que aprender. »

Dos escriptores nacionaes poucos se têm occupado com tal assumpto; em compensação dois poetas illustres tentaram esboçar o primoroso quadro, embora se declarem desanimados perante a magnitude d'elle. Um, o pranteado

Porto-Alegre, poeta e pintor, querendo, em uma das *Brasilianas*, esboçar a scena, que teve um dia inteiro diante dos olhos, exclamou :

Por onde começar ? Minha alma inteira
Assaltam de improviso mil bellezas,
Qual assaltam de tarde nuvens d'aves
No oceano um penhasco solitario.
Faltam-me os olhos, a linguagem falta ;
Quizera ter, qual Briareu, cem braços,
Pulsar cem lyras, alinhar cem vozes,
E um só hymno exalçar, pasmando o mundo.

Outro, o inspirado Magalhães, no 6º canto da *Confederação dos Tamoyos*, sem duvida um dos mais bellos d'esse poema, faz apparecer em sonhos o mancebo S. Sebastião ao indio Jagoanháro, e, conduzindo-o ao cimo do Corcovado, d'ahi lhe aponta a magnifica bahia, e esta vista lhe abala mais profundamente o animo, do que o conseguira antes o valente Tebyreçá com seu energico discurso :

Que grandeza ! Que immensa magestade !
Que espantoso prodigio se levanta !
Que quadro sem igual em todo o mundo !
Onde o sublime e o bello em harmonia
O pensamento e a vista attrahe, enleva,
E faz que o coração extasiado
Se dilate, se expanda, e bata e impilla
O sangue em borbotões pelas arterias !
Os olhos encantados exorbitam,
E lagrimas de amor n'elle borbulham,
Como as vibradas cordas de uma lyra,
De almo prazer os nervos estremecem ;
E o espirito pairando no infinito,
Do bello nos arcanos engolfado,
Parece alar-se das prisões do corpo.

2º *Itinerario :*

Admittamos, porém, que não vos assusta um passeio

sobre as aguas, ou que, não satisfeito de sómente avistar de longe a bahia, prefirais examinal-a de perto, não dispensando nenhuma de suas particularidades. N'este caso, a digressão melhor se fará em agradavel companhia; e para isso elegereis alguns amigos experimentados como bons companheiros para excursões d'este genero; preparareis o indispensavel fornecimento de boca, fretareis uma lancha a vapor ou *bond maritimo*; e, aproveitando uma fresca madrugada, mandai seguir a embarcação no rumo da barra, descrevendo uma curva á direita, afim de bem perceberdes as enseadas da Gloria, Flamengo, Botafogo e praia da Saudade, embora sejam esses sitios muito vossos conhecidos.

Chegando perto da fortaleza de Santa Cruz, e, depois de saudar suas formidaveis casa-matas, fazei prôa para o norte, isto é, para o lado do fundo da bahia; e approximando-vos da margem oriental, ou á vossa direita, tanto quanto o permittir o calado da náo exploradora, ide percorrendo o contorno, que, qual variegada renda, vai orlando caprichosamente o circuito; e, se sois apreciador das bellezas naturaes, certamente encontrareis fartos objectos para vos occupar com prazer os olhos e o espirito durante algumas horas.

Aqui, admirareis uma enseada, cujas aguas placidas figuram um poetico lago; alli, uma alva e singela capellinha sobre empinado monte; acolá, uma risonha habitação isolada entre robusta vegetação, mirando-se no espelho liquido; mais além, um archipelago de verdejantes ilhas semelhando um punhado de esmeraldas engastadas em um chão de saphira; adiante, uma praia de nivea arêa, provocando um delicioso banho; a serrania, que vai-se estendendo ao longe até confundir-se com o azul do céo; um bando de alvissimas gaivotas, ora balançando-se sobre

as ondas, ora agitando suas azas no espaço; uma fabrica ou engenho com o seu pennacho de fumo, denunciando um centro de industria e de trabalho; a embocadura de um sinuoso rio ou modesto regato, que vem de longe trazer o tributo de suas aguas á vasta bacia; um campo a perder de vista, matisado de nedio gado, fazendo, por suas diversas côres, o effeito de um jardim ambulante; um morro coberto de verde-claro cannavial, no qual se destaca a escura floresta, que o corôa; um grupo de penedos, cujos cabeços esbranquiçados e lisos surgem á tona da agua; e assim mil accidentes e quadros variadissimos, que, sem cessar, vos passarão diante dos olhos.

> Como n'um panorama, invenção rara
> De engenhoso francez, mudam-se as scenas
> Pelo effeito da luz, varia disposta;

segundo a feliz comparação do cantor dos *Tamoyos*, no canto 6°, já citado.

Quando o calor do sol vos aconselhar um refrigerio, ou quando o estomago, qual vigilante machinista, vos reclamar um supprimento de combustivel, escolhei uma d'essas formosas ilhas cingidas de frondoso arvoredo, ou de altos coqueiros, que, agitando brandamente seus leques, parece vos convidar que a visiteis; mandai atracar a vossa lancha, saltai em terra, e ahi, sobre um viçoso e fresco taboleiro de verdura, fareis encantadora estação, restaurando as forças, no meio das galas de luxuriante natureza, realçadas ainda pela espirituosa conversação da selecta sociedade.

Mas, por mais que até então tenhais apreciado da formosa bahia, bastante vos faltará ainda, pois que não é possivel observar devidamente tudo em um só dia; e por

isso, ou vos decidis a passar o resto do dia n'esse aprazivel lugar, adiando a continuação para nova excursão complementar; ou então vos resolveis a proseguir logo depois da refeição. N'este caso, levantando acampamento e voltando para bordo, fareis agora seguir o baixel por proximo da margem occidental, onde se desenvolverá nova successão de variadas paizagens, e tendo occasião de gozar o extraordinario effeito do pôr do sol, quando o jogo de luz, combinando nas nuvens bellissimas côres, reflectindo-as nas aguas e mudando de nuanças de instante a instante, formam um quadro tão estranho e grandioso, que John Mawe no Cap. IX da *Viagem ao interior do Brazil*, e A. de Pascual na 9ª leitura do seu *Ensaio Critico*, declaram, em relação a esse phenomeno, nada terem visto até então, que se lhe compare.

D'esta fórma tereis completado o vosso passeio, recolhendo-vos á casa com o coração repleto de recordações fagueiras, e dizendo como Porto-Alegre no final de sua *Brasiliana*:

> Cansada está minha alma, estão meus olhos
> De tanta magestade! Eu te agradeço
> Oh! destino feliz, que me guiaste
> A este panorama!

Uma excursão como esta foi realizada pelos officiaes da expedição scientifica, que aqui veiu em 1857 na fragata austriaca *Novara*, excursão em que reinou constantemente a alegria, o arrebatamento e o enthusiasmo, segundo relatou o mesmo Porto-Alegre no discurso da sessão solemne do Instituto Historico, em 15 de Dezembro d'esse anno.

Effectuando o passeio conforme aqui fica delineado, sentireis impressões semelhantes ás que experimentam os navegantes quando entram na nossa bahia, e caminhareis da

parte mais conhecida para a menos devassada ; se, porém, resolverdes inverter a ordem do projecto, isto é, a partir do cáes seguir para o fundo da bahia, percorrendo as margens a começar pela que agora vos fica á esquerda, obtereis a vantagem de ir chegar á barra ao cahir da tarde ; e então estareis em excellentes condições de apreciar, olhando para o quadrante de sudoeste, o assombroso painel do *Gigante que dorme*, digno termo de vossa excursão.

Talvez me digais, que a pintura, que ora vos apresento, merece suspeição por ter sido traçada por mão de quem tudo vê através do prisma do patriotismo. A prova, de que assim não é, encontra-se no facto muito concludente de não haver um só escriptor estrangeiro ou nacional, que, tratando de proposito ou accidentalmente da bahia do Guanabara, não se possua de admiração perante a magnificencia do seu panorama. Adiante transcreveremos muitas de suas phrases repassadas de enthusiasmo, nas quaes parece haver-se esgotado toda a serie de interjeições e de adjectivos lisongeiros ; sendo notavel que não discordem n'essa harmonia, nem mesmo aquelles, que, como os Biard, Expilly, Mansfeldt, Suzannet, Dabadie e outros, portaram-se com ingratidão, pagando a generosa hospitalidade, que receberam, com calumnias e ridiculos, escurecendo o que acharam de bom e exagerando com verdadeira maldade aquillo, que (como muita cousa em seus paizes) póde attrahir reparo e censura.

II

SUA HISTORIA

Infere-se de muitas obras antigas a opinião, adoptada por Cazal e outros autores, que a nossa bahia foi avistada

pela primeira vez por João Dias Solis, que, seguindo do cabo de Santo Agostinho para o sul, aqui aportou, indo depois pagar com a vida a gloria de haver dado por algum tempo o seumou e ao actual Rio da Prata.

Está, porém, hoje admittido, que, um anno depois da casual descoberta do venturoso Cabral, uma expedição de tres velas, tendo por piloto Americo Vespucio (mas discordando os autores quanto ao nome do chefe, que a commandava), foi incumbida de explorar as novas terras ; e por esta occasião foram recebendo denominações tiradas do calendario romano, os diversos pontos a que ia chegando, cabendo a esta bahia a de *Rio de Janeiro*, porque, suppondo-a foz de um rio, ahi aportaram em 1 de Janeiro de 1502 (1).

Em 1515 realizou-se a citada viagem de Solis; e, quatro annos mais tarde, Fernando de Magalhães entrava na soberba bahia, a 13 de Dezembro de 1519, e, quer ignorasse o nome improprio que a ella haviam dado, quer porque reconhecesse que não era foz de um rio, chamou-a *Bahia de Santa Luzia*; e no fim de duas semanas proseguiu sua derrota em busca do estreito, que devia levar o seu nome ás gerações futuras.

---

(1) O visconde do Rio-Grande, na obra *O Fim da Creação*, pag. 319 diz, que o primeiro nome, que teve a nossa bahia foi *Lago* ou *Rio de Genebra*, que depois se tornou em *Rio de Janeiro*. Isso não é exacto. Lery foi quem escreveu *Rivière de Geneure*, que é antes corrupção de Rio de Janeiro, nome conhecido em época anterior a Lery. Assim tambem Varnhagem no *Panorama de Lisbôa*, de 5 de Outubro de 1844, disse, que, baseado em documentos, podia affirmar ter sido o primeiro nome de nossa bahia o de *Bahia de Cabo-Frio*, que suppunha datar de 1502. Mas, na sua *Historia Geral do Brasil*, dada á luz em 1854, nada mais tendo dito a respeito, faz isso crêr, que perdeu a fé, que tinha nos alludidos documentos. Sobre este assumpto lêa-se a nota do mesmo Varnhagen ao *Diario de Pero Lopes de Souza*, *Revista Trimensal do Instituto*, 1861, 1º trimestre, pag. 81.

Sete annos mais tarde, Christovão Jacques, em outra viagem de exploração, tendo de assentar padrões em varios pontos das novas possessões portuguezas, escolheu para o 1° a enseada dos Marcos, na latitude de seis gráos; para o 2° a enseada da Bahia de Todos-os-Santos, a 13 gráos; e para 3° a barra de Cananéa, a 25 gráos. Ora, constituindo a barra do Rio de Janeiro uma notavel e excellente posição para ser n'ella assentado o 3° marco, que assim ficaria distando do antecedente pouco mais de nove gráos em lugar de 12, é razoavel suppôr, que o demarcador tivesse passado avante sem ter visto esta bahia, facto esse que terá explicação em haver-se elle afastado muito da costa, ainda pouco conhecida, ou porque houvessm espessos nevoeiros encoberto a estreita embocadura, justificando d'esta fórma a denominação *Nicterohy* (agua escondida), pela qual era appellidada pelos indigenas (2).

Em 1531, resolvendo D. João III conhecer melhor os seus dominios do novo mundo, enviou a armada de Martim Affonso de Souza, a qual, reconhecendo a costa, de norte a sul, entrou n'esta bahia a 30 de Abril, confirmando o

---

(2) Outros davam-lhe o nome de *Guanabára*, *Ganabára* ou *Guaná-pará* (seio de mar), como suppõe Varnhagen. Ha razões para acreditar, que as duas denom nações *Nitherohy* e *Guanabára* se applicavam, aquella á margem oriental e esta á occidental; outras considerações fazem suppôr, que aquella designação se referia mais particularmente á parte da bahia, onde se acham as duas cidades, e esta ao seio mais largo e interior, onde existem quasi todas as ilhas e desaguam os rios mais consideraveis.

De varios modos se tem escripto a primeira d'essas denominações: Simão de Vasconcellos escreveu *Nhiteró*; Durão e Brito Freire, *Nitheroy*; Fr. Gaspar da Madre de Deus, Macedo, Abreu Lima e J. Norberto, *Nitheroy*; Ayres do Casal, *Nitherohy*; Pisarro, *Nhitheroy*; Varnhagen, Januario e Cayrú, *Nitheroy*, Fr. Francisco de S. Carlos, *Netheroy*; Magalhães, *Nitheroy*; Fr. Diniz, *Nitheroy*; Duarte Nunes, *Niteroy*; e, finalmente, Hans Staden, *Iterone*, que talvez seja o exacto.

chronista Pero Lopes, no seu *Diario*, a primitiva denominação de *Rio de Janeiro*, a qual ficou conservando até hoje (3). Ahi demorou-se Martim Affonso tres mezes, estabelecendo em terra uma ferraria para concertar varias peças dos seus navios (4), seguindo para o sul em 1 de Agosto; e encantado pela belleza do sitio, bem como pela feliz posição e fertilidade de toda a região, que lhe fica proxima, sendo encarregado da demarcação dos lotes, que iam ser distribuidos pelos primeiros donatarios, elle teve o cuidado de incluil-a no seu quinhão, de preferencia aos territorios do norte, os quaes, por serem mais conhecidos e por ficarem a menor distancia da metropole, parece, que deveriam merecer-lhe a primazia.

Infelizmente, de posse do almejado lote, Martim Affonso commetteu o erro de não tratar logo de fundar ahi um nucleo de população, e deixou tão bella paragem entregue á natureza, de modo que, quando 20 annos mais tarde n'ella aportou o primeiro governador-geral Thomé de Souza, ao dar a El-Rei noticia d'essa bahia, e como se se referisse a um sitio inteiramente desconhecido, *parece não ter expressões com que encarecesse sua importancia*, conforme se

---

(3) Fr. Francisco de Santa Maria, Fr. Gaspar da Madre de Deus, Silva Lisbôa, Casal, Pisarro, Mello Moraes e outros, julgam, que foi Martim Affonso quem deu o nome de *Rio de Janeiro*, por haver ahi chegado a 1 de Janeiro de 1532; mas essa proposição não póde mais ser sustentada depois que foi divulgado o *Diario* de Pero Lopes na *Revista Trimensal do Instituto*, tom. 24, 1861.

(4) « Não é fóra de proposito suppôr, que esse estabelecimento fôsse situado na boca do riacho (hoje Cattete), e que d'ahi se originasse o nome *Cary oca*, casa de branco » diz Varnhagen no 1º tom. da *Historia Geral*, pag. 439. Entretanto, a opinião mais seguida é, que Martim Affonso desembarcou e occupou o sitio, onde está hoje o Hospicio de Pedro II, que por muito tempo conservou a denominação de *Porto de Martim Affonso*.

expressa Varnhagen á pag. 210 do 1° tomo da sua *Historia Geral do Brazil.*

Ao genio francez não passou desapercebido o abandono de tão rica região, muito conhecida já dos navios d'essa nação, os quaes livremente a frequentavam, realizando opulentos carregamentos de madeiras de lei e especiarias; e por isso, tres annos depois da vinda de Thomé de Souza, isto é, em 1555, Villegaignon, auxiliado por Henrique II, emprehendendo fundar uma colonia na America, escolheu este ponto, e investindo a barra, que encontrou sem defensores, occupou a ilha de Sery-gipe, hoje de Villegaignon; e construindo n'ella o forte de *Coligny*, projectou fundar a cidade de *Henriville* na praia fronteira (talvez a actual de Santa Luzia) (5), tratando, entretanto, de angariar a affeição dos *Tamoyos*, que habitavam nas circumvizinhanças.

Sabedor d'isto, no fim de quatro annos (!) o governo portuguez mandou ordem expressa e reforços ao terceiro governador-geral Mem de Sá, para que restaurasse o territorio occupado; o que este executou, sahindo da Bahia em 16 de Janeiro de 1560 e chegando ao Rio de Janeiro em 21 de Fevereiro, intimou ao inimigo a que se rendesse; em virtude da recusa d'este, atacou-o no dia 16 de Março, venceu-o, não obstante a vigorosa resistencia de 150 francezes e mais de 1,000 *Tamoyos*; e, contentando-se em

---

(5) O escriptor Thevet deu como fundada a cidade franceza de *Henriville*, e alguns autores têm seguido sua opinião. Acreditamos, porém, «que nunca tal fundação passou de projecto, e além de outras razões «que temos para assim pensar, merece-nos todo o credito o seguinte trecho do 7° capitulo da obra de Lery, que melhor do que ninguem devia saber d'isto:

« ..... *quãd nous partismes de ceste terre du Bresil qui fut plus d'vn an apres Thevet, ie mentien qu'il n'y auait aucune forme de bastiments, moins uillage ni uille à l'endroit ou il nous en a marqué et forgé une vraiment fantastique.* »

arrazar o forte, abandonou o territorio, conduzindo a artilharia e um navio inimigo (6).

Deixando ainda de fundar ahi uma colonia, repetiu Mem de Sá o erro de Martim Affonso, erro agora menos justificavel, pois que não devia ignorar a opinião, que déra e a ordem, que recebêra seu antecessor Thomé de Souza, como se deprehende das seguintes linhas, que em 1552 dirigira ao Rei :

« Parece-me, que V. A. deve mandar fazer ali uma povoação honrada e bôa, porque já n'esta costa não ha rio, em que entrem francezes senão esta... E escusar-se-hia com esta povoação, armada n'esta costa... E se não fiz fortaleza este anno no dito rio, como V. A. me escrevia, foi porque o não pude fazer, por ter pouca gente e não parecer sizo derramar-me por tantas partes. »

Os francezes, ao verem o abandono de Mem de Sá, não se afastaram do littoral, e, *porque como aos lyrios que se não arrancaram de todo as raizes, lhes foi facil tornar a florescer* (como diz Rocha Pitta ao citar este facto), elles voltaram ás antigas posições, entrincheiraram a aldêa indigena de Uruçumirim (7), no sitio em que é hoje a praia

---

(6) A data d'esse combate é a que consta da carta de Mem de Sá á rainha D. Catharina, transcripta na *Memoria* de Duarte Nunes e no 1º tom. da *Revista Trimensal do Instituto*. Alguns autores, e entre elles Fr. Francisco de Santa Maria (*Anno Historico*) e Joaquim Norberto (*Memoria sobre os aldeamentos*), dizem, que o combate tivera lugar a 20 de Janeiro, confundindo este com o outro combate, que foi ferido d'ahi a sete annos.

(7) Não concordam os escriptores no modo de designarem esta aldêa. Casal escreve *Urussumiri*; Fr Agostinho de Santa Maria, *Vrassumiri*; Vasconcellos e Abreu Lima, *Uraçumiri*; Varnhagen, *Uricumerim*; Balthazar Lisbôa, *Phucumeri*; Pisarro, *Uruçumiri*; o conego Januario, *Vrussumiri*; Duarte Nunes, *Urasú-mery*; Magalhães, *Uruçumerim*; Moreira de Azevedo, Pinheiro, Macedo e Joaquim Norberto, *Urucumirim*.

do Flamengo, assim como mais para dentro da bahia a ilha de Paranápuam (8), e n'ellas se mantiveram, estreitando suas relações com os *Tamoyos*, e sem terem quem os incommodasse, durante outros seis annos (!).

Por esse tempo, os missionarios Nobrega e Anchieta faziam prodigios no Brasil com a sua palavra inspirada; e, tendo conseguido negociar a paz com os chefes indigenas da capitania de S. Vicente, entendeu o governo que era a occasião mais azada para se tratar da completa expulsão dos francezes do Rio de Janeiro e de fundar a cidade como o aconselhára Thomé de Souza; e, n'esse intuito, enviando Estacio de Sá com alguns reforços a seu tio Men de Sá, ordenou a este que auxilasse efficazmente tal empreza.

Chegando Estacio ao Rio de Janeiro, em Março de 1565, e verificando não ter forças sufficientes para desalojar o inimigo, forte como se achava, desembarcou a sua gente logo á entrada da barra, no porto de Martim Affonso, estabelecendo perto a *Villa Velha* (9), cobriu sua posição com trincheiras, e ahi se manteve perto de dois annos, combatendo sem cessar, ora com navios francezes que demandavam a entrada, ora com numerosas canôas tripoladas por indios; até que Mem de Sá, conhecendo os

(8) Alguns escrevem *Paranápucui*; outros, como Magalhães, *Parnapicuhy*; Joaquim Norberto, *Paranápuçuhy*; Januario, *Paranamápucui*; mas parece ter razão Varnhagen escrevendo *Paranápuam* (ilha do mar) que designa bem essa ilha (hoje do Governador), situada no lugar em que a bahia tem maior largura; e era muito facil com a má letra antiga tomar a terminação *am* por *cui*.

(9) A maior parte dos autores opinam que a *Villa-Velha* fundada por Estacio era situada na praia entre o Pão de Assucar e a ponta de S. João; outros, que era no local em que está hoje a escola militar; Varnhagen, na nota 78 do 1º tom. da *Historia Geral do Brasil*, apresenta as razões que tem para suppôr que foi na praia, hoje da Saudade, conhecida outr'ora por *Porto de Martim Affonso*,

apertados transes, em que se achava seu sobrinho, reuniu toda a força que lhe foi possivel, e em 18 de Janeiro de 1567 chegava á barra com 5 galeões e 6 caravellas, resolvendo-se desde logo um ataque geral para o dia 20, afim de alcançarem o soccorro de S. Sebastião, padroeiro da cidade.

Com effeito, no dia 20, depois da missa e orações do costume (porque então, mais ainda do que hoje, se acreditava que o Deus da paz e da concordia favorece os odios e as guerras humanas) foi accommettido o entrincheiramento de Uruçumirim, travando-se medonho combate, que só terminou depois de prodigiosos feitos de bravura, não escapando com vida um só francez ou tamoyo; pugna horrorosa, de que tentaram dar idéa os nossos poetas Durão e Magalhães nas seguintes e bellas linhas de seus poemas:

Parte do vasto monte envolta em chamma
A cinza cobre o céo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama;
E o mortal espantado e tremebundo
Crê que o céo caia e que se funda o mundo.
(*Caramurú*, canto 8º, est. 52).

Trava-se horrenda e se encarniça a luta,
Roncam bombardas, arcabuzes troam,
Balas e flechas pelos ares zunem,
Ninguem cede em valor ao seu contrario,
E no ardor de matar, ninguem se guarda.
(*Confederação dos Tamoyos*, canto 10º.)

e talvez com maior energia ainda, é ella descripta pelas seguintes palavras do nosso historiador Rocha Pitta:

« Exitado do valor, pelejaram tambem os elementos: o fumo e as settas tinham occupado o *ar;* as balas e o estrondo levantavam as *ondas;* tremia a *terra* na contingencia de quem a havia de possuir; o *fogo* achava varias materias em que arder: tudo era horror. »

Sem tomar repouso, e seguindo logo após contra as trincheiras da ilha de Paranapuam, assestaram a artilharia, e depois de a baterem por algum tempo, é ordenado o assalto; Estacio dá o exemplo da coragem, combatendo á frente dos seus, até que mortalmente ferido por uma flecha no rosto,

> Caindo o heroe, na espada, que conserva,
> Adora humilde a cruz e perde a falla;
> Banha-se em sangue o chão e em tanta gloria
> Regada a terra produziu victoria.
>
> (*Caramurú*, canto 8º, est. 57).

e d'esta sorte as flechas, que ornam o escudo da cidade, tornaram-se mais expressivas, pois que a um tempo commemoram os soffrimentos do seu padroeiro e do seu primeiro fundador.

« Nunca houve guerra, diz o historiador Southey, em que, se empregando tão poucas forças de parte a parte, se obtivesse tão importantes consequencias. Menos energico fôsse Mem de Sá, ou Nobrega menos habil, e esta cidade, hoje capital do Brasil, seria franceza e não portugueza. »

A derrota dos guerreiros *Tamoyos* trouxe a triste necessipade de abandonarem, com suas familias, as margens da sua querida Guanabara. « Tudo fugiu (diz o illustre autor da *Memoria sobre os aldêamentos*), ou tudo caminhou errante pelas brenhas; as mãis com os filhinhos ao cólo, os homens carregados de suas armas e utensilios ao susurro mysterioso do maracá, e proseguiram de sul para norte, procurando, como os *Tupinambás*, as mesmas veredas que haviam trilhado seus antepassados. Esses restos de tão valente tribu, que defenderam até o ultimo esforço a sua bella Guanabara, com a sua bahia escondida, a terra invejada do Carioca com a sua fonte poetica, repleta de tradições e de reminiscencias de seus bardos, ou fugiram, ou tiveram de

aceitar a paz com a unica condição da conservação da vida! »

Varrido de inimigos todo o territorio, Mem de Sá, reconhecendo a impropriedade do local para assento da cidade, resolveu transferil-a mais para o interior, encostada ao monte de S. Januario, onde o ancoradouro era abrigado pelo pontal, que depois se chamou do Calabouço; para defendel-a começou os fortes de Nossa Senhora da Guia e de S. Theodosio, na entrada da barra, os de S. Thiago e de Santa Cruz, nos flancos da nova cidade, onde hoje estão o arsenal de guerra e a igreja da Cruz; e tendo de acudir ao seu governo geral na Bahia, deixou como 2º governador do Rio de Janeiro a outro seu sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, que já era vantajosamente conhecido por sua capacidade e serviços (10).

Empenhado em dar todo o impulso á nascente cidade, promovendo as construcções, estabelecendo os jesuitas (preciosos na cathequese) no primeiro templo christão, edificado no Castello, e animando a lavoura com o assentamento do primeiro engenho na ilha, que, por ser de sua propriedade, ficou se chamando do *Governador*, teve ainda Salvador Corrêa de sustentar por algum tempo rudes combates, com navios francezes e com canôas de indios ferozes (11);

---

(10) No primeiro numero do *Ostensor Brasileiro*, o distincto escriptor José Albano Cordeiro tentou demonstrar, que fôra Estacio e não Mem de Sá, quem transferiu a cidade para o novo local. Além de ser essa proposição contraria ao que affirmaram Laet, Pisarro, Duarte Nunes, etc., é razoavel acreditar, que essa transferencia se effectuasse, quando já não haviam inimigos de permeio, na praia do Flamengo e immediações; e, portanto, depois do ferimento e morte de Estacio de Sá.

(11) Nas pags. 58 e 172 da *Memoria sobre aldeamentos*, por Joaquim Norberto, trata-se de dous d'esses combates navaes; e para solemnisar uma d'essas victorias foi instituida uma festa a S. Sebastião,

sendo em seus trabalhos lealmente coadjuvado pelo heroico Martim Affonso Ararigboia, chefe dos *Temiminós*, o qual, fixando o seu aldêamento na praia fronteira, junto ao morro de S. Lourenço, d'ahi, qual aguia vigilante, estava prompto, dia ou noite, a cahir sobre os inimigos da cidade; prestando serviços tão notaveis, que mereceu do Rei um vestido de seu uso e o habito de Christo, distincções então da maior valia (12).

Em consequencia dos successos referidos, melhor informada a metropole ácerca da posição do Rio de Janeiro, reconheceu, que o ponto era optimo para séde de um governo mais importante; e como fallecesse Mem de Sá pouco depois, em 1573, ficou o governo geral do Brasil dividido em dois, tendo o do sul por assento a nova cidade; divisão ephemera, pois que, no fim de quatro annos, considerações politicas fizeram voltar tudo ao antigo estado.

---

com a denominação de *festa das canôas*, a qual, diz Fr. Agostinho de Santa Maria (*Sanctuario Mariano*), ainda se realizou no anno de 1713. V. *Corogr. Hist. de Mello Moraes*, 1º—2ª parte, pag. 230.

(12) Varnhagen *Hist. Ger. do Brasil* (1º—256), affirma, que no Aterrado, antiga Bica dos Marinheiros, esteve a tribu de Martim Affonso Ararigboia. O conego Pinheiro (*França Antarctica*) contesta, visto concordarem todos os escriptores, que a aldeia indigena existio sempre em S. Lourenço, e ficar isso exuberantemente provado na *Memoria sobre os aldeiamentos*. Convém, porém, lembrar, que Gabriel Soares, tendo escripto seu *Roteiro Geral* em 1587 com alguma minuciosidade, é quem dá o nome de *Martim Affonso* ao esteiro, que vai ao Aterrado, não o confundindo com o *porto de Martim Affonso*, em que fundeou Martim Affonso de Souza em 1531. Ora, pelos documentos transcriptos na citada *Memoria sobre aldeiamentos*, vê-se, que, embora Antonio de Marins houvesse doado os terrenos de S. Lourenço ao Ararigboia e seus indios em 1568, elles só tomárão posse em 1573, e como não sabemos ao certo, onde assistirão elles durante os cinco annos de intervallo, é razoavel suppôr e concilia as differentes asserções, que a aldeia dos Temiminós antes de ser definitivamente assentada em S. Lourenço, occupára o local proximo do Aterrado, á beira da bahia e oeste da nova cidade.

D'ahi em diante foi progressivamente augmentando a população e importancia das duas margens fronteiras da bahia de Nitherohy; mas até o fim d'esse seculo os chronistas apenas podem destacar os seguintes factos:

1°.—O estabelecimento da Armação para a pesca das baleias, que infestavam a bahia, na ponta perto de S. Lourenço, a qual se ficou chamando da *Armação*. Não se sabe ao certo a data do seu principio; mas, uma provisão de 18 de Novembro de 1581, citada na *Memoria da fundação da cidade*, por Duarte Nunes, faz allusão a esse contrato.

2°.—A instituição da Santa Casa da Misericordia, a qual, teve modesto comêço por esforços do veneravel Anchieta, em 1582, por occasião da chegada da frota de 16 náos de D. Diogo Baldez, batida das tormentas desde o cabo de Horn, e que trazia com escorbuto a maior parte da gente. Essa santa instituição, que começou por um abarracamento na praia de Santa Luzia, foi adquirindo tão notavel incremento, que actualmente póde ser, pela sua opulencia, ordem e caridade, apontada como modelo de estabelecimentos d'essa natureza.

3°.—A desastrada morte do grande Ararigboia, que afogou-se casualmente nas aguas da bahia. Esse facto teve lugar, segundo a opinião geral, junto á ilha do Mocanguê-mirim, não longe de sua aldêa; entretanto o general Abreu Lima (*Historia do Brazil*) e o Dr. De-Simoni (*Gemidos poeticos*) indicam a ilha do Fundão, no lado opposto da bahia, perto da costa de Inhaúma. É desconhecida tambem a data d'esse triste successo, affirmando apenas Varnhagen (nota á pag. 256 do 1° tomo da *Historia Geral do Brasil*) que o valente chefe vivia ainda em 1587 (13).

---

(13) No *Anno Biographico* 1° 338, cita Macedo o facto de haver Ararigboia salvado das ondas o governador Salvador Corrêa, que cahira ao mar durante furiosa peleja travada em canôas. Não sabemos onde o

4°.—A edificação da ermida de Nossa Senhora do O', onde hoje está a capella imperial, em 1580; e das duas igrejas: de S. Bento, em 1589, no morro que limitava a cidade ao norte, e de Santa Luzia, em 1592, na fralda do morro de S. Januario; as quaes, com a de Santo Ignacio dos Jesuitas e a Sé Velha (hoje dos Barbadinhos), elevadas no mesmo morro com a fundação da cidade, começaram a série de templos catholicos, que, d'ahi em diante, foram levantados em muitos montes e enseadas da bahia.

5°.—A chegada da esquadrilha de circumnavegação do almirante hollandez Van Noort, a qual, demandando em 1599 a barra, foi obrigada a retroceder, por ter soffrido vivo fogo dos fortes de Nossa Senhora da Guia e de S. Theodosio; procedimento este que se justificava com a desconfiança, que causava então a bandeira hollandeza, e com o receio, que havia em todo o Brasil, de expedições de piratas, como as de Cavendish, em Santos, em 1591, e Lancaster, no Recife, em 1594.

O seculo XVII nenhum acontecimento trouxe, que perturbasse o gradual augmento do Rio de Janeiro, o que permittiu aos pacificos habitantes das margens da bahia irem dando livre curso aos sentimentos religiosos, que os animavam, bem como provendo a seus meios de defesa; e por isso, ao passo que faziam prosperar sua lavoura e nascente commercio (14), não se descuidavam de

---

illustre escriptor colheu esse facto; mas se assim foi, o valente indigena, menos feliz do que o seu amigo, não encontrou em igual transe quem lhe prestasse igual soccorro.

(14) Infelizmente essa lavoura e esse commercio tiverão para os auxiliar o trafico dos Africanos, concedido pelo governador Rui Vaz Pinto, no periodo de 1611 a 1620, a seu parente Duarte Vaz; chaga horrivel que tão tristes consequencias devia produzir no desenvolvimento futuro do paiz, e influir poderosamente até na indole e costumes de uma longa serie de gerações.

levantar nos diversos montes, enseadas e ilhas, templos em honra de seus padroeiros particulares. Foram assim surgindo: o de S. Christovão, na praia do seu nome, e o de S. Lourenço, no aldêamento dos indios em 1627; o da Santa-Cruz dos Militares, nas ruinas do antigo forte, em 1628; o de S. Gonçalo, acima de S. Lourenço, em 1645; o de Nossa Senhora do Carmo, hoje Ordem Terceira, em 1648; o de Nossa Senhora da Piedade, no fundo da Bahia, em 1650; o de S. Domingos da Praia-Grande, em 1652; o de Nossa Senhora da Conceição, hoje Palacio Epi-copal, em 1655; o de S. João Baptista na praia de Icarahy, em 1660; os de Nossa Senhora da Bôa-Viagem e Nossa Senhora da Conceição de Nithorohy, em 1663; o de Nossa Senhora do Livramento, entre o Vallongo e Saude, em 1670; o de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro, em 1671; o de Nossa Senhora da Ajuda, entre o precedente e Santa Luzia, em 1674; o de Nossa Senhora da Guia e Santa Margarida de Pacobahyba, em 1690; o de S. Francisco Xavier da Jurujuba, em 1696; o de S. Roque, na ilha de Paquetá, em 1697; e os de Nossa Senhora de Nazareth e Nossa Senhora da Conceição da Ilha do Governador, bem como o de Nossa Senhora da Luz de Itaoca, cujas datas não são bem conhecidas.

Mas, embora confiassem esses habitantes na poderosa protecção de seus santos, iam tambem, como lhes aconselhava a bôa prudencia, fortificando a barra e preparando-a para uma defensiva energica contra qualquer invasor; pois que, além da constante ameaça dos hollandezes, que, desde 1616, procuravam occupar parte do Brasil, chegando a ser senhores das capitanias do Norte durante 30 annos, nunca tinham de todo adormecido nos ambiciosos francezes, os antigos sonhos de Villegaignon e de La-Ravardière, bem como de aventureiros inglezes; e tudo isso indicava

aos fluminenses a necessidade de se acautelarem, o que elles fizeram construindo baterias em Santa-Cruz, S. Theodosio, Villegaignon, Gragoatá, S. Sebastião, S. Januario do Castello e S. Thiago (actualmente arsenal de guerra); mas, como os recursos eram limitados, essas obras ora ficavam interrompidas, ora avançavam um pouco, precisando para isso que a população concorresse com dinheiro e escravos para o trabalho, em cujo serviço muito se distinguiu sempre a Ordem benedictina, que quasi no fim d'esse seculo, em 1696, cedeu parte do terreno do seu mosteiro, para o estabelecimento de um arsenal de marinha (15).

Bem cedo mostraram os factos quão acertadas eram essas medidas de segurança.

Em 1710 o governador Castro Moraes teve aviso de que uma expedição franceza seguira com destino ao nosso porto, e em consequencia foram tomadas as medidas para bem receber a frota inimiga, que com effeito a 17 de Agosto apresentou-se em frente á barra com bandeira ingleza. Não conseguindo entrar, pelo vivo fogo que lhe dirigiu o forte de Santa-Cruz, fundeou ao largo e na manhan seguinte fez-se de vela para o sul, depois de aprisionar uma sumaca, que vinha da Bahia. Chegando á Ilha Grande a 20, simulou por alguns dias o desembarque em varios pontos da costa, até que a 11 de Setembro effectuou-o na Guaratiba e começou a marcha por terra contra a cidade.

---

(15) V. *Annaes do Rio de Janeiro*, tom 5º, — *Tombo da Camara Municipal*, pag. 28 — *Memorias Historicas*, de monsenhor Pizarro, tomo III.

Esses serviços dos habitantes derão origem á Lei de 6 de Junho de 1647, que conferio o titulo de *Leal* á cidade do Rio de Janeiro, documento que se acha transcripto no tomo 7º da citada obra de Pizarro e no qual se enumerão outros serviços prestados pelos fluminenses até ás necessidades da propria metropole.

Não entra em nosso plano a narração do combate travado em 19 nas ruas da cidade, d'onde resultou a capitulação e prisão do general francez Duclerc e 600 companheiros, ficando mortos cerca de 400, que, com aquelles, compunham o total da expedição; diremos apenas, que, dois dias depois, a 21 (16), appareceu á barra a esquadrilha, suppondo talvez encontrar a cidade em poder de Duclerc; mas reconhecendo o seu engano quiz tentar algumas represalias, sendo dissuadido pelo proprio general prisioneiro, que escreveu ao chefe fazendo-lhe vêr o máo successo da empreza e rogando-lhe que seguisse para a França, a dar conta da situação em que se achavam elle e seus companheiros.

Grande sensação causou em França a noticia d'esse desastre, aggravado seis mezes depois com a do assassinato do general francez, em 18 de Março, quando, embora prisioneiro, se lhe concedêra a cidade por menagem (17);

---

(16) Não são uniformes os diversos escriptores na designação do dia, em que se deu esse facto. Balthazar Lisbôa (*Annaes*, tomo 5º), refere que a esquadrilha chegou á barra no mesmo dia do combate a 19. Rocha Pitta (*Historia da Amer. Portugueza*, livro 9º), diz que fôra no 5º dia depois do combate, isto é, a 24; versão esta que foi seguida por Duarte Nunes e Southey; acreditamos, porém, que foi a 21 conforme asseverão Pizarro e Varnhagen nas suas obras.

(17) Ferdinand Denis e Beauchamp, nas suas *Historias do Brasil*, dizem, que Deuclerc morrêra no combate de 19 de Setembro, *assassinado no momento em que se rendia*. Na 1ª traducção da obra de Denis, por Henrique Bellegarde, em 1831, lê-se que o chefe francez fôra assassinado *poucos dias antes do combate*; mas na obra do mesmo Denis *Le Brésil*, impressa em 1837, assim como na 4ª edição daquella pelo mesmo Bellegarde, em 1855, refere-se que o assassinato tivera lugar *alguns mezes depois*, o que concorda com documentos, que existem, demonstrando ter sido a 18 de Março de 1711.

Quanto ao motivo do crime, ainda hoje não é conhecido, attribuindo-o alguns á uma conspiração em que elle se envolvêra, outros a um desforço pessoal originado por assumptos de honra de familia.

associando-se então ás idéas de vingança a esperança do lucro, o almirante Duguay Trouin, auxiliado pelo governo, preparou em differentes pontos uma poderosa esquadra de 17 navios de alto bordo, bem armada e equipada, e fez-se de vela para o Brasil.

Debalde fez o governo portuguez sahir um navio com a noticia ao governador do Rio de Janeiro, ao qual com antecedencia enviára o chefe Gaspar da Costa com quatro náos de reforço e ordem para fechar com cadêas de ferro a entrada da barra (18); debalde um outro aviso o prevenira de Cabo-Frio, que se avistava uma esquadra ao norte; o governador Castro Moraes, confiado na bôa fortuna que tivéra o anno anterior, e considerando anti-economico manter guarnição nas fortalezas, conservou estas de tal sorte desapercebidas, que, em 12 de Setembro, Duguay Trouin, ajudado pela maré, pelo vento, pela cerração, e, mais que tudo, pelo abandono dos fortes e inercia da esquadra de Gaspar da Costa, entrou a barra a seu salvo e foi fundear entre a ilha das Cobras e o morro da Armação (19).

---

(18) V. A *França Antarctica*, pelo conego Pinheiro, publicada na *Revista Trimensal*, tomo 22, 1859. O marquez de Lavradio tambem lembrou-se d'esse meio de defeza em 1776, quando receiou o ataque de D. Pedro Cevallos (*Os Ultimos Vice-Reis*, pelo conego Pinheiro *Revista Trimensal*, 1865.)

(19) Nas *Memorias de Duguay Trouin* á pag. 167, affirma-se, para dar lustre á façanha, que as fortalezas em grande numero, rompêrão *vivissimo fogo* contra os invasores, mas a verdade historica é a seguinte: Quando Duguay Trouin entrou no Rio de Janeiro, a fortaleza de Santa-Cruz, a mais importante da barra, estava guarnecida por *tres artilheiros* (!) e assim as outras, com excepção da de Villegaignon, que, mal armada e sem um paiol conveniente, depois de alguns tiros ficou inutilisada por uma explosão, que soffreu. V. *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 5º; *Memorias Historicas*, de Pizarro, tomo 1.º

Corramos um véo sobre a triste catastrophe testemunhada por nossa soberba bahia, e que cobriu de luto a bella cidade de S. Sebastião e as paginas de sua historia, devida á cobardia ou traição do governador, que, sem resistencia e sem esperar reforços que lhe dariam a victoria, entregou o posto honroso, que se lhe confiára. Fiquem-nos como lição, que nos sirva para o futuro, as enormes consequencias, que podem provir para o credito de um povo e de uma nação, das irreflectidas economias feitas por um administrador sem criterio ; e recordemos, como tenue consolação, o heroismo do valoroso Bento do Amaral, que, certo de não ser sustentado, preferiu perder gloriosamente a vida com seus 20 estudantes, batendo-se contra 300 francezes, a assistir á ignominiosa capitulação e resgate do berço de seu nascimento. Como contraste entre a fama do benemerito e a ignominia do traidor ou pusillanime, recordemos ainda a prisão perpetua em uma fortaleza na India, que soffreu Castro Moraes, além da nodoa eterna em sua memoria, o ataque de loucura que desde esse dia inutilisou o almirante Gaspar da Costa (20), bem como a condemnação de outros officiaes de elevada patente que subscreveram á deshonrosa capitulação.

Depois da proeza que a França tanto exaltou como gloriosa para suas armas (mas que, como o confessou o proprio Duguay-Trouin, cara lhe sahiria a empreza, se encontrasse um general e não um cobarde), demorou-se a esquadra franceza na nossa bahia durante dois mezes, e, seguindo para a Europa, experimentou perto dos Açores um furioso temporal, no qual perdeu parte da sua

---

(20) Encontramos esse facto, de haver enlouquecido o almirante portuguez, que aliás gozava da reputação de valente, na já citada *Memoria* de Duarte Nunes, transcripta no I° tomo da *Revista do Instituto*.

preza (21). O almirante francez e seus officiaes souberam captar as sympathias dos fluminenses, e ao despedirem-se saudosos, affirmaram, que voltariam brevemente, dito este salutar, pois, com o receio, mais attenção prestou a metropole ao Rio de Janeiro, mandando guarnecer melhor as fortalezas, reforçar a do Castello e começar as da Lage e ilha das Cobras.

« A partir d'esta época (diz Ferdinand Denis), e como « compensação a tantos desastres, uma serie de circum- « stancias contribuiu para o accrescimo de prosperidade « do Rio de Janeiro; como a abertura de uma nova es- « trada de Minas a S. Paulo, que attrahiu para o seu « porto as ricas mercadorias, que iam para Santos, a des- « coberta das minas do Tijuco, a construcção do magnifico « aqueducto, a activa influencia do Marquez de Pom- « bal, etc. »

Que o progresso do Rio de Janeiro não foi alterado com os successos de 1710 e 1711, attesta-o ainda o seguinte trecho de uma obra classica, *Os portuguezes na Africa, Asia, America e Oceania*, tomo 7°:

« Em 8 de Outubro de 1712, entrou á barra de Lisbôa « uma fróta do Brasil, composta de 70 navios comboiados « por alguns de guerra, trazendo 60 milhões de cruzados. Foi « uma das frótas mais ricas, que chegaram ao Tejo, e, além « da riqueza que trouxe, confirmou a noticia de que no « Rio de Janeiro se tinham reparado os damnos soffridos « pela invasão franceza. »

---

(21) O historiador Southey refere, que Duguay Trouin projectava tambem ir assaltar a Bahia, sendo impedido por ventos contrarios; não podendo demorar-se por mais tempo, seguio para o norte, mas foi assaltado por medonha tempestade, que lhe arrebatou tres navios ricamente carregados e o seu amigo e immediato Courserau, que servira de piloto e muito se distinguira para o bom exito da empreza.

E, para corroborar esta asserção, consulte-se outras paginas da mesma obra, na qual se mencionam os opulentos carregamentos, que eram constantemente enviados do Brasil, e especialmente do Rio de Janeiro, inundando de ouro e productos preciosos o territorio da metropole; e esta, insaciavel sempre, poucos annos depois ainda lhe lançou o tributo annual de 28 contos, durante 20 annos, para donativo das bodas dos principes; e, logo que findaram estes, outro tributo de mais 4 por cento sobre os direitos e dizimos durante 30 annos (mas que foi muito além) para a reconstrucção da cidade de Lisbôa, arruinada pelo terremoto de 1755 (22).

Gradualmente foi o Rio de Janeiro adquirindo superioridade sobre os outros pontos do Brasil e attrahindo as vistas dos navegantes e exploradores, que tanto illustraram o seculo XVIII; e as relações d'estes, a começar pela do proprio Duguay-Trouin, o foram tornando mais conhecido e indicando-o como o centro entre a Europa e o Novo-Mundo, até que a famosa questão da colonia do Sacramento, fazendo sobresahir a vantagem da sua posição, aconselhou a que o governo de Lisbôa, em 1763, transferisse a séde do vice-reinado para a cidade situada á margem da esplendida bahia, firmando d'esta sorte a sua supremacia sobre qualquer outra localidade da vastissima região da America Portugueza.

Em o periodo decorrido desde esse anno de 1763 ao fim do seculo, alguma cousa se fez na nossa bahia em relação á defesa de sua entrada, como fôssem o augmento de quasi todas as fortalezas, a construcção da do Pico e varios

---

(22) Varnhagen calculou, que o Brasil concorreu para a reconstrucção de Lisbôa com a importancia de tres milhões de cruzados. V. *Historia Geral do Brasil*, 2ª, 165 e 475.

fortins de fachinas na Prainha, Moura e Gloria, dos quaes nenhum vestigio resta; edificou-se além d'isso a casa do trem (origem do arsenal de guerra), o deposito de polvora na ilha das Pombas, e a casa dos governadores, hoje paço imperial; quanto, porém, ao que se refere ao embellezamento e commodidade do povo, apenas se póde mencionar o antigo caes do largo do Paço, destruido em 1841; o terraço do Passeio Publico e o chafariz do mesmo largo do Paço, do Moura e do caes da Gloria.

É que n'esses tempos, o commercio, as artes, a industria, a sciencia e mesmo as idéas, não se podiam expandir livremente, por se acharem peadas por leis compressoras, dictadas pelo medo e pela cobiça da metropole, estando a ellas sujeitos até os viajantes, que por amor ás siencias emprehendiam longas excursões (23). Só o que tinha plena licença de crescer e estender-se sem limites, era o que dizia respeito ao culto catholico romano, cujo espirito de obediencia passiva, auxiliado poderosamente pelos horrores da inquisição, muito coadjuvava o governo da metropole; e isso explica a razão

---

(23) Netscher, no fim da obra *Os Hollandezes no Brasil*, diz, que ao almirante Roggewein, em 1721, foram até negados os refrescos de que carecia a sua esquadra de exploração.

Lêa-se o que na relação de sua 1ª viagem de circumnavegação conta o celebre capitão Cook, que lhe succedera no Rio de Janeiro em 1768, e dos vexames que lhe fizera soffrer o vice rei Conde de Azambuja; e bem assim a carta ao conde da Cunha, que se acha na *Revista Trimensal* de 1810, 2º trim., pag. 244.

Lêa-se tambem um officio de D. Diogo de Souza, capitão-general do Maranhão, em 12 de Outubro de 1800, ordenando que *fossem interceptados os meios de transporte e que se incommodasse a um tal barão de Humboldto que tentava fazer excursões pelos sertões do Estado*. officio que se encontra no 1º tomo 2ª parte pag. 74 da *Corographia Historica* de Mello Moraes.

porque, raro era o anno em que não viesse mais uma igreja ou capella augmentar o numero das que já semeiavam os morros, ilhas, e angras da bahia.

Foi assim que em 1704 edificou-se a igreja do Bom-Jesus dos Frades, na ilha da Caqueirada; em 1710 a de Nossa Senhora da Ajuda, na ilha do Governador; em 1711 a de Nossa Senhora da Conceição, na ilha do mesmo nome; em 1714 a reconstrucção da actual da Gloria do Outeiro; em 1734 a de Nossa Senhora da Penha de Irajá; em 1736 a de Santo Ignacio na ponta da Armação; em 1740 as de S. Francisco da Prainha e de Nossa Senhora dos Remedios de Mauá; em 1742 a de Nossa Senhora da Saude na Gambôa; em 1745 a de S. Francisco de Cruarà; em 1751 as de S. Pedro de Maruhy e de Nossa Senhora da Lapa, hoje convento dos Carmelistas; em 1752 a actual de Santa Luzia na praia do seu nome; em 1758 a do Senhor Bom-Jesus do Monte na ilha de Paquetá; em 1759 a de Nossa Senhora do Carmo da Ribeira, na ilha do Governador; em 1760 a de S. Lourenço do Cruará; em 1765 a capella e hospital dos Lazaros, em S. Christovão; bem como a de Santa Barbara no deposito de polvora da ilha das Pombas.

Além do que fica mencionado, os successos que podem interessar ao nosso assumpto, occorridos no seculo passado, limitam-se aos seguintes:

1.° A edificação da casa da alfandega, que teve lugar durante o governo de D. Alvaro da Silveira—1702 a 1705.(24).

---

(24) Assim o diz Duarte Nunes na *Memoria sobre a fundação da Cidade*, impressa na *Revista Trimensal do Instituto* tomo 21 pag. 59 É preciso, perém, observar que a pag. 114 diz o mesmo autor, que já em 1625 existia alfandega no Rio de Janeiro, segundo se deduz de uma provisão de Felippe IV, mandando isentar de direitos tudo o que fôr pertencente aos jesuitas.

2.º O incendio, dentro da bahia, de uma náo, que trouxéra de Macáo monsenhor Mezzabarba, patriarcha de Alexandria; facto que causou o prejuizo de muitos milhões aos negociantes portuguezes, por ser riquissimo o carregamento da mesma náo, segundo assevéra Rocha Pitta (*Historia da America Portugueza*, liv. 9, cap. 74).

3.º A visita de viajantes illustres, que, aqui aportando, concorreram com suas informações para se tornar mais conhecida a nossa bahia. Entre esses visitantes merecem especial menção: Roggewein em 1721, Byron em 1764, Bougainville em 1767, Cook em 1768, Parny em 1773, e o Dr. Staunton em 1797 (25).

4.º O embarque dos 199 Jesuitas nas náos *Senhora do Livramento* e *S. José*, no dia 20 de Março de 1760, por ordem do conde de Bobadella em execução da carta régia de 21 de Julho do anno anterior.

5.º A fundação do Arsenal de Marinha nas terras doadas pelos religiosos de S. Bento, começada pelo conde da Cunha em 1764, o qual mandou logo construir ahi a famosa náo *S. Sebastião*, embutida de ricas madeiras de

---

(25) *Jacob Roggewein*, hollandez, descobridor do archipelago do seu nome na Polynesia.

John Byron, navegador inglez, descobrio muitas ilhas nos mares da Oceania, uma das quaes tem o seu nome.

L. Antonio de Bougainville, celebre maritimo francez, illustrou seu nome na guerra da independencia americana e em uma viagem ao redor do mundo.

James Cook, intrepido navegante inglez, que immortalizou-se por suas tres viagens de circumnavegação, descobrindo o archipelago e o canal do seu nome, que separa ao meio a Nova-Zelandia.

Evaristo Parny, official francez e poeta conhecido por *Tibullo francez*.

Jorge Staunton, medico e viajante irlandez, que percorreu toda a China e Tartaria como secretario do embaixador lord Macartney.

varias côres, obra rara e admiravel no seu genero (26). O Conde de Rezende tambem ordenou a fabricação da fragata *Princeza do Brasil* em 1794, e quatro annos depois creou a Intendencia Geral da Marinha.

Chegamos ao seculo XIX.

Em os primeiros annos o Brasil continuava a arrastar o pesado grilhão colonial, quando nas suas costas se fez sentir o refluxo causado pela quéda de varios thronos do velho mundo, impellidos pela mão omnipotente do primeiro Napoleão. Com o systema adoptado pela metropole portugueza, de falta de publicidade dos acontecimentos, eram quasi inteiramente desconhecidos entre nós os factos extraordinarios acontecidos na Europa, em o fim do seculo passado e principio d'este, quando, no dia 14 de Janeiro de 1808, entrou a barra do Rio de Janeiro o brigue de guerra *Voador*, trazendo a mais inesperada e auspiciosa das noticias: *a Familia Real embarcára no Tejo, com destino ao nosso porto!* o que em outras palavras queria dizer: approxima-se a terminação do captiveiro; a libertação do commercio, das artes, da instrucção; a emancipação das idéas; o arrebol precursor da independencia; a fundação do Imperio Americano!

---

(26) Esta náo, de 74 canhões, teve a principio o nome de *Serpente* e é aquella de que faz menção José Bazilio da Gama no canto 3º do seu *Uruguay*, e a que no acto de ser lançada ao mar mereceu do mesmo poeta o bello soneto, que se encontra no 1º tomo do *Parnazio Brasileiro* Essa mesma náo é a que foi a Leorne em 1817 buscar a primeira Imperatriz do Brasil, sendo nesse anno vista por Freycinet. (V. *Voyage de l'Uranie*, tomo 1º) que affirma ser ella ainda nova apezar de seus 50 annos.

« Successo admiravel, que veia inverter completamente « a antiga ordem entre Portugal e Brasil ! (diz o Abbade « de Pradt em uma de suas obras) Duas novas combina- « ções se formaram logo entre Portugal tornado colonia e « o Brasil tornado metropole ; entre o Brasil aspirando a « conservar o rei e Portugal esforçando-se em recuperal-o ; « entre o Brasil vivificado e enriquecido pela presença do « soberano e Portugal humilhado e empobrecido por sua au- « sencia. »

Foi justificado pois, o verdadeiro jubilo de que se possuiu toda a população com tal acontecimento ; e, se não originou no Rio de Janeiro uma festa estrondosa e brilhante, como as que se realizam agora, houve uma de modestas proporções, mas onde, em compensação, expandiu-se a mais legitima e apreciada ventura ; podendo-se affirmar que foi esta a primeira festa do povo das margens do Guanabara, visto que as anteriores, por occasião da expulsão dos francezes em 1710 e a transferencia da séde do vice-reinado, muito tiveram de officiaes e officiosas, ao passo que na de 14 de Janeiro de 1808, irradiava a verdadeira abundancia de coração pelo presentimento dos dias felizes que iam raiar, como eloquentemente o disse o grande Monte-Alverne nas seguintes phrases de um de seus monumentaes sermões :

« A chegada do Principe Regente ao Brasil foi sau- « dada como presagio de sua grandeza e da sua futura « independencia. Os grilhões coloniaes estalaram, um a um, « entre as mãos do Principe, que a posteridade reconhecerá « por o verdadeiro Fundador do Imperio. As artes, a in- « dustria e o commercio floresceram á sombra do genio « creador d'este monarcha generoso, para quem o Brasil era « o sonho mais agradavel de sua vida. Tudo que o Brasil « possue em estabelecimentos de publica utilidade, teve

« n'elle origem. A sua acção protectora devia exercer nos « espiritos uma poderosa influencia. » (27).

E o povo, accrescentamos nós, de tal fórma parecia adevinhar tudo isso, que, no memoravel dia 8 de Março de 1808, ao avistar o Principe D. João, não pensou em victoriar a Rainha nem o Regente ; seu grito espontaneo e prophetico foi, como é sabido : *Viva o Imperador !*

Como não era difficil prever, a entrada do brigue *Voador* devia começar uma serie de acontecimentos notaveis para a nossa bahia ; e, com effeito, elles desde essa época tem sido tantos e tão variados, uns tendentes a augmentar a sua primazia, outros de simples interesse historico, alguns alegres, outros de triste recordação, que, se foramos dedicar embora poucas linhas de commemoração a cada um, muito além iriamos do plano, que nos impuzemos ; e por isso limitar-nos-hemos á singela enumeração d'esses successos, na ordem em que se deram :

1808.— 17 DE JANEIRO.

Entram a barra 4 náos e 2 fragatas portuguezas e 3 náos inglezas conduzindo parte da familia real portugueza e grande numero de fidalgos emigrantes.

1808.— 30 DE JANEIRO.

Morre afogado no ancoradouro dos navios de guerra o Capitão de mar e guerra D. Manoel de Menezes, commandante da náo *Martim de Freitas* (28).

---

(27) V. *Obras Oratorias* de Fr. Francisco do Monte-Alverne ; tomo 1º.

(28) O commandante D. Manoel de Menezes cahio ao mar na occasião, em que descia da náo *Rainha*, onde fôra em visita, para o seu escaler. Seu corpo, que appareceu no dia seguinte, sepultou-se com todas as honras na igreja da Misericordia.

Seu irmão D. Gregorio, Conde de Cavalleiros, teve quasi igual

1808. — 7 DE MARÇO.

Chegada do resto da esquadra portugueza conduzindo a rainha D. Maria I e o principe regente D. João.

1808.— 22 DE SETEMBRO.

Um cahique embandeirado trás as noticias do levantamento dos povos em Portugal, das victimas da Roliça e Vimieiro, da capitulação de Cintra e retirada do general Junot.

1810.

Uma commissão de officiaes de marinha levanta a planta hydrographica do porto do Rio de Janeiro, tomando por base das operações: uma extensa linha no campo de S. Bento, na ilha do Governador.

1814.

É recebida com muito regosijo a noticia da quéda do 1° Napoleão; restabelecimento dos Bourbons, e projecto de um congresso para a paz geral.

1815.

Chegam ao Rio de Janeiro o principe Maximiliano de Newieed e os sabios Freyriess e Sellow, que muito concorreram com seus trabalhos para tornar mais conhecido o nosso paiz.

1816.— 26 DE MARÇO.

No brigue *Calph* entram do Havre os artistas Lebreton, Grandjean, Debret, Augusto e Nicolau Taunay, Pradier e outros, contratados pelo Marquez de Marialva para fundarem a nossa Academia de Bellas-Artes.

---

sorte pouco tempo depois. Acompanhando a familia real á cascata grande da Tijuca, approximou se do logar da queda, e escorregando, foi seu corpo despedaçar-se no abysmo, levado pelo enorme impulso das aguas.

1816.— 30 DE MARÇO.

Chegada de 14 transportes conduzindo de Portugal a divisão de voluntarios reaes, commandada pelo general Carlos Frederico Lecor. Esta divisão seguio para o Sul no dia 12 de Junho seguinte.

1816.— 30 DE MAIO.

Entram da Europa o Duque de Luxembourg, embaixador do novo rei de França, e o celebre musico Newkomm, que ficou no Rio de Janeiro como director da orchestra da capella real.

1817.— 25 DE MARÇO.

Chega de Pernambuco o governador Caetano Pinto de M. Montenegro; com a noticia de haver arrebentado a revolução, e é logo recolhido preso incommunicavel á fortaleza da ilha das Cobras. Veio em uma escuna republicana com bandeira azul e branca.

1817.— 5 DE NOVEMBRO.

No meio de grandes festas entram a barra as náos *S. Sebastião* e *D. João VI* e fragata *Augusta* conduzindo de Liorne a princeza d'Austria D. Leopoldina, que cinco annos depois devia ser a nossa primeira Imperatriz. N'este mesmo anno de 1817 vieram os illustres Van Schreibers, Natterer, Pohl, Roque Schuch, Spix, Martius e Saint Hilaire, e Freycinet, pleiade de sabios, aos quaes muito deve o nosso paiz pelos seus estudos em todos os ramos da sciencia.

1820.

O Capitão Roussin, commandante da corveta *Bayadère*, procede a estudos e levanta a planta da bahia do Rio de Janeiro.

1820.— 12 DE NOVEMBRO.

Entra o brigue *Providencia* com a noticia da revolução constitucional em Portugal.

1821.— 26 DE ABRIL.

D. João VI, depois de uma tranquilla assistencia de 13 annos no Brazil, embarca com destino a Lisbôa, em 1 náo, 2 fragatas, 6 charruas e muitos transportes, nos quaes segue tambem grande numero de nobres, conduzindo em dinheiro uma quantia computada em 50 milhões de cruzados.

1822.— 15 DE FEVEREIRO.

A divisão portugueza do general Jorge de Avilez, que anteriormente fôra obrigada a passar da cidade para a Armação, onde esteve bloqueada pela fragata *Bahiana*, segue n'este dia para Portugal.

1822.— 9 DE MARÇO.

Chegada da expedição do Chefe de esquadra Francisco Maximiano (o outr'ora commandante do brigue *Voador*) trazendo o decreto ordenando que seguisse para Lisbôa o principe D. Pedro: decreto que veio apressar muito os acontecimentos relativos á Independencia do Brazil. Compunha-se de 1 náo, 1 fragata, 3 charruas e 2 transportes com 1,190 soldados sob o commando do coronel Antonio Joaquim Rosado.

1822.— 23 DE MARÇO.

Por ordem do mesmo principe regressa para Portugal a dita esquadra, á excepção da fragata *Real Carolina*, e 600 praças, que preferem ficar ao serviço do nascente Imperio.

1823.— 13 DE MARÇO.

Aporta ao Rio de Janeiro Lord Cochrane, 1° almirante

da armada brazileira, com outros officiaes inglezes, contractados no Chile para servirem na guerra da nossa independencia.

1823.— 7 DE ABRIL.

Acompanhada de geral enthusiasmo sahe a barra, com destino á Bahia, a esquadra do almirante Cochrane, composta da náo *Pedro I*, fragata *Piranga*, corvetas *Maria da Gloria* e *Liberal*, brigues *Real* e *Guarany;* seguindo poucos dias depois a fragata *Nitherohy* e corveta *Carolina*.

1823.— 23 DE JULHO.

É recebida com o maior jubilo a noticia de terem evacuado a cidade da Bahia o general Madeira com as tropas portuguezas.

1823.— 7 E 17 DE SETEMBRO.

Entrada e sahida do Marechal Luiz Paulino e do Conde do Rio-Maior, incumbidos de missões politicas que se mallogram.

1823.— 6 DE NOVEMBRO.

Entra do Maranhão a náo *Pedro I* commandada por Lord Cochrane, depois de ter causado enormes prejuizos á esquadra portugueza e auxiliado efficazmente a independencia no Maranhão.— O Imperador vai a bordo felicital-o, e tres dias depois assigna o decreto elevando-o a Marquez do Maranhão.

1825.— 18 DE JULHO.

Desembarca entre nós o plenipotenciario inglez Sir Charles Stuart, encarregado de reconhecer o novo Imperio por parte do seu governo, e medianeiro entre os de Portugal e Brasil.

1826.—24 DE NOVEMBRO.

D. Pedro I embarca para o Rio-Grande do Sul no intuito de activar a guerra contra a Republica Argentina, e volta a 15 de Janeiro por causa do prematuro fallecimento da virtuosa Imperatriz.—O Tenente Barral, por ordem do almirante Rosamel proc ede a estudos na nossa bahia e levanta a sua planta hydrographica durante o anno de 1826.

1827.—10 DE FEVEREIRO.

E creado o logar de commandante do porto do Rio de Janeiro; sendo supprimido um anno depois.

1828.—6 DE JULHO.

Reclamação e *ultimatum* apresentado pelo almirante Barão Roussin com referencia a navios francezes apresados durante a campanha do Rio da Prata.

1829.—17 DE JANEIRO.

Decreto estabelecendo a inspecção e visita de saude em todos os navios que aportarem ao Rio de Janeiro.

1829.—16 DE OUTUBRO.

Chegada da princeza D. Amelia de Leuchtemberg, 2ª Imperatriz do Brazil.

N'este mesmo anno é construido e começa a funccionar o pharol da ilha Rasa, para facilitar á noite, sem perigo, a entrada na nossa bahia.

1831.—7 DE ABRIL.

D. Pedro I, tendo assignado a sua abdicação ao throno, recolhe-se á náo ingleza *Warspite;* e no dia 13 segue para a Europa nas fragatas ingleza *Volage* e franceza *La Seine.*

1831.—7 DE OUTUBRO.

Sublevação do corpo de artilharia de marinha na ilha

das Cobras e outras fortalezas do nosso porto: vencida pelo corpo de officiaes voluntarios e corpo de municipaes permanentes, auxiliados por uma bateria no morro de S. Bento e alguns navios de guerra que rodearam a ilha.

1831.— 13 DE DEZEMBRO.

Regulamento do porto do Rio de Janeiro, marcando 3 ancoradouros: para os navios arribados ou em franquia, para os que esperão descarga, e os de embarcação á carga, o 1° entre Villegaignon, Bôa-Viagem, Trem e Gragoatá; o 2° entre as ilhas das Cobras e Enchadas; o 3° entre o trapiche do Sal na Prainha e a Saude.

1831.— 24 DE DEZEMBRO.

Aviso mandando desarmar umas e reduzir o armamento de outras fortalezas do mesmo porto.

1832.— 3 DE ABRIL.

Revolta de presos nas fortalezas de Santa Cruz e Villegaignon, que com 1 peça de artilharia desembarcam em Botafogo e marcham para a cidade, commandados pelo Major Miguel de Frias Vasconcellos.

1835.— 28 DE MARÇO.

A villa da Praia-Grande, na margem oriental da bahia, é elevada á categoria de capital da provincia do Rio de Janeiro com o nome de cidade de Nitherohy.

N'este anno inaugura-se a navegação a vapor entre as duas cidades fronteiras: 1° ensaio de navegação a vapor no Brazil.

1837.— 28 DE JULHO.

Perece afogado junto á ilha do Vianna o Conde de Gestas,

consul de França, estimado geralmente pelas suas virtudes e nobreza de caracter (29).

1839.— 9 DE JANEIRO.

Neste anno o Tenente Jehenne, por ordem do almirante Dupotet, levanta a carta da bahia.— Entra no nosso porto a barca de vapor *S. Sebastião*, 1ª da companhia brazileira formada por J. T. Thomas para communicar entre si as provincias do Imperio.

1839.—20 DE JANEIRO.

Chegada da esquadrilha de circumnavegação do commodore Wilkes, composta de 6 navios de guerra americanos, e uma numerosa commissão scientifica.

1840.— MAIO.

Começa a funccionar a carreira diaria entre a côrte e o rio Inhomerim, 1º ensaio de navegação fluvial a vapor entre nós.

1843.— 27 DE MARÇO.

Entra a fragata franceza *Belle Poule*, commandada pelo Principe de Joinville, que sahe novamente a 13 de Maio conduzindo a princeza brazileira D. Francisca, agora Princeza de Joinville.

---

(29) O Conde de Gestas, acompanhado por um creoulinho, voltava de uma das ilhas da bahia, onde fôra prestar soccorros a uma familia indigente; por um subito movimento da canôa, cahindo ao mar o pequeno, Gestas lança-se tambem á agua para salval-o, e é victima de sua generosa dedicação.

Justamente venerado por suas bellas qualidades, a elle deve o Rio de Janeiro, segundo affirma Freycinet (*Voyae de l'Uranie*, tomo 1º pag. 125) a introducção de varias frutas europeas, como o morango, a ameixa, a maçã e o abricot.

1843.— 3 DE SETEMBRO.

Chegam ao nosso porto as divisões navaes brazileira e napolitana, conduzindo a 3ª e actual Imperatriz do Brazil; tendo logar o desembarque no dia seguinte. Como official da esquadra vinha o Conde d'Aquila, que pouco depois casou com a princeza brazileira D. Januaria, então Princeza Imperial; e seguio para a Europa em 22 de Outubro do anno seguinte.

1843.— 2 DE OUTUBRO.

O porto do Rio de Janeiro é designado como centro da 1ª das tres estações navaes, em que é dividida a costa do Brazil.

1844. — 25 DE MAIO.

Horrivel catastrophe causada pela explosão da barca a vapor *Especuladora*, da carreira de Nitherohy, morrendo 70 passageiros e ficando outros tantos queimados e feridos.

1844. — 6 DE OUTUBRO.

Sahida de SS. MM. II. para visitarem as provincias do Sul.

1846.— 26 DE ABRIL.

Regresso de SS. MM. depois da mencionada visita.

1846. — 19 DE MAIO.

Data do regulamento das capitanias dos portos, que alterou algumas disposições particulares do Decr. de 17 de Janeiro de 1829 e Regulamento de 13 de Dezembro de 1831.

1847.

Por ordem do ministerio da marinha, o Capitão-tenente J. R. Delamare revê e corrige a planta hydrographica levantada em 1810.

1849.— 6 DE MAIO.

A náo portugueza *Vasco da Gama* entra no porto, desarvorada e rebocada pelo vapor de guerra *D. Affonso*, tendo soffrido dous dias de temporal junto das ilhas de fòra de barra.

1851.—14 DE JANEIRO.

Estabelece-se na praia da Jurujuba o hospital maritimo de Santa Izabel, para tratamento da maruja dos navios mercantes fundeados no nosso porto.

1851.—7 DE FEVEREIRO.

Chegada do paquete *Teviot*, o 1° da companhia de Southampton que inaugura a linha mensal com uma viagem de 29 dias.

1851.— 8 DE FEVEREIRO.

Explosão e submersão da galera franceza *Elise*, junto a Villegaignon, morrendo 10 passageiros e salvando-se cerca de 120, que estavam a bordo, com destino á California.

1852.— 29 DE AGOSTO.

Inaugura-se a estrada de ferro de Mauá, que facilita muito a communicação entre a côrte e a serra dos Orgãos, e é a 1ª estrada de ferro, que funcciona na America do Sul.

1852.— 20 DE SETEMBRO.

O vapor á helice *Brazileira* inaugura com uma viagem de 26 dias a 2ª linha transatlantica de paquetes entre Liverpool e o Rio de Janeiro.

1853.— JULHO.

A bella praia de Santa Luzia fica livre do matadouro, que a infeccionava e que é removido para o aterrado de S. Christovam.

1855.— DEZEMBRO.

É lançado na ponta da Saude o cabo submarino para communicar com o porto de Mauá; sendo esse o primeiro cabo telegraphico submarino empregado no Brazil e talvez na America do Sul.

1859.— 13 DE ABRIL.

Faz-se sentir na bahia o horroroso tufão, que começou ás 10 horas da noite, estendendo-se por toda a costa do sul até perto de Santos, onde se perde a charrua *Carioca* e outros navios do commercio.

1859.— 22 DE JUNHO.

Explosão nas obras do dique da ilha das Cobras, ficando 2 mortos e 38 feridos.

1859.— 1 DE OUTUBRO.

Sahida de SS. MM. II. para visitarem as provincias do Norte.

1860.— 11 DE FEVEREIRO.

Regresso de SS. MM. II. sendo recebidas com grandes festas.

1861.— 2 DE DEZEMBRO.

É inaugurado solemnemente o dique Imperial da ilha das Cobras, com a entrada da corveta *Imperial Marinheiro*.

1862.— JUNHO.

Começa o serviço da carreira de barcas Ferry para Nitherohy, com maior velocidade e commodo.

1862.— DEZEMBRO.

Conflicto *Christie*, que tem origem na intemperança de um aspirante da fragata ingleza *Forte*, e do qual resultão

represalias fór a da barra contra navios mercantes brazileiros e interrupção de relações diplomaticas entre o Brazil e a Inglaterra.

1863.— 22 DE JANEIRO.

Decreto extinguindo as estações navaes e creando tres districtos navaes, ficando o porto do Rio de Janeiro pertencendo ao primeiro, que se estende do rio *Chuy* ao *Itabapoana*.

1863.— 20 DE FEVEREIRO.

Desaba parte das obras hydraulicas da alfandega, executadas sob a direcção do engenheiro inglez C. Neate.

1863.— 11 DE MARÇO.

O Ministro Inglez Christie retira-se para Europa, depois de longa correspondencia diplomatica.

1863.

Em consequencia do referido conflicto durante este anno trabalha-se activamente para augmentar os meios de defeza das fortalezas da barra, que achavão-se em completo abandono.

1863.— 7 DE AGOSTO.

Desastre na fortaleza de S. João, pelo arrebentamento de um canhão, perante S. M. o Imperador, fazendo algumas victimas.

1864.— JANEIRO.

Collocação do cabo telegraphico para communicar a *Praça do Commercio* com a fortaleza de *Santa Cruz*.

1864.

Chegam da Europa os dous principes Conde d'Eu e

Duque de Saxe, que n'este mesmo anno são admittidos a fazer parte da Familia Imperial do Brazil.

1864.— 10 DE OUTUBRO.

Violento temporal, acompanhado de chuva de pedra, que faz sossobrarem dentro da nossa bahia, nove navios mercantes e tres falúas.

1865.— 10 DE JULHO.

S. M. o Imperador, recebendo a noticia da invasão do Rio-Grande do Sul pelos Paraguayos, parte como Voluntario da Patria, acompanhado do Duque de Saxe. O Conde d'Eu, que se achava n'essa occasião na Europa, chega a 19 do mesmo mez e segue para o Sul em 1 de Agosto.

1865.— AGOSTO.

Chega de Toulon o encouraçado *Brazil*, construido á custa da subscripção nacional promovida por occasião do conflicto Christie. Essa construcção foi um excellente serviço do ministro Delamare, pois que muito nos veio servir na campanha do Paraguay, depois de vencer-se a má vontade do governo francez, que só o deixou sahir de Toulon, mediante o reconhecimento do Imperio do Mexico, e grandes diligencias do Barão do Penedo.

1865.— 23 DE OUTUBRO.

Chegada do ministro inglez Thornton, que em 23 de Setembro na Uruguayana, reatou, por ordem do seu governo, as relações com o Brazil.

1865.— 9 DE NOVEMBRO.

O Imperador, de volta do Rio-Grande do Sul, depois da rendição da Uruguayana e anniquilamento dos invasores, é recebido no meio do maior delirio e gratidão dos Brazileiros.

1866.— 1 DE MAIO.

Entra embandeirado o vapor de guerra *Recife* com a noticia de haver o exercito alliado, com a maior felicidade, passado o Paraná e occupado a margem paraguaya.

1868.— 29 DE JULHO.

Inaugura-se na ilha do Bom-Jesus o Asylo de Invalidos da Patria, commandado pelo Tenente-coronel Manoel da Cunha Barbosa.

1869.— 15 DE FEVEREIRO.

Chega do Paraguay o Marquez de Caxias, vencedor do famoso quadrilatero de Itororó, de Avahy e de Lomas Valentinas, e tão modesto como heroico, desembarca á noite, para occultar-se a justas ovações.

1869.— 18 DE FEVEREIRO.

Chega do Paraguay o almirante Visconde de Inhaúma, o vencedor de Curupaity e Humaitá; é recebido quasi moribundo e fallece poucos dias depois.

1870.— 18 DE MARÇO.

Entra o vapor *Tycho-Brahe* com a noticia da victoria de Aquidaban, morte de Lopes e a tão almejada terminação da guerra do Paraguay.

Durante os mezes de Abril a Julho, chegárão (em 30 de Abril, no vapor *Galgo*) o principe Conde d'Eu, o vencedor do Paraguay na ultima e difficil phase da campanha; bem como os batalhões de voluntarios e de linha, sendo todos recebidos com enthusiasmo, tornando-se notavel a grande illuminação e fogo de artificio na linda enseada de Botafogo.

1871.— 25 DE MARÇO.

O Imperador e a Imperatriz partem para a Europa; primeira vez que Sua Magestade sahe do Imperio.

1872. — 30 DE MAIO.

Regresso de Suas Magestades Imperiaes.

1873.— 27 DE MARÇO.

Desmoronamento das officinas de carapinas e correeiros do arsenal de marinha por causa de grandes chuvas, ficando 16 mortos e 70 feridos.

1873.— 12 DE JULHO.

Do arsenal de marinha é lançada ao mar a corveta *Trajano*, 1ª do systema novo do constructor Brazileiro d'esse nome.

1874.— 10 DE OUTUBRO.

Inauguração do dique Santa Cruz na ilha das Cobras.

1876.— 26 DE MARÇO.

Sahida de SS. MM. II. para os Estados-Unidos afim de assistirem á grande Exposição Internacional.

1877. — 28 DE ABRIL A 1 DE MAIO.

O general Osorio, Marquez do Herval, vindo ao Rio de Janeiro tomar assento no senado, é recebido enthusiasticamente: havendo grande festa em Botafogo, logar de sua morada.

1877.— 26 DE SETEMBRO.

No vapor *Orenoque* entrão SS. MM. II., depois de haverem realizado nos Estados-Unidos, Europa e parte da Asia uma viagem extraordinaria pela extensão e numero de sitios visitados.

1879.— 30 DE JULHO.

Chega da Europa o Visconde do Rio-Branco, e é recebido com fervoroso enthusiasmo.

1879.— 16 DE NOVEMBRO.

Imponente prestito funebre trasladando, com assistencia do Imperador, o cadaver do General Osorio, da capella do arsenal de guerra para o Asylo de Invalidos.

1880.— 7 DE FEVEREIRO.

Pavoroso incendio na praia de Santa Luzia, no qual morrem 21 pessoas, e ficão destruidas 16 casas. É o mais desastroso do Rio de Janeiro.

1880.— 13 DE JUNHO.

Esplendida festa maritima com regatas, fogos de artificio e illuminações *á giorno* na praia de Botafogo, para solemnisar o 3°. Centenario de Çamões.

1880.— 18 DE JULHO.

Recepção festiva do maestro brasileiro Carlos Gomes, o laureado compositor do *Guarany*, *Salvator Rosa*, *Fosca* e *Maria Tudor*.

1880.— 29 DE SETEMBRO.

Na camara do vapor de guerra *Amazonas* é inaugurado solemnemente o retrato do almirante Barroso, vencedor do Riachuelo: estando presente o bravo heróe da festa, alquebrado pela fatal cegueira, mas commovido pela homenagem, que lhe prestavão seus irmãos d'armas.

1880.— 6 DE NOVEMBRO.

O vapor italiano *Pampa* carregado de couros, lan e café, incendeia-se no ancoradouro da Gambôa.

1881. — MARÇO.

Dous nadadores de Nitherohy, o Allemão Theodoro John e o Brazileiro Joaquim de Souza, atravessão a nado a nossa bahia: da primeira vez, da ponte de S. Domingos ao cáes Pharoux, chegando Souza em primeiro logar; dahi a dias este só, vai de S. Domingos ao morro da Viuva, fazendo o trajecto em 4 horas; posteriormente o primeiro vai da ponta da Armação á praia da Saudade.

1881.— 15 DE OUTUBRO.

Regulamento sanitario para o porto do Rio de Janeiro.

III

SUAS SINGULARIDADES

Antes de f zer uma descripção da bahia, seja-nos permittido apontar aqui seis singularidades, as quaes, além das propriedades muito conhecidas de sua vastidão, segurança, belleza, afortunada posição geographia, etc., como que fazem acreditar, que, na occasião de ser formada com o resto do mundo, a bahia do Rio de Janeiro mereceu especial benevolencia do seu Omnipotente Creador.

Essas singularidades, das quaes quatro se podem verificar pela inspecção de uma planta hydrographica, e as outras duas são observadas por todos os navegantes, que demandam a barra, são as seguintes:

1ª *singularidade*:

A sua fórma geral, que é a de um triangulo de lados irregulares, representa tambem em menor escala a configuração de todo o Imperio. Esta estranha particularidade

já foi reconhecida pelo illustrado Varnhagen, que, apontando-a na pagina 249, 1° tomo de sua *Historiageral*, accrescenta :

« . . . e não faltarão fatalistas que em tal fórma vejam alguma mistificação. »

Com effeito, quem quizer certificar-se de tão curiosa circumstancia, não tem mais do que tomar uma carta da bahia do Rio de Janeiro e um mappa geral do Brasil e applicar aquella sobre este, de maneira que a linha da margem occidental, isto é, a que vai do Pão de Assucar á foz do rio Merity, fique sobre o mappa na direcção da fronteira norte do Imperio. A linha que n'aquella vai do Merity á boca do Magé, tomará a direcção, ou será parallela (conforme a proporção entre as duas cartas) á costa brailseira de leste, do cabo de S. Roque ao Chuy; e o terceiro lado do triangulo, que vai de Magé á fortaleza de Santa-Cruz, corresponderá ás fronteira sul e oeste do Imperio.

Finalmente, a entrada da barra, ou a abertura entre as pontas de Santa-Cruz e S. João, terá por simile no mappa a linha imaginaria, que marca o nosso limite entre Tabatinga e a foz do Apaporis.

Essa confrontação será facil, examinando os dois ligeiros esboços que juntamos a este trabalho, nos quaes indicamos os pontos correspondentes, notando aqui de passagem que dois d'elles têm nomes quasi identicos: *Guarahy* e *Quarahim*.

Assim pois, a configuração é, muito proximamente, uma miniatura da do Brasil inteiro, na proporção de 1:130; e ella está collocada no globo de modo que os seus tres lados são respectivamente perpendiculares aos seus homologos do Imperio.

2ª *singularidade*:

A sua mesma posição geographica é tal, que o seu eixo maior, isto é, a linha tirada do canal da barra ao fundo da bahia, segue o rumo do meridiano; circumstancia tambem digna de nota, pois que d'ella resulta, que a sua collocação sobre o globo terrestre está orientada da mesma fórma que em uma carta topographica, a saber: tendo o norte para a parte superior ou fundo da bahia e o sul para a inferior que corresponde á sua barra, de modo que o navegante ao entrar a barra avista a bahia como veria um gigantesco mappa que a representasse, rebatido sobre o plano horizontal.

D'esta disposição resulta ainda, que o observador verá sempre o sol em seu giro diurno descrever arcos em planos perpendiculares ao eixo maior da bahia, circumstancia que, reunida á habitual diaphaneidade e pureza da atmosphera, influe para a formosa combinação de luz que se manifesta nas horas do nascimento, e mórmente do occaso do sol, quando se admira o grandioso espectaculo, que apresenta uma immensa gradação de côres, desde o dourado offuscante até o azul ferrete, passando pelo mais vivo carmim, e reflectindo-se tudo isto nas aguas, de uma á outra margem dá bahia, no sentido de sua largura.

3ª *singularidade* :

Acha-se esta bahia situada na latitude 22°, 54', 24", e o Pão de Assucar, que lhe fica no extremo sul, está collocado á pequena distancia do tropico-austral, d'onde se segue, que o Pão de Assucar, sentinella avançada da barra, marca o limite que é dado ao sol afastar-se, em sua marcha para o sul; particularidade a que alludiu o illustre Porto-Alegre, quando o designou como

Balisa tropical, noite luzente,
Throno de Capricornio, a cujo aceno
O ellyptico galope dos Ethontes
Pára e recúa no celeste circo.

e antes d'elle, o conego João Pereira da Silva no poema heroi-comico, *A Estolaida*, dizendo:

Esta penha redonda, alta e pontuda,
Suster parece a capricornia zona.

Em consequencia d'essa latitude especial, da configuração e da posição em relação á barra, alguns astronomos têm pensado na conveniencia que haveria em ser o meridiano, que passa pelo Pão de Assucar, o escolhido para determinar as longitudes brasileiras, em lugar da do Observatorio do Castello, que parece estar destinado, talvez em um futuro proximo, a ser mudado de sua localidade actual para uma das ilhas do interior da bahia. A idéa da adopção d'esse novo meridiano (que dista do do Castello cerca de quatro segundos de tempo) ouvimol-a pela primeira vez do illustrado senador Candido Baptista, e julgamos mesmo, que já houve uma disposição do governo n'esse sentido, a qual não tem sido posta em execução. E a este respeito accrescentaremos, que, no *Atlas do Brasil* do senador Candido Mendes, sem duvida a mais importante obra d'essa natureza, que se tem feito entre nós, as longitudes são referidas nos mappas ao meridiano do Pão de Assucar, não obstante estar declarado á pag. 9, que o seriam em relação ao do Observatorio do Castello. Tambem se refere ao meridiano do Pão de Assucar à carta da provincia do Rio de Janeiro levantada pelos distinctos generaes Bellegarde e Niemeyer nos annos de 1858—1861.

4ª *singularidade*:

Desde a entrada da barra até chegar ás duas cidades assentadas nas margens da bahia, nota-se uma successão de accidentes naturaes, tão felizmente dispostos para a defesa, que dir-se-hia ter querido o Creador dotar de antemão a futura cidade com um systema completo de defesa contra inimigos exteriores.

Com effeito, um simples exame da planta topographica mostra, que a entrada da barra, já de si muito estreita, divide-se ainda em duas partes, uma das quaes sendo impraticavel e os navios encontrando sómente na outra passagem franca, são forçados estes a seguirem por um canal, ao longo do qual existem pontos d'onde lhes póde ser difficultado o trajecto, como sejam as pontas de Santa Cruz e de S. João, bem como as ilhas da Lage, de Villegaignon e das Cobras; além d'esses, á direita e á esquerda, em uma e outra margem, estão situados habilmente, quer por sua posição avançada, quer por sua elevação, outros pontos excellentes para um efficaz cruzamento de fogos em todo o espaço, que precede a cidade e o ancoradouro, como sejam: os morros do Pico, da Jurujuba, da Viuva, da Gloria, do Cavallão, da Bôa-Viagem, do Gravatá, do Castello, da Armação e ponta do Arsenal de Guerra.

Accrescente-se ainda o precioso auxilio, que póde ser prestado pela artilharia de navios e baterias fluctuantes convenientemente dispostos: o de grossas correntes passadas entre o costão de Santa Cruz e a Lage (Nota 18), e bem assim o emprego de uma ou duas linhas de torpedos na entrada ou ao longo do canal, e comprehender-se-ha, que é possivel desenvolver uma resistencia vigorosissima, capaz de neutralisar todos os esforços da mais poderosa esquadra inimiga. Esta opinião

é compartilhada pelo governo dos Estados-Unidos, que, em uma obra official impressa em 1873 (*Roteiro das costas do Brasil*), á pag. 323, diz o seguinte:

« *A entrada da bahia e as vizinhanças da cidade são defendidas por uma serie de fortes e baterias capazes de grande resistencia ao ataque de uma poderosa esquadra. Os fortes estão sendo melhorados, mas até agora nenhum foi encouraçado. A bahia é admiravelmente apropriada á defesa por meio de torpedos, que, sendo habilmente manejados, haveria grande perigo para os navios e a certeza de se perderem alguns d'elles.* »

5ª *singularidade :*

Desde muitas milhas de extensão para o norte e para o sul, a costa é como que resguardada por uma muralha ou cortina de serras, deixando apenas vêr uma estreita interrupção, que, á semelhança de um portico, tem de cada lado como ombreira um elevadissimo monte de formas especiaes, o Pico de Santa-Cruz ao norte e o Pão de Assucar ao sul. É ahi a entrada da portentosa bahia, a qual muitas vezes passaria desapercebida aos navegantes, sem a presença d'esses dois gigantes, principalmente do ultimo, que, distinguindo-se muito de todos os outros e sendo avistado de longa distancia, serve de seguro guia a quem demanda a côrte imperial.

O aspecto d'essa extensa linha de montanhas, que se interrompe bruscamente na entrada da barra, faz-nos sempre lembrar o seguinte bellissimo trecho da *Nebolusa*, conhecido poema do Dr. Macedo :

Como duas columnas de guerreiros,
Gigantes feros, que, avançando irados,
Param ambos a um tempo antes da luta,
Deixando ao turvo olhar espaço breve,
Duas filas de rochas escarpadas

Tinham, rasgado o pelago raivoso,
Frente a frente estacado: inabalaveis
Os pés fincavam no profundo abysmo,
Em suas frontes remoinhavam nuvens
Quaes da vinganca tenebrosos planos.

Por sua fórma especial, a que deve o nome, posição geographica ethnographica, e ainda por sua elevação superior á de todos os montes lhe estão vizinhos, o Pão de Assucar tem merecido particular menção de grande numero de autores, em prosa everso; d'elles citaremos apenas os seguintes :

Lery, o contemporaneo de Villegaignon, confundindo o nome. que recebera dos primeiros que o avistaram, diz, que os francezes o denominaram *manteigueira* (pôt de beurre), *à cause de sa rondeur et qu'il est fort semblable à une tour.*

O nunca assás citado Varnhagem (*Historia Geral. II.* 484) admira *o conico pedregulho original posto pela mão de Deus, de atalaia á entrada da melhor barra e do melhor porto do mundo.*

O Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, na celebre Ode « *Á Rainha D. Maria I* », faz d'elle referencia, do seguinte modo .

O Principe sagrado
Do Pão de pedra, que domina a barra
Em colossal estatua levantado,

Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado sudoéste esbarra;

E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu Imperio magestoso.

O conego João Pereira da Silva, no 2º canto do poema *A Estolaida*, já mencionada acima, fazendo d'elle uma descripção um tanto bizarra, diz :

A pyramide egypcia mais aguda
D'elle á vista se abate e desabona,
Ou é da Madre Terra a lingua muda,
Do mundo antigo maravilha nona,
Ou foi, segundo os Gregos e Romanos,
Pão de Assucar do chá dos Centimanos.

Pois tomando os monstruosos Brontes
De Baccho o chá na Liparia cópa,
Bicaram contra o céo soberbas frontes :
E qualquer joga as armas com que topa,
Com as chicaras lhe atiram de ôcos montes,
Cahe n'Asia o Tauro, os Pyreneos na Europa ;
E o Pão de Assucar, como mais ligeiro
Na foz cahiu do Rio de Janeiro.

No bello poema *Assumpção da Virgem*, canto 6º, lê-se tambem esta engenhosa pintura do insigne Fr. Francisco de S. Carlos :

Vêdes na foz aquelle que apparece
Ponti-agudo e escarpado ? Pois parece
Que deu-lhe a providente natureza,
Além das obras d'arte, por defesa
Na derrocada penha transformado
Nubigena membrudo, sempre armado,
De face negra e torva ; e mais si o c'roa
Neve e trovões e raios, com que atroa:
Que c'o a fronte no céo, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pégo e os astros ;
E do seio das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar té o horizonte,
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa e previne-se o perigo.

No poema *A Independencia do Brasil*, Teixeira e Souza, tratando da missão tradicional de S. Thomé ás plagas

brasileiras, figura que em commemoração dos serviços do apostolo o Creador esculpira no céo uma constellação e na terra uma immensa pyramide: a constellação é o *Cruzeiro do Sul* e

A pyramide ainda existe agora,
Testemunha eternal da santa historia!
O indigena humilde ali adora
Do antigo Sumé a fama e a gloria!
O tempo a branca côr que tinha outr'ora
Extinguiu; mas eterna é a memoria!
E da fórma que tem, que é tão sabida,
Por *Pão de Assucar* é hoje conhecida.

EST. CXXX.—*Canto.*

Fagundes Varella, o talentoso poeta tão cedo roubado á patria, exclama no 10° canto do seu *Evangelho das Selvas*:

Lá na entrada do soberbo emporio
O Adamastor da America repousa
Á luz do sol brilhante que lhe aquece
A cabeça medonha, escaveirada,
E o dorso horrendo onde resvala o raio
Nos dias de tormenta; audaz colosso
Robusto velador que ao longe assombra
Os Genios do Oceano, e brada ao mundo:
— « Em nome do direito e da justiça,
Podeis entrar no templo do futuro,
Sacrificar ao Deus da liberdade!

O homerico cantor do *Colombo*, o poeta-pintor Araujo Porto-Alegre, em um dos arroubos tão communs á sua altiva imaginação, dedicou ao Pão de Assucar as seguintes linhas:

Salve, nobre penhasco, emblema eterno,
Do Rio de Janeiro! monumento
Que do mar devassando os horisontes
Vais, benigno ostensor, ao lasso nauta

N'esses plainos remotos, n'esses longes,
As portas franquear do rico emporio
Que em seu seio oceanico, seguro,
Póde do mundo acobertar as frotas!

E, finalmente, entre as delicadas poesias do Dr. Bernardo Guimarães avulta o canto epico á *Bahia de Botafogo*, na qual sobresahe a seguinte formosa descripção do Pão de Assucar:

Vêde aquelle rochedo, que isolado
Com temeroso vulto se levanta
Por sobre as aguas; atalaia eterna,
Que nos céos embebendo a fronte immovel
Ampara as terras e vigia os mares.
Eil-o campeia, qual o negro eunucho,
Ali postado, taciturno e quêdo,
De harem vedado defendendo a entrada.
Junto a seus pés as ondas marulhosas,
Com medonhos bramidos rebentando
Na rocha núa, as bases lhe debruam
De um cinto de alva espuma. Tal dirieis
De brancos ursos apinhados bandos,
Que atropellados pelas praias correm,
Qual se feroz matilha os perseguira.
Para galgar as ingremes encostas,
Em furiosos saltos se arremessam.
Pela empinada, rija penedia!
Em vão forcejam. . . pela rocha lisa
As impotentes garras escorregam;
E de novo rosnando se despenham
A sumir-se no pégo que os devora,
E de novo os vomita a proseguirem
No eterno assalto contra a rocha immovel.

6ª *singularidade*:

O navegante que, chegando em frente á barra, em noite clara, ou á hora em que a frouxa luz do dia, que se despede ou se approxima, torna indecisa a fórma dos objectos, estender a vista pelo espaço que se desenvolve á esquerda, ficará absorto e experimentará

uma sensação de assombro, notando a extraordinaria disposição que apresentam as montanhas, dando a fórma exacta e muito distincta de um colossal vulto humano deitado de costas, e que um effeito de optica parece suspendêl-o ácima das aguas, augmentando-lhe as já enormes dimensões. N'esta immensa figura, conhecida geralmente pelo *Gigante que dorme* ou *Gigante de pedra*, as elevadas montanhas da Gávea e da Tijuca formam o rosto, dotado de um pronunciado nariz aquilino, a serra do Corcovado representa o tronco e as pernas, e o Pão de Assucar o termina, formando-lhe o pé.

« *Questo colosso* (diz o commandante Eugenio Rodrigues na *Descrizione del viaggio della flota di Napoli em* 1843), *dorme di sonno eterno, par che volesse indicare la placida natura, concessa alla sorprendente baia di Rio Janeiro.* »

Tão formidavel apparição, que hoje, segundo diz Varnhagen, *os nautas encaram tranquillos e admiram á vontade, porque, ao vêl-o, já consideram terminados os riscos da viagem*, muito impressionou a principio os navegantes, que depois se foram familiarisando com elle, a ponto de todos descobrirem nos traços de seu rosto semelhança com pessoas notaveis de seus paizes; e é assim que os francezes (entre elles Mouchez e Jacques Arago) acham-lhe no rosto e nariz fórmas caracteristicas dos principes da casa real de Bourbon, e mesmo um viajante (Fourcy de Bremoy) diz que é o perfeito retrato do desventurado Luiz XVI de França; os inglezes, a acreditar o que nos affirma Walsh (*Notices of Brazil*) chamam ao gigante *Lord Hood*, por vêrem n'elle o retrato fiel do famoso almirante que, no fim do seculo passado, tanto damno causou aos francezes nas Antilhas e em Toulon; e os proprios officiaes de nossa armada dão-lhe o appellido de *Carvalhão*, pela

exacta semelhança que notam entre o seu nariz e o do fallecido chefe de esquadra Antonio Pedro de Carvalho.

Em uma nota da conhecida obra *Le Pilote du Brésil*, conta-nos o barão Roussin que aos fidalgos que compunham a côrte portugueza de D. João em 1808 causára profundo abalo a vista de tal phenomeno, quando se approximaram da nossa barra; e fornecêra thema para um grande quadro representando a esquadra do Principe Regente entrando garbosamente no Rio de Janeiro, divisando-se perfeitamente o gigante, designado como o *Genio do Brasil*, e no alto do quadro, circulada por brilhante aureola, a interjeição: *Gigante, desperta!* Essa interjeição foi uma prophecia, visto que d'esse dia, 8 de Março de 1808, data na nossa historia a época em que o gigante brasileiro despertou e começou a agitar-se, até tomar lugar entre as nações independentes e livres.

Não sabemos que destino deram a esse quadro, pois apenas o vimos na mencionada nota de Roussin, lembrado ainda por seu compatriota Mouchez; em compensação, porém, possuimos duas formosas poesias, que facilmente se gravam na memoria de quem as lê. Uma dellas é a *Cantiga* do malfadado Fagundes Varella, na qual se notam os seguintes versos:

Viajante que deixaste
As ondas do Panamá,
Vela ao entrares no porto
Aonde o gigante está.

Elle dorme, dorme, dorme,
Mas nem sempre dormirá,
Basta um bafejo, um susurro,
Que o gigante acordará.

Curva-te ao guarda soberbo
Que junto da barra está,
Mede as vagas do Amazonas
E os campos do Paraná.

Volta depois a teus lares,
Conta o que viste por cá,
Viajante que deixaste
As ondas do Panamá.

.....
.....

Mas olha que junto ao porto
Soberbo gigante está;
Elle dorme, dorme, dorme,
Mas nem sempre dormirá.

A outra poesia, não ha um brasileiro amante das letras que a não saiba de cór. É a admiravel inspiração do immortal cantor dos *Timbyras*, o nosso popularissimo Gonçalves Dias:

O GIGANTE DE PEDRA

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante
Que os raios sómente puderam fundir.

Dormido atalaia, no serro empinado,
Devêra cuidoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E á aurora que surge não ha de acordar!

C'o os braços no peito, cruzados, nervosos,
Mais alto que as nuvens, o céo a encarar,
Seu corpo s'estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevam no mar!

.....
.....

De lavas ardentes seus membros fundidos,
Avultam immensos; só Deus poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso que sobre lh'está.

.....

Da noite que surge no manto fagueiro,
Quiz Deus que se erguesse de junto a seus pés,
A cruz sempre viva do Sul no Cruzeiro
Deitada nos braços do eterno Moysés.

.....

E là na montanha, deitado, dormido,
Campeia o gigante, nem póde acordar!
Cruzados os braços de ferro fundido,
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!

.....
.....

Porém se algum dia fortuna inconstante
Puder-nos a crença e a patria acabar,
Arroja-te ás ondas, oh! duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar!

IV

DESCRIPÇÃO GERAL

A bahia do Rio de Janeiro tem a fórma de um triangulo irregular, cujos lados são linhas sinuosas, originando uma multidão de enseadas, golfos e saccos, circumdados em distancias variadas por serras e montanhas, que por suas differentes configurações e alturas dão-lhe o aspecto o mais pittoresco e grandioso.

Todos os viajantes que a têm visitado comparam-a com outros pontos, cuja belleza lhes serve de padrão: Luccok achou-lhe semelhança com a bahia de Sidney, Lery e Horacio Say com o lago de Genebra, Maria Graham com os portos de Bombaim e de Trinquemale, outros com o golfo de Napoles, com a bahia de Constantinopla, com a embocadura do Tejo; e o geologo d'Orbigny, no 3º tomo da *Viagem á America Meridional*, descrevendo-a, diz o seguinte:

« A bahia do Rio de Janeiro apresenta em seu complexo,
« mas em maior escala, a imagem da de Brest: é como
« ella estreita na entrada, bordada de rochedos, muito pro-
« funda e extensa, e até a composição geologica é quasi
« analoga. A analogia, porém, não vai mais longe, pois
« que na do Rio tudo é mais magestoso, a bacia muito
« mais vasta, nas montanhas muito mais altas, e nos
« seus limites, que desapparecem no horizonte, avista-se,
« perdendo-se nas nuvens, as agulhas da serra dos Orgãos.»

A maior extensão da bahia, contada da ponta de S. João á foz do rio Magé, é de 30 kilometros (5,5 leguas maritimas), a maxima largura, entre as bocas dos rios Merity e Macacú, de 28 kilometros; e a circumferencia, acompanhando o contorno das praias, de 140 kilometros, ou proximamente 25 leguas.

A sua estreita entrada tem apenas um e meio kilometro de largura, e esta ainda se divide em duas partes desiguaes, das quaes a maior, de 900 metros entre a Lage e Santa Cruz, é a unica praticavel por sua grande profundidade e segurança; ao passo que a outra, entre a Lage e S. João, é perigosissima á navegação por causa dos recifes e forte arrebentação que ahi ha constantemente.

A profundidade do canal em frente á Santa Cruz é de 52 metros; seguindo para dentro da bahia, vai augmentando de fundo até attingir a 64 metros, que é a cerca de um kilometro de Santa Cruz; vai depois decrescendo, de modo que entre as pontas do Calabouço e Gragoatá é de 40 metros, entre a ilha das Cobras e a ponta da Armação de 29 metros; mais para dentro, entre as ilhas do Boqueirão e de Paquetá, de 17 metros; finalmente diminue com mais rapidez na direcção das praias, de uma e de outra margem.

Quanto á natureza do leito: no canal e suas circumvizinhanças é quasi sempre de pedra, conchas e arêa; nas

proximidades das margens e mormente junto das embocaduras dos rios que ahi desaguam, o fundo é de lodo ou vasa.

Fóra da barra e perto de sua entrada, as profundidades são consideraveis; entretanto, trabalhos executados em differentes épocas indicam que o fundo vai diminuindo sensivelmente, em toda a linha entre a ilha da Cotunduba e a ponta do Imbuhy. Este facto, que está de harmonia com a opinião dos geologos sobre a elevação gradual de algumas costas, devida á acção lenta, mas continua, das forças volcanicas em actividade no interior do nosso planeta, foi denunciado ha annos pelo illustre geologo brasileiro Dr. Capanema, que observou em penedos de nossas praias e a consideravel altura do mar, escavações formadas outr'ora pelos ouriços marinhos; e o sabio conselheiro Candido Baptista, comparando na *Revista Brasileira* de Janeiro de 1859 as sondagens praticadas a seu pedido pela Marinha em 1854 com as obtidas pelas armadas de Martim Affonso em 1531 e de Duguay Trouin em 1711, chegou á conclusão que o banco existente na referida direcção se eleva de quatro metros proximamente em cada seculo, e por conseguinte daqui a 240 annos chegará ao nivel das aguas, interceptando a praticagem por toda essa extensão.

Tal circumstancia, que obrigará a que todos os navios transitem pelo canal a O. da Cotunduba, margeando o Pão de Assucar, canal de 700 metros de largura e bastante fundo, se por um lado difficulta a entrada e sahida da barra, mormente para os navios de vela, tornará em compensação muito mais energica a defesa do porto, principalmente se a área do banco fôr aproveitada para a construcção de um quebra-mar e obras de fortificação convenientes para, com poderosa artilharia, attingir o inimigo fóra do

canal, tornando este inexpugnavel pelo cruzamento de fogos com as baterias da Praia-Vermelha, S. João, Cotunduba, Lage, Santa-Cruz e Praia de Fóra.

Com o andar dos tempos é possivel, e mesmo provavel, que esse canal tambem vá diminuindo de profundidade e interrompa-se a navegação por elle; e, n'esse caso, a nossa esplendida bahia parece estar fadada a transformar-se em um grande lago, em épocas que não nos é dado fixar por falta de observações competentes; transformação essa por que já passaram, ha seculos, outras lagoas da nossa costa, como as de Rodrigo de Freitas, Maricá e Saquarema; assim como tudo faz acreditar que, não ha muitos seculos, se achava de baixo d'agua todo o espaço plano em que se assenta hoje a nossa cidade, figurando como ilhas os morros da Viuva, Gloria, Castello, Santo Antonio e S. Diogo. Assegura Balthazar Lisbôa nos seus *Annaes* (liv. I cap. 2° § 5) que, na época da fundação da cidade, o morro de S. Bento era uma ilha, e que onde está a igreja da Candelaria encalhára tempos depois uma náo, cujas madeiras serviram na construcção da igreja; assim tambem, monsenhor Pisarro nas *Memorias historicas* (tomos III pag. 204 e VII pag. 16) conta-nos que, em estaleiros na ilha de Paquetá e na ponta do Galeão, lugares hoje de pouco fundo, foram outr'ora fabricadas a fragata *Estrella* e a náo *Capitania Real*.

Que papel representará então n'esse futuro remoto a bella Nitherohy perante o mundo?

É difficil conjectural-o. Talvez existam então meios bastante poderosos para aprofundar esses canaes, conjurando indefinidamente a sua obstrucção; ou se consiga construir na barra uma obra gigantesca permanente, que estabeleça a livre navegação para o interior da bahia;

ou ainda que n'essa época a solução completa do problema da direcção dos aerostatos tenha feito mudar de face a navegação maritima.

A quem rir-se d'esta proposição diremos que com a marcha vertiginosa com que avançam a sciencia e a industria, em que uma descoberta é o degráo para mil outras, é impossivel prever ou duvidar de cousa alguma, com seculos de antecipação.

Tornando, porém, á realidade do nosso assumpto:

Entrando a barra e seguindo até á ilha das Cobras, nota-se como que duas bahias distinctas, uma que vai até esta ilha e ponta da Armação, e outra que, começando ahi, se prolonga de sul a norte, alargando-se mais para a esquerda. A primeira é, pelo que vimos ha pouco, aquella que tem maior profundidade, e é n'ella em que melhor se sentem as acções do fluxo e do refluxo das marés, principalmente nas praias do Flamengo, Gloria, Santa Luzia, das Flexas e de Icarahy, que ficam fronteiras á barra. Na segunda bahia, muito mais vasta e melhor abrigada dos ventos e correntes, é onde desaguam muitos rios, e n'ella são mais tranquillas as aguas, o que se explica facilmente do modo seguinte: O volume das aguas que durante o fluxo entram pela estreita barra tem de espraiar-se em uma superficie vastissima, em um tempo limitado; d'onde succede que, a força da correnteza dividindo-se á proporção que avança para o fundo da bahia, sua influencia é já muito diminuta quando chega á ilha do Governador, além da qual ella difficilmente se propagará, não só por causa das muitas ilhas, corôas e bancos que ahi existem, como porque a esse tempo já tem passado o periodo da enchente e começado na barra o da vasante.

Cabe aqui lembrar o que já dissemos na nota 2ª do Cap. II, isto é, que a differença notavel que se observa entre

as duas porções norte e sul da bahia, talvez não tivesse passado desapercebida dos indigenas, e a cada uma d'ellas pertencesse um dos dois nomes de *Nitherohy* e *Guanabara*, que se confundiu depois como designando um só sitio.

O estabelecimento do porto, isto é: a hora do preamar lunar, é geralmente ás 3 horas da tarde, mas os ventos produzem grandes alterações, e por isso vai ás vezes desde as 2^h 30^m até as 3^h 45^m. A altura das marés das aguas vivas ordinarias é de 1^m,22 e a das equinociaes varía de 1^m,43 a 2^m,20. Dentro da bahia, a duração do refluxo é maior do que a do fluxo, dependendo esta differença dos ventos e enchentes dos rios que desaguam na bahia; mas na barra, o tempo, quer de enchente, quer de vasante, é de 5^h 58^m, sendo o intervallo entre uma e outra (conhecido por *maré estofa*) de 14 minutos; do 1º ao 2º preamar de cada dia decorrem, portanto, 12^h 24^m, e por isso de 15 em 15 dias as marés são as mesmas e ás mesmas horas, mas de denominações contrarias.

N'esta bahia o calor tropical é modificado pelos ventos, quasi constantes no quadrante do sul, assim como pelas brisas de terra e do mar, que se fazem com muita regularidade, do modo seguinte: Da meia-noite até á madrugada sopra o terral, a principio brandamente a NO., passando successivamente a N. e a NE., onde attinge o maximo de intensidade ás 3 horas da manhã, diminuindo depois, até extinguir-se ao nascer do sol. Succede-se então um intervallo de calma até ás 10 ou 11 horas, depois do que começa a sentir-se a viração suave de SO., a qual, augmentando de força, passa a S. e SE. até ás 3 horas da tarde e declina ao pôr do sol.

Pelas vantagens que o porto do Rio de Janeiro offerece á navegação, é elle o mais frequentado da America do Sul e um dos mais frequentados do universo. Durante

o dominio colonial, era aqui que se reuniam os comboios para a metropole, sendo n'essa época um acontecimento raro a entrada de um navio estrangeiro; e quando isso se dava, a tripolação e os passageiros eram submettidos a rigorosa e incommoda vigilancia, da qual tão amargamente se queixaram os navegantes Cook e Bougainville, quando em suas viagens de circumnavegação aqui aportaram, sendo vice-reis os suspeitosos condes da Cunha e de Azambuja (*Vide* nota 23).

No anno de 1807 entraram neste porto 778 navios, dos quaes sómente um estrangeiro; no anno seguinte, em virtude do Decreto que franqueava os portos do Brasil a todas as nações, esse algarismo elevou-se a 855, dos quaes 90 estrangeiros; e essa progressão tem sempre continuado, de maneira que, actualmente, o movimento de entradas e sahidas do porto excede annualmente de 5,000 navios de todas as lotações, bandeiras e procedencias.

O rendimento de sua alfandega tem acompanhado este accrescimo gradual, pois que, orçando em 250:000$ por anno antes da chegada da familia real, foi em 1880 superior a 43.000:000$, importancia que excede á somma dos rendimentos de todas as outras alfandegas reunidas, e igual á terça parte da renda total do Imperio. A renda média por dia d'essa alfandega é de cerca de 140:000$, mas varia muito em certas occasiões, sendo dignos de nota os rendimentos dos dias 21 de Fevereiro, 23 de Outubro e 18 de Dezembro do anno passado, que foram de 487:000$ o primeiro, 400:000$ o segundo, e 510:000$ o terceiro, isto é, mais de um milhão de cruzados em cada um d'esses dias! No ultimo d'elles, só em café foram exportadas 177,141 saccas, no valor de 4.358:000$000!

Não obstante a excellencia do porto, o governo, attendendo ao augmento progressivo de suas relações commerciaes,

tem reconhecido a conveniencia de melhoral-o, no sentido de tornar mais facil e commodo o serviço de carga e descarga dos navios. Em 1851, havendo uma lei concedido 400:000$ para esse melhoramento, foi nomeada uma commissão, presidida pelo marechal Andréa, depois barão de Caçapava, para proceder aos respectivos estudos, a qual apresentou em 17 de Abril de 1852 um projecto, consistindo em um alinhamento de cáes geral entre os arsenaes de marinha e de guerra, tendo duas docas para o serviço d'essas repartições e mais tres caldeiras ou pequenas bacias em frente das praias dos Mineiros, Mercado e D. Manoel, correndo no espaço entre as duas ultimas um cáes unido com escadas e rampas, destinadas ao serviço de embarque e desembarque de passageiros.

Um anno depois, o engenheiro hydraulico contratado Carlos Neate apresentou outro projecto, unindo os dois arsenaes por uma linha geral, baseada sobre uma curva regular de uma á outra extremidade, tendo in ercaladas tres bacias: uma entre o primeiro arsenal e o trapiche Maxwell, podendo accommodar 16 navios para a alfandega; outra pequena em seguida, para abrigar os botes do mercado, com rampa de descarga; e a terceira, proxima ao arsenal de guerra, para serviço das faluas e vapores de navegação da bahia. Este plano, que attendia sómente ás necessidades do presente e não ás do futuro, foi desde logo posto em execução, sendo orçado por seu autor em £ 370,130, não incluindo os telheiros, trilhos, guindastes e mais accessorios.

O engenheiro H. Law, consultado em Abril de 1858 sobre o melhor meio de augmentar os espaços necessarios para o arsenal de marinha e alfandega, propôz um plano gigantesco, consistindo em arrazar a ilha das Cobras e o recife da ponta do Calabouço, e com a pedra extrahida construir tres quebra-mares, estendendo-se do arsenal de

marinha á ilha das Cobras, d'esta á ilha dos Ratos e d'este ponto á ponta do arsenal de guerra, formando-se assim uma immensa doca fechada, superior em capacidade a qualquer outra obra d'esta natureza. Uma abertura entre o primeiro arsenal e a ilha das Cobras, e outra entre esta e a dos Ratos dariam passagem aos navios, e no interior da doca 16 extensas pontes sobre columnas de ferro serviriam de cáes para embarque e descarga dos carregamentos, operações estas que seriam executadas com rapidez por meio de guindastes e carretões sobre trilhos, dirigidos para os armazens. Do largo do Paço até perto da ilha dos Ratos, se estenderia em linha recta um passeio, que, alongando-se pelo quebra-mar até á praia de Santa Luzia, constituiria um *promenade* (palavra textual) de 1,275 braças de extensão, d'onde se gozaria uma vista magnifica e ares purissimos. A despeza a fazer com esta obra grandiosa foi orçada em 16.000:000$, e além das vantagens acima mencionadas, tinha a de poder em qualquer tempo ser realizada, sem prejuizo das obras do plano Neate que estava em execução.

Em artigos do *Correio Mercantil*, de 12, 16 e 21 de Dezembro de 1860, o engenheiro francez C. Bernard, censurando o projecto Neate, apresentou um outro que lhe parecia muito superior, cuja idéa capital era um extenso molhe ligando a ponta SO. da ilha das Cobras, passando além da ponta do Calabouço, dirigindo-se para a ilha de Villegaignon, parallelo ao cáes geral, e formando um canal de esgoto de 1,500 metros ; o arsenal de marinha obteria um grande espaço, bem como a alfandega, que poderia ter em descarga 40 navios, e tornar-se-hia desnecessaria a doca do arsenal de guerra.

O projecto Neate foi sendo executado por administração; e em 20 de Fevereiro de 1863 deu-se o desmoronamento

de parte da obra em frente á alfandega, que causou um avultado prejuizo; em 1869 o Dr. Manoel da Cunha Galvão, em um trabalho sobre *Melhoramentos de portos*, diz que, até esse anno, essas obras haviam custado mais de 6.000:000$, orçando em 2. 000:000$ as que faltavam para sua conclusão. Posteriormente, foi alterado o seu plano, com o fim de tornar a alfandega um verdadeiro estabelecimento de doca com abrigo, cáes, guindastes hydraulicos, etc., o que tem elevado muito as despezas, estando até agora construida a parte mais difficil, que se estende da ponta do arsenal de marinha ao largo do Paço, junto da estação das barcas.

Os planos das obras de que temos tratado comprehendem sómente a face da cidade entre os dois arsenaes; mas outros tres projectos têm sido apresentados com o fim de augmentar o numero de docas e extensão dos caes. O primeiro d'elles é o das docas de Pedro II na enseada da Saude, confeccionado em 1867 pelo habil engenheiro Dr. André Rebouças, que orçou em 9 a 10.000:000$, incluindo as desappropriações; foi construido por conta de uma companhia regida pelos Decretos de 23 de Março de 1870 e 23 de Agosto de 1871, obrigando-se a concluir as obras em 10 annos.

O segundo projecto, apresentado em 1863 por José Pereira Tavares, tinha por fim aterrar todo o espaço comprehendido entre as praias Formosa e dos Lazaros, communicando a rua da União no Sacco do Alferes com a do Imperador em S. Christovão, estabelecendo em toda a extensão cáes com docas e trapiches. Concedida a autorização pelo Decreto de 5 de Julho de 1862, tem sido transferida para outros, mas até agora parece ter encontrado difficuldade insuperavel. O terceiro projecto refere-se ao arrazamento dos morros do Castello e Santo Antonio, e com

o aterro conquistar sobre o mar a extensa área terminada pelas pontas do Calabouço e da Gloria, construindo n'ella uma doca, armazens e cáes. Muitas propostas têm subido ao governo n'este sentido, pelo general Bellegarde, Conrado Niemeyer, o cidadão Mendonça, o commendador Fernandes Pinheiro, etc.; e, tendo o governo incumbido os engenheiros Neate, Law, e Ginty, em Setembro de 1859, de fazer os competentes estudos e orçamentos, elles calcularam a despeza em 29.620$000, sem incluir as desapropriações, que representam verba avultadissima, e serem necessarios 10 annos, empregando de 1,500 a 2,000 trabalhadores. O engenheiro francez L'Herideau em um interessante artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 17 de Dezembro de 1860, tratando de demonstrar que houve erro n'esse calculo, reduz o orçamento a menos de metade da despeza, e o tempo de cinco a seis annos no maximo.

Ainda um outro projecto, que tinha mais em vista o embellezamento, foi apresentado em 1870 pelo Dr. Antonio Rebouças Filho, de saudosa memoria. Era um cáes e passeio maritimo do largo do Paço, Arsenal de Guerra e Santa Luzia, com futuro prolongamento até Botafogo, dando á capital do Imperio um passeio superior á afamada *Chiaya* de Napoles.

A estreiteza da barra e a disposição favoravel de varios pontos topographicos facilitam muito a defesa do porto contra qualquer aggressão; e em caso de necessidade póde até tornar-se inexpugnavel, conforme ficou dito em outro lugar: em épocas normaes essa defesa está incumbida ás fortalezas de Santa Cruz com 145 canhões, e de S. João com 41, ambas na entrada da barra e dotadas de excellentes casamatas; e ás das ilhas da Lage com 28 canhões, Villegaignon com 54 e das Cobras com 34, todas tres no prolongamento do canal.

Tratando de tudo o que diz respeito ao nosso porto, não serão julgadas fóra de proposito as indicações que em seguida juntamos, para a entrada e sahida da barra, auxiliando-nos para isso das obras *Le Pilote du Brésil*, de Roussin, e *Les Côtes du Brésil*, de Mouchez, consideradas como as mais competentes na materia, ficando entendido que essas indicações referem-se particularmente aos navios de vela.

Para os navegantes que chegam do norte, a approximação do Rio de Janeiro é indicada pelo Cabo-Frio e pelas ilhas de Maricá; para os que vêm do sul, são pontos de reconhecimento a ilha Grande, o morro da Marambaia, o alto da Gávea, que se percebe a 60 milhas de distancia, o Pão de Assucar, e finalmente as ilhas Redonda e Rasa em frente da barra. Á noite funcciona n'esta ultima ilha um pharol de luz branca e encarnada, com 5 minutos de eclipse, visivel de 12 a 15 milhas, obra do fallecido general Bellegarde, bem como o pharolete na ponta de Santa-Cruz, de luz fixa vermelha, com 5 a 6 milhas de alcance.

A melhor occasião para entrar a barra é em todo o espaço das 11 horas da manhã ao pôr sol, pois n'elle se aproveitará a brisa do mar, e o trajecto mais conveniente é o seguinte:

Chegando á ilha Rasa, passará entre ella e outras duas (Pai e Mãi) que lhe fica a 5,5 milhas N E., e quando estiver com a mesma Rasa uma milha á esquerda, tomará o rumo N 8° O., e percorrerá n'elle 7,5 milhas, no fim das quaes estará em frente á fortaleza de Santa-Cruz, tendo deixado á esquerda um grupo de ilhas e a Cotunduba perto do Pão de Assucar, e á direita as duas acima citadas, a do Toucinho e a ponta do Imbuhy, sem que durante esse trajecto encontre embaraço algum. Convem

observar que muitos navios, chegando do sul, passam muito proximos da costa, sem perigo, e vão ter á Santa-Cruz depois de atravessarem o canal entre a Cotunduba e o Pão de Assucar.

A parte da barra entre Santa Cruz e a Lage é a unica frequentada pelas embarcações; a outra, entre a mesma Lage e S. João, comquanto não lhe falte fundo, é mais estreita e perigosa, senão impraticavel, em consequencia da força e irregularidade da correnteza, da acção do vento sobre as terras altas que lhe ficam proximas, e ainda pelos recifes do fundo, entre os quaes cahiria a ancora se fôsse necessario fundear.

Passando diante de Santa Cruz e ao alcance do porta-voz, em fundo sempre superior a 25 metros, e depois de haver respondido ás perguntas do costume (o nome do navio, procedencia e numero de dias de viagem), tomar-se-ha o rumo de NN O., e quando estiver a E. da fortaleza de Villegaignon, ahi esperará as visitas de saude, da policia e da alfandega. Desembaraçado d'ellas, o navio seguirá a tomar o ancoradouro mais conveniente, segundo o seu calado, notando que: se fôr de guerra, melhor será ficar entre Villegaignon e Gragoatá, onde ha fundo de 30 a 40 metros, e está fóra da linha a todo momento percorrida pelos vapores da carreira de Nitherohy; se fôr navio do commercio, fundeará mais perto da ilha dos Ratos, ou, se quizer approximar-se da alfandega, irá rodear a ilha das Cobras, passando-lhe a E., N. e O., para ancorar em frente á cidade, evitando assim o banco que se estende parallelamente a esta, entre o Arsenal de Guerra e ilha das Cobras.

Os navios do commercio são sujeitos a pagar direitos, segundo sua lotação, na forma estabelecida n'esta tabella: Os de longo curso, que tem de descarregar, carregar e permanecer no porto, 300 réis por tonelada brasileira;

os que só devem descarregar e carregar, 150 reis; os que entram e sahem com lastro ou simples escala, 100 réis; os que arribam em virtude de avaria ou força maior, nada pagam, bem como os que fazem mais de duas viagens por anno, e os que na mesma viagem fizeram escala e pagaram direitos em outro porto do Imperio. Além d'estes, ha o direito de pharol, de 100 réis por tonelada; o de hospital, de 6$ para um navio de tres mastros e 4$ para os de dois ou um mastros; a visita do medico, de 8$200, ou o dobro se o navio estiver em quarentena.

Diz Roussin que ha aqui o costume de amarrarem as ancoras na direcção N. S., e aconselha antes a direcção N E. S O., porque, sendo essa tambem a das correntes de enchente e vasante, haverá facilidade em apresentar os costados ás brisas de terra e de mar, diminuindo por esta fórma o intenso calor que commummente se experimenta no porto.

A longa demora das embarcações nas aguas da bahia origina a adherencia aos cascos de grande quantidade de mariscos e outras producções marinhas, que alteram muito a marcha e deterioram o fôrro exterior, obrigando a que de vez em quando se proceda á sua limpeza.

Tendo de deixar este porto, os navios do commercio não o poderão fazer depois do pôr do sol; e os de guerra e paquetes que a isso sejam obrigados deverão com antecedencia enviar aviso, por um official, á fortaleza de Villegaignon, a qual transmittirá a ordem á de Santa-Cruz; e, na occasião de partir, içar as luzes convencionaes para se fazerem reconhecer, sem o que, seriam detidos por esta ultima fortaleza, facto este muito desagradavel para um navio de guerra.

Para sahir do porto, nenhuma precaução especial ha a tomar; basta esperar o terral e a vasante, e deixar-se

conduzir por elles; e mesmo a ultima é dispensavel se o terral soprar com alguma intensidade, como succede ordinariamente ao romper do dia; e por isso é esta a hora habitual das sahidas, para o que os navios costumam collocar-se desde a vespera nas proximidades de Villegaignon, no lugar chamado vulgarmente o *Poço*, afim de estarem bem cedo livres dos embaraços do ancoradouro e receberem mais favoravelmente a brisa que tem de os impellir para a barra. A direcção a seguir é então a inversa da que foi indicada para a entrada, isto é: passar a E. de Villegaignon e da Lage, approximando-se de Santa Cruz, tomar o rumo entre a ilha Rasa e as duas que agora lhe ficam á esquerda, e, quando se achar fóra de todas as ilhas, voltar a prôa no sentido que mais convenha á sua derrota.

O porto do Rio de Janeiro é, presentemente, frequentado por 18 linhas regulares de paquetes transatlanticos para portos principaes da America e do Brasil; e no seu interior ha vapores para navegação continua da côrte para Nitherohy, assim como uma carreira diaria entre a Prainha e Mauá, e outra entre o largo do Paço e a ilha de Paquetá e porto da Piedade.

Outr'ora existiam tambem linhas diarias da côrte para a Estrella no rio Inhomerim, e para Villa-Nova no rio Macacú; mas essas cessaram, desde que funccionaram as estradas de ferro da raiz da serra e de Cantagallo.

Fóra isso, dois privilegios interessantes de transportes atravéz da bahia forão ultimamente concedidos pelo governo. O primeiro pelo Decreto de 5 de Março de 1876, concedido a H. Lindsay durante 50 annos, para a construcção de um tunel submarinho e estrada de ferro, unindo o largo do Paço na côrte á praça de S. João em Nitherohy; esta concessão caducou dois annos depois, por não ter sido

incorporada a companhia para sua realisação. O segundo foi concedido por Decreto de 8 de Novembro de 1879 ao engenheiro José Americo dos Santos, para construir e gozar durante 90 annos de uma estrada de ferro communicando a praia da Chichorra na Gambôa á da Guia no fundo da bahia, ass ntada sobre estacadas, aterros e pontes girantes, devendo passar pelas ilhas da Pombeba, Sapucaia, Bom-Jesus, Fundão, Governador, Tipiti-guassú e dos Limões, e ducando se no fim de tres annos não fôr organizada a respectiva companhia.

Finalisaremos este capitulo dizendo, que as aguas d'esta bahia foram sempre afamadas pela abundancia e variedade de peixes que n'ellas se criam ou entram de fóra da barra, merecendo por isso a admiração de todos os maritimos e especificadamente dos celebres Cook e Dupetit-Thouars; e essa abundancia, comquanto esteja um pouco diminuida, ainda assumirá as proporções de prodigio, se attendermos a que tres causas poderosas e constantes se reunem para exterminar tão grande riqueza. É a primeira o immenso consumo que faz de peixe parte da população, mórmente a das praias e ilhas, além do muito que se exporta e fornece para o rancho dos navios e paquetes; segunda, o augmento que tem tido a navegação a vapor, pois que o rumor que lhe é proprio e o movimento das rodas e helices intimidam e dispersam o peixe, matando-o e fazendo-o fugir para longe; terceira, o emprego de rêdes chamadas de *cêrca* e de *arrastão*, muito usadas pelos nossos pescadores, as quaes são causa de enorme desperdicio, por trazerem milhões de peixes pequeninos que não sobrevivem, ainda que sejam atirados ao mar.

Apezar, porém, d'estes motivos, que justificariam um rapido decrescimento na industria da pesca, esta mantem-se quasi da mesma fórma, sendo ainda hoje tão extraordinarias

a quantidade e a variedade dos peixes, que, em um artigo do notavel professor Carlos Hartt, publicado na *Revista Industrial* de Julho de 1877, affirma esse sabio, tão prematuramente roubado á sciencia, que: « nenhum mercado « ha no mundo mais abundantemente supprido de peixe « do que o do Rio de Janeiro.»

A planta reduzida que acompanha este trabalho dará sufficiente idéa da bahia e da collocação de suas ilhas; mas quem quizer maior desenvolvimento poderá consultar qualquer das cartas seguintes, que facilmente serão encontradas em nossas bibliothecas:

A de Thevet (1567), publicada por J. Levy e por Gaffarel no *Brésil Français*; a de Van Deck (1763); a de Bellin, no *Atlas Maritime* (1764); a de Paganino no *Roteiro do Brasil* (1784); a de Pimentel (1809) que se acha no *The Brasil Pilot*; a da commissão de officiaes de marinha presidida por Diogo Jorge de Brito em (1810); a de Vieira Leão (1810) que se vê nas obras de Debret (*Voyage pittoresque* (*1816-31*) e de Freycinet (*Voyage de l'Uranie 1825-28*); a de Sir Edward Tacker (1817) na obra *Harbours of Brasil*; a de Barral (1826), reduzida por Candido Mendes no seu *Atlas do Brasil*); a de Roussin em *Le Pilote du Brésil* (1827) e em Laurie (*General chart of the courts of Brazil 1838 e 1872*); amesma de Marinha, revista em 1847 por De Lamare e em 1849 por Eliziario dos Santos; a de Mouchez, *Hydrographie des côtes du Brésil*, 1855–56.

Além d'estas, existe grande numero de plantas parciaes de limitadas regiões da bahia, especialmente da margem em que se assenta a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

V

RIOS QUE N'ELLA DESAGUAM

A bahia do Rio de Janeiro é circumdada, a distancias variaveis, por montanhas e serras que dão-lhe o aspecto de um immenso amphitheatro, ou, como disse Ribeyrolles, *uma enorme naumachia, onde todas as esquadras do universo poderiam fazer suas evoluções e manobras sem se abalroarem.* Como é natural prevêr, de todas essas alturas descem muitos riachos e ribeiros impropriamente denominados rios, que conduzem á bahia o tributo de suas aguas; d'elles, 17 são de alguma importancia, quer pela extensão de seu trajecto, quer pela fertilidade dos terrenos que banham; outros, menos consideraveis por seu volume, são tambem dignos de menção, pela pureza e bondade de suas aguas.

« Embora pequenos rios e ribeiros (diz o Dr. Macedo « nas *Noções de Corographia*), são veias de riqueza, alguns « ao menos, que se prestam á navegação por barcos e « canôas em milhas de distancia, e que alimentam exten- « sissimo commercio. »

Os 17 mais notaveis são os seguintes, começando da margem oriental da bahia :

O *Imbuassú* ou *Emboassú* : que tem sua nascente na serra de S. Gonçalo, a léste de Nitherohy ; é navegavel em pequena extensão, com o auxilio da maré, e desemboca no fundo de um sacco ou golpho fronteiro ao archipelago de Paquetá.

O *Guaxindiba* : nasce na serra de Taypú, recebe á esquerda o *Alcantara*, e depois de um curso de quatro milhas, a maior parte navegavel, vai desaguar uma e meia legua acima do precedente.

As margens d'este rio são encantadoras; o principe Maximiliano de Neuwied, e seus sabios companheiros Sellow e Freyriess, as visitaram em 1815, enriquecendo o seu album e museu com lindos passaros e plantas; e foi ahi que Sellow, em honra á marqueza de Bellas, deu o nome de *Bignonia Bellas* á formosa trepadeira, hoje muito commum em nossos jardins, e cujas flôres, diz elle, *brillaient de l'éclat de la flamme.* O escriptor Luccock, na obra *Notes on Brazil,* tambem refere uma pittoresca excursão que fez pelo Guaxindiba, em 1810.

Além d'essas vantagens, o rio Guaxindiba é importante por servir de limite entre as duas ricas comarcas de Nitherohy e Itaborahy.

O *Macacú* ou *Macucú,* segundo Gabriel Soares, ou ainda, como pensa o illustre Dr. Capanema, *Mbocucú,* nome de um marisco que abunda no lodo ; é o mais caudaloso tributario da bahia, e por esse motivo opina Varnhagen que esta com mais propriedade se deveria chamar *bahia de Macacú.*

Nasce na serra da Bôa-Vista, perto de Nova-Friburgo; engrossa consideravelmente com a affluencia de muitos rios, entre os quaes avultam o *Batatal,* o *Casserebú,* o *rio da Aldêa,* e o *Guapyassú,* e depois de grandes voltas, nas quaes banha terrenos muito productivos e varios portos de importancia commercial, offerecendo 15 leguas de seu curso á navegação, abre sua foz de 450 metros de largura, uma milha acima do precedente.

Nas risonhas margens d'este rio, nasceram os dois notaveis pintores brasileiros José Leandro e Manoel Dias-o-*Romano*: e foi no convento de S. Boaventura, de Macacú, que estudou durante alguns annos o illustre Fr. Francisco de S. Carlos, preparando-se para depois

immortalisar-se como orador sagrado e como poeta, tornando-se uma das glorias de sua patria.

Luccok, na obra ha pouco citada, relata uma exploração que fez ao Macacú (bem como depois o escriptor Mawe), o qual confessa ter ahi apreciado soberbos panoramas. Infelizmente, pouco tempo depois adquiriu este rio triste celebridade, por causa de uma febre que devastou algumas povoações situadas em terrenos baixos, e á qual se deu o nome de *febre de Macacú*.

Actualmente prospéra toda a fertil zona por elle regada, e assim continuará; pois, além de outras razões, é pelo seu valle que se desenvolve a estrada de ferro de Nitherohy a Cantagallo e Friburgo, atravessando da margem esquerda para a direita junto á confluencia do *Batatal de cima*.

O *Guarahy*: embora tenha a denominação de rio, não é mais do que outra boca do Macacú, de margens alagadiças e apenas frequentadas por alguns barcos de pescadores e outros que ahi vão buscar palha de enfardar e lenha de mangue.

O *Guapy* ou *Aguapey-mirim*: nasce na serra dos Orgãos, descreve uma curva de cerca de oito leguas, das quaes duas navegaveis por embarcações de pequeno calado e cinco por canôas, e fórma sua barra de 50 metros de largura ao norte e a meia milha de distancia da boca de Guarahy.

Este rio serve de divisa entre os municipios de Itaborahy e Magé, e por elle desce grande quantidade de assucar, café, legumes, etc.

O *Magé-mirim*: pequeno rio que tambem se origina nas abas da serra dos Orgãos, corre de norte para sul e desagua a pouca distancia e a oéste da foz do Guapy.

O *Magé*, ou *Magépe*, segundo Pisarro, nasce nas vertentes dos Orgãos, contorna a cidade do seu nome, e, depois de um trajecto de seis leguas, metade navegavel por barcos que abastecem os mercados da côrte, lança suas aguas meia legua a noroeste do Guapy.

Para tornar mais directa a viagem pelo rio, abriu-se outr'ora um canal que ia ter á cidade, então villa. Esse canal, que media 2,6 kilometros de extensão, 16 metros de largo e 1,5 de profundidade nas vasantes, custou cerca de 70:000$, mas acha-se obstruido e inservivel ha muitos annos, por se haver *economisado* a despeza que demandava a sua conservação.

O illustre poeta portuguez Diniz (*Elpino Nonacriense*) ficou tão agradado da belleza d'este rio e das florestas que o margeavam, no fim do seculo passado, que, na sua bellissima *Metamorphose* XII, figura que uma formosa nympha, chamada *Magé*, perseguida pelo zeloso consorte *Caboré*, fugindo atravez da floresta, afflicta implora os Numes, os quaes, compadecidos de sua dôr, a transformam em um chuveiro de fino orvalho, e

> ..... assim fugindo
> Toda em candido humor vai-se tornando ;
> De maneira que, quando havêl-a presa
> Caboré presumia, ante seus passos
> Com pasmo vê correr um largo rio,
> Que, fugindo veloz por entre a selva,
> Vai metter-se no mar, na gran bahia,
> Sem perder de *Magé* té hoje o nome...

ao mesmo tempo os Deuses, para castigarem o feroz Caboré, mudam-o no passaro do seu nome, o qual, aborrecido de todos os outros, se viu forçado a só sahir á noite.

O *Iriry* : origina-se em varios pantanos da baixada da serra dos Orgãos ; é navegavel durante cerca de duas

milhas, por barcos que conduzem mantimentos e materiaes de seus dois portos, e desemboca no fundo de uma angra, duas milhas a oeste da foz do Magé.

O *Suruhy-mirim* : desce da serra dos Orgãos, dá navegação a canôas que vão fazer lenha nas suas margens, e apresenta sua embocadura meia legua a sudoeste da do precedente.

O *Suruhy* ou *Sururú-y* (rio dos mariscos) : nasce tambem nas vertentes da serra dos Orgãos, fertilisa excellentes terras, nas quaes se cultivam bananas e mandioca, de que se fabrica a afamada farinha de Suruhy; depois de receber varios affluentes, entre elles o *Roncador*, presta-se a ser navegado durante mais de duas leguas por barcos de pequeno commercio, e vai ter ao fundo da bahia, ao norte da ilha de Paquetá.

Sua foz é muito proxima da do precedente, e a carta corographica de Bellegarde e Niemeyer dá os dois Suruhys como um só rio com duas embocaduras.

O *Inhomirim* ou *rio da Estrella* : nasce na serra da Estrella, e, unindo-se ao *Cachoeira*, fórma uma bella cascata de 44 metros de altura e 20 de largura sobre uma immensa bacia escavada na rocha durante muitos seculos ; reforça-se com as aguas do *Piabeta*, do *Cayoaba* e do *Saracurana*, e, depois de um curso de 8 leguas, das quaes 3 navegaveis por pequenos vapores de 25 a 30 cavallos, e mais de cinco por barcos menores, desagua duas leguas a oessudoeste do Suruhy, por uma abertura de 220 metros.

Este rio, que é o segundo da nossa bahia em largura e o terceiro em extensão, já foi o primeiro pela sua importancia, e para o demonstrar citarei as seguintes linhas de um escriptor contemporaneo :

« Em épocas mais felizes, foi o Inhomirim sulcado
« por grande numero de barcos que levavam ao Rio de
« Janeiro os productos da lavoura e industria de Matto-
« Grosso, Goyaz e Minas-Geraes, que vinham ter ao
« porto da Estrella, até então o unico ponto de embar-
« que conhecido n'essas provincias. Por elle passaram :
« o ouro extrahido das minas pelas companhias de mi-
« neração, o famoso *quinto* para o erario real, o rei
« D. João VI, os Imperadores D. Pedro I e D. Pedro II,
« principes e diplomatas, e uma pleiade de sabios e
« escriptores nacionaes e estrangeiros, como Velloso,
« Cunha Mattos, Freire Allemão, Agassiz, Martius, F.
« Denis, Alencar, etc., os quaes, do alto da serra, exta-
« siados, contemplaram o lindo panorama da bahia do
« Rio de Janeiro. Foi n'este rio que teve lugar n'esta
« provincia, e talvez no Brasil, a primeira navegação flu-
« vial a vapor diariamente, estabelecida pela companhia
« Nitherohy e Inhomirim pelo Decreto de 27 de Maio de
« 1840; assim como nas pontes lançadas sobre suas
« margens estrugiu o sibilo magico da primeira locomo-
« tiva que percorreu a terra do Brasil, annunciando a
« nova éra da sua prosperidade e grandeza. Hoje, o Inho-
« mirim, sem navegação a vapor diaria, sem o grande
« numero de seus barcos, pela falta de commercio, dis-
« trahido para outros pontos pelas estradas de ferro de
« Mauá e D. Pedro II, ainda vê modestamente deslisa-
« rem-se por suas aguas 16 barcos, transportando ao
« mercado da côrte os productos de sua lavoura e indus-
« tria rural, á espera que o governo, attendendo ás fa-
« ceis vias de communicação com os mercados da côrte,
« de Petropolis e da Estrella, á salubridade do seu
« clima, ás suas bellas aguas, piscosos rios, vegetação
« soberba, uberdade de seu solo e feliz topographia, dirija

« uma corrente de laboriosos emigrantes, afim de rotea-
« rem terrenos tão ferteis para a canna, o arroz, o milho
« e quaesquer cereaes e fructos. Então, n'essa época feliz,
« ouvirá o Inhomirim os brados de alegria d'esses uteis
« colonos, saudando com enthusiasmo a sua nova patria.»

E para completar a apologia das margens do Inhomirim, direi que foi ahi o

..... berço ignoto
De S. Carlos, o vate cuja lyra
Fortunosa encontrou no patrio solo
Os prodigios do céo e o paraiso,
Quando ascetico arroubo a delilhava,

conforme se expressa Porto-Alegre, referindo-se ao illustre cantor da *Assumpção*.

O *Boca-larga* : dão esta denominação a um braço do Inhomirim, que, partindo de sua margem direita, corre de norte para sul por terrenos alagadiços e vai ter á bahia, á igual distancia das bocas do Inhomirim e do Iguassú.

É apenas frequentado por canôas que vão buscar palha e lenha.

O *Iguassú* : é, depois do Macacú, o mais caudaloso dos rios que desaguam na bahia. Nasce na serra do Tinguá, recolhe os tributos do *Iguaré*, do *Marahy*, do *Utum*, do *Lages*, e, quasi no fim do seu curso, o importante rio do *Pilar*; banha uma zona muita extensa e productiva, offerecendo facil navegação por perto de cinco leguas até á villa do seu nome, e lança-se na margem occidental da nossa bahia, duas milhas a sudoeste da barra de Inhomirim.

O Iguassú tambem teve outr'ora dias de prosperidade, pelo consideravel movimento commercial que por

elle se realizava ; mas, da mesma sorte que o Inhomirim, viu diminuir muito sua importancia, desde que se abriu ao trafego a estação de Belém, na estrada de ferro de D. Pedro II, que tornou incomparavelmente mais rapido, commodo e barato o transporte dos generos entre a côrte e o interior. Presentemente, a navegação d'este rio está reduzida ao pequeno commercio mantido de seus portos para o littoral.

Sarapuhy: tem a sua nascente nas serras da Cachoeira e do Mendanha, augmenta com a juncção dos rios *Gericinó* e *Jacutinga*, e, depois de um gyro extenso e muito tortuoso, navegavel nas enchentes durante perto de uma legua, entra na bahia, uma milha abaixo da embocadura do Iguassú.

Merity: origina-se na serra do Bangú, reforça-se com as aguas dos rios *Pavuna* e das *Pedras*; presta-se a ser navegado por cerca de uma legua até o porto do seu nome, por pequenos barcos que transportam mantimentos e materiaes de construcção, e vai abrir sua foz a oeste da ilha do Governador, 4 milhas a sudoeste do boca do Sarapuhy.

Este rio marca o limite norte do territorio da côrte do Imperio, separando-o do municipio de Iguassú.

O *Irajá*: tem sua nascente em pequenas lagôas e pantanos da freguezia do Campo-Grande, é apenas navegavel em curto espaço, com o auxilio da maré, por pequenos barcos que carregam em seus dois portos lenha e materiaes, e vai desaguar um quarto de legua ao sul da foz do Merity.

Perto da margem d'este rio, jazem as ruinas do antigo palacio episcopal, e por este motivo o Irajá teve a honra de dar o nome ao titulo nobiliario do sabio e virtuoso bispo D. Manoel do Monte.

O *Inhaúma* : fórma-se nas vertentes das serras que ficam a oeste da cidade; recebe o pequeno rio do *Faria* e despeja suas aguas no fundo do golpho situado atrás da ponta do Cajú, o qual é por alguns chamado *bahia do Inhaúma.*

Apezar de pouco importante, este rio deve orgulhar-se por ter o seu nome ligado ao do heroico vencedor do Curupaity e Humaitá, o almirante Joaquim José Ignacio, que possuia uma modesta propriedade junto á sua embocadura.

Dos pequenos ribeiros e arroios, que, em numero avultado, correm de diversas direcções a desaguar na bahia do Rio de Janeiro, apenas citaremos os seguintes :

O *Icarahy* : que desce das montanhas a leste de S. Domingos e, costeando o morro do Cavallão, vai desaguar no extremo da bella praia do seu nome.

O *S. Lourenço* : que servia de limite ás terras dos caboclos e lança-se na praia de seu nome, a leste da Ponta de Arêa.

O *Mauá* : no fundo da bahia, o qual, apezar de insignificante, tem a gloria de ser o ponto inicial das estradas de ferro no Brasil e em toda a America do Sul, e o seu nome recorda o do emprehendedor negociante Irenêo Evangelista de Souza, que tanto trabalhou para o adiantamento do nosso paiz, creando a navegação do Amazonas, a illuminação á gaz na côrte, o grande estabelecimento de fundição na Ponta da Arêa, o primeiro ensaio de estrada de ferro no Brasil, bancos de credito na côrte e em varias provincias, etc.

O *Maracanã*, o *Trapicheiro*, o *Andarahy*, que se formam nas vertentes da serra da Tijuca; suas aguas são na maior parte utilisadas para consumo da população

da côrte, e os restos vão ter ás praias de S. Christovão e Formosa.

O já citado poeta Dr. Antonio Diniz, autor do *Hyssope* e um dos fundadores da Arcadia, tinha paixão pelas paisagens formadas por arroios e rios, deslisando suas limpidas aguas atravez das florestas; e, assim como imaginou a bella fabula sobre a origem do rio Magé, dedicou tambem ao aprazivel Andarahy a sua *Metamorphose X*. Conta-nos elle que a formosa nympha Sahy, qual Diana indigena inaccessivel aos laços do amor, entretinha-se em caçar nas serras junto á nossa cidade; um dia, entregue ao prazer d'esse passatempo, encontrou, torneando aquelles montes,

Um fresco arroio de agua crystallina
Que Andrahy (do ribeiro este era o nome)
Recostado sobre a urna, manso, manso
Com um lento susurro murmurava,
Que só de quando em quando interrompia
Dos passaros o canto.

Encantada a nympha por esse sitio tão ameno, depõe a aljava, despe a subtil roupa, salta na fria corrente, e assim fazendo

A lasciva Sahy a paz altera
Do quieto Andrahy, que em uma gruta
Em verter suas aguas se occupava.

Este, ao vêl-a, enamora-se de sua belleza, e, cego pela paixão, segue a desdenhosa Sahy; mas esta, fugindo, invoca o auxilio dos Deuses, que, condoendo-se d'ella, a transformam no lindo passarinho escarlate que tem o seu nome e

Se remonta veloz pelo ar delgado.
Andrahy, que vê d'entre os seus braços
D'esta sorte escapar-se a linda presa
Que segura julgava, furioso,
Confuso, envergonhado, a mergulhar-se
Para sempre correu em suas aguas.

E finalmente

O *Carioca*: que nasce na serra do Corcovado; é em parte conduzido no notavel aqueducto obra do benemerito Gomes Freire de Andrada, e distribuido por varios districtos da cidade; e a parte restante vai desaguar na praia do Flamengo, com o nome de *Cattete*, lançando um braço que, recebendo as aguas da pedreira de Santa Thereza, desemboca um pouco ao norte do morro da Gloria.

O Carioca era uma especie de rio sagrado dos *Tamoyos*, os quaes, exagerando a virtude e excellencia de suas crystallinas aguas, consideravam-as muito favoraveis á belleza das mulheres, assim como á voz dos musicos e cantores, qualidades estas a que o escriptor Thomaz Ewbanck accrescenta a de curar a melancolia dos hypocondriacos.

Os primeiros povoadores portuguezes deram-lhe o nome de *Mãi d'Agua*, e, como ficasse longe para irem buscar suas purissimas aguas, trataram de encanal-as, apezar dos pequenos recursos do senado, conduzindo-as em canos de telhas pelas encostas dos montes das Larangeiras, Cattete e Desterro até a ermida dos Barbonos; o governador Ayres de Saldanha, mandou concertar e melhorar esse encanamento, fazendo-o avançar até o campo de Santo Antonio, depois largo da Carioca, e concluindo o chafariz que com grande regosijo publico funccionou em 1723;

mas 20 annos depois o governador Gomes Freire, verificando o máo estado do aqueducto, mandou executar um outro de pedra do paiz, coberto de lages, mudando a direcção para o morro de Santa Thereza, e fazendo construir duas arcadas de pedra, com 42 arcos, o que tudo ficou concluindo no anno de 1750, conforme a inscripção que se lê em um dos arcos no principio da rua de Matacavallos.

No bellissimo poema de Magalhães — *A Confederação dos Tamoyos* — ha um commovente episodio, em que o chefe Aimbiré, encontrando o velho Pindobuçú dando sepultura ao filho querido, diz-lhe mostrando o pico do Corcovado:

Ali n'aquelle morro onde s'eleva
O Corcovado, pincaro ventoso,
Doce e manso deslisa o Carioca,
A cujas margens minha mãi cantava
Tão mestos cantos, que eu chorando ouvia,
E inda choro co'a lembrança d'elles.

Perto da foz d'este pequeno rio existiu a primeira casa de pedra do Rio de Janeiro, a qual ficou marcando o limite sul da sesmaria concedida por Mem de Sá, em 1567, para patrimonio da camara da nascente cidade de S. Sebastião; e talvez por causa d'esse limite, ainda hoje são conhecidos por *Cariocas* os naturaes do municipio neutro e com especialidade os das freguezias urbanas.

VI

SUAS ILHAS

Entre os accidentes topographicos que mais realce dão á belleza da nossa bahia, e um dos que mais justamente

têm occupado a attenção dos differentes escriptores, é a multidão de ilhas que se acham disseminadas n'ella, umas isoladas, outras dispostas em graciosos archipelagos; umas habitadas, outras desertas; umas cobertas de vegetação, outras constituidas por pedras grandes e escalvadas, mas todas concorrendo para a formosura do conjuncto.

Seu numero excede de oitenta, e quasi todas estão situadas na parte mais ampla da bahia, onde as aguas são mais socegadas. Algumas são conhecidas por mais de uma denominação, e é por isso que não combinam muitos nomes designados nas cartas de De Lamare, Elisiario, Freycinet, Barral, Debret e Candido Mendes, bem como que, nas obras de Balthazar Lisbôa e Pizarro, se encontram outros que não se sabe hoje a que ilhas pertencem.

Na planta topographica reduzida que acompanha este trabalho estão indicadas as denominações mais communs; e a relação d'ellas em ordem alphabetica é a que segue:

Agoa (Ilha da).—Está a leste da ilha do Governador e ao norte da ponta da Ribeira; sua fórma é quasi um quadrado de 320 metros de lado; espesso arvoredo conserva uma nascente de optima e abundante agua potavel, d'onde se origina seu nome.

Foi n'este sitio que, segundo nos refere o Sr. Dr. L. Netto, o velho João de Deus e Mattos, habil preparador aposentado do Museu, discipulo do Xavier dos Passaros, reuniu uma valiosa collecção de 2,000 zoophitos e molluscos que offereceu ao Museu, onde deu tantas provas de sua proficiencia e amor á historia natural.

Barral e Candido Mendes dão igual denominação á outra ilha. V. *Jurubahybas.*

Ajudante.— Situada em frente e muito proxima da praia

das Neves. Nas cartas que acabamos de citar ella é designada por *ilha Semana.*

Ambrosio.— Era outr'ora conhecida por *ilha dos Ferros.* Muito aprazivel, com casa de vivenda e fabrica de cal; faz parte do archipelago ao sul de Paquetá, e seu nome actual provém de ter sido propriedade de Ambrosio José das Flôres, fallecido em 1870.

Ananaz.— A oeste e muito proxima da do Ajudante, da qual tem quasi a mesma grandeza e configuração. Barral a designa por *ilha Redonda.*

Aroeira.— Ilha comprida e de pouca importancia, situada no grupo em frente á matriz da ilha do Governador.

Baiacú.— Acha-se a oeste da do Fundão e ao sul da praia de S. Bento, na ilha do Governador.

Bica.— V. *Conceição.*

Bôa-Viagem.— Na carta levantada em 1711 por Duguay Trouin, era uma ilha bastante afastada da terra, e em outras plantas figura como ilha; entretanto actualmente é ligada por uma lingua de arêa que dá passagem nas occasiões de vasante, sendo preciso utilisar-se de uma ponte nas enchentes. Existe n'ella um forte, hoje desguarnecido, apezar de sua excellente posição, e uma capella reconstruida em 1860, em substituição de outra edificada em meiados do seculo XVII, que gozava de grande devoção entre os maritimos, e que foi destruida por um incendio. Em 1810, fundou-se n'esta ilha um lazareto, para a manutenção do qual deviam concorrer os navios mercantes com uma diaria de 400 réis a 1$200, conforme a lotação. O panorama que do seu alto se desfructa sobre a barra, a cidade, as enseadas da Jurujuba, Flamengo, Botafogo, Gloria, e para o fundo da bahia, é admiravel, e d'elle

falla com enthusiasmo o mordaz Thomaz Ewbanck, no cap. 22 da obra *Life in Brazil*, referindo detalhadamente a visita que fez á *Ilha Sagrada*.

Bom-Jesus, *Caqueirada* ou *ilha dos Frades*.—Importante por sua grandeza, que é de 2,5 kilometros de extensão, e pelos edificios do Asylo de Invalidos da Patria e convento dos Franciscanos construido nos primeiros annos do seculo passado. O rei D. João VI assistia todos os annos por algum tempo n'esta ilha, e á sua custa fazia a festa do patriarcha S. Francisco de Assis, sendo notavel pela pompa, a de 5 de Outubro de 1819 para solemnisar o nascimento de D. Maria da Gloria, sua primeira neta.

Desde 1823 a 1832 esse convento serviu de hospital de marinha; posteriormente deu abrigo aos lazaros emquanto se faziam obras no hospital de S. Christovão. Em 1853 o governo utilisou-se d'elle como deposito de colonos, e dois annos depois como hospital de cholericos. Em 1865 ahi estiveram aquartelados alguns corpos de voluntarios que se dirigiam para a cruzada do Paraguay; e em Março de 1867 principiaram as obras para o Asylo de Invalidos, que com toda a pompa foi inaugurado em 29 de Julho do anno seguinte. N'esse edificio existe o museu militar com muitas bandeiras, armas e outros trophéos de nossas victorias; e na sua capella guarda-se, desde Novembro de 1879, o corpo embalsamado do heroico general Osorio, marquez do Herval.

O sabio bispo d'Elvas (Azeredo Coutinho), na sua obra *Ensaio Economico*, diz que n'esta ilha encontrou em abundancia o *murex* ou marisco da purpura dos antigos, do qual se serviam os curiosos e lavadeiras para, com sua tinta, marcarem lenços e roupas de côr purpurea e indelevel.

Além dos edificios nacionaes, ha na ilha muitas habitações particulares, mórmente na praia do lado do norte, em uma das quaes deu-se um acontecimento notavel. V. *Caqueirada*.

Bom-nome.—V. *Pedra do Bom nome*.

Coqueirão ou dos *Coqueiros*.—Formosa ilha ao norte da do Governador, comprada pelo ministro da guerra Junqueira em 1872 a Antonio Carlos da Silva Pinto, pela quantia de 28 contos de réis, para serem ahi construidos os depositos de polvora e munições de guerra, os quaes foram inaugurados em 1874, ficando a nossa cidade desaffrontada do enorme perigo, que corria, de existirem esses depositos na ilha de Santa Barbara, em frente e muito perto dos populosos bairros da Gambôa, Saude e Prainha. Sua área é de 65,400 braças quadradas, é separada da do Governador por um canal de 115 braças de largura e fundo para navios de grande calado; tem excellente agua potavel, muito arvoredo, grande casa bem conservada e todos os materiaes de construcção.

No tomo 7º das suas *Memorias*, diz monsenhor Pizarro que n'essa ilha se propagaram com *assás fartura* os coqueiros vindos de Pernambuco ha mais de 70 a 80 annos (isto em 1822).

Braço-forte.—Uma das ilhas mais pittorescas do grupo ao sul da de Paquetá, a cuja freguezia pertence. É coberta de rica vegetação e dizem possuir um manancial de bôa agua doce.

Brocoió.—Ilha montanhosa e guarnecida de basto arvoredo, situada a oeste e muito proxima da de Paquetá.

Cabras.—A ilha mais conhecida por este nome é a que jaz ao sul da do Governador, quasi unida á do Baiacú,

rodeada de pedras e que possue uma caieira; ha outra com igual denominação em frente ao Porto do Velho, mas que Candido Mendes no seu mappa designa por *Mãi Maria*. Algumas pessoas dão tambem este nome á ilha Redonda. V. esta ilha.

Cachorros.—Pequena ilha em frente ao porto do Barreto, a qual em alguns mappas, como os de Barral e Candido Mendes, é designada por *ilha de Fóra*; alguns chamam-a tambem ilha de *Manoel João*.

Cães.—V. ilha das *Moças*.

Cajaibas.—Ilha e varias pedras existentes no fundo da bahia, fronteiras ao porto da Piedade.

Cajú ou *Cajueiro.*—Antigamente dos *Mottas*, ao norte e á pequena distancia da Ponta d'Arêa; é habitada e contém fabricas de cal.

Cambambis.—Grande e pequena, duas ilhas separadas entre si por estreito canal e situadas entre o porto de Mariangú e praia a sudoeste da ilha do Governador.

Canhanhas.—Grandes pedras que se acham em um dos extremos da corôa ao sul da ilha do Governador e ao norte da do Catalão.

Caqueirada.—É a mesma do *Bom-Jesus*, mas esta denominação refere-se mais especialmente á parte mais larga e habitada que fica para oeste, e que talvez outr'ora fôsse separada, formando duas ilhas distinctas. O nome de *Caqueirada* adquiriu triste celebridade desde Janeiro de 1838, em que uma quadrilha de salteadores assassinou um pobre velho chamado Antonio Gonçalves Liberal, crime inutil, pois que o infeliz nada tinha para ser roubado. Presos os quatro assassinos e condemnados á morte, tres d'elles se suicidaram na casa forte

da ilha da Lage, a 6 de Fevereiro do anno seguinte, quando ião ser conduzidos para o patibulo e depois da mais desesperada resistencia á força que os ia buscar: um só, que tambem se ferira no pescoço, é que soffreu a pena capital no dia 8.

Cardos.—Pequena ilha ou reunião de rochedos a leste da Bôa-Viagem.

Casa de pedra.—Pequena ilha do grupo ao sul de Paquetá; tira o seu nome de uma extensa lapa aberta na rocha e que é capaz de dar abrigo a uma ou mais pessoas.

Catalão.—Ilha alta e de alguma importancia, situada entre as do Bom-Jesus e do Governador; varias casas de vivenda, e muitos coqueiros na sua face de nordeste, dão-lhe uma apparencia graciosa.

Caximbáo.—Pequena ilha em frente ao sacco de Maruhy e ao norte da ilha da Conceição.

Cobras (ilha das), outr'ora da *Madeira, porque,* diz Gabriel Soares, *della se tirava muita.*—É uma das mais importantes da bahia, por sua posição, que domina parte da cidade, e pelo valor dos edificios publicos e particulares que contém. Situada a leste da ponta do arsenal de marinha, da qual se separa por um canal de 15 a 20 metros de profundidade e 110 na menor largura; a ilha tem 800 metros de extensão sobre 300 de largura; pertenceu em seu principio a João Gutterres, que em 1589 vendeu-a por 15$300 a Fr. Pedro Ferraz, fundador do mosteiro de S. Bento. Em 1711 foi occupada por Duguay Trouin, que á primeira vista comprehendeu que partido poderia tirar de sua posição para o ataque da cidade; o governador Vahia officiou

ao governo portuguez em 1725, fazendo-lhe vêr a conveniencia de ser ella fortificada, e no anno seguinte o brigadeiro José da Silva Paes teve ordem de começar a actual fortaleza, que foi concluida 35 annos depois por Gomes Freire. Actualmente está armada com 34 canhões, alguns dos quaes de grossos calibres Armstrong e Whitworth; n'ella estiveram presos os conjurados da Inconfidencia de Minas em 1789, Silva Xavier o *Tiradentes*, Maciel, Alvarenga Peixoto, Rezende Costa, Freire de Andrada e o mavioso Gonzaga, que, em suas masmorras e servindo-se do borrão da candeia e do pé de uma laranja (como elle diz), escreveu as bellissimas lyras 21, 22, 23 e outras da sua *Marilia de Dircêo*. Em 1817 o governador de Pernambuco C. P. de Miranda Montenegro, logo que chegou á côrte com a noticia da revolução desse anno, ahi foi recolhido. Em Maio de 1821 tambem ahi fôram encerrados o padre Dr. Macambôa e Luiz Duprat pelas celebres occurrencias da Praça do Commercio, precursoras da nossa independencia; e em 1831 o exaltado patriota Dr. Cypriano Barata, implicado na sublevação do corpo de artilharia de marinha em 7 de Outubro, suffocada pelos corpos de officiaes soldados e municipaes, commandados, aquelle pelo coronel João Paulo Barreto e este pelo major Luiz Alves de Lima, depois Duque de Caxias.

A fortaleza pertence ao ministerio da marinha, que tem na mesma ilha o hospital, o quartel do batalhão naval, varias repartições da administração, e na ponta de noroeste os dois grandes diques cavados na rocha viva e ambos de notavel valor e utilidade. O maior d'elles, o *dique Imperial*, planeado pelo brigadeiro Francisco Cordeiro da Silva Torres, foi começado em 1824 pelo ministro Villela Barbosa;

continuado com morosidade e soffrendo continuas interrupções, foi em 1857 contractada a sua conclusão com o engenheiro inglez Law por 75,000 £, devendo ficar com 100 metros de comprido, 30 de largo na boca e 10 no fundo, 11 de profundidade e 23 de entrada ; em 2 de Dezembro de 1861 teve lugar a sua inauguração com a entrada da corveta *Imperial Marinheiro*, cuja guarnição apresou na mesma occasião dentro do dique, e depois de porfiado combate, um enorme mero de 2 metros de comprimento. O outro dique, de *Santa Cruz*, com dimensões um pouco menores, foi depois contractado com o mesmo Law, por 85,000 £, mas parando as obras em 1870, foi concluido pelos engenheiros Baraúna e Coimbra e inaugurado em 10 de Outubro de 1874. No primeiro d'elles deu-se em 7 de Junho de 1862 um sinistro, em que ficou quasi destruido o vapor de guerra *Viamão*, em consequencia de haver cedido a porta do dique, precipitando-se as aguas com extraordinaria violencia sobre aquelle navio e causando avarias em outros navios e barcos que estavam nas proximidades do dique.

Côcos (ilhas dos).—Grupo de pedras existentes ao sul do archipelago de Paquetá.

Comprida.—Á direita das precedentes e uma das do grupo pertencente a Paquetá. Balthazar Lisbôa, no 1º volume dos *Annaes do Rio de Janeiro*, refere-se a duas ilhas d'esse nome—*Comprida do Pinto* e *Comprida do Gomes*, não explicando, porém, suas posições respectivas.

Barral e Candido Mendes designam tambem com esse nome uma ilha perto da boca do rio Irajá, que é antes um mangal que fica descoberto nas occasiões de vasantes.

Conceição.—Ilha de 1,300 metros de comprimento sobre largura quasi igual, situada ao norte da Ponta d'Areia e separada do morro de Sant'Anna em Nitherohy por um estreito canal, mas de fundo de 5 a 7 metros. Existe n'ella uma capella edificada em 1711. Alguns a chamam ilha da *Bica*.

Coqueiros.—V. *Boqueirão.*

Damasceno ou do *Macena.*—É hoje chamada dos *Melões*, a maior das duas existentes entre o Sacco do Alferes e a Praia dos Lazaros. V. *Melões.* Esta ilha tem de desapparecer, quando se realizar a communicação entre os dois bairros, do Sacco do Alferes e S. Christovão, projectada desde 1859.

D. Manoel.—Grupo de pedras existente a nordeste da ilha d'Agua, e fronteira á matriz da ilha do Governador.

Dr. Fagundes ou do *Fagundes.*—V. *Tavares.*

Enchadas.—Ilha ao norte da ilha das Cobras. Tinha outr'ora uma pedreira donde se extrahiu a pedra para a construcção da igreja do Carmo, da rua Direita, por doação do governador Ruy Vaz Pinto em Janeiro de 1619. Posteriormente existia ahi um predio de Filippe Antonio Barbosa, o qual foi tomado por ordem do principe regente em 1808, para hospital da esquadra ingleza que acompanhou a côrte; e para esse edificio fôram, nove annos depois, transferidos os lazaros, afim de aquartelar-se no seu hospital de S. Christovão um dos batalhões da divisão Lecor. Actualmente serve de trapiche e deposito de carvão de pedra, tendo sido para esse fim comprada pelo preço enorme de 1,500:000$000.

Engenho, em frente ao porto do Velho.—Mede 1,200 metros de comprido e quasi igual largura; é montanhosa e

arborisada, e tem um grande edificio particular. Dizem que n'ella se encontra arêa de moldar, e suppomos que é esta a que Pizarro chama ilha dos *Flamengos*. V. *Manoel Rodrigues*.

Ferreiros, em frente e perto da Ponta do Cajú, a qual é unida por um banco de arêa. — É habitada e guarnecida de vegetação, e parece ter exercido alguma influencia na vida do desventurado Dutra e Mello, que fez a ella uma poesia, e a esse poeta se referem as seguintes linhas das *Brasilianas*:

.... a ilha dos Ferreiros que insufflára
N'alma pura do Dutra a flamma occulta
Que o seu ser devorou, amando uns olhos.

Desventurado poeta e sabio de 20 annos, que tanto promettia e expirou no mesmo momento em que, á pequena distancia, a patria perdia outro filho illustre, o conego Januario!

Ferros. — V. *Ambrosio*.

Flores. — Ilha quasi unida á do Ajudante, em frente ao morro das Neves. Pertence ao senador Silveira da Motta, que ahi mantem um grande viveiro de peixes. Tem tido differentes nomes: na carta topographica levantada pela Marinha em 1810 é designada por ilha de *Santo Antonio*; Barral dá-lhe a denominação de *Marim*; e Candido Mendes a de ilha do *Vital*.

Folhas. — Pequena e deshabitada já, muito proxima e a sudoeste da de Paquetá.

Forra semanas, *Sete semanas* ou *Santa Rosa*. — V. este ultimo nome.

Fundão.—Ao sul do Galeão ; tem 1,300 metros de comprido sobre 800 de largo. Candido Mendes diz que é ella a ilha dos *Gatos* a que se refere Pizarro. O general Abreu e Lima, na sua *Historia do Brazil*, e o Dr. De Simoni, nos *Gemidos Poeticos*, dizem ter sido junto desta ilha que se afogou o valoroso Ararigboia, o que vai de encontro á opinião geral de que esse triste successo aconteceêra perto da ilha Mucanguê-mirim, no lado opposto da bahia.

Gestás ou do *Conde de Gestas.*—V. *Vianna.*

Governador.—É a *Paranapuam* dos indigenas, a ilha do *Maracajá* ou do *Gato bravo* dos primeiros portuguezes, a *isle grande* de Laet ; posteriormente dos *Sete Engenhos*, e finalmente do *Governador*, por ter sido propriedade de Salvador Correia de Sá, o Velho, que comprou a D. Barbara de Castilho, viuva de Miguel Ayres Maldonado por 200$, segundo diz a tradição. Tem 13 kilometros de comprimento sobre 5 a 6 de largura, mais de 40 de circumferencia e a fórma de um grande animal voltado para leste. Nella deu-se o combate de 20 de Janeiro de 1567, em que foi mortalmente ferido Estacio de Sá, e pouco tempo depois foi nella assentado o primeiro engenho movido por bois, sendo tal a fertilidade do seu solo que chegou a possuir 7 engenhos de canna; mas ha cerca de 60 annos nenhum mais existe. Em 1710 foi edificada a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, depois elevada á freguezia, e posteriormente a dos religiosos Benedictinos, a de Nossa Senhora do Carmo da Ribeira e a capella de Nossa Senhora da Conceição, sendo a primeira (de Nossa Senhora da Ajuda) reedificada ha poucos annos, por ter sido destruida por um violento incendio, em 9 de Agosto de 1871.

Os Benedictinos têm parte da ilha, que lhes foi doada em 1695 pelo capitão Manoel Fernandes Franco; por occasião da vinda da Familia Real, em 1808, o abbade D. Fr. João da Madre de Deus mandou preparar uma casa para hospedar o principe D. João e uma tapada para o mesmo divertir-se na caça: e esse principe tinha prazer em ir assistir ás solemnidades religiosas do convento, pelo que Porto-Alegre, referindo-se nas *Brasilianas* a essa ilha, diz:

Alveja-lhe no centro o grão mosteiro
Dos filhos de S. Bento hospitaleiros;
De seus claustros na terra Americana
Mafra illusoria o Rei João fazia.

O mesmo D. João estabeleceu ahi uma plantação de chá, e a nossa primeira imperatriz mandou, em 1826, formar um deposito dos animaes raros que recebêra de diversos paizes, segundo informa Debret.

O Sr. D. Pedro I visitou por vezes a ilha, mas a *coutada d'El-Rei* cahiu em abandono; e, conforme disse um autor, aquellas estradas, que foram percorridas pelos coches reaes e personagens de brilhantes uniformes, acham-se hoje desertas e a perguntar saudosas pelos tempos em que repercutiam por ahi os écos das esplendidas festas, mandadas celebrar por D. João VI em honra e louvor da Santissima Virgem.

Na praia e terreno da ponta do Galeão para o campo de S. Bento foi que em 1810 a commissão de officiaes de marinha mediu uma recta de 7,200 pés inglezes (2k,2), que serviu de base á planta hydrographica da bahia.

No ultimo recenseamento a população da ilha orçava em 2,856 habitantes. A lavoura, que outr'ora floresceu, está quasi aniquilada pelo flagello das formigas; a

principal industria actualmente é o fabrico da cal, telhas e tijolos, e extracção de madeiras e lenha de seus mattos; é tambem ahi que está montada uma das fabricas de formicida do Dr. Capanema.

Em 1871 o governo comprou por 40 contos a fazenda de S. Sebastião, junto ao Juquiá, e ahi estabeleceu o Asylo de Invalidos da Marinha. Em todo o contorno da ilha encontram-se lindissimos passeios, entre outros as praias do Galeão, das Pitangueiras, da Tapera, a Brava e a da Ribeira, algumas d'ellas excellentes para banhos; para a das Pitangueiras houve outr'ora um projecto, creio que do ministro marquez de Caxias, para ser ahi estabelecido o nosso arsenal de guerra.

Guaxindibas.—Duas ilhotas ou corôas cobertas de mangue, situadas na boca do rio do mesmo nome.

Guayana.—Ilha rodeada de pedra, em frente da embocadura do rio Suruhy.

Honorio.—V. ilha da *Velha.*

Inhaúma.—É o nome que na planta hydrographica da marinha tem a ilha do *Pinheiro.*

Itabacy.—V. *Taybacy.*

Itaóca, ou Itaoquinha.—Ilha cercada de pedras, perto da praia de Itaóca.

Jurubahybas.—Duas formosas ilhas do pequeno archipelago ao sul de Paquetá: ambas são adornadas de vegetação, e uma d'ellas, a *Jurubahyba de cima,* ou que fica mais ao norte, dizem ter uma fonte de bôa agua potavel. Nos mappas de Barral e de Candido Mendes é ella designada por *ilha d'Agua*; e a outra, a *de baixo,* por *ilha da Palma.*

Lage.—Rochedo de 100 metros de comprido sobre 60 de largo, collocado na entrada da barra, dividindo o cana em duas secções desiguaes. N'ella existe a fortaleza começada em 1713 pelo governador Francisco de Tavora e concluida pelo marquez de Lavradio, montando actualmente 28 canhões. O accesso a ella é quasi sempre muito difficil, pela forte arrebentação das vagas; e por vezes a sorte da guarnição tem-se tornado critica, pelo ataque violento das ondas, que chega a desmontar a grossa artilharia, e pela falta de recursos, por não poderem atracar os escaleres durante muitos dias.

N'ella esteve preso o major Miguel de Frias, em consequencia do conflicto da noite de 28 de Setembro de 1831, conhecida pelos *Tiros no theatro.*

Na prisão d'esta fortaleza é que teve lugar a horrorosa scena mencionada acima na palavra *Caqueirada*; e tambem foi d'ella que em 19 de Abril de 1851 se evadiu o capitão Pedro Ivo, chefe militar da rebellião de 1848 em Pernambuco, immortalisado por uma bellissima poesia de Fagundes Varella, em que pedia o seu perdão; e que falleceu durante a sua viagem para a Europa.

Leonidia.—Pequena ilha em frente á foz do rio Suruhymirim.

Limão.—Ilha rodeada de recifes, situada em frente da capella da Guia, no fundo da bahia. Balthazar Lisbôa dá-lhe a denominação de *Simão de Pacobahyba.*

Lobos.—Ilhota formada por varias pedras com alguma vegetação, que se acha muito perto de Paquetá, quasi defronte da matriz. Provém-lhe o nome de haver pertencido a dois irmãos d'esse appellido.

Magé.—Ilhota ou delta coberto de mangues na boca do rio Magé, dividindo-a em dois estreitos canaes.

Mãi-Maria.—Pequena ilha entre a ponta da Ribeira e a ilha *d'Agua.*—*V. Cabras.*

Manguinho.—Ilha deshabitada, entre recifes, no grupo ao sul da ilha de Paquetá.

Manoel João.—*V. Cachorros.*

Manoel Luiz.—*V. Pinheiro.*

Manoel Rodrigues.—Ilha pequena em frente á igreja matriz da ilha do Governador. No mappa de Barral tem a designação de *Ilha do Engenho.*

Marçal de Lima.—É o nome dado por Pizarro á ilha ou antes delta coberto de mangues, existente na foz do rio Merity.

Maruhy.—Terrenos baixos com mangues, que nas vasantes fórmam uma extensa ilha, na boca do rio Inhaúma.

Melões.—*V. Damasceno.*

Merity.—*V. Marçal de Lima.*

Milho.—Pequena ilha de fórma circular, no grupo que fica a leste da ilha do Governador.

Moças, do *Cortume* ou dos *Cães.*—Ilha que está em frente á praia Formosa e proxima da dos Melões; como esta, está destinada a desapparecer, quando se estabelecer a projectada communicação entre o Sacco do Alferes e a rua do Imperador em S. Christovão.

Mocanguês, grande e pequena.—Duas ilhas fronteiras e ao norte do morro da Armação. A *grande* foi comprada pelo Governo em 1860 a José Joaquim Teixeira, para ahi estabelecer uma mortona onde entram annualmente de 25 a 30 navios para concertar. A *pequena* tem um importante trapiche, e, segundo diz a tradição, foi junto a

ella que se afogou casualmente o chefe *Temiminó* Martim Affonso Ararigboia, em fins do seculo 16°, depois de ter prestado immensos serviços á fundação da nossa cidade.

Nhanquetá, talvez corrupção de *Itanhangá.*—Ilha situada entre as do Governador e Paquetá, e que tem um grupo de pedras diante da sua face de leste.

Padre Lemos.—Nome dado por Balthazar Lisbôa e por Freycinet á ilha do Tavares.

Palmas.—Ilha fronteira á matriz da ilha do Governador e que faz parte do pequeno archipelago pertencente á mesma freguezia. Barral dá igual nome a uma das Jurubahybas.

Pancarahyba.—Ilha alta, quasi circular, deshabitada e coberta de matto, existente ao noroeste da de Paquetá.

Paquetá.—A poetica, a risonha, a aprazivel Paquetá — é, depois da do Governador, a maior das da bahia do Rio de Janeiro. Tem 2,5 kilometros de comprimento sobre largura muito variavel; e o ultimo recenseamento deu-lhe 1,500 habitantes.

Na época da fundação da cidade, foi doada esta ilha em partes iguaes a Fernão Baldez e Ignacio de Bulhões, e em suas proximidades deu-se um porfiado combate entre canôas de portuguezes e de *Tamoyos*; e, segundo diz Pizarro no tomo 7° de suas *Memorias*, em um estaleiro n'essa ilha foi construida a fragata *Estrella,* por Miguel dos Santos Lisbôa (não declarando em que época).

A belleza proverbial d'esta ilha, a salubridade e fertilidade do seu sólo, a indole pacifica de seus habitantes, e a communicação diaria a vapor com a côrte, fazem d'ella uma deliciosa vivenda para aquelles que

procuram a saude e a tranquillidade. Foi o retiro do venerando José Bonifacio desde 1832 a 1838, e do illustre Evaristo Veiga, o que explica as seguintes linhas das *Brasilianas*:

A linda Paquetá, delicia, orgulho
De tua capital, do Brasil todo!
Onde o puro Evaristo e o egregio Andrada
Foram dias fruir de ameno pouso,
Refocillar a mente atormentada
Pelo moto veloz e inconsequente
Da versatil politica.

Além de hospedes illustres que ahi vão buscar allivio a seus padecimentos, Paquetá é apreciada por innumeros amadores que concorrem annualmente ás romarias de S. Roque e do Senhor Bom Jesus do Monte; muitos escriptores e viajantes referem-se com elogio á formosura de seus panoramas, e d'elles citaremos De Pascual, que na Leitura 9ª do seu *Ensaio critico* exclama enthusiasmado:

«Collocai-vos em uma eminencia da ilha de Paquetá, e dizei-me se ha na terra um espectaculo, que, de muito longe, possa ser comparado com o que tendes ante os olhos.»

No tomo 1º do *Archivo do Retiro Litterario Portuguez*, do Rio de Janeiro, ha uma bella poesia do Sr. Manoel J. Gonçalves Junior, que começa do seguinte modo:

Surgindo d'agua á flôr, coberta de verdura,
O mar em torno d'ella, assim brando murmura:
— «Tu és de Guanabara a mais formosa filha,
«Nenhuma como tu, no seu regaço brilha
«Tão bella e tão gentil, ó Paquetá saudosa!
«Eu mesmo, nos vaivens da luta portiosa,
«Ao vêr o solo teu coberto de verdores,
«Em ti penso beijar a Ilha dos Amores.»

D. José F. Guido, secretario do general Guido (*Rev. litteraria de Buenos-Ayres*, Julho 1874), compara-a á ilha de Calypso, parecendo brotada do seio do mar pelos encantos de uma nova Armida, e n'ella julga-se transportado aos tempos biblicos e aos paizes onde se convida o estrangeiro com tamaras e se adorna o leito com folhas de palmeira.

O Dr. Joaquim M. de Macedo tornou ainda mais popular essa ilha, fazendo d'ella o theatro das mais bellas scenas do seu mimoso romance *Moreninha*; e ainda ultimamente, nas *Noções de Corographia do Brasil*, diz, em referencia a ella: «Quasi no meio da esplendida bahia, sorri ás mansas ondas a romanesca Paquetá, aprazivel e bella, enfeitada de chacaras e jardins.»

A principal industria de seus habitantes consiste na fabricação de cal, e ha alguns annos tentou-se a exploração do kaolin, que ha em abundancia no morro da Cruz, a sudoeste da ilha; do qual, nos diz o sabio bispo d'Elvas no *Ensaio Economico*, o illustre chimico brasileiro João Manso fez o apparelho de fina porcellana, igual á da China, offerecido a el-rei D. João VI; e ultimamente o Decreto de 31 de Julho de 1877 concedeu o privilegio a Bouliech & Vianna para explorarem esse artigo durante dois annos. Além d'isso, exporta-se tambem para o mercado da côrte muita lenha, frutas, peixes e hortaliças.

A face de sueste da ilha apresenta muito fundo e dá facil desembarque; em todas as outras o accesso é difficultado por grande numero de pedras, isoladas ou em grupos, algumas designadas por nomes especiaes, que dão ás praias o aspecto o mais pittoresco.

Passagem.—Grupo de pedras que jazem ao sul da ponta da Ribeira.

Pedras brancas.—Reunião de grandes pedras escalvadas ao norte da ponta da Itaóca. Ha uma outra *Pedra branca* a leste da ilha da Sapucaia.

Pedra do bom nome.—Pedra arredondada em frente á praia da Luz, acima da foz do Imbuassú. Dizem que teve outr'ora um nome menos decente, e que D. João VI designára-a com o actual, que conservou.

Pindahys.—Duas pequenas ilhas entre as do Bom-Jesus e Fundão, que se distinguem por Pindahy *de cima* e *de baixo*. Nas cartas de Barral e de Candido Mendes aquella tem o nome de *Ilhota* e esta de *Outra banda*.

Pinheiro.—Ilha montanhosa, fronteira á pedra do Thibau, na costa de Inhaúma, da qual é separada por um estreito canal. Na carta de Candido Mendes é designada por *ilha de Manoel Luiz*, e na da Marinha, levantada em 1810, tem o nome de *ilha de Inhaúma*.

Pita ou das *Pitangas.*—Pequena e deshabitada, no meio do archipelago ao sul de Paquetá.

Pombeba.—Ilha sobre o banco ou corôa fronteira á praia de S. Christovão; está n'ella montada uma fabrica de productos chimicos.

Raza.—Pequena ilha situada defronte da igreja matriz da ilha do Governador.

Rachada.—Compõe-se de duas grandes pedras afastadas dois metros uma da outra, e que, pelas faces planas que se oppõem, suppõe-se ter sido uma só pedra cortada por um raio. Ha quem affirme que este facto occorreu nos primeiros annos deste seculo.

Ratos.—Pequena ilha de pedra situada em frente da cidade, ao sueste da ilha das Cobras. Era outr'ora alta, mas

foi arrasada, e com a pedra extrahida construiu-se um cáes ao redor, apresentando bastante fundo aos navios, mórmente nas faces de leste e nordeste. Presentemente serve de deposito aos materiaes e apparelhos das docas da Alfandega, e trata-se de construir um quartel para os guardas e remadores d'esta repartição.

Raymundo.—Ilha montanhosa,quasi circular,e aformoseada por uma bôa casa rodeada de muito arvoredo fructifero; dizem que pertencêra outr'ora aos padres jesuitas, que edificaram a excellente casa e poços que ainda existem. Está collocada entre o porto de Mariangú e a praia das Frecheiras na ilha do Governador, e pertence á freguezia de Nossa Senhora da Ajuda d'esta ilha. Consta que sua compra foi proposta pelo Dr. Liais, como a posição mais apropriada para o novo observatorio astronomico.

Na carta hydrographica de Freycinet está indicada com o nome de *ilha Cardoza.*

Redonda.—Bella ilha montanhosa e deshabitada no archipelago ao sul de Paquetá; é tambem conhecida por ilha das Cabras, porque ha alguns annos ahi pasta um rebanho d'estes animaes.

Rijo.—Ilha rodeada de pedra, que fica mais ao norte no grupo a leste da do Governador; é um pouco alta e pela sua área e posição foi indicada pelo astronomo Dr. Liais como apropriada a ser n'ella edificado o Observatorio astronomico, que mais cedo ou mais tarde tem de sahir do morro do Castello, quer pelo provavel desmoronamento d'este, quer pela existencia de ferro que perturba as observações magneticas.

Riquesaba.—Nome que em alguns mappas se dá á ilha do Tavares.

Roás.—Pedras existentes ao norte da ilha do Governador perto da praia da Polonia.

Santa Barbara.—Ilha em frente á Gambôa; chamava-se antigamente *ilha das Pombas*, mas em 1761 o conde da Cunha mandou ahi edificar dois depositos de polvora sob a protecção de Santa Barbara, os quaes serviram para esse mister até o anno de 1874, em que por ordem do ministro Junqueira foram transferidos para a ilha do Boqueirão.

Santa Rosa.—Pequena ilha entre as do Raymundo e do Governador. Além d'este nome, que é o mais commum, encontra-se nos mappas os de *Forra Semanas*, *Terra Semanas* e *Sete Semanas*.

Santo Antonio.—V. *Flôres*.

Sapucaia.—I ha de alguma importancia, medindo de grandeza 800 metros sobre 600, e está situada ao sul da do Bom Jesus, da qual é separada por um estreito canal.

Saravatá.—Ilha comprida entre a foz do rio Merity e a ilha do Governador; é bastante arborisada e são afamadas as suas frutas. Alguns dão-lhe o nome de ilha do *Camarão*, por ter sido por muitos annos propriedade de Francisco Pereira Camarão, fallecido ultimamente, e que tinha ahi uma grande caieira.

Secca.—Ilha ao norte da das Enchadas e ao sul da do Governador; é bella e cheia de arvoredo, e por isso lhe assenta melhor o nome de *ilha Sécia*, que lhe dá Pizarro.

Taibacys.—Ilhota deshabitada, ao sul e muito proxima da de Paquetá.

Tapuamas.—Agglomerado de 20 a 30 pedras, formando dois grupos ao sul da de Paquetá.

Caputeia.—Pequena ilha ao sueste das Jurubahybas, e ao sul das Tapuamas.

Cavares.—Ilha comprida, de 1,500 metros sobre 350, situada em frente a S. Gonçalo. É a ilha do *Dr. Fagundes*, de Balthazar Lisbôa e da planta de Marinha; ilha do *Padre Lemos* de Freycinet; e *Riquesaba* de Barral e de Candido Mendes.

Tipitys.—Ilhas rodeadas de muitas pedras, a oeste da do Boqueirão; a maior d'ellas é a *Tipitiguassú* pela qual deve passar a estrada de ferro projectada e concedida em 8 de Novembro de 1879, conforme ficou dito no capitulo 4º.

Ubús.—Grupo de pedras situadas a sueste da ilha do Governador, e perto das pedras da Passagem.

Velha (ilha da), do *Honorio* e antigamente *Santa Cruz*, em frente a S. Pedro de Maruhy.—Tem 800 metros sobre 400 de grandeza, é habitada e possue um pomar de excellentes frutas. Pertenceu ao cirurgião-mór Dr. Honorio Gurgel do Amaral e hoje a seus herdeiros.

Vianna.—Muito perto e á esquerda da precedente; junto a ella morreu afogado, em 28 de Julho de 1837, o philantropico conde de Gestas, consul de França. N'essa ilha existiu um moinho de vento, pelo que alguns ainda a denominam *ilha do Moinho*.

Villegaignon.—Antiga ilha *Serygipe*, dominando o canal entre a barra e a cidade. Villegaignon construiu n'ella o forte Coligny, arrasado em 1560; fortificada posteriormente pelos portuguezes, foi, em 1711, o unico ponto que apresentou alguma resistencia a Duguay-Trouin, mais foi destruida por uma explosão. O conde da Cunha e o marquez de Lavradio augmentaram suas obras,

arrasando o morro das Palmeiras que a dominava. A fortaleza, que pertence á marinha, está armada com 34 canhões e serve de quartel ao corpo de Imperiaes Marinheiros.

Em 3 de Abril de 1832 sublevou-se a sua guarnição; mas, cercada a ilha por navios de guerra e ameaçados os revoltosos de um bombardeio, renderam-se no dia seguinte.

Viraponga.—Ilha deshabitada e pedregosa ao sueste da do Boqueirão e sudoeste da de Paquetá.

Vital.—Ilhota ao sul da do Engenho e muito perto da do Ananaz, separando-as um canal estreito e muito fundo. No atlas de Candido Mendes é designada por este nome a *ilha das Flôres.*

Em consequencia da diversidade de nomes que têm algumas d'estas ilhas, póde acontecer que se encontrem denominações que não se achem n'esta relação. Balthazar Lisbôa, enumerando algumas ilhas da bahia, no 1° volume dos *Annaes do Rio de Janeiro*, cita as da *Onça*, da *Memoria*, do *Sydonio*, do *Calambé*, da *Gallinha gorda*, dos *Romanos*, *Comprida do Gomes*, *Comprida do Pinto* e *ilha Grande da Armação*, que não sabemos quaes sejam os nomes actuaes. O mesmo succede com a das *Larangeiras*, dos *Flamengos* e a do *Galeão*, relatadas no 3° volume das *Memorias* de monsenhor Pizarro, observando em referencia á ultima que, diz elle, ter sido n'ella construida a náo *Capitania Real*, em tempo do governador Sebastião Benevides.

VII

DESCRIPÇÃO CIRCUMSTANCIADA DO CONTORNO

Conforme ficou dito em outro lugar, as margens da bahia apresentam um extenso circuito de 140 kilometros pouco

mais ou menos, em virtude do grande numero de enseadas, angras e saliencias que fazem diversificar o mais possivel os aspectos e paisagens, de maneira que se torna interessantissima a excursão para quem se dispuzer a percorrer todo o contorno.

Um periodico illustrado — *O Archivo Pittoresco*, de Lisbôa, iniciou em Julho de 1852 a sua carreira litteraria com uma vista da nossa bahia, considerada como *um dos quadros mais dignos de contemplação*; e no artigo explicativo, depois dos mais enthusiasticos louvores, diz o conhecido escriptor portuguez José de Torres: «A descripção minuciosa d'aquellas margens encantadoras exigiria volumes.» E quasi por identicas palavras já havia expressado a mesma idéa o padre fr. Agostinho de Santa Maria, no tomo 10º do seu *Santuario Marianno*.

O visitante que, com o auxilio de uma embarcação de pequeno calado, quizer examinar o variadissimo perimetro, começando da entrada da barra e procurando approximar-se de uma das margens, a oriental, por exemplo, irá vendo successivamente desdobrar-se diante de si os seguintes accidentes topographicos:

A *fortaleza de Santa-Cruz*, no seu principio bateria de Nossa Senhora da Guia, e depois forte de Santa-Cruz, construida em uma peninsula de rocha viva. Já se achava armada nos fins do seculo 16º, quando impediu a entrada da esquadrilha de circumnavegação do almirante hollandez Van North; em 1710 ainda conseguiu afastar da barra a expedição de Duclerc; mas, no anno seguinte, inteiramente desguarnecida, nenhuma resistencia pôde fazer á aggressão de Duguay-Trouin. Um pouco tardia, a real provisão de 22 de Setembro de 1730 ordenou aos governadores do Rio de Janeiro que, tanto essa fortaleza como a de S. João,

deveriam estar sempre armadas e guarnecidas. Os vice-reis conde da Cunha, marquez do Lavradio e conde de Rezende mandaram augmentar suas baterias, reforçando-a com a da *Praia de Fóra* e *Forte do Pico*, até que em 2[illegible] de Dezembro de 1831, um Aviso da Regencia determinou que fôsse reduzido o seu armamento e guarnição. Em 186[illegible] o conflicto provocado pelo ministro inglez Christie fez comprehender a necessidade de estar constantemente a barra em estado de defesa, e então tratou-se de dotar essa fortaleza com casamatas e artilharia poderosa. Actualmente a fortaleza de Santa Cruz, considerada a primeira do Imperio, pela importancia de sua posição, está guarnecida por um batalhão de artilharia de linha e monta 122 canhões grossos calibres (dos quaes 41 em fortes casamatas, um de 400 Armstrong, que atira á barbeta, e 80 em canhoneiras), além de mais 24 na bateria da praia de Fóra, que pertence ao mesmo commando. Esta fortaleza serve de registro aos navios que demandam o porto, e n'ella existe um interprete que recebe as respectivas informações para serem logo transmittidas ao telegrapho do Castello e á praça do commercio. Nas prisões de Santa Cruz têm estado detidas muitas pessoas importantes, das quaes mencionaremos: o marquez de Loulé, que, tendo servido nos exercitos de Napoleão, veiu entregar-se á prisão em 1817, e perdoado por D. João VI, tornou-se seu amigo inseparavel, sendo sete annos depois assassinado junto á sua pessoa em Lisbôa; o famoso caudilho Andrezito Artigas, que ahi falleceu em 1820; o conego Januario, detido durante 11 dias até seguir deportado para a Europa em Dezembro de 1822; o coronel Bento Gonçalves, chefe da projectada republica do Piratinim em 1836; e em 1851 o general Fructuoso Rivera, ex-presidente da Republica Oriental.

Avançando um pouco para dentro, vê-se o *forte do*

Pico sobre um alto morro que domina completamente a fortaleza de Santa-Cruz, da qual é a chave, e é esse morro que, visto de fóra da barra, parece formar, com o Pão de Assucar, as duas portadas de granito da entrada da bahia. O forte foi construido em 1762, por ordem do marquez de Lavradio, sendo preciso vencer enormes embaraços motivados pela grande elevação e ingremidade. A principio teve esse forte um commandante especial, mas o decreto de 13 de Maio de 1811 reuniu o seu commando ao da fortaleza de Santa-Cruz, e assim tem continuado até hoje.

Encostadas ao costão aquem e além do Pico, avista-se duas pequenas praias curvas, conhecidas pelos nomes de *Prainhas de dentro e de fóra*, e em continuação o *morro da Jurujuba*, e fronteiro a este o *morro do Cavallão*, formando ambos as extremidades de uma lindissima bahia chamada *Sacco da Jurujuba*, a qual comprehende as enseadas do *Botelho*, da *Jurujuba*, da *Varzea* que fica atrás das baterias da praia de Fóra, e mais ao fundo a praia do *Sambaqui*á separada da precedente pela *ponta do Peixe Gallo*, as praias do *Cortume*, da *Arêa-Grossa*, a da *Charita* ou de *S. Francisco*, a de *Santo Antonio* ou praia do Sacco, onde desaguam os dois ribeiros de *Santo Antonio* e do *Sacco*. N'essa bahia existem : o *Hospital Maritimo de Santa Izabel*, fundado em 1851 para tratamento da maruja dos navios mercantes; as capellas da *Conceição* e de *S. Francisco*, bem como o antigo convento d'este Patriarcha, construido em fins do seculo XVII. A vivenda n'estes sitios é extremamente aprazivel, por estarem comprehendidos entre a formosa praia onde as ondas se espreguiçam mansamente e a cadêa de montanhas, conhecidas por *morros da Viração*, que corre pelo lado de leste.

Depois do morro do Cavallão, por junto ao qual se deslisa o limpido rio *Icarahy*, chega-se ás duas amenissimas

praias de *Icarahy* e das *Flexas*, preciosas na estação calmosa pela excellencia de seus banhos de mar.

A primeira d'essas praias, a graciosa *Icarahy*, foi, em 18 de Fevereiro de 1876, theatro de uma scena tristissima. Uma candida donzella, D. Luiza de Brito, que em companhia de sua mãi e uma irmã se banhavam no mar agitado, é envolvida por uma onda; seu noivo, o Dr. José Joaquim Alves, esquece-se de que não sabe nadar, e, vestido como estava, se atira para salval-a; mas, cingido tambem pelas vagas, perecem ambos, sendo o oceano, e não a igreja, quem liga para sempre essas duas virtuosas almas.

A segunda, a das Flexas, é tambem chamada da *Itapuca*, e referindo-se á ella no *Echo Americano* de 6 de Janeiro de 1872, diz o illustrado Dr. José Carlos Rodrigues: « As bellezas da inspiradora e poetica Itapuca acordam n'alma a illusão mais doce, a scisma mais vaporosa. O rochedo denominado a *Pedra de Itapuca* deu motivo á creação de formosas lendas que ha longo tempo passam pela tradição; uma d'ellas, *A Somnambula de Itapuca*, foi já revestida da mais elegante fórma pelo Sr. Leonel de Alencar, conhecido litterato e jornalista.»

Accrescentaremos que essa pedra, destacada entre as vagas, em frente á praia, semelhante a uma columna truncada, tinha outr'ora uma gruta que nas marés baixas communicava com a praia vizinha, e era ella que dava o nome de *Itapuca* (pedra furada), nome que não tem mais razão de ser, depois da destruição d'esse tunnel natural.

Deixando a praia das Flexas, onde já se notam muitas e elegantes habitações, vê-se para sudoeste o promontorio da *Bôa-Viagem*, coroado pela capella, velho forte e quartel, promontorio que figura nas cartas antigas como uma ilha, mas presentemente é ligado ao continente por uma lingua de arêa que em certas occasiões permitte

a passagem a pé. Do alto da Bôa-Viagem goza-se de uma vista admiravel, celebrada por varios escriptores, um dos quaes, o commandante Eugenio Rodrigues, affirma ter ahi visitado o tumulo de Duguay-Trouin, asserção essa que ha de admirar aos biographos do ousado almirante francez que asseguraram haver elle fallecido em Paris, no anno de 1736. Por baixo da Bôa-Viagem, na ponta do sul, dizem os pescadores haver uma extensa gruta com degráos abertos na rocha, internando-se a consideravel distancia.

Dobrando essa ponta e seguindo para noroeste, passa-se em frente á praia *Vermelha* ou *Rôxa*, segundo outros, pela côr especial de sua arêa, em frente á qual existe um penedo isolado conhecido por *Pãozinho de Assucar*; e continuando se chega-se á ponta do *Gragoatá* ou *Carauatá*, onde jaz o antigo forte, desarmado em 1831 pela regencia e reparado depois da questão Christie em 1863; e bem ao norte do Gragoatá está a *Ponta da Armação*, limitando ambas a enseada chamada outr'ora a *Praia-Grande*, que se reparte em dois seios de desigual curvatura. O primeiro, que é tambem o menor d'elles, é

> ... aonde *S. Domingos* aprazivel
> Seus remansos assenta entre mil flôres ;

sitio pittoresco, onde quizeram ir fechar o circulo de seus dias tres legitimas glorias nacionaes, José Bonifacio em 1838, Mont'Alverne 20 annos depois, e Joaquim Caetano da Silva em 1873. O segundo seio fica além de S. Domingos, e é em suas margens que se assenta a capital da provincia,

> Nitherohy, saudavel, bella,
> Delicias estendendo na peninsula
> Que o monte d'Armação nobre remata,

como disse Porto-Alegre nas *Brasilianas*; e, segundo escreveu Carlos Mansfieldt: *S. Domingos e Nitherohy são dois bairros encantadores, imitações muito mimosas das povoações de Guernsey e de Jersey.*

Na encosta sul da Armação estão situadas as officinas do laboratorio pyrotechnico e fabrica de armas da marinha, dirigidas pelo habil e honrado capitão de mar e guerra Baptista; e na ponta, em frente á ilha das Cobras, existe um grande edificio, onde em 1816 se aquartelaram os voluntarios Reaes do Principe, e posteriormente outros corpos do exercito e voluntarios da Patria; esse edificio pertence agora ao ministerio da marinha, que ahi guarda o seu valioso material de guerra e officina de torpêdos. O nome de ponta e morro da Armação se originou do estabelecimento de armação para pesca de baleias, fundado em fins do seculo XVI, sendo o primeiro contratador Braz de Pina, talvez o mesmo que deu o nome ao antigo caes, hoje dos Mineiros, contiguo á alfandega, bem como ao campo de igual nome, em Irajá. A pesca das baleias era então um ramo muito rendoso; em 1765, quando o numero d'ellas já muito diminuira pela activa perseguição, foi arrematado o contrato por 12 annos, á razão de 40 mil cruzados annuaes pelas tres armações de Cabo-Frio, Rio de Janeiro e Ilha-Grande. O celebre Cook, quando aqui esteve em 1768, ainda viu funccionar a de S. Domingos; mas o alvará de 1798 aboliu o privilegio, permittindo a liberdade d'essa industria; disposição que de pouco serviu, visto que n'essa época já eram raras as baleias dentro da barra, e mais raras se foram tornando depois de 1808 com o augmento da navegação, sendo talvez a ultima a que, ha cerca de 40 annos, appareceu encalhada nos mangues da enseada de Inhauma.

Costeando o morro da Armação, encontra-se a *Ponta da Arêa*, onde o laborioso negociante Irenêo Evangelista de

Souza, depois barão de Mauá, fundou em 1846 o vasto estabelecimento de fundição e construcção naval, o qual, tendo passado a uma companhia em 1854, teve occasião, 11 annos depois, de prestar efficacissimo auxilio á nossa esquadra durante a campanha do Paraguay, de modo que, no curto espaço de um mez, de 18 de Agosto a 19 de Setembro de 1865, lançou ao mar, de seus estaleiros, as canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalgh*.

Da Ponta da Arêa a margem segue para o sul e volta logo para o norte, formando um golfo muito pronunciado, o *Sacco de S. Lourenço*, de modo que o morro da Armação e parte da cidade de Nitherohy estão em uma peninsula, *da feição de cabeça de cajado*, segundo a comparação de Gabriel Soares; o fundo do golfo tem o nome de *Sacco do Apicú*, e a margem que toma a direcção do norte é a *Práia de S. Lourenço*, onde vem terminar o elevado morro do mesmo nome, outr'ora conhecido por *Morro dos Caboclos*, porque n'elle e em suas immediações existiu o aldêamento dos indigenas descendentes dos *Temiminós*, companheiros do valente Ararigboia, a quem foram doadas essas terras por Antonio de Marins, em 1568 (V. nota 12). O morro de S. Lourenço, por sua posição, altura e proximidade da cidade, offerece um magnifico passeio, e o visconde Milliet de St. Adolphe, referindo-se a elle no *Diccionario Geographico do Brasil*, descreve-o como « uma « montanha cuja verdura harmonisa agradavelmente com as « casas e cabanas indias, e é uma soberba e engraçada paisa- « gem, digna de ficar em correspondencia com a montanha « da Gloria, já debuchada por muitos artifices.» «Todavia « (accrescenta o Sr. Joaquim Norberto na sua *Memoria « sobre os aldêamentos*), o morro de S. Lourenço, que ex- « cede ao da Gloria tres vezes em altura, se lhe é inferior « nas obras do homem, fica-lhe de sobejo superior nas

« scenas da natureza. Remontando-se ao cume, a vista se
« engrandece, a magnifica bahia dos Tamoios se patenteia
« em toda a extensão, com suas 72 ilhas, torneada pelas
« serras da Tijuca, Estrella e Orgãos, guardadas pelos
« seus gigantes de granito. Ponto de vista superior a este
« na nossa bahia, só o Corcovado, onde Porto-Alegre e
« Gonçalves Dias se inspiraram, produzindo poesias dignas
« do estro que em suas mentes brilhava. »

Se, por este elogio, alguem acoimar de suspeito o voto do illustre nitherohyense, recordarei que o principe Maximiliano de Neuwieed, tendo, em 1815, feito uma excursão ao morro de S. Lourenço, confessa, no 2° capitulo do 1° tomo de suas *Viagens*, conservar d'ella a mais fagueira impressão.

Seguindo a praia para o norte, entra-se em um canal fundo e estreito, formado pela ilha da Conceição e a *Praia de Sant'Anna*; n'esta acha-se situada, muito impropriamente, a estação terminal da estrada de ferro de Nitherohy a Campos, que incontestavelmente ficaria melhor dentro da cidade. Chegando ao extremo do canal e voltando á direita, penetra-se no *Sacco de Maruhy*, em cuja margem superior está assentado o cemiterio publico, nas abas do *Morro de S. Pedro*, notando-se no numero dos que ahi descansam dos trabalhos d'esta vida o mallogrado poeta Fagundes Varella, sepultado em Fevereiro de 1875; e, costeando o morro, encontra-se o *Porto do Barreto* e a *Praia das Neves*, proximo á qual se acha o campo do Barreto, onde em 1822 se reuniram, sob o commando do velho general Curado, as forças brasileiras destinadas a conterem a divisão de Jorge de Avilez, que projectava oppôr-se á causa da nossa independencia.

Continuando para o norte, passa-se outro canal com pouco fundo, tendo as ilhas do Ajudante e das Flôres á

esquerda e o *Morro das Neves* á direita, e findo elle entra-se na *enseada do Porto Velho*, fechada ao norte por um promontorio; mais além, vence-se a garganta entre a ilha do Tavares e a *Ponta de S. Gonçalo*; e, inclinando para nordeste, avista-se diversos portos como o da *Pedra*, o *Novo* e o do *capitão Rosa*, e chega-se a um bello golfo, denominado por Barral *Bahia do Porto-Novo*, no fundo do qual se percebe a foz do rio Imbuassú, que ahi conduz o tributo de suas aguas.

D'esse ponto a margem toma a direcção leste-oeste até á *Praia da Luz*, que volta para o norte apertada entre os morros do mesmo nome, e, chegando á velha capella, curva-se para formar a aprazivel *enseada da Itaóca*, apresentando a fórma de um arco de circulo, cujo centro é a ilhota conhecida pelo nome de *Itacquinha*; e termina no promontorio ou *ponta de Itaoca*, do cimo da qual se descortina admiravel vista sobre o fundo da bahia e archipelago de Paquetá. D'essa ponta em diante, a praia baixa é lodosa, estende-se cerca de uma legua para nordeste, recolhendo muitos regatos, e vai ter á embocadura do rio Guaxindiba, e é por estes sitios que, diz fr. Agostinho de Santa Maria (no tomo X do *Santuario Marianno*), *os camarões sam tam grandes em seo tempo, que um delles dá uma pitança para um frade jantar bem e nam tem comparação com elles um prato dos gabados camarões de Villa Franca de Xira.*

Em frente á foz do Guaxindiba existe um delta que nas marés vasantes fica em parte descoberto, e d'elle para o fundo da bahia a margem segue proximamente o rumo norte-sul, durante perto de uma legua, recebendo n'esse espaço as aguas de tres rios, a saber: 1º, o *Macacú*, que, como ficou dito em outro logar, é o maior dos cursos d'agua que se lançam na bahia, quer considerando

o volume e extensão do trajecto, quer a importancia das povoações que banha, quer ainda pela fertilidade do seu valle, que serve de leito á estrada de ferro de Nitherohy a Cantagallo; 2º, o *Guarahy*, á meia legua da foz do precedente, do qual é um braço e não rio distincto; 3º, o *Guapy*, chamado tambem *Guapy-mirim* para distinguil-o do *Guapy-assú*, que é um dos mais consideraveis affluentes do Macacú.

Além da boca do Guapy, a margem inclina para noroeste durante cerca de meia legua, até encontrar a foz do rio *Magé*, quasi occulta por um delta coroado de mangues; mas, antes de ahi chegar, passar-se-ha em frente ao *Magé-mirim*; e ainda entre este e o precedente vê-se o antigo canal que foi aberto para tornar mais directa a communicação á cidade de Magé, mas que ficou obstruido por falta de conservação.

Adiante do Magé a praia fórma um pronunciado seio, onde desaguam os riachos do *Pau*, de *Sant'Anna* da *Ilhota*, e termina no morro e porto da *Piedade*, posição excellente e de grande importancia, por partir d'ahi a estrada para a serra dos Orgãos, pela facilidade que offerece ao embarque dos generos, e pela communicação diaria com a côrte por meio de vapores; accrescendo ainda a estas vantagens a belleza do sitio, com a sua alva capella, que de muito longe attrahe a attenção (*causando alegria e devoção a todos os que navegam aquelle largo seio de mar*, segundo diz o já citado fr. Agostinho de Santa Maria), as ilhas Cajaibas e penedos isolados que ficam em frente da capella, bem como o promontorio da *Taputera*, que se avista meia legua a oeste, e que com o morro da Piedade limitam a formosissima enseada, em cujo meio vem desaguar o rio *Iriry*.

Da Taputera em diante a margem toma para noroeste,

estendendo-se por meia legua uma pittoresca reentrancia conhecida por *Sacco do Murundú*, no meio do qual se lançam os rios *Suruhy* e *Suruhy-mirim*, que, procedendo de origens afastadas, convergem depois de muitas voltas, e vão quasi unir suas bocas em frente de duas ilhas, Guayana e Leonidia, que guardam em suas grandezas a mesma relação que existe entre os dois rios.

No fim d'essa praia encontra-se a montanhosa costa do Cruará, onde se acham edificadas as duas capellas, de *S. Francisco*, voltada para o lado da Piedade, e de *S. Lourenço*, fronteira á ilha de Paquetá ; e um pouco mais ao sul as pontas do *Matafome*, que ficam exactamente no fundo da bahia, defronte da entrada da barra.

Costeando os morros pela face de oeste, chega-se á *Praia da Olaria*, terminada pela ponta pedregosa do mesmo nome ; e em seguida a *Praia Grande*, dominada pelo *morro dos Remedios*, sobre o qual alveja a capella construida em 1740, e é n'essa praia que está o *porto de Mauá*, ponto inicial da estrada de ferro da raiz da serra que liga a côrte á cidade de Petropolis, permittindo ao viajante que sahe da Prainha ás 2 horas da tarde ir chegar ás 6 horas á bella rainha do Piabanha, depois de amenissima viagem por mar, planicie e serra, descortinando sempre as mais admiraveis paisagens. Toda essa zona do Guapy a Mauá era em fins do seculo passado muito productiva em assucar e anil, como nos diz Balthazar Lisbôa no volume 5 cap. 5 § 8 dos seus *Annaes do Rio de Janeiro* ; mas hoje não goza de bom nome, por causa dos pantanos e mangues que se estendem entre a nossa bahia e a serra dos Orgãos.

Depois de Mauá, a margem muito baixa e lodosa inclina para sudoeste até á ponta fronteira á ilha do Limão, passando-se, antes de chegar a esta, pela foz do *ribeiro Pacobahiba* e capella de Nossa Senhora da Guia, em sua origem

ermida de Santa Margarida, um dos mais antigos templos do Rio de Janeiro; e, contornando a dita ilha pelas faces de leste e sul, continuando parallelamente á praia, é preciso afastar-se d'esta, por causa do mangal que se estende por mais de uma milha em frente ao canal que conduz á boca do rio *Inhomirim*, cujas aguas, hoje silenciosas, já foram muito sulcadas pelo grande numero de barcos que faziam animado commercio entre a côrte e a villa da Estrella, ponto obrigado da communicação para a provincia de Minas-Geraes, antes que funccionassem as estradas de ferro.

Ao sul do Inhomirim, a costa, um pouco elevada, fórma um S, recebendo na reentrancia o *Boca-larga*, que é um braço do Inhomirim, que corre de norte a sul por terras lodosas; e um kilometro mais abaixo se abre a foz do *Iguassú*, rio importante por seu curso e volume de suas aguas, o qual tambem teve seus dias de prosperidade, mas perdeu-a desde que a estrada de ferro D. Pedro II foi-se internando para o centro da provincia.

Avançando mais um kilometro no mesmo rumo, encontra-se a embocadura do rio *Sarapuhy*, e para diante, inclinando para sudoeste, sempre em terreno baixo, apenas interrompido pelos morros e ponta da Engenhoca, corre uma costa de legua e meia, recolhendo muitos regatos, até á foz do rio *S. João de Merity*, limite do territorio pertencente ao municipio neutro, indo o tortuoso canal d'esse rio passar ao lado da ilha de Saravatá. Continuando cerca de meia milha para o sul, chega-se á embocadura do *rio Irajá*, em uma reentrancia cujos lados são proximamente perpendiculares entre si.

D'esse ponto em diante a costa procura a direcção de sueste, quasi parallela á face fronteira da ilha do Governador; e depois de percorrer uma praia lodosa, que fica a descoberto nas vasantes, encontra-se o porto de *Mariangú*,

dominado pelo alto monte de Nossa Senhora da Penha, no cimo do qual se ostenta garbosa a celebre capella, que attrahe annualmente enorme concurrencia de alegres romeiros, que pelas folhagens com que adornam os seus carros e cavalgaduras, pelos vasos symbolicos por onde fazem suas libações, bem como pelo estado em que regressam a seus lares, mais parece voltarem de uma bacchanal da antiga Roma, em honra do gordo filho de Jupiter, do que de uma devota visita a um templo consagrado á Virgem Purissima dos christãos.

Esta romaria é de uso bastante antigo, pois que no tomo 10 do *Santuario Marianno* se faz menção d'ella nos primeiros annos do seculo passado.

Dobrando depois a *Ponta do Engenho*, e descendo para o sul, passa-se o canal formado pela ilha do Fundão, e no fim ha duas enseadas seguidas e logo após a ponta e *Pedra do Thibau*, fronteira á ilha do Pinheiro, e que é o limite entre as costas de Irajá e de Inhaúma. Seguem-se a *enseada de Inhaúma*, a da *Olaria* e em continuação as terras baixas ou delta do *Maruhy*, que divide em duas partes a embocadura do rio Inhaúma. A margem volta então para nordeste e, costeando a aprazivel enseada do *Retiro-Saudoso* e o pittoresco *Sacco da Raposa*, que faz frente á ilha da Sapucaia, chega-se á muito conhecida *Ponta do Cajú*, onde existe a antiga Quinta Imperial d'esse nome. Em algumas cartas hydrographicas dá-se a denominação de *bahia de Inhauma* ao golfo que tem para extremos as pontas do Thibau e do Cajú, e no fundo do qual desagua o rio de Inhaúma.

Defronte da Ponta do Cajú e separado d'ella por um banco de arêa, acha-se a ilha dos Ferreiros ; e, descendo para o sul, avista-se a extensa *Praia de S. Christovão*, onde successivamente se vão encontrando : o *cemiterio da*

Santa Casa da Misericordia, ahi estabelecido pelo provedor José Clemente Pereira em 1839 para os indigentes e escravos; os cemiterios de S. Francisco Xavier, de S. Francisco da Penitencia e do Carmo, que começaram a funccionar em 1850, devendo-se ao terrivel flagello da febre amarella o beneficio de ter sido abolido o uso do enterramento nas igrejas, o qual já fôra terminantemente prohibido em 1801 pela carta régia de 14 de Janeiro, transcripta por Pizarro no tomo 6º. O numero elevado de povoadores que já contam estes tristes estabelecimentos, bem como a compacta população das immediações, reclamam altamente por uma *Necropole* mais vasta e afastada da côrte, á semelhança da que já existe nas cidades mais adiantadas; e não ha muito tempo foi nomeada uma commissão para estudar e dar parecer sobre esse interessante assumpto. Em seguida vê-se na mesma praia a igreja do Senhor do Bomfim, elevada pela tenaz perseverança do velho e pobrissimo Luiz Baptista Correia, que teve a consolação de a vêr concluida em 1862; dando-se a notavel coincidencia de ter sido a encommendação do seu cadaver um dos primeiros actos que n'ella se celebraram, poucos dias depois da benção e inauguração. Mais adiante acha-se a *capella de Nossa Senhora do Soccorro e S. Christovão*, mais conhecida desde longos annos pelo nome de *Igrejinha*, e que tornou-se uma importante matriz do municipio neutro; em frente a ella corre o pequeno caes, que era muito frequentado antes que trabalhassem as linhas de bonds, e tem, como notavel recordação, ter sido ahi onde embarcou o primeiro imperador, depois de abdicar em 7 de Abril de 1831, recolhendo-se com sua filha D. Maria II á náo ingleza *Warspite*. D'esses sitios se avista em uma collina, á pequena distancia, a Imperial Quinta, residencia habitual dos nossos soberanos, doada

por Elias Antonio Lopes ao principe regente D. João, pouco depois de sua chegada ao Rio de Janeiro; e é onde os actuaes imperantes, desacompanhados de qualquer etiqueta, recebem todos os que os procuram, nacionaes e estrangeiros, empregando, não as maneiras de soberanos, mas a affabilidade de um pai ou de um amigo.

Em continuação passa-se em frente ao *hospital dos Lazaros*, outr'ora casa de campo dos Jesuitas, e depois da expulsão d'estes, destinada pelo vice-rei conde da Cunha, em 1765, ao humanitario fim para que ainda hoje serve, dirigido com verdadeira caridade pelos irmãos da Candelaria; e em seguida á montanha, em que se acha esse hospital, estão os edificios do antigo cortume de Mello e Souza, comprados pelo ministerio da guerra, em 1873, ao barão de Mauá pela quantia de 900 contos de réis, sendo n'elles estabelecidos os quarteis do 1° regimento de cavallaria e 2° de artilharia a cavallo; e no palacete fronteiro, comprado na mesma occasião por 100 contos, o archivo e lithographia militar, e commando do corpo de engenheiros.

A praia, antigamente chamada dos *Lazaros* e modernamente das *Palmeiras*, na qual se acham situados os edificios mencionados e ainda a casa de machinas do 4° districto da companhia *City Improvements*, converge com a *Praia Formosa*, que fica em sua continuação, formando ambas o golfo ou *sacco de S. Diogo*, cujas margens baixas e lodosas têm a denominação de *Mangue da Cidade Nova*. Ahi desaguam os regatos Maracanã, Joanna, Andarahy e outros que descem da serra da Tijuca; e onde está hoje a ponte do Aterrado era o sitio em que, no seculo passado, os navios mandavam fazer a aguada, pelo que era conhecido por *Bica dos Marinheiros*; e, segundo diz Varnhagen, apoiando-se em um trecho da obra de Gabriel

Soares, em suas immediações acamparam por algum tempo os indigenas de Martim Affonso Ararigboia (V. nota 12 acima).

Junto á Praia Formosa, foi em 1850 estabelecido o *Matadouro*, que anteriormente funccionava na Praia de Santa Luzia, e que se trata de transferir para o campo de Santa-Cruz, junto á Imperial Fazenda.

Esta medida, reclamada ha longos annos, de grande vantagem para a cidade e particularmente para o bairro de S. Christovão, crescerá de importancia quando fôr realizado o aterro de todo o espaço limitado pelas duas praias e a ilha dos Melões, idéa aventada desde 1839, que, além de extinguir um fóco de infecção, augmentará uma área consideravel a essa parte da cidade, já muito populosa.

Chegando a este ponto, começamos a penetrar na porção da bahia onde é maior o movimento commercial e a riqueza; e, como é tambem a mais geralmente conhecida, não nos estenderemos muito na descripção dos detalhes, pois isso nos faria sahir dos limites que nos impuzemos.

Passando além da Praia Formosa, encontram-se successivamente: a *Ponta do Boticario*, em frente á ilha das Moças; o *Sacco do Alferes* com o seu pequeno cáes e *ponte do Gambá* outr'ora muito frequentado para a carreira da Igrejinha de S. Christovão; a casa de machinas do 2º districto da companhia *City Improvements*; a *Ponta da Chichorra* e o *Sacco da Gambôa*, onde acaba de construir-se uma extensa ponte e armazens para deposito do café transportado do interior pela estrada de ferro D. Pedro II; o promontorio da *Saude*, em cuja encosta existe o cemiterio dos protestantes, fundado em 1815, bem como o lazareto e a capella de Nossa Senhora da Saúde, edificada em meiados do seculo passado; e foi da ponta da Saúde

que em 1855 se lançou o cabo submarinho para Mauá, afim de ligar a côrte a Petropolis, primeiro cabo d'essa natureza que funccionou em toda a America Meridional. Toda esta porção da cidade acha-se situada nas abas dos morros de S. Diogo (antigo de Santa Thereza), do Pinto (outr'ora do Nheco), e da Providencia.

Seguem-se as antigas praias do *Vallonguinho* e do *Vallongo*, que constituem hoje os bairros da *Saude* e da *Prainha*, importantissimos pelos seus estaleiros, mercado, escola publica, officinas de fundição, o velho cáes onde desembarcou Duguay-Trouin em 1711, e em 1843, já melhorado e com o nome de *Praça Municipal*, serviu de desembarque á nossa virtuosa Imperatriz actual ; é ainda ahi que existem as docas de D. Pedro II, projecto e obra do engenheiro Rebouças, varios trapiches, a mesa de rendas provinciaes, e as officinas do arsenal de marinha, indo terminar na *ponta de S. Bento*. Toda esta parte é dominada pelos morros do *Livramento*, da *Conceição* e de *S. Bento*; o primeiro coroado com a sua capella em ruinas, o segundo com a capella de S. Francisco da Penitencia, a fortaleza com a fabrica de armas creada pelo conde da Cunha, e a ermida da Conceição de 1634 transformada em palacio episcopal pelo bispo D. Francisco de S. Jeronymo ; e o terceiro com o mosteiro dos Benedictinos, o qual, não obstante o seu fim especial, deu abrigo á academia de marinha logo que foi creada em 1808, tem por vezes servido de aquartelamento a varios corpos do exercito, e em 1869 hospedou por alguns dias o bravo marechal Argolo, quando chegou do Paraguay e se dirigia para a Bahia, gravemente ferido na terrivel acção de Itororó.

Da *ponta de S. Bento* ou do *Arsenal de Marinha* a margem volta na direcção de sueste, formando com a ilha

das Cobras um profundo canal de 120 metros na menor largura e 20 de profundidade, que é o caminho ordinario dos navios de grande calado quando buscam approximar-se da alfandega. Ao espaço comprehendido entre essa ponta e a do *Calabouço* ou do *Arsenal de Guerra*, é que se referem as obras hydraulicas do porto, mencionadas no capitulo IV ; e em toda essa extensão de cerca de 1500 metros jaz uma riqueza colossal em edificios publicos e particulares, mercadorias de todos os generos e em enormes quantidades, que alimentam as immensas relações commerciaes do Rio de Janeiro com todos os portos e mercados do universo ; e por esse motivo as casas, armazens, e terrenos d'esse lanço da cidade representam valores de tal sorte elevados, que uma propriedade, por pequena que seja, n'esse local, constitue um patrimonio para quem a possue.

No citado espaço estão situados : os edificios do ministerio da marinha, o caes da praia dos Mineiros, as docas da alfandega, a praça do Mercado com a bacia e rampa de pedra para o seu serviço, o largo do Paço com a igreja do Carmo (em seu principio ermida de Nossa Senhora do O'), a capella Imperial, a antiga casa dos governadores, que muito impropriamente serve de palacio imperial unido ao velho convento dos Carmelitas, que faz frente á praça ajardinada, existindo no segundo andar o salão onde funcciona o Instituto Historico e Geographico, como no tempo do vice-rei marquez de Lavradio serviu para as sessões da Academia Scientifica. Na mesma praça nota-se ainda : o chafariz edificado por ordem do dito marquez para o abastecimento dos navios, o palacio da secretaria da agricultura, onde teve lugar a Exposição Nacional de 1876, o cáes e ponte de embarque das barcas de vapor de Nitherohy e de Paquetá ; mais além

a praia de D. Manoel, o largo do Moura, onde se acham o quartel, o chafariz e o necroterio, construido em 1874 para exposição dos cadaveres; terminando essa face com os edificios do arsenal de guerra, que tem sido successivamente forte de S. Tiago, quartel da guarda dos vice-reis, prisão do Calabouço, parque e trem de artilharia, finalmente arsenal do exercito e depositos da intendencia da guerra.

Na ponta do Calabouço começa a *Praia de Santa Luzia*, que corre no rumo de sudoeste, tendo a cavalleiro o morro do Castello, outr'ora de S. Januario, berço da cidade, e que, segundo uma tradição popular, guarda ainda em seu seio o avultadissimo thesouro escondido pelos jesuitas quando foram expulsos para a Italia, no tempo do governador Gomes Freire. Sobre o dorso d'esse morro estão situados: o hospital militar, a igreja de Santo Ignacio, antigo collegio dos jesuitas, contemporaneo da fundação da cidade e obra dos virtuosos Nobrega e Anchieta; o convento dos Barbadinhos, que foi a primeira Sé de S. Sebastião, reedificado em 1861, no qual jazem os restos do fundador Estacio de Sá; o observatorio astronomico, creado em 1846; e a velha fortaleza do Castello, que domina grande parte da cidade, construida de taipa em 1572, reformada em 1713 e occupada pela divisão do general Avilez, dois dias depois do memoravel *Fico*, aurora da nossa independencia; fortaleza hoje desarmada, servindo de estação telegraphica de signaes, da barra para a cidade.

A parte do morro entre a igreja de S. Sebastião e o velho edificio que serviu de laboratorio do exercito foi concedida para cemiterio dos militares pelo Decreto de 10 de Março de 1827, porém tal idéa foi logo abandonada.

Por sua posição e volume, o morro do Castello impede

que as brisas da barra se estendam pela parte mais populosa da cidade, tornando-a mais arejada e sadia; por essa razão ha muitos annos se discute o melhor plano para seu arrasamento, sendo talvez o primeiro que se occupou com esse problema, o sabio bispo Azeredo Coutinho, na notavel obra *Ensaio Economico*, impressa no principio d'este seculo, e depois por Pizarro no tomo 7º cap. 6º das *Memorias Historicas*. Para facilitar a realização d'essa idéa, o governo tem chegado a conceder vantagens á companhia que se organizar com esse fim, mas as difficuldades que se apresentam têm impedido que vá avante, conforme ficou dito no cap. 4º.

Tirando da ponta do Calabouço uma linha recta para o sul, esta irá ter ao morro da Viuva, e o intervallo que separa esses dois pontos extremos é preenchido pelas *Praias de Santa Luzia*, da *Gloria*, do *Russell*, de *D. Pedro I* e do *Flamengo*. Na primeira d'ellas existiu o antigo matadouro, e actualmente: a escola de medicina, que brevemente tem de ser mudada para local mais proprio, além de Botafogo; o magestoso hospital da Santa Casa de Misericordia, modesta creação do veneravel Anchieta, e que, progredindo com rapidez, actualmente soccorre cerca de dois mil enfermos diariamente, rivalisando em riqueza, ordem e verdadeira caridade com os mais afamados estabelecimentos d'esse genero na Europa, segundo opiniões insuspeitas, corroboradas ainda em 1880 por uma communicação feita á academia franceza pelo Dr. Fort, que aqui veiu em serviço d'essa illustrada corporação; a capella de Santa Luzia, que começou por uma ermida que abrigou os primeiros franciscanos aportados no Rio de Janeiro, em fins do seculo XVI; as *Praias da Ajuda* e *Boqueirão do Passeio*, muito frequentadas pelas familias que ahi vão tomar banhos de mar; o

asseio Publico com seu aprazivel terraço, o qual, apezar a transformação que soffreu em 1862, recorda a todo o om fluminense os serviços do vice-rei Luiz de Vascon ellos e do seu auxiliar o habilissimo Valentim, que om quatro annos de assiduo trabalho, de 1779 a 1783, tornaram de um brejo pestilencial, um dos mais apreciaveis sitios da cidade; o convento dos Carmelitas, antigo seminario, que os acolheu quando a côrte portugueza em 1808 lhes usurpou o seu convento do largo do Paço; e finalmente, um pouco mais para o interior, o convento de Santa Thereza, onde descansam os restos do benemerito Gomes Freire, pittoresco edificio assentado sobre o morro do Desterro, hoje de Santa Thereza, coroado de muitos e bellos edificios.

Na segunda praia, da Gloria, nota-se a muralha caes e praça do Mercado, construidos em 1858, que constituiram um beneficio a esse bairro, o qual ficou com mais uma estrada de communicação para o centro da cidade; termina a praia no promontorio coberto de arvoredo, em cima do qual

> Como um prisma luzente sobre um comoro
> Octogono, branqueia o ledo templo
> Que á Gloria de Maria, outr'ora erguêra
> Devota dextra, arrependida, exsangue;
>
> (*Brasilianas*.)

capella de particular devoção dos vice-reis e das testas coroadas que têm habitado n'esta côrte, especialmente da Santa Imperatriz Leopoldina, que ahi se aprazia de ir fazer suas orações, e á sua padroeira dedicou a princeza primogenita, em 1819, dando-lhe o nome de Maria da Gloria. Muitos viajantes têm celebrado este gracioso e bem situado templo, a que Valsh denomina a *Igreja das*

Mãis ; os navegantes dedicam-lhe fervoroso culto, ao qual allude o poeta sagrado fr. Francisco de S. Carlos, nas seguintes linhas do poema *Assumpção* :

> Aqui nautas virão cumprir o voto,
> Trazendo em hombros o velacho roto ;
> Co'a roupa mal enxuta, inda assustados
> Dos euros e escarceos encapellados ;

e o povo do Rio de Janeiro, no dia 15 de Agosto, se dirige em romaria á montanha da Gloria, conduzindo valiosas offertas em signal de gratidão pelo deferimento de humildes supplicas.

Um distincto estrangeiro, D. José Guido, secretario de seu pai o general D. Thomaz Guido, embaixador argentino, em um artigo sob o titulo *Recuerdos del Janeiro*, publicado na *Revista Litteraria de Buenos-Ayres*, de Agosto de 1874, diz ácerca d'esta montanha o seguinte :

« Hay otro monte no menos bello que el Menalo y « el Erymanto, aunque en ves de las ficciones con que « estos eran celebrados, el del Janeiro sostiene em su « estendida meseta la Iglesia de Nuestra Señora de la Gloria.

« Es como una cesta de flôres á orillas del mar ; « porque los casarios desparramados desde su base hasta « su corona tienen jardines, á veces en forma de pen- « siles. »

O illustre escriptor José de Alencar achava singular encanto na capella do Outeiro, e deixou-o consignado em duas de suas obras: na *Luciola*, que começa por uma descripção da grande romaria, e no *Ermitão da Gloria*, onde tenta explicar, como romancista, a lenda da fundação da ermida, por Antonio Caminha, em 1671, a que se refere a passagem ha pouco citada, das *Brasilianas* de Araujo Porto-Alegre. O autor do *Santuario Marianno*, no tomo X, tratando da

imagem do altar-mór d'esta capella, diz, na phrase pittoresca que lhe era peculiar: « *é de tam perfeita esculptura, que parece foi obrada com muito espirito, pois sahio tam formosa que é uma suspensão, e tam agradavel que leva atrás de si os corações e os affectos.* »

Do adro da capella da Gloria descortina-se admiravel vista sobre a bahia e parte da cidade; e, segundo nos informa o Sr. Dr. Moreira de Azevedo no seu precioso *Pequeno Panorama*, houve em 1857 o projecto de erigir-se n'esse adro uma estatua colossal do marquez de Paraná, o apostolo da conciliação dos partidos, projecto que não foi avante pela opposição que lhe fez a mesa administrativa de então.

Em continuação da praia da Gloria encontram-se: a do *Russell*, onde está a casa de desinffecção do 3º districto da companhia *City Improvements;* a de *Pedro I* na extrema do promontorio, e logo após, a do *Flamengo*, muito frequentada pelos seus banhos, apezar de ser ahi muito violento o embate das ondas. Foi n'esta praia que existiu antigamente a aldêa indigena de Uruçumirim, fortificada pelos companheiros de Villegaignon, destruida depois da encarniçada peleja de 20 de Janeiro de 1567 ; e foi ainda n'ella que se edificou a primeira casa de pedra e cal, onde morou o primeiro juiz do ordinario Pedro Martins Namorado, a qual, affirma o infatigavel Sr. Dr. Mello Moraes na sua *Chronica geral e minuciosa do Brasil*, foi construida pelo proprio Villegaignon, que ahi habitou por algum tempo com o historiador Lery. Esse edificio, conhecido depois por *Casa de Pedra*, figura nos documentos do Tombo da cidade, como servindo de marco no limite sul da sesmaria pertencente ao patrimonio da camara. A principio essa localidade era conhecida por *Praia da Carioca*, porque ahi desemboca o rio d'esse nome, hoje Cattete; chamou-se depois *Praia do Sapateiro Sebastião*

Gonçalves, posteriormente *Praia do Sapateiro*, e de 1648 em diante *Praia do Flamengo*, que até agora conserva.

No extremo sul d'essa praia acha-se o promontorio conhecido por *Morro da Viuva*, em consequencia de ter pertencido a D. Joaquina, viuva de Joaquim José Gomes de Barros; e na obra que acabamos de citar diz o Sr. Dr. Mello Moraes que esse morro tivéra anteriormente a denominação de *Morro do Lerype*, corrupção do nome de Lery, que durante dois mezes morára na sua vizinhança; bem como nos diz ainda que parte d'esse morro estivéra aforado em 1618 pelos religiosos de S. Bento, afim de tirarem d'ahi a pedra para a construcção da sua igreja e convento da cidade. Sobre o morro da Viuva foi levantada em 1863 uma pequena fortificação, e ultimamente uma caixa d'agua para abastecimento dos moradores dos arredores.

O morro da *Viuva* fórma, com outros dois que lhe ficam a sueste (o da *Urca*) e ao sul (o do *Susano*), á distancia de meia milha, um triangulo equilatero, no qual, o primeiro e o segundo abrangem a entrada da *bahia de Botafogo*, outr'ora *Sacco de Francisco Velho*, nome de um bravo companheiro de Estacio de Sá, que, depois de o ajudar a repellir os francezes, se estabeleceu em uma das praias proximas; o primeiro e o terceiro fórmam os extremos da praia conhecida propriamente por enseada de *Botafogo*; e o segundo e terceiro limitam a *Praia da Saudade*.

Logo que se vence o morro da Viuva, tem-se em frente a enseada de Botafogo, a risonha, a poetica, a aristocratica, aformoseada pela placidez e côr azul de suas aguas, pelas montanhas que circulam a bacia, pela graciosa curva de sua praia, pela alameda copada que a sombreia, pelos palacetes que bordam a sua face de terra, e ainda pela moldura que lhe formam as serras do fundo, sobresahindo o

alteroso pico do Corcovado, coroado de alvas nuvens, concorrendo tudo para que seja esse sitio uma das vivendas mais aprazíveis, o bairro favorito dos estrangeiros e dos abastados, e um dos mais estimados passeios do Rio de Janeiro. A maior parte dos escriptores que nos têm visitado e muitos dos nossos poetas têm dedicado a essa amena localidade algumas phrases de louvor: Carlos Darwin, o celebre naturalista que ahi morou em 1832, assegura que *é impossivel imaginar uma habitação mais deliciosa;* Ferdinand Denis, Luccock, Purdy, Eubanck e muitos outros, têm igualmente manifestado a sua admiração; o poeta portuguez João de Aboim, descrevendo a sua entrada na nossa bahia em 1851, assim se refere a esse ponto:

Á esquerda, tanque azul entre verdura,
Dormido Botafogo oscilla apenas,
Como o peito do infante ao somno entregue
No certo respirar sem magoas tristes.
Além da Babylonia a serra extensa,
A corpulenta Gávea aos céos erguida,
Linda Tijuca donde a lympha pura
Vem rolando em cachões d'encontro á terra
E o Corcovado dominando o mundo.

O bellissimo canto epico do nosso poeta Bernardo Guimarães *A bahia de Botafogo*, de que no capitulo III extractamos uma linda pintura do Pão de Assucar, começa por estas mimosas interrogações:

Golfo sereno que no teu regaço
A fronte espelhas de escalvados sêrros,
E soluçando pelas curvas praias,
Limpidas ondas preguiçoso estiras:
Valles sombrios de perenne esmalte,
Que em caprichosos gyros coleando,
Vos escondeis nas dobras da montanha
Entre muralhas de empinadas rochas;

Lindas encostas, comoros viçosos,
Que o rico manto de verdura e flôres
Alardeaes á luz de um céo formoso;
Negros penhascos, arrojados pincaros,
Que mergulhaes as enrugadas frontes
De luz dourada em vislumbrante pêgo;
Dizei, não ereis vós mansão querida
Do Genio, que Deus pôz guardando a entrada
Das vastas solidões americanas?
Não era aqui seu templo? Estes penedos
Que se perdem no azul do firmamento,
Quaes os braços da terra, que estendidos
Como em solemne prece a Deus se exalção,
Não erão os altares sacrosantos
Sobre os quaes a opulenta natureza,
Que o seio anima ao tropico fecundo,
Aos céos erguia as oblações da terra?

No seculo passado, outro nosso patricio, o conego Jo[illegible] Pereira da Silva, no poema *A Estolaida*, querendo ind[illegible]car a origem do nome d'este encantador lugar, disse e[illegible] uma estrophe do canto 2º:

Ou por jazer debaixo algum gigante
Qu' inda chammas vomita exasperado,
Ou dos relampos pelo assiduo jogo
Chama-se a curva praia — *Botafogo*;

mas isso é puro devaneio poetico, pois que é sabido que tal denominação provém de ter sido um dos seus primeiros moradores, em fins do seculo XVI, um João de Souza Botafogo, razão por que era a principio tambem conhecida por *praia do João de Souza*, e posteriormente do *Botafogo*, que, por estar hoje muito arraigada, é provavel que nunca mais o perca. Entretanto, é pena que perdesse o nome primitivo de *Francisco Velho*, que recordaria o valente colono que, em 1566, com cinco canôas tripoladas, pôz em debandada 180 canôas inimigas, sendo n'essa formidavel façanha auxiliado pelo proprio S. Sebastião, padroeiro da

nascente cidade, conforme nos affirmam varios escriptores; facto este que deu origem á *Festa das Canôas*, especie de regata, que se celebrava no dia 20 de Janeiro e que consta haver quem assistisse ainda a uma d'ellas, no anno de 1713. (Vide Nota 11 acima).

Percorrida a todo o momento pelas carruagens da nobreza, pelos cavallos de raça dos amadores, bem como pelas innumeras diligencias conhecidas por *bonds*, que transportam diariamente milhares de passageiros, a graciosa praia tem por vezes presenciado festas esplendidas, em que á formosura das aguas da bacia e ao interessante torneio das regatas se juntam os cambiantes fogos de artificio, produzindo effeitos verdadeiramente phantasticos; e d'entre as mais solemnes d'essas festividades apenas mencionaremos, como as mais brilhantes: a que teve lugar em 1870, a expensas dos habitantes d'esse bairro, em commemoração do triumpho completo do nosso exercito e armada contra o tyranno do Paraguay; a de 1º de Maio de 1877, em obsequio ao heroico general Osorio, que, chegando do Rio-Grande do Sul para tomar assento no senado, se hospedára no hotel Inglez, situado no meio da enseada; e a ultima d'ellas, que difficilmente poderá ser excedida em pompa, no dia 13 de Junho de 1880, encerrando com fecho de ouro a serie de festejos por occasião do terceiro centenario de Camões. E, para dar uma idéa d'ella, seja-nos permittido transcrever algumas linhas do artigo em que o grave *Jornal do Commercio*, de 14, deu noticia aos seus leitores:

« ..... Era o que se póde imaginar de mais bello, o
« aspecto da bahia. Se alguem houve n'esta cidade que
« não foi á festa, reuna na imaginação o que acabamos
« de descrever rapidamente, as casas e jardins enfeitados,
« a praia coberta de povo, o mar coalhado de barcos, as

« archibancadas, coretos e pavilhões,moças, flôres, bande-
« ras, estandartes, galhardetes agitando-se constantemente,
« as bandas de musica tocando todas ao mesmo tempo,
« como cupola da enseada tranquilla, um céo de limpido
« azul franjado de ouro, e terá uma imagem imperfeita do
« esplendido panorama que apresentava hontem a praia de
« Botafogo.

« ..... Á noite o aspecto geral da praia e da bahia
« tornou-se deslumbrante : as casas estavam illuminadas
« com extraordinaria variedade, os pavilhões das socie-
« dades resplandeciam semelhando os palacios encantados
« das fadas ; as gondolas cobertas de flôres, de bandeiras,
« globos luminosos percorriam a bahia, deixando nas
« aguas largas esteiras de luz ; ardiam nas embarcações
« ancoradas fogos cambiantes ; subiam ao ar estrellas de
« fogos coloridos e rojões estrepitosos ; a lua e as estrellas
« reflectiam-se no mar, e o mar, ardendo em fogo, reflectia-
« se no céo. Era um espectaculo admiravel e indescripti-
« vel, tal como nunca presenceou esta capital e que a todos
« deixou maravilhados. »

Antes de nos despedirmos d'esta formosa praia, diremos que, entre os muitos predios nobres que a bordam, sobresahem: o antigo palacete da rainha D. Carlota, na esquina do caminho novo, que, tendo tocado por herança a D. Pedro I, foi, por morte d'este, vendido por 47 contos ao marquez de Abrantes, que nelle habitou longos annos ; o elegante palacete do visconde de Pirapetinga; o do barão de Alegrete; o que foi durante muito tempo collegio Hitchings e actualmente hotel de Inglaterra; o do visconde de Tocantins; e o da familia Duarte, na esquina da rua de Olinda.

Para dar ainda mais importancia á praia de Botafogo, de um ponto d'ella,junto á rua do General Polidoro é que deve começar a estrada de ferro destinada a percorrer a margem

nossa costa, entre a côrte e Angra dos Reis, da ao engenheiro C. Morsing pelo Decreto de 24 de de 1880.

i no fim da praia desemboca o riacho do Berquó, o ɔndo outr'ora navegado pelos barcos de materiaes ɔciam da olaria de S. Clemente, segundo nos diz o ɔllo Moraes, está presentemente reduzido a uma e esgoto ; e logo adiante d'elle acha-se o *Morro do* , conhecido tambem por *Morro do Mathias* (por ɔncido em 1821 a Mathias Francisco Marques), , por algumas pessoas *Morro do Pasmado*, na encosta l está a casa de machinas do 6º districto da com- City Improvements.

artir do morro do Suzano até ás abas da montanha a, seguindo o rumo les-sueste, corre a enseada á cuja ɔ assentou a primitiva cidade, pelo que era conhe- sa localidade por *Villa-Velha* (V. nota 9 acima), e ada *porto de Martim Affonso de Souza*, depois *de Santa Cecilia, Praia do Suzano* e modernamente *da Saudade*. Toda a área comprehendida entre o as montanhas pertencia á *fazenda do Vigario Geral*, l sendo proprietario José Ribeiro Monteiro, foi por lida uma parte á Santa Casa de Misericordia, e arde, em 1846, fez doação do resto a S. M. o dor. A primeira porção, que fica mais proxima do do Suzano, foi destinada pelo provedor José Cle- Pereira para o hospicio de Pedro II, humanitaria ção para tratamento dos infelizes loucos, com que memorado o dia da sagração e coroação do actual ɔha, em 18 de Julho de 1841 ; começada a con- o do edificio, segundo o plano do engenheiro Do- Monteiro, foi inaugurado em Dezembro de 1852,

apresentando um soberbo palacio, digno da capital do Imperio e da augusta memoria que tem de perpetuar.

Á pequena distancia d'elle e no terreno cedido pelo Imperador ergue-se actualmente outro grande edificio, destinado tambem a soccorrer desditosos: é o Instituto dos Meninos Cegos, o qual, funccionando em predios improprios e alugados, foi pelo ministro João Alfredo, e a esforços do muito distincto director Dr. Benjamin Constant, dotado com um predio onde se possa dar maior desenvolvimento á educação intellectual e industrial d'esses meninos, minorando sua desventura e tornando-os uteis a si e á sociedade.

No espaço que fica em seguida, foi no dia 12 de Fevereiro d'este anno collocada a pedra fundamental de uma faculdade de medicina, que, dispondo de todos os melhoramentos exigidos pela sciencia, substitua a velha e acanhada dependencia da Misericordia, na praia de Santa Luzia, em que ainda hoje se lecciona a nobre arte de Hippocrates. Essa faculdade de medicina vai ser o principio de uma Universidade, que, se fôr realizada conforme o projecto que se acha em discussão, deverá absorver os dois grandes edificios do hospicio de Pedro II e do instituto dos cegos, construindo-se em diversa paragem outros para abrigar os infelizes para quem foram aquelles destinados.

No fim da praia do Suzano, fechando a garganta formada pelas montanhas da Babylonia e da Urca, está a fortaleza da praia Vermelha, construida em 1700, reconstruida no tempo dos vice-reis conde da Cunha e marquez do Lavradio, e que, depois de servir de deposito de recrutas e quartel dos allemães engajados em 1850, foi para ella transferida a escola militar em 1857. Desde essa época têm-se augmentado constantemente os edificios, de

modo a poderem ahi funccionar todas as aulas praticas e theoricas que constituem os cursos scientificos do nosso exercito, o qual muito proveito tem tirado de tão util instituição, pois ninguem ignora que na guerra do Paraguay a escola militar adquiriu alto renome pelo brilhante procedimento que lá tiveram todos os seus alumnos, officiaes e praças do batalhão de engenheiros.

Da extremidade da praia do Suzano em diante, o costão da Urca toma a principio o rumo do norte e depois o de nordeste, apresentando em uma reentrancia a *prainha da Pedreira* ; e, vencendo o resto do costão, chega-se ao pequeno *porto de S. João,* em cuja varzea adjacente querem alguns que tivesse Estacio de Sá lançado os fundamentos da cidade de S. Sebastião. Toda essa varzea limitada pelas montanhas era a chacara do Nazareth, comprada pelo ministro da guerra Bellegarde pela quantia de 25 contos de réis; e em 1 de Maio de 1855 effectuou-se ahi a inauguração solemne da escola de applicação do exercito, que dois annos mais tarde foi transferida para a praia Vermelha, onde ainda se acha com a denominação de Escola Militar, e da qual acabamos de tratar. Em 1865 pelo ministro da guerra Ferraz foi creado e ahi estabelecido o deposito de aprendizes artilheiros, que continúa a occupar os edificios, tendo um d'elles servido de prisão aos coroneis orientaes Salvanãcs aprisionados na Uruguayana, e um outro posteriormente alojou, durante cerca de dois annos, o bispo de Pernambuco D. Vital de Oliveira, victima de sua intolerancia religiosa.

Encostado á montanha da Urca, em uma ponta que olha para fóra da barra, jaz o celebrado *Pão de Assucar*, ácerca do qual alguma cousa ficou dito no capitulo 3º ; entretanto, para não passar agora por elle sem prestar-lhe attenção, contaremos que houve tempo em que se julgava ser elle

inaccessivel, até que, em 1817, um inglez, subindo por seu dorso, foi plantar-lhe no cume uma bandeira de sua nação; mas esta poucos dias ali campeou, por ter sido arrancada por um soldado que, por este feito, ganhou a sua baixa, conforme lhe haviam promettido. Depois d'essas, algumas rarissimas ascensões foram realizadas por audazes viajantes; porém hoje, que cousas mais sérias estão desprestigiadas, pouco merito tem tal operação, desmoralisada pelos alumnos da escola militar, os quaes exercitando-se em escalar posições difficeis, foram-se acostumando a subir pelo Pão de Assucar, a ponto de ser isso agora uma empreza facil, se bem que um tanto arriscada a produzir um baralho salgado ou algumas excoriações na pelle.

Dizem que o nome de *Urca*, conferido á montanha proxima, se origina de terem os primeiros habitantes achado alguma semelhança entre as duas montanhas unidas e um animal gigantesco; não sabemos se isso merece credito, mas o que é verdade é que, observadas á noite da praia de Botafogo, que lhe fica fronteira, a figura projectada no horizonte apresenta o desenho quasi perfeito, não de uma Urca, mas de um coelho de grandeza colossal, em que o Pão de Assucar representa a cabeça com as orelhas erectas e unidas, e a outra montanha mais baixa e arredondada o corpo encolhido.

Além da praia de S. João está a peninsula montanhosa do mesmo nome, em cuja face de sudoeste acham-se a capella e alojamentos dos aprendizes artilheiros; na de noroeste o pequeno *porto do Cipó*, junto á barranca; e nas de norte e nordeste, na parte superior, estão as baterias dos antigos fortes de S. José, S. Martinho e de S. Theodosio, reconstruidos pelos vice-reis, desarmados pela regencia e abandonados por todos os governos que se lhe seguiram, até que em 1863 com o conflicto Christie foi de

novo cuidada e guarnecida, sendo por acto official de 8 de Abril d'esse mesmo anno declarada fortaleza de primeira ordem, e realmente o é pela sua excellente posição, a cavalleiro da fortaleza da Lage e do canal da barra, e cruzando com os d'essa fortaleza e Santa-Cruz os fogos de seus 41 canhões de grosso calibre, 17 dos quaes abrigados sob casamatas de solida construcção.

Na ponta da peninsula, designada por Gabriel Soares pelo nome de *Cara de Cão*, existiu até 1860 um velho pardieiro, decorado com o nome de *Asylo de Invalidos*, onde vegetavam miseravelmente tres ou quatro soldados reformados; e na parte d'essa ponta que deita sobre o mar ha um medonho abysmo, formado de enormes fendas cavadas no rochedo e conhecido por *Gruta do Mero*, no qual as ondas se arremessam com extrema violencia.

Chegando a este ponto, teremos completado a excursão ao longo das margens da bahia do Rio de Janeiro, durante a qual foram percorridas 25 leguas maritimas proximamente, extensão que corresponde, com pequena differença, á distancia que, a partir da entrada da nossa barra, fosse ter á cidade de Cabo-Frio, tomando a direcção de leste, ou á cidade de Angra dos Reis, se fosse medida no rumo contrario.

(Continúa.)

O VISCONDE DO RIO-BRANCO

TRABALHO LIDO EM SESSÃO DO INSTITUTO HISTORICO

PELO SOCIO EFFECTIVO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Mais uma vez este anno os cirios funebres vieram misturar-se com as luzes d'este salão, e veio o sudario da morte cahir sobre a cadeira de um dos membros d'este Instituto.

Não pretendemos trasladar para aqui a biographia do pranteado cidadão ; outro obreiro, muito mais habil, se encarregará em occasião competente de erguer nas paginas da historia o monumento ao distincto brasileiro, que a patria acaba de perder; porém, apenas em traços rapidos e geraes, vamos prestar-lhe ligeira homenagem, repetindo n'este recinto seu nome humanitario e que como glorioso legado ficou á historia do paiz.

O visconde do Rio-Branco, senador do imperio, conselheiro de estado, veador na casa imperial, dignitario da ordem do Cruzeiro, commendador da ordem da Rosa, condecorado com diversas ordens estrangeiras, membro de varias sociedades nacionaes e estranheiras e grão-mestre da maçonaria no Brazil, era um homem extraordinario ; só por seu merecimento, trabalho, talento e

estudo subio á mais elevada posição, e conseguio tanto, não sem embaraços e tropeços; e si abrio-lhe o destino o caminho das grandezas humanas, e si chegou á estrada juncadas de flôres e ornada de arcos de triumpho, só teve por guia sua alta intelligencia.

Tendo-se matriculado na escola de marinha, deixou esta carreira para inscrever-se entre os alumnos da escola militar, e por premio de muitas vigilias e muitas fadigas obtem o titulo de doutor, e acima d'este o de lente, primeiro na academia de marinha, depois na militar; e ahi sua proficiencia, illustração e justiça o distinguiram tanto no magisterio que elevou-o o governo a director da escola militar ulteriormente Escola Central, e hoje Polytechnica.

Muito moço pegou da penna para estrear na imprensa a carreira politica, e nas lutas do jornalismo deixou nome invejado de ameno, correcto e valente publicista; preencheu na politica diversos cargos, subindo até ao de ministro de estado; tino, agudeza, concepção prompta e facil e modo luminoso em resolver as grandes questões politicas, manifestou elle na diplomacia, conseguindo estampar seu nome nos tratados mais importantes celebrados no reinado em que viveu.

Eloquente, habil e corajoso na tribuna, repellia com calma, sangue frio e reflexão os ataques dos mais ousados adversarios; no trato social não tinha asperezas, nem palavras amargas; affavel e jovial, ou estampava-se-lhe o sorriso no semblante, ou dos labios sahiam-lhe expressões delicadas, e de todas as virtudes enriquecida sua alma, e de todos os dotes ornado seu espirito, tornou-se o visconde do Rio-Branco um homem bom, util e celebrisado. N'este homem distincto hesita o historiador no que ha de admirar mais, si o cidadão ameno e insinuante, si o escriptor claro e consummado, si o politico de largas e

aproveitadas experiencias, si a alta e perfeita sciencia do lente ou si a transcendente capacidade do estadista provecto.

Chamado aos conselhos da corôa como chefe do gabinete de 7 de Março de 1871, cuidou o illustre estadista de resolver o problema do elemento servil.

Havia José Clemente Pereira elaborado um projecto em 1826, em que se liam estas palavras: «O commercio de escravos acabará em todo o Imperio do Brasil no ultimo de Dezembro de 1840.» Mas similhante lei começou a ser illudida não só pela fraqueza das autoridades, senão pelo errado pensamento do povo, que acreditava não poder o Brasil viver sem escravos. Em 1850 Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara fez com que se promulgasse a lei de 4 de Setembro, extinguindo o trafico de africanos.

Extincta a origem do mal, que atrazava e envergonhava a nação, convinha dissipal-o gradualmente, e compenetrado da necessidade de similhante reforma, apresentou o ministerio Rio-Branco o projecto do elemento servil, em que se consignava a liberdade do ventre escravo, o peculio para a libertação, o direito á remissão, e a emancipação gradual com fundos publicos especificados annualmente no orçamento.

Lido o projecto na camara dos deputados em 12 de Maio de 1871, e nomeada tres dias depois uma commissão para sobre elle dar parecer, foi este apresentado em 30 de Junho. Em 10 do mez seguinte encetou-se a discussão occupando seus logares todos os deputados, que se achavam na côrte, e as tribunas, o salão e as galerias prodigiosa multidão de todas as clas es; houve prolongada, brilhante e vehemente discussão, e em 28 de Agosto foi o projecto approvado por 61 votos contra 35. Levado ao senado no dia seguinte, e lido em 31 de Agosto o parecer da respectiva

commissão, entrou em ordem do dia, e, como na camara temporaria, despertou vivo e interessante debate, sendo approvado no dia 27 de Setembro por 32 votos, recolhendo-se 4 contra. Convertido em lei, e sanccionado pela princeza imperial regente D. Izabel, foi estampado na imprensa no dia seguinte.

Desde então não nasceram mais escravos no Brasil, libertaram-se os pertencentes á nação, quebraram as ordens religiosas os ferros de seus captivos e sobre a creação dos ingenuos e libertação annual de escravos decretaram-se providencias beneficas. Essa lei, que dividio em dous campos o parlamento brasileiro, a mais importante e solemne depois da declaração da independencia, operou-se sem luta civil, apezar do Imperador estar ausente e da opposição de interesses particulares, que se diziam atacados e perseguidos. Pelos esforços, perseverança e actividade do visconde do Rio-Branco realizou-se tão importante reforma, comprovando a grandeza moral do eminente estadista, que, similhante a Moysés, levantou uma raça completamente aviltada, aos escravos deu a familia, a liberdade e a patria, tornou a escravidão transitoria, de instituição nacional transformou-a em mal passageiro e temporario ; da pia sagrada fez altar da liberdade, e de toda a criança baptisada no Brasil um cidadão; estabeleceu o dominio da moral, da razão e da justiça, firmou a liberdade geral, porque ninguem mais nascido no Brasil foi eximido do titulo de cidadão, e illuminou a existencia do nobre e generoso estadista, elevando-o á altura de Lincoln e de outros apostolos, que pela boca de Christo têm ditado aos povos os fundamentos da liberdade.

Depois d'este acto, que illustrou o periodo da vida mais cheio e agitado do grande reformador, colheu elle a estima pubica; por isso, tendo feito uma viagem á Europa, onde

seu nome era apreciado, ao voltar para a patria, recebeu em 14 de Julho de 1879 uma ovação esplendida; cidadãos de todas as classes correram ao seu encontro e de flores alastraram-lhe o caminho; vivas, applausos, saudações, flôres e luzes tudo teve o distincto brazileiro, e, cercado de uma multidão compacta, curiosa e impaciente, que parecia querer apertal-o em seus braços, atravessou difficilmente as ruas da cidade o grande triumphador, que poderia repetir com Pericles:

« Nunca doi causa a que um só dos meus concidadãos se cobrisse de luto. »

Entregue a todos os transportes de alegria, a todas as emoções, recolheu-se ao seu domicilio, podendo, como Voltaire, dizer ao povo, que o festejava:

« Quereis matar-me de contentamento! »

Mas na Europa começou a sentir o visconde do Rio-Branco os primeiros symptomas da molestia, que teria de cortar-lhe o fio da existencia; o mal foi progredindo, e improficuos foram os meios therapeuticos e cirurgicos. Vio o doente approximar-se seu fim, mas com resignação soffreu as dôres cruciantes, que affligiam-no, tendo como derradeira consolação o sentimento unanime da patria, de sorte que, parodiando o dito de Mirabeau, podia balbuciar comsigo:

« Acompanha-me o luto da nação. »

De feito, logo que seus olhos fecharam-se para o mundo, em 1 de Novembro de 1880, houve geral consternação e concorreram aos funeraes do illustre morto cidadãos de todas as jerarchias e de todas as opiniões. Como outr'ora moveu-se a cidade, agglomerou-se o povo nas ruas, tal como fizera para saudar ao benemerito da patria; agora porém, em vez de vivas e galas, havia gemidos e luto, e essa

multidão immensa approximava-se afflicta e pezarosa do esquife do grande cidadão, porque via n'aquelle cortejo funebre um trophéo de gloria.

Tendo-se promulgado a lei de 28 de Setembro de 1871, pensou a camara municipal da côrte em erigir um monumento á Princeza Imperial Regente, que assignára o respectivo projecto; mas recusou a Princeza similhante honra, e fez mais: declarou, que nem á custa dos dinheiros publicos, nem por meio de subscripções ou donativos particulares, concordaria com similhante resolução; todavia as idades futuras hão de ver esse monumento, no qual, junto do anjo da liberdade personificado pela Princeza Regente, levantar-se-ha o vulto gigantesco do visconde do Rio-Branco, do qual dirá a remota posteridade, que foi um grande homem e verdadeiro amigo de sua patria.

O DUQUE DE CAXIAS

Os dias d'essa vida foram cantos
De um poema de glorias. Foi soldado
E grande cidadão; e si o seu braço
Foi muralha de bronze aos inimigos,
Seu peito era oceano, que encerrava
Perolas de elevados sentimentos

MUCIO TEIXEIRA.

Pereceu em 8 de Maio de 1880 o Duque de Caxias, e a patria lacrimosa debruçou-se sobre o ataúde do denodado guerreiro, um de seus filhos mais illustres, e um dos mais briosos e valentes soldados de seu exercito. Dedicado ao serviço da patria desde a juventude, jámais afastou-se do dever e da honra, consagrou sua vida inteira á terra de seu berço, e não desembainhou a espada que não fôsse para lutar pela ordem, pela segurança e integridade do Imperio. Sua fé de officio era a historia de seu paiz; como general guiou sempre o exercito á victoria, e pôde dizer como Wellington, que nunca foi vencido. Nos combates era prudente, energico e impassivel, e pensando só na patria guiava os batalhões á guerra, e pelejava bafejando-o a fortuna e a gloria.

Nos movimentos politicos, nas lutas civis e nas guerras externas appareceu sempre sua figura, e quando voltava de uma expedição, de uma empreza, de uma campanha ornava-lhe a fronte a corôa do triumpho. Como general, teve a prudencia de Guilherme o Taciturno, o valor de Turenne e a humanidade de Henrique IV.

Nos movimentos politicos de 1832 na côrte, nas revoltas do Maranhão, São-Paulo, Minas e Rio-Grande do Sul foi o Duque de Caxias o guerreiro lembrado para pacificar o solo brasileiro, e, seguindo o exemplo dos antigos batalha-

dores, antes de combater offerecia paz, e depois da victoria tinha compaixão dos vencidos. D'este modo varreu do Imperio os turbulentos, e firmou a integridade e a concordia em toda a nação.

Em 1852 e em 1869 fez baquear dous tyrannos: Rosas e Lopes fugiram diante da espada refulgente e victoriosa do invicto soldado, que d'esta sorte derrubou a tyrannia, que pesava sobre dous povos, e plantou a liberdade e a lei nas margens do Prata.

Nas circumstancias mais difficeis e melindrosas da nação, nas lutas mais encarniçadas, nas guerras mais longas e perigosas lembravam-se todos do Duque de Caxias, que, si recebia ordem de marchar, não reluctava, e promptamente seguia ao serviço do Imperador e do Brasil; e jámais em suas mãos empanou-se o brilho do pavilhão nacional, e ousou o inimigo pronunciar a palavra victoria.

Já velho, pesado em annos e atormentado pelos achaques, marchou para o Paraguay, e as batalhas, que venceu, as trincheiras que transpôz, as fortalezas que derrubou, e os triumphos, que colheu, repetem ainda seus conterraneos, admirando o civismo do grande cidadão e a pericia e tactica do habil guerreiro. N'essa campanha, em que escreveu a epopéa de sua vida, provou, que era valente como os mais valentes, quando na ponte do Itororó, vendo vacillar os mais ousados, bradou á frente dos batalhões: « Os valentes sigam-me. » Voltou á patria carregado de trophéos, e com os estandartes, que tomou ao inimigo, mandou ornar as paredes dos templos, como desejando que todas as palmas da victoria fôssem consagradas a Deus.

Tomando parte nas lutas politicas, alistado em um dos partidos, jámais afastou-se d'elle; sustentou sempre as mesmas idéas, e militou nos mesmos principios; da politica fez uma religião, e, costumado á disciplina do soldado,

arregimentou-se em um partido, e não afastou-se mais d'elle. Levado ao fastigio dos cargos politicos, sabia abafar seus sentimentos e esconder suas crenças, quando era preciso fazer justiça e seguir o livro da lei. Era prudente, justiceiro, sem odios nem paixões, e não conhecia outro caminho, que não fôsse o da legalidade. Tinha o merito de conhecer os homens, de discernir seus caracteres, applicando-os convenientemente ao serviço da patria, e, si não era homem de illustração variada, porque roubava-lhe o anjo das batalhas todos os momentos, era dotado de admiravel bom senso, de vontade perseverante, de applicação assidua a tudo de que se encarregava, e do profundo sentimento do dever.

Soube escrever seu nome na historia do seculo, em que viveu, e, por seus feitos, seus serviços e triumphos, alcançou todos os postos do exercito, todas as honras, todas as condecorações, e cada condecoração collocada em seu peito era o attestado de um serviço, e teve tantas que em sua farda viam-se as cruzes de todas as ordens honorificas do Imperio. Attingio ao elevado posto de marechal do exercito, e foi o primeiro brasileiro, que recebeu a corôa de duque; subio até onde podia chegar no regimen do governo de seu paiz, e, ufano, podia repetir—conquistei todas as distincções, e não podia ter mais nenhuma, porque mais nenhuma podiam dar-me.

Si uma aura feliz bafejou-lhe o berço, si chegou a ser o segundo cidadão pelas suas honras e pelos seus titulos, se deve confessar, que tornou-se tão eminente, por que era dotado de grandes qualidades civicas e militares. Como politico, não houve quem ousasse macular sua honra, como guerreiro, não houve quem desconhecesse seus serviços. Foi um heróe.

Já avançado em annos e prostrado pelas molestias,

recolheu-se ao seu domicilio, ao seio da familia, onde tinha o coração aberto para todos os affectos, e ouvindo d'alli o éco de sua gloria, escreveu seu testamento, em que declarou, que dispensava todas as homenagens, que a lei concedia ao seu cadaver, e pedio, que ao tumulo o conduzissem seis soldados. Ordenou o governo fôsse respeitada a ultima vontade do grande soldado, que modestamente foi sepultado no cemiterio de S. Francisco de Paula; mas o povo correu pressuroso a cercar o feretro do preclaro cidadão, e, pasmo, silencioso e consternado, abrio alas, formou fileiras, representando a nação a fazer continencia ao illustre morto. E sobre essa campa, que encerra tanta gloria da patria, podem-se gravar as palavras que Condê mandou escrever no tumulo de Mercy: « Detem-te, caminhante, não pizes as cinzas de um heróe.»

Cerrado este tumulo, mandou o governo celebrar pomposos funeraes ao bravo guerreiro, e, quando o templo regorgitava de povo e de funccionarios civis e militares, appareceu um alto personagem — era o Imperador, que vinha prestar homenagem ao distincto servidor da nação. Tambem quando pereceu Wellington, a Rainha Victoria foi collocar-se onde tinha de passar o funebre cortejo, e respeitosamente inclinou-se perante o cadaver do vencedor de Napoleão.

Os principes da familia imperial, os corpos legislativos e scientificos, as municipalidades, as associações, os municipios e as cidades apressaram-se em dirigir palavras de condolencia á familia do pranteado cidadão, ao qual cuida a patria em erguer uma estatua, mas a grande estatua já está feita: o Duque de Caxias levantou-a com seus feitos gravados nas paginas gloriosas da historia da nação.

Dr. Moreira de Azevedo.

NOTICIA

SOBRE

A MAIORIDADE (*)

POR

TRISTAO DE ALENCAR ARARIPE

CAPITULO I

O que foi a maioridade; periodos por que passou a idéa.

§ 1. A maioridade, isto é, a dispensação da idade legal para o Imperador governar, foi um acto revolucionario promovido por omens de notoria influencia do partido liberal, posteriormente coadjuvados por personagens do lado adverso.

A idéa da maioridade foi iniciada sob a tutela da lei; falhando porem o plano traçado, não duvidarão os seos autores lançar-se nas vias da revolução, passando de legisladores a sediciozos.

§ 2. A declaração da maioridade do Imperador, em 1840, foi um facto politico de supremo alcance para os intereses da nação; merece por isso ser bem conhecido para ser devidamente apreciado.

A elaboração da idéa teve duas fazes, uma consistente

(*) A pedido do autor conservamos a ortografia fonica do original. Esta memoria foi lida no Instituto istorico e geografico do Brazil.

em actos secretos, e outra em factos publicos e notorios; percorreo dous ciclos, um de legalidade, outro de revolução.

A fazo secreta vae da creação do club maiorista até a aprezentação do projeto no Senado; a publica decorre d'ahi até a sua final realização: o primeiro ciclo vae desde a iniciação da idéa até o adiamento das camaras legislativas, o segundo extende-se desde a reunião popular no Senado até o juramento imperial.

A necessidade de tornar conhecidos os actos, que ficarão secretos, induzio-nos a escrever esta memoria.

§ 3. A idéa maiorista desde o seo iniciamento até a sua consumação teve trez periodos distintos; o primeiro decorre desde a formação do club maiorista até a aprezentação e regeição do projeto da declaração da maioridade no Senado, o segundo desde a aprezentação da idéa na camara temporaria até o adiamento do corpo legislativo; o terceiro desde a reunião extraordinaria de deputados e senadores no Senado; até o juramento do Imperador, acto que consumou o grande facto politico.

Procuraremos noticiar estes trez periodos em face dos documentos.

CAPITULO II

Aparecimento da idéa da maioridade; club maiorista; seos trabalhos; aprezentação do projeto no Senado.

§ 1. Com a abdicação de D. Pedro Primeiro o partido liberal assumira o poder, e no gozo da publica autoridade se mantivera desde 1831 até 1837.

No poder o partido liberal dividio-se, formando duas fracções, a dos exaltados, que almejavão a realização das idéas democraticas puras, e a dos moderados, que dezejavão a monarchia constitucional.

A luta travou-se, e com o acto adicional (Lei de 12 de Agosto de 1834) a vitoria ficou ao partido moderado, ao qual unirão-se os omens de boa fé, que, partilhando as idéas monarchicas, convencerão-se de que esse partido podia realizar a monarchia temperada.

§ 2. Os aspirantes ao regresso autoritario, isto é, aqueles que sonhavão com a autoridade compressora, e os partidistas da restauração, isto é, aqueles que julgavão possivel e util o regresso do imperador demissario ao Brazil, voltando de Portugal, para assumir a regencia do imperio durante menoridade do imperador infante, já não tinhão cauza de existencia ; os primeiros, porque vião nas reformas decretadas em 1834 vigoradas as idéas novas, que levavão de vencida as idéas antiquadas; os segundos, porque, com a morte do Duque de Bragança (1) em Portugal, vião suprimido o objeto das suas aspirações.

O partido moderado pois triunfava na luta sustentada com trez elementos diversos, e si tinha perdido com a dessidencia dos exaltados, ganhára com a adjeção dos omens cordatos, que sobretudo ambicionavão a paz interna da patria.

§ 3. Assim colocado o partido moderado, procedera-se á eleição do primeiro Regente do acto adicional, e a vitoria d'este partido elevou á cadeira regencial o padre Diogo Feijó (2), que avia-se assinalado pela energia do seu

---

(1) Titulo, que tomára, e com que era tratado D. Pedro Primeiro, depois de abdicada a corôa do Brazil. O falecimento do Duque de Bragança sucedeo em Lisboa no dia 24 de Setembro de 1834.

(2) N'esta eleição apurarão-se 5.888 votos. Diogo Feijó obteve 2.526 sufragios, e seguirão-se-lhe em ordem descendente Olanda Cavalcante, seu competidor, com 2.251, Costa Carvalho, membro da Regencia trina, com 847, Pedro de Araujo com 760, Francisco de Lima, membro da Regencia trina, com 629, e Manoel

caracter reprimindo como ministro da justiça o espirito de anarchia e elevara-se no favor do clero nacional, advogando no parlamento e em uma lucida memoria, escrita com erudição e criterio, a cauza da abolição do celibato ecleziastico.

Diogo Feijó exercera o supremo governo do paiz desde 12 de Outubro de 1835 até 19 de Setembro de 1837, quando abdicou o cargo de Regente, passando o poder ás mãos dos seus adversarios politicos.

Deliberado Diogo Feijó a abdicar, nomeou ministro do imperio a Pedro de Araujo Lima (1), o qual n'esta qualidade, conforme á lei fundamental do estado, assumio o exercicio da regencia interina.

Assumindo o cargo, o novo Regente organizou ministerio com os seus amigos politicos; e feita a eleição para preenximento definitivo d'esse eminente posto, foi o mesmo Pedro de Araujo a elle exaltado pela enunciação do voto nacional.

O prazo legal do seu governo extendia-se até Maio de 1842.

§ 4. O partido liberal, decido do poder, embora por acto espontaneo do seu eleito, não sofria com rezignação a auzencia d'esse mesmo poder, e impacientava-se, calculando longo o termo da expiração da autoridade do Regente adverso.

---

de Carvalho, xefe da malograda confederação do Equador, com 605.

Em mais de 300 colegios, que funcionarão n'essa eleição, em que tratava-se de nomear o xefe da nacão, observa a Aurora Fluminense, não ouve a minima perturbação, nem violencia: facto abonador do bom senso nacional.

(1) Faleceo em 7 Junho de 1870 com o titulo de Marquez de Olinda.

Considerava, que, para completar o quatrienio da eleição, o exercicio do Regente devia extender-se até dias de Maio de 1842, e tinha em perspectiva uma reeleição, que levaria o tempo d'essa regencia até a maioridade do Imperador, a qual só realizava-se no dia 2 de Dezembro de 1843.

O partido decahido pois via diante de si um espaço de mais quatro annos de privação do uzo do poder publico; assim cogitou dos meios de fazer baquear os seus adversarios, e este pensamento mais se animava com a convicção de que o mesmo partido cahira, não por exhausto de forças, mas pela obstinação do Regente demissionario, que rezignara a suprema autoridade por não querer sugeitar-se a tranzações, que o governo constitucional exige, segundo o pensar dos que entendem, que a politica é a arte do engano e não a sincera pratica das virtudes e da justiça.

Para tornar suave e eficaz qualquer movimento no sentido de derribar os adversarios, o partido liberal foi buscar nos arsenaes da monarchia as armas de combate.

§ 5. Primeiramente aventou a idéa da ilegitimidade do governo do atual Regente, sob o fundamento de competir o governo do paiz á princeza D. Januaria, irman do Imperador, visto como, estando ella reconhecida Princeza imperial (1) e avendo completado a idade de 18 annos, cabia-lhe assumir a regencia do Imperio.

A nossa constituição politica, tratando da regencia figura duas ipótezes, a da regencia na maioridade do Imperador, e a da regencia no impedimento d'este.

---

(1) A lei de 30 de Outubro de 1835 a mandou reconhecer no caracter de Princeza imperial, em razão da falta de D. Maria da Gloria, que perdêra a qualidade de princeza brazileira pela sua exaltação ao trono de Portugal. Era D. Maria da Gloria a filha mais velha de D. Pedro Primeiro.

O reconhecimento de D. Januaria como Princeza imperial efetuou-se no dia 15 de Junho de 1836.

No primeiro cazo diz ella (art. 122), que pertencerá a regencia ao parente mais proximo do Imperador, que for maior de 25 annos; no segundo manda (art. 126), que governe como Regente o Principe imperial, si for maior de 18 annos.

A princeza D. Januaria, nacida a 11 de Março de 1822, completara 18 annos a 11 de Março de 1840; pelo que pretendia-se, que desde esta data era ilegitimo o governo do Regente Pedro de Araujo.

Si com efeito o Imperador estivesse fizica, ou moralmente impossibilitado de governar, sem duvida caberia á princeza D. Januaria o governo da nação; mas o cazo era de menoridade, e não podia sem manifesta violencia ao testo da lei, e confuzão das ipótezes, dar-se-lhe a regencia, quando a princeza apenas completava 18 annos e não 25.

Os partidos na sua ambição do poder nem sempre raciocinão, e respeitão a logica; todavia diante da força da inteligencia da lei os suscitadores da idéa de apear o Regente pela ilegitimidade do seu governo dizistirão do alvitre.

§ 6. Durante os dias do governo de Diogo Feijó os seus adversarios tiverão a pretenção de colocar na regencia a mesma princeza D. Januaria, suprindo-lhe a idade; idéa, que alias não progredio, e de que foi primario autor o senador Bernardo de Vasconcelos, embora depois negasse essa paternidade.

Vio o partido liberal não ser possivel fazer caminho ao poder pelo meio suscitado; todavia não dezacoroçoou, aceitando quedo a idéa de permanecer fóra do governo por todo o resto do tempo da menoridade imperial, ou esperando vencer pelo voto popular na eleição regencial, que ainda devia fazer-se antes da entronização do Imperador.

N'estas circunstancias ocorreo o pensamento de suprir a idade do joven monarca, o qual então já contava 14 annos completos.

Decretado esse suprimento de idade, o Imperador tornava-se maior, e entraria no exercicio das suas regalias magestaticas, sendo assim o Regente Pedro de Araujo apeado da suprema autoridade.

§ 7. O senador Jozé Martiniano d'Alencar, que em Abril de 1839 xegára da provincia do Ceará, onde exercera o cargo de Prezidento, axára em fermentação a idéa da elevação da Princeza imperial ao governo, sob o pretesto da ilegitimidade da autoridade regencial em consequencia da razão acima expendida; elle porém, como julgasse improcedente similhante pensamento, suscitou o alvitre do suprimento da idade do Imperador, e depois de communicar a idéa a alguns amigos de sua intimidade, imaginou a formação de uma sociedade para promover a realização do seo pensamento.

Esboçou o plano, redigio os estatutos da sociedade, e convocou alguns deputados e senadores, aos quaes submeteo o projeto.

§ 8. A 15 de Abril de 1840 reunirão-se os deputados Antonio Carlos, Martim Francisco, Peixoto de Alencar, e Jozé Mariano, e os senadores Jozé Martiniano d'Alencar, Costa Ferreira (1), Olanda Cavalcante (2), e Paula Cavalcante (3), e ahi o iniciador da idéa exhibio o plano da fundação da sociedade e os respectivos estatutos, que forão aprovados: a sociedade considerou-se logo instalada.

---

(1) Faleceo em 18 Julho 1860 com o titulo de Barão de Pindaré.

(2) Faleceo em 14 Abril 1863 com o titulo de Visconde d'Albuquerque.

(3) Faleceo em 1880 com o titulo de Visconde de Suassuna.

[illegible] efetuou-se em caza (1) do organizador do [illegible] celebrarão-se as demais sessões da sociedade, [illegible] titulo de « Sociedade promotora da maio- [illegible] imperador o Sr. D. Pedro Segundo », mas que [illegible] ficou conhecida pela simples denominação de [illegible] maioridade.

[illegible] sociedade devia compor-se de ilimitado numero de [illegible] que, sendo deputados ou senadores, se obri- [illegible] a votar no parlamento pela maioridade, e não [illegible] essa qualidade, se comprometessem a empregar os [illegible] esforços para o dezenvolvimento e realização do pen- [illegible] que os congregava.

O fim social era a decretação da maioridade do Im- [illegible] por via do corpo legislativo.

Dentro de poucos dias o club maiorista adquirio como [illegible] membros os deputados Teofilo Otoni, Jozé Antonio Marinho, Pinto Coelho, Acaiaba de Montezuma (2), e Limpo [illegible] Abreo (3), conseguindo fora do parlamento mui crecido numero de adeptos.

Os socios fundadores e os 5 deputados acima nomeados forão os membros ativos do club, que n'elle deliberarão.

§ 9. Incetados os trabalhos do club, trez couzas fazião-se necessarias para atingir ao fim premeditado, e erão a vontade do monarca, a votação das camaras legislativas, e o favor da opinião publica.

---

(1) Esta caza era na rua do Conde (oje denominada do Visconde do Rio Branco) e tinha, como ainda tem, o n. 55, ficando quazi fronteira á rua do Nuncio, e um pouco á esquerda de quem sae d'esta mesma rua.

(2) Faleceo em 1870 com o titulo de Visconde de Jequitinhonha.

(3) É o atual Visconde de Abaeté. É o unico membro do club da maioridade, que ainda vive. Estamos no anno de 1881.

O club maiorista tratou pois de empregar os meios adequados para a consecução d'estes postulados.

§ 10. Evidente era, que frustraneo seria todo o trabalho, si faltasse a annuencia do principe, a quem referia-se o negocio; foi pois o primeiro passo dado pelo club maiorista procurar conhecer a vontade imperial a respeito da projetada providencia.

Para esse fim Antonio Carlos teve a principal incumbencia. Relacionado com pessoas do paço imperial, podia elle com as devidas cautélas sondar essa vontade.

Com efeito pessoa familiar do Imperador foi encarregada de revelar-lhe a existencia do plano, e provocar uma declaração da sua parte.

A pessoa assim commissionada não se demorou em annunciar, que o Imperador não ezitára em manifestar « que queria a maioridade, e dezejava, que fosse logo realizada, estimando muito que a idéa partisse dos Andradas e dos seos amigos ». (1)

§ 11. Communicada esta noticia ao club, pedia a prudencia, que em materia tão grave e ponderoza se não procedesse sem toda a certeza do facto.

O club portanto tratou de obter esta certeza e toda a segurança da vontade imperial.

Para isso foi admitido ao club o deputado Jozé Feliciano Pinto Coelho (2), o qual como parente e amigo do tutor do joven monarca, o Marquez de Itanhaen, podia com este entender-se, e assim alcançarião os conjurados a dezejada certeza por via autentica e indubitavel.

Com efeito Pinto Coelho dirigio-se ao seo parente, o qual

---

(1) Vide nota no fim.

(2) Faleceo sendo Barão de Cocaes.

declarando ter falado ao imperial pupilo, deo segurança dos dezejos d'este favoraveis á immediata decretação da maioridade.

§ 12. A certeza da vontade do monarca deo consistencia ao plano da conjuração, e pode dizer-se, que desde então a cauza da maioridade era cauza vencedora.

O joven monarca ficava colocado á frente da idéa, e idéa tão altamente patrocinada trazia em si o triunfo.

Era o imperante futuro, que devia, antes de findos quatro annos, assumir as suas funções magestaticas, quando agora não as assumisse: e esse poderoso elemento na luta não podia deixar de ter maxima influencia em favor dos maioristas.

§ 13. Si estava obtida uma das condições de exito, por certo a principal, porque sem a vontade do principe ninguem conceberia o pensamento de forçal-o a governar, antecipando a epoca legal do seo exercicio, faltava conseguir a maioria dos deputados e dos senadores, e dezenvolver a opinião publica.

Emquanto á consecução do voto no parlamento, os membros do club maiorista e os seus adeptos trabalhavão ativamente, e muitos sufragios se avião conquistado, mas não bastantes para formar-se a preciza maioria em ambas as camaras; emquanto á opinião publica o mesmo club creára uma gazeta sob o titulo de *Maiorista*, a qual com o *Despertador*, jornal do partido liberal, advogava a cauza da maioridade do Imperador.

§ 14. Funcionavão as camaras legislativas, abertas no dia 3 de Maio, segundo a regra constitucional, e no intuito de sondar a opinião publica foi assentado no club maiorista, que convinha suscitar no seio do parlamento a idéa do governo do Imperador.

Na commissão de resposta á fala do trono na camara

dos deputados entravão dous membros do mesmo club, Antonio Carlos e Acaiaba de Montezuma; facil era por tanto aproveitar o projeto de resposta á coroa para servir de vehiculo á idéa.

N'esse solene documento pois foi inserido um periodo incidente, que despertasse o pensamento do governo do Imperador.

Assim a supradita commissão no projeto de resposta á fala do trono, escolhendo o periodo referente ao consorcio das princezas brazileiras, como mais congruente a qualquer menção da familia imperial, dizia : « A camara dos deputados, Senhor. . . . vendo com prazer aproximar-se a maioridade de V. M. I. »

O pensamento ahi enunciado não o foi debalde ; os deputados governistas virão n'elle clara reprovação do governo regencial, e levantárão grande discussão, propondo a supressão da fraze incidente, que assim veio acender no publico o dezejo de ver o Imperador governar.

O projeto de resposta á fala do trono foi aprezentado em sessão da camara dos deputados de 7 de Maio de 1840 e a sua discussão começou a 12 do mesmo mez, oferecendo o deputado Carneiro Leão uma emenda supressiva d'aquelas palavras, que, na aparencia naturaes e singelas, encerravão toda a malicia de um plano politico.

§ 15. N'estas condições reunio-se o club maiorista em sua ultima sessão na noite do sobredito dia 12, e deliberou definitivamente a aprezentação do projeto de declaração da maioridade do Imperador.

Em sessões precedentes tinha-se debatido o modo de realizar a maioridade, e varias idéas estavão assentadas.

O senador Jozé Martiniano de Alencar avia oferecido á consideração do club um projeto, consignando a idéa da maioridade e de um conselho privado da corôa.

Este projeto, discutido e modificado, foi dividido em dous, um decretando a maioridade, e outro creando um conselho da corôa.

Entendêrão os clubistas, que, podendo a creação do conselho da corôa despertar graves considerações em contrario, convinha dezembaraçar o projeto da maioridade de qualquer opozição extranha á sua materia. A lembrança foi de Limpo d'Abreo.

§ 16. Uma das questões ventiladas no club maorista foi, onde devia iniciar-se a idéa da maioridade, si na camara temporaria, si no Senado.

A propaganda maiorista não avia ainda conseguido maioria de sufragios nem em um, nem em outro ramo do corpo legislativo; mas prevaleceo a opinião de ser o projeto aprezentado no Senado, porque, estando ali os votos divididos em quazi igualdade, e contando-se com os principios realistas de anciãos professores da monarchia, reputava-se mais facil obter ali a dezejada maioria e vencedora a idéa no Senado, era mais um elemento de força moral, com que a mesma idéa seria impelida para a camara temporaria.

Assentada a redação dos dous projetos, e feita a estatistica dos votos do Senado na sessão do club na noite de 12 de Maio axárão os conjurados o seguinte:

Votos favoraveis á maioridade 16, votos contrarios 18, votos indecizos 3.

Estavão então prezentes na côrte 37 membros do Senado.

§ 17. Cumpria, que a idéa da maioridade sahisse do segredo, e viesse campear á luz da publicidade; por isso, não obstante a estatistica da votação acima exposta, o club rezolveo aprezentar o projeto da maioridade e o da providencia complementar da creação do conselho da corôa.

Assim na referida sessão de 12 de Maio, ficou deliberado, que no dia seguinte, 13, anniversario d'el-rei D. João Sexto, seria o projeto oferecido na camara vitalicia.

Na escolha do dia transparece o pensamento de ostentar convicções monarchicas, ao passo que lizonjeava-se o intimo sentimento de familia e de sangue do principe, por cuja causa ia travar-se o pleito na arena politica. O partido então acoimado de tendencias republicanas buscava nulificar acuzações adversas, dando arras de afeição á monarchia.

§ 18. O projeto da maioridade estava redigido; restava assinal-o para ser lido na seguinte manhan no Senado. Segue-se entre os conjurados um momento de pauza e ezitação sobre o aprezentante, quando Olanda Cavalcante *ex-abrupto* quebra o silencio, dizendo: Eu aprezento o projeto.

Immediatamente assina-o em primeiro lugar, seguindo-se em subscrevel-o os demais senadores, que erão membros do club, e estavão prezentes ás suas deliberações.

Assim ficou rezolvido, que seria Olanda Cavalcante o aprezentante do projeto na sua camara.

Os senadores assinatarios do projeto forão: Olanda Cavalcante, Jozé Martiniano d'Alencar, Paula Cavalcante, Ferreira de Melo, e Costa Ferreira. No dia seguinte tambem o assinou no paço do Senado o senador Manoel Ignacio (1), que, embora não fosse membro do club maiorista, era cooperador das idéas da conjuração.

Com efeito aberta a sessão do Senado a 13 de Maio de 1840, e lido o expediente, Olanda Cavalcante pede a palavra, fundamenta em breves e solenes frazes o projeto, e o lê no meio de completo silencio.

---

(1) Morreo titular, sendo Barão do Pontal.

Assisti a este acto ; e ainda oje se me afigura na imaginação esse momento, e como que vejo o orador, e me soão aos ouvidos as suas vozes. Tão gravadas ficão na mente juvenil as senas das primeiras epocas da vida!

§ 19. A idéa da maioridade sahia assim dos limbos da sua elaboração secreta, e passava ao dominio da publicidade para excitar a opinião nacional.

O segredo tinha-se mantido ; e o projeto da decretação da maioridade do Imperador, lido no Senado, foi para a população do Imperio verdadeira novidade, e cauzou geral espectação.

CAPITULO III

Aceitação da idéa da maioridade ante a opinião publica: os amigos do Regente buscão contraminal-a; projeto de reforma constitucional na camara temporaria; rejeição do projeto da maioridade no Senado ; votação da resposta á fala do trono na camara dos deputados.

§ 1. Divulgados pela imprensa os projetos lidos no Senado acerca da maioridade imperial, manifestou-se por esta o favor publico ; mas os amigos do Regente, que vião na decretação projetada a perda do poder, insurgirão-se contra o progresso da nova idéa, e conhecendo quão milindroza era a materia, por quanto tratava-se de contrariar um dezejo já manifestado do Imperador, buscarão meio indirecto de impedir a vitoria dos contrarios.

§ 2. É minha convicção, que nenhum dos dous partidos pleiteou então pela cauza da patria ; mas sim pelos interesses de sua preponderancia politica.

Um lado queria derribar o seo antagonista para erguer-se ao poder; o outro defendia-se para não cahir.

Um alegava o bem da patria, que o governo regencial arruinava ; o outro exhibia a lei, cuja observancia buscava guardar.

Si o partido agressor fosse sincero, aguardaria o termo legal para as funções magestaticas; o partido acommetido, si tivesse em mira tamsomente o patriotismo, não procuraria tergiversar, e sugeitaria francamente a questão aos eleitos da nação.

Bem vião os impugnadores da maioridade, que a essa idéa caberia o triunfo, e que baldado seria contrarial-a de frente; a questão agora não era impodir a realização da idéa, mas sim de ser o executor d'ella.

Entendia cada um dos partidos, que, realizando a maioridade, captaria a benevolencia do monarca infante, e que no poder teria facilidade de armar-se de meios para conservar a sua diuturna posse.

O futuro veio mostrar a falacia d'esta esperança; pois o partido, que fez a maioridade, mal governou oito mezes, sendo logo substituido na administração publica pelo partido, que contrariou esse acto politico.

§ 3. Como o plano dos contraditores da maioridade era retardar o curso d'esse movimento politico e dar tempo a qualquer solução, que trouxesse a permanencia do partido anti-maiorista no governo, surgio como adequada lembrança a idéa de considerar-se como constitucional o artigo do pacto fundamental do estado relativo á idade do Imperador, e n'este sentido foi aprezentado na camara quatriennal um projeto para o fim de ser esse artigo reformado para decretar-se a maioridade do Imperador, antes de completos os 18 annos.

O deputado Carneiro Leão (1) justificou e ofereceo no dia 18 de Maio um projeto n'este sentido.

---

(1) Faleceo em 3 Setembro 1856 condecorado com o titulo de Marquez de Paraná.

Similhante projeto tinha tido dificil elaboração entre os adversarios da maioridade; e embora fôsse vizivel o seo fim protelatario, e d'ahi nacesse a impugnação a elle feita pelos proprios amigos do governo nas conferencias particulares, onde foi assentado, comtudo esse projeto assaz contribuio para o revez, que no Senado ião encontrar os maioristas.

§ 4. Alguns senadores, que avião-se mostrado inclinados á maioridade, e com cujos votos contavão os maioristas, decidirão-se definitivamente contra o seu primeiro pensar, movidos pela convicção de que, convindo decretar a maioridade, cumpria fazel-o por via legal.

Essa via legal entendião elles ser a reforma do artigo da Constituição, que fixava aos 18 annos a maioridade do Imperador, sem refletirem, que tal reforma burlaria a desejada providencia; por quanto, devendo votar-se a lei da reforma, para depois fazer-se a eleição dos deputados com poderes especiaes, só n'esse processo consumir-se-ião dous annos.

No entretanto em 2 de Dezembro de 1843 o Imperador xegava, pela dispozição contida na Constituição, á sua maioridade legal.

D'este modo o partido governista esforçava-se por contrariar os seos adversarios politicos, que entre esperanças e receios aguardavão a votação do Senado.

§ 5. Xegava o dia 20 de Maio, e o projecto da maioridade estava dado para ordem do dia na camara vitalicia. Ia decidir-se a grande questão ante os anciãos da patria.

Aberta a sessão, foi, no meio de geral anciedade, posto em discussão o sobredito projeto. Reinou silencio profundo, que a todos cauzou surpreza e espectação, de que foi participante o escritor d'estas linhas.

Feita breve pauza de minutos, o Prezidente do Senado,

que então era o Marquez de Paranaguá [1], convida o Vice-prezidente, o então Conde de Valença, a tomar a cadeira prezidencial, e foi sentar-se entre os demais senadores.

Pedio a palavra, e defendeo o projeto em discurso breve, encarecendo a necessidade da providencia por elle consagrada.

Findo o discurso, novo silencio seguio-se: um só contraditor não apareceo ao projeto. Solene era o momento.

O projeto foi sugeito á votação, e regeitado por 18 votos contra 16.

Votárão pró: Marquez de Paranaguá, Marquez de São João da Palma, Conde de Lages, Nicoláo Vergueiro, Olanda Cavalcante, Paula Albuquerque, Paula Cavalcante, Almeida Albuquerque, Costa Ferreira, Jozé M. Alencar, Ferreira de Melo, Manoel Ignacio, Rodrigues Jardim, Jozé Saturnino, Manoel de Carvalho.

Votárão contra: Lopes Gama, Araujo Viana, Marquez de Maricá, Visconde da Pedra-branca, Visconde de Congonhas, Alves Branco, Martins Valasques, Cunha Vasconcelos, Luiz d'Oliveira, Souza Paraizo, Antonio Augusto, Patricio d'Almeida, Rodrigues d'Andrade, Marcos Antonio, Francisco Carneiro.

Decahida assim a materia do projeto declaratorio do Imperador maior, considerou-se prejudicado o projeto da creação do conselho da corôa.

§ 6. O exito da votação cauzou indizivel surpreza aos autores e partidarios do plano maiorista: foi o rezultado de ativo trabalho empregado pelos amigos e partidistas do Regente nos dias decorridos desde a aprezentação até a votação dos dous projetos no Senado.

---

(1) Francisco Vilela Barboza: faleceo em 11 Setembro 1846.

O esmorecimento produzido pela idéa da perda da cauza tão fagueiramente acolhida pelos seos adeptos foi o primeiro sentimento dos maioristas.

A voz do Senado pronunciara-se contra a idéa: ella parecia suplantada.

O infortunio do pensamento maiorista não parou no Senado; apenas decahido ali o projeto respectivo, na camara dos deputados votou-se a resposta á fala do trono; e por 42 votos contra 37 fôrão eliminadas as sugestivas palavras: « E vendo com prazer aproximar-se a maioridade de V. M. I. »

Assim em uma e outra camara estava vencida a idéa, cujos opozitores considerarão-se definitivamente triunfantes.

CAPITULO IV

Reunião dos deputados e senadores maioristas; novo plano de realização da maioridade; movimento na camara temporaria; progresso da idéa; projetos de maioridade e indicação de Limpo d'Abreo; parecer da commissão especial; adiamento do corpo legislativo.

§ 1. Malograda no Senado a idéa da decretação da maioridade do Imperador por lei ordinaria, no mesmo dia da votação, os deputados e senadores, membros do club maiorista, reunirão-se á noite em caza do senador Ferreira de Mélo.

Ahi congregados, incetou a palestra o deputado Acaiaba de Montezuma, o qual começou nos seguintes termos: Senhores, estamos em vesperas de triunfo... »

Estas palavras, flagrante contraste do recente destroço da manhan succedido no Senado, e do dezanimo dominante no auditorio, a todos cauzou surpreza; ellas porem forão

profeticas, porque dentro de poucos dias a maioridade era facto consumado.

Então o club maiorista rezolveo tentar na camara temporaria a reparação do golpe sofrido na camara vitalicia, tendo por baze o dezenvolvimento da opinião publica em prol da idéa da pronta e immediata colocação do monarca no trono imperial.

§ 2. Em 17 de Julho devia celebrar-se na capela imperial certa festividade, a que ia assistir o Imperador, e julgárão maioristas, que convinha excitar uma manifestação popular, a qual indicasse o estado da opinião publica da côrte acerca da maioridade.

Com efeito, por sugestão do club maiorista, um cidadão bem conhecido pelo nome de Brazileiro Rezoluto, pseudonimo com que se notabilizara em artigos de animada polemica jornalistica, em favor das ideas livres, foi postar-se em lugar conveniente na porta da sobredita capela com algumas pessoas para isso convidadas, e ali, ao sahir do templo o joven soberano, levantou brados de saudação, terminando pelo seguinte : « Viva a maioridade de S. M. o Imperador ! »

Este brado foi universalmente correspondido pelo numerozo adjunto de povo congregado para assistir á solenidade religioza.

§ 3. Depois d'esta sena da porta da capela imperial, divulgou-se a seguinte quadra, que na manhan immediata lia-se como cartaz nos lugares mais publicos da cidade:

Queremos Pedro Segundo
Embora não tenha idade;
A nação dispensa a lei,
E viva a maioridade!

§ 4. Em prezença do entuziasmo popular, o club maiorista rezolveo a aprezentação, na camara temporaria, da idéa

formal da decretação da maioridade: e no dia seguinte, 18, o deputado Alvares Maxado, no correr de um discurso, a iniciava, e preconizava como necessidade indeclinavel.

A idéa da maioridade, embora mal sucedida no parlamento, continuava em fermentação ali, e fora d'ali.

A imprensa discutia a utilidade d'essa providencia, julgava-a indispensavel, e para dar maior dezenvolvimento á aceitação da idéa, não perdia de vista a questão da ilegalidade do governo do Regente, amplificando o tema do direito da Princeza imperial á regencia do estado.

Tão forte foi a impressão produzida pelo discurso de Alvares Maxado na camara temporaria, que no dia seguinte (14 de Julho) o autor do projeto de reforma do artigo 121 da Constituição, para a subsequente decretação da maioridade do monarca, requereo urgencia para o seu projeto entrar em discussão.

§ 5. Com efeito sobre este projecto correo larga e luminoza discussão.

Impugnárão a constitucionalidade do artigo os deputados Antonio Carlos, Alvares Maxado, Jozé Antonio Marinho, Limpo d'Abreo, e Martim Francisco, sustentarão-a os deputados Carneiro Leão, Souza Franco e Ferreira Pena. O deputado Teofilo Otoni votava pela decretação da maioridade desde já, não porque não fôsse constitucional o artigo em questão, mas porque essa decretação convinha aos interesses da nação brazileira.

A pressão da opinião publica, alimentada pela discussão da camara temporaria, era tal, que no dia 18 de Julho o autor do supramencionado projeto de reforma constitucional requereo a retirada d'elle; retirada que realizou-se por votação da mesma camara.

Na ocazião d'essa retirada, as manifestações em favor da

maioridade fôrão exuberantes ; muitos dos opozitores d'ella mostrarão-se decididos pela necessidade da sua realização.

Jozé Clemente especialmente fala em pról d'essa providencia ; opinião tão ponderoza, atenta a influencia d'este notavel estadista, por sua proeminente figura no partido governista, deo novo impulso á idéa da maioridade, que n'essa ocazião quazi xega a fazer-se por aclamação.

Limpo d'Abreo, para evitar a precipitação na solução de tão momentozo assunto, oferece-se a aprezentar uma indicação para tratar-se do mais conveniente meio de realizar esse acto tão ambicionado pela população. Foi aceita a lembrança a despeito da publica anciedade, que tanto mais crecia e impacientava-se, quanto, interpondo-se um domingo, so na segunda-feira, 20, podia aver sessão do parlamento, e ser aprezentada a sobredita indicação.

§ 6: Xegou o dia 20, e a esperada indicação apareceo. Pedia o deputado maiorista, que se nomeasse uma commissão especial de 3 membros para oferecer á camara com urgencia a providencia mais conducente a solver a questão da maioridade.

No correr da discussão sobre esta indicação o deputado Manoel Antonio Galvão aprezentou um requerimento para que, por aclamação, se decretasse a maioridade do Imperador, e o deputado Martim Francisco ofereceo um projeto, declarando maior desde ja o Imperador.

Depois de caloroza e tumultuaria discussão, em consequencia de um dezagradavel incidente provocado pelo deputado Antonio Navarro, procedeo-se á eleição da commissão.

O lado maiorista e o lado adverso ainda derão combate ; os anti-maioristas porem vencêrão com diferença de poucos votos.

Eis o rezultado da votação:

Francisco Ramiro 49 votos, Gonçalves Martins 48, Nunes Maxado 47, Limpo d'Abreo 44, Aureliano de Souza 44, Antonio Carlos 42.

Ficárão eleitos os tres primeiros votados, candidatos governistas; e á commissão foi commetida a disputada questão para dar parecer.

§ 7. A vitoria dos anti-maioristas mais excitou os propugnadores da maioridade; e vendo estes que os seus adversarios buscavão procrastinar a controversia, na sessão do dia seguinte, 21, Antonio Carlos aprezentou na sua camara um projeto, declarando o Imperador maior desde já.

Foi este o meio de contraminar o plano da commissão especial, a qual, urgida pelas circunstancias, deo parecer, concluindo, depois de breves palavras, que « com urgencia fôsse o Senado convidado a nomear do seo seio uma commissão especial, que tenha de ocupar-se com a d'esta camara de um objeto de maxima importancia. »

Aos maioristas pareceo protelatorio o parecer, que foi fortemente impugnado, e depois de prolongado debate, o mesmo parecer foi adiado, decidindo-se que se discutisse, e deliberasse sobre o projeto aprezentado por Antonio Carlos antes de oferecido o trabalho da commissão.

Assim terminava o dia com assinalada vitoria do partido maiorista, vitoria porem que os adversarios tentavão burlar.

§ 8. Vendo pois os anti-maioristas, que os seos contrarios adquirião novas forças, e que vencerião a campanha, entenderão dever não contestar a maioridade, mas sim a epoca d'ella.

Depois da vitoria dos maioristas, no fim da sessão da camara quatrienal em 21 de Julho, os governistas combinárão e rezolvêrão o adiamento do corpo legislativo,

porque as discussões parlamentares cada dia mais inflamavão e acendião a opinião popular em favor da cauza maiorista.

Na auzencia do parlamento poderião as couzas serenar.

Era precizo um omem de energia, e de conceito na opinião publica para executar a rezolução dos governistas: julgárão axar esse omem no senador Bernardo de Vasconcelos.

Foi elle xamado e o Regente confiou-lhe o cargo de ministro do imperio.

§ 9. No dia seguinte, mal abria-se a sessão da camara dos deputados, e começavão os trabalhos, aprezenta-se o decreto de nomeação do novo ministro, e o de adiamento das camaras para o dia 20 de Novembro proximo vindouro.

A leitura d'estes dous decretos produzio no recinto da camara dos deputados indescriptivel confuzão e tumulto, que testimunhamos.

Eis como um periodico contemporaneo pinta esta sena de raiva e de perturbação :

« A sessão abrio-se no meio da calma e regozijo de uma grande parte da camara, e do immenso concurso de espectadores apinhoados nas galerias, não sendo possivel n'este momento presentir as tempestades, que ião bem depressa suceder-se.

« A urgencia do projeto do senhor Antonio Carlos é aprovada sem debate, e o senhor Barreto Pedrozo discutia a sua conveniencia, quando o secretario leu um oficio, que acabava de receber, participando á camara, que fora nomeado ministro do imperio o senador Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Ao ouvir pronunciar este nome, sensações geraes de indignação e orror, dificeis de exprimir, aparecem na sala e nas galerias, que principião a agitar-se :

« O secretario lê logo depois o decreto, pelo qual o Regente adia a assembléa geral para 20 de Novembro do corrente anno.

« Aqui o tumulto sobe ao cumulo ; o povo não se póde mais conter ; mil imprecações contra o governo do Regente, misturadas de mil vivas freneticos á maioridade do Sr. D. Pedro Segundo, soão a um tempo de todas as galerias.

« Os senhores Antonio Carlos, Martim Francisco, Alvares Maxado, e Limpo d'Abreo levantão-se sucessivamente, e protestão com vehemencia contra este acto do tresloucado e perverso ministro, que para frustrar a primeira das esperanças do povo brazileiro, e unico meio de salvação, que lhe resta, traçava levar a conflagração e a guerra civil a todos os cantos do Imperio.

« Annuncião, que o trono está em perigo; que um governo ilegitimo e uzurpador dos direitos da Princeza imperial, vendo fugir-lhe o poder das mãos, dispunha-se a sacrificar a nação, e o trono ao interesse da sua duração.

« Cada uma das palavras dos oradores é interrompida por salvas estrondozas de aplauzos e aclamação do povo, que a este tempo tinha tomado uma atitude ameaçadora. »

Esta descrição é expressiva, e fielmente reprezenta a vertigem d'esse exaltamento politico.

CAPITULO V

Reunião extraordinaria no paço do Senado; estado da força publica; reprezentação ao Imperador; o *quero já;* convocação das camaras legislativas; declaração da maioridade por aclamação; juramento do Imperador.

§ 1. No meio de grande entuziasmo e exaltação ouvio-se um brado por voz distinta e vibrante, que partia do recinto da camara dos deputados em fervente agitação; e esse

brado dizia: « Quem for Brazileiro siga comigo para o Senado. »

Essa voz era de Antonio Carlos, um dos protogonistas do dia.

Os deputados maioristas e o povo, que nas galerias e ao redor do edificio aplaudião a cauza da maioridade, obtemperárão a esse brado, e entre vivas e aclamações deixão o lugar, onde sena tão tumultuoza se passava, e dirigem-se em grande numero e com grande aceleração para o ponto indicado.

No trajecto pelas ruas d'Assembléa e da Carioca os maioristas erão saudados pelas pessoas, que afluião ás janelas das cazas d'estas ruas; os omens erguendo vivas á maioridade, e as damas acenando com seos alvissimos e rendados lenços.

O jubilo e alvoroço pintavão-se no rosto de todos.

Xegados os deputados ao paço do Senado, entrárão para o recinto d'elle, reunindo-se aos senadores, ao tempo que o povo invadia o edificio, e enxia as suas adjacencias em numero superior a 3.000 pessoas.

§ 2. No Senado não se avia lido o decreto de adiamento da Assembléa geral, porquanto, embora ali tivesse xegado a devida communicação oficial, o Prezidente d'aquela corporação fizera retardar a sua leitura no intuito de dar espaço á reflexão para uma razoavel sahida da extranha surpreza e perplexidade produzida pela inesperada rezolução do governo regencial.

Foi n'esse entretanto, que, xegados os deputados, os senadores permanecêrão com elles em sessão promiscua.

§ 3. Começa aqui uma faze bem distinta e caracteristica do movimento, que desde Maio se operava na situação politica do estado.

A aprezentação do projeto da maioridade na camara vitalicia em 13 do dito mez, a proposta de reforma do

artigo da Constituição relativo á idade do Imperador, os projetos aprezentados na camara temporaria declarando o Imperador maior desde já, a indicação para se cogitar do meio mais convinhavel á decretação d'essa maioridade não ultrapassavão o circulo da legalidade: mais ou menos exagerados os dezejos e os discursos, todavia ninguem avia ainda transcendido a esfera legal.

Agora não; o movimento sahia d'essa esfera, e entrava francamente na via revolucionaria.

O acto legal do adiamento era desrespeitado, e as camaras legislativas adiadas congregavão-se, propunhão fóra das normas legaes; deputados e senadores deliberavão, não obstante o acto prohibitorio do adiamento, e funcionavão sem a observancia das formulas regimentaes.

§ 4. Reunidos os deputados e senadores no paço do Senado, como fica dito, começárão a deliberar em commun, declarão-se em sessão permanente, e rezolvem mandar uma deputação ao Imperador para expor-lhe os perigos da cauza publica, e pedir-lhe, que assuma as redeas do governo.

A deputação compunha-se de cinco senadores e trez deputados, e erão os seguintes: Antonio Carlos, Conde de Lages, Nicoláo Vergueiro, Jozé Martiniano de Alencar, Martim Francisco, Acaiaba de Montezuma, Paula Cavalcante e Olanda Cavalcante.

Esta deputação, apenas nomeada, parte para o paço da Boa-vista, emquanto a multidão, que rodeava o edificio do Senado, sofrega e alvoroçada, era apaziguada por varios senadores e deputados, que das janelas do mesmo edificio frequentemente dirigião-se ao povo, ora explicando os factos, ora animando-o contra rumores de projetadas violencias por parte do governo, ora recomendando firmeza e prudencia para esperarem todos pelo exito dos acontecimentos.

§ 5. Entretanto a deputação volta com a noticia de que o Imperador aceita o governo, tendo ordenado ao Regente, que revogasse o decreto de adiamento da Assembléa geral, e a convocasse para o dia seguinte.

O relator da deputação Antonio Carlos, no meio de calorozos e incessantes aplauzos, lê a reprezentação dirigida ao Imperador, e assim expõe o dezempenho da sua missão:

« Senhores, a deputação, xegando ao paço, foi introduzida á prezença de S. M. I. o Sr. D. Pedro Segundo; e ahi lêo o orador da deputação a seguinte reprezentação:

« Nos abaixo assinados, senadores e deputados do Imperio do Brazil, crendo que o adiamento das camaras no momento, em que se tratava de declarar a maioridade de V. M. I., é um insulto feito á sagrada pessoa de V. M. I., é uma traição ao paiz cometida por um Regente, que na nossa opinião não o é de direito desde o dia 11 de Março do corrente anno ; e reconhecendo os graves males, que de similhante adiamento se podem seguir, já á tranquilidade da capital, como á das provincias, onde os inimigos da paz e tranquilidade publica se podem acobertar com este acontecimento, para com elle dilacerarem as entranhas da mãe patria, vêem reverentemente aos pés V. M. I. a rogar, que V. M. I., para salvar-nos e ao trono, tome desde já o exercicio das suas altas atribuições.

« Rio de Janeiro 22 de Julho de 1840.

« Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Maxado. Conde de Lages. Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro. Jozé Martiniano d'Alencar. Martim Francios Ribeiro d'Andrada. Francisco Gê Acaiaba de Montezuma. Francisco de Paula Cavalcante d'Albuquerque. Antonio Francisco de Paula Olanda Cavalcante. »

A deputação, depois de aprezentada esta reprezentação,

voltou a uma sala de espera, ficando S. M. deliberando sobre a materia.

N'este interim xegou o Regente e o ministro Rodrigues Torres (1) e forão introduzidos á prezença de S. M. I.

Cinco minutos depois veio se xamar a deputação outra vez á prezença de S. M. I., e estando ahi o Regente dice, que elle avia oje dado parte a S. M. I., que avia adiado as camaras sómente com o fim de preparar toda a solenidade para S. M. I. ser aclamado no dia 2 de Dezembro, aniversario do mesmo senhor, mas que, tendo-se alguns senhores deputados e senadores reunido na caza do Senado, e avendo alguma agitação no povo, elle veio saber si S. M. I. queria ser aclamado no dia 2 ou já.

S. M. respondeo, que queria já, e que em tal cazo convocaria a assembléa domingo, para ser aclamado; mas instando os membros da deputação para que fôsse amanhan, em consequencia do estado de agitação, em que estava o povo, S. M. dice ao Regente: «Convoque para amanhan».

Esta expozição feita pelo orador da deputação era a cada momento interrompida por estrepitozos aplauzos, e findou no meio de fervorozas aclamações denunciativas do prazer, de que possuião-se os circunstantes.

§ 6. Conhecido o exito da missão, surdirão desconfianças de que não seria cumprida por parte do Regente a promessa da convocação do parlamento, e n'este sentido prorompêrão vehementes increpações contra o ministro do imperio Bernardo de Vasconcelos, apontado como capaz de trahir o monarca, e derramar o sangue brazileiro, para impedir o acto da maioridade.

Lembrou então o senador Jozé Martiniano de Alencar a enviatura de uma deputação ao Regente, para exigir o

(1) Faleceo em 8 de Janeiro de 1873, sendo Visconde de Itabcrahi.

cumprimento da ordem de convocação da Assembléa geral para o dia seguinte (23 de Julho).

A deputação foi nomeada e seguio ao seo destino, indo entender-se com o Regente Pedro de Araujo, em sua rezidencia na rua dos Arcos, onde este a principio quiz responder com o acto de rezignação do seo cargo. Considerações politicas o demovêrão d'esse propozito e o decreto convocatorio do parlamento para o dia seguinte foi lavrado, e entregue á deputação, a qual o trouxe ao Senado.

§ 7. Bernardo de Vasconcelos, ao incumbir-se do ministerio do imperio, estava rezolvido a fazer abortar o plano da maioridade; d'ahi a providencia do adiamento das camaras; e quando começou o acto de rezistencia, pela reunião dos deputados e senadores e do povo no paço do Senado, o propozito do ministro era empregar a força, si tanto fôsse precizo, para dissolver como ilicito o adjunto popular.

Quando as couzas fôrão xegando ao ponto do movimento tomar verdadeiro caracter revolucionario, o Regente Pedro d'Araujo, concitado por seus amigos, teve o pensamento de rezignar o cargo, afim de Bernardo de Vasconcelos assumir a regencia como ministro do imperio, e dezenvolver o plano de força e vigor, de que julgava-se capaz, supitando o movimento maiorista.

§ 8. Este plano porém não pôde efetuar-se, porque Pedro d'Araujo reconheceo, que as graves consequencias do uzo da violencia contra o povo não podião deixar de ser-lhe imputadas, visto como retirava-se elle do posto para dar cabimento a esse plano.

Além d'isso, ao tempo em que os anti-maioristas cogitavão na dispersão do povo pela força armada, esta manifestava-se em parte a favor da cauza da maioridade, declarando-se abertamente por ella; e foi assim que o

commandante das armas Francisco de Paula Vasconcelos pôz-se de acordo com a reunião do Senado, e o commandante do corpo de estudantes da Escola militar marxou para o campo da Aclamação com os mesmos estudantes armados para defender os reprezentantes da nação, e o povo ali reunido, ou, como dizião os agitadores, para manter a monarchia ameaçada.

§ 9. Reconheceo então o governo, que a supressão da agitação popular se não faria sem perigozo conflito, com exito aliás incerto; porque, si o povo se despersasse agora, obrigado pelo emprego das armas, dentro em pouco surgiria mais exacerbado e ameaçador. Em taes condições deliberou o governo ceder. O Regente foi ao paço da Boavista ao mesmo tempo que para ali seguia a deputação enviada do Senado, cujo exito já conhecemos.

Regressando ao Senado a deputação enviada ao Regente, foi executado o decreto de convocação, em virtude do qual devia a Assembléa geral reunir-se no dia seguinte.

§ 10. Efetivamente no dia 23 de Julho de 1840 pelas 9 óras da manhan reunio-se a Assembléa geral no paço do Senado perante um concurso de mais de 8.000 cidadãos, que fóra e dentro do recinto do mesmo paço anciavão por ver consumado o esperançozo facto, que era obra da agitação popular.

Aberta a sessão o prezidente do Senado dirigio aos circunstantes estas solenissimas palavras:

« Eu, como orgão da reprezentação nacional, em assembléa geral, declaro desde ja maior a S. M. I., e o senhor D. Pedro Segundo no pleno exercicio de seos direitos constitucionaes.

« Viva a maioridade de S. M. I., o Sr. D. Pedro Segundo!

« Viva o Sr. D. Pedro Segundo, Imperador constitucional e Defensor perpetuo do Brazil !

« Viva o Sr. D. Pedro Segundo !

§ 11. Tal foi o acto, que suprio a lei, conferindo ao joven soberano a plenitude das regalias magestaticas, que a Constituição do estado ainda lhe negava.

As palavras do prezidente do Senado, o Marquez de Paranaguá, figura imponente n'esse acto por seo porte e cans, que a enobrecião, fôrão ouvidas com fervente anciedade e os vivas finaes fôrão cobertos por estrondoza e incessante trovoada de gritos e palmas, que resoárão por muitos minutos dentro e fóra do recinto, onde erão taes palavras proferidas.

Em seguida uma comissão, composta de Antonio Carlos, Limpo de Abreo e Alves Branco, foi nomeada para redigir uma proclamação, anunciando ao Imperio o facto da maioridade, e outra commissão partio para o paço da Bôavista, no bairro de São-Cristovão, para saber do Imperador a óra, em que devia vir prestar juramento.

§ 12. Ás trez óras e meia o Imperador, acompanhado pelo aparato material da realeza, com sequito numerozo e carruagens elegantes, xega ao paço do Senado, ahi penetra entre fervorozas aclamações de todos os circunstantes, toma assento no meio dos eleitos do povo, e ante espetaculo tão novo para elle, e tão denunciador da força da vontade popular, e do nenhum valor do pacto escrito, jura (formaes palavras) « manter e guardar a constituição da nação brazileira ».

Emfim, o acto estava consumado ; o principe empossava-se do trono com toda a extensão do poder magestatico, e com toda a força da opinião publica, e ia preenxer dilatada carreira no governo do Imperio.

§ 13. Competirá á Istoria dizer no futuro como elle percorreo essa carreira no dezempenho da sua augustissima espinhoza missão.

A realeza no Brazil consiste no poder moderador, que a Constituição creou; esse poder, superior aos demais poderes ativos do estado, é sem igual nos governos do mundo, quer em tempos antigos, quer em nossos dias: elle coloca o soberano como espectador e juiz.

Coube a um monarca nacido e educado na terra americana, onde em relação aos negocios umanos tudo é novo, e tudo deve trilhar senda nova, a sorte de fazer o ensaio de um governo tão especial; grande pois é a sua responsabilidade perante os nossos posteros, já pelo bem do povo, que dirige, e já pelo exito da experiencia em consideração á umanidade, por certo interessada na pratica d'essa nova forma governativa, que nossos paes tirárão das regiões da teoria para o terreno da realidade.

§ 14. A essa nova entidade politica confiou um povo o encargo de arbitro soberano da sua direção politica.

Não governando, isto é, não intervindo nas paixões e nos interesses pessoaes, pode ser juiz sincero e justo.

Qual outro rei na terra jamais teve tão delicada e sublime pozição?

A missão do monarca brazileiro é mais dificil do que a dos reis do velho mundo, e por isso mesmo mais glorioza, si elle a compreendeo, e a dezempenhar, operando o fenomeno de substituir com vantagem a força e inteligencia de uma coletividade, que a experiencia tem mostrado até aqui ser superior á força e inteligencia do individuo.

O povo, que o nosso imperante dirige, ainda lhe não embargou sentença alguma; apenas protestos surgirão em 1842 no sul, e em 1848 no norte, os quaes forão sopitados: não póde pois ser-lhe desculpa o obstaculo aos seos juizos.

O antigo Egipto julgava os seos reis depois do reinado de cada um; o Brazil julgará tambem o seo monarca.

§ 15. O imperador constitucional do Brazil (digão o que quizerem timoratos e alevantados) tem em suas mãos a faculdade do bem e do mal social: o poder efetivo lhe está entregue, porque não só a Constituição deo-lhe a atribuição de julgar as questões politicas, isto é, de dirigir a sociedade brazileira, como incumbio-lhe o emprego da força executiva. Elle pois quer e executa; e quem quer, e pode executar, goza da summa autoridade.

O seo poder é immenso no paiz. Para prova, ahi está o facto culminante da guerra do Paraguai.

Elle quiz ser o primeiro voluntario da patria, e 300 mil Brazileiros la forão afrontar a peste, as agruras de uma terra não desbravada, e o valor ainda feroz de ordas semiselvagens, despendendo-se mais de 600 mil contos de reis!

§ 16. Ante a vontade do nosso imperante constitucional cedem todos os poderes publicos; porque todos elles dependem d'essa entidade.

O poder legislativo preciza d'elle para a sanção das leis, e como corpo operante póde ser detido pelo véto, e lhe é subordinado pela dissolução e pelo adiamento.

O poder judicial paraliza-se diante da anistia, e anula-se diante do perdão.

Do poder executivo é xefe o imperante, que d'este poder dispõe por via dos ministros.

O que é pois o imperador do Brazil? É o supremo regulador de toda a ação social: sendo elle, na fraze constitucional, a xave de toda a organização politica, abre e fexa todos os caminhos. Por isso nem o bem, nem o mal póde fazer-se sem o seo assentimento e concurso, que revela-se por suas decizões.

Elle não é absoluto; porque tem normas para essas decizões, que deverão inspirar-se na vontade nacional; mas politicamente não sofre contradição.

Si praticar fielmente essas normas, poderá então mostrar ao mundo a exequibilidade de um governo, que promete ao cidadão paz sem opressão, e liberdade sem tumulto.

§ 17. Da apreciação das sentenças d'este supremo arbitro, proferidas nos pleitos nacionaes, incumbir-se-á o vindouro escritor, para quem devemos reunir os elementos de bem julgar; por quanto, nos termos das sagradas letras, *quis judicat, judicatur.*

Por ora a nós sómente cabe dizer: *Nobile imperium, si patriæ decus et jus civium feliciter expleatur.*

CAPITULO VI

Reflexões sobre o acto da maioridade.

§ 1. Cremos ter narrado fielmente o acontecimento da maioridade imperial. Aventuraremos agora sobre elle, como facto politico, sucintas observações.

Duas ordens de idéas aprezentão-se á nossa consideração: 1°. quanto á legalidade do acto; 2°. quanto á vantagem d'elle.

§ 2. Relativamente á legalidade, inquestionavel é, que o acto foi o rezultado de um movimento popular promovido por uma conjuração, que, buscando em principio realizar a entrega do governo do paiz ao monarca por acto legal, mediante a votação do parlamento com sanção do Regente, isto é, por uma lei, depois sahio das raias legaes, e propulsou o povo da capital do Imperio á agitação, diante da qual o governo regencial teve de ceder.

Ninguem póde duvidar, e sobretudo aquelles que, como nós, prezenceárão esse notavel acontecimento, que a força da opinião da nossa cidade capital pronunciou-se com energia e exuberancia em favor da maioridade, tornando-se evidente, ante as manifestações publicas, que o dezejo geral era, que o Imperador assumisse as rédeas do governo.

Estas manifestações fôrão expressivas, quer antes, quer depois de consumado o facto: antes pela espontaneidade, com que a população anciava pela realização d'elle; depois pelas inequivocas provas de regozijo publico.

§ 3. Para esse estado dos animos, em relação ao anhélo de vêr nova ordem de governo, duas cauzas por certo contribuirão: 1ª. o espirito de curiozidade, que sempre tem o povo por espectaculos novos; 2ª. as decepções dos descontentes do governo, então existente e as esperanças dos pretendentes aos gozos do poder.

Os Brazileiros são na maxima parte decendentes dos Portuguezes, que jamais quizerão outro regimen sinão o monarchico; dos Portuguezes, que si algumas vezes agitarão-se para excluir um rei, foi sempre para entronizar outro; dos Portuguezes, povo unico das nações actuaes, que nunca erguêra o brado de republica; os Brazileiros (dizemos), vendo nos dias regenciaes as perturbações ingenitas da liberdade, entendêrão, que todo o desconcerto provinha da fraqueza do governo eletivo.

Comparavão essa aparente dezordem com a longa paz dos primeiros dias da monarchia em nossa terra, quando reinava o avô do principe, para quem fitavão olhos esperançozos. Convencião-se pois, que, colocado o monarca no trono, tudo sanar-se-ia, e nova época de prosperidade ia começar.

D'ahi o entuziasmo, que em poucos dias levantou-se em prol do governo do Imperador infante.

Não cauze por isso extranheza a idéa de uma revolução para colocar no trono o monarca; e certos os nossos omens mais eminentes e conspicuos d'esses sentimentos no paiz, não ezitárão em admitir a maioridade do principe por uma revolução popular.

§ 4. Que tudo foi anormal desde o momento da impugnação do decreto de adiamento na camara temporaria até o acto do juramento do principe, basta recordar os factos dezacompanhados de comentario.

Quando no dia 23 de Julho leo-se no Senado o decreto convocatorio do parlamento, o proprio Prezidente d'essa corporação, o Marquez de Paranaguá, denunciava o seo papel de revolucionario; nem elle, nem ninguem atinava com o meio legal de consumar o acto da maioridade, por isso dizia elle então:

« Eu, senhores, devo declarar, que não me considero agora como prezidente do Senado: isto, que vemos, não é o Senado, é uma grande e magestoza reunião popular... eu não vejo aqui sinão cidadãos, pedindo a maioridade de S. M. o Imperador. »

§ 5. Com efeito assim era: a rezistencia ao acto legitimo do adiamento, isto é, a dezobediencia á lei tinha convertido a reunião dos legisladores da nação e o concurso dos cidadãos em ajuntamento simplesmente popular.

O decreto de adiamento importava o uzo de uma inquestionavel prerogativa do Regente: lavrado e publicado o decreto, cumpria obedecel-o.

Mas os deputados e senadores rezistirão; reunirão-se, e deliberárão contra a prohibição da lei.

§ 6. Não parárão as couzas ahi: o Regente vae ao paço, e ali encontra uma deputação da Assembléa geral em adjunto ilegal, e recebe ordens do Imperador, que

declara querer ser já maior, e determina a convocação das camaras legislativas.

Si a revolução estava feita, e si o Imperador já mandava antes de juramentado, para que a formalidade da convocação ?

Assim apenas o Regente passava pelas forcas caudinas.

Para aver consequencia e legitimidade cumpria reunir as camaras, não para dar immediato juramento ao principe, mas para votar a despensa da idade, e então convertido o acto em lei, ser executado.

Prefiro as couzas sinceras. A revolução tinha dado ao Imperador as regalias magestaticas; ouvésse pois consequencia, dando-lhe a revolução a plenitude do poder sem abatimento da entidade politica, que sucumbia ao pronunciamento da opinião publica.

§ 7. Si a vontade popular geralmente enunciada legitíma o facto revolucionario, nenhuma duvida podemos ter sobre a natureza do movimento maiorista.

Os reprezentantes da nação, os altos funcionarios do estado, a força publica, e o povo na côrte, todos se acordárão para tirar do Regente o poder e transferil-o ao Imperador.

Si isto sucedeo na côrte nos dias da agitação, as provincias por seu turno derão posteriormente demonstrações de plena adezão ao facto, significando que o pensamento vitoriozo na côrte o era tambem nas provincias.

As assembléas provinciaes, as camaras municipaes e corporações civis, todos felicitárão das provincias a exaltação do soberano.

Por tanto a revolução da maioridade foi legitima, isto é, foi efeito da vontade geral, ou pelo menos da grande maioria da nação.

§ 8. Foi util?

Cremos, que não; e assim pensamos por vermos n'ella

o meio de levantar uma parcialidade politica ao poder, e não o intuito de melhorar a publica administração.

§ 9. Para nós a prova deciziva é esta.

O governo estava nas mãos de um cidadão, sobre cujas idéas monarchicas não era licito duvidar em razão de longa serie de provas do seo monarchismo; o governo marxava sem notavel alteração da paz publica, a não ser a cronica revolução do sul. Em que pois aproveitava ao paiz a solicitada mudança?

Aproveitaria, si passasse de um varão inabil a outro mais idoneo e experimentado.

Mas emquanto á experiencia assim não sucedia, porque o governo sahia das mãos de um omen maduro e provecto para as de um mancebo ainda imberbe; e embora os adeversarios do Regente alegassem ter o principe suficiente dezenvolvimento intelectual, todavia tão certo é, que não confiavão na experiencia juvenil, que ao projeto da maioridade adicionárão outro da creação de um conselho privado, que servisse como de suplemento á falta de pratica do joven soberano.

§ 10. Si a monarchia não perigava sob o Regente existente, si não avia commoção real no paiz por elle motivada, o que convinha aos interesses da nação?

Esperar os quatro annos, que faltavão para a maioridade legal do imperante, e não dar-lhe o pouco edificante exemplo de desrespeito a essa Constituição, segundo a qual devia elle governar.

Menino ainda, recebia do povo um pacto violado; e por isso enfraquecido.

§ 11. Quer um quer outro partido dos então existentes no paiz bem demonstrárão, na questão dos dous Regentes do acto adicional, que mais curavão da posse do poder, do que da cauza nacional.

O primeiro Regente foi ameaçado com a exaltação da Princeza D. Januaria e com o suprimento da idade do Joven soberano; para o que o deputado Vieira Souto, na respectiva camara, aprezentou um projeto em sessão de 25 de Maio de 1837: o segundo Regente vio realizada a ameaça com a maioridade de D. Pedro Segundo.

§ 12. Estes esforços dos partidos politicos bem denuncião a parte, que nos seos planos tinha a cauza publica.

Em 1836 os adversarios do Regente Diogo Feijó entendião, que a Constituição não se violava, ordenando-se por lei ordinaria, que se despensasse a idade da Princeza imperial para que ella assumisse o governo da nação; os amigos d'esse Regente porém convencião-se do contrario, e a Assembléa provincial de Minas, expressão genuina d'esses amigos, combatendo a idéa da despensa, sustentava que « mãos sacrilegas tentavão ferir de morte a Constituição do estado, substituindo a regencia do acto adicional por outra, cuja inconstitucionalidade forcejavão por atenuar, acobertando-a com o nome respeitavel da serenissima princeza». Na força da sua convicção a assembléa mineira exclamava: Pereça aquele que se atrever a profanar a Constituição! Pereça o conspirador quem quer que elle seja! » (1)

Em 1840 os adversarios do Regente Pedro d'Araujo pensavão, que se não ofendia a Constituição, despensando-se por lei ordinaria a idade do imperante para que elle assumisse logo o governo do estado; mas os amigos d'este Regente persuadião-se contrariamente, que assim dava-se

(1) Reprezentação da Assembléa provincial de Minas de 26 de Março de 1836, assinada por Antonio da Costa Pinto, como presidente, e Jozé Feliciano Pinto Coelho e Antonio Gomes Nogueira Freire, como secretarios.

golpe mortal na Constituição, e cumpria resguardal-a de tamanho mal.

A situação dos dous partidos dava-lhes idéas diferentes: só um pensamento era fixo, e este era a conquista do governo.

§ 13. Si a maioridade tornou-se uma necessidade, esta proveio da agitação concitada para realizal-a, e não de cauzas anteriores. Isto é patente do modo porque o proprio partido maiorista a defendia. Assim dizia o *Despertador*, o mais valente orgão da imprensa defensora da maioridade: « Ha dous mezes, outra vez o repetimos, a repulsa da maioridade era possivel por esse meio. Oje porém o não é, depois dos importantes sucessos ocorridos no Senado, na camara temporaria e na massa do paiz. »

Logo reconhecia o proprio partido maiorista, que só a agitação, recentemente originada, fazia da maioridade uma necessidade politica.

Si o partido em opozição ao governo regencial não fizesse a propaganda maiorista, não apareceria a urgencia de violar a Constituição, e como toda a violação do pacto fundamental é nociva, concluimos, que não foi util a realização da maioridade por meio de um movimento revolucionario, em que o espirito de partido superou a Constituição, mostrando-se mais forte do que ella desde que apoia-se no prestigio monarchico.

§ 14. Não provirá d'ahi a preponderancia das regalias moderadoras sobre o elemento popular por via das dissoluções parlamentares?

Inclinamos-nos pela resposta afirmativa.

No espaço de 40 annos temos visto oito dissoluções da camara temporaria, facilitando-se tanto esse acto supremo, que até já ouve uma dissolução prévia, e duas antecipadas.

Em 1842 a camara dos deputados foi dissolvida antes de constituir-se, e em 1849 e 1881 operarão-se dissoluções na auzencia do parlamento, e por consequencia antes de manifestar-se conflito entre os poderes politicos da nação.

Não aceito o argumento do uzo inglez, que admite a frequente e facil dissolução do ramo temporario do poder legislativo, porque antes do uzo extranho está a nossa lei constitucional, que formalmente só permite a dissolução da camara quatrienal no cazo de perigar a salvação do estado: logo sómente quando essa camara arrisca a existencia da nação, mas não a permanencia de um ministerio.

§ 15. Terá por ventura perigado a nossa existencia politica oito vezes em 40 annos? Não o cremos; os factos não autorizão tal crença.

N'estas condições empregada a dissolução como providencia ordinaria de governo, conforme entre nós se tem praticado no segundo reinado, o elemento popular subordina-se, e o regimen degenera.

Um corpo eletivo sem segurança de sua existencia é necessariamente entidade fraca ante quem é permanente e dispõe da sua sorte.

Nas crizes sociaes póde o recurso da reeleição aproveitar, porque a energia da opinião sustenta os candidatos populares: nos tempos calmos o cansaço anniquila esse recurso; e o povo sem mandatarios eficazes não tem defensores idoneos.

A revolução da maioridade, gerando o desrespeito á Constituição do estado, foi um mal social, e redundou em prejuizo do povo, que a fez.

Parece, que o senador Manoel de Carvalho tinha esse presentimento, quando convidado por seos amigos e instado para aceitar o pensamento maiorista, respondeu n'estes termos formaes: Senhores, muitas revoluções contra os reis

o povo tem feito, mas a favor do rei, só voceis a querem fazer: todavia eu os acompanharei.

§ 16. No verdor dos annos então eu assisti a essas peripecias. Na caza onde reunia-se o club maiorista, vi os conjurados; nas tribunas do Senado ouvi a leitura do projecto da declaração da maioridade; na porta da capela imperial ouvi os gritos de aplausos ao monarca infante; nas galerias da camara temporaria atentei aos discursos dos deputados e prezenciei o tumulto dos espectadores; no Campo da Aclamação, constituido em acampamento popular, passei a noite de 22 para 23 de Julho; no paço do Senado ouvi a proclamação da maioridade proferida pelo venerando ancião, que o prezidia, e assisti ao solene juramento do monarca declarado maior.

Quão longe estava eu então de cogitar nos sucessos, que se seguirão, e pelos quaes podemos emitir juizo sobre esse facto tão caracteristico da indole dos partidos politicos do Brazil!...

NOTA

PASSAGEM SOBRE QUE VERSA A NOTA: (PAG. 175).

« Com efeito pessoa familiar do Imperador revelou-lhe a existencia do plano, e provocou uma declaração da sua parte. A pessoa assim commissionada não se demorou em annunciar, que o Imperador não ezitára em manifestar « que queria a maioridade, e dezejava, que ella fôsse logo realizada, estimando muito que a idéa partisse dos Andradas e seos amigos. »

Quando lia este periodo da prezente memoria, no Instituto istorico e geografico, S. M. observou não ser exacta a circunstancia aqui referida; e finda a leitura, dice me, que se não recordava de ter sido jamais provocado por pessoa alguma do paço para enunciar-se ácerca da projetada declaração da maioridade.

Reflexionei, que a minha assersão fundava-se nas actas do *club maiorista*, seguindo eu na expozição dos sucessos os documentos contemporaneos.

S. M. replicou, que, sem contestar o acordo da expozição com os documentos, a verdade era, que nenhuma recordação tinha de que a alguem fizesse declarações sobre a maioridade, manifestando dezejos de ver esta providencia realizada; pois, sendo então de annos juvenis, preocupava-se com os seos estudos, e não cuidava da politica militante do paiz; lembrando-se sim de ouvir conversar no paço sobre o assunto da maioridade, a respeito da qual apenas pronunciou-se, quando no dia 22 de Julho a commissão do Senado, e o Regente forão ao paço na quinta da Boa-vista.

Acrecentou S. M., que n'essa ocazião, depois de ouvir á commissão e ao Regente, consultando particularmente com o seo tutor, o Marquez de Itanhaen, e com o seu aio, e aceitando os conselhos de ambos, declarára, que aceitava o governo; e porque, ao dizer o Regente, que ia convocar a Assembléa geral para Novembro, a mesma commissão insistisse sobre a necessidade de pronta convocação, S. M. dice então ao Regente, que fizesse a convocação para o dia seguinte.

Ouvidas estas palavras de S. M. observei, que, tendo eu por fim com a prezente memoria aclarar os factos, e estabelecer a verdade, convinha ser conhecida esta contradita, e pedi permissão para a consignar em meo trabalho; ao que S. M. graciozamente acquiesceo.

Eis a razão d'esta nota.

APENDICE

Á

NOTICIA SOBRE A MAIORIDADE

PARTE DOCUMENTAL

Proposta da creação do club da maioridade.

Projeta-se a creação de uma sociedade, que se denominará « Club maiorista », pozitivamente empenhado em conseguir do corpo legislativo o suprimento da idade do Imperador, para que seja encarregado do governo do estado desde já.

Este club será instalado, e trabalhará secretamente: terá um prezidente, 1.º e 2.º secretarios, que formaráõ a meza para dirigir os trabalhos.

Ninguem será recebido no club sem primeiro dar sua palavra de onra de votar pela maioridade do Imperador, e não sendo membro do corpo legislativo, de procurar, quanto em si couber, adquerir votos para o mesmo fim.

O membro, que descobrir o segredo do club, ou trahir a promessa n'elle feita, será tido por indigno, e incorrerá no dezagrado de todos os membros do club.

Far-se-á um breve regulamento para a bôa ordem dos trabalhos, o qual se assimilhará, no que fôr possivel, ao regimento das camaras legislativas.

Crear-se-á uma caixa, que supra as despezas indispensaveis ao conseguimento do fim, que se pretende. Cada membro, ao entrar no club, dará para ella a quantia de....

Serão recebidos como membros do club pessoas, que se encarreguem da redação de um periodico, que sustente: 1.° a necessidade da maioridade do Imperador; 2.° os direitos das opozições provinciaes aos Prezidentes, que fôrem ostís ás maiorias das provincias, e á idéa da maioridade do Imperador.

Os redatores do periodico, que não passaráõ de dous, não entraráõ com couza alguma para a caixa.

Logo que se reunirem 8 ou 10 membros se instalará o club, nomeando-se á pluralidade de votos em escrutinio secreto o prezidente, e 1.° e 2.° secretarios; e quando o club contar 42 membros, se fará nova eleição, podendo ser reeleitos os que até então servirem.

As reuniões serão duas por semana, nas quartas e domingos, e na caza de um dos membros, que não tiver familia, a qual se dezignará na reunião antecedente.

Si o club contar 80 membros, será dividido em dois.

Si se demorar o conseguimento da maioridade do Imperador, o club se ramificará nas provincias, afim de promover-se n'ellas reprezentações a favor.

Cada membro poderá propôr no club as pessoas, que julgar convenientes, que n'elle sejão recebidas; mas só por aprovação unanime dos membros do club poderão ser xamados.

Quaesquer outras providencias serão dadas no regulamento, que se ouvér de fazer, tendo-se n'elle em vista as bazes aqui postas.

Club da maioridade

ESTATUTOS

PARA A

SOCIEDADE PROMOTORA DA MAIORIDADE

CAPITULO I

DA SOCIEDADE E SEU FIM

Art. 1. Estabelecer-se-á, na cidade do Rio de Janeiro, uma sociedade com o titulo « Sociedade promotora da maioridade do Imperador, o Senhor D. Pedro Segundo. »

Art. 2. Esta sociedade será composta de um numero indefinido de socios.

Art. 3. Poderão crear-se sociedades filiaes, em qualquer ponto do Imperio.

Art. 4. O fim da sociedade é conseguir, que se declare, quanto antes, a maioridade do Imperador, como meio de sustentar a monarchia constitucional, ora ameaçada. Para isto deverá ella empregar todas as medidas legaes e razoaveis, que poder crear, e de que poder dispor.

CAPITULO II

DOS SOCIOS, SEOS DEVERES, E DIREITOS

Art. 5. Podem ser socios todas as pessoas, que se fizerem recommendaveis pelas suas qualidades, e que quizerem obrigar-se por juramento a trabalhar, de commun acordo, para o fim da sociedade.

Art. 6. Os socios, antes de entrar, prestarão o seguinte juramento: « Juro promover, por todos os meios ao meo alcance, a maioridade do Imperador, o Senhor D. Pedro

Segundo, e guardar inviolavel segredo sobre tudo quanto se passar n'esta sociedade.

Art. 7. Compete aos socios:

§ 1. Discutir e votar sobre as materias, que se oferecerem á consideração da sociedade;

§ 2. Propor tudo aquilo que julgar conveniente ao fim da sociedade.

Art. 8. Na reunião da sociedade tudo se vencerá á maioria de votos dos membros prezentes; e para aver sessão bastará o comparecimento de um terço dos socios.

CAPITULO III

DO GOVERNO DA SOCIEDADE

Ar. 9. O governo da seciedade é delegado a uma commissão composta de 5 membros, eleita á pluralidade relativa de votos pelos membros prezentes da sociedade.

Art. 10. Compete a esta commissão:

§ 1. Convocar extraordinariamente a sociedade, quando julgar precizo aos interesses d'ella, e dar-lhe, tanto nas reuniões extraordinarias, como nas periodicas, exata conta de todas as ocurrencias, que deverem ser submetidas ao seu conhecimento.

§ 2. Tornar efectiva a dispozição do art. 3., creando sociedades filiaes, e correspondendo-se com ellas, e bem assim a dispozição do art. 4., pondo em execução as medidas, que lhe parecerem conducentes para obter-se o fim da sociedade.

§ 3. Aprovar os socios, que forem propostos por qualquer dos membros da commissão.

Art. 11. As dispozições do § 2 do art. 10 serão submetidas ao conhecimento da sociedade na sua primeira reunião ordinaria, ou extraordinaria; e a dispozição do § 3º não

exclue o direito, que cumulativamente exerce a sociedade, de propor e admitir socios.

Art. 12. A commissão terá um prezidente, e um secretario, que servirá ao mesmo tempo de tezoureiro, os quaes serão nomeados pela maioria relativa de votos dos membros da commissão: o prezidente e secretario exercerão os mesmos cargos, quando se reunir a sociedade.

Art. 13. A commissão não durará mais que 6 mezes; mas os seos membros poderão ser reeleitos.

CAPITULO IV

DISPOZIÇÕES GERAES

Art. 14. A sociedade terá todos os mezes duas reuniões, a saber, no dia 1 e dia 15 de cada mez.

Art. 15. A sociedade, quando se tornar numeroza, poderá dividir-se em secções, e estas serão prezididas pelos diferentes membros da commissão; podendo cada um d'elles escolher o secretario entre os membros da secção, a que prezidirem.

Art. 16. Cada socio concorrerá com a quantia de 4$ por entrada e com a mensalidade de 1$, para as despezas da sociedade. A receita e despeza da sociedade, e a sua escrituração ficão a cargo do tezoureiro.

Art. 17. Averá uma palavra e um sinal para se reconhecerem os socios: a palavra será...., e o sinal a impozição da mão direita sobre o coração.

Art. 18. Nas discussões da sociedade adotar-se-á como regimento provizorio o da camara dos deputados.

Art. 19. Os artigos do prezente regimento só poderão ser alterados ou adicionados em reunião geral da sociedade.

Trabalhos do club da maioridade

ACTAS DAS SESSÕES

1.ª SESSÃO

Em 15 de Abril de 1840, reunidos alguns deputados e senadores, convierão em instalar um club, pozitivamente empenhado em conseguir do corpo legislativo um suprimento de idade para o Imperador, afim de ser encarregado do governo desde já.

Em consequencia nomeárão para prezidente o Exm. Sr. Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Maxado, para vice-prezidente o Exm. Sr. Antonio Francisco de Paula Olanda Cavalcante, 1.º secretario Jozé Martiniano d'Alencar, e 2.º secretario o padre Carlos Augusto Peixoto d'Alencar.

Conveio-se, que o club assim instalado trabalhasse secretamente.

O Sr. Olanda Cavalcante propôz duas idéas : a 1.ª que cada um dos membros do club procure, pelos meios que puder, saber da vontade do Imperador a este respeito ; 2.ª que procure cada um aliciar algum, ou alguns membros do corpo legislativo para votarem pela medida ; e assim se venceu.

Decidio-se, que o deputado Teofilo Otoni fosse recebido no club na futura sessão.

O Sr. Antonio Carlos se incumbio de persuadir ao deputado Alvares Maxado para convir na idéa da maioridade do Imperador; e cazo convenha ser igualmente recebido no club.

Decidio-se que a outra reunião fosse quarta-feira, 22 do corrente, n'esta mesma caza de Jozé M. de Alencar.

Andrada Maxado.
Jozé M. d'Alencar.
C. A. Peixoto d'Alencar.

2.ª SESSAO

Em 22 reunio-se o club, faltando o Sr. Jozé Mariano, que deu parte por escrito, que estava doente.

Foi recebido o Sr. Teofilo Otoni, lendo-se-lhe primeiro as condições, com que se devem receber os membros do club, e prometeo sugeitar-se a ellas.

O 1.º secretario propoz o deputado Jozé Antonio Marinho para ser recebido no club; e por esta ocazião propôz o Sr. Olanda Cavalcante, que se revogasse a idéa do escrutinio secreto para serem recebidos os membros, e que ninguem fosse recebido senão por votação unanime; e assim se decidio.

Foi aprovado o deputado Jozé Antonio Marinho para ser recebido na proxima futura sessão.

Em virtude da deliberação, que se avia tomado na sessão passada, de se saber da vontade do Imperador, dicerão os Srs. Andrada Maxado e Olanda Cavalcante, que alguns passos avião dado para esse fim, e que nada de pozitivo poderão colher; mas alguns dados tinhão para pensar, que o Imperador estava dezejozo da idéa da maioridade.

Quanto á segunda idéa de se aliciarem membros do corpo legislativo, dice o senador Jozé M. d'Alencar que sabia de certo que os deputados Vicente de Castro, Manoel do Nascimento, Lima Sucupira, Ferreira da Costa, e o senador Francisco de Lima Silva erão da opinião da maioridade; pois os tinha sondado a este respeito, e os axou prontos.

Decidio-se, que a outra reunião seria na quarta-feira, 29 do corrente.

Andrada Maxado.
Jozé M. d'Alencar.
C. A. Peixoto d'Alencar.

3.ª SESSÃO

A 29 se reunio o club, faltando o Sr. Jozé Mariano.

Foi recebido o Sr. Jozé Antonio Marinho.

O Sr. Alencar propôz o senador Jozé Bento para ser recebido, e requereo, que fosse aprovado logo, para entrar n'esta mesma sessão, dispensando-se qualquer formalidade; e sendo aprovado foi mandado xamar, e foi recebido.

Lerão-se a elle e ao Sr. Jozé Antonio Marinho as condições a que se sugeitão os que entrão no club, e prometêrão estar por ellas.

Leo-se a acta da sessão passada, e foi aprovada.

O Sr. Teofilo Otoni propôz para ser recebido no club o Sr. Jozé Feliciano Pinto Coelho, e foi aprovado para ser recebido na futura sessão, que se assentou que seria na segundo feira do seguinte mez de Maio, n'esta mesma caza.

Andrada Maxado.
Jozé M. d'Alencar.
C. A. Peixoto d'Alencar.

4.ª SESSÃO

A 4 de Maio se reunio o club, e foi recebido o Sr. Pinto Coelho, e o Sr. prezidente lhe explicou as condições a que devia ficar sugeito, e prometeo estar por ellas.

Não compareceo o Sr. Costa Ferreira.

O Sr. Andrada Maxado dice, que, em virtude do que se avia rezolvido no primeiro dia da reunião do club, de cada membro d'elle procurar saber da vontade do Imperador ácerca da maioridade, elle e seo irmão o Sr. Martim Francisco avião-se entendido para este fim com uma pessoa do paço, e que esta, depois de dias veio annunciar-lhes, que, tendo tocado n'essa idéa ao Imperador, este respondêra

que queria, e que dezejava, que fôsse logo, e muito estimava, que partisse isso dos Srs. Andradas e seu partido, acrescentando essa pessoa serem estas as palavras de S. M.

Não obstante, para maior segurança, foi incumbido o membro do club, o Sr. Pinto Coelho, de falar a seo primo o Exm. Marquez tutor sobre o negocio, indagar d'elle, si S. M. de facto dezejava, que se aproximasse o tempo da sua maioridade; e ficou de dar a resposta, logo que falasse ao tutor; o que seria no dia 6 do corrente.

Compareceo no entretanto o Sr. Costa Ferreira.

Decidio-se, que a outra reunião seria depois da resposta do Sr. Pinto Coelho, e no dia que novamente fosse dezignado aos membros do club.

Andrada Maxado.
Jozé M. d'Alencar.
C. A. Peixoto d'Alencar.

5.ª SESSÃO

No dia 7 reunio-se o club, faltando os Srs. Olanda Cavalcante, e José Antonio Marinho.

O Sr. Pinto Coelho deo parte, que, tendo falado ao Exm. tutor, este asseverára, que S. M. I. dezejava, que se adiantasse a medida da maioridade.

O Sr. Jozé Bento propôz para serem recebidos no club os Srs. Nicoláo Vergueiro e Limpo de Abreo, e o Sr. Antonio Carlos o Sr. Acaiaba de Montezuma; e todos forão aprovados para serem recebidos no dia 9 do corrente, marcado para outra reunião.

(*Não está assinada esta acta.*)

6.ª SESSÃO

A 9 reunio-se o club, e foi recebido o Sr. Acaiaba de Montezuma, a quem o Sr. prezidente dice as condições, a

que se sugeitavão os membros do club; prometeo estar por ellas.

O Sr. Limpo d'Abreo não compareceo para ser recebido, e ácerca do Sr. Nicoláo Vergueiro dice o Sr. Jozé Bento, que elle não estava inteiramento disposto a convir na idéa da maioridade.

Decidio-se depois de alguma discussão, que na proxima futura sessão seria aprezentado no Senado o projecto da maioridade, que seria assinado pelos 5 membros do club, que são senadores.

Em consequencia entrou em discussão um projeto feito pelo senador Jozé M. d'Alencar, o qual não sendo aprovado pelos membros do club, foi emendado ou substituido por outro em dous artigos, que contêem o seguinte: Art. 1. O Sr. D. Pedro Segundo, Imperador e Defensor perpetuo do Brazil, é declarado maior desde já. Art. 2. Logo que o Sr. D. Pedro Segundo entrar no exercicio de seos direitos, escolherá um conselho, que se denominará « Conselho privado da Corôa, » composto de 10 membros, que terão os mesmos ordenados, que tinhão os antigos conselheiros d'estado.

Decidio-se que na terça-feira, 12 do corrente, averia uma reunião do club para n'ella fixar-se o dia da aprezentação do projeto.

(*Esta acta está sem assinaturas.*)

7.ª SESSÃO

No dia 12 reunio se o club, e foi recebido o Sr. Limpo d'Abreu, a quem o Sr. prezidente dice as condições, a que se sugeitão os membros do club; prometeo estar por ellas.

Decidio-se, que o projeto da maioridade fosse aprezentado na quarta-feira, 13 do corrente, que era um dia notavel, sendo o anniversario d'el-rei D. João Sexto, augusto avô de S. Magestade Imperial.

Depois de algumas reflexões, decidio-se (contra o vencido na outra sessão), que os projetos fossem dous, um somente propondo a maioridade, e outro o conselho d'estado, dando-se-lhes uma nova fórma, ficárão redigidos assim: Art. unico. O Sr. D. Pedro Segundo, Imperador constitucional, e Defensor perpetuo do Brazil é declarado maior desde já. Art. unico. Logo que o Sr. D. Pedro Segundo for declarado maior nomeará um conselho, que se denominará « Conselho privado da Corôa », composto de 10 membros, que terão os mesmos ordenados, que tinhão os antigos conselheiros d'estado.

Assim redigidos os projetos, forão passados a limpo pelo 1.º secretario do club, e assinados pelos 5 membros do mesmo, que são senadores, decidindo-se mais, que no dia seguinte no Senado se procuraria a assinatura do Sr. senador Manoel Ignacio de Melo Souza, que, não sendo membro do club, está comtudo disposto a assinar o projeto da maioridade, segundo afirmou o Sr. Jozé Bento.

Foi concordado que o Sr. Olanda Cavalcante aprezentaria os projetos, e para isso assinou em primeiro lugar.

Decidio-se, que outra reunião do club seria, quando o Sr. prezidente avizasse.

(*Está sem assinaturas esta acta.*)

Esboço de projeto

A Assembléa geral legislativa decreta:

Art. 1. Fica concedido um suprimento de idade a S. M. I., o Sr. D. Pedro Segundo, actual Imperador e Defensor perpetuo do Brazil, para que comece a governar desde já.

Art. 2. Durante o tempo, que decorrer até S. M. I.

completar 21 annos, e mesmo depois, si elle o julgar conveniente, averá um conselho d'estado, composto de um individuo por cada provincia do Imperio, nomeado pelo Imperador d'entre os cidadãos brazileiros, que tenhão as qualidades exigidas para senador, e que tenhão nacido ou rezidido, ou ocupado emprego de consideração na respectiva provincia.

Art. 3. Os membros d'este conselho terão as mesmas atribuições e ordenados, que tinhão os antigos conselheiros d'estado, e serão sugeitos á mesma responsabilidade pelos conselhos, que derem opostos ás leis, ou manifestamente contrarios aos interesses da nação.

Art. 4. A dotação de S. M. I. fica fixada em 600 contos de reis, a contar do dia, em que tomar as rédeas do governo.

Art. 5. Ficão revogadas todas as leis e dispozições em contrario.

Paço do Senado em.... de Maio de 1840.

Jozé Martiniano d'Alencar.

Nota. Este esboço servio de baze para a discussão no club, e foi substituido pelos 2 projetos, que forão efectivamente aprezentados no Senado, os quaes estão redigidos em seguimento ao referido esboço.

Proposta da creação do club maiorista, estatutos, e actas, tudo está escrito por letra do senador Jozé Martiniano d'Alencar, e as assinaturas das actas são autenticas. Copiei dos originaes em Março de 1880.

T. Alencar Araripe.

Resposta á fala do trono.

Na sessão da camara dos deputados de 7 de Maio de 1840 a commissão de resposta á fala do trono, composta de Aureliano de Souza, Antonio Carlos, e Acaiaba de Montezuma, aprezenta o projeto de resposta, no qual lê-se o seguinte periodo:

« A camara dos deputados, Senhor, profundamente convencida da importancia do consorcio das augustas princezas, sobre o qual tem V. M. I. grande interesse pela natureza e pela lei, e *vendo com prazer aproximar-se a maioridade de V. M. I.*, assegura a V. M. I., que se occupará oportunamente, com toda a solicitude, d'este objeto, que o trono se dignou oferecer á consideração da Assembléa geral.

Justificação do projeto da maioridade.

Senado: sessão de 13 de Maio de 1840.

O Sr. Olanda Cavalcante:— Sr. Prezidente, ha muito, que um pensamento, que denominarei magestozo, se apodera de mim, sempre que aplico a minha atenção ao dezempenho dos meus deveres, como legislador.

Dous obstaculos teem prevalecido para eu retardar a manifestação d'este meo pensamento.

O primeiro é o sagrado respeito, que tributo a todos os artigos da Constituição, ainda aqueles que por sua natureza não são reputados constitucionaes. O segundo é a oportunidade da aprezentação de tal pensamento, e a sublimidade d'elle comparada com o meo natural acanhamento.

O respeito, que tenho constantemente manifestado a todos os artigos da constituição, ainda mesmo aqueles que não são constitucionaes, tem em pouco paralizado em mim a convicção da grande conveniencia e alta necessidade, que

eu julgo aver no objeto, que tenho de aprezentar á consideração da caza.

Este objeto, eu prezumo, já é conhecido do Senado.... é a declaração da maioridade do Senhor D. Pedro Segundo (*sensação*).

Quando vejo o que se pratica a respeito da maioridade dos monarcas em todos os paizes do mundo, mesmo n'aqueles cujos governos são constitucionaes, e com especialidade nos que mais analogia teem com o sistema adotado pelo Brazil; quando contemplo a anciedade, que por todo o Brazil se manifesta por ver o monarca em maioridade, até as saudades do governo do fundador do Imperio ; quando observo mesmo os embaraços e dificuldades, que todos os dias rezultão do estado excepcional, em que nos axamos, quando vejo, que este estado excepcional nunca poderá trazer estabilidade, tranquilidade ao meo paiz ; quando por outra parte percebo a grande conveniencia, que ha em se tomar a medida, que tenho de propor, sendo a todos notorio, que o nosso augusto Imperador se axa prezentemente muito dezenvolvido em suas faculdades, e, permita-se-me dizel-o, quando antevejo o prazer, que todos terão de que se entregue ao augusto orfão o tezouro, que a Providencia e o voto unanime dos povos lhe tem destinado, á vista d'estas considerações, não ezito em julgar eminentemente conveniente dispensar-se um artigo, que não é constitucional.

Emquanto porém a circunstancia da oportunidade confesso, que tenho duvidado, si já é xegada; mas já expuz ao Senado os motivos, que me precipitárão a aprezentar este pensamento.

Senhores, uma questão tão importante, não me pareceo, que devia ser tratada por um incidente, ou ocazionalmente: ella por sua natureza deve ser tratada com toda a madureza.

No anno passado, quando se aprezentou á caza o projeto de consorcio de S. A. a Senhora D. Januaria, declarei a minha opinião a este respeito: dice, que entendia, que se não podia tratar de tal materia durante a minoridade do monarca.

Eu reconheci, e ainda reconheço com todos os nobres membros, que aprovão aquele projeto, a conveniencia, a suma utilidade, e mesmo a necessidade d'esse pronto consorcio, que Deus permita se realize o mais vantajozamente possivel; mas julgando esse negocio da competencia do monarca, entendi, que d'elle se não devia tratar durante a menoridade do nosso augusto Imperador. Não quiz todavia aproveitar d'esta ocazião para aprezentar opinião alguma a esse respeito, e não sei si seria então ocazião oportuna para eu aprezentar o meu projeto; mas aquele que trata do consorcio de S. M. I. está dado para a ordem do dia: seo ilustre autor está na caza, e eu peço, que elle se discuta.

Emquanto ao meu pensamento, a minha palavra é muito fraca para lhe dar o devido dezenvolvimento; submeto-o simplesmente á consideração do Senado, que rezolverá como entender em sua alta sabedoria, e desculpará o meu arrojo.

Projeto declarando o Imperador maior.

A Assembléa geral legislativa decreta:

Art. unico. O Senhor D. Pedro Segundo, Imperador constitucional e Defensor perpetuo do Brazil, é declarado maior desde já.

Paço do Senado 13 de Maio de 1840.

Antonio Francisco de Paula Olanda Cavalcante de Albuquerque. Jozé Martiniano d'Alencar. Francisco de Paula

Cavalcante de Albuquerque. Jozé Bento Leite Ferreira de Melo. Antonio Pedro da Costa Ferreira. Manoel Ignacio de Melo Souza.

Cria um conselho privado da corôa.

A Assembléa geral legislativa decreta:

Art. unico. Logo que o Senhor D. Pedro Segundo fôr declarado maior, nomeará um conselho, que se donominará Conselho privado da Corôa, composto de dez membros, que terão os mesmos ordenados, que tinhão os antigos conselheiros de estado.

Paço do Senado 13 de Maio de 1840.

Antonio Francisco de Paula Olanda Cavalcante de Albuquerque. Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque. Jozé Bento Leite Ferreira de Melo. Antonio Pedro da Costa Ferreira. Jozé Martiniano d'Alencar. Manoel Ignacio de Melo Souza.

Congratulação na Assembléa provincial do Rio de Janeiro.

Na sessão da Assembléa provincial de ontem (15 de Maio de 1840) propôz o deputado Fernando Sebastião Dias da Mota uma reprezentação á Assembléa geral, em que se congratula com ella a Assembléa provincial pelo projeto aprezentado pelo Sr. Olanda Cavalcante, afim de ser S. M. o Imperador declarado desde já em maioridade, e em que se pede a aprovação do mesmo projeto.

Foi á uma commissão, etc., etc.

(*Despertador* de 16 de Maio de 1840.)

Reforma do art. 121 *da Constituição para poder o Imperador ser declarado maior.*

A Assembléa geral legislativa decreta:

Artigo unico. Os eleitores dos deputados para a seguinte legislatura lhes conferirão nas procurações especial faculdade para reformar o art. 121 da Constituição, afim de que S. M. o Imperador atual, o Senhor D. Pedro Segundo, possa ser declarado maior antes da idade de 18 annos completos.

Paço da Camara dos deputados aos 18 de Maio de 1840. — *Onorio Ermeto Carneiro Leão.*

Arguição contra os maioristas.

Camara dos deputados. Sessão de 18 de Maio de 1840.

O Sr. Carneiro Leão: — ... Faz vêr, que no seo projeto não marca tempo; nem para aprezental-o foi procurar omens rasteiros para irem intrigar no paço, para irem perturbar a educação do joven monarca, que é um objeto de consiencia. Adverte, que quem como elle pensa, que o artigo (121) é constitucional, não póde annuir a que seja reformado por uma lei ordinaria...

O Sr. Acaiaba de Montezuma: — Deixa de lembrar a indignação com que a camara ouvio a invenção de estrategia e intrigas com que o nobre deputado (Carneiro Leão) figurou irem-se procurar as pessoas mais rasteiras para influirem no animo de S. M. o Imperador, pois que, além de serem indignos de taes meios os senadores, que aprezentárão o projeto, acrece, que o nobre deputado não refletio, que por estar S. M. em contacto com essa gente, era capaz de ir perturbar a sua infancia...

(*Despertador.*)

O Marquez de Paranaguá justifica o seo voto favoravel á maioridade.

Senado. Sessão de 20 de Maio de 1840.

O Sr. Prezidente: — Como não ha quem queira a palavra sobre o projeto, falarei então eu: e portanto convido o Senhor vice-prezidente a ocupar a cadeira.

O Senhor vice-prezidente ocupa a cadeira, e o Senhor prezidente toma assento entre os demais senhores senadores.

O Sr. Marquez de Paranaguá (movimento de curiozidade): — Sr. Prezidente, a pozição, em que a bondade do Senado, por me onrar, se dignou de colocar-me, nomeando-me prezidente da camara, me permitia, sem dezar meo, deixar de emitir a minha opinião, e de votar em tão importante materia; punha-me assim a salvo de poder dezagradar com o meu voto a um dos lados da caza; não dice bem, desculpe-me o Senado, não conheço lados n'ella, corrigirei pois a minha expressão; punha-me assim a salvo de poder com o meo voto dezagradar a alguns dos senhores senadores, a algum dos meos amigos, que são de sentimento contrario ao meo n'esta questão, cuja estima aliás eu muito dezejo conservar; mas a importancia do negocio, a gravidade do assunto, a magestade do seo objeto são de tal magnitude, que, além de outras considerações, e demais a de não aver quem ora pedisse a palavra, quando similhante materia não é para se abandonar ao acazo de uma votação, sem se discutir, me decidirão, me obrigárão a valer-me da faculdade, que me dá o regimento, de largar a cadeira da prezidencia, para entrar em discussão, para vir manifestar o meo pensamento a este respeito.

Sr. Prezidente, trata-se n'este projeto de declarar maior a S. M. I., o Senhor D. Pedro Segundo, que está proximo a contar 15 annos de idade; trata-se de se lhe suprir por lei,

pois que inteligencia lhe sobra bastante, a falta dos tres annos para completar a idade ordinaria, declarada em um dos artigos da Constituição, o qual, no meo entender, não julgo constitucional.

Ora, a espectação publica no prezente cazo não póde ser maior; e si posso ser interprete do sentimento geral, parece-me (talvez estarei enganado), parece-me, que a nação, cansada de sofrer tantos males, por que tem passado, desde a fatal abdicação do Senhor D. Pedro Primeiro até oje, cansada de esperar o termo d'elles no complemento d'aquela idade, dezeja, que S. M. o Imperador tome já as redeas do governo, e prezida com a sua augusta prezença e influencia immediata as deliberações do governo na direção dos negocios do Imperio.

Com efeito, senhores, todos sabemos o estado, em que se axa o Brazil, e se tem axado desde aquela infeliz época.

O governo das regencias apenas tem feito á nação um unico beneficio; todavia o mais relevante, que é o de firmar nos corações brazileiros o amor da monarchia, dezenganando, por meio de uma doloroza experiencia, aos credulos d'essa decantada bondade dos governos de pouco custo, ou baratos, dos governos eletivos e temporarios; dos governos democraticos; dos quaes por certo mui pouco difere, si não é a mesma couza, o governo regencial pela fórma acanhada, e quazi republicana, que lhe damos.

Si pois, Senhor prezidente, está nas nossas mãos abreviar o termo dos nossos males, si está nas nossas mãos realizar as nossas esperanças, porque o não faremos? Porque não imitaremos essas nações, que em taes circunstancias e por mais de uma vez fizerão, para se salvar d'este estado incerto e vacilante, o que indica o projeto?

Um exemplo bem recente temos diante dos nossos olhos,

o em uma nação tão constitucional como a nossa, em uma monarchia, cuja constituição foi até copiada da brazileira.

Essa nação não duvidou, não ezitou em confiar ás mãos tenras e delicadas de uma rainha ainda menor, de um sexo muito mais fragil, o pezado leme da náo do estado, e essa rainha, sem conselhos de estado, a tem conduzido, sem sossobrar, apezar dos escarcéos e racegas revolucionarias, que ali por vezes se tem levantado.

Mas dir-se-á, como alguem já dice, que as circunstancias, em que se axava aquele paiz, justificavão essa medida extraordinaria: navegamos porém nós em mares mais bonançozos? Vae porventura o Brazil em maré de rozas?

Que se olhe para as suas provincias, e então se me responda com sinceridade!

Sr. Prezidente, nada mais direi: tenho dito quanto basta para fazer conhecer a minha opinião a este respeito: cumpre, que o projeto seja discutido, e discutido com serenidade, e sem prevenções: é pois para isso, que eu voto, que elle passe á segunda discussão, onde qualquer membro da casa pôde mais largamente discutir, fazendo-o as vezes, que quizer.

A questão é muito importante. Este é o meo voto.

Senadores prezentes na côrte em Maio de 1840.

Calculo feito no club maiorista na noite de 12 de Maio sobre a votação do projeto da maioridade:

Pró.	*Contra.*
1. Jozé Bento.	1. Conde de Valença.
2. Alencar.	2. Martins Valasques.
3. Olinda Cavalcante.	3. Visconde de Congonhas.
4. Paula Albuquerque.	4. Marcos Antonio.
5. Costa Ferreira.	5. Antonio Augusto.

6. Paula Cavalcante.
7. Almeida Albuquerque.
8. Manoel Ignacio.
9. Francisco de Lima
10. Manoel de Carvalho.
11. Nicoláo Vergueiro.
12. Cunha Vasconcelos.
13. Marquez de Paranaguá.
14. Luiz d'Oliveira.
15. Jozé Saturnino.
16. Rodrigues Jardim.

6. João Evangelista.
7. Patricio de Almeida.
8. Visconde da Pedra-Branca
9. Nabuco d'Araujo.
10. Cassiano Espiridião.
11. Souza Paraizo.
12. Lopes Gama.
13. Conde de Lages.
14. Alves Branco.
15. Francisco Carneiro.
16. Marquez de Maricá.
17. Nuno de Locio.
18. Bernardo de Vasconcelos.

Duvidozos.

1. Araujo Viana.
2. Marquez de São João da Palma.
3. Rodrigues d'Andrade.

(*Nota do secretario do club maiorista.*)

Votação no Senado em 20 *de Maio de* 1840.

Julgada discutida a materia do projeto da maioridade, e posto á votação para passar da 1ª. á 2ª. discussão, não passa por 18 votos contra 16.

Votárão :

Pró.	*Contra.*
1. Marquez de Paranaguá.	1. Lopes Gama.
2. Marquez de São João da Palma.	2. Araujo Viana.
3. Conde de Lages.	3. Marquez de Maricá.
4. Nicoláo Vergueiro.	4. Visconde da Pedra-Branca.

5. Olanda Cavalcante.	5. Visconde de Congonhas.
6. Paula Albuquerque.	6. Alves Branco.
7. Paula Cavalcante.	7. Martins Valasques.
8. Costa Ferreira.	8. Cunha Vasconcelos.
9. Alencar.	9. Luiz Jozé d'Oliveira.
10. Ferreira de Melo.	10. Francisco Paraizo.
11. Manoel Ignacio.	11. Antonio Augusto.
12. Rodrigues Jardim.	12. Patricio d'Almeida.
13. Jozé Saturnino.	13. Rodrigues d'Andrade.
14. Manoel de Carvalho.	14. Marcos Antonio.
15. Francisco de Lima	15. Francisco Carneiro.
16. Almeida Albuquerque.	16. Cassiano Espiridião.
	17. João Evangelista.
	18. Nabuco d'Araujo.

A votação foi prezidida pelo vice-prezidente do Senado, Conde de Valença.

Depois da votação comparecêrão na sala os Srs. Bernardo de Vasconcelos, e D. Nuno Eugenio.

(*Despertador.*)

Suscita-se no Senado a possibilidade de renovação da idéa maiorista.

Senado. Sessão de 25 de Maio de 1840.

O Sr. Ferreira de Melo: — ... É verdade, que um projeto aprezentado n'esta caza a este respeito cahio, depois de um discurso recitado por V. Ex., e que quanto a mim era conveniente.

Elle cahio, e cahio com um silencio, que em verdade é para admirar a todos os Brazileiros, e a mim principalmente surpreendeo sobremaneira; mas tendo cahido esse projeto, d'ahi se seguirá porventura, que seja impossivel

levar essa idéa a efeito por algum outro meio? Creio, que não. Será possivel até por um meio muito legal.

V. Ex. sabe, que quando aqui se aprezentou o projeto, a que me refiro, um ilustre deputado aprezentou na outra camara um projeto de reforma ao artigo da Constituição, que trata da maioridade de S. M. o Imperador.

Creio, que ha de entrar em discussão e seguir os tramites marcados na Constituição.

E Deos sabe, si n'essa discussão ficaráõ desvanecidas as idéas d'esses senhores, que julgão que o outro projeto, aprezentado no Senado, era inconstitucional; mas ainda mesmo quando se entenda, que o artigo é constitucional, e que deve ser reformado, n'esse cazo os eleitores deveráõ conferir no anno seguinte poderes especiaes aos reprezentantes da nação para dispensarem a maioridade do Imperador, e é provavel, que no anno seguinte, e logo no principio da sessão, será com efeito declarada a maioridade, si não o fôr antes, como eu intimamente o dezejo; porque assim reclamão as necessidades do paiz, que está cansado, como V. Ex. bem dice, em seo patriotico discurso, de ver os efeitos dos governos regenciaes. »

Aventa-se no parlamento a ilegalidade do governo regencial.

Em 3 de Julho de 1840, o deputado Alvares Maxado, discutindo a proposta para reforma constitucional do art. 121 da Constituição, diz o seguinte:

« Não direi mais nada, Senhor prezidente, porque estou decidido a votar a favor do adiamento, para que quanto antes possamos tratar das materias altamente reclamadas pela utilidade publica; para que quanto antes, Senhor prezidente, tratemos de colocar no poder o Senhor D. Pedro Segundo (*apoiados*), unica esperança, que tenho para remedio

dos nossos males (*numerozos apoiados*), unica esperança, que tenho de ver acabar este governo anti-nacional, que nos rege (*apoiado*), que desfalca as rendas do paiz, que prodigaliza os dinheiros publicos, e que falsifica as nossas instituições; unica esperança de ver acabar este governo ilegal! É mister cuidar n'isto quanto antes.

Para que um governo possa manter a prosperidade e paz publica, é mister, que sobre elle não recaia a menor sombra de ilegalidade ou uzurpação (*apoiados*).

Não nos devemos retirar para nossas provincias, deixando na administração um governo ilegal, e que por isto póde excitar contra si rezistencias fundadas.

Si no fim do tempo ordinario se quizer encerrar a sessão sem entregar-se o governo ao Senhor D. Pedro Segundo, eu requererei, que se peça a prorogação das camaras (*numerozos apoiados*).

Não deixemos o paiz entregue a um governo ja indicado pelas folhas publicas como ilegal; salvemos a ordem publica entregando o governo ao Senhor D. Pedro Segundo (*apoiados*)... Venha a maioridade do Senhor D. Pedro Segundo.

O Sr. Moura Magalhães (*pela ordem*): — O nobre deputado acaba de dizer, que o governo, que existe, é ilegal! Senhores, como póde um membro da camara tratar de ilegal o governo existente? Uma expressão d'estas não póde passar... (*Muito sussurro, entre o qual se perdem as ultimas palavras do orador.*)

O Sr. Alvares Maxado: — Eu quero explicar a ilegalidade. (*Muito sussurro. Uns dizem ao orador que fale, outros que se cale.*)

Alguns Srs. deputados: — Ordem! ordem!

O Sr. Alvares Maxado: — Silencio! Pensão que me aterrão?!

O Sr. Prezidente: — Tem a palavra o Sr. Alvares Maxado.

O Sr. Alvares Maxado: — Ora vamos á explicação da ilegalidade do actual governo.

Alguns Srs. deputados: —Ja falou; não póde explicar-se.

Outros Srs. deputados: — Fale, fale.

. . . . . .

O Sr. Alvares Maxado: — A Constituição do Imperio diz no art. 126: « Si o Imperador, por cauza fizica ou moral evidentemente reconhecida pela pluralidade de cada uma das camaras da Assembléa, se impossibilitar para governar, em seu lugar governará como Regente o Principe Imperial, si fôr maior de 18 annos. »

A Senhora D. Januaria é a Princeza Imperial, a erdeira prezuntiva da corôa: ja a reconhecemos, ja recebemos o seo juramento, ja é maior de 18 annos; e por isso desde o dia, em que completou essa idade, lhe deverião ser entregues as redeas do governo; e si isso se fizesse, oje a maioridade do Senhor D. Pedro Segundo não encontraria obscuros embaraços, o governo a apoiaria.

Nós queremos o governo do Senhor D. Pedro Segundo logo e logo; mas por tramites legaes de uma lei ordinaria; e em quanto ella se não fizer, entregue-se o governo a quem compete pela Constituição.

Alguns Senhores: — Oh! oh! oh!

Outros Senhores: — Apoiado! apoiado! (*Sussurro.*)

. . . . . .

Opinião de Jozé Clemente sobre am aioridade.

Camara dos deputados. Sessão de 18 de Julho de 1840.

O Sr. Jozé Clemente (pela ordem) nota, que se retirou o projeto sem se decidir, si era ou não constitucional o

art. 121, unica duvida, que existia; e ainda mesmo decidindo-se, que era constitucional, crê, que devia examinar-se, si convinha despensar na Constituição.

Observa porém, que nada se decidio, e que no estado do paiz ja não é possivel de modo algum esperar pelo termo, que marca a Constituição para declarar-se a maioridade do Senhor D. Pedro Segundo (*numerozos apoiados*), porque a opinião da necessidade d'essa medida está generalizada, e torna indispensavel a exaltação de S. M. I. ao trono quanto antes; acto a que não deve embaraçar a dispozição constitucional, visto que todos os publicistas reconhecem os golpes de estado como necessarios em certas circunstancias, e o orador crê, que o paiz se axa n'esse cazo.

(*Despertador.*)

Projeto na camara temporaria para declaração da maioridade.

A Assembléa geral legislativa do Brazil rezolve:

Art. 1. O Senhor D. Pedro Segundo é declarado maior desde ja.

Art. 2. Ficão revogadas as leis e dispozições em contrario.

Paço da camara 20 de Julho de 1840. *Ribeiro d'Andrada.*

Indicação sobre a maioridade.

Camara dos deputados. Sessão de 20 de Julho de 1840.

Indico, que se nomêe uma commissão especial, composta de tres membros, para se oferecer á camara, com urgencia, a medida, que lhe parecer mais conveniente sobre a

maioridade de S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro Segundo.

O deputado *A. P. Limpo d'Abreo.*

Depois de discutida, é approvada; e, passando-se a nomear a commissão de tres membros, eis o rezultado da votação :

Francisco Ramiro.....	49	votos.
Gonçalves Martins.....	48	»
Nunes Maxado.....	47	»
Limpo d'Abreo.....	44	»
Aureliano de Souza.....	44	»
Antonio Carlos.....	42	»

A indicação, o projeto de Ribeiro d'Andrada, e o requerimento de Manoel A. Galvão forão remetidos á commissão, composta dos tres primeiros votados.

(*Despertador.*)

Requerimento para aclamação da maioridade.

Camara dos deputados. Sessão de 20 de Julho de 1840.

Requeiro, que por aclamação se decrete desde ja a maioridade de S. M. o Senhor D. Pedro Segundo, Imperador constitucional do Brazil.

Manoel A. Galvão.

Incidente ocorrido quando se tratava da maioridade.

Camara dos deputados. Sessão de 20 de Julho de 1840.

O Sr. Antonio Navarro estranha a maneira insolita, por que, no meio do entuziasmo geral, produzido pela magestoza questão, que se discute, procura o governo paralizar

a medida salvadora de declarar maior o Senhor D. Pedro Segundo, vindo o ministro da guerra, contra todos os estilos da caza, assistir á terceira discussão da fixação das forças de mar.

Pergunta, si alguem ha, que não veja n'este procedimento os ultimos arrancos d'essa camarilha prostituida, d'esse governo corrutor e infame.

O Sr. Prezidente: — Á ordem, Senhor deputado!

O Sr. Antonio Navarro (continuando): — Estou na ordem; sim, d'esse governo infame.

Quem não vê, que o paiz não póde continuar a ser governado por similhante Regente? por essa camarilha de ladrões de meias caras?

Muitas vozes: — Á ordem! á ordem! á ordem!

O Sr. Antonio Navarro (continuando e voltando-se para o lado do Sr. Carneiro Leão): — Vós atraiçoastes o vosso antigo companheiro fiel (*á ordem! á ordem!*); vós atraiçoastes o vosso xefe (*á ordem! á ordem!*); vós atraiçoastes a deputação da Bahia (*á ordem! á ordem!*); vós vos tendes enriquecido de meias-caras...

(Os gritos de ordem, partidos de todos os lados, não deixão ouvir as palavras do orador, nem as que o prezidente lhe dirige. No meio d'esta confuzão, o Sr. Antonio Navarro mete a mão no seio, e indo o Sr. Gonçalves Martins agarral-o, elle o repele com um violento movimento do braço; mas é ao mesmo tempo abraçado pelo Sr. Pontes Visgueiro. Assim abraçado, e acenando com um lenço, dá vivas á maioridade de S. M. I., o Senhor D. Pedro Segundo. O immenso concurso de espectadores, que ocupão as galerias, repetem os vivas por uma maneira estrondoza. O Sr. prezidente, e os deputados de ambos os lados da caza gritão á ordem; mas os vivas á maioridade de S. M. I.

abafavão as vozes de ordem, e esta só se restabeleceo completamente ao fim de cinco minutos pouco mais ou menos. O Sr. prezidente faz então ler os artigos do regimento, que prohibem aos espectadores dar sinal algum de aprovação ou reprovação, e continúa a discussão.)

O Sr. Ribeiro d'Andrada (pela ordem) adverte, que o meio mais eficaz de se não continuar a perturbar a ordem é pôr já a votos a indicação do Sr. Limpo d'Abreo, porque assim se termina a questão.

O Sr. Marinho (pela ordem) depois de algumas observações, que não podemos ouvir, termina declarando, que ha de votar como deputado, e só como deputado, sem a menor sombra de coação *(apoiados.)*

O Sr. Nunes Maxado (pela ordem) está convencido de que o procedimento do Sr. Antonio Navarro, não foi rezultado de combinação alguma, pois que o Sr. Limpo d'Abreo deve estar certo de que a sua indicação é aprovada.

Ao Senhor Antonio Navarro adverte porém, que nem os gritos nem os tumultos farão com que elle orador vote; porque si acaso se persuadir de que a camara quer fazer uma revolução, e lançar o paiz no vortice das revoluções, não a ha de acompanhar.

Declara, que não é filho de camarilhas *(apoiados)*, que não conhece camarilhas. *(Apoiados.)*

Julga, que o ministro da guerra veio por convite do Sr. prezidente; entende, que ha governo no paiz, a quem cumpre respeitar, e que não é prostituido, porque se compõe de pessoas tão onradas como elle orador e como qualquer senhor deputado.

O Sr. Prezidente adverte ao nobre deputado, que está fóra da ordem.

O Sr. Nunes Maxado declara, que tem dito quanto pretendia.

O Sr. Carneiro Leão (*pela ordem*) nota, que não póde aver questão de ordem, sinão quando essa questão tende a manter a ordem. Censura os excessos praticados pelo Sr Antonio Navarro, e espera, que esse nobre deputado, xamado ao pudor, se cohibe de taes excessos.

O Sr. Antonio Navarro : — Voceis é que não têem pudor, deputados de meias-caras.

O Sr. Prezidente xama o Sr. Antonio Navarro á ordem, e ameaça-o com a dispozição do regimento.

O Sr. Carneiro Leão (*continuando*) declara, que o Sr. Antonio Navarro não está em estado de deliberar, e que era precizo fazer-lhe um exame para verificar, si podia continuar a deliberar.

Observa, que elle orador é talvez o primeiro a dezejar a maioridade de S. M. I., a ver si assim se acaba com tanto cinismo.

Entende, que é indispensavel a calma, afim de que no golpe de estado, que se julga indispensavel, se proceda com prudencia.

Diz, que o Sr. Antonio Navarro xegou ao excesso de meter a mão no seio, parecendo ameaçal-o com um punhal. . .

O Sr. Antonio Navarro : — Eu é que fui ameaçado com facadas.

O Sr. Carneiro Leão : — . . . mas que, graças a Deos, nunca tem maior tranquilidade do que nos momentos de perigo ; e que o nobre deputado pouco lucrará em tirar a vida a um corpo doente.

O Sr. Barreto Pedrozo dezeja saber si no regimento não ha outros meios de manter a ordem, visto que o Sr. Antonio Navarro lançou mão impunemente de um punhal, e pôz as mãos no Sr. Gonçalves Martins.

Adverte, que o corpo legislativo deve proceder com a maior calma e circunspeção para distinguir as suas deliberações das que o povo toma nas praças.

Requer ao Sr. prezidente, que mantenha a ordem, e que si não se julga com força para mantel-a, rezigne a cadeira a quem seja capaz de o fazer.

O Sr. Prezidente declara ao nobre deputado, que tem a devida coragem para manter a dignidade do lugar, que ocupa (*numerosos apoiados*), e que não é por falta de esforços e coragem da sua parte, que a ordem tem deixado de manter-se (*numerozos apoiados*).

O Sr. Marinho diz, que, si o Brazil inteiro assistisse a discussão, não pediria a palavra, que só pedio afim de verificar os factos, para que não apareção desfigurados.

Pensou, que depois de sabado a camara já não tinha lados, e que todos estavão acórdes. Defende o Senhor prezidente da increpação, que lhe fez o Sr. Carneiro Leão, e lamenta, que os nobres deputados, que querem manter a ordem, sejão os primeiros a lançar insinuações, como o acaba de fazer o Sr. Nunes Maxado, dando a entender, que o procedimento do Sr. Antonio Navarro era efeito de um plano.

Adverte, que o Sr. Antonio Navarro nunca pertenceu a opozição, sempre fez parte da maioria, e que só agora se dezouve com ella; e isto declara, porque quer, que o paiz o saiba.

Quer, que o paiz todo saiba tambem, que a opozição veio oje de acordo a ligar-se, a conciliar-se com a maioria, e nota, que não costumando nunca os ministros assistir á terceira discussão das propostas, o procedimento do ministro da guerra, vindo assistir á terceira discussão, quando se ventilava uma questão tão vital, induz a suspeitas.

O Sr. Andrada Maxado censura a injustiça da increpação do Sr. Carneiro Leão ao Sr. prezidente, porque este tem bem cumprido seus deveres. (*Apoiados*).

Censura tambem a vinda do nobre ministro da guerra para assistir á terceira discussão da proposta, embora o Sr. prezidente o ouvesse, como devia, convidado, visto não costumarem nunca os ministros assistir á terceira discussão, suposto sejão sempre convidados.

Não dezeja, que reapareção senas iguaes ás que se passárão na sessão de oje, e espera, que não reapareção tambem as insinuações perfidas lançadas sobre o lado a que pertence.

Declara, que o nobre deputado, o Sr. Antonio Navarro pertenceu sempre á maioria, e não crê nem a este nobre deputado, nem ao Sr. Carneiro Leão nas imputações de ameaças de punhaes, de que reciprocamente se queixão, porque julga isso indigno de um deputado brazileiro.

O Sr. Pontes Visgueiro não póde convir na dezonra de se atribuir ao Sr. Antonio Navarro, que trazia um punhal, quando elle orador, agarrando-o, vio, como toda a camara, que não tinha mais do que um lenço na mão.

(*Despertador*)

Projeto declarando o Imperador maior.

Camara dos deputados. Sessão de 21 de Julho de 1840.

A Assembléa geral legislativa rezolve:

Artigo unico. S. M. I., o Senhor D. Pedro Segundo, é desde ja declarado maior.

Andrada Maxado.

Parecer da commissão especial.

A commissão especial, encarregada de oferecer á camara e com urgencia o que lhe parecer conveniente sobre a maioridade de S. M. I., o Senhor D. Pedro Segundo, entende, que, sendo a materia, de que tem de ocupar-se, sobre todas grave e ponderoza, conviria sem duvida ser coadjuvada por uma commissão da camara vitalicia, como em algumas circunstancias se tem observado; e em consequencia é a commissão de parecer, que, com urgencia, seja o Senado convidado a nomear do seo seio uma commissão especial, que tenha de ocupar-se com a d'esta camara de um objeto de maxima importancia.

Paço da camara dos deputados 21 de Julho de 1840. *Francisco Ramiro. Gonçalves Martins. Nunes Maxado.*

Decreto de adiamento das camaras.

O Regente, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, tomando em consideração a expozição, que pelos ministros e secretarios d'estado das diferentes repartições lhe foi feita, ácerca do estado de perturbação, em que atualmente se axa a camara dos deputados, e atendendo a que a questão da maioridade de S. M. I., que n'ella se agita, pela sua gravidade, e pela alta pozição e importancia da augusta pessoa, a que é relativa, sómente póde e deve ser tratada com madura reflexão e tranquilidade:

Ha por bem, uzando da atribuição, que lhe confere o art. 101 § 5 da Constituição do Imperio, adiar a Assembléa geral para o dia 20 de Novembro do corrente anno.

Bernardo Pereira de Vasconcelos, Senador do Imperio, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido, e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Julho de 1840, 19º. da Independencia e do Imperio. *Pedro d'Araujo Lima. Bernardo Pereira de Vasconcelos.*

Leitrua do decreto de adiamento na camara temporaria.

Camara dos deputados. Sessão de 22 de Julho de 1840.

Prezidencia do Sr. Marcelino Brito.

O Sr. 1.º secretario (pela ordem) lê o seguinte: Um decreto nomeando ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio o Senhor Bernardo Pereira de Vasconcelos;

Outro decreto adiando a Assembléa geral para o dia 20 de Novembro.

(A esta leitura prorompem os gritos de *calumnia, traição, governo conspirador*, viva a maioridade do Imperador, e outros muitos, que partem de todos os lados. O Senhor prezidente procura em vão manter a ordem. Aumenta a confuzão e o tumulto. Muitos Senhores deputados pedem a palavra pela ordem. Restabelece-se o silencio.)

O Sr. Alvares Maxado (*pela ordem e com vehemencia*): Senhores, desde o dia 7 de Abril até oje, o unico ligamento, que tem avído para reunir os partidos tem sido a camara dos deputados. (*Estrondozos e repetidos apoiados; muitos gritos de ordem, e atenção; os Senhores deputados dirigem-se por gestos e palavras para os espectadores, afim de que se conservem tranquilos.*)

O Sr. Marinho: — Não justifiquemos o governo.

O Sr. Alvares Maxado: — Agora, Sr. prezidente, aparece um adiamento da camara, e em que circunstancias? Quando a tranquilidade era a mais absoluta no paiz (*estrondozos apoiados*); quando nenhuma voz apareceo, que perturbasse a ordem, aparece o adiamento fundado na calumnioza acuzação de perturbações publicas; trata-se de adiar a camara;

trata-se de fazer sahir para fóra da capital do Imperio ao monarca, que faz o objeto do nosso amor, e de nossas esperanças. Onde irá dar tanta audacia?

(Muitas vozes nas salas e nas galerias: Apoiado, apoiado. Rompem de todos os lados estrondozos vivas a S. M. I., e entre elles muitas vozes de:—Traição, vamos para o Senado.)

O Sr. Alvares Maxado: — Acabo declarando, que protesto contra todos os actos praticados por este governo ilegal, intruzo, e uzurpador, ao qual é licito a todo o Brazileiro rezistir: vamos para o campo!

Muitas vozes: — Protestamos! protestamos!

(Continúa a confuzão, muitos vivas a S. M., e gritos de ordem e silencio.)

O Sr. Andrada Maxado: — Declaro, que não reconheço legal este acto do governo: o Regente é um uzurpador desde o dia 11 de Março...

Muitas vozes: — Protesto! protesto!

O Sr. Andrada Maxado: — ... é um traidor, é um infame o atual ministerio... Quero que estas palavras fiquem gravadas como protesto... (*Estrondozos apoiados; continuão os vivas.*)

O Sr. Martim Francisco (em pé, dirigindo-se com os braços levantados aos espectadores): — Ordem, ordem, meus senhores; para que este acto seja revestido de toda a solemnidade, é precizo, que não seja perturbado por uma só voz. Os contemporaneos, o Brazil inteiro saberá dar o valor, que merece similhante acto. (*Estrondozos apoiados.*)

Senhores, quando a camara discutia um projeto relativo ao monarca, é n'esta ocazião, que o governo toma a medida de adiar as camaras; e toma-a para que? Está claro, que é porque não quer o monarca no trono (*numerozos e repetidos apoiados, rompem os vivas, o orador implora silencio e*

atenção); é porque o não quer; si o não quer, a quem fica elle entregue? A Bernardo Pereira de Vasconcelos!

Fica o governo nas mãos de seo maior inimigo, e a camara dos deputados é o assassino da familia imperial, e em tal consente. (*Estrondozos apoiados*; *gritos de traição traição!*) Sendo isto assim, como póde vingar esta medida ilegal?

Façamos um protesto; saiba o mundo o que fez o corpo legislativo contra esta portaria, esse decreto do governo adiando as camaras!

O Sr. Teofilo Otoni: — Fundado em calunias. (*Muita confuzão, gritos de ordem! ordem! partem de todos os lados.*)

O Sr. Martim Francisco: — Eu não reconheço similhante decreto; ainda que o governo uze de uma atribuição sua, n'este cazo é ilegal. (*Estrondozos apoiados.*)

Muitas vozes: — É ilegal.

O Sr. Limpo d'Abreo (*depois de restituido algum tanto o socego*): — Sr. prezidente, nós devemos provar ao Brazil, que o adiamento decretado pelo governo não se funda em motivos verdadeiros (*numerozos apoiados*), isto é, que a tranquilidade publica não tem sido perturbada na capital do Imperio; o que tem aparecido na capital é um entuziasmo quazi geral o favor da maioridade de S. M.; e que provas ouverão, dentro d'esta caza, d'esse mesmo entuziasmo, isso não póde ser contestado.

O governo póde, adiando as camaras, pretestar o contrario d'isto; entretanto, senhores, estou convencido, que esta medida do adiamento estava, ha muito tempo, premeditada, e o governo quiz uzar d'ella, recorrendo a fundamentos, que não são verdadeiros; isto é o que axo máo; e como avemos nós de provar ao paiz, que o governo não

teve fundamento para recorrer a esta medida? É mostrando toda a calma n'este assunto emquanto estamos reunidos; e esta nossa calma e circunspeção servirá como de protesto contra o acto do governo.

Nós devemos obedecer; porque não podemos opôr um acto de força a outro acto de força do governo (*apoiados*).

Eu ja dice, ha muitos dias, que pensava, que este governo não era um governo de direito, mas de facto (*numerozos apoiados*); mas nós não podemos opôr um facto a outro facto.

O que cumpre é manter a nossa dignidade em obedecer a esse acto, e mostrar assim, que os fundamentos da medida do governo são menos verdadeiros; assim mostraremos, senhores, que somos cada vez mais dignos de ter advogado a cauza da maioridade de S. Magestade.

Alguns senhores pedem a palavra pela ordem.

O Sr. Prezidente: — Vae ler-se a acta da prezente sessão.

Muitas vozes: — Vamos para o Senado! (*Continúa o sussurro e a confuzão.*)

O Sr. Cunha Azevedo: — Sr. prezidente, ou o governo entende, que a maioridade de S. M. o Imperador é uma medida reclamada pela necessidade publica, ou não. No primeiro cazo, elle deveria ser o primeiro a submetel-a á sabedoria e patriotismo da Assembléa geral; não o tendo feito porém elle parece, que toma o caracter de um inimigo publico; mas adiando a Assembléa pelo mesmo motivo, que poderia justificar até uma convocação extraordinaria, elle já não parece sómente, mas é realmente um inimigo publico; elle ainda faz mais, quer aprezentar aos olhos do paiz o corpo legislativo como infenso á tranquilidade publica; e quem? Um governo só igual a si, tão indigno como elle mesmo, e ainda mais indigno do que tudo quanto

ha de mais indigno sobre a terra. (*Numerozos apoiados cobrem a voz do orador*).

O Sr. Rego Monteiro: — O acto, que se acaba de ler, é um acto de conspiração ás liberdades publicas, e ao trono constitucional do Senhor D. Pedro Segundo. Portanto, quando o governo conspira, é licito conspirar contra um governo conspirador e monstro. (*Numerozos apoiados.*)

O Sr. Coelho Bastos (*com força*): — O governo conspira contra o monarca; os amigos do monarca coloquem-o no trono. (*Explozão de apoiados.*)

O Sr. Andrada Maxado: — Quem é patriota e Brazileiro, siga comigo para o Senado. Abandonemos esta camara prostituida. (*Estrondozos apoiados, vozes desencontradas, agitação extraordinaria.*)

(*Despertador.*)

Reprezentação para o imperador assumir o governo.

Nós abaixo assinados, senadores e deputados do Imperio do Brazil, crendo que o adiamento das camaras, no momento em que se tratava de declarar a maioridade de V. M. I., é um insulto á sagrada pessoa de V. M. I., é uma traição ao paiz, commetida por um Regente, que na nossa opinião não o é de direito desde 11 de Março do corrente anno, e reconhecendo os graves males, que de similhante adiamento se podem seguir, ja á tranquilidade da capital, como á das provincias, onde os inimigos da paz e tranquilidade publica se podem acobertar com este acontecimento, para com elle dilacerarem as entranhas da mâi patria, vêem reverentes aos pés de V. M. I. a rogar que V. M. I., para salvar-nos e ao trono, tome desde ja o exercicio das suas altas atribuições.

Rio de Janeiro 22 de Julho de 1840. *Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Maxado Silva. Conde de Lages. Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro. Jozé Martiniano d'Alencar. Martim Francisco Ribeiro d'Andrada. Francisco Gê Acaiaba de Montezuma. Francisco de Paula Cavalcante d'Albuquerque. Antonio Francisco de Paula Olanda Cavalcante d'Albuquerque.*

Relatorio da commissão enviada do Senado ao Imperador no dia 22 de Julho.

A deputação, xegando ao paço, foi introduzida á prezença de S. M., e ahi leo o relator a reprezentação, que levava, e depois voltou a uma sala de espera, ficando S. M. deliberando sobre a materia.

N'este interim xegou o Regente, e o ministro Rodrigues Torrés, e entrárão para a prezença de S. M. I.

Cinco minutos depois, veio se xamar a deputação outra vez á prezença de S. M. I., e estando ahi o Regente, dice, que elle avia oje dado parte a S. M. I., que avia adiado as camaras somente com o fim de preparar toda a solemnidade para S. M. I. ser aclamado no dia 2 de Dezembro, anniversario do mesmo Senhor; mas que, tendo alguns Srs. deputados e senadores se reunido na caza do Senado, e avendo alguma agitação no povo, elle veio saber, si S. M. I. queria ser aclamado no dia 2 ou já.

S. M. respondeu, que *queria ja*, e que em tal cazo convocaria a Assembléa domingo, para ser aclamado; mas instando os membros da deputação para que fosse amanhan, em consequencia do estado de agitação, em que estava o povo, S. M. I. dice ao Regente: « Convoque para amanhan. »

Decreto de convocação das camaras legislativas.

Tendo sobrevindo ao decreto, que adiou a Assembléa geral para o dia 20 de Novembro, circunstancias extraordinarias, que tornão indispensavel, que se reuna quanto antes a mesma Assembléa geral:

Ha por bem o Regente, em nome do Imperador, o Senhor D. Pedro Segundo, convocal-a para o dia 23 do corrente.

Bernardo Pereira de Vasconcelos, Senador do Imperio, Ministro e Secretario d'Estado do Imperio, assim o tenha entendido e faça executar.

Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Julho de 1840, 19.º da Independencia e do Imperio. *Pedro d'Araujo Lima. Bernardo Pereira de Vasconcelos.*

Declaração da maioridade do Imperador.

Reunião dos deputados e senadores em assembléa geral no paço do Senado no dia 23 de Julho de 1840.

Concluida a xamada, e verificado axar-se numero legal, o Sr. prezidente declarou aberta a sessão, e dirigio á Assembléa geral o seguinte discurso:

« Eu, como orgão da reprezentação nacional, em assembléa geral, declaro desde ja maior a S. M. I., o Senhor D. Pedro Segundo, e no pleno exercicio de seos direitos constitucionaes.

« Viva a maioridade de S. M. o Senhor D. Pedro Segundo!

« Viva o Senhor D. Pedro Segundo, Imperador constitucional e Defensor perpetuo do Brazil!

« Viva o Senhor D. Pedro Segundo! »

Estes vivas forão correspondidos pelos membros da Assembléa geral, e pelos espectadores.

(*Despertador.*)

Reunião popular no Senado.

Em 23 de Julho de 1840 no Senado.

O Sr. Prezidente : — Eu, senhores, devo declarar, que não me considero como prezidente do Senado : isto que vemos não é o Senado ; é uma grande e magestoza reunião popular (*aplauzos repetidos*). Por conseguinte não posso nomear deputações para saber a óra da abertura.

Eu não vejo aqui sinão a cidadãos reunidos, pedindo a maioridade de S. M. o Imperador ; e á vista do decreto, que se acabou de ler, eu entendo, que os prezidentes de cada uma das camaras devem convocar os membros de sua camara respectiva, para que elles, reunindo-se em assembléa geral, reconheção por aclamação a maioridade do monarca (*muitos apoiados*), e depois de feito isto, deve expedir-se uma deputação de uma e outra camara, pedindo a S. M. o Imperador a óra e o lugar, em que quer prestar o seo juramento.

É isto o que eu entendo ser na ordem (*apoiados geraes*).

(*Despertador.*)

Juramento do Imperador.

Auto de juramento.

Saibão quantos este publico instrumento virem, que no anno do nacimento de Nosso Senhor Jezus Cristo de 1840, 19.º da Independencia e do Imperio do Brazil, aos 23 dias do mez de Julho, n'esta leal e eroica cidade do Rio de Janeiro, no paço do Senado, onde se reunirão as duas camaras

legislativas, estando prezentes 33 senadores e 84 deputados, sob a prezidencia do Exm. Sr. Marquez de Paranaguá, para o fim de se dar execução ao art. 103 da Constituição, estando prezente S. M. I., o Senhor D. Pedro de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, segundo Imperador e Defensor perpetuo do Brazil, filho legitimo e primeiro varão existente do falecido Senhor D. Pedro Primeiro, Imperador e Defensor perpetuo, que foi, do Brazil, e da falecida Senhora D. Maria Leopoldina Jozefa Carolina, Imperatriz, sua mulher, archiduqueza d'Austria, lhe foi aprezentado pelo Exm. Prezidente o missal, em que o mesmo augusto Senhor pôz a sua mão direita; e, sendo por por mim lida a formula determinada no art. 103 da Constituição, pronunciou S. M. I., em alta voz, o seguinte juramento : « Juro manter a religião catolica apostolica romana, a integridade e indivizibilidade do Imperio, observar e fazer observar a Constituição politica da nação brazileira, e mais leis do Imperio, e prover o bem geral do Brazil, quanto em mim couber. »

E para perpetua memoria se lavrou este auto em duplicata, que vai assinado pelo mesmo augusto Senhor, pelo Prezidente e dous primeiros secretarios de uma e outra camara.

E eu Luiz Jozé de Oliveira, 1.° Secretario do Senado, a escrevi.

D. Pedro Segundo.

Marquez de Paranaguá, Prezidente.
Luiz Jozé d'Oliveira, 1.° Secretario do Senado.
Antonio Joaquim Alvares do Amaral, 1.° Secretario da camara dos deputados.

Ministerio dos dias da maioridade.

Bernardo Pereira de Vasconcelos (*), Imperio.
Paulino Jozé Soares de Souza, Justiça.
Jozé Antonio da Silva Maia, Fazenda.
Caetano Maria Lopes Gama, Estrangeiros.
Salvador Jozé Maciel, Guerra.
Joaquim Jozé Rodrigues Torres, Marinha.

Senadores e deputados que assistirão ao acto da declaração da maioridade e juramento do Imperador em sessão da assembléa geral de 23 *de Julho de* 1840.

Senadores:

1	Jozé Joaquim Nabuco d'Araujo.....	Pará
2	Antonio Pedro da Costa Ferreira.....	Maranhão
3	Patricio Jozé d'Almeida Silva.....	»
4	Luiz Jozé de Oliveira.....	Piauhi
5	Conde de Lages.....	Ceará
6	Jozé Martiniano d'Alencar.....	»
7	Antonio da Cunha Vasconcelos.....	Parahiba
8	Manoel de Carvalho Paes d'Andrade.....	»
9	Antonio Francisco de Paula Olanda Cavalcante.....	Pernambuco
10	Francisco de Paula Cavalcante d'Albuq.e...	»
11	Francisco de Paula d'Almeida Albuquerque.	»
12	Manoel Caetano d'Almeida Albuquerque....	»
13	Cassiano Espiridião de Melo Matos.....	»
14	Francisco Carneiro de Campos.....	»
15	Francisco de Souza Paraizo.....	»
16	Manoel Alves Branco.....	»
17	Manoel dos Santos Martins Valasques.....	»
18	Caetano Maria Lopes Gama.....	Rio de Janeiro
19	Francisco de Lima Silva.....	»
20	João Evangelista de Faria Lobato.....	»
21	Marquez de Paranaguá.....	»

(*) Nomeado em 22 de Julho de 1840, foi exonerado nove oras depois. A este curto prazo Bernardo de Vasconcelos xamou as 9 oras mais onrozas de toda a sua vida publica.

22	Lourenço Rodrigues d'Andrade.....	Santa Catarina
23	Antonio Augusto Monteiro de Barros.....	Minas
24	Candido Jozé d'Araujo Viana.....	»
25	Conde de Valença.....	»
26	Jozé Bento Leite Ferreira de Melo.....	»
27	Manoel Ignacio de Melo Souza.....	»
28	Marcos Antonio Monteiro de Barros.....	»
29	Marquez de Baependi.....	»
30	Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.....	»
31	Visconde de Congonhas.....	»
32	Jozé Saturnino da Costa Pereira.....	Mato-Grosso
33	Jozé Rodrigues Jardim.....:	Goiaz

Deputados:

1	Angelo Custodio Correia.....	Pará
2	Bernardo de Souza Franco.....	»
3	Antonio Bernardo da Encarnação.....	Maranhão
4	Joaquim Vieira da Silva Souza.....	»
5	Jozé Joaquim de Lima Silva.....	Piauhi
6	Carlos Augusto Peixoto d'Alencar.....	Ceará
7	Joaquim Ignacio da Costa Miranda.....	»
8	João Capistrano Bandeira de Melo.....	»
9	Jozé Ferreira Lima Sucupira.....	»
10	Jozé Mariano d'Albuquerque Cavalcante...	»
11	Manoel do Nacimento Castro Silva.....	»
12	Vicente Ferreira de Castro Silva.....	»
13	Bazilio Quaresma Torreão.....	Rio Grande do Norte
14	João Coelho Bastos.....	Parahiba
15	João Jozé Ferreira da Costa.....	»
16	Jozé da Costa Maxado.....	»
17	Jozé Maria Idelfonso Jacomo da Veiga.....	»
18	Joaquim Jozé d'Oliveira.....	»
19	Antonio da Costa Rego Monteiro.....	Pernambuco
20	Antonio Peregrino Maciel Monteiro.....	»
21	Joaquim Nunes Maxado.....	»
22	Luiz Carlos Coelho da Silva.....	»
23	Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça.....	»
24	Manoel Mendes da Cunha Azevedo.....	»
25	Manoel do Monte Rodrigues d'Araujo, Bispo do Rio de Janeiro.....	»
26	Miguel do Sacramento Lopes Gama.....	»
27	Urbano Sabino Pessoa de Melo.....	»
28	Venancio Enrique de Rezende.....	»

29	Antonio Luiz Dantas de Barros Leite.....	Alagoas
30	Francisco Joaquim Gomes Ribeiro.....	»
31	Jozé Candido de Pontes Visgueiro.....	»
32	Mateos Cazado d'Aruajo Lima Arnaud.....	»
33	Antonio Fernandes da Silveira.....	Sergipe
34	Sebastião Gaspar d'Almeida Boto.....	»
35	Antonio Joaquim Alvares do Amaral.....	Bahia
36	Eustaquio Adolfo de Melo Matos.....	»
37	Francisco Gê Acaiaba de Montezuma.....	»
38	Francisco Gonçalves Martins.....	»
39	Francisco Ramiro d'Assis Coelho.....	»
40	João Jozé de Moura Magalhães.....	»
41	João Pedreira do Couto.....	»
42	Joaquim Marcelino de Brito.....	»
43	Jozé Ferreira Souto.....	»
44	Jozé Gonçalves Martins.....	»
45	Manoel Antonio Galvão.....	»
46	Manoel Maria do Amaral.....	»
47	Manoel Vieira Tosta.....	»
48	Miguel Calmon Dupin Almeida.....	»
49	Marcelino Pinto Ribeiro Duarte.....	Espirito-Santo
50	Antonio Pereira Barreto Pedrozo.....	Rio de Janeiro
51	Aureliano de Souza Oliveira Coutinho.....	»
52	Francisco Gomes de Campos.....	»
53	Joaquim Francisco Viana.....	»
54	Jozé Antonio de Siqueira Silva.....	»
55	Jozé Clemente Pereira.....	»
56	Jozé Ignacio Vaz Vieira.....	»
57	Jozé Luiz de Freitas.....	»
58	Antonio Carlos Ribeiro d'Andrada Maxado..	São Paulo
59	Francisco Alvares Maxado.....	»
60	Jozé Antonio dos Reis, Bispo de Cuiabá....	»
61	Joaquim Floriano de Toledo.....	»
62	Manoel Dias de Toledo.....	»
63	Martim Francisco Ribeiro d'Andrada.....	»
64	Rodrigo Antonio Monteiro de Barros.....	»
65	Jeronimo Francisco Coelho.....	Santa Catarina
66	Antonio da Costa Pinto.....	Minas
67	Antonio Paulino Limpo d'Abreo.....	»
68	Erculano Ferreira Pena.....	»
69	Francisco de Paula Candido.....	»
70	Francisco de Paula Cerqueira Leite.....	»
71	Jozé Cezario de Miranda Ribeiro.....	»
72	Jozé Feliciano Pinto Coelho.....	»
73	Jozé Pedro Dias de Carvalho.....	»

'/4	Jozé Joaquim Fernandes Torres.....	Minas
75	Jozé Antonio Marinho.....	»
76	João Antonio de Lemos.....	»
77	João Dias de Quadros Aranha.....	»
78	Lourenço Jozé Ribeiro.....	»
79	Manoel Gomes da Fonseca.....	»
80	Pedro d'Alcantara Cerqueira Leite.....	»
81	Teofilo Benedito Otoni.....	»
82	Antonio Ferreira dos Santos Azevedo.....	Goiaz
83	Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri.....	»
84	Antonio Navarro de Abreo.....	Mato-Grosso

Proclamação annunciando ao povo brazileiro a maioridade do Imperador.

Brazileiros!

A Assembléa geral legislativa do Brazil, reconhecendo o feliz dezenvolvimento intelectual de S. M. I., o Senhor D. Pedro Segundo, com que a divina Providencia favoreceo o Imperio de Santa-Cruz; reconhecendo igualmente os males inherentes aos governos excepcionaes, e prezenciando o dezejo unanime do povo d'esta capital; convencida de que com este dezejo está de acordo o de todo o Imperio, para conferir-se ao mesmo augusto Senhor o exercicio dos poderes, que pela Constituição lhe competem; ouve por bem, por tão ponderozos motivos, declaral-o em maioridade, para o efeito de entrar immediatamente no pleno exercicio d'esses poderes, como Imperador constitucional e Defensor perpetuo do Brazil.

O augusto monarca acaba de prestar o juramento solene determinado no art. 103 da Constituição do Imperio.

Brazileiros! Estão convertidas em realidades as esperanças da nação; uma nova éra apontou: seja ella de união e prosperidade.

Sejamos nós dignos de tão grandiozo beneficio.

Paço da Assembléa geral 23 de Julho de 1840.

Narração dos sucessos do dia 23 de Julho.

O *Despertador* de 24 de Julho de 1840, relatando os acontecimentos do dia antecedente, o faz do modo seguinte:

Si a elevação do joven monarca ao trono era ja em si mesmo o acontecimento mais capaz de inspirar ardentes jubilos ao povo brazileiro, quanto maiores não devião elles ser depois das ocurrencias, que precedêrão ontem á realização d'este voto nacional, depois dos perigos incalculaveis a que ia expondo a capital e o Imperio o reaparecimento ominozo, á frente da administração, do ministro, que referendou o adiamento das camaras! Pareceo precizo á Providencia, para aumentar os fulgores do dia 23 de Julho, e recrecer o interesse da aclamação do Senhor D. Pedro Segundo, que o genio do mal obscurecesse por um instante os orizontes do paiz, no momento em que ella se ia verificar, e que o augusto principe se mostrasse, na sua ascenção ao solio imperial, como o iris de paz e de bonança depois da tempestade.

Nós tentariamos em vão descrever as efuzões do entuziasmo da capital n'este dia, que dá começo á realização das altas esperanças, que ella, com todo o Brazil, nutre desde nove annos, no meio da longa cadêa de calamidades, que tem posto á prova máis rude sua constancia e sua fé em melhores futuros.

Logo ao amanhecer, um grande concurso de povo dirigio-se ao Campo da Aclamação, onde tinhão permanecido durante a noite precedente a guarda nacional, os alunos da escola militar, e numerozos paizanos, que por desconfiança não quizerão abandonar a caza dos reprezentantes.

Ás 10 oras mais de 8.000 cidadãos, em cujo numero contava-se quanto a nossa capital contém de mais grado em pozição social, axavão-se reunidos á roda do paço

do Senado e dentro d'elle para assistir á solemnidade do juramento de S. M. I.

Ás 10 óras e meia o Sr. Marquez de Paranaguá, prezidindo a Assembléa geral, abrio a sessão por um discurso, em que expôz sucintamente, mas do modo o mais grave e adequado ás circunstancias, os motivos d'aquela reunião, e o grande fim que tinha a satisfazer. Logo depois passou a proclamar maior o Senhor D. Pedro Segundo no meio dos vivas e aplauzos universaes dos reprezentantes e do povo, que os repetio com transporte, e ainda durante alguns minutos depois de concluido este acto.

Seguio-se a nomeação de uma commissão para redigir a proclamação, que vem transcrita na acta da Assembléa geral; assim como a de uma deputação, que fosse ao paço imperial saber de S. M. o dia e óra, em que prestaria o juramento prescrito pelo artigo constitucional.

Ás 3 óras e meia, que foi o momento aprazado, despontou ao longe o cortejo de S. M. I., e principiárão as demonstrações do povo impaciente. A este tempo já tinhão xegado todos os membros do corpo diplomatico em grande uniforme, e ocupavão a tribuna, que lhes fôra destinada.

No primeiro côxe do cortejo vinhão o mordomo e aio de S. M., no segundo os camaristas, no terceiro as princezas, no quarto o tutor de S. M. I. Estas duas carruagens, e sobretudo a ultima guarnecida de prata, erão de uma elegancia e riqueza dignas do dia.

Ao aproximar-se o côxe das princezas, uma deputação da assembléa as veio receber no meio dos vivas. A xegada de S. M. I. á porta do Senado é saudada por uma trovoada de vivas e outros gritos entuziasticos, que não cessão durante todo o tempo, que dura a ceremonia do juramento.

Ao decer do côxe, que rodeavão grande numero de

notabilidades militares, e cuja portinhola foi aberta pelo Sr. João Taylor, um dos cidadãos prezentes pedio licença para dirigir a S. M. I. uma felicitação, como expressão espontanea de jubilo, a qual S. M. I. acolheo graciozamente e com emoção.

Sóbe depois, acompanhado da deputação de senadores e deputados, que o viera receber á porta, e ao xegar á sala, o prezidente e secretarios da Assembléa geral vêem ao encontro de S. M., e o conduzem ao trono, em que se senta com uma serenidade admiravel.

Logo o 1.º secretario do Senado lê a formula do juramento, e S. M. de joelhos repete com uma vóz firme e distinta.

Ultimado o juramento, o prezidente rompe os vivas á maioridade de S. M. I., que são repetidos com entuziasmo pela Assembléa geral, e pelo povo.

Assinado o auto do juramento por S. M., continuão os vivas á sua sahida para o paço da cidade, para onde o acompanha a guarda nacional e o povo.

As demonstrações publicas continuárão de noite, a cidade esteve toda iluminada e um numerozo e brilhante cortejo teve lugar no paço.

Assim se terminou este dia memoravel e gloriozo, que começou uma nova era para o Brazil.

Expozição de Bernardo Pereira de Vasconcelos, ex-ministro do Imperio.

Bernardo Pereira de Vasconcelos julga dever explicar ao publico o seu procedimento no curto periodo de 9 óras do dia 22 do corrente mez em que foi ministro e secretario de estado dos negocios do imperio.

São oje sabidas dos abitantes d'esta capital e se-lo-ão em breve dos de todo o imperio, as melancolicas ocurrencias dos dias anteriores ao referido 22 de Julho por ocasião de se ocupar a camara dos deputados da questão do suprimento de idade de S. M. I., afim de que o mesmo augusto Senhor entrasse immediatamente no exercicio da sua autoridade constitucional.

É incontroverso, que a medida de anticipar a maioridade de S. M. I. não tinha maioria de votos nem na camara dos senadores nem na dos deputados, posto que a aqueles mesmos que a inpugnavão não faltassem ardentes e sinceros dezejos de vêl-a realizada sem ofensa dos principios constitucionaes: este facto não era desconhecido dos que concebêrão este anno a idéa de investir o joven imperador da sua autoridade. No senado fôra um tal projeto regeitado, bem que ninguem o impugnasse na discussão e ouvesse quem o sustentasse.

Esta decizão da camara vitalicia nenhuma impressão produzio no espirito publico, sendo manifesto que nem os abitantes da corte nem os de qualquer outra provincia se avião até então pronunciado a favor da medida. Tadavia não dezacoroçoárão alguns do triunfo da sua idéa: continuárão a insistir em que o imperador fosse declarado maior por uma lei ordinaria: e, dado que não poucos se dispuzessem a votar a favor d'ella, uma vez que fosse acompanhada de garantias para a nação e para o trono, crescia este empenho á medida que se observava mais tendencia para a sua realização.

No meio do debate d'esta transcendente materia, debate que devêra ser notavel pela prudencia, sisudeza e gravidade, que o devia prezidir, aparecêrão sintomas de coacção na camara dos deputados. Os que admitião a idéa com

modificações virão-se expostos a insultos e perigos, si não guardassem silencio.

Para prova d'este facto ofereço o *Jornal do Commercio* de n. 188 a 193. Invoco além d'isso o testimunho dos deputados e espectadores imparciaes: deponhão elles se além do que tem xegado ao conhecimento do publico, não tiverão alguns dignos reprezentantes do paiz e principalmente os ministros da coroa de sofrer vergonhozos insultos e ameaças.

Pessoas do povo reunidas em grande numero invadião o paço da camara, rodeavão os deputados dentro da propria sala das sessões, tomavão parte nos debates, aplaudindo estrondozamente os oradores de um lado e sufocando a voz de outros com gritos aterradores; em uma palavra quazi que avia de todo dezaparecido a distinção entre as galerias e os legisladores; a população pacifica e industrioza, que ao principio esperava tranquila a solução, que os poderes supremos do estado ouvessem de dar á questão da maioridade, começava a afligir-se á vista de senas tão desagradaveis reprezentadas n'aquele mesmo recinto, d'onde sómente devêrão partir exemplos de ordem e de obediencia ás leis, e o governo via-se na inpossibilidade de fazer cessar pelos meios ao seu alcance similhante estado de couzas, não dezejando que ainda levemente se lhe atribuisse o intento de coagir os legisladores.

Nunca fui considerado infenso ao governo de S. M. I., o Senhor D. Pedro Segundo; tendo até em outra época dezejado a regencia da augusta Princeza imperial a Senhora D. Januaria, dezejo este que nunca excedeo os limites de um pensamento e que me custou as mais acerbas injurias e calunias, avendo mesmo quem nas discussões da Assembléa provincial de Minas-Geraes me indigitasse como conspirador

contra o Regente do acto adicional, imprecando a minha morte.

Confesso ingenuamente, que o meo aferro á monarchia e o exemplo da dispensa de idade da Senhora D. Maria Segunda, Rainha de Portugal, fôrão os unicos elementos de minha convicção, sem que então fizessem pezo no meo espirito mui valiozas considerações, que se podião opôr a uma tal medida.

Ainda oje não ezitarei em dar o meo voto para o suprimento de idade de um principe debaixo de razoaveis condições de segurança; ainda oje votaria pela maioridade do Senhor D. Pedro Segundo, mas com limitações e com suficientes garantias para o trono e para o paiz, pois que os acontecimentos mesmo do reinado da Senhora D. Maria Segunda têem feito em mim a mais profunda impressão.

Deixára o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, organizado o paiz, e nos primeiros empregos do estado os Portuguezes mais esclarecidos, mais traquejados no meneio dos negocios publicos, carregados de prestantes serviços á patria, e os bravos generaes, que tanto avião contribuido para a queda da uzurpação e reconquista da perdida liberdade.

Este governo, que prometia larga duração, tanto pela sua solidez como pelas immortaes reminicencias que despertava, durou apenas dous annos; não era passado este prazo, quando rompeo uma revolta, que rasgou a carta constitucional e violentou a joven rainha a assinar com o seu proprio punho a condenação do mais importante titulo de gloria de seo augusto pai; e lá está Portugal remoinhando entre a anarchia e as tentativas de um governo regular!

Diversas são e para peior as circunstancias do Brazil, nossas instituições não estão completas, faltão-nos muitas leis importantes, algumas das existentes exigem consideraveis reformas, e muito ha, que vivemos sob o governo

fraco de regencias. Falta-nos um conselho de estado, não temos eminencias sociaes, ou por pobreza nossa, ou porque a inveja e as facções tenhão caprixado em nivelar tudo.

N'este estado de couzas, não aclamára eu por meo voto o Senhor D. Pedro Segundo maior desde ja, sem que o armassemos de todos os meios necessarios para ser feliz o seo reinado, bem que oje me considere na mais explicita obrigação de envidar todas as minhas forças, afim de que os rezultados não justifiquem um dia as minhas tristes apreensões e as de meos ilustres colegas pertencentes a essa patriotica maioria de 19 de Setembro.

Xamado pelo Regente no citado dia 22 do corrente mez para me encarregar da repartição dos negocios do Imperio, não ezitei um só momento á vista do perigo, tendo por colegas cidadãos tão onrados, alguns dos quaes pertencião a essa maioria, não desconheci a crize, em que estava o Brazil, afligião-me sobretudo os perigos, que ameaçavão o trono, produzido pela precipitação, a insolita maneira de discutir tolerada na camara dos deputados.

Meos colegas e eu, unanimes em sentimentos, propuzemos ao Regente, em nome do Imperador, o adiamento da Assembléa geral, para o qual estavamos expressamente autorizados pela constituição da monarchia, e nunca me pareceo o Regente mais brazileiro e mais digno do seo alto posto, do que subscrevendo o seguinte decreto:

« O Regente, em nome do Imperador, o Senhor D. Pedro Segundo, tomando em consideração a expozição, que pelos ministros e secretarios de estado das diferentes repartições lhe foi feita ácerca do estado de perturbação em que atualmente se axa a camara do deputados, e atendendo a que a questão da maioridade de S. M. I., que n'ella se agita, pela sua gravidade e pela alta pozição e importancia da augusta pessoa, a que é relativa, somente póde e deve

ser tratada com madura reflexão e tranquilidade : ha por bem, uzando da atribuição, que lhe confere o art. 101 § [illegible] da Constituição do Imperio, adiar a Assembléa geral para o dia 20 de Novembro do corrente anno.

« Bernardo Pereira de Vasconcelos, Senador do Imperio, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o tenha assim entendido e faça executar.

« Palacio do Rio de Janeiro em 22 de Julho de 1840, 19º da Independencia e do Imperio. *Pedro de Araujo Lima. Bernardo Pereira de Vasconcelos.* »

No Senado não se consentio, que fosse lido este decreto, e permita Deos, que seo nobre prezidente, o Sr. Marquez de Paranaguá, ainda um dia não tenha de arrepender-se da maneira por que se ouve n'este transcendente negocio !

Na camara dos deputados aparecêrão gritos, ameaças, provocações, que nem se compadecião com a Constituição nem com o regimento da caza. Acuzarão-me de calunniador, de traidor e de inimigo do Senhor D. Pedro Segundo. Protestárão contra este acto como emanado de um governo ilegal, intruzo e uzurpador ; mas emfim, obedecendo-lhe, poupárão ao governo o dissabor de recorrer a providencias adaptadas para a sua execução.

Calumniei a camara, dizem os meos adversarios, porque ahi reinava a mais perfeita tranquilidade e não avia alteração alguma na capital.

Peço aos leitores, que confrontem o decreto de adiamento com esta increpação e convencer-se-ão de que n'elle se não asseverava, que o povo da capital estava agitado e menos amotinado.

Limitou-se a exprimir a desordem das discussões na camara dos deputados, dezordem, que parecia apropriada para tornar odioza a santa cauza, que ahi se pleiteava.

Digão-no os espectadores imparciaes, diga-o o *Jornal do Commercio* de 23 do corrente mez.

Inexplicavel contradição!

Ao mesmo tempo que se me acuzava de caluniar a camara, de conspirar contra o Brazil e o trono, estrondavam na caza os brados orriveis dos tribunos da plebe, e a ilustrada maioria, reprovando com mudo silencio tanto dezatino, só fazia votos para que a divina Providencia salvasse o joven principe para que não fosse elle mais uma vitima innocente oferecida nos altares da demagogia.

E era eu o traidor e o conspirador, observando religiozamente a lei, e meos desvairados acusadores erão fieis á Constituição do estado, almejavão a tranquilidade publica, quando discutião e atacavão o acto do poder moderador e adiava as camaras? Quando proclamavão ilegal, intruzo e uzurpador um governo, que tinhão até então reconhecido, dado que um ou outro n'estes ultimos dias alguma vez falasse por incidente sobre a sua legalidade?

Conspirava eu adiando as camaras, como aconselhava a crize em que nós viviamos, como permitia a Constituição do estado, e erão fieis ao seu dever aqueles reprezentantes da nação que, tendo obedecido ao decreto do adiamento, forão ao paço do Senado fazer parte de uma reunião popular, onde deliberações se tomárão sobre a propria existencia do governo, forcejando por dar o carater de revolução a esse acto do adiamento, que apezar de tudo é sempre considerado como ordinario?

Conspiraria eu cumprindo fielmente as leis na qualidade de ministro da corôa; e meus inimigos são irrepreensiveis, bem que as infringissem por um modo tão extraordinario como elles mesmo não poderáõ negar?

Depois de expedido o decreto do adiamento, partio o Regente para São-Cristovão afim de participar a S. M. o

Imperador o passo, que dera, e declarar-lhe qual a intenção do governo, que não foi outra senão preparar devidamente as couzas para que ainda no corrente anno fôsse proclamada a maioridade de S. M., não como uma medida arrancada pelo dezencadeamento das paixões e ditada revolucionariamente por um partido em minoria desde 1836 até oje, mas com aquela solenidade, prudencia e sizudez que devem acompanhar um tão grande acto nacional.

O Regente voltou, tendo sido benignamente acolhido por S. M. o Imperador e merecido o seu assentimento.

Ao meio dia constou ao ministerio reunido em caza do Regente, que o commandante das armas Francisco de Paula Vasconcelos estava de acordo com a reunião no Senado; que o commandante dos estudantes da Academia militar avia marxado com elles armados para aquele ponto, e que uma deputação composta de senadores e deputados se dirigia a São-Cristovão para obter de S. M. o Imperador a sua acquiecencia á proclamação de sua maioridade.

Era indispensavel ao governo procurar tambem saber qual a definitiva rezolução do mesmo augusto senhor, á vista da face que as couzas acabavão de tomar, e para isso voltou o Regente ao paço imperial. S. M. se dignou declarar, que queria tomar já as redeas do governo, e que a Assembléa geral fosse convocada para o seguinte dia.

Conhecida assim a vontade de S. M., entendeu o governo, que era de seu dever conformar-se com ella e os commandantes das forças, de que podia dispor, recebêrão ordem para se limitarem unicamente a aquelas medidas indispensaveis, afim de fazer com que a segurança individual fosse respeitada.

Apezar dos escrupulos, que tinhão os membros do governo sobre tal medida, de ordem do Regente, em nome

o Imperador, convoquei de novo a Assembléa geral no mesmo dia 22 para o seguinte á vista da declaração de S. M., e porque era este o ultimo acto do Regente.

E para que o pretexto de axar-me eu no poder não contribuisse para se consumar uma revolução, e ensanguental-a, obtive do Regente a minha demissão, durando este meu ultimo ministerio 9 óras, somente 9 óras, que eu reputo as mais onrozas de toda a minha vida publica.

Não me é dado saber qual será a minha sorte por este acontecimento.

O senhor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Maxado e Silva (oje ministro do imperio) arrojou-se a ameaçar-me em particular e aos meus outros colegas em geral, na augusta prezença do Imperador, no momento mesmo em que S. M. acabava de aceitar a dificil e espinhoza tarefa de dirigir os negocios publicos. Que lição! Que sentimentos se pretendem inspirar ao coração do innocente monarca! Que prova de acatamento e respeito á sua sagrada pessôa!

Á espera dos efeitos da colera e vingança do senhor ministro do imperio, tenho até agora demorado esta minha breve expozição; mas, já que tardão tanto, força é procurar por este meio justificar-me perante os Brazileiros verdadeiramente amigos da monarchia constitucional.

Venhão sobre mim todos os males; ainda estou inpenitente. Longe de arrepender-me, ufano-me do meu procedimento, sujeitando-me ao juizo imparcial dos Brazileiros.

Iguaes sentimentos (posso com segurança asseveral-o) compartem os meus onrados colegas, que nunca ezitárão, nunca abandonárão o seo posto no momento do perigo.

Não posso terminar sem agradecer-lhes, e especialmente

ao Exm. Sr. Pedro de Araujo Lima, as distintas provas de confiança, que me derão em uma ocazião tão solene.

Rio 28 de Julho de 1840.

Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Motivo da reunião da Assembléa geral exposto pelo prezidente do Senado.

Senhores, eu creio, que nenhum membro da Assembléa geral desconhece o motivo da prezente reunião. Creio, que ninguem ignora os graves acontecimentos, que ontem tiverão lugar na capital do Imperio. O Regente em nome do Imperador o Senhor D. Pedro Segundo, tendo adiado, por decreto datado d'esse dia, as camaras até 20 de Novembro do corrente anno (decreto que não foi lido no Senado por não aver, no momento da sua recepção, suficiente numero de membros, que formassem caza), na tarde de ontem expediu outro decreto convocando para oje a Assembléa geral.

Aqui reunidos, senadores e deputados, afim de pormos termo á anciedade publica, e satisfazermos o grande voto nacional, que se tem manifestado para que S. M. Imperador seja desde já declarado maior, e entre no pleno exercicio de seus poderes, assim nos cumpre proclamal-o solenemente, convidando logo o mesmo augusto Senhor a vir, no seio da reprezentação nacional, prestar o juramento, que a Constituição do Imperio exige.

Vai-se portanto fazer a xamada para abrir-se a sessão, e proceder-se a esse acto.

NOTA.—Quem dezejar conhecer toda a discussão ácerca da maioridade, a encontrará em um folheto, que em 1840 se publicou n'esta corte na tipografia do *Despertador* sob o titulo: *Declaração da maioridade de S. M. I. o Senhor D. Pedro Segundo.*

A BAHIA

DO

RIO DE JANEIRO

SUA HISTORIA E DESCRIPÇÃO DE SUAS RIQUEZAS

POR

AUGUSTO FAUSTO de SOUZA

Bacharel em Sciencias Mathematicas e Physicas, Major do Corpo de Estado Maior de Artilharia e Membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

(Continuação da pag. 155 do tomo XLIV, parte II)

VIII

HOMENAGEM PRESTADA POR ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

Na transcripção dos excerptos, n'este e no seguinte capitulos, não segui classificação de data, de inicial ou de qualquer outra natureza; vão dispostos na ordem em que os fui obtendo. No fim achar-se-ha um indice alphabetico de todos os escriptores citados na presente obra e que concorreram de qualquer modo para a parte mais interessante d'ella.

Do 1º governador geral Thomé de Souza. *Carta a El-Rei D. João III em 1553.*

Mando o debuxo d'elle (Rio de Janeiro) a Vossa Alteza; mas tudo é graça o que d'elle se póde dizer, senão que pinte quem quizer e como deseje um rio, isso tem este de Janeiro.

Do padre Fernam Cardim. *Carta escripta em 1590.*

Dentro da barra tem uma bahia, que bem parece que pintou o Supremo Pintor e Architecto do mundo, Deus Nosso Senhor; e assim é formosissima e a mais aprazivel que ha em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo; é tão capaz que terá 20 leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas, de grandes arvoredos, e não impedem a vista umas ás outras.

Do padre Simão de Vasconcellos. *Noticias curiosas do Brasil em 1668.*

Entre o promontorio de Cabo-Frio e a Ilha-Grande corre um pedaço da America, dos mais notaveis que formou a natureza; porque, no meio d'estes dous extremos, parece tomou á sua conta a mesma natureza industriosa sahir com um tal sitio, que igualmente fosse inexpugnavel a inimigos, seguro a amigos e proveitoso a todos os viventes. Consta este de uma bahia e de um reconcavo, e tem por nome Rio de Janeiro.

De Gabriel Soares. *Tratado descriptivo do Brasil, 1587,* cap. LI.

É tamanha cousa o Rio de Janeiro da boca para dentro, que nos obriga a gastar o tempo em o declarar n'este logar, para que se veja como é capaz de se fazer mais conta d'elle do que se faz. (Segue uma longa descripção.)

Do navegante francez Bougainville. *Voyage autour du monde, 1767.*

A vista d'esta bahia causará sempre o mais vivo prazer aos viajantes. Nada é mais rico do que o aspecto das paizagens que se apresentam de todos os lados; e nós teriamos a maior satisfação se pudessemos gozar por algum tempo d'esses encantos.

Do celebre capitão inglez Cook. *Viagem de circumnavegação em 1768.*

O Rio de Janeiro é uma optima estação para escala dos navios; a bahia é segura e commoda, o clima é bom, ainda que quente, e eu nunca vi, como ahi, tanta variedade de peixes, para cuja pesca o sitio é muito apropriado.

Do poeta Evaristo Parny *(o Tibullo Francez). Carta a seu irmão em 1773.*

A entrada da bahia do Rio de Janeiro offerece o mais sublime e o mais agradavel espectaculo: fortes, trincheiras, baterias, montanhas, collinas cobertas de bananeiras e larangeiras, lindas casas de campo dispersas sobre essas collinas, etc.

Do historiador inglez Roberto Southey. *Historia do Brasil,* tom. VI, cap. XLIV.

A meio caminho entre a Europa e a India, e com a Africa defronte, é a posição do Rio de Janeiro a melhor que para o commercio geral se podia desejar; com um dos mais amplos, commodos e bellos portos, sem nada faltar além d'essa liberdade de commercio e affluencia de capitaes que se seguiram á vinda da côrte. Revoluções locaes privaram Alexandria e Constantinopla d'essa importancia que as suas situações antigamente lhes asseguravam e que entrára nas vistas de seus grandes fundadores; mas seria mister que todo o mundo civilisado tornasse a barbarisar-se, para que o Rio de Janeiro deixasse de ser uma das mais importantes posições do globo.

Do principe Maximiliano de Neuwied. *Viagem ao Brasil em 1815* cap. I.

Ancorámos ao anoitecer na embocadura da bahia, cuja entrada é imponente e muito pittoresca. No fundo, onde a grande porção de navios nos fez suppôr que estava a cidade,

um espectaculo verdadeiramente magnifico nos sorprendeu no meio da noite: era o de um bello fogo de artificio. Esperámos com impaciencia o dia seguinte, e, logo que rompeu a madrugada, favorecidos por brando vento, e animados de geral alegria, seguimos para o porto, que, semeado de muitas e lindas ilhas, é o mais bello e o mais seguro do Novo-Mundo.

De Dumont d'Urville. *Voyage autour du monde.*

Emquanto esperavamos o piloto, gozámos do mais bello ponto de vista que é possivel existir debaixo do céo. Figure-se um vasto lago salgado, que vai-se prolongando e alargando em uma extensão de 10 milhas; imagine-se, com o auxilio do maravilhoso, o valle o mais pittoresco, a bahia a mais segura, a mais forte estação militar, sob um céo sempre sereno, no meio de arvores sempre virentes, e far-se-ha uma idéa do magnifico conjuncto que eu tinha diante dos olhos.

De Ferdinand Dénis. *Le Brésil.*

A magnifica bahia do Rio de Janeiro tem sido citada pelos viajantes como uma das maravilhas do mundo. É conhecido o proverbio que recorda as bellezas de Sevilha, e o que os italianos repetem á vista do golfo de Napoles; mas quem vê a cidade do Rio de Janeiro desenvolvendo-se magestosamente pela beira do mar, seguindo os contornos da bahia, fica tentado de repetir os adagios hespanhol e italiano. A natureza, formando a bahia do Rio de Janeiro, parece ter reunido todas as fórmas felizes que se podem alliar em uma paizagem.

Do almirante barão de Roussin. *Le Pilote du Brésil.*

A bahia do Rio de Janeiro é muito espaçosa e uma das

mais magnificas do universo. Estende-se em diversas direcções, entre montanhas de magestosa elevação, cobertas da mais rica vegetação, e cuja base é occupada por numerosas quintas. Plantações de toda a especie, casas de campo elegantes, e rodeadas de arvores, muitas ilhas igualmente arborisadas e habitadas ornam e variam a superficie e as costas d'este pequeno Mediterraneo; e não ha sobre o globo mais bella vivenda e de aspecto ao mesmo tempo mais imponente e aprazivel.

Do Capitão L. Freycinet. *Voyage de l'Uranie*, 1°.

A extensão e a belleza da bahia do Rio de Janeiro, a multiplicidade e excellencia de seus ancoradouros, admiram quasi tanto os navegantes, como a riqueza da vegetação e a abundancia dos refrescos que ahi são encontrados.

Do historiador Alphonse de Beauchamp. *Historia do Brasil*. livros VIII e X.

Approximando-se d'esse estreito, unica entrada da magnifica enseada, Villegaignon vê apresentar-se a seus olhos a mais esplendida perspectiva; uma immensa superficie d'agua que se alarga gradualmente no interior de um risonho prado, limitado por montanhas sempre magestosas, ou porque seus cumes se escondem nas nuvens, ou porque tomam a côr azul e purpura pelo brilhante reflexo do sol dos tropicos.

Mem de Sá escolhe para séde da cidade uma bella planicie cercada de soberbos bosques e variadas montanhas; a feliz situação do seu porto, preservado dos ventos tempestuosos, e onde os navios fundeam com segurança, deviam, em pouco tempo, eleval-a a uma das principaes estações navaes do globo.

De Jacques Arago. *D'un à l'autre pole,* Cap. 15°.

A esplendida bahia do Rio de Janeiro recorda tudo o que a imaginação dos poetas e dos pintores tem sonhado de mais bello, de mais encantador, de mais magico, de mais deslumbrante.

Les deux Océans, 1854.

Pela 3.ª vez te saudo, ó Rio de Janeiro! Em pé sobre o convez, com o pescoço estendido, como si Deus me houvera restituido a luz dos olhos, eu via sahir das aguas o *Gigante deitado,* tão pittoresco e tão felizmente talhado para guia dos navegantes. Sim! eu vejo a fronte bourbonnica, o largo peito, a curva das pernas e o pé que indica a entrada da bahia.

Não ha duvida: é sempre, o meu bello Brasil, robusto como ha 30 annos, ornado como ha dous seculos, joven como no dia da sua creação.

Nasce o dia; reconheço-o pelo enthusiasmo d'aquelles que, entre nós, não tinham ainda visto a esplendida bahia... Saúdo todos estes esplendores com a mão e com o pensamento.

De Augusto de Saint-Hilaire. 1°. *Viagem ao Brasil,* I, 52, 2°. *Viag. ao Districto Diamantino,* I, 294.

Quem poderá traçar as bellezas que apresenta a bahia do Rio de Janeiro, bahia que, na phrase de um de nossos mais instruidos almirantes, póde conter todos os portos da Europa? Quem poderá pintar as ilhas de que ella é semeada, tão differentes entre si, essa multidão de angras que ornam seus contornos, essas montanhas magestosas que a bordam, essa vegetação tão rica e variada que embelleza suas margens?

Depois de uma viagem de 15 mezes, tive finalmente a

ventura de tornar a vêr o Rio de Janeiro (17 Março 1818), esta cidade cuja posição será sempre para o estrangeiro o objecto da mais viva admiração, e cujo porto, conforme diz o judicioso Southey, é um dos mais vastos, dos mais commodos e dos mais bellos do universo.

Do geologo Alcide d'Orbigny. *Voyage à l'Amérique Meridionale.* Tomo I.

Ao sul se via a montanha da Gavea, e não longe d'ella o famoso Pão d'Assucar, cuja fórma contrasta com as cristas dos montes vizinhos, todas ellas dominadas pelo Corcovado, coberto de bosque azul escuro. Um ar embalsamado com o perfume de mil flôres chegava até nós. Eu gozava de uma ventura perfeita, e á medida que os objectos se desenhavam melhor á minha vista, eu rompia em exclamações sobre a belleza d'este paiz. Entrámos, emfim, na garganta, passámos entre duas fortalezas e nos achámos n'essa immensa enseada, uma das mais bellas do globo. Emoções indefiniveis se apoderavam de mim; meu coração transbordava, e eu sentia vivamente não poder communicar aos outros os diversos sentimentos que me agitavam. Eu ia finalmente pizar esta terra tão desejada, e de que desde a infancia havia sonhado com a sua exploração e estudo.

Do General Garibaldi. *Memorias publicadas por Alex. Dumas.* Cap. 7.

Si é poeta o que fica extatico e em contemplação diante da bahia do Rio de Janeiro, de Napoles ou de Constantinopla, affoutamente asseguro que sou poeta. Quando, depois de ter admirado as rochas graniticas que occultam o porto que os indios em sua expressiva linguagem chamam *Nictheroy* (agoa escondida), depois de vencer o caminho que conduz á sua bahia tranquilla como um lago, e sobre

a sua margem occidental ir elevar-se a cidade dominada pelo Pão d'Assucar, immenso cone granitico que serve de guia e de apoio aos navegantes; quando vi em torno de mim aquella esplendida natureza, de que a Africa e a Asia dão incompleta idéa, fiquei verdadeiramente maravilhado do espectaculo que se apresentava á minha vista.

De Camillo Leynadier. *Memorias de Garibaldi.* Tomo 1.

Chegando ao Rio de Janeiro, encantado por essa natureza luxuosa do solo americano, onde tudo é gigantesco, rios, lagos, montanhas, valles, florestas, tudo, excepto os homens, Garibaldi ficou alguns dias em contemplação, sob o encanto d'essas maravilhas da creação, de que não vira cousa igual na Europa, nem na Africa e na Asia.

De Fourcy de Bremoy. *Souvenirs d'un français dans les deux mondes.*

Nada iguala á magestade do ponto de vista que se offerece aos olhos do navegante que entra na bahia do Rio de Janeiro, sem duvida a mais bella do mundo; na qual as ondas do Atlantico, espraiando-se como em uma vasta bacia, formam um outro mar mais tranquillo, e no fundo altas montanhas azuladas, lançando suas agudas pontas para o céo o mais puro compoem a cortina d'esta paizagem magica e imponente. E, se o viajante se extasía vendo de longe este panorama gigantesco, não o ficará menos, contemplando o interior do quadro que ahi se encerra. No meio d'estas ondas, que reflectem sempre o ouro e o azul dos céos, os olhos descobrem uma multidão de ilhas, cujas margens encantadoras parecem realisar as ficções dos jardins de Armida.

Do Dr. Gardner, Director dos Reaes Jardins de Ceylão. *Travels in the interior of Brazil.*

É totalmente impossivel exprimir a sensação que se apodera do observador quando avista a encantadora paisagem que se descobre ao penetrar no porto do Rio de Janeiro; paizagem que não tem, talvez, rival em toda a face da terra, e na formação da qual, parece ter a natureza esgotado toda a sua energia. Depois de que ahi estive (em 1836) tenho visitado muitos sitios celebrados por sua formosura e grandeza, mas nenhum d'elles deixou impressão tão profunda em minha memoria.

Á grande distancia, para dentro da bahia, vê-se uma multidão de ilhas adornadas de verdes coqueiros, ao passo que os elevados cimos dos montes que a circumdam, dourados pelos raios do sol, formam apropriada moldura a este quadro.

Do Rev. Daniel Kidder. *Sketches and travels in Brazil.* 1845.

Tranquillamente encerrada em um circulo de montanhas, jaz a magnifica bahia de Nictheroy ou da *agoa escondida.*

A primeira vez que um individuo entra n'essa bahia, deve marcar uma éra na sua existencia, porque é preciso ser completamente insensivel para não apreciar tão sublime espectaculo, no qual se manifesta a belleza e a variedade da natureza, bem como a elevada concepção do poder e grandeza do Creador.

De Etienne Ledoux. *L'Amérique Septentrionale et Meridionale.*

A chegada ao Rio de Janeiro por mar offerece bellezas de uma ordem imponente. De cada lado da bahia elevam-se rochedos gigantescos conhecidos por *Dous Irmãos, Papagaio,* etc., e mais ao longe o *Corcovado,* d'onde se goza um

soberbo panorama. Mais para dentro, os montes se abaixam gradualmente, mostrando lindas habitações sombreadas por arvoredo; mais além ilhas encantadoras, entre outras a de Coligny, da qual se avista parte da bahia e a serra dos Orgãos, semelhante aos Alpes da Suissa; numerosos navios fundeados, outros entrando ou sahindo, de velas desfraldadas e saudando os fortes com sua artilharia. Nenhum outro porto da America está tão bem situado para o commercio, em relação aos outros pontos do globo.

Do Abbade Raynal. *Hist. philos. des établis. des deux Indes.* Tomo V.

O Rio é um dos mais bellos portos conhecidos. Navios de todas as lotações ahi entram facilmente, desde as dez horas ou meio dia até á noite, impellidos por uma brisa regular e moderada. Vasto, seguro e commodo, seu fundo excellente de vasa, tem por toda a parte cinco ou seis braças d'agua. É o grande emporio das riquezas que vão do Brasil a Portugal, e o porto onde ancoram as mais bellas frotas, destinadas ao abastecimento d'esta parte do Novo Mundo.

De João Baptista Debret. *Voyage pittoresque au Brésil.* Tom. II.

O Rio de Janeiro é o principal entreposto do commercio do Brasil. Admitte-se geralmente que, para o commercio, seu porto é, de todos os da America, o melhor situado; e passa com razão por uma das primeiras estações navaes, em virtude da segurança e outras vantagens que ahi encontram os navios e as esquadras.

De John Luccock. *Notes on Rio de Janeiro from 1808 to 1818.*

O estrangeiro, que, sem cuidado ou preoccupação, entrar no porto do Rio de Janeiro, experimentará sempre o maior prazer.

A combinação de varias côres, que fulgem á luz do sol, espalhando differentes matizes pela rica vegetação que cobre os montes e varzeas, alliando-se á alvura da capellinha que corôa esta ou aquella crista, formam um dos mais bellos panoramas que a imaginação póde conceber.

É impossivel á penna e ao pincel descrever ou imitar scenas tão encantadoras; e juizes competentes comparam a belleza de algumas de suas enseadas com a de Sydney, na Nova-Hollanda, e com a de outra formosissima paizagem existente perto de Creta, na Asia-Menor.

De D. José Marmol, insigne poeta platino. *Carteira de viagem em* 1845.

A terra, que tem o cruzeiro por corôa, é o *rendez-vous* das graças da natureza com os affectos do coração humano; e o Rio de Janeiro, paiz privilegiado pela mão de Deus, com a cópia dos panoramas do seu paraiso encantado, é a gruta phantastica do jardim tropical. Da altura em que me achava, offereciam-se a meus olhos, de um lado a cidade, do outro a bahia, a sem igual bahia do Janeiro, com suas ilhas pittorescas, e, sobre suas aguas adormecidas, centenares de navios.

De Charles Ribeyrolles. *Brasil Pittoresco.* Tom. II, cap. II.

Geographos, historiadores, viajantes, artistas, todos quantos vagam e deliram, deixaram aqui seus hymnos sobre as bellezas interiores, sobre as praias indolentes e encantadas, sobre as magnificas profundezas d'esta bahia.

Os imperadores romanos despendiam outr'ora milhões aos centos para excavar um circo-bacia para as suas naumachias. Brinquedos de criança, que eram todos esses trabalhos estereis e gigantescos. Todos esses circos de Roma, incluido o *maximus*, accommodar-se-hiam em um cantinho

d'esta bahia; e as esquadras do mundo inteiro poderiam fazer n'ella suas evoluções sem se abalroarem os navios, nem baterem em alguma ilhota.

Do professor Malte-Brun. *Traité de Géographie.* Tom. VI.

A provincia do Rio de Janeiro tira o nome do magnifico porto de sua capital. Poucos sitios no mundo igualam a belleza d'esta vasta bacia, cujas aguas tranquillas reflectem de todos os lados uma mistura de rochedos elevados, florestas espessas, casas e templos.

De Hypolito Taunay. *Notice du panorama de Rio de Janeiro.*

O porto do Rio está tão favoravelmente situado, que os navios que vão da Europa ao mar do Sul ou ás Indias o encontram no caminho á meia viagem, e ahi podem renovar suas provisões esgotadas ou avariadas; por isso muitos viajantes que o têm visitado, como Cook, Bougainville e Lapeyrouse o distinguem entre os mais celebres. Todos são unanimes em elogiar com expressões pomposas esta vasta bahia, cercada de montanhas pittorescas por suas fórmas variadas e pela brilhante verdura que as reveste.

Do chefe de esquadra Eugenio Rodrigues. *Descrizione del viaggio della flota di Napoli,* 1843.

Ao penetrar na boca da bahia, um quadro, que em vão eu procuraria descrever, desenvolveu a sua tela magica. A bahia estendia placidamente seu largo seio, de que os nossos olhos não podiam descobrir os limites, pelo grande numero de ilhas que occultam aquelle espaço. Este eden apparente contrastava com a aspereza dos rochedos que se elevavam sobre as aguas, e que parecem ahi collocados pela natureza para tornar mais notavel o contraste... A natureza formou a bahia do Rio de Janeiro com as fórmas as mais artisticas, a ponto tal que não poderá ser imaginada por quem não a viu.

Do Rev. R. Walsh. *Notices of Brazil in* 1828—1829.

Nada póde exceder á belleza do logar em que nos achámos na manhã seguinte, quando a claridade permittiu distinguir os objectos. Eu muito ouvira elogiar sua formosura, mas a realidade excedeu á idéa que eu havia formado. Não se póde comparal-a á de Constantinopla, pois que são diversos os caracteres de ambas; é certo, porém, que aquella vence a esta na extensão, na magestade e no pittoresco. Provavelmente será algum dia o grande emporio de um paiz magnifico, destinado pela natureza a ser, cedo ou tarde, o mercado do universo.

De William Hadfield. *Brazil, the River Plate,* cap. IX.

Pela segunda vez entrei no Rio de Janeiro á noite, perdendo assim o ensejo de apreciar a proverbial formosura de suas circumvizinhanças. Poucos sitios do Novo-Mundo devem tanto á natureza; todas as combinações possiveis de vistas estão incluidas em tão magnifica perspectiva. A bahia é uma das mais bellas do mundo, e é tão segura que não se precisa de piloto para entrar e sahir, quer de dia quer de noite, pois não existe obstaculo que não possa ser evitado com facilidade.

Do illustre naturalista Carlos Darwin. *Viagem de um naturalista,* 1831—1836.

Que vista encantadora logo que se passa as collinas que encobrem a Praia-Grande! Que esplendidas côres! Que magnifica tinta azul! Como o céo e as aguas calmas da bahia parece disputarem qual eclipsará o esplendor um do outro!

Durante minha demora no Rio de Janeiro, eu habitei uma pequena casa de campo na enseada de Botafogo. É impossivel idear nada mais delicioso do que esta vivenda de algumas semanas em tão admiravel localidade.

De John Mawe. *Viagem ao interior do Brasil,* em 1809.

Nenhuma outra colonia dispõe de um porto tão bem situado como o do Rio de Janeiro, quer para o commercio com todas as partes do mundo, quer para a communicação com a Europa, a America, a Africa, as Indias Orientaes e as ilhas do Grande-Oceano. Esse porto parece cavado pela natureza para formar o élo que deve unir o commercio de todas as grandes divisões do globo entre si.

De Maurice Rugendas. *Voyage pittorèsque au Brésil,* I—16 e II— 3.

Talvez não exista em todo o universo senão o Rio de Janeiro, que offereça em suas paizagens bellezas tão numerosas e variadas, tanto na fórma grandiosa das montanhas, como em relação aos contornos das margens. Pela multidão de suas enseadas e de seus promontorios, reproduz-se uma variedade infinita de pontos de vista para a cidade, para as montanhas, para a bahia e suas ilhas, e até para o alto mar.

O Rio de Janeiro é, sob muitas relações, um dos pontos mais interessantes do Novo-Mundo; é o mais bello porto da terra, situado em um paiz que produz tudo o que é reclamado pelas necessidades physicas do homem, tudo o que o Estado póde pedir á natureza como condição de sua prosperidade. Examinando a posição da bahia sobre a carta, custa a comprehender como os primeiros conquistadores do paiz não o preferiram para estabelecerem-se n'elle, sendo necessario que um povo estrangeiro lhes advertisse sobre a importancia de tal posição.

De John Purdy. *The Brazilian navigator.*

A bahia, ou antes golfo do Rio de Janeiro, é muito espaçosa e uma das mais esplendidas do universo. Mede tres a

quatro leguas em differentes direcções, entre montes de magestosa elevação e coroados de rica verdura, terminando em doces declives, nos quaes assentam numerosas habitações. Plantações de todas as especies, formosas quintas rodeadas de arvoredo, multidão de ilhas cobertas de bosques adornam e diversificam a superficie e as margens d'este pequeno Mediterraneo; e não ha no globo residencia mais aprazivel, nem de aspecto mais bello e imponente.

Do distincto hydrographo Mouchez. *Les Côtes du Brésil.*

Não ha livro algum que, tratando do Brasil, não pague um justo tributo de elogios á belleza da bahia do Rio de Janeiro. Em relação á segurança do ancoradouro, extensão, aspecto pittoresco e facilidade de communicações, é com effeito uma das mais bellas que se conhece, em todas as estações; com rarissimas excepções, os menores barcos podem transitar sem perigo em qualquer direcção; em caso nenhum a correnteza é bastante rapida, nem o mar muito grosso para os embaraçar.

Entrando por S. E. ou por S. O. goza-se a vista da singular apparencia do *gigante deitado*, que tão vivamente impressionou os primeiros navegantes. A cabeça, especialmente, com seu perfil bourbonico, é perfeitamente desenhada pelas montanhas da Gavea, sendo os pés figurados pelo Pão d'Assucar.

Do Conselheiro José Feliciano de Castilho; poesia *A mão de Deus*, ao entrar no Rio de Janeiro em 1817.

Esta, dissereis, magestosa entrada
Do emporio do mundo!... Aqui se ostenta:
O que era tenue arbusto em longes terras,
arvore bryarêo fendendo as nuvens.
A pedra, que ao pastor fôra na Europa
humilde assento donde o fato olhasse,

eil-a ahi, em pyramide trocada,
mole, ingente, titanea! Em tenue oiteiro
houvereis visto lá, suave arroyo
na encosta mansamente espreguiçar-se;
aqui tornado caudaloso rio,
ou lago, ou cataracta, ou mar sem termo.
Além, ambito estreito encerra um porto,
um banco, uns grãos d'arêa, á flôr das aguas...
aqui, nem posso o circulo que abraça
trezentas ilhas, alcançar vaidosas!

Este, dissereis, o áddito pomposo
do emporio do mundo. Á frente avançam
sentinellas perdidas, temerosos
gigantes de granito: os olhos, d'elles
se inclinam para olhar abaixo, abaixo,
aereas regiões, onde as procellas
se geram, se desatam, se embravecem.

De Thomaz Ewbanck. *Life in Brazil.* Cap. 5.

A bahia do Rio é um dos mais seguros e bellos portos, apresentando a melhor disposição que é possivel formar com o auxilio das aguas. Tem cem milhas de circumferencia; é cavada no granito e cercada de montanhas com os cimos adornados de perpetua verdura; e, se não fôsse a abertura pela qual entrámos, dir-se-hia um lago hermeticamente fechado. Está salpicada por setenta ilhas, entre grandes e pequenas, algumas das quaes merecem o nome de ilhas dos Bemaventurados, por serem dignas de figurar como moradas d'aquelles espiritos virtuosos, que habitavam as encantadas margens do Mundo Occidental.

De La Baumelle. *L'Empire du Brésil,* 1823.

A importancia do Rio de Janeiro faz d'elle o centro das relações de uma immensa região.

Do illustre naturalista Agassiz. *Voyage au Brésil.* 26 e 16.

Para o porto do Rio de Janeiro se tem dirigido de preferencia a maior parte das expedicções scientificas, e por isso o naturalista encontra n'elle um interesse particular.

Hontem (23 de Abril—1865) tivemos, ao despertar, a agradavel noticia de estarem á vista as montanhas dos Orgãos.. . A paizagem foi-se tornando cada vez mais grandiosa, á medida que nos approximavamos da bahia, guardada de cada lado por altos rochedos de sentinella. Apenas transpuzemos o estreito portico formado por elles, desenvolveu-se a immensa bahia, estendendo-se para o norte a mais de vinte milhas, semelhando-se antes a um lago encerrado entre as montanhas, do que uma curva do oceano. . .

Se não estivesse atraz de nós a estreita porta atravez da qual avistavamos o alto mar, os navios fundeados e o constante movimento de embarcações que entram ou sahem, supporiamos navegar sobre uma superficie immensa e tranquilla de aguas interiores.

Dos dous sabios naturalistas João Baptista Spix e C. F. Phil. de Martius. *Travels in Brazil,* 1817-20, I, 122.

Com um dia sereno e vento favoravel, passámos o promontorio do Cabo Frio, e pouco depois avistavamos ao longe a nobre entrada da bahia do Rio de Janeiro. Rochedos alcantilados; figurando duas portadas, elevam-se perpendiculamente á direita e á esquerda da barra, sendo o do sul o Pão de Assucar, o bem conhecido guia dos navegantes desde longa distancia. Perto do meio dia, navegando entre os dous colossos de pedra, nos approximámos do encantador panorama que apresenta um enorme amphitheatro circumscrevendo um lago tranquillo como um espelho, dentro do qual estão disseminadas muitas ilhas floridas, com as praias orladas de bosques, e ao longe cadêas de montanhas,

formando o conjuncto um verdadeiro paraiso de pompa e de magnificencia.

Emquanto a fortaleza de Santa Cruz annunciava para a cidade a nossa chegada, singravamos para o interior, e nossos olhos se extasiavam com a formosura, variedade e esplendor, que excedem em muito a tudo o que n'este genero haviamos visto até então.

Dos autores da *Encyclopædia Britannica.*

Todos os viajantes são concordes em exaltar a grandeza surprehendente e a formosura da magestosa bahia do Rio de Janeiro. A estreita embocadura fórma uma barreira de granito, tão atrevida que parece uma brecha feita na serra, e provavelmente os primeiros navegadores passaram junto a ella sem supporem que ahi dentro houvesse um lago de tão immensas proporções. Completamente fechada pelo lado de terra e protegida dos furacões, apresenta perfeita segurança até para os botes, em todas as estações do anno; por cuja circumstancia, assim como por muitas outras vantagens que possue, é universalmente considerada como o primeiro ancoradouro do mundo.

De William Parish. *Buenos-Ayres y Rio de la Plata.* I.

Depois de uma feliz viagem de 40 dias, cheguei ao Rio de Janeiro em Fevereiro de 1824. Eu havia lido e ouvira referir com enthusiasmo as bellezas de sua magnifica bahia; porém minhas conjecturas foram excedidas. Nada ha na Europa que possa ser comparado com a paizagem esplendida e variada, coberta como a vi, com todas as pompas d'aquella maravilhosa vegetação que só se encontra nos climas intertropicaes.

Do escriptor portuguez J. de Andrade Ferreira. *Illustração Luzo Brazileira.* Maio 1856.

Como não se ha de sentir o viajante tomado de admiração,

á vista de todas estas maravilhas, que encantam a cada passo! Que são as nossas paizagens da Europa, miniaturas da natureza animada, ao pé d'estas audazes combinações em que a creação vegetal se produz e desenvolve com todo o vigor, com toda a força da seiva e arrojo da vegetação dos tropicos? É aqui, e só aqui, onde ainda o poeta encontra esses quadros da natureza primitiva, que elevam a idéa a toda a altura do poder do seu Creador.

Do botanico inglez Forbes. *Voyage of Capt William Owen.* 1822.

Transpondo a barra, o entendimento se arrebata diante de tanta magnificencia e belleza. A vasta extensão de aguas orlada de um verde resplandecente, numerosas enseadas e ilhas, a pujante vegetação que cobre os outeiros, a elevada cadêa de montanhas que se vai sumir ao longe, formam um quadro que mais parece fructo de imaginação poetica, do que uma realidade do globo terrestre.

De Sir Henry Ellis. *Journal of the late Embassy to China.* 1818.

Ao approximar-se da entrada da barra, a paizagem torna-se indescriptivel e sublime. As montanhas que formam um immenso amphitheatro, vistas de perto, constituem ilhas e promontorios ornados de vegetação; fortalezas, habitações isoladas, quintas e igrejas occupam differentes alturas; os olhos se elevam observando tantas e tão arrebatadoras combinações que apresenta este maravilhoso scenario, cujo effeito desafia qualquer pintura ou descripção.

De Max. Radiguet. *Souvenirs de l'Amérique.* Livro III.

O sol acabava de occultar-se atraz dos morros, uma luz tepida succedia ao grande esplendor do dia, deixando distinguir em uma perfeita pureza os melhores detalhes do espectaculo que se offerecia a nossos olhos, espectaculo

imponente e magestoso em seu complexo, arrebatador e g[illegible]a-cioso em suas minudencias. Era a immensa bahia circu[illegible]n-scripta por uma cadêa de montanhas de todas as fórmas e de todas as côres, estas elevando-se altivamente para o céo, aquellas perdendo-se ao longe em um cháos de nuve[illegible]s sombrias, umas cortadas como dentes de serra, outra[illegible]s planas como taboleiros, estas cobertas de rica vegetaçã[illegible], aquellas mostrando a intervallos a terra vermelha e o [illegible] rochedos cinzentos do seu arcabouço.

Do erudito Dr. Ferdinand Wolf. *Histoire de la Littérature Brésilienne.*

Acreditamos não poder concluir mais dignamente o nosso livro, do que transcrevendo a bella pintura da deliciosa bahia do Rio de Janeiro, feita por Mr. Varnhagen.

Do poeta portuguez João de Aboim. *Rio de Janeiro.* A entrada, 1851.

Vem nascendo a manhã, erguem-se á dextra
Em longas filas encadeados seixos
De corpo obelisco a surgir das aguas!...
Como é lindo este solo Americano!
Como as ondas ali deslisão mansas!
E de encontro aos rochedos, preguiçosas,
Vão-lhe as bases formar de branca espuma!

Como um lago indiano, arfando quieto,
Ali o Guanabara estende os braços,
Lambendo em praias as areias d'ouro
Com seu surdo rumor, como os arrulhos
Da meiga rôla na soidão dos bosques.

Vai seguindo o baixel. Á dextra eu vejo
D'aspecto multicór varios arbustos
Em morros desiguaes, em varias ilhas.
Do lado opposto em monte de verdura,
Em ramalhete de encantadas flôres,
Formada de marfim, se eleva a ermida
Á Gloria da Mãi, que sempre Virgem
O Christo Redemptor mandára ao mundo.

Princeza Americana, eu te saúdo!
Tu és bella cercada de teus montes,
Tu és bella dormindo á fresca sombra
Da mangueira gentil com pomos d'ouro;
São bellas as madeiras de teus bosques;
Tu és bella no cimo de teus morros
Á brisa da manhã sorrindo alegre;
Tu és bella na calma de teus rios,
Em as tuas florestas, em teus comoros;
Princeza Americana, és bella em tudo!

Do Dr. Yvan. Artigo da *Revista Popular* de 1 de Dezembro 1860.

De cima do navio, eu comtemplava essa terra mysteriosa e fecunda, que os sonhos de minha infancia me haviam antecipado em poeticas miragens. Um capricho da natureza desenhou no cimo das montanhas, á esquerda da barra, a fórma de um gigante deitado de costas. Tal symbolo não é mentiroso. Tudo é prodigioso n'esta terra, onde as arvores se elevam a cem pés acima do solo, onde os rios se assemelham a braços de mar e cujos portos são immensas bahias.

Do Conde de Suzannet (ou de Chavannes). *Souvenirs de voyages.*

Depois de algumas excursões pelos contornos da bahia e pelos numerosos arrabaldes, comprehende-se e partilha-se a admiração que sempre inspira a bahia do Rio de Janeiro. O contraste de uma vegetação tropical rica e variada, com uma natureza selvagem e agreste, tudo vos seduz e encanta. O mar, cujas aguas tranquillas estão semeadas de lindas ilhas, numerosos navios á vela e a vapor que o sulcam em todos os sentidos. O Pão d'Assucar que se destaca das outras montanhas; cada passeio vos faz descobrir novas e encantadoras paizagens, e o enthusiasmo iguala o prazer que se experimenta.

Do pintor francez Biard. *Deux années au Brésil.*

Eu passei muitas horas no alto do Castello, vendo sempre com admiração a immensidade d'esta bahia, com suas ilhas tão numerosas que a vista não póde abarcar todas. Depois de haver observado de um ponto por muito tempo, eu ia sentar-me, alguns passos mais longe, e sempre esse espectaculo era novo para mim.

Da viajante Ida Pfeiffer. *Voyage d'une femme autour du monde.*

Si se observar as chacaras ornadas de bellos palacetes campestres, as habitações elegantes e risonhos jardins que se vão perder, terminando o magnifico panorama, junto do Pão de Assucar; si se notarem ainda os numerosos navios ancorados no porto e nas diversas enseadas da bahia; a riqueza de uma vegetação luxuriante, o caracter verdadeiramente original do todo, ter-se-ha um quadro, cujo encanto a minha penna não póde descrever.

Do escriptor inglez Morrell. *Viagem á America.*

A bahia do Rio de Janeiro é talvez a mais bella do mundo, assim como é a mais vasta e segura; e se não fosse o calor da atmosphera, que ahi é incommodo, o paiz circumdante seria um verdadeiro paraiso. Quando o navegante deixa o turbulento dominio de Neptuno, para refugiar-se n'este asylo delicioso, quando elle ahi penetra, emfim, vê logo patentear-se diante de si um dos mais magnificos espectaculos que a natureza póde apresentar.

Do Conde de Castelnau. *Expédition dans l'Amérique du Sud.* Tom. I.

Nós admirámos a posição phantastica d'esta grande capital, emmoldurada por montanhas das fórmas as mai bizarras, e que se adianta pela bahia, vasta bacia onde s

reunem florestas de mastros com os pavilhões de todas as nações do globo.

De Andrew Grant. *History of Brazil.*

A bahia do Rio de Janeiro é uma das mais formosas que se conhece, e, na verdade, será muito difficil encontrar outra que a exceda em capacidade, ou apresente tanta segurança para embarcações de toda especie.

De Charles Mansfield. *Letters from Brazil and Paraguay.*

Este Rio de Janeiro é um logar magestoso, e, sobretudo, grandioso. O scenario é o mais bello que póde conceber-se. A magnificencia a mais severa acha-se alliada na mais perfeita harmonia com o mais delicado mimo de fórma e de côres.

Do muito conhecido abbade Gaultier. *Lições de Geographia.*

A cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Imperio, está assentada á beira da bahia de Nitherohy, uma das mais lindas do mundo.

Do astronomo Dr. Emmanuel Liais. *Climats et géologie du Brésil.* Cap. I.

As variações apparentes de fórmas mais ou menos caprichosas dos massiços montanhosos do contorno da bahia do Rio de Janeiro, constituem uma das maravilhas mais dignas de attrahir a attenção do viajante, no meio de tantas outras maravilhas de toda a especie, reveladas a cada instante pela observação de uma natureza tão esplendida por sua vegetação.

Dos professores Chauchard e Muntz. *Cours méthodique de Géographie.*

Acha-se situada a capital do Imperio do Brasil na margem occidental de uma das mais bellas e vastas bahias do

universo, semeada de muitas ilhas encantadoras e rodeada de magnificas montanhas.

Do escriptor francez Mac-Vernoll. *Le Monde Illustré.* 27 Novembre 1858.

É impossivel imaginar, sem o haver experimentado, o sentimento de admiração que se apodera do nosso espirito, quando, depois de transpôr a estreita garganta fortificada, se descobre o cinto de montanhas que envolve esta bahia, especie de lago maritimo. Esta bahia, que, além do enorme commercio de que o Rio é o centro, serve de estação de refresco á maior parte dos navios que se dirigem ao Pacifico ou ao mar das Indias, não recebe menos de cinco mil embarcações annualmente.

De Walthere de Sely-Longchamp. *Notes d'une voyage au Brésil.* 1875.

Quando se navega, como o fizemos na excursão a Paquetá, no meio da multidão de ilhas e ilhotas, de que a bahia é bordada, tem-se sob os olhos a natureza dos tropicos em todo o seu esplendor e pureza, em uma paizagem escolhida entre as mais maravilhosas, tal, emfim, como se desejaria figurar em sonhos; mas aqui a realidade em nada cede ás creações da imaginação a mais viva.

De S. Dutot. *France et Brésil.* Cap. I.

A topographia do Imperio Americano offerece mais de um phenomeno curioso; assim como a superficie do Brasil equivale a doze vezes a da França, tambem o volume de aguas do Paraguay, Paraná e Madeira é decuplo do que é despejado pelo Sena e Rhodano; quanto ao Amazonas está acima de qualquer comparação; finalmente, quanto á bahia do Rio de Janeiro, a acreditar no calculo de um celebre maritimo, ella iguala em superficie todos os portos do universo reunidos.

De J. L. Moré. *Le Brésil en 1852 et sa colonisation future.*

A cidade do Rio de Janeiro está edificada sobre uma peninsula no interior de uma bahia deliciosa e bastante espaçosa para conter muitas esquadras, por cujos motivos constitue um dos mais bellos portos que se conhece.

De N. X. (secretario da embaixada em 1835). *L'Empire du Brésil.*

Nunca esquecerei a impressão que me causou o aspecto da enseada do Rio de Janeiro, quando o nosso navio, impellido por fresca brisa, penetrou na immensa bahia, que com razão se affirma que póde conter os navios reunidos de todas as nações. Meus olhos se dirigiram primeiramente para as montanhas arborisadas de um effeito pittoresco, que rodeam a bahia ; depois eu não me fartava de contemplar a multidão de ilhas e ilhotas semeadas aqui e acolá. Finalmente, fundeámos no porto, e emquanto recebiamos a visita de saude, eu não me cansava de admirar este bello lago, sulcado por milhares de embarcações de todas as fórmas e grandezas, as grandes linhas d'esta paizagem, a vegetação abundante das collinas, a indizivel serenidade do ar e a pureza das aguas que reflectem este formoso panorama.

De Paulo Gaffarel. *Histoire du Brésil Français.*

Villegaignon e seus companheiros não pensaram no primeiro momento senão em contemplar a paizagem que se desenrolava a seus olhos, paizagem das mais esplendidas que possa idear a imaginação de um pintor ou de um poeta. A bahia do Guanabara, ou, segundo o nome mais moderno, do Rio de Janeiro, apresenta na verdade um aspecto encantador. Com o Bosphoro, em Constantinopla, o golfo de Napoles e a embocadura do Tejo, em Lisbôa, ha poucos sitios que lhe sejam comparaveis em magestade e graça pittoresca. A nossa bahia de Toulon se lhe assemelha, mas sob muito

menores proporções. Lery comparava as montanhas com as alturas do Jura, na Suissa, e a bahia com o lago de Genebra. As analogias são, com effeito, notaveis, porém só no Rio de Janeiro se encontra este céo eternamente azul, esta vegetação luxuriante, e esta prodigiosa variedade de fórmas e de aspectos.

De Adolphe d'Assier. *Le Brésil et la societé bresilienne.*

Por muitas vezes eu ouvira elogiar a belleza imponente da bahia do Rio de Janeiro; mas, acostumado de longa data a encontrar perfeito contraste entre a realidade e as narrações pomposas dos viajantes, não contava com o maravilhoso espectaculo que se me promettia. Entrei, emfim, na bahia em uma d'essas resplandecentes manhãs dos tropicos, e pela primeira vez achei o quadro acima das descripções: tão impossivel é á exageração humana lutar contra as exagerações da natureza! Figure-se uma immensa bacia rodeada por um cinto de montanhas cobertas da mais opulenta vegetação que seja dado ao homem imaginar, e ter-se-ha uma fraca idéa do que é a bahia do Rio de Janeiro.

Le Brésil contemporain.

Quando, depois de passar o Cabo-Frio, entra-se no mar interior que fórma a bahia do Rio de Janeiro, vê-se desenrolar um espectaculo tão seductor pela harmonia dos detalhes, quão imponente pelas proporções do quadro. No fundo a serra dos Orgãos desenha seus picos agudos, emquanto de suas ultimas ramificações surge um gigante de granito que parece guardar a bahia. Uma atmosphera fulgurante de luz e de indizivel serenidade permitte aos olhos seguir ao longe as ondulações dos morros, das florestas e de todos os accidentes da paizagem. Oasis de verdura se

elevam de todos os lados, offerecendo os mais graciosos contrastes, desde o rochedo, que brinca com as ondas, até á ilha do Governador com suas duas leguas de extensão.

De Henry Klumb. *Do Rio de Janeiro a Petropolis.*

Do alto da serra um panorama immenso, e de um aspecto verdadeiramente esplendido, encanta a vista; no extremo horizonte vê-se o Rio de Janeiro com sua bahia que o cinge e que é tão vasta que poucas são conhecidas que a igualem.

Do bibliographo Larousse. *Grand Dictionnaire.*

Não ha espectaculo mais grandioso e mais imponente do que a entrada da bahia do Rio de Janeiro. Esta bahia rodeada de altas montanhas coroadas de fortificações, está semeada de pequenas ilhas verdes e pittorescas, aformoseadas por uma natureza esplendida. A enseada do Rio é um dos mais bellos portos naturaes do mundo.

De F. Dabadie. *Atravers l'Amérique du Sud.*

Na opinião dos navegantes, a bahia do Rio de Janeiro é a mais bella que existe no universo. Quanto a mim, nunca esquecerei a emoção que senti no dia em que me foi permittido admiral-a. O sol dos tropicos espargia torrentes de luz sobre nossas cabeças, e matizava de mil côres as franjas de escuma que esmaltavam a praia. A brisa nos trazia o aroma embriagante das larangeiras, misturado com os perfumes que se exhalam das florestas vizinhas. No horizonte, além das ilhas que desabrocham no meio das vagas, a serra dos Orgãos fende o azul dos céos com as suas elegantes flexas. Mas de que serve tentar a descripção de maravilhas que nenhuma penna, nenhum pincel poderiam conseguil-o? A bahia de *Guanabara* nada perdeu ainda das magnificencias que attrahiam os marinheiros de Calais, de

Dieppe e de Honfleur, depois que ella trocou seu nome indigena pelo de *Rio de Janeiro.*

De H. Brackenridge. *Voyage to South-America.* Frigate *Congress.* 1817.

A multidão de navios, que a todo o momento entram e sahem do porto do Rio de Janeiro, dão idéa elevada de sua importancia commercial.

Logo que entrámos n'esse porto, um scenario magnifico desvendou-se á nossa vista. A enorme bacia, que difficilmente será excedida por qualquer outra do globo, assemelha-se a um extenso lago que se dilata magestosamente, bordado de altas montanhas, cujos dorsos ora se interrompem bruscamente acima das aguas, ora descem em suaves declives, formando estreitos valles e mil formosas enseadas e golfos de praias arenosas. Nas chapadas e nas abas dos montes estão edificados conventos, igrejas, bellos jardins e elegantes casas de campo pertencentes a portuguezes nobres que acompanharam a côrte, ou a negociantes inglezes que têm enriquecido em honrado commercio.

De Emilio de Laveleye. *Voyage de La Novara en 1867.*

Deixando a ilha da Madeira a fragata *La Novara* atravessou a linha e foi ancorar na bahia do Rio de Janeiro, a mais vasta, segura e bella de todo o globo terrestre.

De Bescherelle. *Dictionnaire de Geographie Universelle.*

A bahia do Rio de Janeiro contém uma multidão de pequenas ilhas e uma maior, recebe grande numero de rios pouco consideraveis, e fórma um dos portos mais bellos e seguros do universo.

De Ramière d'Elvas. *Beautés du Brésil.*

Em relação a portos, nenhum paiz do mundo foi tão favorecido pela natureza como o Brasil. O do Rio de Janeiro,

que póde conter todos os da Europa, é admiravelmente defendido por sua disposição propria. Esta bahia magnifica subdivide-se em uma quantidade prodigiosa de enseadas, e do seio das aguas surge uma multidão de pequenas ilhas.

Do Conde de La Hure. *L'Empire du Brésil.* Cap. IV.

A bahia do Rio de Janeiro é muito espaçosa e uma das mais bellas do mundo; altas montanhas cobertas de magestosa vegetação, e semeadas de casas de campo, a circumdam por todos os lados.

De Adrien Guibert. *Dictionnaire Géographique.*

E a bahia do Rio de Janeiro uma das mais formosas que existem; sua profundidade e extensão permittiriam, que ahi se reunissem todas as esquadras do mundo.

De E. Delessert. *Voyages dans les deux Océans.*

Nenhum paiz tem o porto tão bem situado para o commercio como o Rio de Janeiro. As relações d'esta capital tendem a crescer diariamente, e, dentro em pouco tempo, o Rio tornar-se-ha o centro das relações commercias com a Europa, a China, as Indias Orientaes e as ilhas do Pacifico.

Do escriptor portuguez I. Vilhena Barbosa. *Archivo Pittoresco.* Lisbôa, 1864, n. 15.

Na viagem da serra para Petropolis, as bellezas da paizagem tornam curto o tempo, e suave e veloz a corrida da diligencia. Ora são os bosques frondosos que vestem as encostas da serra, que mais prende a attenção; ora as torrentes, que se despenham formando ruidosas cascatas; agora é a cidade do Rio de Janeiro que alveja ao longe; logo é a sua formosa bahia, semeada de ilhas e rodeada de montanhas em que verdejam graciosas florestas de coqueiros.

Do Conde Charles d'Urzel. *Séjour et voyage au Brésil.* **Caps. I e XI.**

No dia 8 de Dezembro de 1873, á meia noite, entrámos no Rio de Janeiro. Experimenta-se, ao penetrar na bahia, uma impressão singular; o ar é tepido, embalsamado, e esta doce temperatura contrasta vivamente com a brisa do mar, cuja frescura desapparece. No dia seguinte, bem cedo, depois de pagar um tributo de admiração a esta bahia immensa, cercada de montanhas de contornos bizarros, de cristas quebradas, cobertas de brilhante vegetação, tomei um escaler e me fiz conduzir ao porto.

Em 22 de Julho de 1876 deixei a enseada do Rio de Janeiro. Confesso que não foi sem emoção, que eu vi apagar-se pouco a pouco, ao longe, este panorama que, para mim, resumia o Brasil e me recordava horas encantadoras.

De F. Michelena y Rojas. *Exploracion official desde el norte de la America del Sur.* 1855—59.

Depois de cinco dias de viagem, chegámos á bahia do Rio de Janeiro; sua vista, capaz de ser abrangida com facilidade e admiravelmente accidentada pelas ilhas, montanhas, rochas graniticas, pharóes, fortalezas, que formam a paizagem, é o mais agradavel possivel; e a sensação que se experimenta ao approximar-se á entrada do porto, occupado por centenares de navios de todos os portos e pavilhões, augmenta-se ao mais elevado ponto.

Do escriptor portuguez José de Torres. *Archivo Pittoresco.* **Lisbôa, 1857, n. 1.**

O porto do Rio de Janeiro é magnifico, todo matizado de ilhas encantadoras, e é uma das paragens mais apraziveis da terra, um dos melhores, mais frequentados e espaçosos portos do mundo; a barra é limpa de cachopos, e póde até fechar-se com uma corrente, como a de Havana; dentro

dá fundeadouro abrigado á maior esquadra do mundo. Póde considerar-se o ponto de reunião dos navios que navegam no Atlantico, como Marselha o é dos que frequentam o Mediterraneo.

De Thomaz Antonio dos Santos e Silva. *Brasiliada*, final do canto XII, descrevendo a viagem do Principe Regente, da Bahia para o Rio de Janeiro, em 1808.

. . . . . .
Panno ella solta! e mares dous rompendo
D'agua e pranto, de vento e de suspiros,
Sulcando vai ao Rio desejado,
Terra da Promissão, que um Deus benigno
L'havia decretado em seus diplomas.
. . . . . .
Já novos peixes, aves, gados, fructos,
De vario gosto, de matiz diverso,
Por toda a costa a vizinhança inculcam
Do novo Canadá, em cujo sólo,
Si o centro lhe profundam, são diamante
As pedras, ouro a terra, prata a areia;
E si lhe olham a vasta superficie,
São o cardo a farinha, a silva o assucar,
Jardins os matos, balsamos os lenhos!
. . . . . .
Salva a patria e o Deus salvo, aborda e entra
O Rio suspirado, a quem deu nome
O mez grato em que fôra descoberto:
Onde após de corrupto e de estragado
O antigo pelo corso furibundo
Eterna fronte erige ao Novo-Mundo,
Emquanto ali, servindo-lhe d'espelho
O seu lustre recobra o Mundo velho!

De Emilio Achilles Monteverde. *Manual Encyclopedico.*

O Rio de Janeiro tem um dos mais bellos portos do mundo, defendido por varias fortalezas.

De D. José Urcullú. *Tratado de Geographia.* Tom. III.

O Rio de Janeiro, chamado tambem *S. Sebastião*, ou simplesmente *Rio*, capital do Imperio, está em uma grande

bahia, que fórma um dos mais bellos portos da America; defendida por muitos fortes, dos quaes o de Santa Cruz, de Villegaignon e da ilha das Cobras, são os mais importantes. As suas vizinhanças são famosas pelos admiraveis quadros que offerece a natureza; devendo observar que a belleza da situação, a bondade do clima, e as riquezas vegetaes, mais do que a obra dos homens, é o que ahi chama a attenção do viajante.

Do Dr. Antonio Diniz da Cruz e Silva. *Elpino Nonacriense.* **Metamorphose I.**

Entre os soberbos montes, que formando
Em seu ameno dilatado seio,
Do Rio a graciosissima bahia,
Do mar, que em vagas muge, a furia quebram;
N'uma densa floresta que se eleva
De alcantilada serra sobre o cume
Ás altas nuvens, tinha seu alvergue
Tijuca, do Brasil formosa nympha.

De Maria Graham. *Journal of a voyage to Brazil, 1821.*

Do que tenho visto até hoje, nada é comparavel em belleza a esta bahia. Napoles, o estuario de Forth, o porto de Bombaim e Trinquemalo, que me pareciam um conjuncto de bellezas, todos juntos, têm de ceder a palma a esta, que excede a cada uma de um modo especial. Altas montanhas, rochas de columnas symetricas, luxuriantes bosques, florescentes ilhas, verdejantes prados, tudo isto reunido a alvas edificações, igrejas ou fortes que coroam os morros, navios fundeados ou em movimento, uma immensidade de vapores sulcando em direcções diversas, e um clima delicioso, porfiam em dar ao Rio de Janeiro a mais encantadora vista, que se possa imaginar.

Do capitão Ricardo Burton. *The Highlands of the Brazil.*

A bahia do Rio de Janeiro, como sua bella irman, a de Napoles, deve ser vista á hora do crepusculo. Mais encantadora é ella sob um céo ligeiramente sombrio, e que então uma atmosphera diaphana modifica a distancia com exquisita belleza; o céo azul torna-se perfeitamente brilhante; as nuvens mesclam-se de côres roseas e purpureas, sobresahindo as côres nacionaes: verde, vívida como a esmeralda, amarella brilhante como o ouro polido. Pela manhan, é sublime contemplar o nevoeiro que se levanta das montanhas e da superficie do mar; mais tarde, é verdadeiramente bello e esplendido admirar o scintillar das vagas á luz meridiana, quando a brisa fica impregnada com o perfume de mil flôres; mas, ao cahir da tarde, ha então repouso e graça nas sombras purpurinas que se espalham pelo céo.

De Horacio Say. *Relations commerciales entre la France et le Brésil.*

Depois de vencer a estreita entrada, assignalada ao longe pelo pittoresco Pão de Assucar, em logar de encontrar as apertadas margens de um rio, vê-se, ao contrario, desenvolver-se uma immensa bacia, cercada de altas montanhas e apresentando um dos mais bellos aspectos que existam no mundo. É o lago de Genebra invadido pelas aguas do oceano, no qual viriam sulcar os maiores navios, surgindo em seu interior ilhas risonhas, cuja verdura pende em grinaldas por cima das aguas. Esta vista póde rivalisar com as de Napoles e de Constantinopla; é a mesma opulencia, sob uma abobada celeste mais elevada, e talvez ainda mais pura. Encarada sob o ponto de vista commercial, a bahia do Rio de Janeiro offerece um porto natural perfeitamente abrigado, onde poderiam fundear ao mesmo tempo os navios de todas as nações do universo.

De Gilbert Farquhar Mathison. *Narrative of a visit to Brazil, 1821.*

Chegámos outra vez ao Rio de Janeiro no dia 4 de Agosto. Raras vezes se poderá achar perfeita similhança entre o clima dos tropicos e o das costas da Inglaterra; porém, sempre que a imaginação descobre traços iguaes, sempre que uma associação, ainda que longe, mas querida, são accidentalmente trazidas ao espirito, então o enthusiasmo e as alegrias do momento são duplamente apreciadas pela saudosa lembrança de dias felizes já passados. Taes eram minhas reflexões ao approximar-me d'este celebre porto; e eu ainda não havia desembarcado, quando a novidade do scenario, as feições caracteristicas de um paiz tropical, me fizeram cedo esquecer toda a reminiscencia de nossos campos do norte. Poucos sitios do Novo-Mundo devem tanto á mão da natureza como a bahia do Rio de Janeiro, na qual se encontra, em magnifica perfeição, todas as possiveis combinações que constituem um panorama pittoresco.

De Desobry et Bachelet. *Dictionnaire des lettres et des beaux-arts.*

Porto natural militar e de commercio, é o Rio de Janeiro um dos mais vastos e dos mais bellos do mundo; sua entrada tem 1.350 metros de largura, e é defendido por varias fortalezas e baterias.

De Fr. Agostinho de Santa Maria. *Santuario Mariano.* Tom. x.

É uma bahia segura, onde podem alojar-se não só todas as armadas de Portugal, mas outras muitas das mais nações, si pudessem frequentar aquelle porto, cujos reconcavos, ilhas, rios, saccos e enseadas, si quizeramos descrever, seriam necessarios muitos livros.

De Manoel Antonio Vianna Pedra. *Panorama* n. 159, de 16 de Maio de 1840.

O golfo do Rio de Janeiro é uma das paragens mais encantadoras da terra, e um dos mais frequentados, espaçosos e melhores portos do globo. As montanhas que em torno avultam, as pittorescas ilhas que marchetam a superficie das aguas, a espontanea vegetação que reveste as encostas, os copados coqueiros e verdes mangaes, que em muitos pontos se avistam, as chacaras que se descobrem, os campanarios e casarias que alvejam em fórma de amphitheatro, e as recordações historicas que se prendem ao local, tudo extasia o viajante que ali acaba de fundear pela primeira vez. Impossivel é pintar um quadro original da vista que offerece esta bahia, mais propria para se gozar, que para se fazer d'ella uma pintura.

De Edmond de Granges. *Dictionnaire du commerce et des marchandises.*

O porto do Rio de Janeiro é um dos mais bellos do mundo. Uma espaçosa bahia o penetra, e a sua entrada é bastante estreita para dar-lhe o caracter de verdadeira bacia; e esta é tão segura, que nenhum piloto se apresenta para guiar os navios, á sua chegada. A vista de Constantinopla ou de Napoles é menos bella do que a que se offerece aos olhos do viajante, quando vê desenvolverem-se os contornos recortados da vasta bahia,servindo-lhe de ornamento ilhas numerosas por todos os lados uma brilhante vegetação, deixando pender suas grinaldas até á borda d'agua, e o horizonte limitado por altas montanhas, cujos picos pyramidaes apresentam constante variedade de aspectos.

Dos redactores do *Dictionnaire universel du commerce et de la navigation.*

A cidade do Rio de Janeiro, capital do Imperio, está sobre a margem occidental da vasta e magnifica bahia do

mesmo nome. Tudo é arrebatador n'este paraiso tropical; a pittoresca disposição das collinas, o curso de pequenos rios com suas cascatas, o mar que recorta as praias com uma multidão de sinuosidades, e o ar embalsamado por uma vegetação sempre florida e resplandecente das mais vivas côres.

De William S. Auchincloss. *Ninety days in the Tropics.*

Comparada com a bahia de Napoles, a do Rio de Janeiro é melhor circumscripta; seus montes, comquanto não cheguem á altura do Vesuvio ou do Santo Angelo, formam um amphitheatro mais perfeito, de limites mais claramente definidos e adornados com a opulenta vegetação dos tropicos; e suas bellezas são tantas, que não podem ser abrangidas em um só golpe de vista. O aspecto geral da bahia é ainda realçado pela presença de muitas ilhas pequenas e enseadas em miniatura, de praias de alvissima arêa, de arrogantes rochedos cobertos de verdura, que, produzindo no viajante uma série de sorpresas deleitosas, o trazem em constante admiração.

De William Scully. *Brazil, its provinces and chief cities.*

O primeiro aspecto da bahia do Rio de Janeiro é, sem duvida, para o estrangeiro, o mais pittoresco possivel, com o seu recinto de verdes montanhas e declives cobertos de opulenta vegetação. Plantações de todas as especies, bellas casas de campo e muitas ilhas cultivadas, adornam do modo o mais variado a superficie d'este pequeno Mediterraneo; e não ha talvez, em parte alguma, outra paisagem tão imponente e graciosa. Observada á frouxa luz da manhan, a scena é arrebatadora de formosura; e, quando a neblina se dissipa aos fulgentes raios do sol, os olhos vagueam extasiados pela interminavel variedade de felizes combinações

que compoem um quadro de maravilhosa belleza, que em vão se procuraria descrever por palavras ou pela pintura.

De Pero de Magalhães Gandavo. *Historia da Provincia de Santa Cruz*, 1576.

A cidade está situada sobre um braço de mar que avança sete leguas nas terras com cinco de largura, e tendo apenas uma milha na entrada. É um dos portos melhores e mais seguros, podendo os maiores navios, com qualquer tempo, entrar e sahir sem perigo algum.

Do engenheiro inglez Henry Law. *Relatorio sobre melhoramentos do nosso porto*, 1858.

Está bem conhecido, que a bahia do Rio de Janeiro possue, com preeminencia, todas as qualidades naturaes que possam desejar-se na formação de um porto seguro, podendo n'ella entrar a toda a hora, e com qualquer tempo, embarcações da maior classe, sem que se torne necessario o auxilio de praticos, e estar fundeadas na mais perfeita segurança.

De A. Dupetit Thouars. *Voyage sur la frégate La Venus.* 1836—39, Vol. I.

A bondade, extensão e segurança da bahia do Rio de Janeiro, a facilidade que ahi se encontra para as provisões, assim como recursos para as reparações de qualquer natureza, a tornam um ponto de escala importantissimo para as esquadras e para o commercio.

Não ha porto melhor situado, nem mais conveniente, para um emporio geral de todas as producções do universo.

Lançando os olhos para o interior, de todos os lados descobrireis lindas casas sobre as praias, conventos e capellas sobre as montanhas e fortes sobre os rochedos; tudo isso disposto graciosamente, no meio de uma natureza encantada, desconhecida em nossas regiões, e cujo effeito não póde ser descripto.

De Vaillant. *Voyage sur la corvette Bonite.* 1836—37. Vol. I, cap. VI.

Todos os viajantes se comprazem em celebrar a belleza da bahia do Rio de Janeiro. Lendo-se suas descripções, acredita-se, que n'elles haja um pouco de exageração, apanagio proverbial dos narradores que chegam de longe. Entretanto aquelle que goza d'esse magnifico espectaculo, o acha muito acima de tudo o que os livros têm publicado.

É o privilegio das grandes bellezas da natureza; porque no esplendor harmonioso que as caracteriza, e no qual se revela o poder infinito do Creador, ha alguma cousa de imponente que penetra a alma de um sentimento ineffavel de admiração e de respeito, que nenhuma descripção poderia fazer comprehender.

Longe, pois, de mim a pretenção de enumerar todas essas bellezas e ainda menos descrever o effeito que resulta do seu complexo. Perguntai aos jovens, que na *Bonite* viam essas plagas pela primeira vez, quaes as suas impressões quando descortinaram estas costas favorecidas pelo céo. Elles haviam admirado, antes de partir, a bahia de Toulon, bella por sua extensão, por seu formoso céo de Provença, por seus numerosos navios, pelo aspecto pittoresco de suas margens; mas quanta differença entre essas duas bellezas!

De Laplace. *Voyage de la Favorite autour du monde,* 1830—32. Tom. IV.

Ás 11 horas da manhan, vindo em nosso auxilio a brisa de S. E., fômos ter ao meio das ilhas que precedem a entrada da bahia, sobre uma das quaes se eleva o soberbo pharol que nos havia guiado durante as duas noites precedentes... Quem não conhece a historia d'esses Estados, formados dos fragmentos do poder hespanhol e portuguez na America? Como é possivel, que minha narração veridica, mas sem ornatos, consiga agradar depois dos trechos de prosa poetica

tão brilhante, em que muitos de nossos distinctos litteratos têm pintado a magnifica posição do Rio de Janeiro?

De Carlos Van Lede. *Geologia de Santa Catharina.* Rev. Tr. do Inst., 1845.

Não descreveremos a bahia de Santa Catharina, mas no fim do volume acharão um plano hydrographico d'essa magnifica bahia, que quasi rivalisa com a do Rio de Janeiro, a melhor que se conhece.

Do Magasin Pittoresque. *Journal de Juillet, 1856.* Tom. XXIV.

O porto magnifico do Rio de Janeiro, adornado de ilhas encantadoras, foi conhecido pelo nome de França Antarctica, que, em 1557, lhe foi conferido por Thevet e Villegaignon, quando este fundou ahi uma colonia que não excedeu de 1567. Os Tamoios, habitantes primitivos da bahia, davam-lhe a denominação mais exacta e mais harmoniosa de *Nitherohy*; mas, apezar d'isso, Thevet, Hans Staden e Lery adoptaram a de *Guanabara*, dada pelos indigenas á porção d'ella onde se edificou depois a cidade, e estenderam essa denominação ao resto da bahia. D'este porto diz-se, com razão, que é o *rendez-vous* do Atlantico, assim como Marselha é o do Mediterraneo.

De D. José Thomás Guido. *Recuerdos del Janeiro.* Rev. Litt. de B. Aires. Julho, 1874.

Em 12 de Julho de 1841 cheguei ao Rio; meu pai ia representar a Confederação Argentina no acto da coroação. Torrentes de luz envolviam o mar e as montanhas que circumdam a bahia encrespada por ligeira brisa; a cidade nos parecia um amphitheatro caprichoso que comparavamos a esses *presepes* que haviamos visitado em nossa infancia. As ondas fulgiam com tintas em que se confundiam o verde, a prata e o ouro. As linhas, umas claras, outras

vaporosas, de uma vegetação tropical, suavisavam o esplendor de um quadro indefinivel, mas que só se póde sentir intimamente aos 20 annos.

De D. Diego Barros Arana. *Viagens de Fernando de Magalhães.*

Por algum tempo se acreditou, que fôra Magalhães quem primeiro descobriu a formosissima bahia ; mas ficou demonstrado depois, que, desde 1511, era conhecida dos Portuguezes, que lhe davam o nome de bahia de Cabo-Frio.

De J. P. de Oliveira Martins. *O Brasil e as colonias portuguezas.* Liv. I, § V.

O governador, a quem de Portugal tinham chegado reforços, partiu para o sul (1565), e as tropas combinadas do governo e das missões expulsaram de todo os Francezes. Fundou-se então (1567) o Rio de Janeiro. Metade do Brasil estava salva e lançadas as bases da futura prosperidade de todo elle, com a posse da grande bahia do continente austral, sendo Mem de Sá o Affonso Henriques d'essa nação nova.

Do Dr. Domingos Bernardino de Almeida. *Discurso. O Globo* de 23 de Setembro de 1881.

A primeira impressão recebi-a ao chegar a este porto antes do sol posto do dia 23 de Agosto de 1855 ; a sombra das montanhas da costa projectava-se sobre a immensidade das aguas, ennegrecendo-as e emprestando-lhes um aspecto lugubre ; o meu coração contrahiu-se ; mas, á proporção que transpunhamos a barra, a deslumbrante perspectiva da bahia offuscou-me a vista e desanuviou-me o coração ; fiquei como que estatico e absorto no meio do panorama mais formoso e encantador que havia presenciado em toda a minha vida.

Do Dr. Charles Corbisier. *Voyage aux deux Amériques.*

Partindo de Buenos-Aires a 30 de Setembro de 1879, vimos, cinco dias depois, apparecerem no horizonte as primeiras terras brasileiras sob a fórma de altas penedias... De repente o navio contornêa um immenso rochedo conico, o *Pão d'Assucar*, e a bahia do Rio de Janeiro subitamente se desdobra a nossos olhos. Não creio, que o olhar humano possa contemplar espectaculo mais bello. Achámo-nos no seio de uma immensa bahia, onde todos os navios de guerra de todas as nações do mundo poderiam navegar á vontade, e sem piloto, n'esse vasto estuario... De todos os lados ilhotas; em toda parte navios, mastros, pavilhões; e, por sobre tudo isso, um sol esplendido, desconhecido nas nossas brumosas regiões, derrama na natureza ondas de luz incomparavel.

De Charles Wilker. *Narrative of the Exploring Expedition* 1838-42.

Na tarde de 23 de Novembro, com vento fresco do sudoeste, e com todo o panno fóra, penetrámos no magestoso porto do Rio de Janeiro.—Nossa attenção foi primeiramente attrahida pelas altas, fantasticas e abruptas montanhas da Gávea, Pão de Assucar e Corcovado que ficavam á nossa esquerda, emquanto á direita tinhamos a soberba fortaleza de Santa Cruz—ante nós a cidade de S. Salvador com as de S. Domingos e Praia-Grande defronte; no meio d'ellas estendiam-se as ilhas e os navios que serviam de ornamento a esta bellissima extensão d'agua.Taes objectos, tendo por fundo os pincaros da serra dos Orgãos, formam uma scena que difficil é indicar-se o meio de tornal-a mais linda. A vida e o movimento creados pelo avultado numero de navios, botes e vapores de varias fórmas, passando e repassando, dão grande animação ao quadro.

De Warner and Harry. *The Brasil Pilot.*

Esta bahia é uma das mais formosas da terra. É muito frequentada pelas esquadras e navios que demandam as Indias, que ahi se vão abastecer de agua e todo o necessario, para cujo fim não ha porto mais favoravel em toda a costa do Brazil.

IX

HOMENAGEM PRESTADA POR ESCRIPTORES NACIONAES

De Sebastião da Rocha Pitta. *Historia da America Portugueza.* Tom. II, § 89.

A sua barra, em cuja entrada se levantam dous altos penhascos, é notavel, porque estreitando-se na boca ao breve espaço de meia legua, vai ao mar formando um golfo de 24 de circumferencia e 8 de diametro, em que estão muitas ilhas, umas cultivadas com engenhos e lavouras, outras incultas e todas formosas. Pela parte opposta á cidade vai acompanhando o golfo uma muralha natural de asperos rochedos, que vão formando, na differença de suas perspectivas, um Prothêo de figuras várias e uma bem ordenada confusão de objectos espantosos aos olhos e difficeis á conquista.

Do padre Ayres de Cazal. *Corographia Brasilica.* Tom. II.

A provincia do Rio de Janeiro recebeu o nome do magnifico porto de sua capital. Este é, entre todos os da America Meridional, aquelle a que mais propriamente quadra o nome de *bahia*. A sua pittoresca entrada aberta ao sul, é repartida em duas, pouco desiguaes, pelo ilhéo da Lage ; tem grande numero de ilhas e fundo para recolher muitas e numerosas armadas.

De Balthazar da Silva Lisbôa. *Annaes do Rio de Janeiro.* Tom. I, §§ 50 e 54.

Não a podiam vêr os francezes fóra de sua magestosa posição, formada pela natureza para o maior dos imperios. Do mar, em grande distancia, se avista o monte da Gávea, que representa um gigante, hyerogliphico do seu poder e prosperidade... Era bem fundada a espectação de Villegaignon, denominando o paiz *França Antarctica*, reconhecendo, pela posição magestosa de sua foz, a grandeza e futura prosperidade de tão admiravel localidade.

De Fr. Francisco de S. Carlos. Poema *A Assumpção da Virgem.* Cant. VI.

A cidade que ali vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genios, que assi o quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado,
A feira do ouro, o emporio frequentado,
Aptissimo ao commercio; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.

Do marechal Raymundo José da Cunha Mattos. *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará.*

A bahia do Rio de Janeiro é conhecida no universo como um dos mais extensos e seguros abrigos de embarcações innumeraveis e de todos os lotes. Está rodeada de montanhas e recebe muitos rios; parece um immenso reservatorio de agua que forçou a passagem por aquella abertura, deixando em secco as terras, até ás abas das montanhas que o rodeavam.

De Fr. José de Santa Rita Durão. *Descobrimento do Brasil,* estrophe 35.

Nictheroy dos Tamoios habitada,
Por largas terras seu dominio estende,
Famosa região pela enseada
Que uma gran barra em si comprende.

Esta praia dos vossos frequentada,
Que pomo de discordia entre nós pende,
Custará, si presago não me engano,
Muito sangue ao Francez e ao Luzitano.

Do Visconde de Porto Seguro, F. (A. Varnhagen.) *Hist. Geral do Brasil.* Tomo 1°. Secç. XIX.

É o porto que por um notavel engano chorographico se ficou chamando *Rio de Janeiro*, um verdadeiro seio do mar, que sem exageração podia conter em si todos os navios que hoje em dia cruzam os oceanos, ou fundeam em seus ancoradouros. É mais que uma enseada ou simples lagamar; é um grande golfo, ou antes um pequeno mar mediterraneo, que por um exiguo estreito se communica com o Atlantico; é um prodigio da natureza, tal, que aos mesmos que o estão admirando lhes está parecendo fabuloso. Não ha viajante, antigo ou moderno, que não se extasie ante uma tal maravilha do Creador. Os que têm corrido os emporios do Oriente, visto as scenas do Bosphoro, admirado os contrastes da deliciosa bahia de Napoles, todos são unanimes em reconhecer que, esses considerados portentos da hydrographia, ficam a perder de vista, quando se comparam aos que ora temos prezente.

Do Marquez de Paranaguá, (Francisco Villela Barboza.) Cantata *A Primavera.*

Lá onde em tuas margens, patrio Rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Passe o sidereo Capro o verde esmalte,
E de teus crystaes bebe a onda pura,
(Meta antiga do sol, centro hoje de outro,
Cujo lucido imperio abrange os polos)
Com providente mão a natureza
O asylo preparou da primavera.
Ali não murcha a rosa, ali os troncos
De flores sempre novas se atavião.
. . . . . .
. . . . . .

Os arbustos, os platanos florescem
Com seu halito doce perfumados;
E os vergineos botões, abrindo os labios,
Com pudibundo riso se franqueam
Ao pranto creador da madre aurora.

De A. F. Dutra e Mello. Poesia *A Patria.*

. . . . . .
E tu, meu caro Rio de Janeiro,
Que em teu golfo de anil fortificado,
Que, de tuas montanhas guarnecido
Dominas soberano
Na immensa região de Santa Cruz;
Tu, principe das aguas, solo amado,
Que me viste nascer, e que em teus braços
Morrer ver-me-has ainda;
Jámais de mim, sequer um só momento
Esquecido serás. . . . . .

Do Conego Januario da Cunha Barboza. Poema *Nictheroy,*

. . . . . .
Aqui se afundam lagos, rebalçando
Estôfas, negras aguas somnolentas,
Que habitam bronzeos jacarés e monstros
De horrendo e torvo aspecto; d'ali surgem
Escarpados rochedos, em qu'as ondas
Rebentando furiosas o ar atroam,
Mugindo horriveis, revolvendo as costas.
Altas serras do norte ao sul prolonga
Sobre as nuvens erguendo-se azuladas;
Recortados penedos lhes guarnecem
Mil cabeços, que os céos roçando afrontam,
De guerreiros, merlões vestindo os muros.
. . . . . .
. . . . . .
Fechadas selvas cobrem amplos valles,
Donde avultam mil ingremes castellos
Subindo de uma e de outra parte ás nuvens.
Urram tigres furiosos, que retouzam
Nas horriveis cavernas, abalando
Pedras, troncos, rochedos, valles, rios.

De Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa. *A Independencia Brasil.* Canto VII. 68 e 75.

Rolando o mar por entre ampla abertura,
Rompe a barra entre montes ao *Janeiro!*
Com que graças a prodiga natura
Tornou este lugar tão prasenteiro!
É a entrada extensissima e segura,
D'este tão vasto porto hospitaleiro.
De ledices, encantos e belleza,
Se empenhou em adornal-o a natureza.

D'ahi vai para o norte destendida
Essa que ao estrangeiro deixa absorto.
De Nictheroy bahia, conhecida
Talvez pela do mundo melhor porto!
Seu nome quer dizer—agua escondida—
Porém outros suppõem seja—mar morto—;
Assim pois, *Nictheroy* ou *Guanabara*
Destes climas o incola chamára.

Do Visconde de Araguya. (Dr. Domingos J. G. de Magalhães). *A Confederação dos Tamoyos.* Canto VI.

Nictheroy! Nictheroy! como és formoza!
Eu me glorio de dever-te o berço!
Montanhas, varzeas, lagos, mares, ilhas,
Prolifica natura, céo ridente,
Leguas e leguas de prodigios tantos,
N'um todo tão harmonico e sublime,
Onde os olhos verão longe deste Eden?
. . . . . .
. . . . . .
Contemplando esse mar que em flôr se quebra
Nessas longinquas praias e enseadas,
Que recortando vão da terra as orlas,
Como uma argentea franja abrilhantada;
E esses continuos montes verdejantes,
Que o vasto Nictheroy cingem e fecham
Como em profundo lago, salpicado
De graciosas ilhas. Ah! disseras
Um pedaço de céo cheio de estrellas,
Guardado entre muralhas d'esmeraldas!

Do Barão de Santo Angelo (Manoel de Araujo Porto Alegre.) *Brasilianas.* Cantos I e II.

Vi dez solios; oitenta e seis cidades,
No mundo visitei peregrinando
Vi as do engenho humano maravilhas
Pelas artes creadas em mil annos
. . . . . .
Mas meus olhos não viram quem te iguale
Divina Guanabara, em teus encantos!
. . . . . .
. . . . . .

Não! eu não exagero! aos céos o juro,
Aqui junto dos céos: a Natureza,
Ao receber o toque sublimado
Do pomposo ademan com que a ornára
A mão do Creador, disse, espelhando-se
Nos céos, na terra e de si mesmo ufana:
—«Serás, ó Guanabara, sempre e sempre
«O brilho de meus olhos, e o sorriso
«Da terra quea belleza no universo.»

Do Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *Noções de Chorographia do Brasil.* 1ª parte.

A immensa e magnifica bahia de *Nictheroy*, de *Guanabara*, ou do Rio de Janeiro, é a ufanosa rival de Constantinopla em belleza e a ella muito excedente em grandiosa magestade. A sua entrada tem um nome, *sublime!*—que exclusi o lhe pertence...

Pela sua afortunada situação geographica e pelas inexcediveis condições favoraveis que reune, a bahia do Rio de Janeiro sobre todas as outras da America e do mundo se avantaja; e ainda no seu seio, coração de opulencia, vem abrir-se numerosos, embora pequenos, rios e ribeiros, veias de riqueza, que se prestam á navegação por barcos e canôas em milhas de distancia, e que alimentam extensissimo commercio.

De José Albano Cordeiro. *Ostensor Brasileiro.* 1845.

Da soberba e magestosa bahia de Nictheroy fallam com enthusiasmo e saudade quantos, uma vez ao menos, tiveram a felicidade de sulcar suas mansas aguas, apreciar-lhe a extensão, e admirar tantas formosuras; entre os admiradores, um despreza tudo por mover-lhe a attenção o arrogante colosso que lhe jaz na foz; outro repara no afan commercial e nas riquezas da capital do Imperio; áquelle, mais poeta, perdem-se-lhe os olhos namorados na aldeã-fidalga Nictheroy; qual mede a altura das proximas e alongadas serras; qual deseja reunir todas as bellezas em uma só, para devoral-as!

De Joaquim Norberto de Souza e Silva. *Revista Popular,* 20 de Junho 1859.

Os Tamoios foram entre todos os povos primitivos do Brasil, os que mais se distinguiram no cultivo da poesia, e eram elles por ventura os que habitavam a mais poetica de todas as situações do paiz. Sob o pomposo e magnifico céo do Rio de Janeiro, ante as scenas portentosas de sua natureza, á vista de sua esplendida, pittoresca e risonha bahia, só não seria poeta um povo estupido, destituido de toda a intelligencia.

Modulações poeticas

Que scena para os olhos! Como alegres
Estes valles não são, estas montanhas,
E os longos serros que nos céos se perdem
E se dilatam por extensos plainos!
Que vasto mar assetinado e quêdo
Sereno reflectindo a flôr mimosa
Do céo azul e rubido horizonte!
. . . . . .
Oh! poesia, enlevo da existencia!
Aqui te reproduzes, aqui fallas,
Eloquente qual és, qual és donosa,
Oh poesia, enlevo da existencia!
Estes teus quadros são, estes me encantam.

Do padre Luiz Gonçalves dos Santos. *Memorias para a historia do Brasil.* Tom. I.

Martim Affonso, julgando á primeira vista ser um grande rio o braço de mar, que entrando pela terra dentro fórma esta tão bella e magnifica bahia, deu-lhe o nome de Rio de Janeiro, que impropriamente conserva até hoje.

Do Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. *A bahia do Rio de Janeiro.*

É esta bahia uma das mais amplas, bellas e seguras do mundo; sua profundidade dá á barra entrada franca a navios do maior calado, e sua extensão póde dar abrigo á marinha de todas as nações. Bafejada por ventos moderados, que movem brandamente as aguas, enfeitada de ilhas de differentes tamanhos, e formosas todas, cercada de collinas e montes cobertos de vegetação esplendida, que se reflecte nas aguas d'este mar, que parece um lago, defendida por fortalezas, que sobre os muros esbranquiçados deixam vêr o campanario das capellas que santificam essas obras de arte, habitada por nuvens de gaivotas, coalhada de navios de todas as nações e de todos os tamanhos e feitios, banhando duas cidades, uma metropole do Imperio, outra capital da provincia, e tendo como sentinella eterna de sua entrada um rochedo escarpado, ali postado para servir de guia aos que buscam este golfo tão cheio de poesia e belleza, é a bahia do Rio de Janeiro de um aspecto deslumbrante e encantador.

Do Dr. José Maria Velho da Silva. Romance *Gabriella.*

Dotou a natureza com prodigalidade este Rio de Janeiro, rasgando-lhe uma entrada magestosa e collocando ali uma sentinella de granito, que reina como soberano, coroado de nuvens e tendo a seus pés, como tributaria, a formosissima bahia da placida e somnolenta Guanabara. Deu-lhe as terras

chãs, feracissimas e fructuosas, banhadas em torno pelas aguas da mesma Guanabara, que estende os seus domínios por ahi além, e as montanhas recortadas e phantasticas, com suas quebradas arrojando catadupas, e os montes todos cobertos de vegetação basta e verde-negra; e tudo grande e convidativo, esperando a mão do homem para colher e lograr tão grande cópia de opulencias.

Do engenheiro Dr. A. V. de Borja Castro. *Descripção do porto do Rio de Janeiro.*

Enormes massas de granito se erguem de um e outro lado da boca da barra, seguindo-se duas magestosas cortinas de montes que circumdam as enseadas de Botafogo e do saco da Jurujuba. Estes montes terminam em pontas agudas, escabrosas e ennegrecidas, as quaes muitas vezes são envolvidas por nuvens, emquanto que as fraldas ostentam frondosa vegetação, o que dá á bahia do Rio de Janeiro um aspecto de magestosa sumptuosidade.

De A. Diodoro de Pascual. *Ensaio critico.* Leitura IX.

Raro é o viajante, que, á vista da grandiosa bahia do Rio de Janeiro, não prorompa em enthusiasticas homenagens á primeira maravilha da America, e quiçá do globo, a este respeito. A magnificencia severa de sua entrada apaga na mente dos estrangeiros as reminiscencias de Byzancio a antiga, de Stambul a moderna, de Napoles a voluptuosa, de New-York a commerciante, e de quantas enseadas abrigam baixeis, nos mares que banham os continentes e as ilhas da terra.

De Casimiro de Abreu. *As Primaveras.* A voz do Rio.

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céo azul!
— Ai! por que deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul?

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céo azul!
— Tupá! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul?
Nossas campinas, como doces noivas,
Vivem c'os montes sob o céo azul!
— Ha vida e amores n'este patrio ninho
Mais rico e bello que os vergeis do sul!
. . . . . .
Eu, Guanabara, no meu longo espelho
Reflicto as nuvens d'este céo azul;
— Oh! minha filha! acalentei-te o somno,
Por que me deixas p'ra viver no sul?
Mas, si forçoso te é deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
Oh! minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céo azul.

Do conselheiro Dr. João Manoel Pereira da Silva. Romance. *Aspasia.*

Elle via a enseada deslumbrante da soberba Nitherohy, rodeada de rochedos artisticamente desenhados, dominada de um lado pela cidade do Rio de Janeiro, e do outro pela capital da provincia, aqui mostrando quintas e panoramas variados da natureza, ali golfos mimosos e fortalezas levantadas para a defesa, mais adiante a vida animada do commercio, representada pelos mastros sem numero de navios de todos os tamanhos, qualidades e paizes.

De Luiz Nicoláo Fagundes Varella. *Cantos Meridionaes.*

. . . . . .
Adeus! Adeus! Nas cerrações perdida
Vejo-te apenas, Guanabara altiva,
Molle, indolente, á beira-mar sentada
Sorrindo ás ondas em mudez lasciva.
Mimo das aguas, flôr do Novo-Mundo,
Terra dos sonhos meus,
Recebe asinha no passar dos ventos
Meu derradeiro adeus!

Poemeto *Diario de Lazaro.*

Predilecta de Deus, augusta imagem
Da terra promettida, asylo e templo
Da eterna liberdade ! Eis-me de novo
Em teu seio sagrado, ó minha patria !
Oh ! esplendida America ! Eis-me de volta ;
Terra de Santa Cruz, quanto és formosa !
Quanto és formosa, altiva Guanabara !
Como a noiva do rei, o sol do estio
Tisnou-te as bellas faces, e o sereno
Molhou-te as tranças negras, e suspiras
Mollemente inclinada á beira d'agua !
As estrellas namoram-te do espaço,
Lambem-te os pés as vagas gemedoras,
E, arredados de ti, velam attentos
Os filhos do diluvio, horrendos monstros,
Em cujos dorsos, emulos do bronze,
Do raio a chamma ha laborado embalde !

Do general J. I. de Abreu Lima. *Historia do Brasil.* Cap. III, § 1º.

O Rio de Janeiro apenas contava em seu seio (no anno de 1580) um estabelecimento começado ; mas era tal a sua fertilidade e tão admiravel a magnificencia da sua bahia, que podia presagiar-se a sua futura grandeza.

Do Dr. Cassio de A. Farinha, redactor da *Patria. A Patria,* de Montevidéo, 1 de Outubro de 1880.

Á 1 hora da tarde, todos os passageiros invadiram a parte superior do navio, desejosos de apreciarem as mil bellezas que encerra a pittoresca bahia do Guanabara. As perguntas, as exclamações, os gritos de alegria trocavam-se de todos os lados, e ouviam-se da boca dos Argentinos e Orientaes as expansivas palavras pronunciadas em eloquente arrebatamento : *Qué bello pais del mundo! Qué esplendida naturaleza!* Os Francezes tambem acompanhavam esse côro com seus enthusiasmados : *Ça enchante ! C'est bel!*

Da poetisa rio-grandense D. Delfina Benigna da Cunha. *Á chegada de S. M. Fidelissima a Sra. D. Maria da Gloria.*

Alça Neptuno a fronte coroada
De verde musgo e de coral ramoso,
E ao Nictheroy saudando respeitoso,
Bemdiz do Rio a sorte afortunada.

Do Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Canção *Ao vice-rei Luiz de Vasconcellos,* em 1785.

Receba o vasto mar no curvo seio
Os marmores talhados ;
O amoroso delfim, o tritão feio
Respeitem temerosos e admirados
A muralha, onde Thetis quebra a furia,
Do maritimo Jove eterna injuria.
Ao ar se eleve torre magestosa,
Thesouro amplo e profundo,
Das riquezas que envia a populosa
Europa e Asia grande ao Novo-Mundo,
Por quem soberbo, oh Rio, ao mar te assomas,
Tu que do mez primeiro o nome tomas.

De Antonio José Victorino de Barros. *O almirante Visconde de Inhaúma,* ultimo capitulo.

No dia 18 de Fevereiro o embandeiramento do morro do Castello indicava, ás 6 1/2 da manhã, que o debellador de Curupaity, Humaitá, Timbó, Tebiquary e Angostura, o esmagador dos grilhões do Paraguay, o franqueador de suas aguas, demandava na *Nictheroy* de madeira a magestosa Nictheroy dos Tamoios e Aimorés.

Do conselheiro José de Alencar. Alfarrabios *O Ermitão da Gloria.*

Embora expulsos das terras da Guanabara, e destruida a nascente colonia, não desistiram os francezes do intento de se assenhorearem de novo da magnifica bahia, onde outr'ora campeára o forte Coligny.

Cartas sobre a *Confederação dos Tamoios,* VII.

Quem quizer julgar o Sr. Magalhães na descripção do Brasil, que se acha em diversas partes do seu poema, basta

lançar um olhar pela magnifica bahia do Rio de Janeiro, ainda semeada de algumas ilhotas incultas, e reflectir sobre o aspecto d'essa natureza, quando virgem e selvagem.

De Salvador de Mendonça. *Carta-prefacio aos Quadros de Joaquim Serra.*

Em bôa hora veio o teu colloquio. Praticamos no meu retiro, e não sei si sabes, o rei das Hespanhas não o tem melhor. A um lado o mar, o mar azul da nossa bahia, as penhas formosas da Itapuca, a praia em semi-circulo correcto, como se o traçára o raio visual de alguma calma divindade grega. Aos outros lados as montanhas distantes, os outeiros proximos, o valle extenso, e sobre uma eminencia as poeticas ruinas da igreja colonial, monumento da crença que morre, padrão dos tempos de ardente fé popular.

Do Dr. Ladisláo Neto. *Investigações sobre o Museu Nacional.*

O Rio de Janeiro, estação de reparo e de abastecimento para as grandes viagens de circumnavegação, era então, como tem sido, e será por longos annos talvez, o ponto de estudo mais importante e mais bello da America Meridional aos olhos de todos quantos admiram, por sentimento e razão, as magnificencias e galas da natureza.

Do Dr. R. L. Vieira Souto. *O melhoramento da cidade do Rio de Janeiro.*

Situada quasi no meio da extensa costa do Brasil, á entrada da mais bella bahia do globo, bafejada diariamente por uma aragem branda e pura, proxima, e por assim dizer, centro de uma extensa zona de terrenos de inacreditavel uberdade, e, mais que tudo, séde do governo de um vasto e prospero paiz, o Rio de Janeiro está destinado a occupar, em futuro não muito remoto, um dos

primeiros, senão o primeiro lugar, entre as grandes cidades do mundo.

Do Dr. **Aarão de Carvalho Reis.** *Gazeta de Noticias,* de 28 de Janeiro de 1881.

Situada em meio da nossa extensa costa maritima, e quasi á igual distancia dos pontos extremos, tem a cidade do Recife, por sua posição geographica, uma importancia commercial, em que só póde ser avantajada, no Brasil, pela do Rio de Janeiro, graças á esplendida bahia em que se espelha esta.

De **Domingos Manoel de Oliveira Quintana.** *O Pai e o Filho,* romance.

Ninguem póde encontrar em uma madrugada espectaculo mais bello do que o aspecto encantador da bahia do Rio de Janeiro. Pequenas embarcações cortam as ondas em diversas direcções, o Pão de Assucar parece um solitario meditando ante as montanhas, os montes parecem enfumaçados, as fortalezas mal se distinguem; o sol nasce; e, por cima de tudo isto, um céo azul, sereno e bello, um céo sem igual.

De **Carlos Augusto de Sá.** *O Guaraciaba* n. 23, de Fevereiro de 1851.

. . . . . .
Em frente á face minha o Pão de Assucar
Ergue soberbo a cupola escalvada
Ás regiões do céo.
A um lado Nictheroy quêda repousa,
De sombras rodeada, envolta em dobras
De ennegrecido véo.
Vejo á dextra a collina verdejante
Da Senhora da Gloria, onde seu templo
Se alevanta gentil;
E tão bello nas aguas se revendo,
Nas aguas da formosa Guanabara
De purissimo anil.

Do bispo d'Elvas (D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho). *Ensaio economico sobre o Comm. de Portugal.*

O Rio de Janeiro está situado, como Lisbôa, á borda do mar, que, entrando por uma barra estreita, se póde fechar com uma cadêa, mas é muito funda e sem algum perigo, nem cachopos; fórma dentro uma enseada tres vezes maior do que a do Tejo, capaz de n'ella ancorarem grandes armadas de guerra, abrigadas de todos os ventos, e com muitas ilhas pelo meio, povoadas de fazendas e quintas, que fazem a vista aprazivel e agradavel. Da serra dos Orgãos e suas vizinhanças descem para a mesma enseada muitos rios de fundo bastante para grandes barcos carregados de viveres e generos de commercio para as ribeiras e mercados da cidade.

De Francisco de Brito Freire. *Nova Lusitania,* 1675, liv. I.

Os nossos, pelo descobrirem no primeiro dia do anno, lhe deram com propriedade o nome de Janeiro, e impropriamente o de Rio, porque, talhando horriveis penedias, de si mesmo entra aqui o mar, restringindo-se a menos de tiro de peça onde rompe a terra. E continuando a barra a propria distancia, na mesma estreiteza, estende com improvisa largura em circumferencia, a um fermoso seio de 24 leguas com 8 de diametro.

Do Dr. Bernardo J. da Silva Guimarães. *Á memoria de Dutra e Mello.* Canto á bahia do Botafogo.

Eis um vasto horizonte, um céo sereno,
Serras, cascatas, ondeantes selvas,
Rios, collinas, campos de esmeralda,
Aqui valles de amor, vergeis floridos,
De frescas sombras perfumado asylo,
Além erguendo a voz ameaçadora
O mar, como um leão rugindo ao longe,

Ali dos montes as gigantes fórmas
Com as nuvens do céo a confundir-se,
Desenhando-se em longes vaporosos.
Donoso quadro que me arrouba os olhos,
N'alma acordando inspirações saudosas!
Tudo é belleza, amor, tudo harmonia,
Tudo a viver convida,
Vive, ó poeta, e canta a natureza.
N'estas fecundas venturosas plagas
Não têm dominio vingativos numes,
Nem malfazejas fadas n'ellas reinam;
Aqui sómente a próvida natura
Das engenhosas artes ajudada,
E sem auxilio de sonhados numes,
Prodigios gera, como a Grecia nunca
Em seus mais bellos sonhos fabulára.

Do Dr. Saturnino Soares de Meirelles. *These de Medicina* em 1855.

A cidade do Rio de Janeiro está comprehendida entre a linha, que, partindo do Pão de Assucar, essa gigante sentinella, que admira o viajante ao approximar-se do porto, vai em direcção irregularmente curva e parallela á cordilheira, terminando em Irajá, servindo de união a esses dous pontos extremos as praias, que banha a vasta e brilhante bahia, que tanto exalta a imaginação poetica do observador, que, admirado, contempla a prodigalidade da natureza.

Do Dr. Alexandre José de Mello Moraes. *Ensaio corographico do Brasil.*

Entre os objectos, que distinguem a provincia do Rio de Janeiro, está a magnifica bahia, desde sua foz, com 6 leguas de comprimento, 4 de largura e 32 de circumferencia. Uma infinidade de ribeiros e rios a banham, e toda a costa é aberta em excellentes bahias, distinguindo-se entre todas as do Rio de Janeiro e de Angra por seus excellentes ancoradouros.

Do Dr. André Rebouças. *Estudos sobre a concessão de garantia de juros. Jornal do Commercio* de 9 de Janeiro de 1874.

. . . . . .

A 3ª. parallela é a do Paraguassú. É uma das mais bellas e importantes do Brasil. Terá por estação terminal no Atlantico o magnifico porto da Bahia, só inferior no Brasil ao do Rio de Janeiro, que tambem não tem igual no mundo... A 6ª. parallela é a do Rio de Janeiro, que dará no futuro o caminho mais curto da capital do Imperio ao Oceano Pacifico. Sua estação maritima no Atlantico é o magnifico porto do Rio de Janeiro, a obra prima do Creador n'esta especie. Essa linha, já executada nas 1ª. e 2ª. secções da estrada de ferro D. Pedro II e no ramal de São-Paulo, pelo valle do Parahiba, tomará depois o valle do Paranapanema, e em Mato-Grosso os de Dourados e do Apa, nossa linha divisoria com o Paraguai; atravessará a Bolivia e chegará ao Pacifico no porto de Cobija. Assim, esta grande linha ligará, por uma feliz coincidencia, o principal porto do Brasil, no Atlantico, ao mais importante porto da Bolivia, no Oceano Pacifico.

Do conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. *A França Antarctica.*

Levantando os ferros e desferindo as velas, chegaram os Francezes com prospera navegação ao Rio de Janeiro, e o magestoso panorama da nossa bahia não causou-lhes a impressão que se devêra esperar. Compararam-na com o lago de Genebra, mesquinho paradigma para essa grandiosa enseada, digna de igualar-se ao bello golfo de Napoles ou ao sublime Bosphoro.

De monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. *Memorias historicas.* Vol. VII.

Levantaram os governadores da cidade fortificações em sitios aptos da grande bahia, que da barra para dentro

formosamente se estende pela circumferencia de 24 leguas... Além das ilhas referidas, mais de quarenta, umas maiores, outras menores, marchetam vistosissimamente a enseada... Cercam o interior da bahia encadeadas e espantosas serranias, que, á maneira de muralhas construidas pela natureza, continuam desde os Aimorés até se encontrarem com as do Chile, Perú e Granada. Das entranhas d'essas serras sahem as volumosas aguas, que, cortando os morros e fertilisando as campinas, formam muitos rios.

De Estacio de Sá e Menezes. *Historia do Brasil.* Leitura X.

A magestosa bahia do Rio de Janeiro não mereceu a minima attenção da metropole, que descuidou-se inteiramente de fortifical-a e erguer ahi alguma povoação. Admira, que Martim Affonso não lhe désse preferencia para a colonia, que vinha incumbido de fundar.

Do Dr. Joaquim Caetano da Silva. *L'Oyapoc et l'Amasone,* I, § 27, e II, § 2245.

No meiado do secúlo XVI, sob o commando de Villegaignon, os Francezes tinham occupado a magnifica bahia do Rio de Janeiro; e da pequena ilha, onde elles se haviam fortificado, pretendiam estender o seu dominio até á margem do Prata, impondo logo ao paiz intermediario o nome de *França Antarctica.*

A bahia do Rio de Janeiro, tão rica em maravilhas, apresenta um magnifico monumento, na encantadora enseada da Jurujuba, entre as praias de Carahy e das Frechas, um tunel natural, conhecido sob o nome indigena de *Itapuca* (pedra furada).

Do Tenente Francisco Pereira Dutra. Poesias, Cantico. *Ao voltar do Rio da Prata em* 1854.

Salve, terra feliz! ditozas plagas,
Montes do patrio Rio, eu te saudo!

Vou agora matar longas saudades,
D'auzencia terminar tantos tormentos!
Revêr-te emfim, ó Patria.
Eis da Gavea o gigante preguiçoso,
Na força sem igual mui confiando;
O protector soberbo de teu porto,
O' meu caro Janeiro! ahi dormita.
São vagas que se quebram? não, é elle,
É elle que resona.
Mas que vejo? desperta, se levanta...
O' medonho Cyclope! não, não ouzes
A' minha debil nave algum rochedo,
Pão de Assucar enorme, ou Corcovado,
Impiedoso arrojar—verei a morte.
Mas não... está tranquillo, eu me asseguro.

A dilatada sombra que projecta
Feia noite arremeda sobre a terra;
Já nas mãos equilibra arco terrivel,
Maior talvez que o iris vaporoso.
Sua aljava é vorage que arrancára
Das entranhas dos mares.
Sobre a fronte depõe alta corôa
Que Boreal-Aurora lhe emprestára.
Seu penetrante olhar divisa prompto
As personagens mesmo de além-mundo;
Abrindo a cava boca, a voz arranca,
Julguei ser tempestade—elle fallava.
Assustou-se o Atlantico e dos Orgãos
Os fundamentos todos se abalaram:
«Deixaste o meu Brasil attribulado;
«Vem vêr, mortal mesquinho, como agora
«Em tão rapido tempo elle apparece
«No livro das nações de gloria cheio,
«E aligero, atrevido
«Sobre as vias se atira do progresso.
«Estupefacto attento, e extasiado
«Não deixes de exaltar o grande genio
«Que a seus vôos preside, que os dirige.
«Agora que ociosa a tua espada
«Não mais respira a sêde dos combates,
«Retoma a abandonada eburnea lyra,
«Afina as cordas de ouro, canta, ó vate!»

Elle disse; e de novo recoberto
De granitico manto, se arrojára
Sobre o concavo leito, e inda lá dorme.

Só a ti, meu paiz! tão nobre guarda
Reservára o Destino. Protegido
Por seu braço potente, não hesites,
Corre ligeira á gloria, ó Patria, á gloria!
Viva, viva teu genio!

Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos. *Cartas do Solitario.* X.

Vêde a bahia formosissima do Rio de Janeiro,que deveria estar cortada de elegantes *steam-boats* em todos os sentidos, como esses bellos vasos da companhia Ferry. O privilegio, como já disse, adormece, e dá-nos por muito favor essas barcas sem asseio todas, e ronceiras algumas, que sulcam as aguas da esplendida Guanabara.

Do Dr. Leonel de Alencar. *A Sonambula de Itapuca.*

Como é linda a praia do *Icarahy* em noite de luar!... Ali sentei-me sobre uma pedra, e esqueci-me um tempo perdido na contemplação do quadro admiravel que se abria diante de mim: o Pão de Assucar ao longe como uma sentinella nocturna no seu posto; a bahia dourada pelo luar; as luzes da fortaleza de vigia brilhando como os olhos de Argos.

De José da Silva Lisbôa, Barão de Cayrú. *Hist. dos princ. successos do Brasil.* Cap. 18. Tomo 1º.

Martim Affonso ancorou na paragem, que fica proxima ao escarpado penedo, que depois se chamou *Pão d'Assucar*, que a principio se intitulou *Porto de Martim Affonso*, e ora se diz *Praia-Vermelha*. Aquella espaçosa e magnifica abra tinha o nome de Nictheroy, que na lingua dos Tamoios significa *mar-morto*.

Do Chefe de divisão Arthur Silveira da Motta. *Revista Maritima.* N. 3. Outubro de 1881.

A bahia do Rio de Janeiro é o ponto estrategico mais importante do nosso littoral, e o mais apropriado a todos os respeitos para o estabelecimento de um unico grande arsenal para a construcção e armamento de nossos vasos de guerra.

Do Dr. José Carlos Rodrigues. *Echo Americano,* 2 de Dezembro de 1871.

Traçando extensissima curva, bem como as azas da aguia marinha librando-se nos altaneiros vôos, adormece a esplendida bahia de Botafogo aos fogos abrazadores do meio dia, e á noite a um desmaio da lua sobre as suas aguas limpidas, as ondinas americanas descantam baixinho no murmurar da vaga, que se espoja, canções magoadas de poesia, endeixas molles de um sentimento ideal.

Do Dr. Alexandre José de Mello Moraes Filho. *Hymno á Guanabara. Echo Americano,* 1872.

Salve! cabocla gigante!
Que além te avultas do mar!
E em redes de mil florestas
Dormes á luz do luar.
De pé, por sobre collinas,
O' Guanabara, dominas,
Nesses teus thronos de azul...
E das vagas nos regaços,
O' India, estendes os braços
Para o Cruzeiro do Sul.

. . . . . .

Salve! Indiana formosa!
Que tens o mar a teus pés!
E como um cão que te affaga
Vês supplantado o Aimorés.

Tu és do bardo a magia,
De uma harpa santa a harmonia
Vibrada ao esplendor dos céus;
Vêr-te no espaço perdida
É crêr-se n'uma outra vida,
É vêr-se a sombra de Deus.

Do Conselheiro Miguel Maria Lisbôa, (Barão de Japurá). Romances brasileiros. *O patriarca da Independencia.*

Existe um lago formoso,
Que abrigando cem caudaes
Para encanto dos mortaes
Nictheró guarda orgulhoso.

Os dois pilares fronteiros,
Que a entrada altivos lhe bordam,
Do grande Alcides recordam
Os trabalhos derradeiros.

Nictheró, alli descansando,
Seu collossal corpo estende,
E o ceu com seu rosto fende
As tormentas regulando.

D'este lago á borda está
De erguidas torres corôada
A cidade aventurada
Que o ser deve a Mem de Sá.

Ilhas mil, de Amor afago,
Inspirando paz, descanso,
Brotam do regaço manso
D'este fresco e ameno lago.

A qualquer d'ellas pudera
Dos luzos o vate amado
Ter por modelo tomado
Para a ilha de Cythera.

Mas todas vence em primores,
Mais que todas se ergue airosa,
A Paquetá primorosa,
Morada de mil amores.

. . . . . .

Na Paquetá primorosa
Onde tristes mas sem tacha
Passam-se os fugazes dias
Do illustre e immortal Andrada.

. . . . . .

Do Dr. Francisco Belisario Soares de Souza. *Notas de um viajante brasileiro, J. do Comm.* 15 de Março 1881.

A bahia do Rio de Janeiro é certamente esplendida de belleza, quer se considere no seu todo imponente e gracioso, quer nos seus pormenores, as suas enseadas e ilhas. A paizagem tem ahi cunho particular,que nunca vi em outros lugares. Eu a tinha bem na lembrança e na imaginação quando, da ilha da Ischia, a antiga Caprea de Tiberio no golfo de Napoles, contemplava aquelle admiravel scenario do mar, da cidade, do campo e das montanhas.

De Theotonio Meirelles da Silva. *Apontamentos para a historia da marinha brasileira.*

A familia real e sua côrte não podiam encontrar azilo mais seguro, confortavel e aprazivel do que a cidade de S. Sebastião; a esquadra portugueza não podia tambem encontrar melhor, mais vasto e abrigado porto no mundo, do que a bahia do Rio de Janeiro.

Do Senador José Saturnino da Costa Pereira. *Roteiro das costas do Brasil.*

O porto do Rio de Janeiro recebe navios de todas as partes do mundo, não só por destino directo, como por escala de navegação para o Rio da Prata, portos e ilhas do Pacifico e continentes da Africa e Asia. Sua posição geographica, media entre o Equador e os cabos de Horn e da Boa-Esperança; a facilidade da entrada e sahida em todos

os dias do anno; seu vasto e abrigado ancoradouro, capaz de conter as maiores esquadras, dão-lhe uma superioridade de que não goza, em maior gráo, nenhum porto do mundo.

Do Dr. João Severiano da Fonseca. *Viagem ao redor do Brasil.* Tomo 2º.

Ás 5 horas da manhan enfrentámos com o pico de João de Leão, digno irmão do Pão d'Assucar, e ás 6 horas e 35 minutos entravamos na formosissima bahia do Guanabara, onde fundeámos ás 7 horas em ponto, tendo assim dado volta redonda á quasi todo o Brasil — *de toda a terra habitada a região mais formosa* — na phrase de Southey, o illustrado e circunspecto historiador.

Do Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay. *Carta ao autor.*

A bahia do Rio de Janeiro é, sem contestação, uma das maravilhas naturaes do globo. Sua vastidão, sua moldura de pittorescas montanhas, a segurança que offerece aos navegantes, a belleza das immensas praias e enseadas, a disposição de outeiros que a circumdam vestidos de opulentissima vegetação, a luz vivissima dos tropicos que a illumina, contrapondo deslumbrantes scintillações a sombras escurissimas, tudo concorre para que aos olhos do homem extasiado se desenrole um dos mais sorprehendedores espectaculos que n'esta terra se lhe depare.

Tivesse a capital do Imperio em suas construcções caracter monumental e verdadeiramente architectonico, ligando assim mais intimamente a grande obra de Deus á dos homens, e esta cidade fôra, sem duvida alguma, o ponto de romaria de quantos sentem n'alma os preciosos instinctos do artista. . .

Do Dr. Rozendo Muniz Barreto:

SAUDAÇÃO Á BAHIA DO RIO DE JANEIRO

Na terra de Moema, idolatrada terra,
quanto eu era feliz, mirando o céo e o mar!
Mas, de repente, ao brado electrico da guerra,
da Patria pelo amor deixei o patrio lar.

Os dominios transpuz do genio das procellas,
ao sorrir da bonança em céo fulgente e azul;
e assim nas ondas vi banharem-se as estrellas,
antes de te avistar, brasilica Stambul.

Nos arcanos do mar, aberto o pensamento,
saudades da Bahia em lagrimas guardei.
Quando pensava em terra ás magoas dar alento,
Guanabara gentil, comtigo me encontrei.

Em leito immenso de espumas
ao romper d'alva dormias
e n'um turbante de brumas
a tua fronte escondias.
E quando apressei-me, ancioso
de vêr-te o talhe formoso,
de tocar-te os lindos pés,
pareceu-me ouvir, distante,
a voz de petreo gigante
a perguntar-me: Quem és?!

Que granito em fórma humana
no decubito dorsal!
Que vista se não engana
ante o vulto colossal!
Temi que se levantasse
e que horrivel se arrojasse,
o gigante sobre mim...
mas, quando a aurora mostrou-se,
o monstro petrificou-se
e eu delle sorrindo vim.

Que panorama estupendo
desenrolou-se a meus olhos!
O dia as nuvens rompendo
e as nuvens orlando abrolhos!
Dir-se-hia que n'essa hora
entre os effluvios da aurora
na cordilheira e no val,
por mirifica harmonia
o céo na terra se abria
á luz do sol tropical.

Que pittorescas montanhas!
que hospitaleira cidade
do oceano contra as sanhas
contra o horror da tempestade!
Que painel bem moldurado!
Que templo no Corcovado
para erguer-se a mente aos Céos!
Aqui naturaes fulgores,
além humanos lavores,
e em tudo o poder de Deus!

Guanabara, a historia escuta
de sobrehumanos prodigios.
Fôste a cauza de uma luta
de que vejo inda vestigios.
É cada um d'estes montes,
um bando de mastodontes
que disputaram-te em vão,
e hoje, pelo Infinito
reduzidos a granito,
bem servem de protecção.

Que benefica mudança
d'aquelles montes em pedras!
D'elles houveste a pujança
e d'elles á sombra medras.
E quando invasora armada,
contando com franca entrada,
tente de ti se apossar,
hão de as quilhas altaneiras
perder-se em torno ás barreiras
com que Deus te quiz guardar.

Mostra ao mundo quanto vales,
que a natureza te abriga
da indigencia contra os males,
contra a arrogancia inimiga.
Maravilha americana,
belleza de que se ufana
a terra de Santa Cruz,
brilha em tuas alegrias,
que offuscar-te as louçanias
só cabe á divina luz.

FIM.

ESCRIPTORES NACIONAES CITADOS

Abreo Lima (General).
Albano Cordeiro (José).
Alencar (Dr. José de).
Alencar (Dr. Leonel de).
Alvarenga Peixoto (Dr. Ignacio José).
Andréa (Marechal Barão de Cassapava).
Ayres de Cazal (Padre).
Azeredo Coutinho (D. José Joaquim da Cunha, Bispo d'Elvas).
Balthazar da Silva Lisbôa.
Borja Castro (Dr. Agost° Victor de).
Brito Freire (Francisco de).
Candido Baptista de Oliv° (Senador).
Candido Mendes de Almeida (Sen.).
Capanema (Dr. Guilherme Schuch, Barão de).
Carlos Augusto de Sá.
Carvalho Reis (Dr. Aarão).
Cassio d'Avila Farinha (Dr.).
Cazimiro de Abreu.
Cunha Matos (Marechal Raymundo José da).
D. Delfina Benigna da Cunha.
De Lamare (Almirante Joaquim Raymundo).
De Pascual (A. Diodoro).
De Simoni (Dr. Luiz Vicente).
Dutra (Francisco Pereira).
Dutra e Mello (Antonio Francisco).
Elisiario dos Santos (Almirante).
Escragnolle Taunay (Dr. Alfredo).
Fagundes Varella (Luiz Nicoláo).
Fernandes Pinheiro (Conego J. Caetano).
Fr. Francisco de S. Carlos.
Fonseca (Dr. João Severiano).
Galvão (Dr. Manoel da Cunha).
Guimarães (Dr. Bernardo Joaquim da Silva).
Januario da Cunha Barboza (Conego).
Joaquim Caetano da Silva (Dr.).
Joaquim Norberto de Souza e Silva.
José Saturnino da Costa Pereira (Senador).
Ladisláo Neto (Dr.).
Lisbôa (José da Silva, Visconde de Cayrú).
Lisbôa (Miguel Maria, Barão de Japurá).
Luiz Gonçalves dos Santos (Conego).
Magalhães (Dr. Domingos J. Gonçalves, Visconde de Araguaya).
Macedo (Dr. Joaquim Manoel de).
Mello Moraes (Dr. Alex° José de).
Mello Moraes Junior (Dr. A. J. de).
Moreira de Azevedo (Dr. Manoel Duarte).
Muniz Barreto (Dr. Rozendo).
Pereira da Silva (Conego João).
Pereira da Silva (Conselh. Dr. João Manoel).
Pisarro (Monsenhor).
Porto Alegre (Manoel de Araujo, Barão de S. Angelo).
Quintana (Domingos Manoel de Oliveira).
Rebouças (Dr. André).
Rebouças (Dr. Antonio Pereira).
Rocha Pita (Sebastião).
Rodrigues (Dr. José Carlos).
Sá e Menezes (Estacio).
Salvador de Mendonça.
Santa Rita Durão (Fr. José).
Saturnino Meirelles (Conselh. Dr.).
Silva Alvarenga (Dr. Manoel Ignacio)
Silv° da Mota (Almirante Arthur).
Soares de Souza (Dr. Francisco Belisario).
Tavares Bastos (Dr. Aureliano Candido).
Teixeira e Souza (Antonio Gonçalves).
Theotonio Meirelles da Silva.
Varnhagen (Francisco Adolpho, Visconde de Porto Seguro).
Velho da Silva (Dr. José Maria).
Victorino de Barros (Antonio José).
Vieira Souto (Dr. Luiz Raphael).
Villela Barboza (Francisco, Marquez de Paranaguá).

ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

Agassiz.
Alcide d'Orbigny.
Andrade Ferreira (João).
Andrew Grant.
Antonio Diniz da Cruz Silva (Dr.).
Arago (Jacques).
Assier (Adolfo d').
Auchincloss (William).
Barral.
Beauchamp (Affonso de).
Bernard (Engenheiro Charles).
Bernardino d'Alm.ª (Dr. Domingos).
Bescherelle.
Biard (Francisco).
Brakenridge.
Bougainville.
Burton (Ricardo).
Cantillo (Dr. José Maria).
Castelnau (Conde de).
Castilho (Cons. José Feliciano).
Chauchard et Muntz.
Cook (Capitão).
Corbisier (Dr. Charles).
Dabadie.
Darwin (Charles).
Debret (João Baptista).
De Granges (Edmond).
De Lassalle.
Delessert (Emile).
Desobry et Bachelet.
Dumont d'Urville.
Dupetit Thouars.
Dutot.
Ellis (Sir Henry).
Eugenio Rodriguez.
EvaristoParny.
Ewbanck (Thomaz).
Ferdinand Denis.
Fernam Cardim.
Forbes.
Fourcy Bremoy.
Freycinet.
Gabriel Soares.
Gaffarel (Paulo).
Gandavo (Pero de Magalhães).
Gardner (Dr.).
Garibaldi (General).
Gaudichaud.
Gaultier (Abbade).
Gilbert Mathison.
Gonçalves Junior (Manoel Joaquim).
Guibert (Adriano).
Guido (D. José Thomas).
Guimard.
Hadfield (William).
Hartt (Dr. Ch. Frederico).
Horace Say.
Ida Pfeiffer.
João de Aboim.
José de Torres.
Kidder (Rev. Daniel).
Klumb (Henry).
La Beaumelle.
La Hure (Conde de).
Laplace.
Larousse.
Laveleye.
Law (Henry).
Ledoux..
Lery (Jean).
Leynadier (Camillo).
Liais (Dr. Emmanuel).
Luccock (João).
Mac-Vernoll.
Malte Brum.
Mansfieldt (Charles).
Marmol (D. José).
Mawe (John).
Maximiliano (Principe de Neuwied).
Michelena y Roxas.
Monteverde (Emilio Achilles).
Moré (J. L).
Morrell.
Mouchez.
Neat (Carles).
N. X. (Secretario d'Embaixada).
Parish (William).
Purdy (John).
Radiguet (Max).
Ramière (d'Elvas).
Raynal (Abbade).
Roussin (Barão).
Rugendas (Mauricio).

Rybeirolles (Charles).
Saint-Hilaire (Auguste).
Scully (William).
Santa Maria (Fr. Agostinho de).
Simão de Vasconcellos.
Spix et Martius.
Southey (Roberto).
Suzannet (Conde de).
Taunay (Hyppolito).
Thomaz Antonio dos Santos e Silva.
Thomé de Souza.
Urcullú (D. José).
Urzel (Conde d').
Vaillant.
Van Lede (Charles).
Vianna Pedra (Manoel Antonio).
Vilhena Barboza (J. de).
Walsh.
Walthere de Sely Longchamp.
Warner and Harris.
Wilkes (Charles).
Wolf (Dr. Fernando).
Yvan (Dr.).

ACTAS DAS SESSÕES EM 1881

REUNIÃO DA MESA ADMINISTRATIVA

EM 14 DE JANEIRO DE 1881

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Carlos Honorio de Figueiredo, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Augusto Fausto de Souza, João Barbosa Rodrigues, João Severiano da Fonseca e Franklin Tavora, o Sr. Joaquim Norberto abrio a sessão e declarou que, achando-se ausentes da côrte, por doentes, os Exms. Srs. presidente e 1°. vice-presidente d'este Instituto, elle, na qualidade de 2°. vice-presidente, havia convidado o mesa administrativa para expôr-lhe o estado da bibliotheca do Instituto, e pedir providencias em ordem a não ficarem completamente damnificadas muitas obras importantes, já por falta de recursos pecuniarios, e já pelos acanhados commodos de que dispõe o Instituto, etc.

Ouvida pela mesa a exposição, deliberou-se, que se solicitasse da alta munificencia de S. M. o Imperador nosso augusto protector, algumas das salas contiguas ás já occupadas pela bibliotheca do Instituto, para collocação de estantes, e já anteriormente promettidas pelo mesmo

augusto protector, officiando, n'esse sentido, o Sr. 1°. secretario ao mordomo de S. M.

Resolveu-se mais que, quanto ás obras raras, que se damnificam por falta de recursos, o conservador da bibliotheca organize com urgencia o orçamento provavel a fazer-se com a reimpressão e encadernação d'ellas.

Em seguida leu-se a carta, em que o Sr. conselheiro Olegario, agradecendo ao Instituto a sua nomeação de thesoureiro effectivo, pede que seja nomeado quem por elle sirva este cargo, pois que, por affluencia de serviço, não o póde desempenhar. O Sr. presidente, depois de consultar a mesa, aceitou a dispensa temporaria solicitada pelo Sr. conselheiro Olegario, e nomeou, para servir interinamente esse cargo, ao Sr. conselheiro Alencar Araripe, que, accedendo com a maior benevolencia á nomeação, disse que sempre e com a melhor bôa vontade está prompto ao serviço do Instituto.

O Sr. Dr. Carlos Honorio propôz que se executasse a disposição dos estatutos quanto á nomeação de commissões, que nas provincias se incumbam da pesquiza de manuscriptos e documentos da historia patria para o Instituto. —Foi a proposta approvada pela mesa, resolvendo-se que os socios lembrassem as pessoas, que nas provincias pudessem formar essas commissões.

O mesmo Sr. propôz, e foi approvado, que o Instituto mande annunciar pelas folhas diarias que receberá com o devido apreço e gratidão, tanto de seus membros como de quaesquer outras pessoas, que, por seu patriotismo e amor ás letras, queiram concorrer para o seu desenvolvimento e progresso dos estudos da historia do Brazil, com os seguintes donativos:

Para a sua bibliotheca: de quaesquer obras litterarias, especialmente sobre historia e geographia.

Para o seu archivo: de originaes ou cópias de quaesquer documentos, mappas, diplomas e escriptos historicos ineditos.

Para o seu museu: de quaesquer objectos de valor historico, como retratos de homens illustres, artefactos antigos ou de recordação historica, moedas raras e objectos de merito artistico em geral, e quaesquer outros.

Sendo os nomes dos doadores e os objectos doados mencionados nas actas e publicados.

O mesmo Sr. Dr. Carlos Honorio propôz a conveniencia de um regulamento para o serviço da secretaria e da bibliotheca; foi approvado, ficando o Sr. Dr. Moreira de Azevedo autorizado, de accôrdo com o conservador da bibliotheca, a formulal-o.

O mesmo Sr. doutor, como secretario, declarou que muitas sociedades sábias da Europa e da America queixam-se de não receberem as collecções de nossas *Revistas*; mas, importando as despezas dos caixões, para a remessa d'essas collecções, na modica quantia de 50$, orçada pelo bibliothecario, propunha á mesa que fôsse approvada essa quantia.—Assim se venceu.

Nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão, marcando-se para a proxima sexta-feira a segunda reunião.

C. Honorio de Figueiredo,

2.º secretario.

2ª. REUNIÃO DA MESA ADMINISTRATIVA

EM 21 DE JANEIRO DE 1881

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva

Ás 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Tristão de Alencar Araripe, Augusto Fausto de Souza, Joaquim Pires Machado Portella, João Severiano da Fonseca e João Barbosa Rodrigues, o Sr. Joaquim Norberto, 2º. vice-presidente, installou a reunião.

Lida, pelo Sr. Dr. Carlos Honorio, 2º. secretario, a acta da anterior, deu-se por approvada.

O mesmo Sr. 2º. secretario leu um officio do Sr. secretario-geral da Sociedade portuense de geographia, no qual communica a fundação da mesma; solicita, para o seu progresso e desenvolvimento, a cooperação d'este Instituto e a de cada um de seus membros, e remette um exemplar de seus estatutos.

Outro do Sr. Octaviano Hudson, enviando uma medalha de bronze e um volume dos Lusiadas, ricamente encadernado, mandados fazer pelo Gabinete portuguez de leitura, n'esta côrte, para commemoração do terceiro centenario de Camões, e como premio litterario do anno de 1880, e pelo mesmo gabinete remettidos a elle offertante para os fins convenientes.—Resolveu-se que se agradecesse ao Sr. Octaviano Hudson, declarando-se que, achando-se actualmente o Instituto em férias, na primeira sessão ordinaria,

que o mesmo celebrar no corrente anno, será tomado em consideração o referido premio.

Nada mais havendo a tratar-se, levantou-se a reunião.

C. Honorio de Figueiredo,
2°. secretario.

1ª. SESSÃO EM 13 DE MAIO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Ás 6 ½ horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Augusto Fausto de Souza, Maximiano Marques de Carvalho, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Alfredo de Escragnolle Taunay, Rosendo Muniz Barreto, Baptista Caetano de Almeida Nogueira, Alfredo Piragibe e Joaquim Pires Machado Portella, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual foi recebido com as honras que lhe são devidas, e tomou assento ; depois do que, o Sr. Dr. Macedo, 1°. vicé-presidente, abrio a sessão, e declarou que, havendo fallecido, durante o intervallo das sessões, os distinctos consocios Barão de Taunay, Barão de Japurá, Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, Visconde de Santa Izabel e o senador Candido Mendes de Almeida, todos muito dignos da gratidão do Instituto pelos seus valiosos serviços, propunha, segundo o estilo, e com a permissão de S. M. o Imperador, que em signal de profundo pezar se suspendesse a sessão, e se inserisse

na acta a manifestação do sentimento de dôr e de saudade de que se acha possuida a nossa associação.—Consultado o Instituto, foi a proposta unanimemente approvada, levantando-se a sessão.

Dr. *Moreira de Azevedo,*

2°. secretario supplente.

2ª. SESSÃO EM 20 DE MAIO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 ½ horas da tarde, presentes na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Drs. Maximiano Marques de Carvalho, Joaquim Pires Machado Portella, José Maria da Silva Paranhos e Franklin Tavora, e recebido S. M. o Imperador com as honras do estilo, o Sr. Joaquim Norberto, 2°. vice-presidente, abrio a sessão.

Lida, pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, a acta da anterior, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1° secretario, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, datado de 31 de Dezembro proximo passado, agradecendo a nomeação de thesoureiro effectivo, com que

este Instituto o honrou na eleição a que procedeu em 21 do dito mez; declarando porém que, por affluencia de serviço, não póde desempenhar este cargo, e solicitava a nomeação de quem interinamente o substituisse.

Dito do mesmo Sr. conselheiro Olegario, remettendo as contas e papeis relativos á receita e despeza do Instituto, durante a sua gerencia, como thesoureiro interino. —Foi á commissão de fundos e orçamento.

Dito do consocio o Sr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira, communicando que, por motivo de molestia, acha-se residindo fôra da côrte, e impossibilitado de comparecer ás sessões por algum tempo.

Dito do Sr. presidente da commissão central brazileira de permutações internacionaes, enviando a este Instituto o regulamento e programma da secção de geographia de Veneza, que tem de funccionar durante a exposição internacional, que se installará n'aquella cidade em Setembro do corrente anno, declarando haver o governo imperial nomeado para seu delegado n'aquelle congresso o Sr. Visconde de Araguaya e seu commissario em Veneza o Sr. Leopoldo Bisio, vice-consul do Brazil.—Foi, com urgencia, o referido officio enviado á commissão de geographia, para esta dar parecer sobre o modo por que o Instituto deve corresponder ao appello da commissão central brazileira de permutações internacionaes.

Dito do Sr. presidente do Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro, offertando um dos 50 exemplares nitidamente impresso e encadernado da edição dos *Luziadas*, commemorativa do 3°. centenario de Camões, e uma medalha sobre o mesmo assumpto.—Foi á commissão de estatutos.

Dito do Sr. Francisco Gomes de Amorim, residente em Lisbôa, agradecendo a este Instituto por havel-o admittido

em seu gremio como socio correspondente, e efferecendo um exemplar do romance de costumes, sob o titulo : *Fiandeiras*, impresso n'aquella cidade no corrente anno.

Dito do consocio o Sr. Dr. Rosendo Muniz Barreto, remettendo uma cópia impressa do discurso, que, como orador interino do Instituto, e na presença de S. M. o Imperador, pronunciou no dia 25 de Março, anniversario do juramento da Constituição.

Dito do Sr. Dr. João dos Santos Sarahiba, superintendente do ensino no municipio de Itaguahi, accusando o recebimento da collecção de *Revistas* d'este Instituto, remettida pelo Sr. 1.º secretario com destino á bibliotheca publica d'aquelle municipio, por elle solicitada ; e offerecendo varios exemplares de uma brochura contendo discursos proferidos por occasião da inauguração da referida bibliotheca, em 2 de Dezembro do anno proximo findo.

Dito do Sr. José Moreira Fraga, residente na villa da Limeira, offertando, para o musêo d'este Instituto, tres moedas ; sendo uma de prata de cunho hespanhol, do anno de 1737, outra, tambem de prata, do tempo da regencia de D. João Sexto, e a terceira de cobre, do reinado do mesmo D. João Sexto.

Dito do Sr. Joaquim Antonio de Carvalho Agra, offertando ao Instituto e aos seus membros por elle designados exemplares do seu livro intitulado — *Luzeiro fiel do Povo e alliança das Nações*.

Dito do Sr. official maior da secretaria do Senado, enviando,por deliberação da mesa, uma collecção dos seus annaes correspondentes ás sessões ordinarias e extraordinarias, que decorreram de 15 de Abril de 1880 a 10 de Janeiro do presente anno, e um exemplar da sinopse dos trabalhos pendentes de deliberação.

Dito do Sr. 1.º secretario da Imperial Sociedade amante da instrucção e asilo das orphans d'esta côrte, enviando um exemplar do relatorio dos trabalhos da mesma associação no exercicio de 1879—1880.

Houve as seguintes

OFFERTAS:

Pelo consocio o Sr. Dr. Alfredo Piragibe—*Noticia historica da legislação sanitaria do Imperio do Brazil desde 1822 até 1878*. Rio de Janeiro, 1880.

Pela redacção da revista *União Medica* — 3 numeros. Rio de Janeiro, 1881.

Pelo Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro o seu jornal—*Tribuna Pharmaceutica*—5ª. serie, n.º 2. Rio de Janeiro, 1880.

Pela redacção do jornal — *Mãi de Familia* os numeros dos mezes de Novembro e Dezembro de 1880 e Janeiro e Fevereiro de 1881.

Pela secretaria do Imperio — *Revista Brazileira* — 2.º anno, tomo 7.º, os mezes de Janeiro a Abril do corrente anno.

Pelo Sr. Dr. J. Ottoni—*Manual de litteratura dos principaes povos da America e Europa*. Santos. 1878.

Pelo Sr. Paul Tournafond—*Exploration*. Revue des conquêtes de la civilisation sur tous les points du globe. Paris, 1881. Tome 11. Decembre.

Pela Sociedade de geographia de Pariz—o seu boletim de Dezembro de 1880.

Pelo Sr. José E. Garcez Palha—*Marinha de guerra do Brazil na luta da Independencia*. Apontamentos para a historia. Rio de Janeiro, 1880.

Pelo Instituto archeologico e geographico de Pernambuco—as suas *Revistas* dos annos de 1863 a 1869 (com falta de varios numeros). Recife.

Pelo Sr. Visconde de Figueiredo, por parte do autor, o Sr. Francisco da Fonsecca Benevides—a obra sob o titulo *Suum cuique*, o 1.º tomo, *Rainhas de Portugal e Memorias* (D. Theresa até Santa Izabel), por Frederico Francisco de Figanière.

Pela Sociedade Universal de Hungria—um opusculo contendo as ephemerides da mesma, collegidas por Joannes B. Telfy. Budapesth, 1880.

Pelo Sr. Abbade E. J. Durand, por intermedio do consocio o Sr. Emm. Liais, a obra—*Missions catholiques françaises* (texte) *Paris, 1874*; e *Atlas* por J. Augusto da Costa.

Pelo Sr. J. Baumgarten—as suas obras em diversos fasciculos, sob os titulos:

Anthologie polytechnique et militaire, tirés des meilleurs auteurs français de notre époque et acompagnée de notes explicatives. Cassel, 1874.

Atravers la France nouvelle.—Scènes de mœurs, esquisses litteraires et tableaux ethnographiques recueillis et annotés par l'auteur. Cassel, 1880.

La France contemporaine ou les Français peints par eux-mêmes. Cassel, 1878.

Glossaire des idiomes populaires du nord et du centre de la France, etc.—Paris, 1870.

La France qui rit. Cassel, 1880—2 vols.

Pelo Congresso internacional dos Americanistas em Madrid—varios exemplares, para serem distribuidos pelos socios presentes, do seu folheto comprehendendo os trabalhos da 4.ª reunião de 18 a 22 de Setembro de 1881, debaixo da protecção de S. M. el-rei D. Affonso. Madrid, 1881.

Pelo Sr. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake—o seu folheto *Estudos Militares*. Rio de Janeiro, 1865.

Pelo Sr. Dr. A. C. de Miranda Azevedo, por intermedio do consocio o Sr. conselheiro Olegario—Biographia do Dr. Luiz Barbosa da Silva.—S. Paulo, 1880.

Pela academia Deus Christo e Caridade—o 1.° numero da sua *Revista*. Janeiro, 1881.

Por um anonimo, por intermedio do consocio o Sr. Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, os retratos (raros) de Lopes 2.°, do Paraguay, e do seu general Robles.

Pela Sociedade geologica e geographica de Washington —o seu boletim n.° 4, vol. 5.° 1880.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

Leram-se e foram approvadas as seguintes

PROPOSTAS:

1.ª Propomos que se colloque na sala das nossas sessões o busto do nosso finado consocio o senador Candido Mendes de Almeida, que tanto se distinguio com suas obras historicas e geographicas.

Sala das sessões do Instituto historico Brasileiro, em 13 de Maio de 1881.— *Joaquim Norberto de Souza Silva*. Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*. *J. M. de Macedo*. *Carlos Honorio de Figueiredo*. *Augusto Fausto de Souza*.

2.ª Propomos que se officie aos Srs. proprietarios das typographias da côrte e das provincias, pedindo-lhes o especial favor de remetterem para a bibliotheca do Instituto Historico um exemplar de quaesquer publicações sobre historia, geographia e ethnographia do Brasil, que imprimirem em seus estabelecimentos.

Sala das sessões, 20 de Maio de 1881.—*Dr. Moreira de Azevedo. Carlos Honorio de Figueiredo. T. Alencar Araripe. Felizardo Pinheiro de Compos. J. Norberto de Souza Silva.*

Foi enviada á commissão de estatutos a seguinte proposta lida e adiada na sessão de 3 de Setembro do anno proximo passado:

Propomos que por occasião do fallecimento de qualquer socio, não coincidindo este com o dia da sessão, em vez de levantar-se os trabalhos, insira-se na acta um voto de pezar por este infausto acontecimento, podendo o Instituto dar outra qualquer manifestação de sentimento, que julgar conveniente.

Sala das sessões, 3 de Setembro 1880.—*Dr. Moreira de Azevedo. T. Alencar Araripe. Felizardo Pinheiro de Campos. Dr. Antonio Henriques Leal. Carlos Honorio Figueiredo. B. C. de Almeida Nogueira.*

Foi remettido á commissão de fundos e orçamento o balancete da receita e despeza do Instituto, apresentado pelo Sr. thesoureiro interino conselheiro T. Alencar Araripe.

LEITURAS

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo leu um trabalho seu, intitulado—*D. Pedro Primeiro.*

E o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, os seus—*Estudos sobre a primeira viagem de Christovão Colombo ás ilhas e ao continente do Novo Mundo.*

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2.º secretario supplente.

3ª. SESSÃO EM 3 DE JUNHO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 ½ horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Augusto Fausto de Souza, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Henriques Leal, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Barão de Wildick, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Barão de Capanema, Rozendo Muniz Barreto, Joaquim Pires Machado Portella, conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, João Severiano da Fonseca, Franklin Tavora e conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual foi recebido com as honras do estylo, e tomou assento, depois do que o Sr. Joaquim Norberto, 2°. vice-presidente, abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o Sr. vice-presidente, profundamente commovido, leu a seguinte proposta:

« Ainda uma vez a mão da morte riscou da lista dos socios honorarios do nosso Instituto o nome de um socio prestimoso.

Desceu hoje á morada dos mortos o distincto socio honorario o Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, que tantos e tão relevantes serviços prestou á nossa associação.

O illustre consocio começou a fazer parte do nosso Instituto, mal sahia dos bancos escolares.

A obra que lhe servio de titulo de admissão foi severa e injustamente criticada pelo relator da commissão respectiva,

e o joven Perdigão Malheiro viu levantar-se do seio do Instituto o seu venerando mestre para defendel-o, e as portas da nossa associação se lhe abrirão de par em par.

Entre os seus trabalhos historicos sobresae a obra sobre a *Escravidão no Brazil*. Era a aurora da emancipação do elemento servil, que começava a raiar entre nós, e foi elle um dos seus primeiros propugnadores.

Uma deputação do Instituto acompanhou o feretro do finado consocio para lhe dizer o derradeiro adeus. A sua memoria ser-nos-ha eternamente grata.

Peço, pois, que, segundo o estylo, se faça na acta menção de nossa profunda dôr e saudade por tamanha perda e que, obtida a venia imperial, se levante a sessão. »

Sendo a proposta unanimemente approvada, levantou-se a sessão.

Dr. Moreira de Azevedo,

2°. secretario supplente.

4.ª SESSÃO EM 10 DE JUNHO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Maximiano Marques de Carvalho, conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, Tristão de Alencar Araripe, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Felizardo Pinheiro de Campos, Rozendo Muniz Barreto, Augusto Fausto de Souza, Barão de Capanema, Alfredo de Escragnolle Taunay,

Joaquim Pires Machado Portella, Franklin Tavora e Barão de Wildick, foi S. M. o Imperador recebido com as honras do estylo, e, tomando elle assento, o Sr. Joaquim Norberto, 2°. vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, 2°. secretario supplente, leu a acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1°. secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios dos Srs. Presidentes das provincias do Rio-grande do Sul, Paraná, Bahia, Sergipe e Goiaz, remettendo varios relatorios e collecções de leis d'estas provincias.

Dito do Sr. Director interino do Imperi l Observatorio do Rio de Janeiro, enviando, para serem distribuidos pelos socios d'este Instituto, 35 exemplares de uma broxura contendo o extracto do 1.° volume dos *Annaes* do mesmo observatorio.

Dito do Sr. 2°. secretario da commissão organizadora da 1ª. sessão das conferencias de historia e geographia do Brazil, que se deve inaugurar em Setembro proximo, por occasião da exposição da Bibliotheca Nacional, enviando, para serem offerecidos aos membros d'este Instituto, 50 exemplares do *Questionario* approvado por aquella commissão, para as alludidas conferencias, para as quaes são convidados a inscrever-se.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pela Secretaria do Imperio—*Revista Brazileira*, tomo 8°. Rio de Janeiro, 1881.

Pela Sociedade de Endem — o *Relatorio da Sociedade dos Naturalistas*. Endem, 1880.

Pelo consocio o Sr. Francisco Gomes de Amorim—Garrett *Memorias biographicas*, tomo 1°. Lisboa, 1881.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e foi enviada á commissão de admissão de sccios, a seguinte proposta:

« Em demonstração do mais subido apreço aos notorios e relevantissimos serviços prestados á causa da civilisação e á sciencia geographica pelo distincto portuguez o Sr. major Alexandre de Serpa Pinto, novo e já celebre explorador, que, dando exuberantes provas de coragem e paciencia por intrataveis regiões da Africa, assignalou-se heróe da paz e abriu caminho a fecundas conquistas da sociedade culta, propomos tão prestimoso filho do trabalho, e actualmente festejado hospede n'esta capital, para socio honorario. Sala das sessões do Instituto 10 de Junho de 1881.—Dr. Rozendo Muniz Barreto. Visconde do Bom-Retiro. Joaquim Norberto de Souza Silva. Carlos Honorio de Figueiredo. Dr. Moreira de Azevedo. T. de Alencar Araripe. Dr. B. F. Ramiz Galvão. Felizardo Pinheiro de Campos. Dr. João Severiano da Fonseca. Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Alfredo d'Escragnolle Taunay. Joaquim Pires Machado Portella. Henrique de Beaurepaire Rohan. Dr. Antonio Henriques Leal. Barão de Capanema. Augusto Fausto de Souza. O. H. de Aquino e Castro. Barão de Wildick.

Leu-se, entrou em discussão, e foi approvado o parecer da commissão de geographia abaixo transcripto:

Á commissão de geographia foi presente o officio do

Sr. presidente da commissão central brazileira de permutações, enviando a este Instituto o regulamento para o terceiro Congresso internacional de geographia em Veneza, que tem de funccionar durante a exposição, que se installará n'aquella cidade em Setembro do corrente anno.

N'este documento manifesta-se o desejo de que o Instituto historico e geographico do Brazil concorra com largo contingente para aquelle grande certamen scientifico, auxiliando assim os esforços que a commissão central está empregando para que o Imperio do Brazil seja representado n'aquella exposição de um modo digno e honroso.

Para corresponder a este convite, a occasião é a menos favoravel possivel, e é obvia a razão d'isto. No mesmo mez de Setembro, em que tem de se effectuar em Veneza a Exposição internacional, tem o Instituto Historico de concorrer para a exposição promovida pela nossa Bibliotheca publica. Esgotado d'esta sorte o seu archivo, o unico meio de remediar o inconveniente de se vêr totalmente em falta para com a Exposição internacional será o de lhe enviar uma collecção completa de sua *Revista Trimensal*, e todas aquellas obras de que houver duplicata.

É este o parecer que a commissão de geographia submette á consideração do Instituto historico e geographico do Brazil.

Rio de Janeiro em 3 de Junho de 1881.—*Henrique de Beaurepaire Rohan. Barão de Capanema.*

LEITURA

O Sr. Dr. Franklin Tavora leu um seu trabalho sob o titulo « Memorias de Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.

VISITA E PROPOSTA

Comparecendo depois d'isto o distincto explorador Serpa Pinto, foi este recebido, e tomou assento no lugar proprio dos visitantes, dirigindo-he o Sr. presidente a seguinte allocução:

« O Instituto Historico se compraz em vêr em seu seio o ousado viajante, que acaba de atravessar a Africa, affrontando toda a sorte de privações, expondo-se a todos os riscos, triumphando de todos os perigos, de que têm sido victimas tantos illustres predecessores seus—esses obreiros da civilisação, martyres do proselitismo christão e da sciencia.

« É grato ao coração brazileiro, que pulsa estremecidamente ao ouvir as tradições gloriosas da mãi patria, a rememoração d'esses intrepidos Luziadas, que fizeram pasmar a Europa, e que com tanta felicidade como ousadia levaram a todos os pontos da terra o nome portuguez, o qual, na frase do Homero lusitano, iria ainda além, a haver mais mundo. São d'elles que descendem os nossos bandeirantes.

« Sêde bem vindo, Sr. major Serpa Pinto, ás plagas de Santa-Cruz, onde vossos irmãos vos abraçam admirados de tão nobre ousadia e tão galharda constancia, e onde nós, os netos de Alvares Cabral, vos saudamos na lingua, que nos é commun, na lingua de Camões e de Caldas, como um viajante digno dos tempos modernos pelos vossos serviços e estudos, habilmente prestados a prol das sciencias que nobilitam o nosso grande seculo, e que fazem com que o vosso nome sôe no velho mundo como entre nós sôa o nome de Couto de Magalhães, o investigador dos sertões brazileiros.»

Em seguida, o Sr. Dr. Rozendo Muniz Barreto proferio estas palavras:

« Assim como é um erro baratear mostras de apreço a mediocridades, que se elevam de repente, empavonando-se

com os titulos da sciencia e da virtude, assim tambem é um crime negar homenagens a quem sóbe pelo proprio merito ás alturas da fama.

« Si o trabalho é o pai da gloria, na phrase eloquente do poeta grego, á sociedade progressiva cumpre louvar e applaudir a prole do trabalho, personificada no homem.

« E, seja dito de passagem, a verdadeira gloria não é a que, nos morticinios chamados campos de batalha, satisfaz inconscientemente a sêde de vingança ou de usurpação de um homem contra povos ; não é a do millionario, que facilmente levanta com o ouro dos seus donativos o monumento da admiração universal ; não é a de quem se apropría de alheios trabalhos para ter ovações da posteridade ; a verdadeira gloria é a do varão, que tira da sua intelligencia, da sua actividade, do proprio *eu* os titulos condignos da estima publica.

« É este o pensamento, que nos deve assistir, ao recebermos em nosso gremio o Sr. Serpa Pinto, alvo de tanto regozijo, porque a sua presença nos desperta a lembrança das conquistas beneficas dos seus maiores no seio da nossa patria, e serve de vivo estimulo á juventude brazileira.

« Festejemos o illustre visitante, em cuja pessoa se reunem, no dia de hoje, as recordações e esperanças do nosso paiz vinculado ao d'elle pelos laços de sangue, da lingua, da religião, da dinastia e das instituições.

« Proponho pois, que, rendendo homenagem na pessoa e na presença do Sr. Serpa Pinto aos que trabalham para engrandecimento da sciencia geographica em prol da humanidade, o Instituto Historico registre na acta da sessão de hoje o voto de sincero jubilo pela visita que acaba de receber do benemerito explorador. »

Approvada unanimemente esta proposta, levantou-se a sessão.

J. P. Machado Portella,

servindo de 2º. secretario.

5ª. SESSÃO EM 1 DE JULHO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6½ horas da tarde, reuniões na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Barão de Capanema Barão de Wildick, Maximiano Marques de Carvalho, Rosendo Muniz Barreto, Alfredo d'Escragnolle Taunay e Augusto Fausto de Souza, recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. Joaquim Norberto, 2º. vice-presidente, abrio a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o Sr. presidente, commovido, pronunciou as seguintes palavras:

« Já não existe o Dr. Carlos Honorio de Figueiredo!

« Na madrugada do segundo dia d'esta semana falleceu inopinadamente o nosso caro consocio e prestante 2º. secretario.

« A noticia d'este fatal e desagradavel acontecimento me surprehendeu, já quando não havia tempo para avisar seis de nossos consocios, que devião fazer parte da commissão encarregada de assistir ao seu funeral, como dispoem os nossos estatutos. Ainda assim, comparecêrão espontaneamente os Srs. Barão de Wildick, conselheiros Beaurepaire Rohan e Olegario, major Taunay e Dr. Portella. Este

ultimo senhor e eu fômos convidados pela familia para, por parte do Instituto Historico, pegar nas argolas do feretro.

« Ao baixar o corpo á sepultura, li o seguinte pequeno discurso:

« Ei-lo que vai para sempre separar-se de nós!....

« Correu a mão da morte o fatal reposteiro da eternidade, para deixal-o passar aos mundos que nadam nas ondas de luz e ouro do infinito.

« A morte, que não cessa de nos arrancar um a um dos nossos mais caros e mais prestimosos consocios, veio inopinadamente feril-o em pleno coração.

« Era o Dr. Carlos Honorio de Figueredo dotado de robustez e gozava de saúde, que lhe permittião ainda longa existencia, mas cahiu no meio das funcções de seu cargo, mas cahiu, quando mais redobrava de esforços na reorganisação da bibliotheca, archivo e museu do Instituto Historico, ao qual ninguem amou tanto como elle, depois do Imperador.

« Era ardente enthusiasta de nossa instituição, e como seu mui digno 2°. secretario fez tudo quanto pôde para o seu engrandecimento e prosperidade, já pedindo, já instando com os consocios para que abrilhantassem por meio de seus trabalhos a primeira associação historica e geographica da America do Sul.

« Não era a cabeça, que pensa sempre; não era a cabeça, que concebe sempre; não era a cabeça, que produz sempre e sempre, pois lhe faltava tempo para as áridas pesquisas da historia á luz das lucubrações; mas era o braço activo e energico do Instituto Historico, ao qual servio com devoção pelo espaço de 35 annos.

« Deixou-nos poucas, mas curiosas memorias de sua lavra, e rara é a acta de nossas sessões, em que não figure o seu nome.

« Viamo-l'o sempre firme no seu honroso posto.

« Que mais nos resta á beira d'este tumulo, tão inesperadamente aberto e prestes a receber o seu cadaver, senão dizer o adeus da eterna despedida?

« Vai, ó amigo! Vai, ó consocio! Sulca esse oceano sem fim de luz brilhante e dourada! Visita esses mundos, que rolam no espaço e que te são hoje accessiveis. Ah! os nossos olhos terrestres e mesquinhos não te podem acompanhar nas peregrinações celestes, e ficam para te chorar no seio da associação, que tanto amaste, e á qual legas a tua saudosa lembrança, o teu caro nome. »

« Em consideração para com o illustre finado e em signal de profundo pezar por tão sentida perda, devemos suspender hoje os nossos trabalhos, segundo o estylo estabelecido.

« Peço, pois, permissão a S. M. Imperial e ao Instituto Historico para levantar a sessão. »

Approvada unanimemente a proposta, levantou-se a sessão, ficando sobre a mesa o parecer da commissão de admissão de socios, dado sobre a proposta, apresentada na anterior, para admissão ao gremio do Instituto do Sr. major Serpa Pinto.

Dr. *A. Henriques Leal*,
2º. secretario interino.

6.ª SESSÃO EM 7 DE JULHO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 ½ horas da tarde, presentes os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Henriques Leal, Maximiano Marques

de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Joaquim Pires Machado Portella, Barão de Wildick, Rozendo Muniz Barreto, Augusto Fausto de Souza, Baptista Caetano de Almeida Nogueira e João Ribeiro de Almeida, foi S. M. o Imperador recebido com as honras que lhe são devidas, e, tomando elle assento, o Sr. Joaquim Norberto, 2º. vice-presidente, abrio a sessão.

Lida, pelo Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, 2º. secretario supplente, a acta da sessão anterior, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 1.º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Presidente da provincia do Paraná, em resposta ao que lhe dirigio o Sr. 1.º secretario, pedindo informações sobre o numero de bibliothecas existentes naquella provincia, declarando que n'ella existem as seguintes bibliothecas: a da capital, a de Castro, a de Pontagrossa, e as dos clubs litterarios de Paranaguá, Antonina, Morretes, Porto de cima, Campo-largo, Lapa e Rio-Negro, e que nenhuma recebe a *Revista* d'este Instituto.

Dito do Sr. presidente da provincia do Rio de Janeiro, solicitando, em solução ao que lhe dirigio o Sr. secretario, 14 exemplares das *Revistas* d'este Instituto para distribuir pelas bibliothecas d'aquella provincia, e que a collecção que existe na Escola Normal vai só até o anno de 1875.

Dito do Sr. Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, offerecendo uma cópia (manuscripta) do *Diario*, que fez o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, mandado por S. M. Fidelissima para fazer no anno de 1780, como

astronomo, a demarcação dos reaes dominios na America portugueza.

Dito dos Srs. presidente e secretario do Lyceu litterario portuguez no Rio de Janeiro, convidando a este Instituto para se fazer representar na sessão solemne em homenagem ao seu socio honorario major Serpa Pinto.

Carta do Sr. João Augusto da Cunha Brandão Pinheiro, declarando que, achando-se actualmente fazendo um trabalho sobre litteratura historica do Brazil, para poder completal-o, necessita dos numeros da *Revista* do Instituto constantes da nota que junta.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Paul Tournafond — *Exploration, revue des conquètes de la civilisation sur tous les points du globe; recueil géographique hebdomadaire illustré, de cartes, plans et gravures.* Paris, 1880—1881.—11 numeros.

Pelo consocio o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca—*Viagem ao redor do Brazil,* illustrada com paizagens, planos topographicos, vinhetas, e acompanhada de um mappa da fronteira de Mato-Grosso, 1°. vol. Rio de Janeiro, 1881.

Pela Sociedade de geographia de Pariz—os numeros de Setembro, Outubro e Novembro de 1880 do seu boletim, e o relatorio da sessão solemne de 23 de Dezembro do mesmo anno.

Pela Sociedade de geographia commercial de Bordeaux—os seus boletins de Dezembro de 1880 e Janeiro de 1881.

Pela Sociedade de geographia de Lyon—o seu boletim numero 19 de Julho, Agosto e Setembro de 1880.

Pela sociedade União geographica do norte da França—um boletim comprehendendo os numeros de 1 a 5. Lille, 1880.

Pela Sociedade de geographia de Anvers—o 5°. fasciculo do tomo 5°. do seu boletim. Anvers, 1881.

Pela Socidade imperial dos naturalistas de Moscou—o numero 1 do seu boletim de 1880.

Pelo Instituto geographico argentino—dous boletins do mesmo. Buenos-Ayres, 1880.

Pela Sociedade de geographia commercial do Porto—o seu boletim numero 1 de Outubro a Dezembro de 1880.

Pela Sociedade de instrucção do Porto—a sua *Revista* numero 1. Janeiro, 1881.

Pela Sociedade de geographia de Lisbôa—o seu boletim, 2ª. serie, numero 2 de 1880, e um folheto sob o titulo *Questões do Transvaal*. Lisbôa, 1881.

Pelo Archivo dos Açôres—o numero 8 do vol. 2°. da sua publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. Ponta Delgada, 1880.

Pela Sociedade de geographia de New-York—o numero 11 do seu boletim, 1880.

Pela secretaria do Imperio—a *Revista Brazileira* do mez de Maio do corrente anno. Rio de Janeiro.

Pelo Sr. Dr. Antonio Caetano Seve Navarro—a sua obra sob o titulo *Pratica do processo civil comparado com o processo commercial*, 2ª. edição correcta e augmentada. Pelotas, 1880.

Pela Telephone company of Brazil—um folheto sob o titulo *Communicação geral por telephonos no Rio de Janeiro e Niterohy*. Rio de Janeiro, 1881.

Pelo Instituto archeologico alagoano—a sua *Revista* de Dezembro de 1880, o numero 12 do 2°. vol., e o fasciculo numero 10 e ultimo do 1°. vol. de Dezembro de 1877.

Pelo Instituto geographico internacional, fundado em Berne, na Suissa—um numero do seu boletim, nova serie,

1881, com uma carta do polo austral, nitidamente lithographada.

Pelo Sr. secretario do terceiro Congresso internacional de Veneza—um exemplar do regulamento do congresso e da exposição, e uma cópia do systema de classificação dos objectos enviados á exposição.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se as seguintes propostas:

1.ª Propomos que sejam admittidos como socios honorarios d'este Instituto os Exms. Srs. tenente-general Visconde de Pelotas e almirante Barão do Amazonas, servindo-lhes de titulos os fulgentes louros com que enriqueceram de heroismo os fastos da historia patria na campanha do Paraguay.

Sala das sessões do Instituto historico e geographico do Brazil, em 7 de Julho de 1881. *Augusto Fausto de Souza.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho. Joaquim Norberto de Souza Silva. Felizardo Pinheiro de Campos.* Dr. *Antonio Henriques Leal.* Dr. *Rozendo Muniz Barreto. J. P Machado Portella.* Dr. *Moreira de Azevedo. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.* Foi enviada á commissão de admissão de socios.

2.ª Propomos para socio correspondente d'este Instituto historico e geographico do Brazil o Sr. Dr. Francisco de Paula Toledo, Brazileiro, natural da provincia de São Paulo, morador em Taubaté, onde exerce a profissão de advogado, maior de 40 annos. Servirá para titulo de admissão a sua obra *Historia de Taubaté.*

Sala das sessões 7 de Julho de 1881. *T. de Alencar Araripe.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* Dr. *Moreira de Azevedo.*—Foi á commissão de historia.

Leu-se, e foi unanimemente approvado, o seguinte parecer:

Á commissão de admissão de socios foi presente a moção de 10 de Junho proximo passado, assignada por grande numero de membros d'este Instituto, propondo para ser admittido em nosso gremio o major Alexandre de Serpa Pinto na qualidade de socio honorario; e em vista dos altos merecimentos, que concorrem na pessoa do illustre explorador das regiões centraes africanas, tornando-o credor das homenagens de todas as sociedades geographicas do mundo, é a mesma commissão de parecer que seja aquella proposta approvada, e inscripto o nome do destemido viajante portuguez no limitado catalogo dos socios de honra da nossa associação.

Sala das sessões 1 de Julho de 1881. *Alfredo de Escragnole Taunay. T. de Alencar Araripe.* Dr. *João Ribeiro de Almeida.*

O Sr. presidente proclama o Sr. major Serpa Pinto membro honorario do Instituto.

Propoz em seguida o Sr. Dr. Rozendo Muniz que se dispensasse a formalidade de remetter o diploma ao explorador portuguez acompanhado de officio, fazendo entrega d'elle ao consocio Sr. Barão de Wildick, afim de o passar ás mãos d'aquelle cavalheiro.

Sendo approvada unanimemente esta moção, agradeceu o Sr. Barão de Wildick mais esta prova de consideração dispensada ao seu denodado compatriota, além da subida honra de o distinguir como membro do Instituto. Abundou ao mesmo tempo em termos affectuosos e benevolentes, exalçando a amizade e estreitas relações, que ligam ambas as nações, irmans pela origem, pela lingua e pelos costumes e tradições.

1881, com uma carta do polo austral, nitidamente lithog·aphada.

Pelo Sr. secretario do terceiro Congresso internacional de Veneza—um exemplar do regulamento do congresso e da exposição, e uma cópia do systema de classificação dos objectos enviados á exposição.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se as seguintes propostas:

1.ª Propomos que sejam admittidos como socios honorarios d'este Instituto os Exms. Srs. tenente-general Visconde de Pelotas e almirante Barão do Amazonas, servindo-lhes de titulos os fulgentes louros com que enriqueceram de heroismo os fastos da historia patria na campanha do Paraguay.

Sala das sessões do Instituto historico e geographico do Brazil, em 7 de Julho de 1881. *Augusto Fausto de Souza.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho. Joaquim Norberto de Souza Silva. Felizardo Pinheiro de Campos.* Dr. *Antonio Henriques Leal.* Dr. *Rozendo Muniz Barreto. J. P. Machado Portella.* Dr. *Moreira de Azevedo. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.* Foi enviada á commissão de admissão de socios.

2.ª Propomos para socio correspondente d'este Instituto historico e geographico do Brazil o Sr. Dr. Francisco de Paula Toledo, Brazileiro, natural da provincia de São Paulo, morador em Taubaté, onde exerce a profissão de advogado, maior de 40 annos. Servirá para titulo de admissão a sua obra *Historia de Taubaté.*

Sala das sessões 7 de Julho de 1881. *T. de Alencar Araripe.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* Dr. *Moreira de Azevedo.*—Foi á commissão de historia.

Leu-se, e foi unanimemente approvado, o seguinte parecer:

Á commissão de admissão de socios foi presente a moção de 10 de Junho proximo passado, assignada por grande numero de membros d'este Instituto, propondo para ser admittido em nosso gremio o major Alexandre de Serpa Pinto na qualidade de socio honorario; e em vista dos altos merecimentos, que concorrem na pessoa do illustre explorador das regiões centraes africanas, tornando-o credor das homenagens de todas as sociedades geographicas do mundo, é a mesma commissão de parecer que seja aquella proposta approvada, e inscripto o nome do destemido viajante portuguez no limitado catalogo dos socios de honra da nossa associação.

Sala das sessões 1 de Julho de 1881. *Alfredo de Escragnole Taunay. T. de Alencar Araripe.* Dr. *João Ribeiro de Almeida.*

O Sr. presidente proclama o Sr. major Serpa Pinto membro honorario do Instituto.

Propoz em seguida o Sr. Dr. Rozendo Muniz que se dispensasse a formalidade de remetter o diploma ao explorador portuguez acompanhado de officio, fazendo entrega d'elle ao consocio Sr. Barão de Wildick, afim de o passar ás mãos d'aquelle cavalheiro.

Sendo approvada unanimemente esta moção, agradeceu o Sr. Barão de Wildick mais esta prova de consideração dispensada ao seu denodado compatriota, além da subida honra de o distinguir como membro do Instituto. Abundou ao mesmo tempo em termos affectuosos e benevolentes, exalçando a amizade e estreitas relações, que ligam ambas as nações, irmans pela origem, pela lingua e pelos costumes e tradições.

Leu-se e ficou sobre a mesa o parecer abaixo transcripto:

A commissão de fundos e orçamento, examinando minuciosamente os documentos que se referem á receita e despeza feitas no decurso de 7 mezes, de Junho a Dezembro de 1880, tempo em que gerio as finanças d'este Instituto o nosso consocio o Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, os achou exactos em relação ás mesmas receita e despeza, tendo entregado os titulos de apolices e saldo em dinheiro na importancia de 3:495$377 ao actual thesoureiro, e reconhecendo a exactidão de todas as contas referidas áquelle periodo, é de parecer a mesma commissão que se dê plena quitação ao sobredito Sr. conselheiro, e que o Instituto louve o zelo e dedicação com que este illustre consocio administrou as suas finanças.

Havendo se comprado para o Instituto algumas mesas e armarios feitos de madeira de pinho, a commissão é de parecer que esses moveis sejam substituidos por outros de vinhatico, de peroba ou de jacarandá, e que de hoje em diante todos os moveis de que se fizer acquisição sejão de madeira de lei e do paiz.

Sala das sessões do Instituto historico e geographico do Brazil 7 de Julho de 1881. *Dr. Maximiano Marques de Carvalho. T. de Alencar Araripe.*

O Sr. conselheiro Alencar Araripe leu a exposição (annexa a esta acta) sobre o estado financeiro do Instituto, que não é lisongeiro, alvidrando, como conclusão, que se adoptassem providencias afim de augmentar a receita e diminuir a despeza. Ficou sobre a mesa para serem discutidas em outra sessão as providencias propostas.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, 2°. secretario, servindo de 1°. no impedimento do Sr. conselheiro Souza Fontes, fallou no mesmo sentido, propondo, como um dos meios para fazer face ao *deficit,* o publicar a *Revista Trimensal*

com menor numero de folhas e dar a lista dos socios de 3 em 3 annos. Pedindo de novo a palavra, o Sr. conselheiro Alencar Araripe fez mais algumas considerações sobre o assumpto.

Ás 8 horas da noite, esgotada a materia, o Sr. presidente pediu venia a S. M. o Imperador e deu por encerrada a sessão.

Dr. A. Henriques Leal,
2°. secretario interino.

EXPOZIÇÃO A QUE SE REFERE A ACTA DE 7 DE JULHO DE 1880

Expozição e proposta.

§ 1. Tendo aprezentado o balancete do corrente trimestre, fiz sobre o nosso estado financeiro algumas observações, que suscitárão a idéa da necessidade da aprezentação de um quadro da nossa divida activa.

Venho agora satisfazer a recommendação, que me foi feita, oferecendo as relações juntas, que mostrão o estado d'essa divida.

Estas relações são:

1.ª Dos socios contribuintes com a importancia do debito de cada um.

2.ª Dos socios falecidos desde 1860 com o valor do respectivo debito.

3.ª Dos assinantes da *Revista Trimensal* em atrazo de pagamento com a importancia das assinaturas devidas.

§ 2. Organizei estas relações em vista dos assentamentos e notas, que encontrei nos papeis a mim entregues como pertencentes á nossa tezouraria; é bem possivel, que ajão enganos, que repararei em face de novas informações.

Acrecentei ás trez sobreditas relações uma nota das pessoas, que forão aprovadas como socios do Instituto, mas que nunca pagárão joia, nem contribuição alguma.

§ 3. A nossa divida activa procede de duas origens (não incluindo a consignação legislativa), as quaes são:

1.ª Mensalidades.

2.ª Assinaturas da *Revista Trimensal.*

§ 4. Emquanto a mensalidades dos socios, vê-se, que a divida d'essa origem monta a mais de 26:000$, sendo a quantia de 13:322$ devida por socios existentes, ou cujo destino se ignora, e a de 12:814$ devida por socios falecidos.

É crecida a cifra d'este debito social; elle porém mui pouco valor tem; pois de tão valioza somma considero, que apenas 1:500$ poderá ser arrecadada, si a tanto xegar.

Dos socios existentes em atrazo de suas prestações, alguns o estão, ha mais de 10 e 20 annos; outros devem apenas 1, 2 e 3 annos, e só a estes reputo dispostos a saldar os seos debitos.

§ 5. O extraordinario atrazo de muitos socios está indicando, que elles já não têem animo de pertencer : o nosso gremio.

Os nossos estatutos declarão, que será eliminado do quadro social aquele que, devendo prestações por mais de 3 annos, não as satisfizer, quando preceda aviso do nosso 1°. secretario, por deliberação da meza.

Parece, que assim se deveria praticar, e assim se fará, si a meza o rezolver.

Todavia julgo, que não seria improficuo enviar a cada socio em atrazo de mais de um triennio a conta do seo debito, afim de que elle a salde, ou faça efetiva a sua remissão.

Cazo assim não suceda, então trarei ao vosso conhecimento para deliberardes como mais acertado fôr.

Creio, que a respeito dos socios debitados por prestações atrazadas, já foi rezolvido, que se não exigisse pagamento d'aqueles que fossem assiduos aos nossos trabalhos; e penso que assim se tem realizado: na relação dos socios devedores incluo todos os debitados, porque na escrituração, que está em meo poder, não encontrei nota alguma relativa a taes socios.

§ 6. Emquanto aos socios falecidos, entendo, que devemos desde já rezolver, dando solução ao cazo, afim de não continuar na nossa escrituração uma divida de mera cifra, sem valor algum.

Parece pois conveniente, que autorizeis a eliminação d'essa divida dos nossos livros.

§ 7. A divida procedente de assinaturas importa em 92$; e como toda é recente, considero-a cobravel.

Talvez já ella esteja diminuida, porque depois de organizada a relação respectiva, entreguei recibos competentes ao cobrador.

§ 8. Pelo balancete, que vos aprezentei, demonstra-se o saldo de 136$912.

Este saldo está sugeito ao pagamento dos seguintes debitos passivos :

1.°	Folha dos empregados, de Março a Maio.	927$000
2.°	Fornecimento por Brandão & C.....	111$000
3.°	Idem por Jozé Ribeiro da Cunha.....	40$000
4.°	Idem por Silva Lobo.....	13$500
5.°	Publicações no *Cruzeiro*.....	34$700
6.°	Annuncios no *Jornal do Commercio* em Maio.....	20$000
7.°	Compra de livros a B. L. Garnier.....	96$000
8.°	Dous bustos de socios falecidos.....	600$000
		1:841$200

Não incluo aqui a conta da impressão da *Revista Trimensal* do anno de 1880, porque ainda me não foi aprezentada; mas por uma nota, que foi dada na tipografia, onde essa impressão se faz, a despeza d'ella anda por 3:605$000.

Si a estas quantias adicionarmos a de 2:142$, importancia da folha dos empregados do Instituto, a correr de Junho a Dezembro vindouro, porque é despeza certa; e si calcularmos a despeza da impressão da *Revista Trimensal* do corrente anno de 1881 pela verba votada no orçamento, ella será de 2:000$000.

Além d'isso cumpre observar, que não menciono a despeza do expediente, que deverá ocorrer até o fim do anno.

D'onde se vê, que a nossa despeza total no corrente anno deve ser de mais de 9:588$000.

Ora, para fazermos face a essa despeza temos o seguinte:

1.° Consignação legislativa do 2°. semestre.	3:500$000
2.° Juros das apolices do anno de 1881.....	720$000
3.° Cobrança provavel de mensalidades e assinaturas.....	300$000
	4:520$000

Portanto o nosso *deficit* no corrente anno será de mais de 4:000$000.

§ 9. Eis o que julguei dever expôr, aprezentando o estado da nossa divida activa; agora em concluzão proponho:

1.° Que seja o tezoureiro do Instituto autorizado a enviar aos socios atrazados em pagamento das suas prestações por mais de um triennio a nota do seo debito, declarando-lhes que, quando o não queirão saldar, podem remir-se pela quantia minima dos estatutos (60$000).

2.° Que sejão encerradas as contas de todos os socios falecidos, dando-se ellas por saldadas pela extinção do debito, em que ficárão.

3.° Que se encerre a conta dos socios, cujas joias não forão pagas até o anno de 1870.

4.° Que sejão abolidas as mensalidades dos socios, estabelecendo-se joia maior do que a actual, afim de comprar-se com o produto apolices da divida publica para fundo social.

5.° Que admitão-se socios com a denominação de benemeritos, conferindo-se este titulo a aquelas pessoas, que, por notaveis donativos para o fundo social, se fizerem dignas d'esta distinção, atendendo-se a sua condição e merecimentos civis.

§ 10. Julgo, que os tres primeiros pontos podem ser decididos por deliberação da meza administrativa; por isso peço desde já a solução d'elles: emquanto porém aos dous ultimos me parece dependerem de reforma dos nossos estatutos; e assim indico, que a respeito dos mesmos sigão-se os tramites regimentaes.

Rio 10 de Junho de 1881.

T. de Alencar Araripe,
Tezoureiro interino.

7ª. SESSÃO EM 22 DE JULHO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. Joaquim Norerto de Souza Sliva.

As 6 ½ horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Henriques Leal,

Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Fausto de Souza, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Felizardo Pinheiro de Campos, Franklin Tavora, João Ribeiro de Almeida, Baptista Caetano d'Almeida Nogueira, general Henrique de Beauraipere Rohan e Barão de Capanema, foi S. M. o Imperador recebido com as honras do estylo, e tomou assento; depois do que, o Sr. Joaquim Norberto, 2°. vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Henriques Leal, servindo de 2.° secretario, leu a acta da sessão antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, 1°. secretario interino, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do Sr. conselheiro Souza Fontes, 1°. secretario effectivo, communicando que, por doente, não tem comparecido ás sessões, e que, por continuarem ainda os seus incommodos, deixará de comparecer.

Officio do Sr. Presidente da provincia de Sergipe, informando que n'aquella provincia só existe uma bibliotheca publica, annexa ao Athenêo sergipense, e que ella nunca recebeu *Revista Trimensal* d'este Instituto.

Dito do Sr. Presidente da provincia do Rio-grande do Norte, tambem informando que alli existem tres bibliothecas, sendo uma na capital, outra na cidade de Mipibù e a terceira na do Assú, as quaes não têm recebido a *Revista Trimensal* do Instituto Historico.

Dito do Sr. Presidente da provincia do Ceará, declarando igualmente que a unica bibliotheca publica, que ha

alli, é a *Bibliotheca Provincial* da cidade da Fortaleza, e que nunca recebeu a *Revista Trimensal* do Instituto.

Dito do Sr. director do Archivo militar, brigadeiro Innocencio Velloso Pederneira, remettendo 1.000 exemplares de cada uma das tres *cartas da divisão territorial do Brazil*, organisadas pelo major Augusto Fausto de Souza, gravadas e impressas n'aquelle archivo.

Dito do *Gremio litterario Castro Alves*, convidando o Instituto para assistir por commissão ao decennio do poeta Castro Alves. Nomeou-se a commissão composta dos Srs. Joaquim Norberto, Rozendo Muniz, Machado Portella e Moreira de Azevedo.

Dito da directoria da sociedade academica *Deus, Christo e Caridade*, accusando o recebimento dos numeros da *Revista* d'este Instituto, que pedio para completar a collecção, que possue a sua bibliotheca.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Museu Nacional do Mexico *Annaes* do mesmo, 1.º e 2.º fasciculo do tomo 2.º, 1880.

Pela *Sociedade belga de geographia*—3 numeros de seus boletins, comprehendendo os mezes de Setembro a Dezembro de 1879, e Janeiro e Fevereiro de 1880.—Bruxellas.

Pela *Sociedade de geographia de Lyon*—o relatorio annual da sessão solemne de 23 de Dezembro de 1880.

Pela *Sociedade de geographia de Genova*—*Globe*, journal géographique, tomo 4º. 3ª. serie.

Pelo consocio o Sr. Bartholomeu Mitre—as suas *recordações de viagem*, sob o titulo: *Ruinas de Tiahuanaco*, archeologia americana. Buenos-Ayres, 1879.

Pela secretaria do Imperio—*Revista Brazileira*, 3.º anno, tomo 8º. Junho de 1881.

Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Fausto de Souza, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Felizardo Pinheiro de Campos, Franklin Tavora, João Ribeiro de Almeida, Baptista Caetano d'Almeida Nogueira, general Henrique de Beauraipere Rohan e Barão de Capanema, foi S. M. o Imperador recebido com as honras do estylo, e tomou assento; depois do que, o Sr. Joaquim Norberto, 2°. vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Henriques Leal, servindo de 2.° secretario, leu a acta da sessão antecedente, que, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, 1°. secretario interino, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do Sr. conselheiro Souza Fontes, 1°. secretario effectivo, communicando que, por doente, não tem comparecido ás sessões, e que, por continuarem ainda os seus incommodos, deixará de comparecer.

Officio do Sr. Presidente da provincia de Sergipe, informando que n'aquella provincia só existe uma bibliotheca publica, annexa ao Athenêo sergipense, e que ella nunca recebeu *Revista Trimensal* d'este Instituto.

Dito do Sr. Presidente da provincia do Rio-grande do Norte, tambem informando que alli existem tres bibliothecas, sendo uma na capital, outra na cidade de Mipibù e a terceira na do Assú, as quaes não têm recebido a *Revista Trimensal* do Instituto Historico.

Dito do Sr. Presidente da provincia do Ceará, declarando igualmente que a unica bibliotheca publica, que ha

alli, é a *Bibliotheca Provincial* da cidade da Fortaleza, e que nunca recebeu a *Revista Trimensal* do Instituto.

Dito do Sr. director do Archivo militar, brigadeiro Innocencio Velloso Pederneira, remettendo 1.000 exemplares de cada uma das tres *cartas da divisão territorial do Brazil*, organisadas pelo major Augusto Fausto de Souza, gravadas e impressas n'aquelle archivo.

Dito do *Gremio litterario Castro Alves*, convidando o Instituto para assistir por commissão ao decennio do poeta Castro Alves. Nomeou-se a commissão composta dos Srs. Joaquim Norberto, Rozendo Muniz, Machado Portella e Moreira de Azevedo.

Dito da directoria da sociedade academica *Deus, Christo e Caridade*, accusando o recebimento dos numeros da *Revista* d'este Instituto, que pedio para completar a collecção, que possue a sua bibliotheca.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Museu Nacional do Mexico *Annaes* do mesmo, 1.º e 2.º fasciculo do tomo 2.º, 1880.

Pela *Sociedade belga de geographia*—3 numeros de seus boletins, comprehendendo os mezes de Setembro a Dezembro de 1879, e Janeiro e Fevereiro de 1880.—Bruxellas.

Pela *Sociedade de geographia de Lyon*—o relatorio annual da sessão solemne de 23 de Dezembro de 1880.

Pela *Sociedade de geographia de Genova*—*Globe*, journal géographique, tomo 4º. 3ª. serie.

Pelo consocio o Sr. Bartholomeu Mitre—as suas *recordações de viagem*, sob o titulo: *Ruinas de Tiahuanaco*, archeologia americana. Buenos-Ayres, 1879.

Pela secretaria do Imperio—*Revista Brazileira*, 3.º anno, tomo 8º. Junho de 1881.

Pela sociedade *União Medica do Rio de Janeiro*—o numero 6 do seu jornal (Junho).

Pela *Sociedade de geographia de Washington* nos Estados-Unidos—5 volumes de suas publicações, comprehendendo: Botanica, Geologia, Zoologia, Paleontologia e Astronomia. Washington, 1875, 1877 e 1878.

Pelo Sr. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho—a sua obra sob o titulo: *Herdeiros de Caramurú*. 2 volumes. São Paulo, 1880.

Pelo Sr. Dr. Bernardo Guimarães—as suas obras sob os titulos: *Escrava Isaura*, romance, *Ermitão de Moquem* ou historia da fundação da romaria de Moquem, *Mauricio* ou os *Paulistas em S. João d'El-rei*, *Garimpeiro*, romance, *Historia e tradições da provincia de Minas-geraes*, *Lendas e romances*, *Seminarista*, *Indio Affonso*, *Ilha maldita*, *Poesias*, *Novas poesias*.

Varios jornaes enviados pelas respectivas redacções.

As offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e foi á commissão de historia a seguinte proposta:

Propomos para socio correspondente o Dr. Bernardo Guimarães, servindo de titulos para a sua admissão as numerosas obras, que tem publicado, e que acaba de offerecer ao Instituto.

Sala das sessões em 22 de Julho de 1881. *Dr. Moreira de Azevedo. Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Augusto Fausto de Souza.*

Leu-se e foi approvado o parecer da commissão de fundos e orçamento dado sobre as contas e documentos da receita e despeza do Instituto durante a gerencia do

Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, no decurso dos mezes de Junho a Dezembro do anno proximo findo.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, thesoureiro interino, apresentou o balancete da caixa do Instituto relativo aos mezes de Abril a Junho do corrente anno.

Leu-se e ficou sobre a mesa, para ser votado na proxima sessão, o parecer abaixo transcripto:

« A commissão de admissão de socios, na apreciação da proposta para que sejão admittidos como socios honorarios do Instituto os Exmos. Srs. almirante Barão do Amazonas e tenente-general Viscondo de Pelotas;

« Considerando que não só com a penna, mas tambem com a espada, se escrevem paginas gloriosas na historia da patria e da humanidade;

« Considerando que, na brilhante epopéa chamada campanha do Paraguay, traçou as primeiras linhas o intrepido chefe Barroso, quando em Riachuelo, *resolvendo dar um dia de gloria á patria*, mergulhou nos abysmos a melhor parte da esquadra inimiga com a prôa de madeira do seu Amazonas; e que ao illustre general Camara estava reservado fechar com chave de ouro a immortal obra, desfechando em Aquidaban o ultimo golpe no inimigo, que tantos thesouros e sangue custára ao Brazil;

«Considerando que em ambos os illustres varões concorrem todas as qualidades e meritos justificativos da elevada prova de consideração proposta;

« Considerando, emfim, que o Instituto, honrando com o seu maior galardão a tão assignalados servidores da patria, constitue-se orgão do paiz e honra a si proprio, pois que o sentimento de gratidão nacional ennobrece

tanto a quem d'elle é objecto, como a quem o dedica; por tudo isso entende a commissão que os Exms. Srs. Barão do Amazonas e Visconde de Pelotas sejão admittidos a fazer parte do Instituto Historico como socios honorarios.

« Rio de Janeiro 22 de Julho de 1881. *Dr. João Ribeiro de Almeida. Barão de Capanema.* »

Entrando em discussão a exposição e proposta do Sr. conselheiro Alencar Araripe, thesoureiro do Instituto, sobre o estado financeiro do mesmo, fallárão sobre o assumpto os Srs. conselheiro Olegario, Drs. Felizardo Pinheiro, Moreira de Azevedo, Maximiano Marques e conselheiro Alencar Araripe, resolvendo o Instituto na fórma da proposta e additivo abaixo transcriptos:

« Proponho que sobre a materia da exposição do Sr. conselheiro Alencar Araripe, thesoureiro do Instituto, relativo ao estado financeiro do mesmo Instituto, seja ouvida a commissão de fundos, que se pronunciará sobre as providencias lembradas e quaesquer outras que pareçam convenientes.

« Rio 22 de Julho de 1881.—*O. H. de Aquino e Castro.* »

« Additamento. Sendo tambem ouvida a commissão de estatutos.—*T. de Alencar Araripe.* »

LEITURA

O Sr. Dr. Machado Portella apresentou e leo documentos acêrca de varias sociedades litterarias dos tempos coloniaes, e provou que a sociedade mandada dissolver pelo vice-rei Conde de Rezende, em 1794, não foi, como dizem alguns historiadores, a *Academia Scientifica* do Rio de Janeiro, fundada no tempo do Marquez de Lavradio, em 1772, mas sim a *Sociedade Litteraria* creada no governo de Luiz de Vasconcellos, em 1786.

Ás 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. A. Henriques Leal,

2°. secretario interino.

8ª. SESSÃO EM 5 DE AGOSTO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 ½ horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Henriques Leal, Felizardo Pinheiro de Campos, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Rozendo Muniz Barreto, Barão de Capanema, Dr. José Maria da Silva Paranhos, João Severiano da Fonseca e Barão de Wildick, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, e, sendo este recebido com as honras do estylo, o Sr. Joaquim Norberto, 2°. vice-presidente, abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. presidente declara que tem de fazer a triste communicação de haver na semana proxima passada fallecido o conselheiro de estado e senador do Imperio José Pedro Dias de Carvalho, socio correspondente desde a fundação do Instituto.

Declara mais que, não tendo a familia communicado á mesa o fallecimento do illustre socio, não pôde esta nomear a commissão para assistir ao seu funeral, mas que á missa do setimo dia assistiu uma commissão composta dos Srs. Drs. Maximiano Marques de Carvalho, Pinheiro de Campos e Ribeiro de Almeida.

Propõe por ultimo, que, segundo o estylo, e com a augusta permissão de S. Magestade o Imperador, se levante a sessão.

A proposta é approvada, e suspende-se a sessão.

Dr. Antonio Henriques Leal,

2°. secretario interino.

9ª. SESSÃO EM 12 DE AGOSTO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Barão de Capanema, conselheiro tenente-general Beaurepaire Rohan, conselheiro Alencar Araripe, Baptista Caetano, Drs. Moreira de Azevedo, Severiano da Fonseca, Maximiano Marques de Carvalho, Pinheiro de Campos, Barão de Wildick, Joaquim Norberto de Souza Silva e Dr. Antonio Henriques Leal, e logo que chegou S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, abrio a sessão o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, 2°. vice-presidente.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, 1°. secretario interino, a dar conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Barão Nogueira da Gama, declarando que foi presente a S. M. o Imperador um orçamento organizado pela officina da Casa de correcção, relativo aos moveis para o Instituto, na importancia de 2:335$, e que o mesmo augusto Senhor determinou que por ora se faça sómente

acquisição do que fôr mais necessario, como da mesa, da estante e dos armarios, verificando-se antes se os preços indicados d'esses objectos são os mais razoaveis.—Fica-se inteirado.

Officio do Presidente da provincia do Espirito-Santo, declarando que ha na provincia duas bibliothecas, uma publica e outra fundada pela sociedade beneficente *União e Progresso*, não tendo esta recebido a *Revista Trimensal* do Instituto, e que aquella possue a collecção até o volume 42°. (1ª. parte), faltando o 11.°, 14.°, 29.° e 36°.

Officio do Sr. Santos Pereira, offerecendo o jornal *Onze de Junho*, onde se prova que Marcilio Dias nasceu em Mangaratiba.

Officio do Sr. Manoel da Cunha Barboza, offerecendo o retrato de seu tio, o conego Januario da Cunha Barboza.

Officio do Sr. Dr. Ferreira Jacobina, remettendo um exemplar da falla, com que abrio a assembléa provincial das Alagôas.

Officio do Presidente de Minas-geraes, informando que ha na provincia quatro bibliothecas, sendo uma na capital, outra na Diamantina, outra na cidade da Campanha, e a quarta finalmente em São João d'el-rei; que as duas ultimas não possuem a *Revista Trimensal*, a da capital tem uma collecção truncada, a que faltam muitos numeros, e que a da Diamantina está completa até o tomo 36°.

Officio do Presidente de Santa Catharina, declarando que as bibliothecas da provincia não possuem a *Revista Trimensal*.

Officio do Presidente do Rio-grande do Sul, declarando que falta á collecção da bibliotheca de Porto-alegre os numeros da *Revista Trimensal* correspondentes ao anno de 1872.

Officio do major Antonio Martiniano da Silva Bemfica, escrivão de orphãos da cidade de Entre-rios, solicitando a remessa da *Revista Trimensal* e de outras obras para a bibliotheca da *Imperatriz D. Thereza*, por elle creada n'aquella cidade.—Resolveu-se que fôsse satisfeito o pedido.

Foram em seguida apresentados pelo Sr. 2°. secretario interino as obras abaixo designadas, enviadas ao Instituto como

OFFERTAS

Bolivia e *Chile*, seus tratados de limites, por Santiago y Guzman.

Revista da Sociedade hollandeza de Batavia.

Memorandum sobre o presidente e estado da guerra do Pacifico (1881), apresentado pela legação de Buenos-Ayres.

Memorias da Sociedade nacional de Cherburgo, tom. 2 (1879).

Boletim da Sociedade de geographia de Pariz, Março de 1881.

Boletim da Sociedade normanda de geographia, 1880—1881.

Exploration por Paulo Tournafond, 1°. e 2°. semestre de 1881.

Boletim da Sociedade espano-portugueza de Toulon, (n. 4. 1880).

Boletim da Sociedade belga de geographia (n. 4, 1879).

Report of the United States geological survey, etc, vol. 12. (Washington 1, 1879.

Smithsonian Miscelaneous Collection, vols. 16 e 17 (pelo Instituto Smithoniano).

Viagem de Manáos á foz do Apoporis, *memoria* manuscripta, offerecida pelo seu autor, o capitão de fragata José Candido Guilhobel.

Relatorio do Gabinete portuguez de leitura, no Rio de Janeiro (1881), pela directoria.

Revista Brazileira, do 1.º de Agosto, pelo editor.

Nevrosis de los hombres célebres de la historia argentina (Rosas y su epoca) 1878, pelo autor, D. José Maria Ramos Mejia.

Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza, por Baptista Caetano (ns. 1 a 4), offerecido pelo autor.

Antigualhas e reminiscencias de Porto-alegre, folheto offerecido por seu autor, Antonio Alvares Pereira Coruja.

Revista Commercial, questão de direito.

Medalhas e moedas antigas apresentadas pelo Sr. Baptista Caetano, e que lhe foram remettidas por um desconhecido, afim de offerecê-las ao museu do Instituto.

Foram essas offertas recebidas com agrado.

PROPOSTAS

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, thesoureiro interino, apresentou o projecto do orçamento para 1881 e 1882, acompanhado de uma exposição e do parecer da commissão de fundos.

Ficou sobre a mesa para ser discutido na proxima sessão, e vae annexo á presente acta.

Declarou não ter ainda ouvido a commissão de estatutos ácerca das providencias financeiras por elle lembradas, por estar aquella incompleta, achando-se impedidos os Srs. conselheiro Barão Homem de Mello e Dr. Manoel Jesuino Ferreira. Em vista d'isto, o Sr. presidente nomeou para servirem no impedimento d'estes os Drs. Franklin Tavora e A. Henriques Leal.

Foi lida a seguinte proposta:

« Propômos para socio do Instituto historico e geographico do Brazil o Sr. capitão de fragata José Candido Guilhobel, servindo para titulo de sua admissão a memoria apresentada—Viagem de Manáos á foz do Apoporis—e o seu *Tratado de Geodesia*.

J. Barboza Rodrigues. Barão de Capanema. Baptista Caetano Nogueira.

Vai á commissão de geographia.

LEITURA

Foi por ultimo lida a continuação da *memoria* escripta pelo consocio Dr. Maximiano Marques de Carvalho—*Estudos sobre a primeira viagem de Christovão Colombo.*

Ás 8 1/2 horas, obtida venia de S. M. o Imperador, o Sr. presidente levantou a sessão.

Dr. *Antonio Henriques Leal,*
2°. secretario interino.

PROPOSTA DE ORÇAMENTO PARA 1881 E 1882

A commissão de fundos e orçamento do Instituto istorico e geografico do Brazil, observando que a aprezentação do projeto de orçamento no fim do anno póde, por demora na aprovação do mesmo projeto, motivar a falta de orçamento, como sucede no corrente anno, entendeu dever aprezentar desde já o projeto respectivo para o anno de 1882, contendo providencias ácerca do prezente anno de 1881, cuja receita já está em parte arrecadada, e cuja despeza acha-se na maxima parte efectuada.

Por isso a commissão oferece o orçamento para 1882, organizado como pareceo conveniente, e propõe a aceitaçã

do orçamento de 1880 para o corrente anno de 1881 com as modificações, que a necessidade economica aconselha.

§ 1. No projeto de orçamento para 1882 e providencias para 1881 fizerão-se as seguintes reduções:

1.° Supressão do lugar de servente, a quem ultimamente se pagava 40$ por mez.

2.° Deminuição no vencimento do escriturario, que, sendo de 83$333 por mez, passa a 50$ mensaes.

3.° Deminuição no vencimento do porteiro, que passa de 60$ a 50$ por mez.

4.° Supressão da gratificação do agente cobrador, a quem se arbitrava 30$ mensaes, além da porcentagem de 5 % sobre a cobrança realizada.

Estas alterações trazem uma economia annual de Rs. 1:360$000.

Emquanto ao servente, parece á commissão escusado ter um empregado efectivo com vencimento constante.

Si porventura alguma circunstancia extraordinaria exigir serviços, que tal empregado póde prestar, por certo antes convirá pagar o trabalho de que ocazionalmente se precizar.

Emquanto ao escriturario entendeo a commissão, que o trabalho d'este empregado deve ser assaz diminuido, suprimindo-se o registro das actas, dos pareceres de commissão, e da correspondencia, o qual é desnecessario, visto como relativamente as actas e pareceres, além dos originaes, que se archivão, são taes peças publicadas na nossa *Revista Trimensal*; e acerca da correspondencia basta conservar as minutas, que se encadernarão por ordem cronologica, como já o praticão varias repartições publicas.

Assim muito rezumido fica o serviço a cargo d'este empregado; e o que lhe resta por fazer é suficientemente pago com 600$ annuaes.

Emquanto ao porteiro a deminuição o faz voltar ao que recebia anteriormente á elevação de vencimentos, que tiverão os empregados o anno passado; sendo certo que o nosso estado financeiro exige economia rigoroza.

Emquanto ao agente cobrador a commissão julgou, que devia suprimir a gratificação de 30$ mensaes e aumentar a porcentagem da cobrança, elevando-a de 5 a 30 °/₀.

D'este modo evita-se uma despeza certa, que nem sempre é bem compensada pela cifra da arrecadação realizada, vindo ás vezes a caber ao cobrador maior quota do que á nossa associação.

Dando-se ao agente cobrador a porcentagem indicada, que elle aceita por seo trabalho, nunca teremos esse rezultado; porquanto a retribuição estará sempre na proporção da arrecadação com vantagem nossa.

A commissão entendeo não dever alterar o vencimento do conservador da biblioteca, porque este empregado, além da incumbencia da conservação da mesma biblioteca, tem a seo cargo a organização do catalogo dos livros e dos manuscritos, trabalho penozo, si fôr executado como é de esperar da abilitação e zêlo do actual serventuario.

§ 2. A commissão propõe a deminuição dos vencimentos do escriturario e do porteiro, deixando por considerações de equidade de propôr a supressão do lugar de escriturario desde já; mas é de seo dever lembrar, que no cazo de vaga dos dous lugares de escriturario e de porteiro, conviria substituil-os por um só empregado, que acumulasse as funções de ambos, dando-se á pessoa abil para o dezempenho d'ellas o vencimento de 1:000$; com o que o Instituto realizaria uma economia de 720$ por anno, regulando pelo que atualmente despende.

§ 3. Si forem adotadas as providencias do orçamento

proposto, o *deficit*, que oje temos, dezaparecerá em 1883, e só então poderemos ordenar as nossas despezas com a renda social dezembaraçada de gastos atrazados.

A renda annual do Instituto consiste em 7:000$ da consignação legislativa, 720$ de juro de apolices, e 1:480$ de annuidades, joias, assinaturas, e venda da *Revista Trimensal:* o que dá um total de 9:200$000.

As duas primeiras parcelas são certas, e a terceira é eventual; mas si não podemos contar exatamente com a sua importancia, ella é todavia mui provavel, e deve entrar nos nossos calculos financeiros.

§ 4. Ora nós temos prezentemente uma divida de 4:633$200.

Si fizermos as despezas do resto do corrente anno, bem como a do vindouro anno de 1882 nas conformidades do orçamento proposto, seguir-se-á, que no fim d'esse anno a divida estará muito reduzida, e poderá com certeza ficar extinta em principio de 1883.

Com efeito temos de despender no resto do anno cadente 3:365$663 e no anno de 1882 a importancia de 5:520$; o que perfaz o total de 8:885$663.

Para pagamento d'estas despezas temos: saldo em caixa 2:948$508; renda de 1881 por arrecadar 600$; renda de 1882 orçada 9:200$; perfazendo tudo a somma de Rs. 12:748$508.

Deduzidas d'esta somma as despezas supramencionadas (8:885$663), teremos uma sobra de 3:864$945, a qual aplicada ao pagamento da divida já mencionada (4:633$200) deixa ainda um *deficit* de 768$255, que poderá ser extinto no principio de 1883.

Este rezultado variará para mais ou para menos, conforme

fôr mais ou menos efectiva a arrecadação das contribuições annuaes.

Si conseguissemos cobrar parte da divida antiga, esse *deficit* desappareceria no fim de 1882; calculemos porém pelo lado menos vantajozo, qual é não contar com essa cobrança.

§ 5. A commissão, depois d'estas observações, expõe á vossa consideração o orçamento junto com duas notas explicativas da divida existente, da despeza por fazer até o fim do corrente anno, e da despeza já efectuada n'este anno por conta de 1880 e 1881.

Sala das sessões 12 de Agosto de 1881.—*T. de Alencar Araripe.* Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*

ORÇAMENTO

Art. 1. A receita do Instituto istorico e geografico do Brazil para o anno de 1882 é orçada na quantia de.....		9.200$000
A saber:		
§ 1. Prestação do Tezouro Nacional.....	7.000$000	
§ 2. Juros de 12 apolices da divida publica.....	720$000	
§ 3. Cobrança da divida activa.	150$000	
§ 4. Annuidade dos socios....	1.080$000	
§ 5. Joia dos socios.....	100$000	
§ 6. Assinaturas da *Revista Trimensal*.....	100$000	
§ 7. Venda da *Revista Trimensal*.....	50$000	
§ 8. Remissão de socios.....	$	
§ 9. Donativos.....	$	

Art. 2. A despeza é fixada na quantia de.. 9.200$000
A saber:

§ 1. Impressão da *Revista Trimensal*.....		2.000$000
§ 2. Expediente na fórma seguinte:		
Iluminação da sala das sessões.....	80$	
Cartões postaes para avizos.....	10$	
Avizos para a sessão anniversaria.....	20$	
Papel, lapis, tinta, etc.....	30$	
Asseio da caza e agua.....	20$	
	——	160$000
§ 3. Remessa da *Revista Trimensal*.....		200$000
§ 4. Encadernação de livros e caixas para manuscritos.		200$000
§ 5. Conservador da biblioteca.		1.400$000
§ 6. Escriturario.....		600$000
§ 7. Porteiro.....		600$000
§ 8. Porcentagem ao agente cobrador na razão de 30 °/₀ do que cobrar.....		360$000
§ 9. Pagamento da divida passiva.....		3.680$000

Art. 3. A receita e despeza do corrente anno de 1881 se regularáõ pelo que se axa disposto no orçamento de 1880, com as seguintes modificações:

§ 1. Fica desde já dispensado o lugar de servente.

§ 2. Os vencimentos do escriturario e do porteiro ficão desde já reduzidos, pagando-se a cada um d'esses empregados 50$ por mez.

§ 3. Não se realizará a despeza da verba do § 2 do art. 2 do mesmo orçamento, relativa á reimpressão da *Revista Trimensal*, nem a do § 5, relativa a estantes, encadernação e caixas para manuscritos.

§ 4. Com as sobras da receita de 1881 se pagaráõ as despezas feitas no anno precedente, ainda não pagas, bem como a quantia de 79$ de assinaturas de jornaes europêos, que não poderáõ ser suspensas immediatamente.

Art. 4. Observações.

O Instituto possue:

1. Em apolices da divida publica a juro de 6 %.....	12.000$000
2. Em uma caderneta da Caixa Economica, além dos juros não contados de 1 de Janeiro de 1880 em diante.....	276$675
3. Estas quantias constituem o fundo do Instituto e não estão sugeitas ás despezas ordinarias; por isso não se incluem nas verbas da receita d'este orçamento.	

Sala das sessões 12 de Agosto de 1881.—*T. de Alencar Araripe*. Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*.

Nota

DIVIDA CONTRAHIDA EM 1880 E 1881

Livros a B. L. Garnier, comprados em 1880.....	96$000
Papel, pennas, lapis, etc., a Brandão & C. em 1880 ...	111$200

Velas, a José da Cunha Ribeiro Vianna em 1880.....	40$000	
Trabalho de carpinteiro, a Manoel da Silva Ramos em 1880.	2$000	
Impressão da *Revista Trimensal* de 1880.....	3:660$000	
Assignatura de jornaes europeus em 1880..... .	116$000	
Almanak de 1881 a H. Laemmert & C.....	8$000	
Dous bustos de socios fallecidos a C. C. Almeida Reis.....	600$000	4:633$200

Nota

DESPEZA POR FAZER EM 1881

Impressão da *Revista Trimensal* de 1881.....	2:000$000	
Assignatura de jornaes europeus que não podem ser suspensos desde já.....	79$000	
Conservador da bibliotheca de Agosto a Dezembro.....	583$330	
Escripturario no mez de Agosto.	83$333	
Porteiro, idem.....	60$000	
Escripturario de Setembro a Dezembro, feita a reducção do vencimento.....	200$000	
Porteiro, idem.....	200$000	
Expediente.....	160$000	3:365$663

Barreto, Machado Portella, Moreira de Azevedo e Antonio Henriques Leal, e tendo sido annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, 2º. vice-presidente, abrio a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, 1.º secretario interino deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio da Sociedade normanda de geographia, participando que realizou-se a eleição de sua administração a 18 de Julho do corrente anno, e declarando os nomes dos socios que foram eleitos para os differentes cargos.—Inteirado.

Dito do Dr. Maximiano Marques de Carvalho, que foi remettido á commissão de geographia para dar seu parecer.

Dito da directoria da instrucção publica da provincia do Rio de Janeiro, agradecendo a remessa dos numeros da *Revista Trimensal* do Instituto, que completaram a collecção pertencente á bibliotheca da Escola Normal.

Dito da secretaria da presidencia do Maranhão, declarando haver n'aquella provincia tres bibliothecas: a da Imperial sociedade Atheneu maranhense, a publica, annexa á sociedade Onze de Agosto, e a do Gabinete portuguez de leitura, sem comtudo informar si têm a collecção da *Revista Trimensal.*

Dito da secretaria da provincia do Amazonas, declarando que a unica bibliotheca da provincia possue a *Revista Trimensal* até o anno de 1870.

Dito do Instituto pharmaceutico, participando a eleição de sua directoria, que se effectuou a 29 de Julho.

Dito da presidencia de Goiaz, declarando que ha uma

bibliotheca da provincia, e que as *Revistas* do anno de 1877 são as unicas que possue, faltando-lhe os numeros que vêm mencionados em lista.

Dito da de Pernambuco, remettendo a informação do inspector geral da instrucção publica, em que declara que a bibliotheca provincial possue a collecção da *Revista* incompleta, e menciona as bibliothecas da provincia que não têm a mesma *Revista*.

Dito do Liceu litterario portuguez, convidando o Instituto para a sessão solemne no dia 24.—Foi nomeada uma commissão, composta dos Exms. Srs. Barão de Wildick e Dr. Antonio Henriques Leal.

Foram apresentadas as seguintes obras, enviadas ao Instituto como

OFFERTAS

Pelo autor, o Dr. Joaquim de Paula Souza:

Itinerario de São-Paulo ao Paraguay, in-8°, *Campos-Novos*; *Manual de litteratura ou estudo sobre os principaes povos da America e Europa*, *Homenagem de um Brasil iro ao grande representante da nacionalidade portugueza Luiz de Camões*, *Palmares*, romance nacional historico, in-8°, *Amores celebres nos principaes povos do globo*, in-8°, *Livrinho feito para responder ao questionario e mais alguns outros pontos da historia patria, e cousas curiosas do Brazil*, in-8°.

Pelo traductor, Dr. Aarão Reis,—*Escravidão dos negros*, in-8°.

Pelo Sr. Abilio A. S. Marques—*Interesses da colonia portugueza na provincia de São-Paulo* (*Brasil*), in-8°.

Pela Sociedade dos Naturalistas de Endem—o relatorio da mesma, de 1877, in-8°.

Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin—o 16°. fasciculo do *Diccionario de geographia*, pelo mesmo.

Pela Academia de sciencias de São-Luiz—trabalhos da mesma, volume 4°., numero 1, in-8°.

Pelo autor—*Souvenir de l'amphiorama ou la vue du monde.*

Pelo Instituto Smithsoniano—*Atlas topographico dos Estados-Unidos*, in-folio.

Pela Sociedade de geographia de Vienna—*Jornal de geographia* da mesma, de 1879, in-8°.

Pelas respectivas redacções—os numeros 216, 230 a 236 da *Exploration*; varios jornaes da côrte e das provincias.

Pela secretaria do governo da Bahia—o *Diario da Bahia.*

Pela Real Academia hespanhola—o tomo 8°. de suas *Memorias.*

Pela Sociedade de geographia de Bordeaux—boletim numeros 15 e 16, de 1881.

Pela Sociedade geographica e archeologica de Oran —boletim numero 10, de 1881.

Pela Sociedade de geographia de Antuerpia—o 2°. fasciculo do tomo 4° do seu boletim.

Foram recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lido o parecer das commissões reunidas de fundos e de estatutos, que ficou sobre a mesa para ser discutido na proxima sessão, e vae annexo a esta acta.

Posto em discussão e a votos o projecto de orçamento para 1881—1882, e depois de varios membros expôrem suas idéas a respeito, foi approvado.

LEITURA

Procedeu o Sr. Dr. Fausto de Souza á leitura do 4°. capitulo de sua memoria *Bahia do Rio de Janeiro.*

Ás 8 horas da noite, concedida venia por S. M. o Imperador, o Sr. 2°. vice-presidente levantou a sessão.

Franklin Tavora,

servindo de 2°. secretario.

PARECER

As commissões de fundos e de estatutos, a quem foi incumbido o exame das propostas apresentadas pelo tesoureiro interino em sessão de 10 de Junho ultimo, vem trazer agora o resultado do seu trabalho.

As sobreditas propostas são :

1.ª Que o tesoureiro do Instituto seja autorisado a enviar aos socios atrazados em pagamento de suas prestações por mais de um triennio a conta de seu debito, declarando-lhes que, quando a não queirão saldar, podem remir-se pela quantia minima dos estatutos (60$000).

2.ª Que sejão encerradas as contas de todos os socios falecidos, dando-se-lhes por extinto o debito, com que falecêrão.

3.ª Que se encerre a conta dos socios, cujas joias não forão pagas até o anno de 1870.

4.ª Que se reformem os estatutos, afim de abolirem-se as annuidades, estabelecendo-se joia maior do que a actual, e com cujo produto comprem-se apolices da divida publica para o fundo social.

5.ª Que admitão-se como socios com a denominação de benemeritos aquellas pessoas que, por notaveis donativos para o fundo social, se tornarem dignas d'esta distincção, attendendo-se ao merito e posição civil.

As commissões, depois de conferenciarem entre si, entendem o seguinte :

1.º Que relativamente á 1ª. proposta, concernente aos socios atrazados em seus pagamentos, convinha que a esses socios se remeta a conta do debito, declarando-se-lhes, que ficarão exonerados da divida anterior ao corrente anno de 1881, pagando 60$000, mas que continuará a obrigação das annuidades, si porventura não preferirem remir-se, na fórma dos nossos estatutos.

2.º Que, quanto á 2ª. proposta, relativa á conta dos socios falecidos, deve ser aprovada.

3.º Que, quanto á 3ª. proposta, referente ás joias não pagas, é adotavel, precedendo porém avizo ás pessoas aprovadas para socios, encerrando-se a conta, quando recuzem-se ao pagamento, ou não respondão depois de razoavel espera.

4.º Que, ácerca da 4ª. e 5ª. propostas, que envolvem reforma dos estatutos, são de parecer, que o assunto d'ellas fique adiado, afim de que a commissão de estatutos, revendo estes, proponha o que julgar conveniente não só sobre o mesmo assunto, mas tambem sobre outros quaesquer pontos, que convenha reformar-se.

Sendo este o voto das commissões, entendem, que a materia deve ser sugeita á deliberação do Instituto.

Exposto assim o seu parecer, as commissões julgão dever declarar que o membro da commissão de fundos Dr. Maximiano Marques de Carvalho aprezentou a idéa de pedir-se ao corpo legislativo aumento de subvenção para estabelecermos uma oficina tipografica e litografica, e um gabinete de cartografia para a publicação de cartas geograficas.

As comissões não desconhecem quão vantajozo seria similhante estabelecimento; todavia não opinão pelo pedido prezentemente em atenção ao estado dos cofres publicos,

que certamente dificulta a concessão por parte dos poderes nacionaes; por isso pensão dever esperar-se por condições mais favoraveis para impetrarmos novos auxilios em bem do aumento dos nossos meios de publicidade e progresso.

Sala das sessões 25 de Agosto de 1881.—*Tristão de Alencar Araripe. Dr. Maximiano Marques de Carvalho. Franklin Tavora. Dr. Antonio Henriques Leal. Olegario Herculano de Aquino e Castro.*

Approvado em sessão de 9 de Setembro de 1881.—*Franklin Tavora.*

11ª. SESSÃO EM 9 DE SETEMBRO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Henrique de Beaurepaire Rohan, Barão de Capanema, Barão de Wildick, Drs. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Franklin Tavora, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Fausto de Souza, Felizardo Pinheiro de Campos, Eduardo José de Moraes, Ladislau de Souza Mello Neto, Baptista Caetano de Almeida Nogueira, e João Severiano da Fonseca, e deixando de comparecer o 2.° secretario substituto, Dr. Antonio Henriques Leal, por incommodo de saude, foi communicada ás 6 ½ horas a chegada de S. M. o Imperador, e, sendo elle recebido com as honras do estylo, o Sr. 2.° vice-presidente, commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, abrio a sessão.

Lida a acta da sessão anterior pelo Sr. Dr. Franklin

Tavora, designado para esse fim na conformidade dos estatutos, foi approvada.

Passou então o Sr. 1.º secretario interino, Dr. Moreira d'Azevedo, a dar conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio da *Sociedade de geographia de Lisboa*, participando quaes os socios que compoem sua directoria.

Officio do presidente do *Centro positivista*, convidando o Instituto a tomar parte no festejo do dia 7 de Setembro.

OFFERTAS

Foram offerecidos os seguintes trabalhos:

Pela Sociedade de geographia de Lisbôa—o seu boletim n. 5, in 8º.

Pelo Gabinete portuguez de leitura—o discurso do presidente na sessão de inauguração em 18 de Julho do corrente anno, in-8º.

Pelo Dr. Jorge Eugenio Carlos Beauvisage—a sua these para o doutoramento, in-8º.

Pelo Sr. Nicoláo Soralucey Lubizarreta—*Defesa do apelido familiar de João Sebastião del-Cano*, in-8º.

Pela redacção—a revista *União medica* n. 8, in-8º.

Pelo Dr. Moreira d'Azevedo—o *Guarany* por José de Alencar, in-8º encadernado.

Pela redacção—a *Revista Brazileira* correspondente ao 1.º de Setembro.

Pela Typographia Nacional—os *Diarios Officiaes* do mez de Agosto, completos.

Pelo Sr. J. C. Lobo Botelho, por intermedio do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca—*Nosso estado militar*, ligeiros reparos.

Foram estas offertas recebidas com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Entrando em discussão o parecer das commissões reunidas de orçamento e estatutos, pediu a palavra o Sr. Dr. Pinheiro de Campos para propôr o adiamento, visto não estarem presentes o thesoureiro, conselheiro Alencar Araripe e o Sr. Dr. Henriques Leal, membros d'aquellas commissões e signatarios do referido parecer.

Contra esta proposta fallou o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, observando que o parecer estivera muito tempo sobre a mesa afim de ser convenientemente estudado pelos membros do Instituto, que quizessem ter conhecimento das providencias indicadas no mencionado parecer; que elle, por si, se considerava sufficientemente esclarecido, e julgava que o mesmo succedia aos demais membros.

N'este mesmo sentido fallaram os Srs. Dr. Moreira d'Azevedo e conselheiro Olegario, notando o primeiro que as providencias propostas no parecer, sendo economicas, tinham caracter de urgencia, e era de maior conveniencia que a seu respeito resolvesse o Instituto sem demora; e o segundo que estaria prompto a dar, não só ao Sr. Dr. Pinheiro de Campos, mas tambem a quaesquer outros consocios, os esclarecimentos de que precizassem, accrescentando que não havia razão para similhante adiamento, visto estar presente a maioria dos membros das commissões.

Consultado o Instituto, rejeitou o adiamento, e sendo postas a votos, cada uma por sua vez, as quatro conclusões do parecer, foram approvadas.

O Sr. Dr. Moreira d'Azevedo, pela ordem, na qualidade de relator da commissão incumbida de cumprimentar S. M. o Imperador no dia 7 de Setembro, communicou ao Instituto ter cumprido o seu dever; bem assim que S. M. o Imperador se dignára responder—«Que recebia com satisfação as congratulações do Instituto por occasião da festa do anniversario de tão grande dia nacional». A resposta de S. Magestade foi recebida com respeito.

Tendo o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo pedido dispensa de fazer o elogio historico dos socios fallecidos no presente anno, foi nomeado para preencher a sua falta n'este trabalho o Sr. conselheiro Olegario.

LEITURA

Dada a palavra ao Sr. Dr. Fausto de Souza, procedeu este á leitura do 5.° capitulo da sua memoria sobre a bahia do *Guanabara*, que foi ouvida com attenção.

Terminada a leitura ás 8 horas e meia da noite, e obtida venia de S. M. o Imperador, o Sr. presidente declarou encerrada a sessão.

Henriques Leal,
2.° secretario interino.

12.ª SESSÃO EM 23 DE SETEMBRO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Presentes ás 6 horas e meia da tarde os Senhores commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Barão de Capanema, Escragnolle Taunay, e Drs. Moreira de Azevedo, Baptista Caetano, Maximiano Marques de Carvalho,

Fausto de Souza, Machado Portella, Pinheiro de Campos e Antonio Henriques Leal, e sendo annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as formalidades do estylo, o Sr. presidente commendador Joaquim Norberto abrio a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou o Sr. Dr. Moreira d'Azevedo, servindo de 1.º secretario interino, a dar conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Da Academia de sciencias de S. Luiz, Estados-Unidos, agradecendo a remessa da *Revista Trimensal.*

Da Real Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid, remettendo diversas publicações.

Do major Antonio Martiniano da Silva Bemfica, agradecendo o offerecimento da colleção da *Revista Trimensal*, e communicando possuir um mappa do sul de Minas feito pelo Dr. Franklin Massena.

Resolveo-se, que seja remettido a este Instituto, afim de confrontar com os mappas, que possue do mesmo autor.

Do Club litterario limoeirense de Pernambuco, pedindo para a sua bibliotheca uma colleção da *Revista.*

Do consul da Italia, declarando ter remettido pelo paquete *Sud-America* o caixão com as *Revistas* para a Sociedade de Lincei.

Do escrivão da casa imperial, remettendo o orçamento dos moveis para o Instituto, que havia sido entregue a S. M. o Imperador.

Do presidente de Goiaz, agradecendo a remessa da *Revista* do Instituto.

Foram presentes as seguintes

OFFERTAS

Pela Academia de sciencias moraes e politicas de Madrid:

Discurso de recepção e contestação, tom. 1.°, n. 8.

Discurso de recepção publica:

Do Exm. Sr. D. Manoel Affonso Martins, in-8°

Do conde da Casa Valencia

De D. Benito Gutierrez Fernandez

De D. João de la Loncha Castañoda

De D. Cirilo Alvares Martinez

De D. Francisco Carminero

Do Conde de Torino

De D. Melchor Salvá

De D. Vicente de la Fuente

De D. Lope Gisbert

De D. José Garcia Barzanallana

De D. Pedro Felipe Monlau.

Discurso lido pelo Exm. Sr. Marquez de Molina na sessão de 29 de Maio de 1881, para solemnisar o segundo centenario de D. Pedro Calderon.

Discurso ácerca dos costumes publicos e privados dos Espanhóes, fundado nos estudos das comedias de Calderon de la Barca, escripto por D. Carlos Soler y Arqués.

Dito dito, escripto por D. Adolpho de Castro e Rossi.

Resumo de suas actas e discursos, lidos em sessão publica de 29 de Junho de 1871 a 31 de Dezembro de 1876.

Memorias escriptas por D. Francisco de Uhagan y Guardamino.

Las islas Marianas, el golfo de Guinea, por D. Pedro Armengol y Cornet.

As colonias penaes da Australia e a pena de deportação, escripta pela Sra. D. Concepcion Arenal de Garcia Carrasco.

Liga aduanera iberica, escripta por D. José Garcia Barzanallana.

Publicação da Espanha, escripta pelo mesmo.

Colonização penitenciaria, por D. Francisco Lastres y Juiz.

Defesa da propriedade, por Vicente Santa Maria de Paredes.

Suppostos conflictos entre a religião e a sciencia, pelo Dr. D. Joaquim Rubio y Ors.

La sciencia y la divina revelacion, por D. Juan Manoel Orti y Lara.

Luz en la tierra, por Abdon de Poz.

Algunas verdades a la classe obrera, por D. Pedro Armengal y Cornet.

Breve refutação dos falsos principios economicos da Internacional, por D. José Mendes de la Pola.

Huelga en los ferro-carriles de los Estados-Unidos de la America del Norte, pelo Marquez de la Vega de Armijo.

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo—*Obras politicas e litterarias* do Fr. Joaquim do Amor-Divino Caneca, encadernado.

Pela redacção da *Revista Brazileira*—o numero de 15 de Setembro, do tom. 9º.

Pela redacção da *Exploration*—o seu numero 237 in-8º.

Pela redacção do *Archivo dos Açores*—os seus numeros 11 e 12 in-8º.

Pela redacção do *Bulletin du Canal-interoceanique*—seu numero de 15 de Agosto de 1881.

Pela redacção do jornal o *Tempo*—o seu numero de 11 de Setembro de 1881.

Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto—os *Jornaes do Commercio* do mez de Agosto até 21 de Setembro de 1881.

Pela secretaria da presidencia da Bahia—o *Diario da Bahia* de 10 a 31 de Agosto e de 1 a 11 de Setembro.

Pela redacção do *Tempo*—o seu numero de 28 de Agosto e 4 de Setembro de 1881.

Pela redacção da *Verdade*—os seus numeros de 21 e 24 de Agosto e de 4 de Setembro.

Pela redacção do *Monitor Catholico*—os seus numeros de 25 e 28 de Agosto e 1, 4, 11 e 15 de Setembro.

Pela redacção do *Cruzeiro*—os seus numeros de 27, 28, 29, 30 e 31 de Agosto e de 1 a 20 de Setembro.

Pela Sociedade de engenheiros de Jalisco—seu *boletim* de 15 de Julho d'este anno.

Pelo autor—*Plani-historia ou Resumo sinoptico historico genealogico do Imperio do Brazil, do Reino de Portugal e das familias reinantes n'estes paizes* (25 exemplares).—Foram recebidos com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lida uma proposta para ser admittido socio do Instituto o Dr. Joaquim de Paula Souza, assignada pelos Drs. Moreira de Azevedo, Franklin Tavora e Henriques Leal. —Á commissão de historia para dar seu parecer ácerca do merito da obra, que serve de titulo de admissão.

LEITURA

Concedida a palavra ao Sr. Dr. Fausto de Souza, este leu o 6.° capitulo de sua memoria *Bahia do Rio de Janeiro*.

Ás 8 horas da noite, obtida venia de S. M. o Imperador, levantou o Sr. presidente a sessão.

Dr. *A. Henrique Leal*,

2.° secretario interino.

15.ª SESSÃO EM 7 DE OUTUBRO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Presentes as 9 1/2 horas da noite os Srs. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiros Alencar Araripe, Barão de Cotegipe, Conde de Baependy, Barão de Wallick, Dos. Moreira de Azevedo, Franklin Tavora, Fausto de Souza, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, João Severiano da Fonseca, Lafaiete Neto, Francisco Caetano d'Almeida Nogueira, Machado Portella, Alfredo Escragnolle Taunay e Antonio Henriques Leal, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, e recebido elle com as formalidades do estylo, em seguida o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida a acta da sessão antecedente, fez o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho algumas observações, reclamando a inserção n'ella do resumo de um seu officio ácerca da electricidade como meio de impedir a invasão e propagação da febre amarella, como aliás tinha o Instituto deliberado. Contestaram o 2.º secretario interino e o Sr. Dr. Pinheiro de Campos.

Foi depois approvada a acta sem nenhuma alteração.

O Sr. 1.º secretario interino deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio da Sociedade hollandeza de sciencias de Harlem, agradecendo a remessa dos tomos 39 e 43 da *Revista Trimensal*.

Officio da directoria da *Reform Club*, do Ceará, pedindo a collecção da *Revista Trimensal*.—Resolve-se pedir informação ao presidente da provincia ácerca d'essa sociedade, para depois acceder-se ao seu pedido.

OFFERTAS

Foram apresentadas as offertas das seguintes obras:

Pela sociedade União Medica—da sua *Revista* numero 9, de Setembro de 1881, in-8°.

Pela sociedade Deus Christo e Caridade—das suas *Revistas* de Julho e Agosto de 1880, in-8°.

Pela Sociedade imperial dos naturalistas de Moscow—dos boletins numeros 3 e 4 de 1881, in-8°.

Pela presidencia da provincia do Rio-grande do Sul—de um exemplar da collecção das leis e ordenações da dita provincia, in-8°, acompanhado de um officio datado de 19 de Setembro ultimo.

Pela presidencia de Goiaz—dos seus relatorios, in-8°, acompanhados de um officio, que os remette.

Pela redacção—*Esploration* numeros 224, 240 e 241, in-8°.

Pela secretaria da presidencia da Bahia—o *Diario da Bahia*.

Pela redacção—o *Monitor Catholico* de 8, 18 e 27 de Setembro de 1881.

Pela redacção—*Bulletin du Canal-interoceanique*, de 1 de Setembro de 1881.

Pela redacção—a *Verdade* de 18 de Setembro de 1881.

Pela redacção—o *Tempo* de 25 de Setembro a 2 de Outubro.

Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto—os *Jornaes do Commercio* do mez de Setembro.

Pela Typographia Nacional—o *Diario Official* do mez de Setembro.

Pelo Sr. Dias da Silva Junior—*Lições de Historia do Brazil* por Luiz de Queiroz Matoso Maia, e *Historia do Brazil* pelo conselheiro Pereira da Silva, de 1831 a 1840. —São recebidas com agrado.

Deu-se mais conhecimento ao Instituto dos manuscriptos legados pelo chorado socio Perdigão Malheiro, constantes da seguinte relação :

Diario da diligencia do reconhecimento do rio Paraguay, desde o lugar do marco na boca do Jauru até para baixo do presidio de Nova-Coimbra, etc.

Diario da diligencia do reconhecimento do rio Paraguahi e Rio-verde, por ordem do Illm. e Exm. Sr. Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Caceres, datado de 26 de Março de 1799.

Diario da diligencia do Rio-verde, por ordem do Illm. e Exm. Sr. Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Caceres, governador e capitão general d'estas capitanias, por ordem datada de 26 de Março do anno presente de 1799.

Diario da viagem que fez o Dr. Pontes a tirar a configuração do rio Guaporé.

Novo diario da viagem dos rios Madeira, Mamoré, Guaporé até Villa-Bella da capital do governo de Mato-grosso, do anno de 1790.

Diario da diligencia do reconhecimento das cabeceiras dos rios Sararé, Guaporé, Tapajoz e Jauru, que se achão todos debaixo do mesmo parallelo na serra dos Parecis, em Dezembro de 1789.

Diario da viagem, que por ordem do Illm. e Exm. Sr. Luiz de Albuquerque Mello Pereira e Caceres, governador e capitão general das capitanias de Mato-grosso e Cuiabá,

fez de Villa-Bella até á cidade de São-Paulo, pela ordinaria derrota dos rios no anno de 1788.

Tratado sobre a intelligencia das cartas geographicas, que devem servir de governo aos commissarios, que hão de demarcar os limites do Brazil, assignado em 17 de Janeiro de 175I e ratificado por el rei nosso senhor em I2 de Fevereiro e por el rei catholico em 18 de Abril do mesmo anno.

Diario sobre as origens do rio Tapajoz.

Memoria geographica sobre o rio Tapajoz, etc., pelo Tenente-coronel Ricardo Franco de Almeida Serra.

Tratado celebrado em 31 de Julho de 1752 para se declararem alguns artigos do actual tratado de instrucções acima referido.

Systema das demarcações da parte do norte, approvado por Sua Magestade.

Cópia da Instrucção assignada pela real mão de Sua Magestade a respeito das demarcações da parte do norte.

Nota sobre a linha recta mandada tirar desde a boca do rio Jaurú até a boca do Sararé pelo art. 10 do tratado de limites.

Nota sobre o rio Paraguay.

Cópia do tratado assignado em Aranjuez em 24 de Junho de 1752 e ratificado no Bom-retiro a 23 de Julho do mesmo anno sobre as instrucções dos commissarios nomeados para demarcações dos limites das respectivas conquistas pela parte do norte.

Cópia do tratado pelo qual se regulárão as instrucções dos commissarios, que devem passar ao sul da America, assignado em Madrid em 17 de Janeiro de 1751, etc.

Supplemento e declaração do tratado pelo qual se regulárão as instrucções dos commissarios, que devem passar ao sul da America, assignado em Madrid, em 1751.

Artigos separados do tratado concluido e assignado em 17 de Janeiro e ratificado em forma por el rei nosso senhor, em 12 de Fevereiro, e por el rei catholico, em 18 de Abril do mesmo anno.

Breve epilogo das noticias que se puderão achar na provincia da Terceira Ordem da Penitencia do N. S. P. S. Francisco n'este reino de Portugal.

Memoria sobre a estatistica ou analyse dos verdadeiros principios d'esta sciencia e sua applicação, riqueza, força, e poder no Brazil, por Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Memorial dirigido á assembléa nacional e ao povo francez, por Luiz José Bourbon Condê.

Razões que se apresentaram a el rei D. João IV, em favor dos christãos novos.

Parecer politico que deu o padre Antonio Vieira a el-rei D. João IV no anno de 1644 sobre o augmento do reino.

Carta do rei de França, escripta de sua propria mão, dirigida á assembléa nacional na sua retirada para fóra do reino (2 exemplares).

Carta do general Bonaparte ao cardeal Mattei.

Carta do cardeal de Lomme ao papa, em 1791.

Carta circular que Mr. de Montmorin, ministro dos negocios estrangeiros, escreveu por ordem do rei de França.

Carta do Marquez de Bouillé á assembléa nacional.

Discurso de Boissy d'Anglas sobre a politica da republica franceza.

Proposta que o agente do Duque de Bragança, D. Theodosio, asssistente em Roma, fez ao papa Sisto V.

Nova constituição. Acto constitucional da republica.

Conquista temporal e espiritual de Ceilão, ordenada pelo padre Fernão de Queiroz, da Companhia de Jesus.

Do cerco de Diu, por Lopo de Souza Coutinho.

Descripção geographica da America portugueza, por Gabriel Soares de Souza, em 1587.

Deducção genealogica, por Francisco Felix Carneiro de Souto-maior.

Cartas jesuiticas do padre Antonio Vieira (2 volumes).

Relação do que succedeu em Portugal e nas mais provincias do occidente e oriente desde o 1.º de Março de 1618 até todo o Fevereiro de 1632, etc., por Manoel Severim de Faria, tomo 3.º

Aula politica e curia militar, achadas em os estylos preeminentes e genealogicos dos conselheiros de estado e guerra, por D. Francisco Manoel de Mello.

Cópia dos manuscriptos do padre Antonio Vieira, que não andam impressos (2 volumes).

Collecção das melhores poesias, que não correm ainda impressas, dos poetas que florescem presentemente em Portugal, juntas pelo cuidado de A. C. B. M., em Lisbôa, 1767.

Cinco manuscriptos sem titulo.

Um manuscripto em italiano, assignado Le Putt, de Napoli. Copia di lettere dall Exm. Sign. cardeal B. Innocenzo Costi a Nicola Pagliarini, etc., 1777, 14 Febraio, Roma.

Avis d'une fille du monde à l'auteur de la lettre aux Piémontais.

Apontamentos para meu uso, por Perdigão Malheiro.

O Codigo Criminal e varios decretos, annotados por Perdigão Malheiro.

Ditos portuguezes dignos de memoria. A copia é de um manuscripto que foi do Exm. Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva e pertence á Bibliotheca Nacional.

Artigo extrahido do *Ambigu* de 10 de Julho. Viagens. Storia della abdicazione del regno falta dal re Vittorio.

Glossario de palavras antiquadas, absoletas e desusadas, antigas e pouco usadas, organisado alphabeticamente e com supplemento a cada uma das letras, que contém, além das sobreditas, outras de significação não bem conhecida por quem não é bem versado na lingua portugueza, feita para seu uso particular, por Agostinho Marques Perdigão Malheiro, 1845.

O Sr. presidente leu um officio do Exm. Sr. Visconde do Bom-Retiro communicando ao Instituto que ia aos Poços de Caldas, voltando d'esse lugar em Dezembro. — Fica inteirado.

Obtendo a palavra, o Sr. Dr. Pinheiro de Campos offereceu o *Diario Official* de 6 do corrente, chamando a attenção do Instituto para um artigo traduzido da *Revista norte americana*, o qual tem por titulo *Aspecto actual da questão dos indios*, e que começou a sahir n'esse jornal. Chamou tambem a attenção do Instituto para uma noticia do *Jornal do Commercio* ácerca da *Revista da Columbia*, pedindo á mesa que enviasse a collecção da *Revista Trimensal* para este, como para os demais estados hispano-americanos.

Declarou o Sr. 1.° secretario interino que em parte já estava satisfeita sua indicação, e que, logo que estiver organisada a lista de remessas e se souber quaes as sociedades congeneres, que houver n'esses estados, far-se-hão para ellas remessas da *Revista Trimensal*.

PROPOSTA

Propôz o Sr. conselheiro Alencar Araripe que o Instituto procurasse obter do governo portuguez a acquisição temporaria da carta original de Pero Vaz de Caminha para

el-rei D. Manoel por occasião do descobrimento do Brazil, afim de figurar na exposição historica, que vai fazer a Bibliotheca Nacional, compromettendo-se a restituil-a depois á Torre do Tombo.

O Sr. conselheiro Barão de Capanema lembra que, na hypothese de não vir o original, receiando-se que possa extraviar-se esse documento em uma viagem por mar, e tão demorada, se procure obter o transumpto fiel por meio da helio-gravura.

Depois de varios alvitres, foram approvados a proposta e o additamento.

ORDEM DO DIA

Dada em seguida a palavra ao Sr. conselheiro Alencar Araripe, leu este o primeiro capitulo da sua memoria sob o titulo: *Cabanada do Pará.*

Obtida venia de S. M. o Imperador, levantou-se a sessão ás 8 horas da noite.

Dr. *A. Henriques Leal,*
2.º secretario interino.

14.ª SESSÃO EM 21 DE OUTUBRO DE 1881

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Ás 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario, Beaurepaire Rohan, Dr. Machado Portella, major Escragnolle Taunay, Severiano da Fonseca,

Drs. Baptista Caetano, Maximiniano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, Moreira de Azevedo e Fausto de Souza, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as formalidades do estylo, e deu o Sr. presidente por aberta a sessão.

Tendo o Dr. Antonio Henriques Leal, secretario supplente, servindo interinamente de 2°. secretario, participado não poder comparecer á sessão por impedido na congregação do Imperial Collegio de Pedro II, foi designado pelo Sr. presidente o Sr. Dr. Fausto de Souza para fazer suas vezes.

Lida a acta da sessão antecedente, foi approvada.

Foi apresentado pelo Sr. 1.° secretario interino o seguinte

EXPEDIENTE

Officio da directoria da exposição industrial pedindo a remessa de objectos d'este Instituto para figurarem na exposição que se deve realizar brevemente. Ficou incumbido o 1.° secretario de se entender a respeito com essa directoria.

OFFERTAS

Mencionou-se a offerta dos seguintes livros e jornaes, que são recebidos com agrado:

Pela presidencia do Paraná: Exposição com que o Dr. João José Pedrosa passou a administração ao presidente Dr. Sancho de Barros Pimentel.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa em 16 de Fevereiro pelo presidente Dr. João José Pedrosa, acompanha 1 officio.

Pela commissão da Exposição da industria nacional—seu regulamento, a que acompanha seu officio.

Pela ocieLdade União geographica do norte da França—o boletim de 1880 in-8°.

Pela Sociedade de geographia de Antuerpia—o 3.° fasciculo do tomo 6.° do seu boletim.

Pela Sociedade de geographia de Madrid—o seu 2.° boletim de Agosto de 1881.

Pela redacção da *Exploration*—o 2.° semestre de 1881.

Pela redacção o *Monitor Catholico*, jornal de São-Paulo—os numeros de 6, 9 e 13 de Outubro de 1881.

Pela redacção, o *Tempo*, jornal de Valença—o numero de 9 de Outubro de 1881.

Pela redacção—o *Brazil*, jornal de Pariz de 7 de Setembro de 1881.

Pela redacção—*Canal-interoceanique* de 15 de Setembro de 1881.

Pela secretaria do governo da Bahia—o *Diario da Bahia*.

Pela redacção—o *Cruzeiro*, os numeros de 3 a 19 de Outubro de 1881.

Por Bernardo L. Garnier—a obra *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I*, no Brazil.

Pelo mesmo—*Novissimo Diccionario francez e portuguez*, e outro latino e portuguez.

Pela presidencia de São-Paulo—o n. 113 do *Diario Fluminense* de 1825 com um officio em que foi remettido esse exemplar ao Capitão-mór do Itú Lucas Antonio Monteiro de Barros.

Pelo Dr. Pinheiro de Campos—o *Diario Official* de 8 d'este mez, contendo a continuação do artigo sobre os indios.

PROPOSTAS

Foram apresentadas as seguintes propostas :

Do Sr. Escragnolle Taunay, para que se envie uma collecção das *Revistas Trimensal do Instituto Historico*, cuidadosamente encadernada, á commissão encarregada da direcção da Exposição universal de Buenos-aires, afim de que figurem n'aquella exposição os trabalhos do Instituto.—Á commissão de fundos e orçamento.

Dos Srs. Drs. Moreira de Azevedo, Marques de Carvalho, Fausto de Souza, Severiano da Fonseca, Baptista Caetano e Pinheiro de Campos, para que se officie ao presidente do *Instituto Smithoniano*, apresentando em nome d'este Instituto um voto de pezames á viuva do presidente James Abraham Garfield.—Foi approvada.

Dos Drs. Moreira de Azevedo, Fausto de Souza, Maximiano, Severiano Fonseca, Baptista Caetano e Pinheiro de Campos, para que se officie á directoria do *Lycêo de Artes e Officios*, congratulando-a pela inauguração das aulas do sexo feminino.—Approvada.

Dos Drs. Severiano Fonseca, Baptista Caetano e major Escragnolle Taunay, para que o Instituto solicite do Governo Imperial que, por intermedio da presidencia de Mato-grosso, faça vir para esta côrte os retratos dos reis D. João V e D. João VI e da rainha D. Carlota, e dos capitães-generaes Antonio Rolim de Moura, João Pedro da Camara, Visconde de Balsemão, Luiz de Albuquerque e João de Albuquerque, que se acham nos velhos edificios da camara municipal e palacio doscapitães-genraes na cidade de Mato-grosso.

Depois das observações do Sr. conselheiro Olegario e Machado Portella, foi essa proposta substituida pela seguinte, que foi approvada : « Que se peça ao governo que, por intermedio da presidencia de Mato-grosso, sejam

removidos para a capital da mesma provincia e conservados, onde mais convier, os retratos a que se refere a proposta que acaba de ser lida.»

ORDEM DO DIA

Foi lido e remettido á commissão de fundos e orçamento, o balancete da caixa do Instituto, assignado pelo Sr. thesoureiro interino, e que ficára sobre a mesa na sessão anterior.

Concedida a palavra ao major Fausto de Souza, foi por elle lido o 7.º capitulo da sua obra a *Bahia do Rio de Janeiro*, findo o que, e obtida venia de S. M. o Imperader, levantou-se a sessão.

A. Fausto de Souza,
Secretario *ad-hoc*.

15ª. SESSÃO EM 4 DE NOVEMBRO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Achando-se presentes ás 6 horas e meia da tarde os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Moreira de Azevedo, Henrique Leal, conselheiro Alencar Araripe, conselheiro Beaurepaire Rohan, Drs. Felizardo Pinheiro de Campos, Baptista Caetano, Franklin Tavora, Fausto de Souza, Severiano da Fonseca, Ladislau Neto, Barão de Wildick, major Escragnolle Taunay e Barão de Capanema, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as formalidades do estilo, e deu o Sr. presidente por aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, deu conta o Sr. 1°. secretario interino do seguinte

EXPEDIENTE

Offertas dos seguintes impressos :

Por Horacio Alexandrino da Costa Santos — *Breves considerações sobre o nosso café* in, 8.

Por Theotonio Meirelles da Silva — *Apontamentos para a Historia da marinha de guerra brazileira*

Pelo Gremio Litterario *Castro Alves* — *Homenagem ao poeta Castro Alves*, in 8 enc.

Pela direcção da *Revista Brazileira* o numero de 15 de Outubro

Pela secretaria da presidencia da Bahia — *Diario da Bahia* de 11 a 20 de Outubro

Pela redacção — *Monitor Catholico*, jornal de São-Paulo
» » — *Verdade* de 6 e 9 de Outubro
» » — *Cruzeiro* de 20, 21 e 22 de Outubro
» » — *Diario Official* do mez de Outubro

Foram recebidos com agrado.

Communicou em seguida o Sr. 1.° secretario interino, que, tendo-se entendido com a directoria da Exposição Industrial, vinha propor, que se confiassem a esta o martello, que servio na inauguração da estatua equestre do primeiro imperador, fundador da monarchia e do Imperio, e o carrinho e pá da solemnidade da inauguração da estrada de ferro de Petropolis, primeira ensaiada no Imperio, e cujos objectos estão no muzêo do Instituto, afim de figurarem na Exposição universal de Buenos-aires, tanto mais quando a directoria responsabilisa-se pela restituição d'elles. Foi approvada a proposta.

Communicou mais, que foi o Instituto premiado na exposição geographica de Veneza, conforme se lê na correspondencia de Roma, datada de 2 de Outubro, e publicada no *Jornal do Commercio* de 1 do corrente, que é do teor seguinte: « A secção brazileira primava pela excellente collecção de mappas e obras de interesse essencialmente geographico, entre ellas uma collecção completa da *Revista do Instituto historico e geographico do Brazil.* Conferio-se ao governo imperial um diploma de distincção pela *Revista Trimensal do Instituto historico e geographico,* publicação que foi muito apreciada pelos homens da especialidade.»

Deliberou-se, sobre proposta do mesmo Sr. 1.° secretario interino, que se officiasse ao Sr. Visconde de Araguaya, nosso Ministro em Roma, e ao Sr. Leopoldo Bisio, nosso Vice-consul em Veneza, agradecendo-lhes os esforços empregados por elles afim de que fôsse o Brazil condignamente representado n'aquelle certamen scientifico.

Fazendo o mesmo Sr. 1.° secretario observações a respeito das difficuldades financeiras, que encontrava na publicação dos mappas, que illustram a memoria do Sr. Fausto de Souza a *Bahia do Rio de Janeiro,* deliberou-se, que se officiasse ao ministro da guerra, solicitando que fossem os mappas lithographados gratuitamente no Archivo militar.

PROPOSTA

Foi lida a seguinte proposta:

« Propomos para socio correspondente do Instituto historico e geographico Brazileiro o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, natural do Rio de Janeiro, servindo-lhe de titulo de admissão a sua obra intitulada — *Ephemerides Nacionaes.*

« Sala das sessões em 4 de Novembro de 1881.—Dr.

Ramiz Galvão. Augusto Fausto de Souza. Dr. *Moreira de Azevedo.*

Á commissão de historia para dar seu parecer.

ORDEM DO DIA

Concedida a palavra ao Sr. conselheiro Alencar Araripe, leu este o 2°. capitulo de sua monographia historica. *Cabanada do Pará.*

Obtida venia de S. M. o Imperador, o Sr. prezidente levantou a sessão ás 8 horas da noite.

Dr. A. Henriques Leal,
2.° secretario interino.

16.ª SESSAO EM 18 DE NOVEMBRO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Achando-se ás 6 ½ horas da tarde presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Moreira de Azevedo e Henriques Leal, conselheiros Alencar Araripe, Olegario H. de Aquino e Castro, Drs. Fausto Augusto de Souza, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, João Severiano da Fonseca, Franklin Tavora, Benjamim Franklin Ramiz Galvão, Machado Portella, Barão de Capanema, Baptista Caetano, Barão de Wildick e Ladislau Neto, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido, com as formalidades do estilo, e deu o Sr. presidente por aberta a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, passou o Sr. 1.° secretario interino a dar conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio :

Do Sr. ministro da guerra solicitando uma collecção da *Revista Trimensal* para a Bibliotheca do Exercito.—Foi concedida.

Do consocio Francisco José Borges desculpando-se por não ter comparecido ás sessões em razão de seu mau estado de saude.

Parecer da commissão de fundos e orçamento sobre a proposta do Sr. major Escragnolle Taunay, para que seja encadernada a collecção da *Revista*, que tem de figurar na Exposição universal de Buenos-aires, e a qual é do teor seguinte :

« A commissão de fundos e orçamento é de parecer, que, de accôrdo com o Sr. thesoureiro do Instituto Historico, se despenda a quantia necessaria com a encadernação e remessa á commissão encarregada da direcção da Exposição universal de Buenos-aires, da collecção de que trata a proposta supra.

« Sala das commissões 12 de Novembro de 1881. O relator da commissão *Francisco José Borges. Dr. Maximiano de Carvalho.* »

Propôz o Sr. Dr. Moreira d'Azevedo, que se despendesse com issso até a quantia de 100$000.—Foi approvado.

Officio do Exm. Sr. mordomo da casa imperial declarando que S. M. o Imperador houve por bem approvar a despeza com as latas para guardar manuscriptos, e com as estantes, tudo no valor de 661$000.—Fica inteirado.

Foi resolvido, que o Sr. 1° secretario remettesse as contas ao Exm. Sr. mordomo da casa imperial.

Tendo o Sr. 1°. secretario communicado que o Sr. ministro da guerra, attendendo ao pedido do Instituto, ordenára, que se lithographassem gratuitamente no Archivo militar os mappas illustrativos da memoria do Sr. major Fausto de Souza, resolveu-se, que elle dirigisse um officio a S. Ex. agradecendo-lhe a mercê.

Officio do Sr. Rautenfeld pedindo que o Instituto o admittisse como socio correspondente. Não foi attendido, pornão ser essa a praxe adoptada para a admissão de socios, de conformidade com os estatutos.

OFFERTAS

Fôrão offerecidas as seguintes obras:

Por S. M. o Imperador—*Catalogue general de l'exposition de geographie de Venise*, no qual vem distinguido o Imperio em secção especial, que começa na pag. 73.

Pela Sociedade de geographia de Lisbôa o boletim n. 6.

Por Guilherme Bellegarde o *Lyceo de artes e officios*, folheto in 8°.

Pela Sociedade de geographia de Madrid, o seu boletim n. 3, tomo 11 in-8°.

Pela Sociedade açoriana o *Archivo dos Açores*, vol. 3°, n. 13.

Pela commissão do Lycêo de artes e officios *Polyanthea commemorativa das aulas do sexo feminino*.

Por M. Paul Tournafond—*Exploration*, 2°. semestre de 1881.

Pela redacção—*Bulletim do Canal interocianique* de 1 e 15 de Outubro.

Pela redacção—o *Tempo*, 23 e 30 de Outubro e 6 de Novembro de 1881.

Pela redacção—o *Monitor Catholico*, 30 de Outubro e 3 de Novembro.

Pela redacção—a *Verdade*, 16, 23 e 30 de Outubro.

Pela redacção—*Diario da Bahia* de 21 de Outubro e 8 de Novembro.

Pela redacção—o *Cruzeiro*.

Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto o *Jornal do Commercio*.

Pelo autor, o Sr. Felix Ferreira—a *Educação da mulher*.

Foi lido um officio do Sr. Dr. Ramiz Galvão, em que pedia, que além dos manuscriptos e livros do Instituto, que lhe fôrão confiados, para figurarem na exposição da historia da Bibliotheca Nacional, tambem lhe fôssem concedidos os bustos e retratos para o mesmo fim.—Resolveu-se pela affirmativa.

PROPOSTA

O Sr. Dr. Ladislau Neto fez a seguinte proposta :

« Proponho, que as amostras de productos naturaes, que se achão no Instituto Historico sejão permutadas com objectos puramente de interesse historico, que existem no Museu Nacional.

« Sala das sessões em 18 de Novembro de 1881. Ladislau Neto.»

Posta em discussão e a votos foi approvada.

ORDEM DO DIA

Concedida a palavra ao Sr. major A. Fausto de Souza, este leu a continuação do 7°, capitulo de sua memoria—a *Bahia do Rio de Janeiro*.

Obtida venia de S. M. o Imperador, o Sr. presidente levantou a sessão.

17ª. SESSÃO EM 9 DE DEZEMBRO DE 1881.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. Visconde do Bom-Retiro

Achando-se ás 6 horas e meia da tarde presentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Sousa Silva, Drs. Moreira de Azevedo, A. Henrique Leal, conselheiro Alencar Araripe, Barão de Wildick, Dr. Ladislau Neto, conselheiro Barão de Capanema e Dr. Maximiano Marques de Carvalho, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as formalidades do estilo, e deu o Sr. Visconde do Bom-Retiro, presidente do Instituto, por aberta a sessão.

Lida e approvoda a acta da sessão anterior, o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, 1°. secretario interino, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do Presidente do Rio-grande do Sul Dr. Soares Brandão, remmettendo o relatorio com que lhe passou a administração o Dr. Joaquim Pedro Soares.

Do Presidente do Espirito-Santo, Dr. Inglez de Souza, remettendo o relatorio do Presidente Oliveira Bello, apresentado á Assembléa provincial em Março do corrente anno.

Do Presidente de Goiaz, remettendo o relatorio sobre o prolongamento da estrada de ferro mogiana.

OFFERTAS

Foram offerecidas as seguintes obras :

Pelo Dr. Alfredo Piragibe, *Primeira pagina da historia da vaccina no Brazil* (20 folhetos, dos quaes foram distribuidos alguns exemplares pelos socios presentes).

Pelo Barão de Wildick, *Annaes do Observatorio do Infante D. Luiz*, vol. de 1 a 9 e de 11 a 14 inclusive, comprehendendo os annaes de 1856 a 1876.

Pela administracção da Ordem do Carmo, o relatorio da mesma ordem, concernente ao anno corrente.

Pela Sociedade geographica de Lisboa, *Moçambique e explorações geographicas* (2 folhetos).

Por D. Julieta de Mello Monteiro, *Preludios*, poesias da offertante.

Pela redacção da *Revista Brazileira*, o numero correspondente a 1 do corrente mez.

Pela redacção da *Exploration* o n. 248 do tomo 12, segundo semestre de 1881.

Por diversas redacções, *Verdade*, *Tempo*, e *Cruzeiro* (18, 19, 20, 21 e 25 de Novembro) *Diario Official* do mez de Novembro.

Pelo commendador Joaquim Norberto, *Gazetinha dos Sabbados* e o *Jornal do Commercio* do mez de Novembro até hoje (9 de Dezembro).

Pelo Dr. Ladislau Neto, o 5° tomo do *Archivo do Museu Nacional* (1880).

O Sr. commendador Joaquim Norberto communica, que uma commissão composta dos Srs. Visconde do Bom-Retiro, Barão do Wildick, Drs. Moreira de Azevedo, Henriques Leal, Rozendo Moniz, Severiano da Fonseca e Ramiz Galvão, conselheiros Beaurepaire Rohan, Tavares Bastos e Olegario, teve a honra de saudar a S. M. Imperial no dia 2 do corrente, seu faustissimo anniversario, e que elle como orgão da mesma commissão leu o seguinte discurso:

« Senhor ! Entre os seus sagrados hymnos acaba a religião de entoar sinceras preces, para que o Altissimo conserve por dilatados annos a preciosa vida do monarcha, que se

assenta no throno da justiça e liberdade e que é o penhor de paz e de concordia para um povo inteiro.

« O Instituto historico brazileiro, do qual V. M. Imperial é o alto protector, vem n'este dia, em que todo o Imperio se recorda da felicidade, que lhe outorgou o céo, concedendo um Imperador digno da terra de Santa-cruz e do nosso seculo, apresentar a V. M. Imperial as suas homenagens de respeito e de fedelidade. »

S. M. Imperial dignou-se responder — que agradecia as congratulações do Instituto historico e geographico brazileiro.

O Sr. presidente declara, que a resposta imperial é recebida com todo o respeito.

Pedindo a palavra o Sr. thesoureiro interino, conselheiro Alencar Araripe, declara, que havendo já arrecadado para cima de um conto de réis de resgates e remissões de socios, que se achavam em atrazo, propunha, que fôsse essa quantia applicada á compra de uma apolice geral; visto como a receita do Instituto no exercicio vigente pode equilibrar-se com a despeza. — Foi approvado.

ORDEM DO DIA

Concedida a palavra ao Sr. commendador Joaquim Norberto, leu a seguinte nota:

O Tira-dentes perante os historiadores oculares d'esse tempo.

Terminada a leitura d'este trabalho, foi lida a continuação dos *Estudos ácerca da primeira viagem de Christovão Colombo*, escripta pelo Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

Obtida venia de S. M. o Imperador, levantou-se a sessão.

Dr. A. Henriques Leal,
2°. secretario interino.

ACTA DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÃO EM 24 DE DEZEMBRO DE 1881.

Presidencia do Exm. Sr. Visconde do Bom-Retiro.

Ás 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Visconde do Bom-Retiro, commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Drs. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Pires Machado Portella, Antonio Henriques Leal, Maximiano Marques de Carvalho e João Franklin da Silveira Tavora, o Sr. presidente abrio a sessão da assembléa geral de eleições dos membros da mesa e das commissões que devem servir no futuro anno de 1882, e sendo designados para escrutadores os Srs. Drs. Antonio Henriques Leal e Joaquim Pires Machado Portella, procedeu-se a eleição na fórma dos estatutos, e sahiram eleitos os Srs.

PRESIDENTE

Conselheiro d'Estado Visconde do Bom-Retiro.

1°. VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

2°. VICE-PRESIDENTE

Commendador Joaquim Norberto de Sousa Silva.

3°. VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

1°. SECRETARIO

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

2°. SECRETARIO

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Antonio Henriques Leal.
Major Augusto Fausto de Souza.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Tenente Coronel Francisco José Borges.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA REVISTA

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. Antonio Henriques Leal.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro.
Commendador Joaquim Norberto de Sousa Silva.
Dr. Luiz Francisco da Veiga.

COMMISSAO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.
Dr. Rozendo Muniz Barreto.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Barão de Capanema.
Barão de Wildick.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Dr. João Severiano da Fonseca.
Major Augusto Fausto de Souza.
Dr. Manoel Jesuino Ferreira.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.
Dr. Ladislau de Sousa Mello Neto.
João Barbosa Rodrigues.

COMMISSAO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Major Alfredo d'Escragnole Taunay.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Conselheiro José Ribeiro de Souza Fontes.

COMMISSÃO DE PESQUIZAS DE MANUSCRIPTOS

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.
Dr. Alfredo Piragibe.
Dr. Nicolau Joaquim Moreira.

Terminada a eleição, o Sr. presidente declarou, que o Instituto entrava em ferias, e levantou a sessão.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico do Brazil

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1881

DISCURSO

DO PRESIDENTE O EXM. SR. VISCONDE DO BOM-RETIRO

Senhor!—Eis-me mais uma vez, graças á benevolencia de meus illustres consocios, desempenhando a grata e distincta missão de presidir a festa do anniversario da regeneração do Instituto historico, geographico e ethnographico do Brazil. Missão é esta tanto mais elevada, quanto em si encerra de nobre e glorioso o fim que a constitue.

É elle, Senhor, a exposição dos trabalhos realizados, ou iniciados durante o anno social, como respeitosa homenagem rendida a V. M. I., que tanto nos anima e enobrece com a sua magnanima protecção, tomando incessantemente parte no preenchimento dos arduos deveres, que nos impuzemos, e continuando a ser sempre o primeiro e um dos mais assiduos socios do Instituto. É tambem o ensejo escolhido para darmos aos poderes do estado significativa prova de não terem sido em pura perda os auxilios, que nos tem prestado. É ao mesmo tempo a exhibição perante o Brazil e o mundo

civilisado de documento authenthico e irrecusavel, demonstrando que, si não temos ainda attingido ao gráo de altura por nós almejado, não nos ha comtudo faltado jamais nem esforço, nem perseverança para merecermos os encomios, que por vezes nos têm sido dispensados, já pela imprensa esclarecida de diversas nações, ja por muitos homens eruditos, e algumas das mais autorisadas associações scientificas. É finalmente cumprirmos no dia de nosso anniversario social o rigoroso dever de pagarmos o merecido tributo á memoria dos consocios, que, depois da ultima sessão magna, foram eliminados da lista dos vivos, deixando após si profundas saudades, e perenes recordações dos valiosos serviços, que lhes deveram a patria, como cidadãos notaveis, e o Instituto, como prestantes socios que lhe foram sempre devotados.

A narração, por menor, de nossos trabalhos cabe ao digno primeiro secretario, que em seguida a fará com a lucidez e proficiencia, que lhe são apanagio.

A commemoração da vida e dos feitos mais importantes dos companheiros, cujas perdas lamentamos, será logo depois realisada pelo illustrado orador interino, que ha de supprir, de modo correspondente ao seu reconhecido talento, a ausencia d'aquelle, cujo primor de eloquencia tantas vezes nos enthusiasmou, e que, impedido de comparecer, por enfermo, é objecto de fervorosas preces ao Todo Poderoso, para que se lhe abrevie o inteiro restabelecimento.

Do que tem de expôr o nosso primeiro secretario vêr-se-ha, que o Instituto caminha firme, e com a maior confiança do porvir, pela senda honrosa, que V. M. I. lhe assignalou na memoravel allocução do dia venturoso, em que, collocando-se á nossa frente, fez renascer, ou antes regenerar-se esta associação, que inaugurada, annos antes, sob tão bellos e

esperançosos auspicios, se deixára dominar por quasi invencivel desanimo. Com effeito, Senhor, si como disse, não podemos ainda corresponder por modo mais completo aos elevadissimos e patrioticos desejos de V. M. I., é, isto não obstante, fóra de duvida, que desde aquella data sempre lembrada, ainda um anno se não findou, sem que ao menos algumas pedras, e entre ellas não poucas de precioso valor, tenhão sido lançadas na edificação d'este templo da sciencia.

É por isso, que cheio de ufania, como presidente do Instituto, vi o quanto, no anno que vai terminar, foram apreciados os fructos de nossas pesquizas e lucubrações, pelo congresso internacional geographico de Veneza, e jamais me sahirão da memoria as palavras, que peço licença para reproduzir—filhas como são do esclarecido juizo de pessoa de incontestavel competencia, que, analysando em resenha com o maior criterio, os objectos alli exhibidos por muitas nações das mais adiantadas, quando tocou a nossa vez assim se exprimio :

« *A secção brasileira primava pela excellente collecção de mappas, e obras de interesse essencialmente geographico entre ellas uma collecção da Revista do Instituto historico e geographico do Brazil.*

Os doutos, que se dedicam ao estudo d'este ramo dos conhecimentos humanos, deram o devido apreço a esta importantissima publicação, com tão bom resultado elaborada por uma pleiade de brasileiros illustrados, movidos pelo amor da patria, e consagrados ao culto das lettras, e ás arduas investigações da historia patria.

O Imperio Americano ficou excepcionalmente aquinhoado na distribuição dos premios, feita pelo respectivo jury, obtendo a exposição brasileira seis premios, comprehendendo dous diplomas de distincção, a maior recompensa das que se conferiram e superior á medalha de ouro.

Além d'isto deu-se ao governo imperial um diploma de distincção pela Revista Trimensal do Instituto historico e geographico—publicação, que foi muito bem acolhida pelos homens da especialidade.

Tão cathegorica e expressiva demonstração de apreço é por certo facto de não pequena valia para o Brasil, e assás lisongeira ao Instituto, cujo principal afan é, e tem sido sempre, concorrer em tudo quanto d'elle depende para lustre e gloria do Imperio, e particularmente no tocante ao fim a que se dedicou. E, comquanto tenha a nossa associação votado já uma mensagem de agradecimento ao vice-consul do Imperio Leopoldo Bizio, pelo muito que se esmerou, no intuito de ser levada a effeito com o maior esplendor a exposição brasileira n'aquelle congresso, digne-se V. M. I. de relevar, que, aproveitando a opportunidade, que tão de molde se apresenta, manifeste ainda d'esta cadeira, em nome dos membros do Instituto o quanto penhorou nosso reconhecimento o relevante serviço, prestado por tão zeloso funccionario publico.

Não menos agradavel me foi a leitura do conceito, que, relativamente aos nossos trabalhos, formou a acreditada *Revista Nuova de Antologia*, publicada em Roma no mez de Novembro proximo findo, quando referindo-se ao congresso de Veneza, pôz em relêvo os progressos da geographia em suas applicações scientificas e economicas, operados no Brazil, attendendo-se á sua existencia nacional, relativamente curta, e fez especial menção da smemorias de differentes viagens, dos mappas e de outros trabalhos remettidos pelo Instituto, e com muita particularidade, do mappa do nosso sempre lembrado e distincto consocio o senador Candido Mendes de Almeida.

É ainda possuido de intensa satisfação, que recordo a maneira por que conseguimos apresentar-nos na Exposição

de Historia, inaugurada este anno na Bibliotheca Nacional no anniversario do natalicio de V. M. I., exposição que considero, em relação á sciencia, um de nossos mais esplendidos fastos, porque nos eleva e nobilita perante o mundo scientifico ; tornando por esse facto credor dos mais justos elogios o nosso muito illustrado consocio, chefe d'aquelle estabelecimento, e os que o coadjuvaram em tão interessante quão difficil comettimento, coroado, graças á sua esclarecida intelligencia e incansavel actividade, do mais brilhante exito apezar das grandes difficuldades, com que teve de lutar.

Agora, Senhor, cabe-me a honra de implorar de V. M. I. a graça de contemplar os bustos de dois dos mais proeminentes membros do Instituto, que pertencem ao numero d'aquelles, cujas perdas só podem ser reparadas por outros a muito custo, e no correr de longa serie de annos de fadigas, desgostos, e diuturno estudo. São os bustos de dous preclaros Brazileiros, benemeritos da patria e das letras, constantemente prezados por V. M. I., constituindo, cada um em seu genero, verdadeira gloria nacional, e como taes avaliados por seus concidadãos, que sempre lamentarão a sua falta, e pelos homens da sciencia, que os conheceram, praticando com elles ou apreciando suas obras, e todos lhes fazendo a justiça devida.

Refiro-me, Senhor, aos bustos dos socios honorarios Barão de Santo Angelo e Visconde de Porto Seguro, que a gratidão do Instituto resolveu, em homenagem dos relevantissimos serviços, que ambos prestaram á associação, mandar collocar na sala de nossas conferencias, de par com os de outros, que tanto alli se distinguiram pela assiduidade do trabalho, por não vulgar intelligencia, e pelo concurso nunca esmorecido de suas luzes e dedicação.

civilisado de documento authenthico e irrecusavel, demonstrando que, si não temos ainda attingido ao gráo de altura por nós almejado, não nos ha comtudo faltado jamais nem esforço, nem perseverança para merecermos os encomios, que por vezes nos têm sido dispensados, já pela imprensa esclarecida de diversas nações, ja por muitos homens eruditos, e algumas das mais autorisadas associações scientificas. É finalmente cumprirmos no dia de nosso anniversario social o rigoroso dever de pagarmos o merecido tributo á memoria dos consocios, que, depois da ultima sessão magna, foram eliminados da lista dos vivos, deixando após si profundas saudades, e perenes recordações dos valiosos serviços, que lhes deveram a patria, como cidadãos notaveis, e o Instituto, como prestantes socios que lhe foram sempre devotados.

A narração, por menor, de nossos trabalhos cabe ao digno primeiro secretario, que em seguida a fará com a lucidez e proficiencia, que lhe são apanagio.

A commemoração da vida e dos feitos mais importantes dos companheiros, cujas perdas lamentamos, será logo depois realisada pelo illustrado orador interino, que ha de supprir, de modo correspondente ao seu reconhecido talento, a ausencia d'aquelle, cujo primor de eloquencia tantas vezes nos enthusiasmou, e que, impedido de comparecer, por enfermo, é objecto de fervorosas preces ao Todo Poderoso, para que se lhe abrevie o inteiro restabelecimento.

Do que tem de expôr o nosso primeiro secretario vêr-se-ha, que o Instituto caminha firme, e com a maior confiança do porvir, pela senda honrosa, que V. M. I. lhe assignalou na memoravel allocução do dia venturoso, em que, collocando-se á nossa frente, fez renascer, ou antes regenerar-se esta associação, que inaugurada, annos antes, sob tão bellos e

RELATORIO

DO 1.º SECRETARIO DR. MANOEL DUARTE MOREIRA D'AZEVEDO.

Senhores. — Collocado por circumstancias imprevistas n'esta cadeira de honra, experimento hoje o peso da missão que o Instituto Historico atirou sobre meus hombros. N'este edificio de tantas recordações historicas, na sala d'este palacio, n'esta assembléa tão sabia quanto brilhante; na presença do soberano, que não ezita em deixar o throno para tomar o tamborete academico, eu ouço o éco das vozes elequentes de meus antecessores, vozes que como hymnos de gloria abafam o som da minha palavra secca e fria; elles, empunhando a lyra de Amphion, erguiam com seus discursos monumentos para si, para a patria e para esta sociedade, quando eu apenas posso balbuciar palavras sem esmero artistico.

Sinto-me acanhado n'este tribunal, que para elles servio de pulpito de gloria; mas, protegido pela illustrada benevolencia do auditorio, farei por cumprir meu penoso encargo, pedindo desculpa, si meu humilde entendimento não comprehendeu a missão de que foi encarregado. Si máo fôr o desempenho, a culpa será do Instituto, que medio erradamente as forças e a intelligencia do ultimo dos seus obreiros.

Celebrou o Instituto Historico durante o corrente anno desesete sessões, todas honradas com a presença do Imperador, que, prezando as letras, sciencias e artes, tem feito do seu reinado um periodo de paz, de progresso e civilisação,

Além d'isto deu-se ao governo imperial um diploma de distincção pela Revista Trimensal do Instituto historico e geographico—publicação, que foi muito bem acolhida pelos homens da especialidade.

Tão cathegorica e expressiva demonstração de apreço é por certo facto de não pequena valia para o Brasil, e assás lisongeira ao Instituto, cujo principal afan é, e tem sido sempre, concorrer em tudo quanto d'elle depende para lustre e gloria do Imperio, e particularmente no tocante ao fim a que se dedicou. E, comquanto tenha a nossa associação votado já uma mensagem de agradecimento ao vice-consul do Imperio Leopoldo Bizio, pelo muito que se esmerou, no intuito de ser levada a effeito com o maior esplendor a exposição brasileira n'aquelle congresso, digne-se V. M. I. de relevar, que, aproveitando a opportunidade, que tão de molde se apresenta, manifeste ainda d'esta cadeira, em nome dos membros do Instituto o quanto penhorou nosso reconhecimento o relevante serviço, prestado por tão zeloso funccionario publico.

Não menos agradavel me foi a leitura do conceito, que, relativamente aos nossos trabalhos, formou a acreditada *Revista Nuova de Antologia*, publicada em Roma no mez de Novembro proximo findo, quando referindo-se ao congresso de Veneza, pôz em relêvo os progressos da geographia em suas applicações scientificas e economicas, operados no Brazil, attendendo-se á sua existencia nacional, relativamente curta, e fez especial menção da smemorias de differentes viagens, dos mappas e de outros trabalhos remettidos pelo Instituto, e com muita particularidade, do mappa do nosso sempre lembrado e distincto consocio o senador Candido Mendes de Almeida.

É ainda possuido de intensa satisfação, que recordo a maneira por que conseguimos apresentar-nos na Exposição

de Historia, inaugurada este anno na Bibliotheca Nacional no anniversario do natalicio de V. M. I., exposição que considero, em relação á sciencia, um de nossos mais esplendidos fastos, porque nos eleva e nobilita perante o mundo scientifico; tornando por esse facto credor dos mais justos elogios o nosso muito illustrado consocio, chefe d'aquelle estabelecimento, e os que o coadjuvaram em tão interessante quão difficil comettimento, coroado, graças á sua esclarecida intelligencia e incansavel actividade, do mais brilhante exito apezar das grandes difficuldades, com que teve de lutar.

Agora, Senhor, cabe-me a honra de implorar de V. M. I. a graça de contemplar os bustos de dois dos mais proeminentes membros do Instituto, que pertencem ao numero d'aquelles, cujas perdas só podem ser reparadas por outros a muito custo, e no correr de longa serie de annos de fadigas, desgostos, e diuturno estudo. São os bustos de dous preclaros Brazileiros, benemeritos da patria e das letras, constantemente prezados por V. M. I., constituindo, cada um em seu genero, verdadeira gloria nacional, e como taes avaliados por seus concidadãos, que sempre lamentarão a sua falta, e pelos homens da sciencia, que os conheceram, praticando com elles ou apreciando suas obras, e todos lhes fazendo a justiça devida.

Refiro-me, Senhor, aos bustos dos socios honorarios Barão de Santo Angelo e Visconde de Porto Seguro, que a gratidão do Instituto resolveu, em homenagem dos relevantissimos serviços, que ambos prestaram á associação, mandar collocar na sala de nossas conferencias, de par com os de outros, que tanto alli se distinguiram pela assiduidade do trabalho, por não vulgar intelligencia, e pelo concurso nunca esmorecido de suas luzes e dedicação.

É chegado, Senhor, o momento de, com a devida venia, declarar aberta a presente sessão. Não posso, porém, nem devo fazel-o, sem, como orgão do Instituto, e fiel interprete do pensamento de todos os seus socios, congratularme com V. M. I., com a Excelsa Imperatriz, e com o Brazil inteiro—pela feliz volta a esta capital de Sua Alteza a Princeza Imperial, de seu Augusto Consorte, e dos serenissimos Principes, seus filhos.

Dignem-se VV. MM. II. de acolher benevolamente a leal expressão de tal sentimento, de par com os reiterados protestos de nunca interrompida e cordial dedicação, e do mais sincero reconhecimento por terem vindo, mais esta vez, abrilhantar a nossa festa social.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO 1.º SECRETARIO DR. MANOEL DUARTE MOREIRA D'AZEVEDO.

Senhores. — Collocado por circumstancias imprevistas n'esta cadeira de honra, experimento hoje o peso da missão que o Instituto Historico atirou sobre meus hombros. N'este edificio de tantas recordações historicas, na sala d'este palacio, n'esta assembléa tão sabia quanto brilhante; na presença do soberano, que não ezita em deixar o throno para tomar o tamborete academico, eu ouço o éco das vozes elequentes de meus antecessores, vozes que como hymnos de gloria abafam o som da minha palavra secca e fria; elles, empunhando a lyra de Amphion, erguiam com seus discursos monumentos para si, para a patria e para esta sociedade, quando eu apenas posso balbuciar palavras sem esmero artistico.

Sinto-me acanhado n'este tribunal, que para elles servio de pulpito de gloria; mas, protegido pela illustrada benevolencia do auditorio, farei por cumprir meu penoso encargo, pedindo desculpa, si meu humilde entendimento não comprehendeu a missão de que foi encarregado. Si máo fôr o desempenho, a culpa será do Instituto, que medio erradamente as forças e a intelligencia do ultimo dos seus obreiros.

Celebrou o Instituto Historico durante o corrente anno desesete sessões, todas honradas com a presença do Imperador, que, prezando as letras, sciencias e artes, tem feito do seu reinado um periodo de paz, de progresso e civilisação,

e collocando-se á frente da nossa academia, a tem erguido ao nivel das mais famosas da Europa e do novo mundo. N'essas sessões alguns dignos consocios exhibiram trabalhos, que têm de enriquecer os annaes da historia patria.

O major Augusto Fausto de Souza leu diversos capitulos da sua memoria a *Bahia do Rio de Janeiro*, trabalho que considerado quer em relação á historia, quer á geographia, chorographia e estatistica é o mais completo, desenvolvido e minucioso que se tem escripto sobre similhante assumpto. A descripção geral desse golpho admiravel chamado bahia de Nictheroy, dos rios que lhe prestam vassallagem, das ilhas que habitão suas aguas, dos accidentes curiosos espalhados pelo seu extenso contorno de 140 kilometros, e os factos relativos a cada um dos pontos indicados tornam esta monographia digna de ser consultada por todos que desejarem conhecer a magnitude e belleza d'esse mar sempre manso, sempre liso e sempre alegre. Além de outras citações comprehendeu o autor em dois capitulos 116 trechos de escriptores estrangeiros e 71 nacionaes, que com muita poesia e muita elegancia são unanimes em realçar os primores d'esse mar, que, com iguaes limites geographicos, não tem outro, que o exceda. Devem illuminar a obra do nosso prestimoso consocio quatro desenhos lithographados na officina do Archivo militar.

O Dr. Joaquim Pires Machado Portella apresentou documemtos a cerca de varias sociedades litterarias dos tempos coloniaes, pelas quaes provou, que a sociedade dissolvida por ordem do vice-rei Conde de Rezende em 1794 não foi, como querem alguns historiadores, a Academia scientifica do Rio de Janeiro, fundada no tempo do Marquez de Lavradio em 1772, mas a sociedade literaria creada em 1786 no governo de Luiz de Vasconcellos.

O conselheiro Alencar Araripe leu o 1°. e 2°. capitulos da sua memoria sob o titulo de Cabanada do Pará, ou movimento anarchico da provincia do Pará em 1834, nos quaes como historiador imparcial e consciencioso descreveu as causas d'esse movimento, que por mais de um anno perturbou aquella parte do Imperio, as condições sociaes da provincia, a origem e formação dos partidos politicos, a creação de sociedades, o elemento religioso, e a ignorancia social. Exacto em suas indagações e notavel em suas reflexões vê-se, que o nosso douto consocio procurou n'este trabalho ter sempre diante de si a imagem candida da verdade.

O Dr. Maximiano Marques de Carvalho leu a continuação da sua memoria Estudos sobre a primeira viagem de Christovão Colombo ás ilhas e ao continente do novo mundo, aos quaes deu o nome de Indias Occidentaes. N'esse trabalho se propõe a provar o nosso antigo consocio, que Christovão Colombo tinha certeza de encontrar terras, que só elle conhecia, que foi elle o primeiro, que pronunciou a palavra Brazil, paiz este, que foi descoberto por instrucções dadas a Pedro Alvares Cabral por el-rei D. Manoel. Apezar de serem essas proposições contrarias ao que têm escripto muitos autores conhecidos, que asseveram, que Cabral foi impellido para terras, que não conhecia e não procurava, que immensa foi alegria de toda a armada, porque n'aquella altura jámais viera ao pensamento, que pudesse haver terra, e de repetir D. Manoel na carta escripta aos reis catholicos o seguinte: «Parece, que N. S. quiz milagrosamente se achasse essa terra» apezar de ter provado o sabio Joaquim Caetano da Silva, que em documentos genovezes de 1151 se encontra a palavra — Brazil — não faremos extensas observações, visto como pedio o autor, que o seu trabalho fôsse remettido á commissão de geographia para sobre elle dar seu illustrado juizo.

O socio honorario e 2.º vice-presidente, o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, leu o escripto denominado o *Tiradentes perante os historiadores oculares de seu tempo*: resposta a um injusto reparo dos criticos da conjuração mineira. Procurou provar o autor da conjuração mineira, que escreveu o seu livro firmado em documentos, que no texto enxertou 1211 notas, invocou os nomes de milhares de escriptores, e fundamentou todas as suas asserções; e que si suas apreciações podem parecer menos sympathicas, não são falsidades nem mentiras, nem n'elle havia interesse para deprimir um martir.

É necessario attender, como diz Alexandre Herculano, que a verdade historica é uma, e que nas materias de facto são absurdas as concessões; é preciso attender, que a historia não tem partido, que é materia de sciencia, e que o historiador deve ser um ingenuo expositor da verdade, como Agostinho Thierry.

Procuramos tambem concorrer na falta de outros, na arena litteraria do Instituto, lendo um ligeiro trabalho sob o titulo—*D. Pedro I*, no qual se manifesta o caracter cavalheiresco e patriotico do augusto fundador do Imperio.

Em sessão de 7 de Julho conferio o Instituto o diploma de socio honorario ao major Serpa Pinto, denodado explorador portuguez, e companheiro de Capello e Ivens, dignos officiaes da marinha portugueza autores da obra intitulada—*De Benguela ás terras de Iaaca.* Quer este livro sobre a Africa central e ocidental, quer o de Serpa Pinto sob o titulo—*Como atravessei a Africa* são obras, que o mundo scientifico ha de apreciar sempre e que ás sciencias geographicas prestarão grande auxilio.

Além d'aquelle arrojado viajante nenhum outro socio veio alistar-se em nossa fileiras, mas pendem das commissões

diversas propostas indicando conspicuos cidadãos e novos lidadores, que na liça literaria colherão louros.

A esponja negra da morte apagou do nosso quadro social nomes de illustres consocios dos quaes o nosso illustrado orador repetirá os serviços e os apresentará perante o tribunal da historia, que é tambem o da posteridade. D'entre aquelles que deixaram vasios os bancos do Instituto devemos mencionar o Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, que legou á esta associação interessantes manuscriptos, cuja relação acompanha este relatorio. (1) Si emquanto vivo honrou a primeira sociedade da America, que habitamos, com seu grande espirito e seu grande talento, quiz ainda em sua morte prestar um serviço a seus collegas academicos; em seu testamento incluiu o Instituto Historico, como si, não satisfeito com o que fizera em vida, quizesse da sepultura patentear seu amor e dedicação á esta sociedade.

Este legado á esta academia, que dos seus annaes tem feito o repositorio mais rico e precioso da historia patria, deve despertar a attenção de todos os amigos das lettras, e tambem devem os homens ricos attender, que não são só os hospitaes, os asilos de caridade, os recolhimentos, que merecem auxilio; as bibliothecas, os institutos, as sociedades litterarias prestam tantos serviços como aquelles estabelecimentos; si uns cuidam do corpo, os outros cultivam o espirito, e ambos completam a obra da educação publica, ambos formam o cidadão, e contribuem para a ordem, para a moralidade, a civilisação social; assim leguem os homens ricos seus thesouros ás casas pias, mas se não esqueçam d'essas instituições, que espalham a luz, que se chama instrucção, que cultivam as letras as artes e sciencias, que são templos da educação publica e ao mesmo tempo monumentos perduraveis das nações,

(1) A relação consta da acta da sessão de 7 de Outubro do corrente anno de 1881.

civilisado de documento authenthico e irrecusavel, demonstrando que, si não temos ainda attingido ao gráo de altura por nós almejado, não nos ha comtudo faltado jamais nem esforço, nem perseverança para merecermos os encomios, que por vezes nos têm sido dispensados, já pela imprensa esclarecida de diversas nações, ja por muitos homens eruditos, e algumas das mais autorisadas associações scientificas. É finalmente cumprirmos no dia de nosso anniversario social o rigoroso dever de pagarmos o merecido tributo á memoria dos consocios, que, depois da ultima sessão magna, foram eliminados da lista dos vivos, deixando após si profundas saudades, e perenes recordações dos valiosos serviços, que lhes deveram a patria, como cidadãos notaveis, e o Instituto, como prestantes socios que lhe foram sempre devotados.

A narração, por menor, de nossos trabalhos cabe ao digno primeiro secretario, que em seguida a fará com a lucidez e proficiencia, que lhe são apanagio.

A commemoração da vida e dos feitos mais importantes dos companheiros, cujas perdas lamentamos, será logo depois realisada pelo illustrado orador interino, que ha de supprir, de modo correspondente ao seu reconhecido talento, a ausencia d'aquelle, cujo primor de eloquencia tantas vezes nos enthusiasmou, e que, impedido de comparecer, por enfermo, é objecto de fervorosas preces ao Todo Poderoso, para que se lhe abrevie o inteiro restabelecimento.

Do que tem de expôr o nosso primeiro secretario vêr-se-ha, que o Instituto caminha firme, e com a maior confiança do porvir, pela senda honrosa, que V. M. I. lhe assignalou na memoravel allocução do dia venturoso, em que, collocando-se á nossa frente, fez renascer, ou antes regenerar-se esta associação, que inaugurada, annos antes, sob tão bellos e

esperançosos auspicios, se deixára dominar por quasi invencivel desanimo. Com effeito, Senhor, si como disse, não podemos ainda corresponder por modo mais completo aos elevadissimos e patrioticos desejos de V. M. I., é, isto não obstante, fóra de duvida, que desde aquella data sempre lembrada, ainda um anno se não findou, sem que ao menos algumas pedras, e entre ellas não poucas de precioso valor, tenhão sido lançadas na edificação d'este templo da sciencia.

É por isso, que cheio de ufania, como presidente do Instituto, vi o quanto, no anno que vai terminar, foram apreciados os fructos de nossas pesquizas e lucubrações, pelo congresso internacional geographico de Veneza, e jamais me sahirão da memoria as palavras, que peço licença para reproduzir—filhas como são do esclarecido juizo de pessoa de incontestavel competencia, que, analysando em resenha com o maior criterio, os objectos alli exhibidos por muitas nações das mais adiantadas, quando tocou a nossa vez assim se exprimio :

« *A secção brasileira primava pela excellente collecção de mappas, e obras de interesse essencialmente geographico entre ellas uma collecção da Revista do Instituto historico e geographico do Brazil.*

Os doutos, que se dedicam ao estudo d'este ramo dos conhecimentos humanos, deram o devido apreço a esta importantissima publicação, com tão bom resultado elaborada por uma pleiade de brasileiros illustrados, movidos pelo amor da patria, e consagrados ao culto das lettras, e ás arduas investigações da historia patria.

O Imperio Americano ficou excepcionalmente aquinhoado na distribuição dos premios, feita pelo respectivo jury, obtendo a exposição brasileira seis premios, comprehendendo dous diplomas de distincção, a maior recompensa das que se conferiram e superior á medalha de ouro.

puramente historicos, que existem no muzêo nacional, brevemente enriquecerão o nosso muzêo as mascaras em gesso de diversos Brazileiros eminentes, a medalha de ouro e colar offerecidos pela maçonaria ao Visconde do Rio-Branco, o relogio que pertenceu ao padre Diogo Feijó, e outros objectos de muito valor e cunho historicos.

Encarreguei ao intelligente conservador da nossa bibliotheca de catalogar os mappas, que possuimos, que são lithographados 244 e manuscriptos 177.

A mesa administrativa tomou este anno a resolução de grande alcance de mandar abrir o Instituto todos os dias uteis das 10 ás 3 horas da tarde, quando antes só se abria durante duas horas em dois dias da semana. Facilitando as riquezas da sua bibliotheca e archivo, de manucrisptos, mappas, periodicos e livros, prestou o Instituto bons serviços aos seus associados, que de tão rica messe poderão colher sazonados fructos.

Além das propostas de socios e de outras, que pendem dos pareceres das respectivas commissões, foram approvadas a do conselheiro Alencar Araripe para que se pedisse ao governo imperial que solicitasse do governo portuguez a carta de Pero Vaz de Caminha escripta a D. Manoel sobre o descobrimento da ilha de Vera-cruz (Brazil), afim de figurar tão singular documento na exposição da bibliotheca nacional; mas o pouco tempo, de que se pôde dispôr, não deu lugar a que chegasse o referido documento em accasião conveniente de apparecer n'aquella exposição, onde todavia se vê exposta uma copia do celebrisado documento devido aos esforços do nosso saudoso poeta, que cantou Colombo.

Propôz o Sr. Dr. Taunay, que se enviasse uma collecção da *Revista* do Instituto cuidadosamente encadernada á commissão encarregada da direcção da exposição universal de Buenos-aires, afim de figurar n'essa exposição.

Os Srs. Drs. Severiano da Fonceca, Baptista Caetano e Taunay propuzeram, que fôssem removidos para a capital da provincia de Mato-grosso, e conservados, onde conviesse, os retratos de D. João V e D. João VI e de diversos capitães generaes da provincia, que existem na cidade de Mato-grosso em edificio completamente arruinado. Já se officiou ao Sr. ministro do Imperio para, por intermedio do presidente da respectiva provincia, dar as providencias, que o caso requer.

Nós e outros collegas propuzemos, que se officiasse á directoria do Lyceu de artes e officios felicitando-a pela inauguração das aulas do sexo feminino, e que, ao Smithsonian Institution, sociedade de Washington, que além de nos enviar muitas publicações, se incumbe de remetter a nossa *Revista* para diversas sociedades da America e Europa, se encarregasse da honrosa tarefa de dirigir um voto de pezames em nome do Instituto Historico á viuva do presidente James Garfield.

Tendo a commissão de geographia opinado, que para o terceiro Congresso internacional geographico de Veneza se mandasse a collecção da *Revista Trimensal* e todas aquellas obras, de que houvesse duplicata, assim se cumpriu, e tivemos o prazer de vêr os nossos trabalho apreciados e premiados n'esse certamen scientifico, realiasado na patria do grande navegante Marco Polo. Pelos esforços do nosso illustrado e digno consocio Visconde de Araguaya e do vice-consul do Brazil em Veneza, o Sr. Leopoldo Bizio, que conseguiram tornar a secção brazileira na exposição considerada e interessante, alcançámos lugar honroso, e colhemos diversos premios. A *Revista do Instituto Historico* mereceu um diploma de distincção, despertou vivo interesse e recebeu o devido apreço dos doutos, que visitaram essa solemnidade litteraria celebrada na cidade dos antigos

doges e que se gabava possuir parte do imperio grego.

Em consequencia da publicação de trabalhos em inglez sobre lingua guarany, que necessitam de muito cuidado e correcção nas provas, e de multiplicidade de notas para explicação do texto, se tem demorado este anno a publicação da nossa *Revista*, mas estão dadas as providencias afim de marchar o trabalho acceleradamente e virem a lume com brevidade os fasciculos do corrente anno.

Não possuindo muitas bibliothecas do Imperio o jornal do Instituto, enviou-se este anno para 18, que não recebiam esta publicação, assim como para todos os presidentes de provincias; 21 associações da Europa e da America foram contempladas com a distribuição dos nossos annaes. O Sr. barão de Wildick encarregou-se de remetter para as bibliothecas e sociedades literarias de Portugal a *Revista* do Instituto, a qual tem sido regularmente entregue áquelles estabelecimentos.

De diversas autoridades do Imperio, de distinctos cavalheiros e de muitas academias, institutos e associações scientificas e literarias do paiz, e das nações cultas da Europa e America recebemos interessantes impressos, que em nome do Instituto me encarrego de agradecer, desejando que cada vez mais se estreitem as relações fraternaes, que pela mutua remessa das publicações devem existir entre as corporações, que trabalham pelas lettras.

Entre as valiosas offertas feitas ao Instituto avultam as seguintes : por Sua Magestade o Imperador o catalogo geral da exposição geographica de Veneza, no qual occupa lugar distincto a secção consagrada ao nosso Imperio; pelo Gabinete Portuguez de Leitura um primoroso exemplar da edição dos *Lusiadas*, commemorativa do 3.º centenario de Camões, e uma medalha sobre o mesmo assumpto; pelo Dr. João Severiano da Fonseca a sua obra *Viagem ao redor*

do Brazil, illustrada com paisagens, planos topographicos, vinhetas e mappas ; pelo conhecido poeta Dr. Bernardo Guimarães todas as suas obras encadernadas ; pelo nosso digno 2.º vice-presidente o Sr. Joaquim Norberto, a collecção do *Jornal do Commercio*, dispensando o Instituto do gasto de uma assignatura d'este jornal. Além d'estas houve muitas outras offertas preciosas, que nos falta tempo para mencionar, mas em um dos annexos d'este relatorio encontrar-se-ha a relação de todos os presentes, que o Instituto recebeu, e que tanto agradece.

Um socio do Instituto e director da primeira bibliotheca da côrte teve a patriotica inspiração de expôr nas salas da casa, que dirige, os livros, mappas, documentos, estampas, tudo que concerne á historia do Brazil; quiz apresentar á vista de todos o passado, as glorias, os vultos dos homens notaveis na guerra, nas letras, nas sciencias, nas artes, nas conquistas, nas virtudes e na politica ; e assim realizou a exposição mais importante, que tem visto esta capital, porque n'esta festa solemne a patria assiste á resurreição do passado, olha ufana para o futuro, e, erguendo-se como a estatua da fama no meio d'esse certamen literario, indica os prodigios dos seus filhos, e, apontando-os, cinge-lhe as frontes de virentes louros. N'esta exposição procurou o Instituto Historico concorrer com seus manuscriptos, mappas, livros, estampas e bustos de seus finados consocios, coadjuvando assim o patriotico commettimento do Dr. Ramiz Galvão, que conquistou para si a gloria de haver realisado a 1.ª exposição literaria na America.

Ao terminar esta pallida e resumida exposição do anno social, apraz-me confessar, que o Instituto Historico vai progredindo, e que de dia para dia torna mais util sua missão no difficil mas glorioso caminho das letras. Poucos são os lidadores, poucos os levitas, que cercam a arca da historia

da nação ; porém incendidos de amor patrio, delicados, afrontando o mar das fadigas, sacrificam-se pela causa pura e nobre das lettras, manifestando n'essa cruzada vocação, perseverança e estudo.

Assim venham outros ajudal-os, appareçam novos campeões, que façam ou intentem fazer tudo que possa concorrer para a grandeza do paiz, e não pratiquem como o oraculo, que punha a salvação de Athenas no abandono d'ella, nem digam dos seus talentos ao paiz o que das proprias obras disse Scipião á Roma ; attendam, que esta academia trabalha pelo futuro da nação, que sua devoção unica é pela gloria, fama e posteridade do Brazil; que á sua frente está o Imperador com a constancia de Socrates e que o Instituto Historico merece a estima publica, a benemerecia dos doutos, porque a luz, que o illumina, é a luz, que se reflecte sobre as grandes idéas.

DISCURSO

RECITADO NA SESSÃO MAGNA DE ENCERRAMENTO PELO ORADOR INTERINO DR. FRANKLIN TAVORA.

Senhores.— Pela primeira vez, depois de 42 annos de gloria com que a erudição e a eloquencia illuminaram successivamente a cadeira de orador do Instituto, vai ella desvaler e eclipsar-se ao contacto da minha palavra mediocre.

Ainda que, segundo escreve um contemporaneo eminente, « a indole de um elogio academico repelle a individuação de todas as épocas e circumstancias de que se deve entretecer uma completa biographia », respeitando os modêlos que encontro nos nossos annaes, terei de emprehender uma jornada retrospectiva de mais de 70 annos, parte da qual por logares, onde sou inteiramente hospede.

Cahio em mãos inhabeis o encargo de exhumar passado tão longo. Abalisado mestre, senhor das regiões, onde se occultam as riquezas da nossa historia politica, diplomatica parlamentar e scientifica, devêra tomar a si esta divagação, superior ás forças de um discipulo, que, onde vós estais, occupará sempre logar secundario e inglorio. Mas, ajudado do meu esforço e boa vontade, penetrarei nas sombrias estancias, que a vossa benevolencia esclarecerá, para que eu me não desnortêe quando, mais do que nunca, me cumpre discorrer pelo caminho da verdade.

Verei, si ainda alcanço as vibrações da palavra sem fulgor mas rica de ensino, que a cadeira professoral deve a Luiz da Cunha Feijó na faculdade de medicina do Rio de Janeiro; os ócos, que deixaram no parlamento eruditas orações

de Candido Mendes de Almeida; as modestas hamonias, que a saudade inspirou, longe da patria, á lyra de Miguel Maria Lisbôa, afinada em delicado assoante pela de Mora e Saavedra. Emfim, senhores, verei, si posso mostrar-vos, não oito arcabouços cobertos de limo das sepulturas. mas oito vidas, si não com a sua carnação e o seu sanguineo colorido, ao menos com a sua physionomia ainda que rapidamente esboçada, o seu perfil de curvas tão brandas, que jámais se possa confundir com o conjuncto dos angulos duros e desgraciosos que as ossadas apresentam. Digo oito vidas, senhores, porque, comquanto mais de uma vez, por occasião de identicas solemnidades, se tenha comparado o nosso Instituto a uma familia para d'ahi se inferir, que a impressão da magua deve ser a mesma n'estes dous centros, permitti declarar-vos, que discordo d'esta opinião. A familia evoca os seus mortos para pranteal-os; a associação não faz evocação de mortos, mas sim de gentis feitos, de benemeritas acções, porque o seu fim nos dias solemnes como este, é votar laureis, é celebrar uma como apotheose.

A famillia não vê nas suas sombras queridas o poeta por mais mavioso, o jornalista por mais afamado, o mestre por mais proficiente, o historiador por mais completo, o sabio por mais admiravel; o que ella vê é simplesmente o pai extremoso, o filho estremecido, o esposo amado, que deixaram vasia no lar a cadeira do trabalho e desoccupado o seu logar á mesa da refeição ou no leito do repouso; o que ella sente mutilar com a separação eterna é um orgão, que não tem a faculdade de refazer-se—é o affecto, que, uma vez ferido, sangra sempre. No dia da commemoração dos seus finados aquelle logar, que nos outros dias se mostrava ermo, apparece preenchido por uma sombra mysteriosa, seguramente gerada pela exaltação celebral. Triste porém meigo conviva! É a vista da saudade — musa melancolica, que prende

sempre o presente a uma dolorosa recordação—mensageira de desconhecidos e talvez bemquistos logares, que vem dar noticias dos mortos segregados nos cemiterios, trazendo d'esses mortos a rija fórma e a marmorea lividez.

Tal é o espectaculo no seio da familia por occasião dos anniversarios do fallecimento das suas pessoas caras.

No recinto porém do nosso instituto, senhores, outro é o aspecto, que se me afigura. A resurreição aqui é alegre como a de Christo nos Evangelhos de Lucas e João. Os evocados volvem ás nossas relações, como si entre elles e nós nunca se tivesse interposto o verme sepulchral.

Longe deixaram as feições e rigeza cadavericas. Nós não os vemos envolvidos nos funebres sudarios, com que foram dormir o seu derradeiro somno. Nas faces não trazem elles os vestigios da jornada final—a poeira da morte, antes ali se reaccendem as rosas da vida. De novo se ligam e confundem comnosco pelo commercio da palavra e da idéa. De novo nos apertam as mãos, e nas d'elles sentimos o moderado calor do sangue através das palmas, que ligeiramente se encurvavam para que a penna insculpisse no livro perduraveis inspirações, e o pincel creasse na tela imaor-taes epopéas. Nas pupillas de um preto retinto como o ébano, ou verdes como a esmeralda, ou azues como a turqueza, reluz o indescriptivel lampejar do talento. Elles estão aqui no nosso gremio—elles, os nossos amigos, que andavam ausentes e pareciam esquecidos de nós.

D'esta vez porém não vêm conferir louros litterarios como era costume antes d'este longo apartamento; vêm ao contrario recebel-os de nossas mãos, porque são elles o objecto da nossa festa, são elles os laureados, e somos nós que os galardoamos, nós que representamos n'este momento a primeira entrancia da posteridade. Em uma palavra: o Instituto não estuda n'esses vultos o homem particular,

estuda sim o escriptor, o parlamentar, o magistrado, o homem publico, estuda a sua influencia nas letras, na politica, na sociedade. O Instituto não tem pois, que chorar: a sua tarefa é regosijar-se, é ufanar-se, recompondo physionomias, onde destaca o relevo da vida, e que a gloria illumina.

E discorrer sobre a vida, senhores, é muito menos facil, que discorrer sobre a morte, porque esta, posto que prehistorica e vulgar, anda sempre acompanhada de lugubres encantos, que supprem a falta de eloquencia; o luto, a lagrima, o mysterio são insinuativos; emquanto aquella, si por si mesma não tem grandeza, não lh'a dará o poeta com as galas dos seus sonhos, e muito menos o critico circumscripto á feição e ao valor dos acontecimentos sujeitos á sua sentença.

Mas não estão n'este caso as existencias, cuja apreciação fórma o assumpto do presente elogio. Algumas d'ellas são quadros, onde apparecem pinturas deliciosas; outras, si não são completas estatuas gregas, têm muito da sua correcção e da sua belleza.

Miguel Maria Lisbôa, nascido n'esta capital a 22 de Maio de 1809, aos 19 annos já representava na diplomacia como addido da legação do Brazil em Londres; em 1831 foi nomeado secretario da mesma legação; estava nos seus 22 annos. Luiz da Cunha Feijó, que vio a luz n'esta cidade a 1 de Julho de 1817, recebia aos 22 annos (em 1839) o gráo de doutor em medicina pela Academia do Rio de Janeiro, e Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, que nasceu n'esta côrte em 12 de Março de 1819, recebia em 1841 da mesma Academia o mesmo gráo; attingira tambem aos 22 annos. Reuno em um só grupo estes tres consocios, porque todos viram a luz e se manifestaram no mesmo *meio*. Seguirei identico processo em relação aos

outros, nem podia ser differente o meu caminho. Factor importante e natural, affirmado pela sciencia, ao *meio* deve pertencer a primeira palavra no estudo dos caracteres. Este processo tem particular applicação aos nossos consocios, porque n'elles estão representados quatro dos principoes centros politicos e literarios do Brazil — a côrte com a sua branda civilisação, as provincias de Minas-geraes e Pernambuco com as suas tendencias revolucionarias, o Maranhão com a sua cultura intellectual, de que tem provindo tão bons fructos á nossa literatura. Ajuntarei a estes outro centro de elevada significação — a França, centro do mundo talvez.

Lisbôa desenvolveu a sua actividade por uma vastissima área. Perto de 50 annos consagrou elle ao serviço da patria em diversas e longinquas terras.

Do logar de secretario da legação em Londres veio servir, em 1838, na qualidade de encarregado de negocios no Chile. Foi um vôo retrospectivo á America, seu continente, vôo que é tão commum na diplomacia, mas que sempre exige o esforço e traz o cansaço da peregrinação. Si a solemnidade d'este momento não impuzesse parcimonia de imagens, eu diria, senhores, que Lisbôa viera da Europa nas azas das musas, porque foi na terra de Guilherme Mata, de Blest Gana e de Irisarri, que elle produzio os seus *Romances historicos*, collecção de versos naturaes, posto que nem sempre harmoniosos, onde predominam os tons da saudade, e se affirma uma vasta lembrança da patria.

Do Chile passou em Abril de 1842 á Venezuella, onde esteve até Agosto de 1847. Ou porque, vendo-se tão perto do Brazil, se lhe accenderam as saudades com tanta vehemencia, que lhes não pôde resistir, ou porque altas conveniencias internacionaes exigiram, que elle cá viesse, o certo é, que foi posto em commissão na secretaria de estado dos

negocios estrangeiros, donde seguio depois para a Bolivia, no caracter de ministro residente.

D'esta republica o transferio o governo em 1852, afim de desempenhar uma commissão especiel nas republicas de Venezuella, Equador e Nova-Granada. A referida commissão, favoravel aos nossos interesses diplomaticos, tambem o foi ás nossas letras, visto que, por essa occasião escreveu Lisboa o seu segundo livro — *Relação de uma viagem á Venezuela, Nova Granada e Equador.*

Posto em disponibilidade activa, pela segundo vez em 1854, n'aquella secretaria de estado, teve posteriormente promoção a enviado extraordinario e ministro plonipotenciario, caracter em que successivamente passou ao Perú em 7 de Dezembro de 1855, aos Estados-Unidos em 7 de Maio de 1859, á Belgica em 21 de Março de 1865 e finalmente em 22 de Fevereiro de 1866 á Lisbôa, onde falleceu a 8 de Abril de 1881.

Os titulos e distincções honorificas, que illustraram Miguel Maria Lisbôa, Barão de Japurá, do conselho de Sua Magestade o Imperador, veador de Sua Magestade a Imperatriz, grande dignitario da Ordem da Rosa, commendador da de Nosso Senhor Jesus Christo e grão-cruz das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de Nosso Senhor Jesus Christo, de Portugal, e Ernestina, da casa ducal de Saxonia, são testimunhos da sua benemerencia no caracter de homem publico.

Mas no Barão de Japurá, senhores, não se offerece á contemplação do panegyrista unicamente o diplomata, que assignou importantes tratados com as principaes potencias do velho e novo mundo. Outra face, posto que menos saliente, apresenta ao exame de critico aquelle vulto sympathico, que encancceu ao serviço do paiz no andar periodico

de um ponto para outro da terra, muitas vezes representante das mais oppostas raças e dos mais diversos costumes e leis. Essa face é a do homem de letras. Foi n'esta qualidade, que a universidade de Edimburgo o graduou com o diploma de *Artium magister*, e que o nosso Instituto o admittio como seu socio correspondente em 1839 por occasião da sua fundação.

Nas duas indicadas obras, infelizmente pouco conhecidas entre nós, patentea-se o espirito brando, que é uma das leis do caracter formado no meio, onde elle vio a luz. A poucos escriptores poder-se-ha applicar com mais justiça o conceito de um critico bem reputado: « Ha nas obras litterarias uma physionomia, que retrata ao natural as tendencias e as paixões do escriptor. O espirito reflecte nos escriptos a luz com que o illumina o coração. » O coração de Lisbôa era o de um patriota de tempos normaes. Elle revia-se na patria pela historia, pelas instituições e pela raça. A sua musa, de vôo curto, não se exaltava diante das chammas revolucionarias, como as borboletas da noite aos lumes do lar, onde não raro acabam reduzidas a cinzas. Póde-se dizer, que elle não mudava de penna, quando tinha de graphar as suas inspirações; a sua penna de poeta era a mesma do diplomata.

Esta verdade desenha-se vivamente aos olhos do leitor, quando attenta nos *Romances historicos*. Pintam-se n'estes alguns assumptos de sua natureza épicos. *Egas Moniz*, *a Batalha dos Guararapes*, *o Ipiranga*, o *Patriarcha da Independencia*, são episodios, que se destacam da historia portugueza e da historia patria com o revelo de acções heroicas. Camões cantal-os-hia nas estancias italianas de dez syllabas, em que immortalisou a navegação dos portuguezes ao oriente; Gonçalves Dias ou Magalhães cantal-os-hiam no verso

branco, ou solto, que não desvale da heroicidade guarany, nas paginas dos *Timbiras e Tamoios*.

Lisbôa porém, inspirando-se na poesia provençal, escolhe para retratar aquelles episodios gigantes uma das fôrmas mais maviosas e languidas, com que a poetica Hespanha reveste a volupia das suas inspirações populares e se encontram no *Romancero do Cid* e no *Romancero geral*; escolhe a rima assoante, que pertence á segunda época da literatura hespanhola, e que Viardot considera das mais fluidas, das mais esbeltas, das mais ricas de suavidade e harmonia.

Exceptuado o que se denomina *Egas Muniz, e o Juizo de Salomão*, os quaes, posto sejam os primeiros na collecção, se me afiguram os ultimos em merecimento, todos os outros são nacionaes, e alguns até de feiticeira expressão. No *Propheta de Olinda* canta elle certo religioso, que prophetisára, segundo certifica Rocha Pita, o captiveiro daquella cidade ao jugo da Hollanda. Sempre a patria a pungil-o com as suas inspirações; até mesmo nas *Poesias soltas*, excluidas as traducções, deixaram-se sentir o amor e as saudades, que ao poeta suggere a terra natal.

Muito se tem escripto ultimamente sobre o Brasil. A critica historica, ainda que muito longe do logar, que lhe compete em o nosso meio literario, tem mudado velhos pontos de vista, donde até certo tempo foi apreciada a formação da nossa nacionalidade. Nota-se porém, senhores, um phenomeno curioso, que a vossa benevolencia me permittirá assignalar : quanto mais nos adiantamos no estudo das nossas origens historicas, quanto mais penetra na crypta do nosso passado politico a luz indiscreta, inconveniente talvez, da critica moderna, mais diminuem as proporções de certos vultos, que chegaram ao nosso tempo a modo de envolvidos nos fumos da lenda.

Os nossos primeiros historiadores soffrem cada dia uma nova rectificação. Os heróes, que ostentam grandes estaturas nas paginas dos seus livros, mostram-se figuras banaes, sem grandes paixões, e movem-se por pequenos caprichos e ambições vulgares nas paginas dos que vamos escrevendo. E por outro phenomeno parallelo, posto que contrario áquelle, individualidades que esses escriptores deixaram esquecidas e occultas nos recantos mais escuros d'essa crypta insondavel, vão surgindo á luz e avultam de dia a dia como os verdadeiros benemeritos, os verdadeiros fundadores da nacionalidade, que desfructamos.

Esta ordem de idéas vem aqui, senhores, não como censura ao nosso consocio por ter consagrado os ocios da lyra á apologia de alguns d'esses gigantes, que para nós já não passam de naturezas triviaes e vaidosas, mas como justificação natural, que sirva de pallido commentario ás suas producções. No tempo em que o Barão de Japurá erigiu o seu modesto monumento em homenagem a esses assumptos, dominava ainda a idolatria legendaria, e, longe da terra do seu berço, elle como poeta, ainda quando reunisse a esta qualidade a de critico e historiador, folgaria antes de encontrar aceitas por juizos anticipados esplendidas miragens, em que consubstanciasse a patria, do que preferiria dedicar os seus carmes a themas ainda sem nome nem consagração.

Que a patria é a sua corda predilecta, assás o prova o outro livro, que elle deu a lume em 1866, quando já estava em Bruxellas. Alludo á *Relação de uma viagem á Venezuela, Nova-Granada e Equador*. Sahio retardado o livro; mas, segundo adverte o Barão de Japurá, não tinha ainda diminuido o interesse dos Brasileiros em conhecer o estado d'aquelles paizes. Fôra aberto o Amazonas, que inspirára paginas eruditas, infelizmente pouco propheticas a Tavares

Bastos nas suas famosas *Cartas do Solitario*, e estudo especial na obra o *Valle do Amazonas*. Não sem razão imaginára Lisbôa, que a sua producção devia de proporcionar aos Brasileiros aquelle conhecimento. No fundo sempre o amor á terra natal; na fórma uma relação facil, rica de informações *de visu*, e de lições historicas tomadas a Restrepo e Baralt, marchetada de episodios pitorescos, por vezes summamente miuda, nunca porém fastidiosa, antes sempre attractiva. Não ha n'ella o brilho inexcedivel das viagens francezas; não a modelou o seu autor pelas obras congeneres de Theophilo Gautier, cuja penna conceituosa é o desespero dos escriptores itinerantes. Falta-lhe o lavor literario, artificios de toucador com que a imaginação—virgem garrida—sóe ornar-se nos livros da adolescencia, e sem o qual não ha relação de viagem, que não corra o risco de ser desquerida. Ha porém ali de sobejo descripção de costumes, ha mesmo a psychologia d'aquelles povos, e a physiologia d'aquellas nacionalidades.

Deixando assim rapidamente vibradas as cordas principaes d'essa nobre existencia duplicadamente util ao Brasil, voltemo-nos para as outras duas, que, comquanto se desenvolvessem no meio, onde se formou aquella, não soffreram a influencia de meios estrangeiros.

A vida de Feijó e a vida de Lapa não foram duas correntes, que, brotando da mesma fralda de serra, tomaram oppostas direcções, vindo uma d'ellas espraiar-se na planicie, emquanto a outra se engrossava em fundo valle, e se tornava caudal. Para chegarem a ser o que foram, estas duas correntes não sahiram da esplendida bacia da nossa capital; e si Feijó deixava por vezes a amena região da Carioca, depressa volvia a restabelecer com a sua terra as interrompidas relações.

Todavia notam-se nos dous contemporaneos as distincções

particulares, que são as feições caracteristicas dos individuos.

A vida de Feijó foi quasi inteiramente votada ao exercicio da medicina. Nós o vemos, ora transmittindo as lições do seu saber na academia, de que foi nomeado lente substituto da secção cirurgica em 4 de Setembro de 1840, lente cathedratico de p thologia externa em 5 de Maio de 1851, e, finalmente, transferido para a cadeira de partos em 7 de Junho de 1861; ora, como clinico, mitigando os soffrimentos que acompanham a maternidade; e no exercicio d'esta especialidade tornou-se tão notavel, que a sua justa nomeada não tem por ora outra, que dignamente pleitêe com ella. Á sua competencia deveu Feijó a honra de acompanhar a Serenissima Princeza Imperial a Sra. Condessa d'Eu em tres viagens á Europa, em 1865, 1870 e 1878.

Aos relevantes serviços, prestados á mesma Serenissima Princeza, deveu igualmente a remuneração honorifica do titulo de Visconde de Santa Izabel. Antes d'esta nomeação, fôra condecorado pelo governo imperial com a grande dignitaria da ordem da Rosa e commendador da de Nosso Senhor Jesus Christo; e por governos estrangeiros com as commendas da ordem austriaca da Corôa de Ferro, da Americana, da ordem hespanhola de Izabel a Catholica e da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo de Portugal.

O Visconde de Santa Izabel subio pois a esta eminente posição por uma escada larga, posto que ingreme, a da sciencia. Todos os cargos, que servio estavam intimamente ligados ao profissional, ou fôsse o de coronel cirurgião-mór da guarda nacional, ou o de medico da imperial camara, ou o de membro titular e honorario da Imperial Academia de Medicina, onde se lhe fez, a 30 de Junho d'este anno, o elogio biologico, ou o de vice-director, e posteriormente director da faculdade de medicina.

Quando o critico chega a similhantes conclusões sobre uma celebridade scientifica, bem reputada até no estrangeiro, irresistivelmente volve os olhos ao redor do vulto sujeito ao seu exame, e interroga pelas producções, por onde a posteridade deve aferir-lhe o valor.

Permitti, senhores, que eu pergunte por que razão, com a sua nomeada honrosa, e unanimemente consagrada pelo paiz, não nos deixou o Visconde de Santa Izabel um livro, producção qualquer do seu espirito nutrido na meditação das obras dos sabios, que elle devia versar no exercicio da profissão. Dentro em pouco tempo o seu bello nome será um éco, uma tradição, que se irá desvanecendo até extinguir-se totalmente.

Dos nossos fastos literarios não constam documentos, que dêm idéa da mentalidade d'esse mestre, que habilitem os vindouros a conhecer-lhe as opiniões sobre o estado da sciencia no seu tempo. Esse homem, que pelo seu trabalho e pela sua dedicação á medicina chegou a construir um nome respeitavel no paiz; esse homem, que começou a sua carreira defendendo com brilho verdadeiramente sorprendente, na idade de 22 annos, a these — *Os aneursimas da aorta, e um novo processo para a ligadura d'esta arteria, e das illiacas primitivas interna e externa* — defesa que teve as honras de um acontecimento na roda das primeiras illustrações e notabilidades medicas d'esta côrte; esse homem, que, por occasião do primeiro concurso, no qual ganhou a palma, tratou dos *ferimentos do ventre* com uma sabedoria verdadeiramente magistral; esse homem, que nos casos mais graves da sua especialidade dizia a ultima palavra, que era ordinariamente uma sentença, que não admittia appellação, baixou á sepultura a 6 de Março ultimo, levando trancados no cerebro todos os thesouros de observação e experiencia, que accumulára durante quasi meio seculo.

O Visconde de Santa Izabel era de seu natural modesto. Não ministrava em galas de eloquencia, mas em singelas e despretenciosas praticas aos discipulos o ensino, que habilitou muitos d'elles a brilhar na carreira medica. Transmittia a doutrina sem roupagens academicas, sem feitiços e atavios, que muitas vezes encobrem profunda ignorancia, como as neblinas desfarçam fundos abysmos.

Não se preoccupava com a reputação de orador, vaidade que muitos nutrem sem o menor titulo.

Nem de leve exprobremos pois ao grande pratico, o qual, sendo pobre, subio pelo proprio esforço á elevada posição, o qual recusou logares politicos geralmente cobiçados, e nomeadamente o cargo de presidente da provincia de Santa Catharina, que lhe offerecêra Euzebio de Queiroz; nem de leve exprobremos a quem tantas provas deixa de distinctas habilitações e não menos distincto caracter um passo, que encontra natural explicação em um temperamento pouco literario, ou na influencia do clima e do meio physico tão oppostos aos trabalhos, que exigem longo folego, ou nas multiplas occupações, que em uma grande cidade absorvem o melhor tempo, ou n'essa mesma natural modestia, virtude antes louvavel que digna de reparo em uma época, em que, no dizer de um contemporaneo—«a inveja dá rebate contra imaginadas imperfeições, a ignorancia doutora-se para criticar, a mediocridade altêa-se para escurecer, a malevolencia veste a toga para julgar, o odio assenta tribunal para punir».

Sem ter a mesma dedicação á sciencia medica, porém senhor de uma intuição mais viva do futuro, o nosso consocio Ludgero Lapa, cujo espirito aliás não foi tão dilatado como o de Feijó, deixa-nos titulo mais perduravel da sua individualidade intellectual.

Nos primeiros tempos depois da formatura, ainda muito

preso á profissão, em que se graduára, preso talvez pelos frescos laços academicos, n'ella concentra as melhores aspirações.

Vemol-o seguir como cirurgião-mór em commissão no exercito pacificador para as provincias de São Paulo e Minas-geraes, por occasião da revolução, que se ateiara n'estas provincias em 1842.

Os serviços prestados n'aquelle caracter não foram estranhos á nomeação de bibliothecario da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, com que o distinguio o governo imperial em 1844, logar que o nosso consocio exerceu até 1854.

Esta volta ao antigo theatro dos seus estudos, á região academica, onde devia sentir-se attrahido por tantas reminiscencias dos tempos juvenis, aviva-lhe a visão de gloria, que todo o homem de sciencia entrevê em certo momento, ao menos, na vida—n'esse momento que é um indicio da immortalidade. Funda, logo depois da nomeação, um j rnal intitulado *Archivo medico Brasileiro, gazeta mensal de medicina, cirurgia e sciencias accessorias*. Trabalha esforçadamente para esta tribuna silenciosa, mas tão eloquente como a tribuna oratoria, e com mil sacrificios que os homens que apparecem na imprensa não podem desconhecer, consegue sustentar por quatro annos o filho querido.

Forçado emfim a suspender a publicação, parece, que se sentia tão desanimado e can ado, que nem da propria profissão esperava já tirar a subsistencia.

Escrevêra não só para o seu jornal, mas para outros, entre os quaes a *Minerva Brâziliense*, publicação que deixou das condições literarias da côrte n'aquelle tempo tão lisongeira memoria. A visão do nosso consocio tinha-se desvanecido. Do logar de bibliothecario passou para inspector geral das escolas da provincia do Rio de Janeiro, que exerceu desde 1855 até 1860. D'aqui se deve contar

a nova phase da vida de Ludegro Lapa. Renunciada inteiramente a carreira de medico, dedicou-se á de empregado publico. Triste resolução, e cruel exemplo! O animo que sempre faltou a Feijó para dar costas á sua profissão, Ludgero o teve. Diversas eram as condições de ambos, diversos os temperamentos, diverso o ponto de vista, d'onde cada um d'elles estudava a sociedade, e julgava-a.

Em 1861 Ludgero Lapa foi nomeado chefe de secção da secretaria de estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, logar em que obteve aposentadoria em 1877.

Si não fôram extensos os serviços, que prestou ás letras, não foram taes que não mereçam ser mencionados, quando se trata de proceder ao inventario dos bens, que entram, no patrimonio do Instituto, porque representam a riqueza intellectual dos seus socios.

Havia em Ludgero uma vocação literaria, que em outro centro teria talvez produzido muito bons fructos, porque, além do *Archivo Medico*, deixou elle inedita uma traducção (incompleta) do *Orlando Furioso*.

Terá esta versão o merecimento da de Azambuja Suzano, dada á estampa em 1833? Será superior á de Vicente de Simoni, a qual se encontra no *Ramalhete Poetico*, publicado em 1843?

Seja qual fôr a sentença da critica sobre a versão do nosso consocio, ella representa o trabalho de muitas horas roubadas ao repouso, que era talvez a sua unica riqueza, depois de incessante lidar, cujo termo se realisou a 1 de Fevereiro proximo findo.

A direcção da nossa jornada leva-nos agora a ponto muito differente. Não é o magestoso Rio de Janeiro, não brilham n'esse remoto logar as galas da arte, as grandezas da côrte. Não temos diante dos olhos uma vasta região,

onde a actividade e o esforço do homem podem dilatar-se nas varias provincias das sciencias, das ártes e das industrias. É uma modesta cidade do norte, despojada de muitos dos antigos encantos pela mão do tempo sempre destruidor. Pequeno theatro, cuja principal decoração pertence á natureza, no seu estreito scenario social não podem representar-se grandes dramas. Refiro-me á provincia do Maranhão.

Foi porém ahi, que a 14 de Outubro de 1818 nasceu Candido Mendes de Almeida, em quem a posteridade, quando já não tiver para o julgar senão as suas obras, ha de reconhecer um dos Brazileiros, que mais longe projectaram o vulto da patria pelos productos da intelligencia.

Logo que completou as primeiras letras na villa de São Bernardo do Brejo dos Anapurús, seus pais mandaram-no para Pernambuco afim de estudar na academia de Olinda, ha pouco creada. Vencido o curso de sciencias sociaes e juridicas, Candido Mendes voltou ao Maranhão, onde já o precedera a reputação dos seus talentos. Um logar adaptado aos seus meritos esperava-o ali.

A capital da provincia tinha sido dotada com um lyceu, que havia de ser o estadio, d'onde Candido Mendes, depois de formado, devia percorrer as brilhantes estancias, em que deixou os reflexos do seu poder cerebral, e as inapagaveis affirmações da vontade tenaz e indefessa. Foi nomeado professor de geographia e historia d'esse estabelecimento a cuja frente estava já o illustre philologo Francisco Sotero dos Reis, seu primeiro director.

Teria já vocação por aquelles estudos que vieram a constituir o assumpto predilecto de sua applicação por toda a vida, ou foi essa collocação, que lhe despertou gosto e interesse por elles?

Dez annos depois, a 30 de Abril de 1849, pelo seu

merito sempre crescente, foi nomeado secretario do governo da provincia, o que não o impediu de continuar a servir o logar de professor de geographia e historia até 1854.

Antes d'estas nomeações, Candido Mendes lográra tomar assento na assembléa geral legislativa como deputado supplente.

O seu merecimento literario já provado em varias publicações, que revelaram quanto havia de ir longe na carreira publica, e a sua posição politica na imprensa d'aquella provincia e no parlamento desde 1850, facilitaram-lhe a collocação, que teve em 1854 como chefe de secção da secretaria de estado dos negocios do imperio, d'onde foi promovido a director de secção da secretaria de estado dos negocios da justiça em 1859, e posteriormente a consultor interino do mesmo ministerio.

Certos espiritos, senhores, não podem soffrer por muito tempo as ataduras de um emprego publico, que, por elevado que seja, é sempre subalterno. Certos espiritos demandam profissões independentes, como procuram as aves o ar livre. Elles vivem nos empregos como vivem as aves nos seus carceres de arame. Si são poetas, e não podem retrahir o canto, que forceja por expandir-se, esse canto não diz todas as melodias da voz. Cantos de prisioneiros, senhores, são curtos e baços.

Candido Mendes não era poeta, mas era pensador, e o empregado publico ainda póde menos pensar que cantar. Emfim requereu a sua aposentadoria, e obtida esta, ficou para sempre livre—livre de corpo e alma. Applicou-se então á profissão de advogado.

A sua bôa estrella não se obscureceu. Posto que não se pudesse considerar como um politico militante e devotado, a provincia do Maranhão, que não perdia de vista o filho distincto, deu-lhe lugar em uma lista triplice sujeita

ao poder moderador para a escolha de um senador. Em Candido Mendes recahiu a subida honra da escolha, e elle tomou posse da cadeira em 13 de Maio de 1871.

A que mysterioso nume deve o nosso consocio chegar a tão alta posição, que a outros tem custado os maiores sacrificios, e que muitos, ainda que opulentissimos em meritos, não conseguem nunca?

Até onde póde a critica prolongar as vistas, não descobre outros fundamentos da elevação do nosso consocio, que não sejam a sua intelligencia e o seu trabalho, applicados na maior parte ás letras. Os serviços politicos deveram ter pesado pouco para a acquisição d'esse sublime posto. No regimen da publicidade, que felizmente desfructamos, muito mais vasta que a dos partidos póde ser a arena das letras.

N'esta arena, senhores, o homem de talento e de força de vontade, póde dizer aos partidos: « Ficai ahi com a vossa hypocrisia, as vossas negaças, o vosso immoral favoritismo. Eu não preciso de vós. »

Si esse homem trabalha, si esse homem não perdeu de todo o gosto pela vida politica, póde um dia, quando menos esperar, tornar-se alvo da confiança dos seus concidadãos; porque, senhores, nem sempre os distribuidores dos papeis politicos conseguem vêr executados fielmente os dramas, que planeam. Esses dramas não raro se mudam em farças, o que sempre acontece, quando os papeis são confiados a quem não entende da arte. Em taes condições, ou o theatro fecha-se, ou a representação é incumbida a quem a saiba pôr na devida altura.

Candido Mendes tornou-se notavel na imprensa, cujos dominios são hoje tão vastos, que o proprio parlamento lhe é feudatario. Eu não sei, senhores, que haja mais verdadeira e real gloria, que a de ter nome na imprensa.

Candido Mendes desfructou muito d'essa gloria, fundando e redigindo em sua provincia o *Legalista*, posteriormente intitulado *Publicador Maranhense*, que ainda existe, o *Brado de Caxias*, depois *Jornal Caxiense*, e redigindo na côrte a *Sentinella do Maranhão*, o *Brazil* e o *Correio Mercantil*.

Seguindo a evolução natural, do jornal passou ao opusculo, e d'este ao livro.

Muitos foram os que escreveu, em estylo algum tanto tardo que por si só não lhe levaria o nome além da vida, si não o animasse uma erudição notabilissima.

Em Candido Mendes o escriptor reveste muitas fórmas.

Ora é o politico, e n'esse caracter afigura-se-me pouco alentado, segundo se póde aquilatar pelos opusculos intitulados—*As eleições da provincia do Maranhão em 1842. Cartas ao redactor do Publicador Maranhense. Cartas ao redactor da Revista e Cartas aos redactores do Progresso em 1847.*

Ora é o historiador e o geographo, e n'estas duas qualidades póde entrar em justas com os mais abalisados. O *Turi-assú, ou a incorporação d'este territorio á provincia do Maranhão*, publicado em 1851, e a *Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as provincias do Maranhão e de Goiaz*, submettido em 1835 á camara dos deputados que sómente em 1854 resolveu a questão, de que trata o mesmo opusculo, são trabalhos, que lançam grande brilho sobre o nome do autor.

N'este genero porém a sua obra prima é o *Atlas do Imperio do Brazil*, obra que todos nós conhecemos, e que ainda não foi igualada, quanto mais excedida, quer no tocante ás noções historicas, topographicas, estatisticas e economicas, quer pelo que respeita aos mappas das provincias, trabalho paciente, e tanto mais digno de nota quanto, posto que não seja irreprehensivel, porque n'este genero

nenhum trabalho ainda tocou á perfeição, é na maior parte a feição exacta das mesmas provincias.

Á predilecção de Candido Mendes pelos estudos geographicos deveu o fundador da secção da sociedade de geographia de Lisbôa, n'esta côrte, o seu valioso concurso.

Da mesma secção, era presidente o nosso consocio, a 1 de Março d'este anno, quando descansou do incessante e rude trabalho.

Candido Mendes dá-se ainda a conhecer como jurisconsulto, qualidade em que os seus meritos não desdizem dos de historiador e geographo. *O Direito civil e eclesiastico brazileiro e o Auxiliador Juridico*, vulgarmente conhecido por *Codigo Philippino* por servir a este de appendice, são trabalhos, que só um espirito nutrido na seiva dos grandes mestres na jurisprudencia patria, portugueza e canonica poderia realizar sobre bazes tão largas e tão completas.

O nosso consocio mostra-se finalmente sob outro aspecto —o de escriptor ultramontano—aspecto, que nos ultimos tempos devia ganhar tão grande relevo, que chegou a prejudicar as outras feições d'esse eminente mestre das nossas letras historicas.

Ainda devem estar frescos na lembrança dos dignos consocios os episodios da celebre questão episcopo-maçonica, ou questão religiosa, como é vulgarmente conhecida e passou á historia.

Quem não sabe, que foi Candido Mendes um dos corypheus mais esforçados da religião catholica, apostolica, romana, posta em novas bases pelo *Syllabus*, esta declaração revolucionaria de pretendidos direitos da igreja de Roma contra o progresso e a liberdade moderna, contra a civilisação, contra a soberania das nações, a independencia dos parlamentos, o poder civil nas suas bases e na sua autonomia e

no exercicio das funcções, sem as quaes lhe será impossivel manter-se como poder independente e soberano?

Parece, que os constantes estudos historicos, que obrigavão o nosso consocio a ter o espirito incessantemente inclinado sobre o passado, que o obrigavão a ter os olhos presos em velhas chronicas de monges, certamente veneraveis, mas que, pelo atrazo tres e mais vezes secular, já não pódem servir de directores da opinião illustrada pelas ultimas affirmações da sciencia, monges de quem herdou esse estylo pouco elegante, a que já me referi, parece, que esta posição, que o forçava a trazer as costas voltadas para a actualidade, em que se está elaborando uma universal revolução nos espiritos, impedindo-o de receber na retina os roseos clarões das luzes do nosso tempo, e deixando-o guiar-se sómente pelo facho da velha noção religiosa mais de metade extincto, parece, que a esses estudos e a esta posição, senhores, deve ser attribuida a rude intolerancia, que espirito tão social a tantos outros respeitos manifestou sempre na imprensa e no parlamento, desde que se agitou no paiz esta grave questão.

Senhores, não irei adiante em assumpto, no qual nem de leve tocaria, em homenagem ao silencio eterno do nosso consocio, si com a minha natural independencia de convicções, que sómente convicções mais lucidas podem vencer, não tivesse sido um dos primeiros, que na provincia de Pernambuco, por occasião do alludido conflicto, combateram com vivacidade pela imprensa os discursos de Candido Mendes contra o poder civil no livre exercicio dos seus direitos.

E já que alludi ao parlamento, valer-me-hei da opportunidade para recordar quanto o nosso consocio illuminava ahi os debates com a sua copiosa erudição. Não erão superiores n'elle os dotes de orador; mas a sua palavra, comquanto

sem adorno, impunha muitas vezes silencio como uma brilhante lição, especialmente nos assumptos a que era affeiçoado. Em similhantes materias poucos dos seus pares puderão medir-se com elle sem ficar vencidos, nenhum lhe levou vantagem.

Do Maranhão a Pernambuco, senhores, é facil a transição. Provincias irmans, que se formaram sob o influxo das mesmas correntes historicas, posto que a ultima, pelas condições physicas, que lhe afiançam grandioso futuro e pelos factos politicos, que são a resultante das influencias physicas e historicas, occupa actualmente o primeiro lugar no desenvolvimento material e moral do norte, nota-se nos filhos de ambas a mesma inclinação pelas letras juridicas. a que Candido Meudes de Almeida e Carlos Honorio de Figueiredo prestaram valiosos serviços, este exercendo varios lugares na magistratura, aquelle enriquecendo o nosso direito com os subsidios dos estudos comparativos, de que já vos fallei.

Carlos Honorio nasceu na cidade do Recife a 20 de Outubro de 1823.

Todo o Brazil estava então preoccupado com a solução do difficil problema da organização da sua Constituição.

Que sahiria do seio da constituinte, onde se notavam feições tão confusas? Que sahiria d'essa soberana assembléa, que umas vezes se elevava ao apogêo dos principios constitucionaes por uma como presciencia, que nos maravilha, outras vezes porém descia a pleitos pessoaes, a revindictas e pequeninas veleidades, sobre as quaes a fina flôr do paiz deverá passar intemerata nas puras aguas do patriotismo?

A constituinte porém caminhava rapidamente a seu termo. Em 20 de Outubro de 1823 já os seus dias deveram estar contados.

No norte, e especialmente em Pernambuco mal se poderia prever o inglorio e fatal desenlace; mas o desconhecido, que segue de perto as grandes crises nacionaes, que segue os povos no periodo da sua formação politica, esse desconhecido estava no espirito de todos, e trazia os partidos na vacillação, no sobresalto e na desconfiança, que são, para assim dizermos, o lastro das revoluções. Póde-se poisaffirmar, senhores, que o nosso consocio nasceu em plena agitação revolucionaria, porque em menos de um mez aquella assembléa foi dissolvida, e começou para o norte a lugubre tragedia, que cobrio de sangue Pernambuco, Parahiba e Ceará, espoliando o paiz de vidas preciosissimas.

A chamma da revolução porém não deixou no coração da criança nenhuma scentelha, d'onde pudesse mais tarde irromper incendio, que se parecesse com o que fôra extincto pelo sangue dos martires.

Quando em 1844, depois de plena approvação em todos os exames preparatorios e nos cinco annos do curso juridico, obteve o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas pela academia de Olinda, Carlos Honorio, na flôr da juventude, era um exemplo vivo de moderação e gravidade.

Tres mezes depois foi nomeado juiz municipal e de orphãos dos termos reunidos do Brejo de Arêa e Campinagrande, na provincia da Parahiba, onde esteve pouco tempo, porque, desejando melhor collocação, obteve remoção para o termo de Cantagallo, na provincia do Rio de Janeiro, d'onde passou, por decreto de 11 de Junho de 1845, a juiz municipal supplente da 2.ª vara da côrte.

Aqui exerceu, além d'este, outros lugares, e nomeadamente o de curador geral dos africanos livres até 1854. Anteriormente merecêra ser eleito membro da assembléa

legislativa do Rio de Janeiro e supplente de deputado á assembléa geral pela sua provincia.

Entrando como addido para a secretaria de estado dos negocios do imperio, por nomeação devida ao Marquez de Olinda, foi posteriormente elevado a 2º. official da mesma secretaria, do qual passou, na organização do ministerio dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas, a servir como 1º. official na secretaria do novo ministerio; e n'este caracter exerceu quasi sempre o lugar de chefe de secção de sua directoria ainda depois da ultima reforma, dando sempre as melhores provas de lealdade e intelligencia, e merecendo dos ministros a maior confiança. Do actual ministro dos negocios da justiça, conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, recebeu Carlos Honorio um aviso, quando este conselheiro teve a seu cargo a pasta dos negocios da agricultura em outra quadra politica, no qual foram louvados o zelo e assiduidade do nosso consocio.

Tão bons serviços deviam ter outro galardão. Por decreto de 31 de Dezembro de 1873 Carlos Honorio foi nomeado chefe de secção da directoria do commercio, onde substituiu o respectivo director por differentes occasiões.

Eis aqui o imperfeito esboço do nosso consocio como homem publico.

Mas esta qualidade não o resume totalmente. Ha tambem n'elle o escriptor, comquanto talvez por dedicação aos deveres do emprego, que lhe competia, não tivesse produzido grande numero de obras.

Duas memorias, que vós conheceis, e se encontram nas paginas da nossa *Revista Trimensal*, uma d'ellas sobre a *fundação do bispado do Rio de Janeiro*, e a outra sobre a creação e fundação dos cursos juridicos do Brazil accusam fluencia na exposição, e amadurecido criterio ajudado de lição historica. Muitos dos illustres escriptores, que brilham

na constellação literaria da nossa terra, não deram nos primeiros documentos do seu engenho cópia tão regular como a que deu do seu o nosso consocio, nos indicados productos da sua penna. É a pratica, é o uso, senhores, o que faz os mestres. Damos muitas vezes o nome de talento ao que não passa de um longo secretariado.

Um lado particular e intimo attrahe-nos para esse nosso digno consocio, de que a morte nos esbulhou a 27 de Junho findo. Elle exerceu por muito tempo o lugar de 2°. secretario do nosso Instituto, prestando-lhe bons serviços. De quinzena em quinzena nós o viamos sempre ao nosso lado, dando provas da grande conta em que tinha esta associação, a que melhor chamarei instituição, senhores, porque do seio d'ella têm sahido para as primeiras posições no paiz e no estrangeiro homens, que, pelas suas letras e virtudes, pertencem ao numero dos mais distinctos; porque lhe devemos a melhor e a mais rica fonte da nossa historia na *Revista*, que tem ininterrompidamente publicado desde a fundação; e porque especialmente desfructa a satisfação de merecer o honroso apreço e a inalteravel protecção de Sua Magestade o Imperador, satisfação muito legitima, senhores, visto não serem poucos os soberanos, que alongam pela indifferença, em vez de encurtarem pela amenidade, a distancia entre elles e uns pobres entes inoffensivos, ordinariamente sem outros brazões a não serem os que constam de um titulo, ao qual se não ligam honras militares nem civis - o titulo de homem de letras.

Carlos Honorio teve varios titulos d'esta natureza; a'ém de socio effectivo do nosso Instituto, pertenceu, como correspondente, ao Instituto archeologico de Pernambuco e a differentes associações scientificas, literarias e beneficentes. Teve tambem algumas condecorações honorificas. Foi commendador das ordens de Nossa Senhora da Conceição

da Villa Viçosa de Portugal e da de S. Gregorio Magno de Roma, cavalleiro das de S. João de Jerusalém, militar de Malta e de Pio IX. Além d'estas distincções era fidalgo cavalleiro da casa imperial, e da casa real de Portugal.

Mudando as vistas e deixando Pernambuco, senhores, fixemos a nossa attenção na provincia de Minas-geraes, grande no territorio, que póde dar para um estado, grande nas letras, que muito exalçadas apparecem alli desde os tempos coloniaes, grande na politica, onde se mostra representada por Bernardo de Vasconcellos, Honorio Hermetto, Evaristo da Veiga e tantos nunca esquecidos estadistas, grande na intuição do patriotismo e da nacionalidade brazileira, grande, esplendida, admiravel nas riquezas naturaes, nas florestas e nas montanhas, nos rios, no ouro e no brilhante.

Foi n'esse meio magestoso, por tantos titulos illustre, que nasceram dous homens utilissimos á nossa patria—José Pedro Dias de Carvalho e Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

José Pedro viu a luz a 16 de Julho de 1805, na cidade de Marianna, onde realizou os primeiros estudos em aulas particulares, no seminario episcopal, tão regularmente que aos 15 annos, por occasião de adoecer gravemente o professor de latim, elle o substituiu por cerca de um anno.

Mas a cidade do Marianna é uma cidade placida e de pequeno horizonte. Villa-rica, a legendaria Villa-rica, actualmente Ouro-preto, sim; esta é a cidade das tradições poeticas, das lendas de liberdade, dos sonhos phantasticos de Aladin. As riquezas mineraes, a memoria de Tiradentes, as trovas dos *bandeirantes*, quantas esperanças, quantas promessas, quanto futuro n'essas collinas, que se alteião entre o Itacolomi e a Bocaina!

Dias de Carvalho não nutria vastas ambições, e nos

tempos da mudança, que seu pai effectuou de Marianna para Villa-rica, a unica ambição de Dias de Carvalho resumia-se em apparecer na politica, menos por vaidade, que por natural sentimento de liberdade.

Todavia antes dos 26 annos, inteiramente dedicado aos negocios particulares da casa paterna, não se mostrou na scena politica. Mas n'aquelle anno fez n'esta a sua entrada, fundando um jornal, o *Patriota Mineiro*, em uma typographia imperfeitissima, cujo prélo e typos erão de madeira, feitos por um curioso de nome Manoel José Barbosa.

Da mesma typographia sahia o *Universal*, jornal que fundára e redigia Bernardo Pereira de Vasconcellos. Dias de Carvalho, pelo seu natural bom senso, merecia tal confiança de quem com elle entrava em relações, que por occasião de vir Bernardo de Vasconcellos tomar assento na assembléa geral, o impressor do *Universal* convido uo joven escriptor para substituir o já provecto estadista do dito jornal.

Dias de Carvalho aceitou a incumbencia depois de muitas instancias.

Entro n'estes particulares, senhores, para provar, que foi pela imprensa, que foi por esta porta, por onde em um paiz livre entram e sobem ás maiores alturas os que não têm outras azas senão o seu trabalho e a sua vontade, foi por ella, que se tornou illustre o representante dos mais distinctos papeis no nosso theatro politico, o veneravel ancião, em quem o paiz perdeu, a 26 de Julho d'este anno, um dos caracteres mais dignos.

Patenteadas pelo *Patriota Mineiro*, pelo *Universal* e posteriormente pelo *Itacolomi* as grandes qualidades de Dias de Carvalho, não tardou em concentrar-se n'elle a confiança das autoridades e do povo. O juiz de fóra de Ouro-preto, Dr. Cornelio Ferreira França, nomeou-o juiz almotacel; o povo, no collegio da Campanha, composto de 102 eleitores,

votou unanimemente n'elle para deputado á assembléa geral.

D'ahi por diante, a vida de José Pedro Dias de Carvalho, não obstante as peripecias politicas, por que passou, veiu a ser uma longa série de distincções, com que lhe nutriu os nobres estimulos a confiança já do povo, já do governo.

Offerecendo-se occasião de vir á côrte, Dias de Carvalho comprou e levou para Minas a typographia, onde se publicava a *Astréa*, cujo redactor João Clemente Vieira Souto fizera a acquisição de outra typographia, perfeitamente apparelhada, a qual tinha sido aprezada nas aguas do Rio da Prata pela nossa esquadra, que então bloqueava os portos da Republica Argentina. Foi assim que a Dias de Corvalho deveu Ouro-preto o primeiro prélo de ferro que alli appareceu.

Em 1830, anno em que completou os seus vinte e cinco annos, foi o nosso consocio eleito pela primeira vez eleitor para a eleição, a que se procedeu em 29 de Agosto.

Posteriormente tomou assento como supplente na camara municipal, e no conselho geral; fez parte, por nomeação de Bernardo de Vasconcellos, da commissão incumbida de examinar os empregados da junta de fazenda de Minas, e classifical-os para nova organização; foi eleitor para nomeação de um deputado na vaga de José Antonio da Silva Maia, ministro do imperio, que não foi reeleito; Manoel Ignacio de Mello Souza, depois Barão do Pontal, nomeou-o procurador-fiscal da thesouraria; a parochia de Antonio Dias elegeu-o capitão da guarda nacional; foi vereador da camara municipal de Ouro-preto; deputado á assembléa geral e membro do conselho geral da provincia; inspector interino da thesouraria, por nomeação do conselho do governo, e posteriormente inspector por nomeação de Martim Francisco; juiz de paz d'aquella parochia; membro

da primeira assembléa legislativa de Minas; 1°. secretario, e depois presidente da camara dos deputados; ministro da fazenda, pela primeira vez, no ministerio de 8 de Março de 1848, presidido por José Carlos Pereira de Almeida Torres, depois Visconde de Macahé, pela segunda, no ministerio de 24 de Maio de 1862, presidido por Zacharias de Góes e Vasconcellos, pela terceira, no ministerio de 15 de Janeiro de 1864, de que foi presidente o mesmo estadista, e finalmente pela quarta, no ministerio de 12 de Maio de 1865, de que foi presidente o Marquez de Olinda; ministro do imperio no gabinete organizado por Paula Souza em 1848; secretario do Banco do Brazil em 1854; director eleito e vice-presidente do mesmo banco em 1857; senador do imperio em 1858; conselheiro de estado em 1875; veador de Sua Magestade a Imperatriz em 1880.

Esta é a brilhante fé de officio do honrado Mineiro, como jornalista, funccionario publico, homem politico e homem da côrte, fé de officio onde não incluo, por brevidade, outras datas, que não dizem pouco sobre o merito moral e social de Dias de Carvalho.

Mas uma das affirmações mais notaveis da sua individualidade, senhores, é a do revolucionario. Lancemos sobre esta face do digno patriota uma pouca de luz.

Quaesquer que sejão os intuitos, que se possam desentranhar dos documentos relativos á revolução de Minas em 1842, um d'elles ha de prevelecer sempre—o do zelo pelas liberdades populares.

Seria este um pretexto para justificar o rompimento? Haveria incluso e occulto no intuito manifesto—intuito por certo louvavel—outro que deva ser condemnado? Transportando-nos áquelles tempos, em que erão tão melindroso o patriotismo, e não estava ainda assentada a vida constitucional representativa, lançar mão das armas como recurso

contra uma lei considerada revogatoria d'aquellas liberdades, parece-me tão natural passo como é hoje, em casos identicos, recorrer á imprensa, á tribuna, ás reuniões, á discussão emfim para conseguir a reforma de similhantes leis.

O Acto addicional, onde as liberdades provinciaes madrugam tanto, que, depois de decorrido meio seculo, ainda parecem adormecidas, o Acto addicional, que é lei propria para um paiz constituido sobre amplissima base democratica, que não está na indole da nossa formação politica, suggerira grandes sustos aos patriotas moderados, que nas liberdades ponderadas por certo aquilibrio conservador e invariavel viam a primeira condição de existencia para paiz.

Aquelle acto e a constituição politica são duas obras, que se não ajustam bem.

Foram feitas por artistas differentes, cada qual inspirado no seu modelo, um realisando a concepção de um publicista francez, o outro copiava a obra do patriotismo norte-americano, muito mais adiantado do que o nosso.

Qual das duas devia prevalecer? É claro, que a constituição. Os moderados ou os organizadores trataram de reduzir a grande eclyptica, por onde devia fazer o seu percurso o sol de 1834. Este pensamento traduzio-se então na lei da interpretação, na lei que creou novamente o conselho de estado, e finalmente na lei de 3 de Dezembro, onde, na phrase de um dos nossos publicistas, predomina a symetria da centralisação.

A reforma do codigo foi a gota d'agua, que fez transbordar a taça. « Causas por muito tempo accumuladas, paixões por muito tempo exacerbadas » no dizer de Alves Branco, eis os motivos da rebellião, que se manifestou, primeiro em São-Paulo, depois em Minas. O manifesto de

10 de Junho, assignado pelo presidente Pinto Coelho, que a camara de Barbacena, em nome da guarda nacional e do povo, juramentára, allude áquellas leis, e á certa coacção do monarcha recentemente reconhecido maior, ao adiamento e dissolução da assembléa geral, a demissões, a barbaro recrutamento e a varios outros motivos. Havia receio de volta ao absolutismo, receio de ser destruida a propria Constituição.

Dias de Carvalho, jornalista e politico, não podia ficar em fria obscuridade, quando a chamma da revolta espargia o seu medonho clarão por toda a provincia, onde elle tivera o berço, e a que devia a sua já então notavel posição.

Pinto Coelho convida-o para seu secretario, e elle acoita este logar com a convicção de bem servir ao paiz. Elle proprio redige o manifesto aos Mineiros, que, em nome do presidente da rebellião, apparece na collecção de documentos.

Quem julgar o nosso consocio pela parte, que tomou na revolução de 1842, ha de tel-o talvez por exaltado e demolidor. Dias de Carvalho era ao contrario dotado de caracter ameno e de maior fundo de justiça.

A estes grandes dons deve o ter atravessado épocas calamitosas da nossa politica antes e depois da revolução de 1842, sem suscitar inimizades, antes grangeando sympathias e amigos entre os proprios adversarios, durante 56 annos de vida publica.

Da sua indole suave dera elle o maior testimunho, declarando-se contra o recurso ás armas, quando n'esta côrte, em conciliabulos ou reuniões secretas, os chefes paulistas e mineiros trataram de organizar a resistencia ao partido dominante.

Vencida a rebellião no arraial de Santa Luzia, Dias de Carvalho, com os vultos mais eminentes do seu partido,

cahiu no poder das forças legaes. Processado e pronunciado, apresentou-se no jury e produziu elle proprio a sua defesa. Seguiu-se a absolvição por 10 votos; mas, appellando da sentença o juiz de direito, foi submettido o novo julgamento, e d'esta vez absolvido unanimemente. Tres dias depois, quando se considerava de todo livre, é novamente recolhido á prisão, por ter appellado o promotor publico. Durou pouco o effeito d'esse acto, porque, não havendo o tribunal superior tomado conhecimento da appellação, o illustre Mineiro teve de voltar definitivamente ao gozo da liberdade.

N'aquelles tempos, senhores, era uma gloria andar envolvido em revolução. O valor, o animo, que se inflammava nas escorvas das espingardas, ou que a estas communicava a labareda, eram titulos á admiração do povo, e davam direito a grandes homenagens. Liberdade e revolução parecia serem duas noções lucidas e logicas, que intimamente se prendiam e completavam. No jornalista, no parlamentar, no chefe de partido era licito entrever a sombra do revolucionario com o chapeu desabado, e as armas na mão. Os tempos suavisaram-se. Hoje o jornalista, senhores, deve ter um só arma, a penna; o que tem outra, está fóra da sua missão. A gloria marcial empallidece. A gloria do publicista, do parlamentar, do literato, que plantam no espirito das multidões as grandes paixões, d'onde procedem a paz e a prosperidade publica, a paixão pela instrucção, pelas industrias, pelo trabalho, qualquer que seja a sua applicação, essa gloria offusca a dos generaes. Não ha reformas, não ha saudaveis mudanças em qualquer das espheras por onde se reparte a humana actividade, que se não possam obter actualmente pela palavra, pela associação pacifica, pelo jornal, pelo livro.

Foi um livro, senhores, foi um livro, que iniciou uma

reforma humanitaria, uma revolução eminentissima, que se realizou, ha poucos annos em nossa patria, sem sahirem do livro, do jornal, da associação pacifica, do parlamento, os que a promoveram.

Quero referir-me á obra de Agostinho Marquez Pesdigão Malheiro, intitulada a *Escravidão no Brazil.*

Perdigão Malheiro foi um revolucionario do seu tempo. Para combater a escravidão dos negros não figurou em conciliabulos escravos, não pernoitou em arraiaes de insurgentes, não armon o gatilho de arma homicida, não atroou os ares com este grito tremendo — « Ás armas », grito que ha meio seculo electrizava as multidões n'este paiz, e que hoje não passa de uma van sombra do muito que valeu e realizou.

Collocado na côrte, os seus grandes sentimentos mineiros soffreram a influencia das luzes, que Dias de Carvalho e os seus illustres companheiros, ainda os mais illustres, não podiam encontrar em 1840 na mesma côrte, quanto mais dentro de Ouro-preto, Barbacena ou Sabará.

Nasceu quasi 20 annos depois d'aquelle, (a 5 de Junho de 1824), na cidade da Campanha, onde, o pai estava servindo o logar de juiz de fóra; e completada a carreira literaria, na qual obteve o gráu de bacharel em letras pelo collegio de Pedro II, e posteriormente o de doutor em sciencias sociaes e juridicas pela academia de São-Paulo, já em 1850 exercia com distincção n'esta capital a profissão de advogado.

Esta distincção, que chegou a ser brilhante, certamente influe na sua nomeação para o lugar de procurador dos feitos da fazenda; e a estes e outros serviços, quer naturaes d'aquella profissão, quer proprios da politica, em que se filiára, deveu seguramente ser nomeado commendador da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, moço fidalgo com

exercicio na casa imperial, advogado do conselho de estado e socio do Instituto dos advogados brazileiros, da qual por vezes foi eleito presidente.

O seu nome começou a apparecer como um lisongeira promessa para as nossas letras no *Indice chronologico dos factos mais notaveis da historia do Brazil*, obra que elle deu á luz em 1850, e serviu de titulo á sua admissão n'este Instituto.

Em quanto o primeiro livro fazia carreira, Perdigão Malheiro dedicava a outro proveitosas vigilias.

O solo do seu talento era fertil, mas não multiplo nas especies de producção. O nosso consocio não tinha a intelligencia especulativa; não tinha os fogos da imaginação, que illuminam as officinas dos poetas e romancistas; não tinha a investigação tenaz do homem da sciencia, que de hypothese em hypothese chega a theses por muito tempo immudaveis.

A caracteristica do seu espirito é a analyse das leis em presença dos principios aceitos. Si as leis não estão de harmonia com estes principios, elle, pela analyse, leva-as ás ultimas consequencias. Dotado de observação paciente, desce por ella ao fundo das instituições, examina-lhes os fundamentos, apregôa a solidez ou a fragilidade d'estes.

Emquanto outros esmorecem entediados diante da legislação, elle cobra forças e vivacidade em versal-a. Estudal-a é uma das maiores satisfações da sua vida. A politica—este monstro que seduz pela voz feminil, e afoga n'um carinho de féra,—a politica não o tem comsigo senão nas horas vagas. Nem elle nunca se lhe entregou totalmente. Emfim elle queria vêr o direito no seu posto elevado, como symbolo da justiça e da philosophia social.

A segunda obra, com que augmentou o catalogo dos bons livros nacionaes, tem por objecto o estudo de uma lei,

denomina-se-*Commentario á Lei n.* 463 *de* 2 *de Setembro de* 1847 *sobre successões dos filhos naturaes e sua filiação.* Sahio á lume sete annos depois da primeira.

Passados dous annos, publicou a terceira obra, resultado de observações no exercicio do emprego de procurador dos feitos da fazenda. Intitula-se—*Manual do Procurador dos feitos da Fazenda nacional nos juizos de primeira instancia.* Obra de reconhecida utilidade no fôro, teve da imprensa merecidos gabos, visto ser um como pharol, que começou logo a guiar os que se dedicam á vida forense nos mares do nosso direito e dos nossos tribunaes.

Em 1863 Perdigão Malheiro, nome que n'esse tempo já era uma grande realidade no mundo da nossa jurisprudencia, deu a lume o *Repertorio ou Indice alphabetico da reforma hypothecaria e sobre as sociedades de credito real*; e pouco depois o discurso recitado em sessão magna do Instituto dos advogados brazileiros, na qualidade de presidente do mesmo, ácerca da *illegalidade da propriedade sobre o escravo.*

D'aqui procede, senhores, a grande revolução economica a que ha pouco alludi, e a que Perdigão Malheiro ligou o nome pela imprensa; mas o que veiu definitivamente affirmar as idéa do nosso consocio a respeito d'esta materia foi a obra já indicada— a *Escravidão no Brazil*—cuja primeira parte sahiu a publico em 1866, parte que elle dedicou ao estudo do nosso direito sobre os escravos e os libertos. As outras —a segunda e a terceira, impressas em 1867, versam sobre indios e africanos. A obra, precedida de uma concisa dedicatoria, é offerecida ao Brazil.

Certamente, senhores, não foi Perdigão Malheiro, que, pela primeira vez entre nós, tratou da magna questão da liberdade dos escravos. De ha muito esta questão andava no cerebro dos nossos pensadores. A fatal herança, que com

tantas outras igualmente fataes nos deixou a condição colonial, preoccupava todos os Brazileiros, a quem não era estranho o rapido desapparecimento da escravidão na Europa e na America, ainda á custa de rios de sangue.

O primeiro acto publico de origem brazileira, que revela o intuito de uma total extincção da condição servil, foi um acto revolucionario: foi a *lei organica* destinada a reger o governo provisorio de Pernambuco em 1817, emquanto se não organizava a constituição republicana. N'essa lei dispunha-se, que *todos os homens são iguaes em direitos*, o que importava uma implicita abolição da condição escrava, disposição que deu origem a grande descontentamento no interior da provincia, onde chegou o projecto d'aquella lei, quando a republica estava definitivamente perdida, o que levou os patriotas a se retractarem, posto que em termos airosos.

O segundo acto foi a lei de 7 de Novembro de 1831, que considera livres os escravos, que entrarem nos portos do Brazil, vindos de fóra.

Seguiram-se outros, que o nosso consocio reproduz em appendice ao livro.

Mas justo é reconhecer, que, pela largueza das considerações, pelo meditado exame da escravidão sob todos os aspectos em que póde ser encarada, foi este livro o mais eloquente manifesto, o mais completo libello fundado em direito, interesses domesticos, economicos e sociaes, contra a perniciosa instituição, que macula a nossa origem, amesquinha a nossa historia, imprime um matiz sombrio na nossa literatura, prejudica aos olhos dos estrangeiros a lenidade dos nossos costumes, e nos impede ainda de figurarmos definitivamente no congresso das nações civilisadas.

Ao apparecimento d'esse livro, na parte san do paiz vibrou uma vasta onda de puro e claro patriotismo.

Todos os corações brazileiros verdadeiramente dignos d'este nome, e sobre todos o do Imperador, estremeceram como si se sentissem nas vesperas de uma redempção. O livro não era inteiramente desconhecido de Sua Magestade o Imperador; varios capitulos seu autor tivera occasião de lêr perante este Instituto; mas, completo e acabado como surgiu á luz das praças, mostrou-se illuminado de reflexos nobilissimos; foi a primeira palavra do debate, cujos merecidos triumphos projectam na tela immensa da posteridade o vulto glorificado do Visconde do Rio-Branco.

E já que fallei em uma grande tela, tem natural cabida tratar de um grande artista.

Deixemos o vasto campo das lutas dos partidos, a imprensa exaltada, a arida sciencia do direito, a periodica monotonia do magisterio, e transportemos-nos á região mais fresca e mais consoladora.

Chegados ahi affirmemos as nossas vistas na estancia serena de um d'esses espiritos contemplativos, que uma idolatria enthusiasta, em perenne culto, traz ajoelhados aos pés do altar da natureza.

Aqui, senhores, não repercutem as duras vibrações da vida material, a cujo contacto languem os mais nobres estimulos. A temperatura d'este mundo tem balsamos fortificantes; e ha n'elle visões encantadas e ideaes.

Estamos no seio de um paiz estrangeiro, a que podemos dar o nome de irmão. As correntes de idéas, que mais têm influido em nossa vida policiada, procederam d'esse paiz admiravel. A Allemanha, a Inglaterra, os Estados-Unidos, estes tres primados do mundo moderno, não são nossos credores por emprestimo de idéas, como é a França, nossa mãi espiritual.

Assignalo um facto, que não discutirei. A maior parte dos livros, que figuram nas nossas estantes, são francezes. As primeiras revistas, que lêmos são francezas. O estylo, e até a concepção de muitos de nossos escriptores, é francez. São francezas muitas das nossas leis e regulamentos. São francezas as nossas modas. Procuramos imitar a França no pensar, no sentir, no viver, nas artes, nas industrias, nas sciencias, em todos os novos progressos, que alli se iniciam.

Foi n'esse meio, para onde nos sentimos irresistivelmente attrahidos, foi ahi, no delicioso Montmorency, que viu a luz pela primeira vez, a 1 de Março de 1795 Felix Emilio Taunay, Barão de Taunay, nosso amado consocio.

Os dias do Terror tinham atirado seu pai Nicolau Antonio Taunay, pintor muito apreciado, para esse valle cheio de magia.

Nicolau Antonio comprára alli, para seu refugio, uma casa, que uma circumstancia particular celebrisára—a de ter sido habitada por João Jacques Rousseau.

Foi n'ella, que este famoso pensador escreveu a sua *Nova Heloisa* e provavelmente a celebrada *Carta a d'Alembert* sobre a instituição de espectaculos dramaticos em Genebra.

Referindo-se á alludida carta, que presumo ter sido escripta n'aquella casa por vel-a datada em Montmorency, e que prima pela riqueza de idéas sobre o theatro, adverte Dusaulx, que o proprio Rosseau a considerou o seu livro dilecto, e lhe chamava o seu Benjamin.

N'esse pequeno ambito pois, onde viu a luz o Benjamim de Rousseau, e onde ainda devia vaguear a sombra d'este magestoso vulto, ao qual succedêra o grande pintor Nicolau Antonio, cujos quadros, entre outras menções honrosas, mereceram posteriormente a que fez d'elles Guizot no seu estudo sobre o salão de 1810, n'esse mundo delicioso pela

natureza ambiente, pelas suas ligações com um nome afamado, e por servir de refugio a um laureado artista, teve o berço a criança, que devia herdar muito do ultimo pelo seu culto á pintura, e prender-se muito ao primeiro pelo seu culto ás letras.

Passado o Terror, Nicolau Antonio Taunay, «nome pertencente», para servir-me das proprias palavras de um escriptor contemporaneo— « a uma das mais antigas familias da aristocracia franceza, uma d'aquellas familias cujos membros tinham no regimen o direito invejado e caro de entrar nas carruagens régias, direito que só adquiria quem pudesse provar, que a sua nobreza remontava ao seculo XIII » Nicolau Antonio, que na ausencia, fôra incluido no numero dos fundadores do Instituto de França, regressou a Pariz, onde encontrou o mesmo favor publico de outr'ora, a que mais tarde, na época do imperio, deviam juntar-se muitas provas de apreço de Napoleão I. Mas não tardou muito o occaso do grande astro da guerra, e Nicolau Antonio, não podendo vêr, sem afflicção mortal, as desgraças da patria, resolveu poupar-se este cruel espectaculo, emigrando com a familia para paiz estrangeiro, o que foi facil realizar, porque justamente por esse tempo o marquez de Marialva, enviado de D. João VI em Pariz, tratava de attrahir ao Rio de Janeiro, por ordem do Conde da Barca, varios artistas de nota, afim de fundarem uma academia de bellas artes. Foi assim, que viemos a ter no nosso seio os cinco irmãos Taunay, a saber, Felix Emilio, Carlos Augusto, Adriano, Hippolyto e Theodoro Maria, os quaes acompanharam seu pai Nicolau Antonio, que, apenas chegado ao Rio, foi nomeado professor de pintura historica da mencionada academia.

Mas não tivemos por muito tempo na patria esse pintor de fama da escola franceza, que por intervenção e amizade

do Marquez d'Angevillier, e por conta do estado se aperfeiçoára em Roma, na qualidade de pensionista da Escola das bellas artes de França, e voltando a Pariz depois de tres annos, expuzera nos salões de 1786, 1787, 1789, 1791 e 1793 numerosos quadros, que foram muito apreciados.

Ou porque uma nostalgia poderosa, uma saudade invencivel o estivesse arrastando incessantemente para o seu berço amado; ou porque, como parece mais provavel, segundo informam contemporaneos fidedignos, a inconveniente direcção dada á academia, cuja fôra um dos fundadores, lhe despertasse grande descontentamento, Nicolau Antonio, que chegára ao Brazil em 1816, tornou em 1819 á França, onde ainda expôz novos quadros nos salões de 1819, 1822, 1824 e 1827, e onde falleceu a 20 de Março de 1830, na idade de 75 annos.

Entretanto, senhores, o nosso consocio Felix Emilio, que não acompanhára Nicolau Antonio no seu regresso, e cá ficara com os irmãos, nomeado professor de pintura e paisagem da Academia das bellas artes, sustentava gentilmente, na altura tradicional, quer como pintor muito notavel, quer como homem de letras, o nome da familia, nome oriundo de duas « localidades da Saintonge, que para se distinguir tomaram os sobre-nomes do Boutonne e Charente, e são hoje cidades do departamento de Charente Inferieure — Taunay Boutonne e Taunay Charente » os quaes faziam parte do dominio senhorial da familia, que tem esse nome, familia, que, « documentos autenticos provam, já brilhava em 1047 na historia franceza », bem assim, « que um dos seus antepassados fôra em 1214 um dos gloriosos companheiros de Philippe Augusto na batalha de Bouvinnes, e que outro assignou as tregoas entre o monarcha inglez João-Sem-Terra e o Conde de la Marche. »

As altas qualidades de Felix Emilio no exercicio da cadeira tornaram-no tão digno aos olhos dos companheiros, que em sessão d'aquella academia de 12 de Dezembro de 1834 o elegeram director, escolha confirmada por decreto de 9 de Fevereiro de 1835.

Inteiramente dedicado áquelle centro de placidos estudos, tratou de dar-lhe o maior lustre, e instituiu as exposições de pintura, que se celebram annualmente.

Não se limitou sómente á administração do estabelecimento, á classificação dos quadros, á sua distribuição por escolas, pelas salas do edificio. Pintou quadros de merito incontestavel, entre outros o que se intitula *Morte de Turenne*, symbolo talvez de reminiscencias da patria; a *Derrubada das matas*, a *Mãi d'agua*, o *Descobrimento das Caldas*, o *Caçador e a onça*, encantadoras telas de uma feição meridional e melancolica, onde está impressa, com suavidade e natural combinação de tintas e de intuitos, a inspiração de um grande artista. Antes de dotar a academia com estes preciosos productos do seu talento, tinha pintado um retrato de Sua Magestade o Imperador na infancia. Por esse tempo tirára vistas dos pontos mais curiosos e bellos do Rio de Janeiro, por incumbencia da imperatriz D. Leopoldina, vistas que mereceram especial apreço em Vienna e Pariz, onde foram lithographadas e popularisaram as nossas grandezas naturaes.

Si esses quadros lhe deram lugar conspicuo entre os pintores, a traducção em versos francezes dos bellos *Idyllios brazileiros*, escriptos em latim pelo seu irmão Theodoro, e a *Astronomie de jeune âge*, cuja 2ª. edição de Pariz foi annotada pelo sabio Sr. Liais, deram-lhe tambem lugar entre os homens de letras.

A 1 de Janeiro de 1835 foi nomeado professor de francez de Sua Magestade o Imperador e suas augustas

irmans. De Sua Magestade não foi sómente mestre zeloso, que lhe auxiliou efficazmente a educação literaria e artistica, foi tambem amigo dedicado porto de 40 annos.

Cabe aqui assignalar uma circumstancia, que dá prova de ter Felix Emilio coração muito bemfazejo, de que seu irmão Theodoro foi a mais completa e viva expressão. Felix Emilio offereceu-se por aquella occasião para leccionar tambem desenho e paisagem aos augustos alumnos, coma condição de ser conservado o respectivo ordenado ao professor d'estas materias, Simplicio Rodrigues de Sá, alquebrado pelos annos e molestias, conforme consta do titulo de nomeação.

Em 1851, sentindo quanto lhe era necessario o descanso, obtida aposentadoria, Felix Emilio, já então Barão de Taunay, commendador da ordem da Rosa, cavalleiro da Legião de Honra e da ordem de Christo e socio effectivo d'este Instituto desde a sua fundação, recolheu-se á vida privada.

D'ahi em diante dedicou-se inteiramente á educação dos tres filhos, que tivera do seu consocio com D. Gabriella d'Escragnolle Taunay, filha do Conde d'Escragnolle. São os Drs. Alfredo d'Escragnolle Taunay, Luiz Goffredo d'Escragnolle e D. Adelaide d'Escragnolle Doria. Si me é permittido fazer por esta occasião uma referencia particular, tenho satisfação em dizer, que o primeiro d'esses filhos do nosso consocio, o Dr. Alfredo Taunay, tambem socio d'este Instituto, confirma os creditos do seu progenitor, visto que é um dos escriptores contemporaneos do sul do Imperio, que nas suas obras literarias mais se mostram inspirados nas scenas da nossa natureza, e mais fielmente retratam os originaes costumes do interior das nossas provincias austraes.

Notava-se no Barão de Taunay, senhores, o conjuncto de

tres individualidades: o pintor, o homem de letras e o patriota, as duas ultimas subordinadas á primeira, que verdadeiramente o caracterisava mais que nenhuma outra. A ultima de todas parecerá talvez a muitos estranha; mas o estudo da vida do nosso consocio prova, que não ha invenção n'este terceiro aspecto d'essa existencia, que nos deve ser muito cara.

Imaginai uma alma creada para as maiores delicadezas da vida, as delicadezas das côres, dos sons, das fórmas, dos accidentes da natureza; imaginai um coração afinado pelos dos mais amenos pintores, pelos dos mais ternos musicos; imaginai por ultimo um poeta entre o pintor e o musico, participando do enthusiasmo e da inspiração de ambos, e tereis a alma e o coração do nosso consocio; tereis a sua individualidade, como artista. Si elle não realiza quadros verdadeiramente immortaes, si as suas obras, quer nas letras, quer na sua arte, não rivalizam com as dos genios, que não hão de morrer nunca, elle sentia a intuição elevada, que os illumina, elle tinha estas obras no seu espirito singularmente idolatra do bello na natureza. As ultimas palavras, que articulou no dia do seu fallecimento — 10 de Abril deste anno—foram estas: «Adeus, bella natureza do Brazil.» E como trazia um gorrosinho á cabeça, tacteando-o, para tiral-o, nas trevas da cegueira, que, ha tres annos, o tolhia de deliciar-se nas bellas paisagens da Cascatinha, a que devia os melhores momentos de sua alma altamente idealista, murmurou: *Voici la mort, il faut se découvrir.* Cortezia, que revela mais o poeta que o crente, não obstante ser o Barão de Taunay profundamente christão.

Versava os classicos gregos e latinos com affeição particular. No bolso trazia sempre ora um Homerozinho (edição estereotypada) ora Theocrito, de que nos deixa uma traducção inedita, ora Anacreonte, que tambem

traduziu. De todos os autores antigos porém, o que lhe era sobre todos familiar, era Plutarco. Além d'aquellas traducções, deixa inedito um poema em 24 cantos a *Batalha de Poitiers*, e uma traducção das odes de Pindaro. Deixou tambem composto o seu epitaphio, no qual se retrata com sobriedade modesta, que commove:

« Philologue, a demi-poète,
Spectateur eternel du beau,
Je perdis mon temps a sa quête...
Un doux regard sur mon tombeau.

O patriota claramente se desenha em dous factos, que resumirei em duas linhas.

Nunca se quiz nacionalizar cidadão brazileiro. A França havia de ser sempre a sua patria, embora tivesse pelo Brazil, terra dos seus filhos, a maior predilecção, como provam os grandes serviços, que lhe prestou por mais de meio seculo.

Tratando-se dos filhos porém já não era o Francez: era o Brazileiro. No espirito d'elles sempre incutiu, desde os primeiros annos, o mais apurado amor da patria. Todas as tardes dava-lhes a lêr os *Luziadas*, posto que não se mostrasse admirador de Camões, e dizia aos filhos: «Este livro é o codigo do patriotismo.»

Concentremos as nossas reflexões.

A critica, senhores, tem uma grande responsabilidade. Ainda quando faz elogio, é obrigada a estabelecer distincções. Dar todo o valor aos factos é uma lei da consciencia, e é n'este solo—a consciencia—que tem a critica as mais fortes raizes.

Merecem, que lhes votemos louros todos os consocios, a cuja memoria é consagrado o presente elogio, na fórma

tosco, mas em essencia expressão fiel da lealdade compativel com a veneração, que tributo a esta nobre associação, e com o respeito, que a mim proprio devo.

Na qualidade de vosso orgão, proponho, que sejam reconhecidos como dignos do Instituto, porque antes o foram da patria, os varões illustres, que, dentro do anno proximo a encerrar-se, a mão da morte afastou do nosso seio para o das campas, como a do mestre de scena, nas representações theatraes, aparta das vistas do publico para a sombra dos bastidores as figuras, que já não têm papel.

Uma interrogação porém, interrogação inevitavel, deve pairar no intimo dos espiritos, que não acompanharam de perto essas nobres vidas nas suas relações directas com a sociedade, onde se manifestaram.

Essa interrogação é simples: Qual foi a influencia d'esses homens no Brazil?

Responderei em poucas palavras.

Si não todos, tres ao menos dos illustres consocios, pelas suas idéas e pelo seu trabalho, influiram visivelmente no nosso meio social.

Candido Mendes deu impulso aos estudos historicos e geographicos. Escreveu obras, fundou associações. Teve imitadores, que serão seus continuadores.

É certo, que os seus trabalhos historicos não foram realizados de harmonia com os processos, que modernamente se applicam ao estudo da historia. Thierry, Guizot, e até Macauley, ainda quando n'estes se tivesse inspirado o nosso consocio, já não são os modêlos, que deve preferir o historiador actual. Outros são os processos, outra é a critica historica dos nossos dias.

Candido Mendes porém desceu ás entranhas da chronica, mergulhou n'essa escura profundidade, e d'ahi trouxe

riquezas, que uma critica mais scientifica do que chronologica illuminará.

Perdigão Malheiro teve magna parte espiritual na revolução economica e social, que a lei de 28 de Setembro de 1871 symbolisa.

O seu livro avivou a caridade nos corações, e espargiu penetrante luz nas consciencias mais obcecadas. Advertiu as multidões, e estimulou o governo.

Onde aquelle livro pôde chegar, fez uma acquisição para a causa da liberdade. Elle está impregnado de vivo interesse pelos milhares de vidas, que de todo se meterializam e embrutecem em um triste e mesquinho vegetar.

A dedicatoria ao Brazil é um hymno pouco sonoro, mas repassado da fria convicção do jurista e do philosopho, convicção communicativa, que prendeu a maioria da nação brazileira em um só pensamento—o de dar golpe mortal na escravidão. Si esta ainda collêa como vasta serpe por entre as alegres folhagens do sul do Imperio, bastará uma vontade prudente e tenaz para acabar com o monstro por uma vez; e, si o sul não caminhar quanto antes para esta solução, o sul ficará sendo dentro de pouco tempo o unico ponto do globo, onde a escravidão negrêje, porque, senhores, o norte não perde occasião de expungir-se da peste negra, promovendo contra ella a mais poderosa das revoluções — a revolução do sentimento, que tão bons fructos vai produzindo nas nossas provincias septentrionaes.

Finalmente, senhores, o Barão de Taunay exerceu influencia real e decisiva nas bellas artes no Brazil.

Certamente desconhecia a ultima palavra da moderna esthetica, tão brilhantemente prégada por Taine, Veron e outros. Desde 1851 recolhera-se á vida privada, e não tinha assidua participação, pela assimilação de idéas, nos

desenvolvimentos, que dentro dos ultimos 30 annos collocaram a esthetica no ponto culminante, d'onde actualmente irradia a sua nova luz.

Mas o Barão de Taunay, além dos importantes serviços prestados na qualidade de artista, prestou outros não menos importantes como administrador, que sabia o que administrava.

Á frente da Academia das bellas artes ainda não esteve quem, como elle, mostrasse zelo e interesse pela prosporidade de tão digno estabelecimento.

Emquanto o teve por director, a academia deu alumnos do porte de Victor Meirelles e outros, que se pódem considerar filhos de sua concepção artistica, da sua delicada intuição, cujos ultimos reflexos, como os do sol já posto, ainda desenham no horizonte d'aquella academia uma claridade melancolica.

Eis-nos chegados, senhores, ao termo da nossa prolixa jornada.

Peço-vos desculpa de não vos ter sido agradavel a minha companhia.

FIM DO TOMO XLIV, PARTE SEGUNDA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XLIV

PARTE SEGUNDA

TERCEIRO E QUARTO TRIMESTRE

PAGS.

A BAHIA DO RIO DE JANEIRO, sua historia e descripção de suas riquezas..... 5
Capitulo I. — A bahia do Rio de Janeiro..... 5
Capitnlo II. — Sua historia..... 17
Capitulo III. — Suas singularidades..... 58
Capitulo IV. — Descripção geral..... 71
Capitulo V. — Rios que n'ella desaguam..... 88
Capitulo VI. — Suas ilhas..... 99
Capitulo VII.—Descripção circumstanciada do contorno. 122
O VISCONDE DO RIO-BRANCO..... 157
O DUQUE DE CAXIAS..... 163
NOTICIA SOBRE A MAIORIDADE..... 167
Capitulo I.—O que foi a maioridade; periodos por que passou a idéa..... 167
Capitulo II.—Apparecimento da idéa da maioridade; club maiorista; seus trabalhos; apresentação do projecto no Senado..... 168
Capitulo III.—Aceitação da idéa da maioridade ante a opinião publica; os amigos do Regente buscam contraminal-a; projecto de reforma constitucional na camara temporaria; regeição do projecto da maioridade no Senado; votação da resposta á falla do throno..... 180
Capitulo IV.—Reunião dos deputados e senadores maioristas; novo plano de realização da maioridade; movimento na camara temporaria; progresso da idéa; projectos de maioridade, e indicação de Limpo de Abreu; parecer da commissão especial; adiamento do corpo legislativo..... 184

PAGS.

Capitulo V.—Reunião extraordinaria no paço do Senado; estado da força publica; representação ao Imperador; o *quero já;* convocação das camaras legislativas; declaração da maioridade por acclamação; juramento do Imperador..... 190
Capitulo VI.—Reflexões sobre o acto da maioridade..... 200
Appendice á noticia sobre a maioridade: parte documental..... 211
A BAHIA DO RIO DE JANEIRO, sua historia e descripção de suas riquezas (*continuação*)..... 269
Capitulo VIII. — Homenagem prestada por escriptores estrangeiros..... 269
Capitulo IX. — Homenagem prestada por escriptores nacionaes..... 310
Escriptores nacionaes citados..... 337
Escriptores estrangeiros..... 338
ACTAS das sessões em 1881..... 341
ACTA da sessão da assembléa de eleição da mesa administrativa e das commissões para 1882 em 24 de Dezembro de 1881..... 427
SESSÃO MAGNA anniversaria do Instituto Historico e Geographico do Brasil em 15 de Dezembro de 1881... 432
Discurso do Sr. presidente Visconde do Bom-Retiro..... 432
Relatorio do 1° secretario Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo..... 437
Discurso do orador interino Dr. Franklin Tavora..... 449

Rio de Janeiro.—Typ. Univ. de H. Laemmert & C., Invalidos, 71.

Stanford University Libraries
3 6105 013 855 130

CECIL H. GREEN LIBRARY
STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(650) 723-1493
grncirc@sulmail.stanford.edu
All books are subject to recall.

DATE DUE

NOV 2 6 2000
DEC 7 2000